

O MISTÉRIO DE SIRIUS

Robert Temple

1998, Robert Temple

Madras, 2005.

Tradução: Silvia Maria Spada



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

À minha esposa Olivia

Não existe mistério maior que o prodígio de cada dia e a maravilha de estarmos juntos, aliados à tentativa de compreender a magnificência da mulher.

Robert Temple é professor de História e Filosofia da Ciência na Universidade de Louisville, em Kentucky; membro do College of Optometrists de Londres e graduado em Estudos Orientais em sânscrito e também na Royal Astronomical Society.

Ele é autor de dez livros, já traduzidos para 43 idiomas. Uma de suas obras de grande destaque e importância, *The Genius of China* (título original; *China: Land of Discovery and invention*), teve sua edição chinesa traduzida por uma equipe de mais de 30 especialistas. Outro trabalho de Temple que mereceu destaque foi a sua tradução, em versos, do *Epic of Gilgamesh, He Who Saw Everything*, publicado em 1991 e apresentado dois anos mais tarde no Royal National Theatre.

Agradecimentos

Meus agradecimentos especiais a Mark Booth, da Century de Londres, por esta nova edição. Seu excelente trabalho de preparação para a publicação bem como sua visão sobre esses temas são muito inspiradores. Não sei dizer o que é mais agradável — sua companhia ou sua conversa. Se é que é possível separar ambas.

Meu agente literário, Bill Hamilton, da A. M. Heath, é bem-humorado, entusiasmado, capaz, prestativo, animador... será que ele tem alguma falha? Provavelmente não.

Foi grande a participação de minha esposa Olivia em cada estágio da preparação da nova edição e seu conselho sempre foi a palavra final na seqüência de uma frase.

Quero agradecer à senhorita Jenny Zhu pela maravilhosa assistência oferecida na British Library, reunindo material adicional. Roderick Brown, com o olhar voltado ao detalhe e um agudo

discernimento, foi um esplêndido organizador da nova edição, dando várias sugestões excelentes para o aperfeiçoamento da obra. Os leitores podem agradecê-lo pela capacidade de ver diferenças e semelhanças.

Liz Rowlinson, da Century, fez um excelente trabalho de edição e organizou uma grande quantidade de material para este livro.

Os funcionários da British Library, que por tanto tempo sofreram, não só com as verdadeiras montanhas de volumes, mas também com as imensas dificuldades em localizar as obras durante a mudança da biblioteca para um novo edifício, merecem minha gratidão por seu auxílio e paciência.

Agradeço a todas as pessoas que escreveram a mim, ao longo dos anos, enviando-me informações interessantes que, lamentavelmente, não pude examinar melhor. Mas tudo foi apreciado e espero ainda fazer uso dessas informações, uma vez que este é um tema em contínua evolução.

Gostaria também de agradecer a Robert Bauval por me apresentar a Bill Hamilton e, juntamente com Jay Weidner, ter me persuadido a renovar meu interesse pelo tema que permanecia em animação suspensa há muitos anos.

Minha gratidão também à tribo dogon, em nome de todos nós, por ter possibilitado a realização desta pesquisa em primeira mão.



Nota do Autor

Na Parte Dois, após cada capítulo, é apresentado um resumo. Tendo em vista o considerável volume total de dados

apresentados, é recomendável a leitura desses resumos, cujo objetivo é facilitar a compreensão, uma vez que foram preparados exatamente para uma recapitulação, caso o leitor desejar. O autor não poderá desculpar-se em relação à complexidade do material, mas oferece essa pequena ajuda à compreensão do leitor.

Todo esforço foi envidado para traçar a propriedade do material ilustrativo reproduzido neste livro. Em caso de erro ou omissão em seu reconhecimento, o autor apresenta suas desculpas ao leitor, e tudo fará em benefício de sua correção em edições futuras.

Índice

Agradecimentos 7

Nota do Autor9

Capítulo Um

O Mistério de Sírius Hoje 15

Qual é o Mistério?55

PARTE UM

A Questão de Sírius é Proposta

Capítulo Dois

O Conhecimento dos Dogons 69

PARTE DOIS

A Questão de Sírius é Reformulada

Capítulo Três

Um Conto de Fadas 101

Capítulo Quatro

Os Cinqüenta Sagrados 135

Capítulo Cinco

As Matilhas do Inferno 161

Capítulo Seis

Os Centros Oraculares 191

Capítulo Sete

As Origens dos Dogons 253

Capítulo Oito

O Nascimento do "Dente da Serpente" 281

PARTE TRÊS

Além do Mistério

Capítulo Nove

Uma Fábula..... 317

APÊNDICES

I Um Sistema de Sírius Sudanês, M. Griaule e G. Dieterlen 381

II As Luas dos Planetas, os Planetas ao Redor de Estrelas e as Revoluções e Rotações dos Corpos no Espaço — Descritos pelo Filósofo Neoplatônico Proclo 401

III Os Fragmentos Sobreviventes de Berosso 431

IV Por Que Sessenta Anos?443

V O Significado do £ em Delfos455

VI Por Que os Hititas Estiveram em Hebron, na Palestina 459

VII Os Estágios de Iniciação dos Dogons 465

VIII Uma Nota sobre a Franco-Maçonaria 469

Notas das Pranchas..... 479

Índice Remissivo 485

Bibliografia..... 505

Capítulo Um

O Mistério de Sírius Hoje

Como as tradições antigas e secretas de uma tribo africana poderiam conter informações de astrofísica, de alta precisão, sobre estrelas invisíveis no sistema da estrela Sírius? Algumas dessas informações só foram descobertas recentemente pelos cientistas modernos, meio século depois de terem sido registradas por antropólogos que estudavam essa tribo.

A situação referente a O Mistério de Sírius mudou completamente desde a publicação da primeira edição do livro, em 1976. Na época, a tradição da tribo dogon insistia em afirmar a existência de uma terceira estrela no sistema de Sírius, que os astrônomos modernos não podiam confirmar. Alguns críticos diziam que isso comprovava a falsidade da hipótese apresentada no livro. Pois se, em um passado distante, a Terra foi visitada por seres inteligentes do sistema da estrela Sírius, e estes deixaram à sua passagem informações precisas sobre o seu sistema estelar, como, por exemplo, a descrição da existência de uma terceira estrela, Sírius C, com a não-confirmação desse fato pela moderna astronomia, era suficiente para lançar a hipótese no descrédito. Não obstante, finalmente, a existência de Sírius C foi comprovada.

A base da ciência é a formulação de uma hipótese contendo uma previsão que se busca então verificar ou refutar. Se confirmada a previsão, a hipótese é considerada para verificação. Na atualidade, a hipótese de O Mistério de Sírius tem sido verificada de maneira dramática. Em 1976, e nos anos subseqüentes, fiz a previsão, em inúmeras ocasiões, de que a existência de uma pequena estrela anã vermelha seria constatada no sistema de Sírius, e ela seria chamada de Sírius C (já existiam as estrelas A e B), segundo o sistema de denominações da astronomia. Isso acaba de acontecer. Em 1995, os astrônomos franceses Daniel Benest e J. L. Duvent publicaram os resultados de anos de estudo no jornal *Astronomy and Astrophysics* sobre a pequena estrela anã

vermelha, Sírius C, existente no sistema da estrela Sírius. Eles detectaram uma perturbação que era inexplicada por quaisquer outros meios.

Essa constatação foi uma previsão astrofísica muito específica, agora confirmada. Não é o mesmo que prever, por exemplo, que um cometa se aproximaria da Terra durante o ano de 1997. Existem muitos cometas e um deles pode, a qualquer momento, aproximar-se da Terra. Mas quando se prevê a descoberta de uma estrela, em um sistema estelar específico, e que será um tipo de estrela bem especial, é gratificante que isso realmente aconteça vinte anos depois.

Qual é então a hipótese que, de maneira tão surpreendente, confirmou-se nas melhores tradições da ciência?

É a de que o nosso planeta, em algum momento no passado, foi visitado por seres inteligentes do sistema da estrela Sírius. Essa sugestão não é mais considerada tão espantosa como em 1976. Afinal, O Mistério de Sírius gerou enorme discussão em todo o mundo, e o mesmo tem acontecido continuamente desde a sua publicação. Muitos anos se passaram e a opinião pública sofreu grande mudança. Esta obra criou um gênero de livros e muitas obras até existem com os nomes de Sírius ou Orion em seus títulos. Na década de 1970, os "adeptos da Nova Era" adotaram, pela primeira vez, as opiniões de O Mistério de Sírius, e uma das muitas obras que discutem questões amplas adotou a minha expressão "gatilho cósmico" como título. (Ver Robert Anton Wilson, na Bibliografia.) Fiquei surpreso ao saber há pouco tempo que muitos sites na internet discutem O Mistério de Sírius, e que existe até uma espécie de Indústria de Sírius, em algum lugar lá fora, no espaço cibernético. Recentemente, um amigo perguntou-me: "Você nunca usou um aparelho de pesquisa para observar "Sírius", os "dogons", etc?" Devo admitir que não. Uso a internet, mas não tenho tempo para consultar sites que discutem o meu próprio trabalho — deixo isso aos outros —, mas estou feliz em saber que há grande interesse e só espero que obtenham informações corretas.

Muitos de meus apelos, feitos em 1976, foram atendidos: um

jovem que leu o apêndice sobre Proclo decidiu fazer o seu PhD sobre esse sábio, e acaba de publicar um extenso livro sobre o tema (ver o post-scriptum ao meu Apêndice II). Outro, leu o meu livro em 1977, durante uma viagem pelo Egito, e decidiu realizar suas próprias pesquisas sobre o tema: seu nome é Robert Bauval e seus artigos, bem como seu livro. *The Orion Mystery* (O Mistério de Orion), exploraram algumas fascinantes possibilidades sobre o culto de Sírius nas pirâmides egípcias. Ele entrou em contato comigo várias vezes e, ao nos encontrarmos, finalmente incentivou-me muito a revisar e reeditar este livro. Como podem ver, aceitei a sugestão.

Toda uma geração transcorreu desde a publicação original de *O Mistério de Sírius*, e poucos se lembrarão da espantosa agitação gerada pelo seu lançamento. Nunca havia sido publicado um livro como este. Mas, na época, eu precisava desculpar-me, constantemente, por falar sobre homenzinhos verdes, e alguns amigos íntimos chegaram até a me deixar de lado e nunca mais falaram comigo, pois os extraterrestres não eram considerados socialmente aceitáveis assim como qualquer discussão sobre o assunto. Por exemplo, uma senhora idosa, com a qual eu tinha uma amizade que se podia considerar íntima, virou-me completamente as costas depois da publicação de *O Mistério de Sírius*; amigos em comum disseram-me que foi por eu ter publicado algo que ela julgava muito assustador, como era o caso dos homens do espaço. Muitos estudiosos britânicos, meus conhecidos, costumavam ridicularizar o fato de eu discutir o inculto tema de homens espaciais e, evidentemente, não me consideravam uma pessoa respeitável.

Mas a recepção crítica de *O Mistério de Sírius* pela imprensa britânica, em seu primeiro ano, provocou um êxtase universal. No dia de sua publicação, o livro foi alvo de críticas favoráveis do *The Times* e do *Telegraph*, a que se seguiu um número quase interminável de outras críticas na maioria dos jornais e revistas da Inglaterra — todas positivas. Ninguém mais surpreso que o meu editor, o qual, por três anos, havia adiado a liberação do manuscrito antes da publicação (o adiantamento recebido, a título

de informação, foi £500, e durante três ou quatro anos, após a liberação, não recebi os direitos autorais em razão de atrasos na publicação). Mas, então, o livro se tornou um best-seller mundial, até em lugares tão inesperados quanto a Iugoslávia. A Alemanha foi o país onde foi mais apreciado, lá permanecendo por mais de seis meses na lista de best-sellers. Logo após sua publicação, um professor de astronomia da revista Nature fez críticas favoráveis à obra. Mais tarde, foi a vez de a revista Time publicar as suas. O livro foi tema de reportagem do programa Horizon da BBC Television (e também no programa Nova do PBS nos Estados Unidos). A comunidade astronômica britânica, que não é arrogante, permaneceu relativamente impassível em relação à obra. Isso não só por eu ser conhecido de muitos astrônomos de renome, mas também porque "havia feito a coisa certa", divulgando em primeira mão, no The Observatory, uma publicação da Royal Greenwich Observatory, uma matéria sobre o tema. Com isso, ganhei o apoio pessoal e o respaldo do professor William McCrea, presidente da Royal Astronomical Society, ganhador da Medalha de Ouro, e uma das pessoas mais agradáveis da Inglaterra, digno do respeito universal e da afeição de seus colegas; assim fui aceito, ainda que minha participação tenha sido secundária e um tanto anormal, dando ensejo a piadas bem-humoradas no The Observatory, em outubro. Vibrei quando jornais da Alemanha publicaram alguns cartuns sobre O Mistério de Sírius, e isso também me agradou muito. O cartunista de um jornal americano fez uma sátira sobre O Mistério de Sírius e, sob a mesma inspiração, Faith Hubley, uma cineasta de animação e ganhadora de Oscars, fez alguns filmes animados (mas que pena, geralmente sem renda nenhuma, só por inspiração!). Lembro-me de tê-la visto em Nova York, na ocasião em que ganhou três Oscars de uma só vez — quantas pessoas já tiveram a oportunidade de assistir, em suas salas de estar, à entrega de três Oscars? Por certo, encontrei muitos tipos humanos interessantes por intermédio de O Mistério de Sírius. Outros, porém, eu evitei. Por exemplo, o falecido Timothy Leary esteve muito interessado em ser meu sócio em uma espécie de esquema, na Califórnia,

sobre o tema de Sírius, quando saísse da prisão, mas só a idéia me era tão repugnante que até hoje sinto calafrios. Não há nada que eu odeie mais que as drogas e a cultura da droga.

O Mistério de Sírius teve, sob todos os aspectos, muitas conseqüências estranhas e inesperadas no mundo das artes! O compositor alemão Karlheinz Stockhausen se inspirou nele para compor um poema intitulado Sírius, e anunciou ao mundo que havia visitado Sírius, onde teria aprendido técnicas de composição musical. A música do sistema de Sírius era diferente — e afirmou que era como a sua própria música! A romancista Doris Lessing, segundo informou um amigo em comum, originalmente, também se inspirou em O Mistério de Sírius para escrever sua série de cinco romances de ficção científica, o primeiro intitulado Shikasta, O Diário de um Alienígena em Missão na Terra. Em sua introdução ao romance, escrito em 1978, ela menciona a tribo dogon e o Épico de Gilgamesh. Outro volume da série foi The Sirian Experiments (Os Experimentos de Sírius), e até fiz algo inusitado, isto é, solicitei a uma revista londrina da época a oportunidade de revisá-lo, na tentativa de reagir contra a revisão que descartava o romance Shikasta, publicado anteriormente por Tim Heald, um velho conhecido, e que fechara as portas para Doris Lessing por escrever ficção científica. (Mais tarde, ela me escreveu, agradecendo-me por "ter sido um bom amigo".) Achei sua experiência no gênero extremamente interessante. Ela foi muito influenciada por Idries Shah do movimento sufista, chegando a desenvolver muitas noções filosóficas profundas, devendo-se creditar também a ela a percepção da importância da relação da Terra com outros mundos. O fato de uma romancista desse nível estar preparada para escrever cinco romances sérios sobre inteligência extraterrestre é importante, mas infelizmente muitos literatos, sentindo-se ofendidos, foram até desdenhosos.

Minhas próprias experiências, em conseqüência da publicação de O Mistério de Sírius, foram, sob muitos aspectos, lamentáveis. Foi muito agradável que muitas pessoas me escrevessem com idéias e sugestões interessantes — mas foram tantas que seria inviável sua total consideração. Espero, um dia, ter algum tempo para ler

até o fim todas as cartas e fazer um estudo adequado de algumas idéias de seus conteúdos. Desisti de responder a essas pessoas por ser realmente um número muito grande de cartas. E, claro, há ainda o estranho fenômeno da "correspondência maluca" — porém, nunca se sabe se é bom ou não conservá-la. Um homem obcecado pelo Triângulo das Bermudas declarou ter velejado intensamente pela área, fazendo estranhas descobertas, e escreveu-me contando que queriam matá-lo. Achei que estivesse perdido em suas fantasias paranóicas. Mais tarde, porém, ele foi realmente assassinado e seu corpo desmembrado foi parar na praia, em Canvey Island, em Essex. Tive a oportunidade de apresentar essas cartas às autoridades, como parte da investigação criminal, ainda que a princípio a polícia tivesse tentado me afastar, só aceitando a prova depois que o Daily Telegraph ameaçou publicar a história de sua negligência em um homicídio. Uma garota americana, milionária e um pouco perturbada, seguia-me ao redor do mundo, pedindo-me que apadrinhasse "seu filho das estrelas". Foi um terrível incômodo que continuou até que sua família interferiu, deixou-a totalmente sem dinheiro, impossibilitando-a de adquirir suas passagens aéreas e, assim, ela me deixou em paz. Pensei muitas vezes nas 25 mil libras em dinheiro vivo que ela disse ter enterrado ao lado da pista de decolagem do Aeroporto de Birmingham, como "garantia contra a inflação". A essas alturas, esse dinheiro não apenas deve ter se desvalorizado, mas também deve estar saturado de umidade. Ela também era obcecada por outras pessoas, entre as quais os Moody Blues, um grupo pop que deve ter se entediado muito ouvindo suas tolas conversas a meu respeito, da mesma forma que ouvi seus delírios a respeito deles.

Porém, o lado triste das conseqüências de O Mistério de Sírius foi a extrema e virulenta hostilidade que sofri de certas agências de segurança, mais notavelmente as americanas. Por ser de origem americana, considerei o fato insultuoso e desagradável. Em várias ocasiões, fui alvo de ataques tão extremos que os julguei como inomináveis histerias. Por certo, informações falsas passaram a constar de meus arquivos de segurança maculando a minha

reputação. Fui banido até de algumas organizações aparentemente inofensivas, o que até agora não consegui entender. Só para dar um exemplo, eu era co-editor de uma revista, em uma ocasião, quando decidi me associar à Foreign Press Association, a FPA, em Londres para ter direito a almoço e obter uma carteirinha de imprensa. Disseram-me que eu precisava da recomendação de dois membros da FPA e até me deram os nomes de dois jornalistas que ficariam muito felizes em fazer isso por mim. Pedi, então, esse favor a Bonnie Ângelo da Time-Life, e ela me atendeu com prazer. (Mais tarde, passei a escrever para sua agência de Londres, durante vários anos, além de fazer relatórios científicos para a revista Discover.) Em seguida, procurei o segundo membro indicado, que foi igualmente amigável e aceitou assinar o meu formulário. Em especial, esse homem, que não quero identificar, tinha lá suas conexões em Washington, e o leitor saberá o que quero dizer. Algumas horas depois, Catherine Postlethwaite, a secretária do FPA, disse-me que havia recebido um telefonema um tanto histérico de um homem que insistia em dar um voto contrário para impedir a minha associação ao FPA. Ela ficou completamente atônita, pois se ele acabara de assinar o formulário, por que tentava agora dar um voto contrário, e assim indagou-lhe qual a razão. Ele se recusou a dar explicações, mas foi irredutível em sua insistência. A secretária e o Conselho chegaram à conclusão de que o homem, por alguma razão, agira de modo irracional, e portanto seu voto contrário foi desconsiderado. No entanto, reconheci nessa atitude um padrão de comportamento que, várias vezes, promoveu ataques contra mim. Um exemplo é uma associação que iniciei, certa ocasião, com um conhecido que produzira comigo várias séries de vídeos, eu como escritor e ele como co-produtor, e que poderia ter se tornado lucrativa. Sua empresa providenciava o financiamento e as instalações e até chegamos a produzir um vídeo, mas, de repente, tudo parou misteriosamente. Depois de algum tempo, ele me disse: "Gostaria realmente de realizar esses projetos com você, mas não posso. Apesar de não poder dizer-lhe o porquê, acho que lhe devo uma explicação. O fato é que nas últimas três semanas

tenho recebido telefonemas, quase diários, da CIA da América, e isso tem me incomodado muito, pois dizem que não devo trabalhar com você e, por mais que o aprecie, minha vida de nada valerá se eu continuar recebendo esse tipo de pressão contínua, sendo interrompido diariamente em meu trabalho por histéricos funcionários públicos americanos. Essa é a única razão para eu desfazer a nossa associação no projeto". Agradei-o por ter sido tão honesto comigo.

Várias outras pessoas agiram da mesma maneira. De fato, um velho amigo, muito afável, o brigadeiro aposentado Shelford Bidwell, disse-me que lhe haviam pedido para ler O Mistério de Sírius, e depois escrever um relatório completo para os serviços de segurança britânicos. Ele o considerou um livro difícil, pois não era o tipo de tema que apreciava! Não tinha a intenção de me contar, mas o assunto acabou sendo ventilado, enquanto conversávamos durante um chá, quando, para ser agradável, disse que O Mistério de Sírius era interessante. Expressei-lhe minha surpresa com essa leitura tão diferente de seus temas de interesse, e ele então me disse que havia lido cada palavra minuciosamente, como se isso explicasse tudo. Quando repliquei, dizendo que era realmente inacreditável, ele teve que explicar por que o fizera. Ele ficou muito encabulado e envergonhado por isso, e então poupei-o de um questionamento para não fazê-lo passar o restante de sua vida com uma violação de segurança na consciência. Outro velho amigo, que conheci quando ainda era policial de patrulha, e na época em que o encontrei era um famoso comissário da polícia britânica, disse-me que havia sido procurado pela MI5 para fazer um relatório a meu respeito. Foi um pouco perturbador para ele a existência dessa suspeita, uma vez que não podia explicar o motivo, pois também não lhe haviam dado explicações. Ele tentou informá-los que não havia nada de suspeito em mim, pois me conhecia muito bem, e chegou a escrever tudo o que pôde encontrar a meu respeito, procurando demonstrar que eu era inofensivo. Mas, aparentemente, não era bem isso que queriam ouvir e, obviamente, ficaram insatisfeitos, o que perturbou ainda mais o comissário.

Essa perseguição continuou por mais de quinze anos. Custou-me dinheiro, oportunidades de carreira e progresso, além de amigos. Pensei muitas vezes a respeito, especialmente em seus aspectos mais delirantes. Por que tantas pessoas em altos postos espumavam de raiva de uma forma tão incontrolável? O que eu lhes havia feito? Nunca pude saber.

Em minha opinião, com base no instinto e na informação, a antiga União Soviética teve grande atuação no sentido de suprimir um estudo sério sobre inteligência extraterrestre e fenômenos paranormais. Parece um tanto irônico que, depois de ter sido perseguido por tantos anos pela CIA americana, eu ainda atribua a culpa à União Soviética, cuja atuação se dava por intermédio de seus agentes, os tipos de Aldrich Ames.

Acredito que a CIA se deixava enganar e manipular pelos agentes soviéticos infiltrados em seu meio, não só no que me concerne, mas com relação a muitos outros indivíduos também. A União Soviética, por exemplo, estava absolutamente determinada a monopolizar a pesquisa paranormal, e nada a poderia deter. Acho que realmente "tirava algumas pessoas de cena", administrando-lhes drogas lesivas ao cérebro, mas as deixavam vivas, em estado de confusão mental, a ponto de acabarem no próprio descrédito. Encontrei pelo menos dois cientistas brilhantes, envolvidos em pesquisa paranormal, que posteriormente sofreram drásticas mudanças de personalidade, ficando substancialmente privados de seus raciocínios, como se transformados em zumbis mentais. Ambos viviam na América e devem ter sido atacados pelo KGB. As pessoas inteligentes, envolvidas nesses assuntos, tomam amplas precauções: Uri Geller, o primeiro a contatar-me, pediu-me que fosse ao seu encontro; ele vivia isolado em uma casa alta na Inglaterra, cercada por cães de guarda e dispositivos de segurança. Tenho certeza de que tinha suas razões. Ele queria conversar comigo principalmente por ter percebido a ameaça do KGB. Isso aconteceu antes da dissolução da União Soviética. Naturalmente, eu estava inclinado a concordar com seus temores. (Uri disse, a propósito, que nunca lera realmente O Mistério de Sírius. Na verdade, só havia lido o texto em brochura, uma forma

mais apropriada para a leitura em sua bicicleta ergométrica. Ele é muito interessado em manter um bom condicionamento e, às vezes, usando apenas um short, pedala vigorosamente sua bicicleta, enquanto conversa com os visitantes. Enquanto me falava sobre o KGB, fazia exercícios desesperados para combater a gordura.)

Os ataques que dois funcionários da Nasa me dirigiram ultrapassaram, a meu ver, o limite da mera crítica de discordância. Foi muito desagradável, pois isso aconteceu após muitos anos de amizade com um homem afável, o capitão Robert Freitag da Marinha americana, vice-diretor do Departamento de Programas Avançados da Agência de Vôos Espaciais da Nasa. Bob Freitag e eu nos conhecemos por intermédio de Arthur C. Clarke e foram muitas as ocasiões em que, ao vir para Londres, encontrava-se comigo para jantar, pois nos interessávamos pela gastronomia e, na procura por algo diferente, até fomos a um restaurante húngaro. Durante uma visita a Washington, em um encontro com Bob Freitag, ele me falou de um amigo muito inteligente, Jesco von Puttkamer, a seu serviço, que gostaria que eu conhecesse. Fomos visitar esse amigo e, então, falei-lhes sobre O Mistério de Sírius.

Esse homem era, na realidade, o Barão Jesco von Puttkamer, provavelmente um dos alemães vindos para os Estados Unidos com Werner von Braun. Todavia, fiquei chocado quando mais tarde von Puttkamer, usando papel timbrado oficial da Nasa (na Alemanha), difamou-me de maneira surpreendente para os meus editores alemães, uma filial distinta que lhe havia solicitado a revisão do meu livro para um jornal. A carta (de 11 de julho de 1977) dizia a meu respeito (tradução minha): "Ele age como um seguidor de Ufologia e pula diretamente de uma hipótese sem fundamento a outra, ainda mais artificial, em uma espécie de suposição da suposição de outra suposição, ou seja, fala de astronautas extraterrestres, simplesmente por acreditar nisso. É algo mais religioso que científico... A obra de Temple... sob o aspecto científico não tem nenhum valor; a tese que defende, em minha opinião, não apresenta a mínima evidência, sem mencionar provas". Von Puttkamer continuou, dizendo que estava à

disposição para dar uma palestra em Frankfurt, se assim o desejassem.

Escrevi para Bob Freitag em 3 de setembro de 1977, e lhe disse: "Meus editores alemães, Umschau Verlag, enviaram-me a cópia de uma carta com muitas objeções ao meu livro O Mistério de Sírius que lhes foi endereçada por seu amigo Puttkamer, em papel da Nasa, da Agência de Programas Avançados. O fato pode ser interpretado como uma expressão oficial do ponto de vista da Nasa, por isso peço-lhe que me envie, e aos meus editores alemães, uma carta desvinculando a Nasa das opiniões expressas por Puttkamer... (ele) diz que usei seu nome em um programa de televisão, como se apoiasse a minha hipótese. Isso é totalmente inverídico. Diz que tudo aconteceu em uma apresentação completamente fabricada, que, é claro, serviria para promover o livro. Estou bastante transtornado com essa manifestação caluniosa por parte de seu amigo...". Puttkamer continuou ainda atribuindo-me idéias que não constam do meu livro (como a história de Gilgamesh, que registra a visita de homens do espaço, talvez uma idéia de Däniken) com base em temas discutidos em partes da obra, por exemplo, na segunda parte, que ele admite nem sequer ter lido".

Bob Freitag não gostou do comportamento de Puttkamer e escreveu-me em 16 de setembro de 1977:

"Ignorava o conteúdo de sua carta e o problema que lhe causou. Primeiramente, apressei-me em desvincular a Agência de Programas Avançados e a Nasa dos pontos de vista expressos pelo sr. von Puttkame. Certamente são opiniões bem pessoais... Eu o instruí a entrar em contato com você e com a editora para providenciar um desmentido o mais rapidamente possível, no sentido de tratar-se de uma visão particular do remetente e não de um ponto de vista da Nasa... Continuo interessado em seu planos para um novo livro e apreciaria muito que você me informasse sobre todo o andamento. Gostaria de ter a oportunidade de discutir o assunto com você em Londres..."

A carta de von Puttkamer, com data de 7 de outubro de 1977, seguiu-se a essa, expondo seus pontos de vista; "A carta não

representa sob nenhum aspecto, uma posição oficial da Nasa. O uso do papel timbrado pode ter lhe dado essa impressão (usei-o inadvertidamente, o que lamento...)... Lamento que tenha sido julgada como uma 'expressão oficial de ponto vista da Nasa'. Disse ainda que não tinha a intenção de me dirigir um ataque pessoal. Apesar de ser um cientista da Nasa, ele também havia formulado uma hipótese fantástica, completamente impossível, em termos astronômicos, de que outrora Sírius B era visível a olho nu. Tal ignorância em astrofísica surpreendeu-me, pois sua afirmação ignorava totalmente a paralaxe que impede que Sírius B, seja qual for o tipo de estrela que tenha sido um dia, em sua história, seja visível a olho nu e distinguível de Sírius A. Um certo exagero de Jesco von Puttkamer, que nunca mais entrou nessa discussão.

Porém, mais difícil ainda foi lidar com o comportamento de outro funcionário da Nasa, não subordinado ao capitão Freitag e cujas ações não seriam refutadas com tanta facilidade. Não apresento aqui o seu nome, mas suas atividades me foram reveladas por Arthur Clarke, em telefonema feito do Sri Lanka para me contar que o homem, que nem sequer conhecia, havia-o contatado para fazer críticas acerbadas contra mim. Eu precisava saber, porque aparentemente o homem havia contatado muitas outras pessoas, uma das quais Isaac Asimov (que só conheci de passagem). Clarke acreditava que o homem havia me difamado pelo menos para algumas poucas pessoas "de igual importância e estatura".

Em 1977, a BBC apresentou um documentário especial de 90 minutos, para a televisão, em sua série Horizon, intitulada "O Caso dos Antigos Astronautas". Fui contratado como pesquisador e esse foi meu primeiro trabalho na televisão. A princípio, julguei que o assunto ocuparia todo o programa, mas o produtor, Graham Massey, mais interessado em desacreditar Erich von Däniken, dedicou a esse intuito a maior parte do tempo. Graham empenhou-se na incrível tarefa de demolir von Däniken; eu não havia preparado esse material e só me ocupei do meu próprio tema. Os últimos quinze minutos do programa foram dedicados a O Mistério de Sírius, que Graham de fato tratou de forma bastante razoável, contrapondo-o, como "uma teoria respeitável", à teoria de Däniken

que considerava absurda. Pelo roteiro recebido, verifiquei o que a narração do programa dizia a meu respeito: "Ele é um pesquisador assíduo, cuidadoso e extremamente inteligente".

Durante a preparação do programa, Graham passou a receber constantes telefonemas de um estranho da América. Por fim, resolveu falar-me do que se tratava. Contou-me que o homem era um tanto falastrão e lhe dissera que "não devia apresentar Robert Temple na televisão". (Além disso, o indivíduo em questão pôs-se à disposição para uma entrevista a qualquer momento!) "Disse a esse homem irritante (palavras de Graham) que era o produtor do programa e decidia por mim mesmo o que devia ou não apresentar e pedi que fizesse o favor de parar de me telefonar o tempo todo". Parece que o homem havia mencionado que trabalhava na Nasa, o que deixou Graham duplamente aborrecido, pois sugeria que as autoridades americanas achavam que eu não devia receber atenção dos meios de comunicação. Era o mesmo homem que havia telefonado para Arthur Clarke. A Nasa nunca esteve desvinculada das atividades e ataques que esse indivíduo me dirigiu.

Abordo agora os novos temas ainda não discutidos nesse contexto e algumas observações são feitas sobre as pirâmides do planalto de Gizé e sobre a Esfinge.

Há muitas afirmações, bastante freqüentes, de que a Esfinge egípcia é uma grande estátua com corpo de leão e cabeça humana. Não vejo razão para isso. Diziam, há cem anos, com a mesma confiança, que a Esfinge era uma grande cabeça humana que se sobressaía da areia. Está bem claro agora, e é possível ver, que a cabeça está unida a um corpo de animal, supostamente de um leão. Todavia, existe certamente a questão das "Roupas Novas do Imperador". Não vejo quaisquer características leoninas na Esfinge, e como tem quatro pernas, quatro patas e uma cauda se julga que é um leão.

Não há uma juba. Não existem músculos proeminentes no peito, acima das pernas, como muitas vezes se vê em estátuas de leões. A cauda não possui um tufo na ponta, como a dos leões, e em

todas as estátuas desse animal. Mas o principal na história é que a parte traseira do corpo não se eleva acima do nível do dorso, abaulada e proeminente. A porção dorsal do corpo da Esfinge é reta. Mas quando se olha o hieroglifo egípcio correspondente à letra "r", o que se vê é o corpo de um leão sentado, de perfil, denotando que, no Egito, os leões eram retratados com suas partes traseiras elevadas acima do nível do dorso. Todos dizem que o corpo da Esfinge é de um leão, porque assim também lhes disseram. Vemos com os olhos de pessoas desconhecidas e anônimas que "afirmam" ser um leão. Todos nós aceitamos as informações de terceiros sem verificar sua validade.

Se o corpo da Esfinge não é o corpo de um leão, então é o corpo de que animal?

Parece mais o corpo de um cão! As representações do deus Anúbis, como um animal canino — sendo mais provável que não fosse um chacal (ainda que geralmente seja chamado de chacal), mas talvez um cão (do qual descende, em parte, o moderno cão de caça Faraó) — mostram o perfil de um animal cuja linha dorsal é mais ou menos reta, como a da Esfinge. E sua cauda geralmente é encaracolada como a da Esfinge e sem o tufo na ponta. Além disso, não possui juba nem peito musculoso.

A meu ver, faz mais sentido sugerir que a Esfinge seja Anúbis e que este originalmente era o guardião do território das pirâmides em Gizé. Se, conforme sugerido com frequência, a cabeça foi esculpida por um faraó megalomaniaco, à sua própria imagem, ela pode ter sido entalhada sobre a própria cabeça de Anúbis. A cabeça atual da Esfinge é desproporcionalmente pequena em comparação com o corpo, como muitas pessoas já ressaltaram. Por certo, foi substancialmente entalhada a partir de uma cabeça original muito maior. Mas para tanto, o corpo da Esfinge podia ser muito bem o corpo de um cão e não de um leão.

Acredito ser inevitável que o complexo de pirâmides de Gizé seja um símbolo de importância celestial. E, sendo assim, o guardião de um tal complexo só poderia ser um guardião egípcio por excelência — Anúbis.

Há ainda outro aspecto da Esfinge, abordado com frequência por

outros autores nos últimos anos e que, a meu ver, é uma maneira de desviar o assunto. John Anthony West tornou-se a figura central desse debate, que se refere à erosão hídrica tão evidente na Esfinge. Ao que parece, fui a primeira pessoa a publicar as teorias de West sobre o tema. De 1978 a 1980, fui co-editor de uma revista americana chamada *Second Look*; assim, de comum acordo com meu co-editor, Randy Fitzgerald, publiquei um artigo de West, muito interessante, intitulado "A Metafísica pelo Projeto. Harmonia e Proporção no Antigo Egito", no qual o autor expunha a questão da erosão hídrica. Recentemente, como West não mais possuía o artigo e até se esquecera dele, dei-lhe uma cópia. O artigo foi publicado na edição de junho de 1979. Mais tarde, naquele mesmo ano, surgiu o livro de *Serpent in the Sky: The High Wisdom of Ancient Egypt* [A Serpente no Céu: A Grande Sabedoria do Antigo Egito]. A obra de West, mal-editada e malfeita, conforme lhe falei pessoalmente, não causou o impacto esperado no público. Uma parte surpreendentemente extensa do livro consistia em citações de várias obras não integradas ao texto e desvinculadas de qualquer tipo de comentário; simplesmente constavam em uma grande margem. Considerável quantidade de dados sobre os dogons foi distribuída dessa maneira no livro e duas páginas de marginalia foram dedicadas a O Mistério de Sírius. Ainda que sugestivos, todos esses dados não foram expostos em forma de tese. Portanto, é melhor apresentar nas próprias palavras de West sua tese real "... cálculos mais remotos situam a fundação do Egito por volta de 30.000 a.C. e os mais recentes por volta de 23.000 a.C... a 'Atlântida' não pode mais ser ignorada pelos que se interessam seriamente pela verdade". West sugere, portanto, que a civilização egípcia tenha pelo menos 25 mil anos e talvez date de 32 mil anos.

Nesse livro, ele afirma que a civilização egípcia não se desenvolveu, mas sim era uma herança. Estou inclinado a concordar com ele, e a sua foi uma maneira elegante de apresentar a idéia. Além disso, minha concordância leva-me a dizer que uma das origens seria datada de 4.240 a.C. (o começo de algo chamado de Primeiro Ciclo Sótico* ligado ao nascimento

helíaco de Sírius**), e, em qualquer caso, deve remontar a aproximadamente 3.500 a.C. Seja como for, é neste ponto que divergimos, pois West, ao considerar muito natural sua crença na herança de uma antiga civilização perdida do tipo "Atlântida", nativa deste planeta, rejeita as tentativas de explicar as origens "extragaláticas" da civilização egípcia. West e eu concordamos em muitos pontos, como na admiração pelo egiptólogo Schwaller de Lubicz e no entusiasmo pelos estudos pitagóricos. Nossa tendência é concordar sobre muitos aspectos das medidas das pirâmides e sobre uma infinidade de coisas. Além disso, ele sabe muito bem que eu sempre sugeri em O Mistério de Sírius que uma explicação do tipo "Atlântida" era, sem dúvida, uma possível alternativa à hipótese extraterrestre.

O problema é que eu não acredito na viabilidade de uma teoria sobre a "Atlântida", pelo menos não em sua proposta atual que concluí pela ausência de um contato extraterrestre. Inúmeras pessoas, entre as quais West, não conseguem pensar seriamente em extraterrestres, pois creio que suas mentes não lidam bem com o assunto. É uma espécie de limite natural mais ligado talvez a uma disposição psicológica que a uma escolha intelectual. Sou amigável com muitos autores que atualmente defendem a hipótese da "Atlântida", ou seja, a existência de uma grande civilização no passado da Terra, onde todo o avanço da ciência tinha sua origem no homem e não havia contatos com seres de outros mundos. Não apoio esta hipótese e já participamos de discussões amigáveis sobre nossas divergências de interpretação das origens. Pelo menos um dos debatedores vê de maneira clara e perfeita a força da hipótese extraterrestre, percebendo que poderá um dia modificar sua interpretação para se amoldar a ela.

*N. T.: Sotis, nome da estrela Sírius no Egito; a cada 1.460 anos a estrela Sotis surgia antes do nascer do sol. Esse período era denominado ciclo sótico.

** Com ou logo antes do nascer do sol; o autor discutirá este fato adiante.

Sem dúvida, acredito que há muito ainda a ser descoberto — possivelmente sob o limo e a lama do delta do Nilo — no que se refere à grande civilização do Egito pré-dinástico. Contudo, a "Atlântida" que hoje se postula é muito mais remota, e deixa uma lacuna de vários milhares de anos de "inexistência" entre o Egito e a Suméria. A sugestão de John Anthony West deixa um "espaço em branco" entre os períodos de 22 mil e 27 mil anos! Não posso aceitar tais sugestões. Nem que a Esfinge tenha 12.500 anos, apesar de acreditar que tanto a sua construção como a das pirâmides provavelmente tenha ocorrido bem antes da época em que viveram os faraós Quéops e Quéfren. É apenas uma questão de ângulos. A meu ver, na Antigüidade ocorreu um contato extraterrestre com a Terra. Acho que o período de interação com os extraterrestres e a fundação do Egito e a civilização Suméria, com a sua ajuda, provavelmente se deram entre 5 mil e 3 mil anos a.C. Esse período de interação, seja de que época for, pode ser chamado de Período de Contato. É bem provável que as pirâmides e a Esfinge tenham sido construídas por extraterrestres durante esse Período de Contato, enquanto a Pirâmide Escalonada de Saqqara foi uma tentativa posterior e magnífica de homens que trabalharam sem auxílio e sob a orientação do arquiteto humano Imhotep — uma vez que os extraterrestres há muito haviam desaparecido — para competir com aquelas misteriosas realizações de outrora, mostrando que os homens também eram capazes para tanto. Muitas outras pirâmides egípcias imitaram a Pirâmide Escalonada, mas um grande número dessas pirâmides se reduziu a pó, pois não foram bem construídas. Em conseqüência, os egípcios desistiram de tentar construir grandes pirâmides, encerrando de vez a chamada "Era das Pirâmides".

Sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, devo observar que vários autores discutiram os extraordinários artefatos remanescentes da Antigüidade, o que indica um avançado conhecimento científico. A antiga tradição de mapas, representando a Antártica, antes de ser coberta pelo gelo, no Mapa de Piri Reis, por exemplo, é de extrema importância. Na década de 1960, eu costumava discutir esses mapas durante

horas com o falecido Charles Hapgood, o primeiro homem a publicar sobre o assunto. Acredito que esses mapas antigos preservem realmente um importante conhecimento, além de serem uma inestimável evidência do avanço da ciência na Antigüidade. Não obstante, não os interpreto como uma evidência da "Atlântida". Vejo-os mais como remanescentes do conhecimento deixado por visitantes extraterrestres, capazes de mapear a Terra a partir do espaço, bem como de detectar o verdadeiro contorno continental da Antártica, através do gelo, em observações feitas enquanto orbitavam no espaço, a exemplo do que se faz hoje. Esse conhecimento estava destinado a ser parte do legado desses extraterrestres, quando de sua partida. O ponto principal é que parte dessa evidência do Período de Contato precisava sobreviver para ser reconhecida pelos homens, no momento em que eles atingissem um desenvolvimento científico e tecnológico suficiente para tanto. Estou certo de que nos coube juntar, por nós mesmos, todas as peças do mistério, com base nas evidências que restaram. Os extraterrestres não querem retornar antes de sermos capazes de entender que eles estão aí. Isso porque se preocupam com o nosso bem-estar. Não querem apresentar-se sem se fazer anunciar, mas pretendem que nós os detectemos — quando, então, regressarão. Faz parte da ética de interação das espécies galácticas.

Estamos de volta, agora, à discussão sobre o Egito: West relegou a seção "Egito: Herdeiro da Atlântida" ao final de seu livro, deixando bem isolado esse ponto e, com isso, as pessoas sem paciência para uma leitura minuciosa, não fariam mais do que dar uma olhada por alto no assunto. Nessa seção, West enfatiza a erosão hídrica da Esfinge, um fato para o qual o falecido Schwaller de Lubicz foi o primeiro a chamar a atenção. Para examinar a história de como surgiu esse tema, apresento aqui os comentários do próprio Schwaller de Lubicz em seu livro, *Le Roi de la Théocracie Pharaonique* (O Rei da Teocracia Faraônica) que em inglês foi intitulado *Sacred Science* (Ciência Sagrada). Na discussão geral sobre a Esfinge, ele diz o seguinte: "A Esfinge com seu corpo leonino, com exceção da cabeça, mostra sinais

incontestáveis de erosão aquática". Ele acrescenta ao comentário dessa passagem uma nota de rodapé que diz: "Dizem que essa erosão se deve à ação das areias do deserto, mas o corpo inteiro da Esfinge está protegido contra os ventos do deserto que vêm do oeste, os únicos capazes de provocar erosão. Somente a cabeça se projeta dessa depressão e não mostra sinais de erosão". Foram essas constatações que fizeram com que o observador John Anthony West avançasse em sua pesquisa. West diverge um pouco de Schwaller de Lubicz com relação aos ventos; porém, mais adiante ele ressalta que os ventos predominantes no deserto procedem do oeste, só que sua preocupação maior é com os ventos khamsin sazonais, que afirma virem do sul ("o vento furioso do deserto que sopra do sul no mês de abril"). Em qualquer caso, West esforça-se para nos dar a certeza de que a Esfinge está totalmente abrigada contra esse vento pelo Templo da Esfinge, e que, sendo assim, está tudo bem.

O ponto frágil desse argumento, na minha opinião, é a insistência errônea de que a erosão hídrica evidente, ao redor da Esfinge, seja causada apenas pela chuva em um período de clima úmido, antes de o Egito se tornar seco, ocorrido há mais de 10 mil anos — tema atualmente abordado por vários autores. Tal argumento é usado de maneira injustificável como evidência de que uma civilização adiantada (equivalente à da "Atlântida") tenha existido na Terra por volta de 10.000 a.C. Não me proponho a entrar nos detalhes dessa teoria, mas simplesmente a considerar a erosão da Esfinge. Outros aspectos da teoria constituem uma discussão à parte, da qual nunca participei, nem pretendo participar, a não ser pelo comentário sobre os mapas antigos feito anteriormente. Publiquei discussões sobre a tecnologia dos olmecas (habitantes pré-maias do México e da Guatemala) na década de 1970; na década de 1960, corripondi-me com a viúva de Arthur Posnansky a respeito de Tiahuanaco na Bolívia; conheci Peter Allan, que fez, pessoalmente, estudos sobre o "Portal do Sol" de Tihuanaco. Por volta de 1963, as Linhas Nazca no Peru me intrigavam muito. Estou familiarizado com muitas dessas áreas, mesmo não as tendo mencionado aqui. Tenho pensado nelas há mais tempo do

que muitos autores atuais em atividade. Não as rejeito levemente como evidência de "Atlântida". Nem há qualquer razão para acreditar que mais descobertas extraordinárias não venham ainda a ser feitas em Tihuanaco, por exemplo.

Todavia, isso não nos deve distrair da percepção da forte evidência em favor do Período de Contato. Os dogons e os egípcios falaram de uma civilização vinda do Sistema de Sírius e os babilônios diziam que essa civilização veio dos céus; os dogons e os babilônios estão de acordo sobre a natureza anfíbia desses seres. As informações preservadas, em termos astrofísicos, apresentam um grau fantástico de precisão. Essa precisão é tão acentuada que chega a ser maior a responsabilidade de quem realmente tentar refutá-la. Até agora ninguém fez isso. Minha coleção de respostas a vários críticos pode ser lida em um livreto à parte, para revisores, publicado com essa nova edição. Mas a descoberta de Sírius C, em qualquer caso, tornou obsoleta a maior parte das críticas.

No que se refere à hipótese da "Atlântida", acredito que a "evidência da Esfinge" seja inexistente sob o ângulo que posso explicar no momento. Não é minha intenção fazer observações indelicadas a pessoas com quem mantenho relações amigáveis, só porque suas teorias são inexistentes, mas de qualquer forma escreverei sobre o tema, pois diz respeito ao meu próprio trabalho. Ressalto, uma vez mais, que os aspectos abordados a seguir não fazem parte de qualquer discussão ou diálogo com quem quer que seja.

Em oposição a John Anthony West e seus defensores, encontram-se os egiptólogos ortodoxos, que — como era de se esperar — estão horrorizados com a teoria de que a Esfinge date de 12.500 anos. No entanto, é provável que ambas as partes incorram em erro.

Mas muito se enganam os egiptólogos porque, ao se oporem ao argumento de West, são levados a negar a existência da erosão hídrica na Esfinge. Mas qualquer um pode ver essa erosão; por isso, quem é capaz de "ver com os próprios olhos", pensa, e está certo, que os egiptólogos, nesse particular, estão equivocados.

West e seus defensores ficaram surpresos com a "cegueira" dos egiptólogos e isso os encorajou a lhes endereçar críticas cada vez mais exaltadas, encurralando-os e levando-os a lhes dirigir palavras ásperas e arrogantes, que em geral o público ignora.

Esse é um fato que mostra a falta de desenvoltura dos egiptólogos e capacidades bastante limitadas. Assim como o assentador dos tijolos de uma bela parede raramente é o arquiteto que a projetou, também os arqueólogos com suas pás em mãos raramente estão aptos a interpretar a vasta gama de achados de todos os seus profissionais, ou de fazer observações históricas, e muito menos ainda de formular grandes teorias sobre a sua área. Estou perplexo por ver que os egiptólogos caíram facilmente na armadilha da negativa da erosão hídrica na Esfinge, pensando com isso livrar-se da noção abominável de uma Esfinge de 12.500 anos, pois estariam colocando a corda nos próprios pescoços.

Ao que parece, o debate sobre a Esfinge não pode avançar sequer uma polegada antes de serem dispensadas as assertivas dos egiptólogos de inexistência de erosão hídrica na Esfinge. Está lá para quem quiser ver — portanto, é preciso aceitar! Porém, é absolutamente desnecessária a suposição de que, tomando-se conhecimento da existência da erosão hídrica na Esfinge, tenha-se de admitir ter sido causada há mais de 10 mil anos pela chuva, em uma era anterior com menos secura!

Existe algo de óbvio nos dois lados dessa disputa e que foi negligenciado. Quem visita a Esfinge, ou examina uma grande série de fotos da mesma, nota que ela está situada em uma grande depressão de rocha escavada. Sabemos com certeza que o fosso muitas vezes foi coberto pelas areias de deserto. Na realidade, só nos tempos modernos é que essa areia foi retirada da depressão, permitindo uma vez mais a visão da imagem total da Esfinge. Algumas pessoas, ainda vivas, lembram-se da época em que ela não passava de uma cabeça projetada acima da areia. Era preciso remover a areia da Esfinge, e assim foi feito, em 1816, em 1853 e em 1888. Contudo, em 1898, novamente ela esteve meio encoberta, como constatei em foto da época encontrada em meio aos papéis de minha avó. Em 1916, mais uma vez a Esfinge

foi totalmente coberta pela areia, com exceção da cabeça.

E uma sugestão útil é: e se fosse o caso de que esse fosso, outrora, estivesse cheio de água! Vi na planta de um arqueólogo a indicação de um poço antigo no Templo da Esfinge e no Vale do Templo situado ao seu lado; além disso, a presença de água no Planalto de Gizé também foi substanciada pela escavação de numerosos lençóis d'água, em 1995 e 1996 (hoje novamente encobertos, mas antes foram fotografados). Também sabemos, pelos textos antigos, que o Nilo costumava elevar-se muito nas cheias, causando inundações próximas do nível do Planalto de Gizé, nos tempos antigos.

Existem algumas evidências intrigantes relativas a quantidades substanciais de água no Planalto de Gizé encontradas na obra História do grego Heródoto, o "Pai da História", que viveu no século V a.C. e passou grande parte de sua vida no Egito, deixando um relato substancial ainda hoje existente." Em seu Livro II, Heródoto discute até certo ponto as pirâmides, mas não menciona a Esfinge. Portanto, é praticamente uma certeza que ela estivesse enterrada na areia, na época de sua visita. Este é um ponto importante a ser lembrado, quando se tenta interpretar as observações que registrei sobre a existência de água no Planalto de Gizé. Primeiro, considerando-se as cercanias da Grande Pirâmide, Heródoto declara estranhamente que seus informantes egípcios lhe disseram o seguinte:

Eles trabalhavam em grupos de centenas de homens, cada grupo por três meses. Durante dez anos, as pessoas afligiam-se por viajarem em estradas cujas pedras estavam soltas, e acho que a construção dessa estrada é uma tarefa um pouco mais leve que a construção da [Grande] Pirâmide, pois ela tem cinco furlongs* de extensão e dez braças de largura, elevando-se a uma altura superior a oito braças, e é toda de pedra polida e esculpida com figuras. Levou dez anos, citados anteriormente, para construir essa estrada e as câmaras subterrâneas, na colina onde se situam as pirâmides [isto é, o Planalto de Gizé]; estas, o Rei destinou como locais de sepultamento e são circundadas por água, através de um canal trazido do Nilo.*

Essa passagem foi bastante ignorada pelos egiptólogos. Mas, antes de considerar suas implicações, consideremos três outras passagens de Heródoto:

Quéfren também construiu uma pirâmide, menor que a de seu irmão [Quéops era o irmão mais velho]. Eu mesmo a medi. Não possui câmaras subterrâneas [sabemos agora que isso é falso], nem sua entrada é como a da outra [a Grande Pirâmide], por meio de um canal do Nilo, mas o rio entra por uma passagem construída e a circunda como uma ilha, onde, dizem, o próprio Quéops está enterrado.

* N. T.: Furlong, medida linear, correspondente a um oitavo de milha ou 201.164 metros.

E acrescenta;

Até agora tenho registrado o que os próprios egípcios dizem. Agora... acrescentarei algo que eu mesmo vi.

Acrescenta, ainda:

[Os egípcios] construíram um labirinto, uma pequena passagem além do Lago Moeris e perto do lugar chamado a Cidade dos Crocodilos. Eu mesmo o vi e, de fato, não tenho palavras para descrever tanta maravilha; nem todo o conjunto de construções e adornos dos gregos reunidos, como se pode ver, teria exigido menos trabalho e custo que este labirinto, ainda que os templos de Éfeso e Samos sejam notáveis. No entanto, as pirâmides são ainda mais grandiosas do que as palavras possam expressar, e cada uma se equipara a muitos dos grandes monumentos erigidos pelos gregos; esse labirinto supera até as pirâmides. Possui doze pátios cobertos... Há também conjuntos de câmaras duplas, três mil ao todo, mil e quinhentas em cima e o mesmo número embaixo. Nós vimos as câmaras situadas acima do chão, e falamos do que vimos; mas das câmaras subterrâneas só ouvimos falar; os guardas dos portões egípcios não nos quiseram mostrá-las de maneira alguma, pois, disseram, são as criptas funerárias dos primeiros reis, os construtores desse labirinto, e dos crocodilos sagrados. Portanto, das câmaras inferiores só falamos o que

ouvimos dizer; mas as de cima nós mesmos vimos e são criações mais grandiosas que humanas. As saídas das câmaras e as intrincadas passagens, que vêm e vão através dos pátios, causaram-nos infinita maravilha, pois passamos de um salão a outro, e destes para as colunatas, das colunatas para mais câmaras e ainda destas para outros pátios mais.

... Próximo ao canto onde termina o labirinto, situa-se uma pirâmide com quarenta braças de altura, com grandes imagens esculpidas. Foi construída uma passagem para esse subterrâneo.

Assim é o labirinto e ainda mais maravilhoso é o Lago Moeris, em cujas proximidades ele se encontra. Esse lago possui um circuito de três mil e seiscentos oitavos de milha, ou sessenta schoeni, o equivalente a todo o litoral egípcio. Sua extensão vai de norte a sul; sua parte mais profunda tem cinqüenta braças. Que foi escavado e feito pelas mãos do homem o lago, por si só, demonstra-o; pois quase em seu centro se encontram duas pirâmides, construídas de tal forma a ficar cinqüenta braças acima e cinqüenta braças imersas na água; sobre cada uma há uma figura colossal de pedra sentada em um trono. Assim, essas pirâmides têm cem braças de altura, eqüivalendo cem braças a um furlong de seiscentos pés, medindo a braça seis pés de quatro cúbitos, o pé quatro palmos e o cúbito seis palmos. A água do lago não é natural (pois o país sofre de extrema carência de água), mas é trazida por um canal do Nilo; durante seis meses a água flui para dentro do lago e nos outros seis meses ela volta para o rio.

E finalmente:

Quando o Nilo inunda a terra, são vistas das cidades só as partes altas e secas acima da água, de modo muito semelhante às ilhas do mar Egeu. Só essas partes ficam fora d'água; o resto do Egito é como um lençol de água. Portanto, nessas ocasiões, o povo não é transportado em balsa da maneira costumeira pelo curso da corrente, mas sim sobre a planície. De fato, de Naucratis a Mênfis, o barco que sobe o rio passa próximo das pirâmides; mas o curso normal não é este...*

Em todas essas passagens, fica muito claro que, no século V a.C, quando Heródoto era uma testemunha ocular, as grandes extensões de água eram bem mais importantes no Egito do que se poderia supor hoje. O incrível relato do Grande Labirinto, das três pirâmides não identificadas de tamanho considerável junto a ele, e do lago artificial, são assombrosos por si só e, até onde é de meu conhecimento, ainda não tiveram explicações satisfatórias. Certamente o enorme lago artificial parece uma boa base para visitantes anfíbios, e é o tipo de coisa que eles, em vez dos homens, teriam construído. Mas hoje ninguém tem idéia de onde as ruínas disso se encontram na Terra (embora o egiptólogo Sayce ache que devem estar próximas da Pirâmide de Hawara), não devemos perder tempo com especulações a esse respeito agora. Eu mencionei isso para reunir várias afirmações de Heródoto a respeito das substanciais obras de engenharia hidráulica que levavam a água do Nilo por meio de canais a locais secos e a extensão na qual o Nilo transbordando e um enorme lago distribuía água no Egito aos pés das pirâmides.

Vamos analisar exatamente o que Heródoto diz a respeito da água trazida ao Planalto de Gizé. O relato é um pouco confuso, e o fato de Heródoto não saber da existência da Esfinge (além disso, possivelmente, de uma cabeça saindo da areia, que ele não se preocupou em mencionar; e quem sabe se isso era mesmo visível?) deve se ter em mente. Ele menciona 'as câmaras subterrâneas na montanha onde as pirâmides ficam; as que o rei queria que fossem seu próprio local de sepultamento, e cercou-as com a água, tranzendo em um canal do Nilo'. A primeira coisa a ser destacada é que o testemunho contradiz explicitamente qualquer idéia de que o rei Quéops queria ser enterrado dentro da Grande Pirâmide! Heródoto afirma claramente que o rei pretendia ser enterrado nas câmaras subterrâneas na montanha onde ficam as pirâmides, referindo-se às câmaras de sepultamento no Planalto de Gizé, não embaixo ou dentro de qualquer pirâmide moderna. Pode ser uma evidência intencionalmente ignorada pela comunidade de egiptólogos que insiste em afirmar não só que Quéops foi o construtor da Grande Pirâmide, mas também que

esta se destinava a ser sua tumba. Mas, nessa questão, eles são contestados abertamente por Heródoto.

Algo ainda a ser notado é que os locais de sepultamento no Planalto de Gizé, ou pelo menos um deles, eram "cercados por água"; a palavra cercados dá indícios da existência de um importante lugar, no Planalto de Gizé, cercado por água. E, como seria possível, se não houvesse um fosso para represar a água? E onde, no Planalto de Gizé, estaria localizado esse fosso de represamento de água, senão ao redor da Esfinge? Examinemos, agora, a segunda passagem de Heródoto, em que ele diz que a água do Nilo "entra por uma passagem construída e a circunda como uma ilha, na qual, dizem, o próprio Quéops está enterrado".

Não está absolutamente claro? A Esfinge tem a face do Faraó e é circundada por água no fosso de retenção. O Faraó está sepultado ali, exatamente como disse um egípcio, em uma ilha cercada de água. Não importa se o rosto é de Quéops ou de seu irmão Quéfren, pois eles podiam ser facilmente confundidos. Ainda que Heródoto diga que Quéops está enterrado na ilha cercada de água, essa afirmação é feita na seção em que o historiador está realmente discutindo Quéfren, após ter falado de Quéops, e logo em seguida diz: "Quéops, dizem, reinou por cinquenta e seis anos".

Se desenredados todos esses relatos, ouvidos de terceiros e registrados por Heródoto, ver-se-á uma clara tradição no Egito do século V a.C. de que, em algum lugar no Planalto de Gizé (onde o corpo da Esfinge não podia ser visto então), na época de Quéops e Quéfren, existia uma ilha cercada de água onde está sepultado o faraó. Como o corpo da Esfinge poderia estar coberto de água e somente a cabeça do faraó assomaria na água naquela época, tal afirmação era literalmente correta. O faraó realmente jazia em uma ilha cercada de água, desde que o fosso de retenção da Esfinge estivesse cheio de água, e nós sugerimos que sim. Caso contrário, onde ficaria essa ilha no Planalto de Gizé? Alguém saberia indicar a sua localização!

Minha sugestão é, portanto, de que originalmente a Esfinge era circundada por água e isso teria ocorrido durante um período

significativo de sua história. Além disso, esse fato está registrado em um texto de Heródoto que por 2.500 anos não foi reconhecido. A explicação para a água chegar até a Esfinge seria o uso de dispositivos simples, de madeira, chamados norias e muito antigos, que promoviam a elevação da água, e ainda hoje existentes em todo o delta do Nilo. Portanto, é provável que, durante grande parte de sua história, a depressão ao redor da Esfinge tenha sido um fosso e, desse modo, ela seria artificialmente cercada ou pela água proveniente do Nilo, de um poço no Templo da Esfinge, ou no Templo do Vale, ou ainda de canais na pedra, descobertos em escavações em 1995 e 1996, no Planalto de Gizé. Ao que parece, ainda hoje existe um pouco de água sob a Esfinge, fato que tem intrigado os arqueólogos modernos.

Seja qual for o caso, a noção de que a água do Nilo chegava até a Esfinge é bem abordada por James M. Harrell, que escreve: "A base do muro ao redor da Esfinge situa-se de 19,9 a 20,2 metros acima do nível do mar... A inundação máxima normal do Nilo em Roda Nilometer, perto do Cairo, atingiu 19,0 e 19,5 metros acima do nível do mar neste século, tendo ocorrido enchentes excepcionais que, em 1938, chegaram a 20,3 metros e, em 1874, a 21,4 metros. Nos dois últimos séculos foram inúmeros os relatos de que a água chegou à base do Planalto de Gizé".

Se a Esfinge esteve assentada sobre um fosso por um grande período de sua história de milhares de anos, isso poderia explicar sua significativa erosão hídrica. Os ventos no planalto, agitando a água, teriam provocado um movimento de jatos e borrifos em várias ocasiões. Esse movimento se tornaria ainda mais erosivo, aliado à areia soprada continuamente sobre a água, acarretando significativos efeitos de atrito sobre a pedra. Também, para a retirada da areia, o fosso teria que ser dragado com frequência e, nesse processo, grandes volumes de água, elevando-se, teriam derramado por suas laterais, de maneira não uniforme, em certos pontos. Esse raciocínio corresponde à observação de que o desgaste da subsuperfície do piso calcário do fosso da Esfinge é maior em alguns lugares que em outros. Na parte traseira da Esfinge, o desgaste da subsuperfície é menor, e a explicação

poderia ser o estreito espaço nesse ponto específico, facilitando o acúmulo regular da nuvem de areia na água, em maior profundidade, mais depressa que nas áreas mais amplas e em outras direções. Esse local seria uma espécie de armadilha de areia, que nesse ponto teria um efeito isolante do piso calcário contra a ação da água. Deve-se notar ainda que a erosão sofrida pela cabeça da Esfinge é consideravelmente menor que a do corpo, e a razão para tanto seria porque nunca esteve submersa em água. (Se a teoria da "chuva na Antigüidade" fosse verdadeira, a cabeça da Esfinge teria sofrido erosão na mesma extensão que o seu corpo.)

Por que será que ninguém "viu" que a Esfinge se assenta sobre um fosso? E que esse fosso, tendo permanecido cheio de água durante grande período da história antiga, pelo menos até antes do Novo Reinado, é muito natural que ocorra erosão hídrica ao redor da Esfinge?

Como já mencionei, não apoio a teoria da "Atlântida", ou seja, que uma civilização adiantada teria existido 12.500 anos atrás. E, por certo, não creio que se deva invocar o desgaste da Esfinge na tentativa de provar que ela data dessa época. Acredito que as coisas extraordinárias ocorridas em nosso planeta foram mais recentes que esse período. Pode ser chocante para algumas pessoas, mas a meu ver não há nada de incomum em postular que uma visita extraterrestre tenha sido responsável pelo pontapé inicial para o avanço da civilização na Terra. De fato, não é incomum, desde que se acredite que o Universo esteja repleto de vidas, algumas delas inteligentes. Acredito que a visita recebida pelo nosso planeta procedeu do sistema da estrela Sírius, que povos antigos, e também os dogons, tentaram nos contar. E como os relatos falam de seres aquáticos, de um planeta aquático alhures, talvez essa seja a razão para que a Esfinge — na minha opinião, uma estátua de Anúbis — esteja assentada sobre a água, isto é, porque os visitantes do planeta do sistema da estrela Sírius eram anfíbios. Se as câmaras embaixo da Esfinge, que se afirma terem sido descobertas por geólogos, estão cheias de água, isso pode não ser acidental. Se for verdadeiro que estão cheias de

água, com indicações ou registros de algum tipo, conforme supõem os entusiastas da existência de um "Hall dos Registros" (nesse sentido, fiz uma sugestão neste livro, em 1976), seria razoável que seres aquáticos preferissem deixar alguns traços desse tipo em câmaras aquosas e não nas secas. O fosso que circunda a Esfinge poderia ser então considerado um dispositivo simples, mas brilhante, de proteção, pois somente com roupas de mergulho os ladrões poderiam arrombar e roubar o que estivesse preservado nas câmaras embaixo do fosso da Esfinge. Essas câmaras submersas, por outro lado, seriam facilmente acessadas por anfíbios. Assim, minha proposta é a possibilidade de que a sua construção tenha sido intencional.

Este não é o momento nem o lugar para se avaliar as muitas tentativas de encontrar um significado nas medidas da Grande Pirâmide: tais esforços já renderam muitos livros. Certamente, alguns não passam de obras de fanáticos, em especial nos casos em que mensagens bíblicas ou proféticas são procuradas nas proporções da pirâmide. Porém, acho razoável que existam algumas correspondências geofísicas, astrofísicas e matemáticas; além disso, que certas medidas da Grande Pirâmide representem, de fato, determinados aspectos do volume da Terra, por exemplo. Muitos escritores têm sugerido que a Grande Pirâmide seja a representação do Hemisfério Norte da Terra, sendo bem provável que essa seja uma das representações. Parece também incorporar ou expressar os valores de π (3,1416) e outra constante natural (1,618), que está ligada à Seção Dourada e uma série de números, os chamados série Fibonacci. Tudo isso já foi discutido antes por muitos pesquisadores. Mas estou sugerindo novas idéias sobre as pirâmides, a serem consideradas como um acréscimo e não para descartar qualquer outra anteriormente mencionada.

Vejo agora, em retrospectiva, que em O Mistério de Sírius, fui o pioneiro de um tipo de raciocínio que considera a representação de padrões estelares de uma constelação no próprio chão do Egito. Concentrei-me na constelação de Argos, como o leitor verá no Capítulo Seis (é apresentado, na Figura 19 desse capítulo, um padrão de estrelas-chave de Argos, em representação geodésica).

Na minha opinião, essa era uma maneira normal de pensar. No entanto, para a maioria das pessoas é um raciocínio incomum. Robert Bauval, que em muitas ocasiões recebeu generosas contribuições pelo meu trabalho, aderiu de imediato a esse modo de pensar e logo passou a procurar um padrão estelar exibido no chão. O resultado desse trabalho constitui a base do fascinante livro *The Orion Mystery* (1994), ressaltando que o plano das três pirâmides de Gizé corresponde às três estrelas do Cinturão de Órion. Órion e Argos, cujas presenças simbólicas podem ser vistas no solo egípcio, são as constelações mais associadas a Sírius. Não obstante, um enigma permanece. Certamente existem associações diretas com a própria estrela Sírius — mas quais seriam? A explicação de Bauval é de que o eixo sul da chamada Câmara do Rei na Grande Pirâmide, nos tempos antigos, apontava para a constelação de Órion; assim, ele desenvolveu a noção de que o eixo sul da chamada Câmara da Rainha apontava diretamente para a estrela Sírius.

Ainda que a teoria de que as três pirâmides representem as três estrelas do Cinturão de Orion não me seja mais conveniente, vale mencionar que existe uma teoria alternativa sobre a planta das três pirâmides em um manuscrito que me enviaram em 1978: Rocky McCollum, Gerald J. Fraccaro e Elmer D. Robinson — nenhum dos quais conheço, ou ouvi falar em qualquer outra conexão — escreveram um tratado intitulado *The Giza Pyramids: The Final Decoding*, datado de 1978, e me enviaram uma cópia datilografada (se havia alguma carta anexando-o, esta se extraviou). Nunca tive tempo para lê-lo, mas notei ao examiná-lo, ao fazer uma busca em antigos arquivos sobre Sirius, durante a preparação desta nova edição, na página 31, Figura 16, que é apresentado um diagrama extraordinário, que mostra a espiral Fibonacci ou "Espiral Dourada" (ligada à Seção Dourada) sobreposta à parte do Planalto de Gizé de tal maneira que os ápices das três pirâmides situam-se ao longo de uma curva. Acho que devo mencionar isso, apesar não ter havido uma oportunidade para estudar o assunto em função da escassez de tempo. Não tenho nenhuma idéia se esses três autores conseguiram publicar seu trabalho, só sei que são

americanos, porque vi em uma página da introdução, com data de Lincoln, Nebraska. Talvez realmente não me hajam enviado o manuscrito, mas sim o meu amigo, o físico argentino professor José Alvarez Lopez. Era meu desejo, em parceria com ele, fazer algumas investigações no final da década de 1970, mas nunca foi possível. Gostaria ainda de acrescentar que os construtores das pirâmides eram tão inteligentes, que eram capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo, sendo bem possível que as três pirâmides tenham sido esquematizadas em uma espiral logarítmica Fibonacci e representem as três estrelas do cinturão de Órion. E não necessariamente duas se excluem mutuamente. Na realidade, esta é apenas uma espécie de jogo intelectual que parece ter encantado os construtores das pirâmides. A melhor maneira de entender a mentalidade desses construtores é comparando-os a um gênio do computador, cuja maior alegria na vida é construir de maneira fantástica programas elaborados, deixando pistas em múltiplas camadas, que se completam com jogos intelectuais.

Descobri agora mais uma associação, já suspeitada na década de 1970, quando ainda eram muito imprecisas as medidas astrofísicas existentes para confirmar minha intuição. Com as cifras constantes do livro de referência, *Astrophysical Quantities* (Quantidades Astrofísicas), em 1973, não foi possível comprovar essa correspondência, indicada por uma forte intuição, na época, o que me deixou muito desapontado. Hoje, porém, as medidas astrofísicas disponíveis, com a publicação dos novos valores aos *Astrophysical Data* (Dados Astrofísicos), em 1992, posso sugerir essa associação.

Refiro-me ao estranho fato de que a Grande Pirâmide esteja situada ao lado de outra pirâmide, próxima, mas não do mesmo tamanho. Esse fato sempre me pareceu um tanto peculiar, e percebi que devia simbolizar algo — mas o quê? Considero a Grande Pirâmide associada ao culto de Sírius, e acho que deve representar a estrela Sírius B. Já era de meu conhecimento que o nosso próprio sol possuía uma massa quase, mas não exatamente, igual à de Sírius B; ou (segundo os dados obsoletos de 1973) talvez fosse de outra forma. Não seriam as duas

pirâmides, fazendo uso de algumas medidas-chave dentre suas próprias medidas, a representação das massas relativas de nosso sol e da estrela Sírius B? Todavia, não era possível dar continuidade a essa idéia na década de 1970, pois então se acreditava, incorretamente, que a massa de Sírius B equivalesse a 0,98 da massa de nosso próprio sol, e tais medidas relativas não correspondiam às medidas das duas pirâmides. Entretanto, hoje essa situação mudou. De acordo com os novos números, Sírius B possui uma massa equivalente a 1,053 da massa de nosso sol. Os novos números também sugerem que o raio de Sírius B seja 0,0078 do raio de nosso sol.

É possível agora estabelecer uma correlação pela qual a Grande Pirâmide pode ser vista como a representação de Sírius B e a Pirâmide de Quéfren como a representação de nosso sol.

Seguindo essa linha de raciocínio, encontra-se uma correlação precisa até dois pontos decimais. Cheguei a essa conclusão, dessa maneira: segundo a principal autoridade em pirâmides, o dr. I. E. S. Edwards, a medida de cada lado da base da Pirâmide de Quéfren era originalmente de 707,75 pés. Quanto à Grande Pirâmide, Edwards diz que as medidas originais dos quatro lados da base eram: norte: 755,43 pés, sul: 756,08 pés, leste: 755,88 pés e oeste: 755,77 pés. A média dessas quatro medidas é 755,79 pés. Se a média do lado da base da Grande Pirâmide for comparada com a do lado da base da Pirâmide de Quéfren, descobre-se que a medida maior corresponde a 1,0678 da menor. Sabe-se, pelos novos dados astrofísicos, que a massa de Sírius B equivale a 1,053 da massa do nosso sol. A correspondência tem, portanto, uma precisão de até 0,014. Contudo, até essa mínima discrepância pode ser de grande significado. Isso porque 0,0136 (arredondado para 0,014) é a discrepância precisa entre a matemática das oitavas e a matemática das quintas na teoria harmônica, onde 1,0136 é referido como a Coma de Pitágoras, ou coma pitagórico, sendo conhecido dos antigos gregos que diziam ter adquirido dos egípcios esse conhecimento.

Um valor da Coma de Pitágoras, calculável a uma surpreendente nona posição decimal, aparece na forma de uma fração aritmética

preservada no antigo tratado pitagórico grego Katatome Kanonos (Divisão do Cânon). Disseram-nos que o número 531.441 é duas vezes maior que 262.144. Duas vezes 262.144 é igual a 524.288, ainda que este número não seja declarado. A razão também não é calculada no texto, mas se efetuada a divisão, obtém-se 1,013643265, ou seja, a Coma de Pitágoras expressa em posição de nonas decimais. O texto grego é reservado ao extremo, dando as informações de maneira tão obscura que só de um iniciado em seu significado se poderia esperar alguma noção do que expressa. O único comentário explanatório antigo na passagem é: "Seis intervalos de sesquioitava são maiores que o intervalo duplo". É preciso ser bem instruído nessas questões para se ter alguma idéia de tudo o que o autor quer dizer. André Barbera, o editor moderno muito bem informado e também o tradutor desse texto, não notou que essa passagem, traduzida por ele em, pelo menos, três versões distintas, na realidade apresenta de forma oblíqua o mistério da Coma de Pitágoras. Ele não menciona a Coma, e evidentemente nunca efetuou a multiplicação nem a divisão necessárias para chegar a isso, ou sequer dá indicação de que percebeu algo do significado especial da passagem. Se Barbera, que provavelmente é um especialista mundial sobre o texto, não adivinhou sua real importância, então, sem dúvida ninguém mais o fez até hoje.

O verdadeiro autor do estranho tratado de onde provém essa informação é desconhecido. Certamente, essas informações, segundo Barbera teriam de certa forma sido reunidas no século V a.C, ou na virada do século IV a.C.,- sendo reformuladas alguns séculos mais tarde. Todavia parte do conteúdo e, em especial, da referência dissimulada à Coma de Pitágoras, parece provir de fontes pitagóricas muito antigas e não identificadas que hoje não poderiam ser rastreadas. Parece ter havido uma tentativa real e tipicamente pitagórica em expressar, mas ocultando o mistério principal Nenhuma afirmação aberta desse importante número é apresentada e ali para seu cálculo seriam necessárias duas operações matemáticas sucessivas e esse cálculo não seria

efetuado por não ocorrer sequer a quem, em primeiro lugar, não soubesse o que procurar. O valor da nona decimal da constante universal, a Coma de Pitágoras, está, portanto, oculto nesse antigo texto em uma espécie de código, porém mesmo depois de identificado, ainda permanece inteiramente ambíguo. O texto antigo é tão extraordinariamente reservado, técnico e cansativo que somente teóricos musicais especializados seriam capazes de lê-lo, e, dentre estes, apenas uns poucos iniciados teriam decifrado a referência, intencionalmente oculta, a uma das maiores descobertas já ocorridas na ciência e matemática antigas. Dessa forma, o texto parece mais destinado, entre outras coisas, a discussões mundanas, a fim de preservar esse conhecimento secreto pitagórico (e originalmente egípcio), ao mesmo tempo em que é mantido cuidadosamente em segredo para ser preservado aguardando sua descoberta pela pessoa certa.

Realizei um grande estudo sobre a Coma de Pitágoras, ao longo do anos, e descobri que é preciso dar um nome ao incremento decimal de 0,0136; assim, denominei-o Partícula de Pitágoras, que espero que seja aceita pelos demais — se alguém, além de mim, quiser discuti-lo, é claro. Acredito que o coeficiente numérico dessa Partícula, 136, esteja relacionado aos 13 graus de liberdade do elétron, discutidos pelo famoso físico, o falecido sir Arthur Eddington, e que esse número mais um tem como resultado Constante de Estrutura Fina da física nuclear, que é 137. (A Constante de Estrutura Fina é uma constante natural universal muito apreciada pelo físicos, ainda que dificilmente outras pessoas tenham ouvido falar dela. Descobri as relações entre essa constante natural e várias outras, com phi e pi. Entretanto, tais discussões são muito extensas e perturbadora para serem incluídas aqui. Menciono-as apenas para que os leitores entendam a real importância da Partícula de Pitágoras. Essencialmente, pode-se dizer que ela expressa a discrepância mínima entre o ideal e o real. Para que os construtores das pirâmides a incorporassem como uma discrepância idêntica, que acabamos de discutir na correlação entre Sírius e a pirâmide, sua interpretação deve ser no sentido de que esses construtores queriam dar-nos

um sinal: "Esta é uma representação simbólica de um fato cósmico real".

Os teóricos de música devem saber muito bem que a discrepância de 0136 requer uma técnica de afinação conhecida como "tempera equivalente". Publiquei um relatório sobre a invenção do "sistema de Tempera Equivalente". Como se nos quisessem provocar, os construtores das pirâmides teriam deixado uma discrepância microscópica na correlação, que é precisamente equivalente a uma constante numérica universal. Isso porque a Coma de Pitágoras está implícita na estrutura do próprio Universo e é absoluta em todo o cosmo.

Entretanto, outro pormenor deve ser ressaltado nessa correlação, ou seja, a razão de 1,053 é realmente o valor preciso da fração sagrada, mencionada por Macróbio na virada dos séculos IV/V d.C, ao descrever seu uso na teoria harmônica pelos "antigos". A fração também foi mencionada na Antigüidade por escritores, matemáticos, harmônicos e filósofos. Téon de Esmima (século II d.C), Gaudêncio, Calcídio (século IV d.C.) e Proclo (século V d.C; ver Apêndice II deste livro sobre seu conhecimento acerca do O Mistério de Sírius) Pode-se até indagar como este número preciso, 1,053, sabidamente a razão precisa, em termos astrofísicos, entre as massas de Sírius B e nosso Sol, foi mencionado com tanta freqüência em obras de escritores que tratavam do conhecimento esotérico nos tempos antigos, um dos quais (Macróbio) é identificado, de maneira tão proeminente, com a teoria heliocêntrica, e o outro (Proclo) talvez tenha sido um iniciado no Mistério de Sírius, e mencionou especificamente a existência de corpos celestes importantes, mas invisíveis. Em especial, no caso de Proclo, que parecia estar ciente da existência de Sírius B, a menção a esse número, exato em três posições decimais, especificando sua massa, ultrapassa os limites da credulidade. Por certo, as coincidências são múltiplas, atingindo um grau impossível, caso se queira considerar tudo como obra do acaso. (Em relação a Proclo, descobri recentemente a seguinte passagem em um velho livro sobre as pirâmides: "O hieroglifo de Sírius é, bastante estranho, a face triangular de uma pirâmide. Dufeu [um

autor francês do século XIX, que escreveu sobre as pirâmides] e outros supõem que a pirâmide pode ter sido dedicada a essa venerada estrela... Proclo relaciona a crença na Alexandria de que a pirâmide era usada para observações de Sírius". Infelizmente, isso só veio à luz pouco antes de este livro ir para o prelo; assim não pude localizar essa passagem na obra de Proclo.)

Todavia, permanece ainda esta indagação puramente cosmológica: por que o nosso Sol e a estrela Sírius B têm uma proporção de massa de 1,053? Porque a fração da qual 1,053 é a expressão decimal, parece ocupar uma posição harmônica universal. Assim, ao esbarrar nessa coincidência, talvez se tenha descoberto um valor harmônico astrofísico, até agora unsuspeitado, atuando entre duas estrelas vizinhas. Acho que anteriormente ninguém encontrou uma correlação numérica precisa passível de se estender à noção de uma "harmonia das esferas" para além de nosso sistema solar, ligando-o a um sistema vizinho. Mas parece ser esse o caso. Talvez tenha algo a ver com a natureza inerente das estrelas anãs brancas e suas dimensões, em comparação com estrelas como o nosso Sol e, dessa forma, tal proporção seria uma ocorrência freqüente em todo o Universo. Faz mais sentido ver a correlação como algo que conduz aos fundamentos das estruturas cósmicas em vez de considerá-la um caso especial aplicável apenas a Sírius B e ao nosso Sol. Mas ainda assim a correlação é tão extraordinária e tão precisa que sugere todas as possibilidades de pesquisa, além de oferecer a esperança de que as expressões numéricas absolutas ocorram repetidamente, em lugares unsuspeitados, no cosmo. E só podemos ficar satisfeitos com essa descoberta, pois nos permite discernir alguns elementos seqüenciais de uma estrutura oculta existente no âmbito cósmico. Espero que os cosmólogos não deixem de lado essa observação. Acredito que ela demonstre que o Universo tem mais estrutura do que se pensa e tal estrutura talvez seja articulada com tanta precisão a ponto de gerar um valor exato desse tipo, como é o caso da proporção entre corpos estelares vizinhos. Porque Sírius B e o nosso Sol, em termos cósmicos, são vizinhos. E tudo se reduz

a esta pergunta: como duas estrelas a 8,7 anos-luz de distância podem possuir uma proporção de massa que não é aleatória e expressa um valor harmônico universal preciso em três posições decimais? Só pode ser porque a astrofísica das estrelas e seu desenvolvimento evolucionário (como na formação de uma anã branca) certamente seguem certas leis harmônicas não suspeitadas e, muito menos, expressas. Não se deve omitir o fato de que a fração harmônica universal em questão não recebe hoje qualquer atenção. Isso, por sua vez, indica que se trata de uma teoria harmônica antiga, da qual se sacode o pó para estudar as evidências do que está acontecendo. Muitos de nós acreditam nisso há anos, mesmo sem tal evidência. Um dos meus "hobbies" é tentar envolver-me na teoria harmônica antiga, razão pela qual levo tão a sério a fração, chegando até a efetuar sua expressão decimal, notando sua importância; desnecessário dizer, porém, que o valor decimal da fração não aparece em Macróbio, e só quem realmente efetuou a divisão e chegou ao resultado, comparando com ele o valor de proporção entre a massa de Sírius B e o nosso Sol, poderia ter observado esse fato.

Refletir sobre essas linhas às vezes traz resultados úteis. Por exemplo, em 1971 ou 1972, notei que o diâmetro da Terra excedia o de Vênus em 0,0294 e também o do planeta Mercúrio em 2,94. O mesmo número, desse modo, repete-se, diferindo somente por um fator de escala 100. Não pode ser uma coincidência. A meu ver, indica que a Terra, Vênus e Mercúrio — os três planetas interiores — formam o que chamo de Ramo Interior do Sol. Não os vejo como pedaços de rochas lançados em seu giro pelo espaço, mas como uma extensão do Sol. Estão unidos por um coeficiente numérico específico, de modo que seus volumes não são arbitrários em sua relação mútua. Assim como em astronomia a distância da Terra ao Sol é chamada de Unidade Astronômica (UA), o que, para nós, é simplesmente uma conveniência computacional, vê-se aqui uma ocorrência real do tamanho da Terra como um outro tipo de unidade — desta vez, uma unidade real — uma unidade de referência que age como uma espécie de

nota fundamental em relação à qual seus dois planetas interiores se formaram em suas dimensões, em ressonância demonstrável em relação a essa nota. Pela operação de um coeficiente numérico específico (o significado inato que requer pesquisas adicionais), Vênus e Mercúrio atingiram diâmetros que guardam uma relação fixa com a Terra e entre si. Isso tem consideráveis implicações para qualquer teoria de formação planetária. Mas tudo isso é invisível, a não ser que se tenha a chave — o número real. Logo que se conheça o número 294, e este seja aplicado, será possível ver as relações entre os três corpos. Caso contrário, seus tamanhos serão aparentemente aleatórios. É claro que eu desconhecia o número 294; tive que achá-lo por meio de investigação intuitiva. E há ainda certos outros números operantes, em algum lugar no sistema solar, e espero que também estejam todos inter-relacionados. Essas descobertas elucidam a estrutura envolvida onde não há nenhuma aparente.

A implicação de todo o mencionado é que diferentes tipos de estrelas expressam diferentes valores harmônicos com uma precisão espantosa. Mas por que a evolução estelar não deveria ter uma natureza harmônica e uma estrutura pertinente? Provavelmente se descobrirá que isso é relevante para o conceito da "função de massa estelar", objeto constante de especulação dos astrofísicos. Pode-se constatar, por exemplo, que as dificuldades da formação de uma estrela, em primeiro lugar, são regularmente superadas por algum tipo de formação estelar binária — em nosso próprio sistema solar é possível considerar o planeta Júpiter como uma estrela anã marrom incipiente em formação — e, em 1983, publiquei um relatório sobre a possível existência de outra estrela pequena e invisível, mas real, em nosso sistema solar, o que foi sugerido pela primeira vez em 1977 pelo radioastrônomo E. R. Harrison, em função de uma perturbação descoberta por ele de que o sistema solar era impulsionado sobre seis pulsares em uma pequena região celeste. Assim, a formação estelar envolveria um processo binário em um número muito maior de casos do que se pensa, possivelmente em todos. Talvez, as

estrelas binárias só coexistam segundo certas relações harmônicas, como ocorre com certas notas musicais que, tocadas em conjunto, são harmoniosas, desde que estejam em proporções específicas, como é o caso da quinta ou quarta musical.

As sugestões feitas por diversos astrônomos, entre os quais, Harrison, E. L. Wright da MIT, H. F. Heinrichs, R. F. A. Staller, Serge Pineault e Daniel Wilkins, são unânimes em dizer que esta estrela, se existe — o que a maioria acredita que sim —, deve ter pelo menos um terço da massa de nosso Sol, mas não pode ser uma estrela normal, não condensada, portanto seria uma estrela de nêutrons, quase indetectável, ou um miniburaco negro a uma possível distância de um ano-luz de nosso Sol. Esse assunto surgiu porque E. R. Harrison detectou evidências de que o centro de gravidade de nosso sistema solar está alterando-se em direção a uma região específica do céu, voltando-se para o centro galáctico e afetando essa pequena região do céu com uma perturbação. Sendo a massa conhecida de nosso sistema solar insuficiente para ser a responsável por essa perturbação, sugeriu-se que a existência de um componente ainda não detectado seja o causador. Pode até ser que vivamos em um sistema solar binário, sem termos consciência do fato.

É fundamental para uma teoria refinada a compreensão de que os tipos de estrela são expressões ou articulações de proporções e frequências harmônicas e que, no entanto, por mais variações que mostrem, até essas variações são sempre metódicas e coerentes. A ausência de método e coerência nessas ocorrências cósmicas, portanto, não se deve à falta de uma estrutura no Universo, mas em grande parte à nossa incompreensão do assunto. De qualquer forma, essa lição foi aprendida por nós, pela descoberta de que o caos é ordenado, com o maravilhoso desenvolvimento da Teoria do Caos.

Mais importante é a Teoria da Complexidade, que ainda está em processo de definição. Ela trata do súbito início, ou a perda, de uma ordem de longo alcance chamada de "transições fásicas" e "quebra de simetria" pelos cientistas. Deve-se ressaltar que a

proporção de massa entre Sírius B e o nosso Sol demonstra a existência de uma ordem de longo alcance entre os dois sistemas solares, estendendo-se a uma distância de 8,7 anos-luz, e só explicada pela concepção de dois sistemas solares que ocupam a mesma "célula" espacial. E se for esse o caso, a Teoria da Complexidade refere-se a uma forma estranha de aparente "comunicação instantânea" existente nessas "células", por meio da qual imensas regiões do espaço se comportam como se seus elementos não estivessem separados na distância espacial ou temporal, e essas "células" estariam empenhadas na chamada "auto-organização". Tal "célula" passa a ser o que os cientistas chamam de "estrutura dissipativa", transformando a desordem em ordem.

O professor Ilya Prigogine, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1977, e a quem visitei em Bruxelas, ressaltou que o início da complexidade em um sistema pode resultar na extensão instantânea de uma ordem de longo alcance, com uma magnitude de dez milhões ou mais, como é facilmente demonstrado no início do alinhamento das chamadas Células de Bénard, provocada por convecção térmica em um fluido. Essa enorme expansão da ordem é equivalente, por exemplo, a um quinto da população da Grã-Bretanha, que de repente e de maneira espontânea adotasse a mesma postura corporal, no mesmo instante, sem que os indivíduos tivessem qualquer contato direto entre si. Imagine dez milhões de pessoas repentinamente levantando a cabeça sem uma razão aparente. Um observador externo poderia chamar isso de turbulência incontrollável; no caso de um cabeleireiro, por exemplo, seria como se começasse o corte pelas unhas dos pés, os motoristas perderiam o controle dos veículos, os jogadores de tênis invariavelmente iriam às redes... Seria o caos. Contudo, não se poderia negar que dez milhões de pessoas teriam levantado suas cabeças, ao mesmo tempo, em função de algum princípio misterioso de uma ordem de longo alcance, que se estendera sobre todo o país. Esse caos turbulento é, na verdade, uma criação espontânea da complexidade. Pois, se instantes antes, dez milhões de pessoas não tinham absolutamente nada em comum,

com relação a suas posturas, não poderiam negar agora a imensa complexidade na existência — de repente passa a existir uma conexão que anteriormente não existia —, é estabelecida uma coerência. Dez milhões de ligações simultâneas, complexas, intrincadas e cruzadas passam a existir: dez milhões de pessoas, de repente, levantaram suas cabeças, e cada uma fez exatamente como as outras. Essa reação é análoga ao que acontece em uma Célula de Bénard, em que dez milhões de moléculas alinham-se instantaneamente.

A descoberta da importância da proporção de 1,053 entre a massa de Sírius B e a de nosso Sol sugere que nosso sistema solar e o sistema de Sírius são elementos de uma entidade maior — em termodinâmica, a chamada "estrutura dissipativa distante do equilíbrio térmico". Porém, vamos dar-lhe um nome real. Proponho que a chamem de Célula de Anúbis. A Célula de Anúbis, evidentemente, possui uma ordem de longo alcance, com uma extensão de pelo menos 8,7 anos-luz. Como a ordem de tais estruturas ao aumentar elimina sua desordem, um contínuo processo de ordenamento deve ter estado em atividade dentro da Célula de Anúbis, desde pelo menos a formação de nosso Sol ou da condensação de Sírius B como anã branca, independentemente do que tenha ocorrido mais tarde. Presumivelmente, a ordem de longo alcance atuou então entre os sistemas durante bilhões de anos. Nessas circunstâncias, os dois sistemas solares devem possuir um movimento compartilhado em relação à Galáxia. Os dois sistemas também devem estar em contínua ressonância harmônica entre si. Pode-se presumir que uma perturbação significativa de um afetaria o outro, o que poderia ser aplicado a eventos de frequência muito alta, entre os quais, os eventos "mentais", "de pensamento" ou "de informação". A participação da mesma célula cósmica sugere o potencial para a modulação de um campo compartilhado (de um tipo desconhecido, mas possivelmente não diferente do "potencial quântico" proposto pelo meu amigo, o falecido David Bohm, para solucionar o Paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen na física — um tema que não é possível abordar aqui!) para fins de comunicação entre os sistemas.

Podemos chamá-lo de "potencial de célula". Em outras palavras, a modulação da amplitude eletromagnética, como o rádio, por sinalizar de maneira tradicional, pode ser desnecessária. Os aspectos estranhos de uma ordem de longo alcance podem significar que, de uma determinada maneira a ser ainda descoberta, a comunicação instantânea entre os sistemas seria possível, algo que aparentemente ultrapasse os limites da velocidade da luz para estabelecer a comunicação mútua. A comunicação psíquica e até as interações imateriais entre as almas talvez fosse possível. Os antigos egípcios diziam que as pessoas iam para o sistema de Sírius quando morriam. Os dogons dizem o mesmo e, talvez, o sistema de Sírius seja a localização real do "Outro Mundo" em mais de um sentido. É até possível que a inspiração do sistema de Sírius para os seres humanos, na Terra, chegue por meio da ressonância harmônica articulada pelo (ainda indefinido) Campo de Anúbis da Célula de Anúbis, sendo instantaneamente "transmitida" não como um sinal, mas como uma resposta de ressonância harmônica dentro do Campo de Anúbis existente dentro da célula cósmica.

Em toda a natureza ocorrem fenômenos semelhantes: descobriu-se que até a humilde esponja possui um movimento impossível, em termos físicos, de "velocidade de condução" para realizar a transmissão de estímulo de uma extremidade a outra de seu corpo. Tão fantásticas foram essas descobertas que três cientistas canadenses, envolvidos em seu estudo, foram obrigados a sugerir que a esponja se assemelhava a uma célula gigante única de modo que "todo o sistema de condução poderia atuar como um único neurônio". Se uma simples esponja do fundo do mar é capaz de desafiar o tempo e o espaço, certamente a Célula de Anúbis poderá fazê-lo dentro de uma Galáxia. A Célula de Anúbis pode ser análoga a um "neurônio" macroscópico sob o ponto de vista de escala galáctica. E está viva. O grande Princípio de Ordenamento pode ser uma Entidade. Mesmo que não tenha sido uma Entidade a iniciá-lo, em um período muito remoto, algo gerou espontaneamente uma considerável consciência, ainda que isso só tenha ocorrido por meio de conexões ponderadas em um

processo de distribuição paralela. E, sem dúvida, para pôr em prática tal raciocínio foram necessários alguns bilhões de anos.

E se em todo esse cenário não passamos de agradáveis e tolerados parasitas, talvez devamos dedicar alguns raciocínios a essa questão. É possível que um ser se comunique com a Entidade fazendo a modulação entre o Campo de Anúbis e seus padrões de pensamento — um procedimento geralmente conhecido como oração. Não obstante, não quero incentivar as pessoas a tentar receber essa "inspiração canalizada" a partir do Campo de Anúbis, porque de imediato se abriria um portal para as loucuras do mundo — cada louco na Califórnia, julgando-se o canal escolhido para a comunicação privilegiada, começaria a pregar e a pontificar da maneira mais ofensiva sob a pretensão de ser o Todo-poderoso. Acho que se deve adotar uma regra inflexível: quem afirmar que o que diz é a verdade, não passa de um impostor. Só seriam ouvidas as pessoas que fazem as sugestões, de forma um tanto empírica, como possíveis verdades. A consciência da necessidade nunca insiste sobre a verdade do que quer que seja, por isso quero ressaltar que tudo o que consta deste livro é hipotético. Nunca insisti em afirmar a verdade de nada. Se amanhã for provado o contrário, isso me deixará surpreso, mas não consternado. Acho que nunca se deve aceitar a insistência sobre qualquer verdade incontestável de uma teoria que não possa ser comprovada. Fazer isso é renunciar a si mesmo como uma entidade. Isso porque o indivíduo nunca se deve unir a uma seita religiosa cujo líder afirme conhecer a verdade absoluta. Têm havido vários cultos sinistros que adotaram O Mistério de Sírius como um texto recomendado, mas nunca receberam o meu incentivo. A maioria já percebeu e me deixou em paz. Todos os cultos são destrutivos à integridade humana. Lamento muito que as pessoas muito inseguras se unam a esses cultos; seus líderes exploram essa insegurança, oferecendo-lhes uma "liderança" espúria. E eu condeno totalmente quem tenta fazer uso dos meus escritos ou idéias em ligação com essas atividades.

Voltemos agora às nossas observações a respeito das medidas da pirâmide. O valor de 1,0678 aqui apresentado pode, portanto,

também ter sido duplamente incômodo para os seus construtores porque não apenas é uma alteração da proporção entre a massa de Sírius B e a de nosso Sol, por um valor ínfimo equivalente a uma constante natural harmônica, mas também porque diverge de outra constante natural harmônica por esse mesmo e exato valor. Pode-se então dizer que a intenção dos construtores era apenas expressar este último valor, mas as correlações adicionais relativas ao sistema de Sírius, a seguir, contrariam tal noção.

O que dizer dos raios respectivos de Sírius B e os do nosso Sol? Eles são indicados pelas duas pirâmides? Fazendo uso de uma forma diferente de medição, ou seja, os ângulos de inclinação das respectivas pirâmides, descobre-se que em ambos os lados da Grande Pirâmide originalmente os ângulos eram de cerca de $51^{\circ}52''$ em relação ao solo, segundo Edwards, o que equivale a $51,866^{\circ}$, ao passo que a Pirâmide de Quéfren apresentava graus de inclinação um pouco mais pronunciados, de $52^{\circ}20''$ segundo Edwards, o que equivale a $52,333^{\circ}$. A inclinação da Grande Pirâmide é, portanto, 0,0089 menor que a inclinação da Pirâmide de Quéfren, o que dá um produto equivalente ao raio de Sírius B, em relação ao de nosso Sol, com uma precisão de 0,0011. O estabelecimento dessas duas correspondências age como uma espécie de correlação cruzada, pois uma tem uma precisão de 0,014 e a outra de 0,0011. Isso reduz significativamente a chance de uma mera coincidência nessas correlações, uma vez que não se trata de uma só correlação, mas de um par. No entanto, mais duas ainda virão.

Não insisto em que essas correlações sejam intencionais, mas sugiro que talvez o sejam, considerando as conexões estabelecidas, e já notadas, entre as pirâmides e o culto de Sírius. Nas últimas informações sobre Sírius C em seu artigo de 1995, Benest e Duvent afirmam que Sírius C não pode ter uma massa superior a 0,05 da massa de nosso Sol (e da massa de Sírius B). Lançando mão de uma das mais simples medidas do tipo que parece indicar as massas relativas de Sírius B e de nosso Sol, a massa de Sírius C pode ser indicada pela altura do ponto mais alto da pirâmide (pyramidion, ou ponta), ausente na Grande Pirâmide.

Este media 31 pés e a altura original total da pirâmide era de 481,4 pés, segundo Edwards, de modo que a altura da ponta da pirâmide eqüivalia a 0,0643 da altura total da pirâmide, correspondendo a uma massa interna de 0,01 a 0,05 da massa solar sugerida para Sírius C em 1995.

Esta é, portanto, a terceira correlação precisa da medida astrofísica de Sírius de 0,01, pelo menos, encontrada no complexo de pirâmides de Gizé.

E o que dizer da terceira pirâmide no complexo de Gizé, conhecida como Pirâmide de Miquerinos? Que significado poderia ter sua configuração? Edwards diz que a Pirâmide de Miquerinos originalmente tinha uma altura de 218 pés. A altura da Pirâmide de Quéfren era, originalmente, de 471 pés, de acordo com Edwards. A proporção entre essas duas alturas é 2.160. Segundo Benest e Duvent, a última estimativa da proporção entre as massas do nosso sol e Sírius A é de 2,14. A precisão da correspondência, portanto, é por volta de 0,02. Essa é uma quarta correspondência possível.

No entanto, o complexo de pirâmides de Gizé representará para nós, entre muitas outras coisas, como o valor de pi e as dimensões de nossa Terra, também as massas relativas das três estrelas do sistema de Sírius? Elas parecem estar representadas ali, com precisão, na segunda ou terceira posição decimal. E não há probabilidade de se exaurirem as possibilidades. Mas quaisquer discussões adicionais ficarão para outra ocasião.

Quando a edição alemã deste livro surgiu, em 1977, acrescentei um extenso Nachwort (que não é um salsichão, mas um epílogo). Nesse epílogo, cedo a algumas especulações sobre os alienígenas, algumas das quais achei que deveria mencionar aqui. Ressalto que nossa viagem interestelar, em geral, não seria fácil e quaisquer alienígenas competentes provavelmente seriam os primeiros a dominar a tecnologia da criogenia (ou usariam, como alternativa, outra forma de animação suspensa), para entrarem em estado de animação suspensa durante toda uma viagem interestelar. Minha sugestão, então, é que talvez em termos globais seria tão difícil realizar tais viagens que geralmente elas

não teriam volta. E o que me levou a essa importante sugestão é que talvez os antigos visitantes de nosso planeta nunca tenham realmente voltado para casa. Todas as tradições parecem unânimes em afirmar que eles "ascenderam aos céus" e deixaram a Terra. Mas não existe nenhuma garantia de que tenham regressado a Sírius. Na realidade, para um indivíduo capaz de dominar a tecnologia da animação suspensa para fazer uma viagem interestelar, a tarefa de reentrar nesse estado, e assim permanecer simplesmente, seria considerada simples. Desse modo, os Nommos podem muito bem se encontrar ainda, em algum lugar no sistema solar, adormecidos, ou se pondo lentamente em movimento, agora que as coisas estão se tornando mais interessantes por aqui.

Existe, nas tradições, alguma evidência relativa ao local onde os Nommos poderiam estar adormecidos? Existe na tradição dos dogons. Pois um dogon diferencia claramente a aeronave ígnea, que aterrissa com estrondo, e é por ele descrita como a portadora dos Nommos para a Terra, da nova estrela que surgiu no firmamento, quando eles chegaram; talvez seja uma referência à sua base maior de aterrissagem que permaneceu em órbita. Eles a chamam de "a estrela da décima lua". O dogon faz três desenhos desse acontecimento, mostrando as diferentes fases sugerindo que a nave é capaz de se expandir e se contrair livremente como uma esfera.

Pensando no assunto, percebi que os dogons talvez estejam sugerindo que a base dos Nommos fique estacionada no sistema solar como a décima lua de um de nossos planetas do espaço exterior. Netuno não possui dez luas, portanto está fora de cogitação. Não obstante, não tardei muito a perceber que a décima lua de Saturno é anômala no sistema solar, além de ser a única cuja superfície parece plana, sem crateras ou outras protuberâncias e acidentes. Seu nome é Febe. Sua órbita é retrógrada em torno de Saturno e totalmente diferente das outras luas saturninas, de modo que quando nossa sonda espacial fotografou as luas desse planeta, Febe foi, significativamente, a única que não estava próxima o suficiente para se conseguir uma

boa foto. (A época em que propus Febe como possível corpo artificial precedeu em vários anos essa foto da sonda espacial; por isso fiquei profundamente desapontado com sua incapacidade de produzir mais informações sobre essa lua.) Febe tem cerca de 160 quilômetros de diâmetro, mas sua massa parecia ser ainda desconhecida. Assim, não foi possível fazer comentários sobre a sua composição. Ela orbita em torno de Saturno em 523 dias e 15,6 horas. Em 1982, após os resultados da Voyage, indaguei sobre Febe a Brad Smith, do Departamento de Astronomia da Universidade do Arizona, e ele me respondeu: "Pelo que se pôde ver, ela é perfeitamente redonda". Ressaltou ainda que era muito grande para ser o núcleo de um cometa degenerado e que possui apenas 3% de reflexibilidade.

Não se deve esquecer que, se realizam viagens interestelares, os seres aquáticos e anfíbios terão necessidade de consideráveis quantidades de água fresca para sua nave. Nas lendas antigas dos sumérios e babilônios, o deus Enki (Ea) avisou a humanidade sobre o Dilúvio, e assim a Arca foi construída, e desse deus se dizia que costumava dormir em um recipiente de água fresca, ou em um câmara com forma semelhante à de uma Arca, chamada Abzu. Seria uma referência a um anfíbio em animação suspensa? Há pelo menos uma ocasião em que a literatura suméria (do quarto ao terceiro milênio a.C.) descreve o comportamento do deus Enki como anfíbio: "Enki, no pântano, no pântano ele se deita estirado..." O contexto indica ser essa a sua postura normal, e sendo assim continua no pantanal por um período de tempo considerável durante as idas e vindas de seu vizir. Duas coisas são intrigantes: por que Enki ficaria estirado e por que em um pântano? Se, supostamente, ele foi um desses seres anfíbios com cauda de peixe, talvez isso explique ambas as características. Pelo que sei, nenhum estudioso abordou essa questão de Enki estirado sobre um pântano, mas simplesmente a ignora. Porém, sendo Enki geralmente descrito como um habitante de Abzu, um lugar cheio de água, uma reflexão a respeito leva à conclusão de que um indivíduo que realmente vive na água precisa da cauda de peixe para se movimentar de maneira adequada.

No que se refere à "lua" Febe, talvez seja improvável que se trate de uma nave interestelar real. Se for mesmo artificial, então talvez seja uma fina carcaça metálica (e, portanto, "perfeitamente redonda"), inflada ou fabricada aqui, no sistema solar, essencialmente oca, talvez até muito vazia, como um balão, ou contendo um pouco de água no centro, adequadamente isolada e aquecida para impedir que se transforme em gelo. Uma esfera bem vazia poderia ser necessária para agir como isolante de um núcleo aquoso. Os anfíbios não precisam de gravidade artificial como nós pois boiar em seu meio natural lhes seria familiar, aliado a um estilo de vida natural, mais condizente com uma condição de baixo peso.

Se Febe é uma esfera inflada, sua densidade será muito baixa e sem precessão orbital em virtude da pressão da luz solar. Sua atuação seria a de um "marcador" para chamar a nossa atenção para suas anomalias, além de ser a provável indicação de um objeto muito mais interessante em suas proximidades, que com ela teria alguma correspondência, mas seria menor e invisível aos telescópios com base terrestre. Indubitavelmente, algumas singularidades foram descobertas em Saturno, como os satélites condutores e rastreadores, co-orbitais, além de dois outros satélites que periodicamente intercambiam suas órbitas, e outro satélite quase do porte de Febe (um "gêmeo"?), que se move ao longo do ponto de condução oscilatória triangular da lua Dione. Febe foi o único dos satélites de Saturno a não ser observado pela Voyager One e talvez leve ainda muito tempo para melhorar essa situação. Espero que finalmente seja observada pela Sonda Cassini que chegará a Saturno em 2004*. Febe é o décimo satélite de Saturno em termos de volume. É também o décimo satélite apropriado de Saturno, descartando-se os oito satélites internos menores, tidos como resíduos associados aos anéis. Em síntese, ela pode muito bem ser "a estrela da décima lua" da tradição dogon. Se for o caso, pode ter sido colocada em sua estranha órbita para desviar a atenção das demais luas de Saturno, chamando-a sobre si, por questões de segurança e para garantir que missões fotográficas, como as Voyagers One e Two, não

violem seu segredo, uma vez que a mecânica celeste proibiria uma primeira sonda no planeta, e nas outras luas, que poderia estudar Febe ao mesmo tempo. Os alienígenas também saberiam que, da Terra, nunca seria enviada uma sonda ao distante Saturno só para estudar Febe, antes de estudar todo o sistema de Saturno. Segundo essa lógica, é possível que a Voyager One tenha disparado um alarme ao entrar no sistema saturnino, despertando os Nommos. Talvez seja um projeto simples e elegante. Invalida quaisquer critérios artificiais e questionáveis, estabelecendo como seu limite absoluto a entrada de uma sonda artificial (de qualquer tipo, uma vez que esse projeto permitiria o disparo de um alarme por sonda extraterrestre ou terrestre). A entrada no sistema de Saturno seria então uma armadilha que teria ativado os Nommos em 1981.

É interessante observar que dois anos depois da publicação de minhas opiniões sobre Febe, o astrônomo D. G. Stephenson divulgou uma teoria semelhante, no *Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society*, referente ao planeta exterior, Plutão. Ele disse que, em sua opinião, a órbita excêntrica poderia ser artificial, nos mesmos moldes sugeridos por mim para Febe, e que isso teria ocorrido em virtude de atividade de extraterrestres em visita ao nosso sistema solar. Também sugeriu a existência de "arcas espaciais" cheias de extraterrestres que nunca voltaram para casa, mas continuaram a dar origem a gerações de descendentes, em suas viagens, durante centenas de anos, pelo espaço interestelar. Sua teoria é a de que tal "arca", estacionada em nosso sistema solar, talvez tenha minado e despojado o planeta Plutão de suas matérias-primas. Uma sugestão misteriosamente semelhante à minha, por isso intrigou-me que Stephenson a pudesse ter feito sem incorrer no ridículo, porque eu, nesse caso, sofri, por muitos anos, virulentos ataques. Mas fiquei encantado com a contribuição imaginativa de Stephenson ao debate, e ela faz muito sentido.

* N. T.: O autor reeditou esta obra em 1997. A sonda Cassini, segundo notícias recentes, conseguiu observar o satélite Febe, fotografando-o, e sinais brilhantes nas fotos podem indicar a

existência de gelo logo abaixo de sua superfície.

Não se deve esquecer de que os dogons dizem que os Nommos retornarão e esse dia será chamado de "O Dia do Peixe". A primeira indicação de seu regresso, dizem os dogons, será o surgimento de uma nova estrela no céu — "a estrela da décima lua" terá retornado. Os elementos que, no momento, encontram-se retraídos dentro desse "corpo", reemergirão. E os Nommos aterrissarão novamente na Terra em sua Arca — a nave que, ao aterrissar, faz muito ruído e vomita fogo. Dessa nave surgirão "os ancestrais míticos", ou seja, aquelas mesmas personalidades que figuram em todos os mitos. Isso reforça a noção de que eles nunca morreram e nunca deixaram o sistema solar. Após o seu retorno, esse grupo de Nommos "governará das águas". Portanto, haverá presumivelmente consideráveis implicações políticas à sua chegada! Mas, é muito improvável que sejam hostis aos seres humanos, uma vez que investiram grande parte de seus esforços na tentativa de ajudar este planeta a desenvolver sua civilização, há milhares de anos, e não lhes agradaria ver todo o seu trabalho desperdiçado. Seriam, indubitavelmente, de grande auxílio, mas não teriam nenhum constrangimento. Como seres aquáticos que são, não é preciso ser um gênio para perceber que o atual estado dos oceanos os deixará muito entristecidos, e podem adotar medidas drásticas nesse sentido. Dá para imaginar um Nommo, vindo dos ares, sendo atingido no nariz por uma garrafa de plástico, enquanto nada no mar? Pense como um Nommo: o que ele mais desejaria? Mares limpos, é claro. Talvez usem de tecnologias avançadas para uma limpeza muito rápida dos mares. Desse modo, estarão muito familiarizados com ambientalistas e provavelmente farão alianças com os partidos "verdes" do mundo. Talvez, os futuros amigos dos Nommos sejam os verdadeiros "homenzinhos verdes".

Falo como alguém que acredita. Acredito? Por mais verificações que se façam, enquanto não se der o restabelecimento desse contato com Sírius, tudo continuará a ser hipotético, mas então não haverá necessidade de se imaginar nada, pois tudo será

evidente. A meu ver, é provável que seja uma verdade. Porém, a hipótese torna-se cada vez mais convincente e, atualmente, há poucas pessoas nervosas, ou que fazem vista grossa e rejeitam o contato extraterrestre como, a princípio, impossível. É claro que já vi muitos artigos escritos por astrônomos em jornais, como os da Royal Astronomical Society (da qual sou um associado), sugerindo que, aparentemente, não existem extraterrestres próximos ou em contato, e talvez estejamos sós no Universo. Mas não acredito nisso.

Nos últimos anos, tomei ciência dos números crescentes de planetas descobertos por astrônomos em outros sistemas solares. Esses astrônomos que, pela natureza de suas disposições psicológicas, estão determinados a serem céticos, costumavam refugiar-se em palavras como: "Os outros sistemas solares não possuem planetas". Lembro-me muito bem disso! Muitas pessoas sensíveis achavam que tais opiniões não passavam de idéias malucas, mas agora elas foram comprovadas. Então, o argumento mudou para: "Talvez existam planetas, mas neles não há vida", o que também foi posto em dúvida em função do que já se sabe sobre Marte. Portanto, uma vez mais, espera-se a mudança do argumento: "Pode haver vida, mas não vida inteligente". E assim por diante. As pessoas determinadas a terem pensamentos negativos sempre estão dispostas a encontrar outros novos.

Mencionei o planeta Marte de passagem. Acredito realmente que, em algum momento, existiu vida inteligente em Marte? Não me surpreenderia se existisse uma conexão marciana com o Mistério de Sírius, como há muitos anos pensei. Não tenho qualquer idéia se o "Rosto de Marte", na região de Cidônia, é realmente um rosto, mas parece bastante convincente, não é? E acho que muitas outras pessoas devem pensar o mesmo. Achava que a Nasa, supostamente, estivesse quebrada e, no entanto, nos últimos dez anos ela tem enviado missões a Marte, com a participação dos russos. O que está acontecendo por aqui? Os anúncios de formas de vida em meteoritos marcianos pareceram-me bem orquestrados. Os primeiros anúncios foram sobre as evidências encontradas de bactérias. Essas evidências se estenderam depois

aos vermes, e nem por isso alguém se matou com um tiro. Em seguida, ouvi falar de gelo no lado mais distante da Lua, de água em Europa (uma das luas de Júpiter), de todos os tipos de possibilidades de formas simples de vida em Marte, em um passado distante, e agora que grandes inundações têm varrido esse planeta. Mais recentemente ainda, disseram-nos que em Marte, outrora, havia um oceano maior que o Pacífico. Ainda assim não houve agitações nas ruas! Esses anúncios pareciam ser liberados a exemplo do médico que mede a temperatura do paciente para verificar se a dose pode ser aumentada. Enquanto este livro estava no prelo, certamente outros níveis foram atingidos em uma série crescente de revelações. Quem poderá dizer se a sonda Mars Orbiter foi realmente danificada? Não terá sido enviada de volta com uma incontestável evidência para os funcionários do governo, encarregados dessas informações, e estes fingiram que a sonda estava danificada para ganhar tempo, enquanto formulavam uma política de extravasamento lento, ponderada com muito cuidado, para evitar a histeria pública? Mas agora esses funcionários do governo perceberam que muita água rolou embaixo da ponte (inundação marciana?) desde aqueles irrefletidos dias, em 1938, quando Orson Welles, em um programa de rádio, anunciou a aterrissagem de marcianos, provocando pânico na nação e suicídios precipitados. O público agora está muito bem e verdadeiramente condicionado: tragam os extraterrestres, por favor!

Pode haver o risco de que um público, tão acostumado a vibrar a cada trinta segundos com a televisão, eventualmente fique entediado com os extraterrestres reais, porque talvez eles contrariem as nossas fantasiosas expectativas. E, é claro, talvez sejam, como disseram os babilônios, fisicamente repulsivos, ainda que por outro lado muitas pessoas hoje estejam familiarizadas com golfinhos e baleias, e a ver filmes sobre história natural mostrando criaturas de aparência estranha. As únicas pessoas que, provavelmente, vão ficar muito tristes com o contato extraterrestre são os fanáticos religiosos, que, de qualquer forma, aborrecem-se com tudo. Mas aquelas pessoas que, sem o menor escrúpulo,

acreditam em estátuas de santos que vertem sangue, serão as últimas a aceitar que as crenças religiosas possam estender-se além deste planeta, e endereçarão suas críticas a um centro religioso do Universo transformando-o em uma espécie de revolução teológica copernicana. Em contrapartida, alguns, considerando esse conceito muito confortável e estimulante, nele buscarão forças.

Passemos, agora, à nova versão de O Mistério de Sírius, que contém muitas informações novas. Nunca dispus de recursos suficientes para realizar, como gostaria, grande parte das pesquisas. Espero que essa presente versão comprove-se útil aos interessados nesses temas, que podem afetar-nos mais cedo do que se pensa.



Qual é o Mistério?

A questão proposta por este livro é: a Terra, no passado, foi visitada por seres inteligentes da região da estrela Sírius?

Toda essa questão do mistério de Sírius chamou-me inicialmente a atenção por volta de 1965. Eu trabalhava em alguns problemas filosóficos e científicos com Arthur M. Young, da Filadélfia, o inventor do Helicóptero Bell e autor de muitos livros que, em sua maioria, foram publicados depois da primeira edição de O Mistério de Sírius (em janeiro de 1976). Em 1972, Arthur era o co-editor de um colaborador do fascinante livro *Consciousness and Reality* (Consciência e Realidade). A obra de Arthur demorou tanto para

se tornar conhecida que seus outros trabalhos só apareceram em 1976, alguns meses depois do meu. Após muitas alterações de título, ele decidiu denominar seu principal trabalho *The Reflexiva Universe* (O Universo Reflexivo). Já havia sido intitulado *Quantum Lost, Quantum Regained* (Quantum Perdido, Quantum Ganho) e, anteriormente, *The Universe as Process* (O Universo como Processo). Trabalhei nessa obra, em parceria com ele, sob todos esses títulos, durante cinco anos (1962 a 1966, e algumas vezes nos anos subseqüentes) e preenchi, em conjunto, duas ou três partes de seu diagrama em "grade"; estranhamente, ele não agradeceu a minha participação nesse trabalho central. Mas, agradeceu-me na página de rosto de outro livro, publicado em 1976, *The Geometry of Meaning* (A Geometria do Significado), no qual minha atuação realmente foi bem menor. O trabalho de Arthur sobre o Helicóptero Bell está registrado em seu livro *The Bell Notes* (Notas sobre o Bell). Quando eu era ainda bem pequeno, com cerca de três ou quatro anos, ocorreu um incidente ligado a mim e um helicóptero, cuja cabine era feita de uma espécie de espuma de vidro, quando sobrevoava o rio Hudson, no Estado de Nova York, e sempre achei que foi esse incidente que induzia Arthur a me visitar logo após seus testes de vôo. Eu tinha 16 anos quando o encontrei oficialmente, em 1961, em meu primeiro ano como estudante de graduação na Universidade da Pensilvânia.

Arthur ensinou-me mais ciência, em concomitância com meus estudos oficiais na universidade, de 1961 a 1967, que a própria faculdade. Na mesma época em que começava a me enveredar pelos estudos do sânscrito e outros temas pesados do nível universitário oficial, absorvi uma considerável educação científica adquirida com Arthur, em companhia de alguns poucos amigos da universidade, com os quais participei, durante anos, de séries de seminários extremamente estimulantes, além de projetos de pesquisa supervisionados por Arthur Young e ocasionalmente ligados a uma fundação filantrópica estabelecida por ele, a chamada *Foundation for the Study of Consciousness*.

Durante o ano de 1966, tornei-me o secretário interino dessa Fundação embrionária; um de seus diretores era o agradável

arqueólogo Fro Rainey, que mais tarde viria a se casar com minha prima distante, Marina, mas nessa época ele ainda não a havia conhecido. Arthur estava furioso comigo por eu ter me transferido para a Inglaterra, em outubro de 1966, e durante anos alimentou a esperança de que eu voltasse a viver na América e reassumissem meu trabalho ao seu lado. Ele considerou o fato como uma rejeição pessoal, embora, é claro, não houvesse nenhuma intenção nesse sentido. Continuamos a manter ativa correspondência, trocando idéias filosóficas e, durante algum tempo, planejamos coisas em parceria. Depois, ele mudou para a Califórnia, onde passava metade do ano, fez novas amizades e relacionamentos, e os nossos contatos passaram a ser intermitentes, embora a nossa amizade continuasse ilesa. Foi muito difícil, para ele, quando lhe contei que um livro de minha autoria fora aceito para publicação, já que ele próprio não o fizera ainda. Não me foi possível visitar o Institute for the Study of Consciousness de Arthur, em Berkeley, a não ser após a sua morte. Mas, nos anos que se seguiram, nós nos encontrávamos, na Inglaterra e na Pensilvânia, sempre que possível, e pela última vez fiquei ao seu lado, cerca de um ano antes de seu falecimento, quando então ele me ofereceu uma substancial porção de sua enorme biblioteca, dizendo-me que não precisaria mais dela. Minha última conversa telefônica com ele se deu pouco antes de sua morte, e nessa ocasião a dor que o acometia era tanta que mal podia dizer algumas frases. Ele tem muitos discípulos atualmente e espero que seu profundo trabalho filosófico continue a crescer e a se propagar como merece. Não conheço muitos dos seus recentes discípulos, mas soube que vários dos antigos faleceram (quando os conheci eu era muito jovem). Entretanto, a direção foi assumida por Chris Paine, neto de Ruth — esposa de Arthur — por parte de seu primeiro marido, assim os trabalhos da Fundação e do Instituto felizmente tiveram continuidade.

Arthur Young tinha uma paixão especial pela leitura de mitologias de todo o mundo, até mesmo das mais obscuras tribos. Um dia, mostrou-me um livro intitulado *African Worlds* (Mundos Africanos), com muitos capítulos, cada qual abordando uma tribo diferente,

com suas visões de mundo, costumes e mitologias. Havia um capítulo sobre os dogons, traduzido do francês para o inglês, de autoria de Mareei Griaule e Germaine Dieterlen, eminentes antropólogos.

Arthur mostrou-me uma passagem que acabara de ler nesse capítulo, na qual esses antropólogos descreviam as teorias cosmológicas dos dogons. Citarei o parágrafo que li, na época, e me chamou a atenção pela primeira vez para toda essa questão extraordinária, para que o leitor, a exemplo do que aconteceu comigo, seja introduzido ao assunto com essa breve referência:

"O ponto de partida da criação é a Estrela que gira em torno de Sírius, e atualmente é denominada estrela 'Digitaria'; ela é considerada pelos dogons a menor e a mais pesada de todas as estrelas; ela contém os germes de todas as coisas. Seu movimento em seu próprio eixo e ao redor de Sírius sustenta toda a criação no espaço. Veremos que sua órbita determina o calendário".

E era tudo. Não havia nenhuma menção dos antropólogos à real existência de tal estrela em órbita ao redor de Sírius. Ora, Arthur Young e eu sabíamos da existência da estrela anã branca, Sírius B, que realmente gira em torno de Sírius. Sabíamos que ela era "o menor e mais pesado" tipo de estrela conhecido. (Estrelas de nêutrons e os "buracos negros" não eram muito discutidos e os pulsares não haviam sido ainda descobertos.) Naturalmente, concordamos em dizer que esta era a mais curiosa alusão partindo de uma tribo supostamente primitiva. Como explicar tal fato? Tive que deixar de lado essa questão, pois na época outras atividades me preocupavam.

Aproximadamente dois anos mais tarde, em Londres, de repente fui tomado de irresistível impulso de investigar essa questão. Fui instigado a isso pela leitura dos extraordinários ensaios futuristas de Arthur C. Clarke, que havia conhecido então. Naquela época, nem sequer me lembrava do nome da tribo africana, por isso escrevi a Arthur Young a respeito. Em resposta, ele gentilmente

me enviou todo o capítulo que eu vira no African Worlds. Assim, em posse do conhecimento de que existia uma tribo, os chamados dogons, aos quais eu procurava, dirigi-me ao Royal Anthropological Institute para ver o que seria possível encontrar sobre essa tribo peculiar.

A bibliotecária ajudou-me a verificar as listagens do catálogo, mas havia um problema: tudo o que existia estava em francês e eu não sabia francês. Entretanto, perseverei na busca e encontrei um artigo listado que continha a palavra "Sírius" em seu título. A meu ver, era promissor (ainda que para mais ninguém). Solicitei uma cópia fotostática. Quando a retirei, uma semana depois (no começo de novembro de 1967), não consegui entender nada, é claro. Procurei então um profissional para fazer a tradução e paguei por ela. Finalmente, fui presenteado com o material em inglês — foi tão gratificante quanto eu desejava. Isso porque o artigo tratava exclusivamente da mais secreta de todas as tradições dos dogons, que os antropólogos Griaule e Dieterlen, depois de uma convivência de anos com eles, haviam conseguido extrair de quatro de seus sumos sacerdotes, e mesmo assim só depois de uma conferência sacerdotal especial entre a tribo e uma "decisão política" de revelar seus segredos a Mareei Griaule, o primeiro estranho em sua história a lhes inspirar confiança.

Todas as tradições mais secretas dos dogons se referem à estrela denominada pelos dogons em homenagem à menor semente que conhecem (ver Figura 1), cujo nome botânico é *Digitaria*, e que, portanto, é usada no artigo como o nome da estrela, em vez de seu nome dogon real, que é *põ*.

Seja como for, até nesse artigo que aborda exclusivamente o assunto, Griaule e Dieterlen só mencionam a existência real de uma estrela que realmente existe e que, segundo os dogons, age à maneira da planta *Digitaria*, em uma rápida nota de rodapé e com a breve observação: "Não foi solucionada, nem inquirida a questão, de como homens sem instrumentos à sua disposição poderiam conhecer os movimentos e certas características de estrelas raramente visíveis". Todavia, até ao dizer isso, os antropólogos davam indícios da nossa falta de conhecimento

astronômico, porque a estrela, Sírius B, em órbita de Sírius, não é de forma alguma "raramente visível". É totalmente invisível e só foi descoberta no século XIX, com o uso do telescópio. Conforme colocação de Arthur Clarke, em carta de 17 de julho de 1968, depois de sugerir que verificaria os fatos: "A propósito, Sírius B tem uma magnitude de quase 8 — ou seja, é bem invisível ainda que Sírius A não a encobrisse completamente". Somente em 1970, Irving Lindenblad do U.S. Naval Observatory tirou com êxito uma fotografia de Sírius B, reproduzida na Prancha 1.

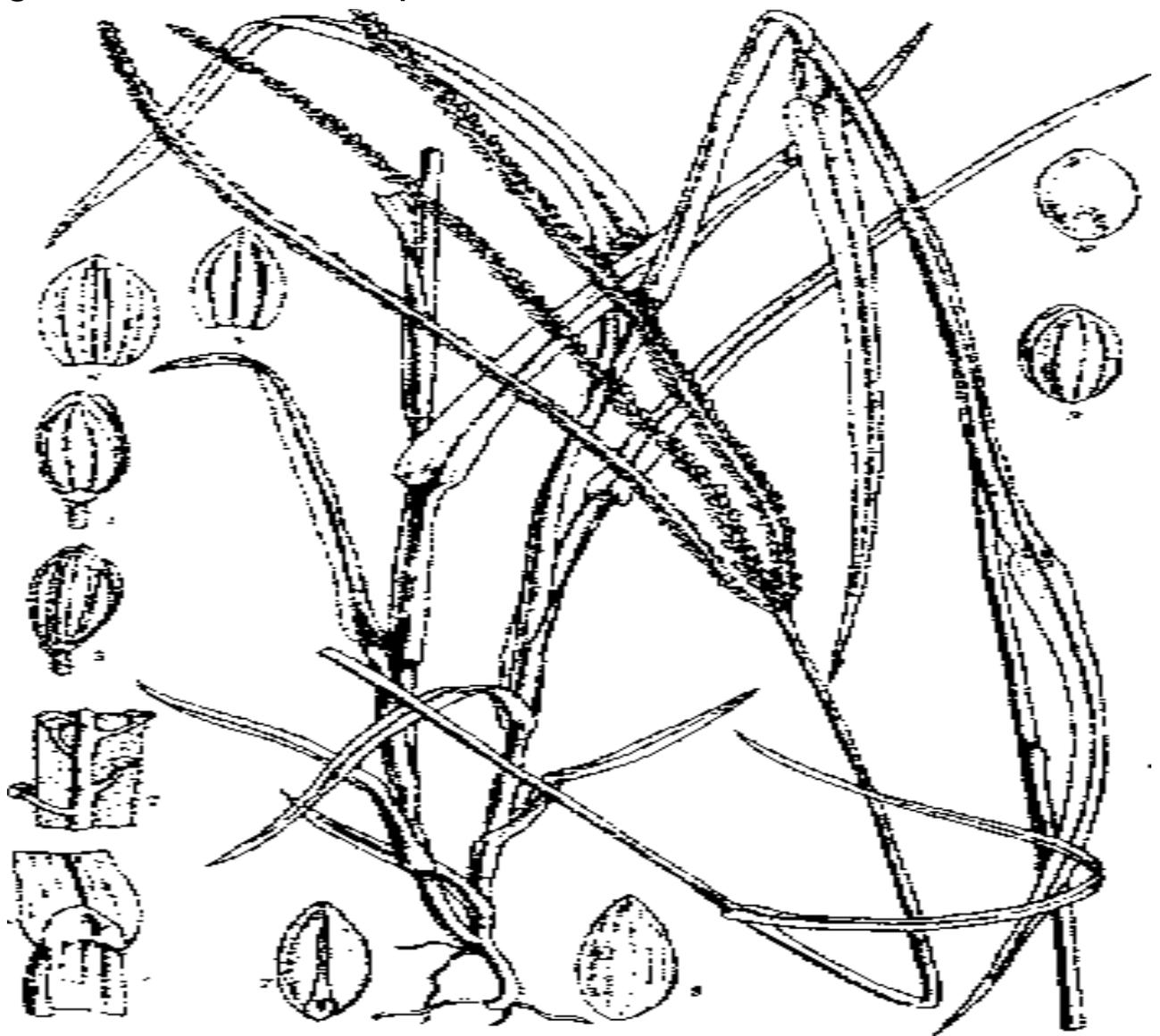


Figura I. A planta, cujo nome botânico em latim é *Digitaria exilis*.

Os dogons chamam-na de jonio. É uma gramínea cujas sementes são usadas como alimento, mas é muito localizada e só cresce no

oeste da África; não existe no leste da África. Sua semente é tão incrivelmente diminuta que os botânicos disseram a respeito: "Este grão liliputiano, descrito pelo sr. Clarke como uma semente de tamanho minúsculo..." No entanto, a despeito do tamanho minúsculo do grão, imensas quantidades dele são produzidas para alimento na região. Em 1976, o botânico relatou que 721 mil acres de jonio estavam sendo plantados anualmente no oeste da África na região "do Senegal ao Lago Chad" e que "os jonios eram cultivados em ampla escala, como cereais silvestres, antes que o painço peróla fosse domesticado. Seu crescimento como erva daninha é, com freqüência, incentivado nos campos de outras plantações, e produz uma safra bem antes do amadurecimento do painço pérola ou do sorgo... proporciona alimento durante os meses mais difíceis do ano". O jonio também é chamado de "arroz bravo" na região. O botânico holandês Henrard fala favoravelmente sobre seu sabor: "É um delicioso grão que serve de alimento e na opinião do sr. [Robert] Clarke,* se os grzofundi [outro nome do jonio dado por outras tribos além dos dogons] forem cultivados para serem exportados para a Europa, seria comprovado seu valioso acréscimo à lista de itens alimentares farináceos leves, em uso para pessoas fracas ou convalescentes". H. M. Burkill diz da planta: "Seu grão é um cereal de extrema importância, sendo o gênero alimentar principal de muitas tribos. Sua origem se perde na Antigüidade... Para os dogons, é a fonte de todas as coisas no mundo... O grão tem um sabor agradável, sendo considerado uma iguaria. Normalmente é moído e transformado em farinha, sendo consumido como molho, mingau ou papa, e temperado de várias maneiras. É de fácil digestão e serve como alimento para bebês... O grão geralmente é fermentado para produzir cerveja... A *Digitaria exilis* é importante para o mistério de Sírius por ser uma semente minúscula, talvez a menor existente, tendo sido escolhida pelos dogons como símbolo da estrela Sírius B, a qual, sendo uma estrela anã branca, a menor existente desse tipo, por ser composta de matéria "superdensa" — descrita no texto principal deste livro. Quando, no texto, faz-se referência à estrela *Digitaria* dos dogons, fala-se de Sírius B,

denominação recebida dessa tribo, pois a estrela é simbolizada pela menor semente conhecida por eles. A razão para que os dogons acreditem que a semente de Digitalia, seja a fonte de todas as coisas no mundo se deve à sua crença de que todas as formas de matéria foram emitidas por Sírius B — possível remanescente de um conceito de que a matéria, no Universo, é ejetada por explosão de supernovas que deixam para trás, como restos da estrela original, as anãs brancas, como Sirius B.

No artigo que obtive no Royal Anthropological Institute, Griaule e Dieterlen registraram que os dogons disseram que a órbita da estrela Digitalia em torno de Sírius levava cinqüenta anos para se completar. Não tardei a pesquisar Sírius B e a descobrir que seu período orbital em torno de Sírius era de fato de cinqüenta anos. Sabia agora que estava realmente na direção certa. E a partir daquele momento, estive imerso na tentativa de chegar a resolver completamente esse mistério.

Tenho diante de mim uma carta de Arthur Young, datada de 26 de março de 1968, em resposta ao meu artigo inicial chamado "A Questão de Sírius". Ele diz na carta: "Estou fora dessa. Ouvi falar por intermédio de Harry Smith, com quem você já se encontrou". De fato, eu havia me encontrado, mais de uma vez, com Harry Smith na casa de Arthur, na Filadélfia. Arthur e eu, muitas vezes, empenhamo-nos em discussões a seu respeito: era uma pessoa que não me interessava muito, mas Arthur o apreciava e sempre dizia que ele era útil. Harry Smith deu a Arthur a cópia datilografada de uma tradução do livro de Griaule e Dieterlen sobre os dogons, *Le Renard Pâle (A Raposa Pálida)*, feita por Mary Beach (de quem nunca ouvira falar; não é essa a tradução que publiquei certa vez: veja Bibliografia). Foi por isso que Arthur conseguiu enviar-me a tradução, uma vez que eu não lia o francês do original. Essa mesma cópia me foi roubada por um americano associado à CIA, que lançou mão de um artil bastamente elaborado e de abuso de confiança com uma audácia admirável: ele a pediu emprestada por uma noite para tirar uma cópia, dizendo que a devolveria no dia seguinte logo cedo. Mas, na manhã seguinte, nem sinal dele; então fui à sua procura no apartamento alugado

onde havia se hospedado. Encontrei a porta escancarada e o apartamento totalmente vazio. Perguntei ao vizinho o que havia acontecido e ele então me contou que o homem havia mudado, e partira em um vôo para a Califórnia ao amanhecer. Nunca mais ouvi falar dele; foi uma tentativa muito clara de sabotagem do meu trabalho. Sabia que ele tinha amizade com um autor conhecido, que vivia na América; telefonei para o homem e me queixei do roubo do manuscrito, pedindo-lhe então que me ajudasse em sua recuperação. Ele me insultou virulentamente com um linguajar muito grosseiro, além de me dizer que o roubo era justificado. Fiquei perplexo ao saber, mais tarde, que ele também havia sido funcionário dos serviços de segurança. Comecei a perceber onde se encontravam alguns dos meus inimigos! Mas isso aconteceu no início da década de 1970. Voltemos ao relato cronológico.

Arthur C. Clarke foi extremamente prestativo durante os meses seguintes. Escrevia-me do Sri Lanka e ia a Londres ao meu encontro com certa freqüência, e então discutíamos, sem problemas, os inúmeros fatos misteriosos ao redor do mundo, abordados no livro *Chariots of the Gods* (Carruagem dos Deuses) e nas obras em seqüência, do autor suíço-germânico Erich von Däniken, que desde sua publicação lhe haviam conferido proeminência. (Ninguém no mundo de língua inglesa, nessa época, ouvira falar em von Däniken.)* Arthur Clarke sempre me apresentava a um ou outro professor interessante — cada qual com o seu mistério favorito. Derek Price Avalon Professor de História da Ciência da Universidade de Yale, descobrira a verdadeira natureza do hoje famoso computador mecânico de aproximadamente 100 a.C, descoberto em um naufrágio em Anti-Citera, na virada do século XX, e ao qual só se deu valor depois de quebrar, ao cair no chão, em Atenas, quando então viram de que se tratava. Ele também havia descoberto traços de matemática da Babilônia em Nova Guiné e abordara extensamente o "naufrágio de Raffles".

* Erich von Däniken começou a corresponder-se comigo em 22 de

abril de 1976, depois de ler o meu livro. Ele me escreveu, dizendo: "Com grande entusiasmo, li o seu livro O Mistério de Sírius. Gostaria de parabenizar o senhor por essa obra-prima... Algo que se desconhece entre os círculos científicos é o fato de que há muito tempo, em 1959/1960/1964 e 1965, escrevi vários artigos sobre o assunto [de visitantes extraterrestres] publicados em vários jornais (para sua informação, estou anexando uma cópia de um desses antigos artigos)". Ele anexou cópia fotostática de um artigo de sua autoria na Alemanha, publicado em 1964. Meu comentário original de que ninguém ouvira falar de von Däniken, nessa fase, é, portanto, errôneo, porque no mundo de língua alemã ele já escrevia sobre visitantes extraterrestres para os jornais.

Depois, foi o dr. Alan McKay, um cristalógrafo da faculdade de Birkbeck na Universidade de Londres, que se interessava pelo Disco de Faistos de Creta, em uma misteriosa liga de metal encontrada em uma tumba chinesa e nas regiões selvagens do rio Oxus. Descobri que pessoas como essas, encontradas em cada esquina, desviavam-me rapidamente da minha verdadeira busca, distraído por esses enigmas resplandecentes.

Por isso, abandonei todos esses mistérios, determinado que estava a me concentrar profundamente em decifrar o quebra-cabeça concreto e difícil, com o qual me havia deparado inicialmente: como os dogons tinham conhecimento de coisas tão extraordinárias?

É importante que esses estranhos dados sejam apresentados ao público em ampla escala. Como a aprendizagem se libertou da tirania de alguns poucos, abrindo-se ao público em geral, em primeiro lugar pela invenção da imprensa e, na atualidade, pelos meios de comunicação modernos e proliferação em massa de livros e periódicos; posteriormente se deu pela "revolução do livro de bolso", e nos dias de hoje a revolução da internet é cada vez mais explosiva: qualquer idéia segue adiante e lança as sementes necessárias nos intelectos ao redor do mundo, sem a intermediação de qualquer painel de aprovação ou a filtragem de opiniões com base em visões do que atualmente é aceito por um círculo de mentes obsoletas.

Como é difícil lembrar que nem sempre foi assim. Não causa admiração, então, que, antes de tudo isso ser possível, existiam tradições secretas de sacerdotes que, durante séculos, foram transmitidas oralmente em cadeias ininterruptas, cuidadosamente conservadas, para que nenhuma censura delas se apoderasse, e assim a mensagem se perdesse. Na era moderna, pela primeira vez, as tradições secretas podem ser reveladas sem o risco de serem extintas no processo. Quem sabe os dogons venham a perceber algo de tudo isso, quando, mediante algum instinto poderoso, e após confabulação de seus sumos sacerdotes, tomem a decisão de dar um passo sem precedentes, tornando público

seus mais altos mistérios? Eles sabiam que podiam confiar nos antropólogos franceses, por isso, quando Mareei Griaule morreu, em 1956, aproximadamente 250 mil membros tribais compareceram em massa ao seu funeral em Mali; tributo prestado a um homem a quem reverenciavam como grande sábio — o equivalente a um de seus mais altos sacerdotes. Tal reverência deve indicar um homem extraordinário em quem os dogons implicitamente acreditavam. Não há dúvida de que devemos às qualidades pessoais de Mareei Griaule a descoberta das tradições sagradas dos dogons. Hoje é possível rastrear essas tradições até o antigo Egito e elas parecem revelar um contato, no passado distante, entre nosso planeta Terra e uma raça adiantada de seres inteligentes de outro sistema planetário a vários anos-luz de distância no espaço. Se houver outra resposta ao mistério de Sírius, pode ser até mais surpreendente que essa. Mas certamente não será insignificante.

Não nos causará surpresa que existam outras civilizações em nossa galáxia e em todo o Universo. Mesmo que nos próximos anos se venha a descobrir que a explicação do mistério de Sírius é algo totalmente diferente, é preciso lembrar que esse mistério servirá para nos ajudar a especular seguindo linhas adequadas e necessárias, abrindo nossas mentes, naturalmente preguiçosas, incentivando-as a ir mais além na importante questão das civilizações extraterrestres que certamente devem existir.

No momento, somos como peixes em um aquário, ou seja, de vez em quando saltamos da água, quando nossos astronautas surgem nas alturas. Há muito tempo, o público aborreceu-se com a exploração espacial, antes mesmo que ela começasse de maneira apropriada. Descobrimos que os congressistas precisam de contínuas injeções de "resgates espaciais" e "intervalos entre satélites" em suas cansadas correntes sangüíneas, como verdadeiras doses de heroína, para servirem como estímulo, tirando-os de seu horrível estado de letargia, e assim votarem fundos para os programas espaciais que muitos consideram uma chateação, nada estimulante e desprovidos de suspense.

O impacto psicológico das fotografias da Terra, feitas do espaço,

um orbe belo e gigantesco repousando no nada, com nuvens que parecem pérolas e um mar brilhante, passou a enviar ressonâncias para os longos corredores de nossas imensas psiques entorpecidas. A humanidade empenha-se, sem notar, na percepção nova e inegável de que todos fazemos parte desse jogo. Estamos empoleirados nesse globo suspenso sobre o vácuo aparente, somos constituídos por átomos e, acima de tudo, somos as únicas criaturas realmente inteligentes que conhecemos diretamente. Em síntese, estamos sós, com todas as implicações fratricidas dessa tensa situação. Na atualidade, as explorações de Marte prometem conduzir-nos aos nossos sentidos, redespertando a sensação de pavor e maravilha com relação ao espaço — imediatamente. Por fim, estamos explorando outro planeta, ainda que por controle remoto, e o futuro pode começar.

Mas, ao mesmo tempo, a conclusão inevitável que se segue é que a nossa lentidão em perceber tais coisas começa também a fazer algum progresso. O número de pessoas excepcionais (com inteligência excepcional ou insanas) já supera o de algumas poucas que percebem que, assim como estamos sentados em cima do planeta, envolvidos em lutas intestinas, por falta de distração melhor, é possível também que existam muitos outros planetas pelo Universo, onde seres igualmente inteligentes estão sentados, como nós, sofrendo as conseqüências dos próprios erros; ou então eles já saíram de sua casca para estabelecer contato com outros seres inteligentes de outros planetas. E se tudo isso estiver acontecendo de fato, em todo o Universo, talvez não tarde muito para nos unirmos aos nossos companheiros de outras partes — criaturas vizinhas de outras estrelas, no imenso vácuo que gera planetas, sóis e mentes.

Durante anos, pensei que essas organizações, que investem milhões de dólares pela "paz" e procuram descobrir o que há de errado com a natureza humana a ponto de favorecer algo tão perverso quanto um conflito, deviam doar todo o seu tesouro aos programas espaciais e à pesquisa astronômica. Em vez de realizar seminários sobre "pesquisa de paz", devíamos construir mais telescópios. A resposta para a pergunta, "A humanidade é

perversa?", será bem conhecida, se fizermos uma auto-avaliação, comparando-nos com outras espécies inteligentes, segundo uma escala diversa da que nos deixa inflados de ar.

Por enquanto, lutamos contra oponentes imaginários e perseguimos fantasmas... As respostas encontram-se em algum lugar lá fora, em outras estrelas e em outras raças de seres. Só fazemos compor nossas neuroses, quando nos tornamos mais introspectivos e até narcisistas. É preciso olhar para fora. Ao mesmo tempo, é claro, devemos lançar um olhar inflexível ao nosso passado. Seguir em frente, sem a concepção de onde estivemos um dia, não faz absolutamente nenhum sentido. Existe ainda a probabilidade de se descobrir os mistérios ligados às nossas origens. Por exemplo, o resultado de uma de minhas pesquisas, iniciada de maneira muito inofensiva, sobre uma tribo africana, demonstra a possibilidade de que a civilização, tal como a conhecemos, foi, primeiramente, uma importação de outra estrela. As culturas vinculadas do Egito e da Suméria, na área do Mediterrâneo, simplesmente surgiram do nada. Isso não quer dizer que não havia outros povos antes deles. Sabemos da existência de inúmeros povos, mas não encontramos traços de civilização adiantada. E povos e civilização são coisas muito diferentes. Servem como exemplo as palavras do falecido professor W. B. Emery em seu livro, *Archaic Egypt* (Egito Arcaico):

Em um período de aproximadamente 3.400 anos antes de Cristo, ocorreu uma grande mudança no Egito, e o país passou rapidamente de um estado de cultura neolítica adiantada, com um caráter de complexo tribal, para monarquias bem organizadas; uma das quais compreendia a área do Delta e a outra o próprio vale do Nilo. Ao mesmo tempo, surge a arte da escrita, arquiteturas monumentais, com o desenvolvimento das artes e dos artesanatos a um grau surpreendente, assim como de todos os pontos de evidências sobre a existência de uma civilização bem organizada e até luxuosa. Tudo isso foi alcançado em um período de tempo relativamente curto, pois aparentemente houve pouco ou nenhum antecedente para esses desenvolvimentos fundamentais na escrita e na arquitetura.

Ora, com ou sem a suposição da invasão de um povo adiantado no Egito que trouxe consigo a sua cultura, permanece o fato de que, recuando a esse período da história, defrontamo-nos com tantas imponderáveis que seria muito difícil afirmar algo com certeza. O que se sabe realmente é que a passagem dos povos primitivos para as civilizações florescentes e opulentas foi abrupta. A luz da evidência relativa à questão de Sírius, assim como a outras evidências provenientes de outros autores, ou a serem ainda obtidas, deve-se admitir como séria possibilidade que a civilização deste planeta deva algo à visita de seres extraterrestres adiantados. Não é necessário postular discos voadores, ou mesmo deuses em trajes espaciais. Minha intuição diz que esse assunto, até agora, não foi tratado de maneira suficientemente sofisticada. Mas em vez de adentrarmos o campo da mera especulação sobre a descida de extraterrestres, etc, voltemo-nos para as evidências que indiquem, ao menos, que eles talvez estiveram por aqui. Na Parte Três, examinaremos alguns pormenores e indícios de que os visitantes extraterrestres de Sírius tenham sido criaturas anfíbias que precisam viver em ambiente aquático. Mas tudo isso é especulação; um terreno traiçoeiro. A política que sempre adotei, além de ser uma inclinação pessoal, é a de me apegar apenas a fatos concretos. Verificaremos a solidez dos fatos, à medida que avançarmos, e que a história é muito estranha para aquele momento. Como de hábito, a verdade tem se comprovado mais estranha que a ficção. Recomenda-se ao leitor que veja na Parte Três deste livro algumas "especulações desenfreadas".

O livro propõe agora uma pergunta. Não apresenta, sugere apenas uma resposta. Na Parte Um, a questão é apresentada em sua forma original e, na Parte Dois, é reformulada. Mas, em parte nenhuma, é respondida com certeza. As melhores perguntas são aquelas que, muitas vezes, ficam por muito tempo sem resposta, conduzindo-nos a novos caminhos de raciocínio e experiência. Quem sabe onde o mistério de Sírius nos levará, afinal? Mas vamos acompanhá-lo por enquanto. Será, no mínimo, uma aventura...

Capítulo Dois

O Conhecimento dos Dogons

Quando se olha para o céu, a estrela mais brilhante divisada é Sírius. Vênus e Júpiter algumas vezes são mais brilhantes, mas não são estrelas, são planetas que giram em torno do nosso sol, também uma estrela. Mas nenhum astrônomo dirá que há uma razão particular para existir vida inteligente na área de Sírius. A razão para Sírius ser tão brilhante é o fato de ser grande e próxima, maior que o sol e com uma porção de outras estrelas próximas. Todavia, um astrônomo inteligente dirá que talvez as estrelas Tau Ceti ou Epsilon Eridani, bastante semelhantes ao nosso sol, possuam planetas com vida inteligente. Seria uma boa hipótese. Porém, entre as estrelas discutidas com mais frequência e que possivelmente abriguem vida inteligente, Sírius não está incluída. Esta não é uma opção particularmente "óbvia".

O Projeto Ozma na primavera de 1960 e, em anos mais recentes, outras buscas de vida inteligente no espaço por rádio ouviram significativos sinais provenientes das estrelas Tau Ceti e Epsilon Eridani, contudo, nada foi detectado. Isso não prova nada, mas essas duas estrelas próximas foram consideradas sensíveis, por alguns astrônomos, como possíveis locais com vida inteligente em nossa vizinhança espacial. O Projeto Ozma só fez a escuta dessas duas estrelas para verificar se os sinais enviados tinham certo comprimento de onda, em um dado momento, e também a quantidade de energia por trás deles. Nada aconteceu. Mais tarde, essas tentativas foram ampliadas um pouco mais e, de forma mais realista, o seu âmbito; porém os astrônomos sabiam muito bem que valsavam no escuro, e seus esforços foram realmente considerados e descritos como verdadeiras bravatas, em face das enormes probabilidades. Não era possível ter a certeza de que estavam no caminho certo, mas faziam o que podiam e da melhor forma possível. A partir de então, o Projeto Ozma, com seu radiotelescópio gigante, localizado em Arecibo, Porto Rico, e o maior do mundo, tem realizado a escuta seletiva de diversas estrelas — mas não de Sírius. O autor tem a esperança de que a

evidência apresentada por este livro seja suficiente para incentivar uma investigação astronômica sobre o sistema de Sírius, mais minuciosa que as até então realizadas, elaborando pesquisas embasadas nos estudos de Irving Lindenblad. Acredito ainda que deveria ser instituído um programa com um rádio-telescópio maior para proceder à escuta do sistema de Sírius para detectar indicações de quaisquer sinais de vida inteligente.

No momento, a base de especulações sobre vida inteligente no espaço sempre incluirá a possibilidade de que alguma sociedade evoluída, de alguma parte do Universo, já tenha feito contato com a vida em nosso planeta. É essa possibilidade de contato de nosso planeta com uma cultura aparentemente da área de Sírius que será discutida neste livro. Parece haver substancial evidência de que em um passado relativamente recente — possivelmente entre 7 mil e 10 mil anos atrás — isso tenha acontecido e qualquer outra interpretação da evidência não parece fazer muito sentido.

Antes de abordar a evidência, gostaria de discorrer um pouco mais sobre Sírius. Em meados do século XIX, um astrônomo que, com dificuldade, observava Sírius por algum tempo, acabou aborrecendo-se porque tal estrela não permanecia imóvel. Ela oscilava. O astrônomo passou um bom tempo refletindo a respeito e, por fim, concluiu que somente uma estrela pesada e maciça, que girasse em torno de Sírius poderia causar tal oscilação. O único problema é que não havia uma grande estrela orbitando Sírius! Pelo contrário, e a não ser que se houvesse transformado em uma coisa minúscula, completando sua órbita a cada cinquenta anos, existiria uma estrela que veio a ser chamada Sírius B, e assim Sírius passou a ser Sírius A.

O astrônomo Johann Friedrich Bessel, em 1834. Pouco antes de sua morte, em 1844, ele decidiu que Sírius deve ser um sistema binário. Em 1862, o americano Alvan Clark, observando pelo maior telescópio existente na época, viu um débil ponto de luz no local onde deveria estar Sírius B, confirmando sua existência. Em 1915, o dr W. S. Adams do Mt. Wilson Observatory fez as necessárias observações para saber qual era a temperatura de Sírius B, que é de 8.000°, quase duas vezes superior à de nosso sol. Então

passou-se a notar que Sírius B era um estrela intensamente quente que irradiava três ou quatro vezes mais calor e luz por pé quadrado que o nosso sol. Assim, foi possível calcular o tamanho de Sírius B, que tem somente três vezes o raio da Terra, contudo sua massa é um pouco menor que a de nosso sol. Uma teoria de anãs brancas foi desenvolvida então para explicar Sírius B, e outras anãs brancas foram descobertas posteriormente.

Naquela época, Sírius B era a única estrela do tipo, no Universo, de que se tinha notícia. Mais de uma centena desses corpos celestes se dispersaram realmente pelo céu, podendo existir milhares, invisíveis, apesar de nossos modernos telescópios, pois são muito pequenos e sua luz é muito fraca. São as chamadas anãs brancas.

As anãs brancas são estranhas por, ao mesmo tempo, serem fracas e fortes. Não distribuem muita luz, mas são fantasticamente poderosas em termos gravitacionais. Em uma anã branca nós não teríamos sequer uma fração de polegada de altura. Um pé cúbico de matéria de Sírius B pesaria 2 mil toneladas. Uma caixa de fósforo, cheia de matéria dessa estrela, pesaria uma tonelada e um quarto. Só que uma caixa de fósforo cheia do núcleo da estrela pesaria aproximadamente cinqüenta toneladas. A estrela é 65 mil vezes mais densa que a água, ao passo que o nosso Sol tem uma densidade aproximadamente igual à da água. A "grande" estrela necessária para provocar a oscilação de Sírius se transformou em uma coisa minúscula, mas ainda é tão maciça e pesada quanto uma estrela comum de tamanho muito maior. Em síntese, é uma estrela tão densa e compacta que nem mesmo é constituída por matéria regular. É constituída pela chamada matéria "degenerada" ou matéria "superdensa", na qual os átomos são pressionados entre si e os elétrons, comprimidos. Essa matéria é tão pesada que não é possível pensar a respeito em quaisquer termos familiares. Não existe nada em nosso sistema solar, de nosso conhecimento, comparável a essa matéria. Contudo, os físicos têm-na considerado em teoria e, no século XX, algum progresso foi feito em sua compreensão.

Alguns astrônomos até afirmaram que o sistema de Sírius possui uma Sírius C, ou uma terceira estrela. Fox afirmou ter visto a estrela em 1920 e em 1926, 1928 e 1929, sendo também supostamente observada por Van den Bos, Finsen e outros no Union Observatory. Mais tarde, entretanto, quando deveria ter sido vista, isso não aconteceu. Zagar e Volet disseram que a estrela estaria lá em virtude da oscilação que a punha em evidência. E, como vimos no Capítulo Um, Benest e Duven, em 1995, confirmaram a existência da terceira estrela.

O extenso estudo sobre o sistema de Sírius, efetuado por um astrônomo, foi realizado por Irving W. Lindenblad, do US Navy Laboratory, em Washington, DC. Nós nos correspondíamos e ele me enviava suas publicações (as últimas apareceram em 1973) e também a fotografia da Prancha 1, tirada em 1970 após vários anos de preparação, sendo essa a primeira fotografia da estrela Sírius B, que aparece como um ponto minúsculo perto da principal, Sírius A, dez mil vezes mais brilhante.

O feito de Lindenblad, tendo êxito em obter uma foto, é descrito em "Notas das Pranchas". Ele estudou o sistema de Sírius por sete anos sem encontrar evidências de uma terceira estrela, Sírius C. Ele diz: "Não existe uma evidência astrométrica, portanto, de uma companheira próxima de Sírius A ou B". Outro astrônomo, D. Lauterbom, persistiu em sua crença — corretamente, como se sabe — de que havia uma terceira estrela no sistema de Sírius.

É possível verificar que o sistema de Sírius é muito interessante e complicado. Só no século XX, houve progresso no conhecimento sobre matéria degenerada e anãs brancas por intermédio de pesquisas em física nuclear. Portanto, é surpreendente que alguém, sem dispor de nossa ciência moderna, tenha mais conhecimento sobre o sistema de Sírius, não é?

A seguir, citação de passagem da obra *Intelligent Life in the Universe* (Vida Inteligente no Universo), de Carl Sagan e I. S. Shklovskii.

Em um capítulo muito razoável, chamado "Possíveis Conseqüências do Contato Direto", diz Sagan:

[Na questão da evolução humana], ainda que difícil para nós fazer uma reconstrução a partir de uma distância de milhões de anos, teria sido muito mais evidente que uma civilização com tecnologia muito avançada, em relação à existente hoje na Terra, tivesse nos visitado a cada cem mil anos, ou então para ver se algo interessante andou acontecendo ultimamente. Há cerca de 25 milhões de anos, uma nave de inspeção galáctica em visita de rotina ao terceiro planeta de uma estrela anã G, relativamente comum [nosso Sol] pode ter notado um desenvolvimento evolutivo interessante e promissor: o Procônsul [o ancestral do homo sapiens, ou o homem moderno]. A informação teria chegado com a velocidade da luz, lentamente pela Galáxia, e uma anotação teria sido feita em algum repositório central de informações, talvez o centro galáctico. Se o surgimento de vida inteligente em um planeta é de interesse científico geral, ou outro interesse, para as civilizações galácticas, é razoável que, com o surgimento do Procônsul, o índice de amostragem de nosso planeta tenha aumentado, talvez na proporção de uma vez a cada dez mil anos. No início da época pós-glacial mais recente, o desenvolvimento da estrutura social, arte, religião e habilidades técnicas elementares deve ter aumentado ainda mais o contato. Porém, se o intervalo entre cada amostragem for de apenas vários milhares de anos, existe então a possibilidade de que o contato com uma civilização extraterrestre tenha ocorrido em tempos históricos.

Este é um prelúdio muito interessante para a nossa própria história e acredito que a atitude de Sagan e Shklovskii seja uma verdade geral de todo o credo astronômico. Rígido e pessimista de fato deve ser o astrônomo que duvida seriamente da possível existência de incontáveis civilizações inteligentes espalhadas em todo o Universo, em outros planetas que orbitam outras estrelas. A postura que afirma ser o homem a única forma de vida inteligente no Universo é intoleravelmente arrogante, embora em 1950, por exemplo, isso provavelmente fosse comum. Mas quem conserva essa opinião hoje é, felizmente para os que gostam de ver algum progresso nas concepções humanas, uma espécie de aberração intelectual equivalente à crença na Teoria da Terra Plana.

O dr. Melvin Calvin, do Departamento de Química da Universidade da Califórnia, em Berkeley, disse: "Existem, pelo menos, cem milhões de planetas no Universo visível que foram, ou são, muito semelhantes à Terra... isso certamente significa que não estamos sós no Universo. Considerando-se que a existência do homem sobre a terra não ocupa mais que um instante do tempo cósmico, sem dúvida a vida inteligente progrediu muito além de nosso nível em alguns desses cem milhões de planetas".

O dr. Su-Shu Huang do Goddard Space Flight Center, em Maryland, escreveu: "... planetas formaram-se ao redor da principal seqüência de estrelas do tipo espectral depois de F5. Assim, os planetas são formados exatamente onde a vida tem mais chances de florescer. Com base nessa visão, é possível a previsão de que nos planetas de quase todas as estrelas simples, da principal seqüência abaixo de F5, e talvez acima de K5, existe chance razoável de haver condições de vida. Como eles compõem uma pequena porcentagem de todas as estrelas, a vida realmente deveria ser um fenômeno comum no Universo".

O dr. A. G. W. Cameron, professor de Astronomia na Universidade de Yeshiva, discutiu as estrelas Tau Ceti e Epsilon Eridani, consideradas os dois mais prováveis locais para a vida inteligente em nossa vizinhança imediata no espaço (a cinco "parsecs" de nós; um parsec é uma unidade de distância sideral). Disse ele então: "Mas existem cerca de vinte e seis outras estrelas simples, de massa menor dentro dessa distância, cada qual com uma comparável probabilidade de possuir um planeta com condições de vida segundo a presente análise".

O dr. R. N. Bracewell do Radio Astronomy Institute, da Universidade de Stanford, disse:

Assim como existe cerca de um bilhão de estrelas em nossa galáxia, o número de planetas seria cerca de 10 bilhões... Ora, nem todos seriam habitáveis; alguns seriam muito quentes e outros muito frios, dependendo da distância em que se encontram de sua estrela central; de modo que, no todo, só é preciso estarmos atentos aos planetas situados em posição semelhante à

de nossa Terra com relação ao sol. Consideremos que uma situação assim está no âmbito de uma zona habitável.

Isso não implica que não se encontre vida fora da zona habitável. Pode muito bem haver seres vivos sob as mais árduas condições físicas.

... Após a eliminação dos planetas congelados e dos esterilizados pelo calor, fazemos uma estimativa de que exista cerca de 10 prováveis planetas na galáxia [de ter vida].... Dos 10 prováveis planetas, francamente não sabemos quantos possuem condições de vida inteligente. Portanto, exploramos todas as possibilidades, começando com a de que a vida inteligente seja abundante e de fato ocorra em praticamente cada planeta. Nesse caso, a distância média de nossa comunidade inteligente para uma seguinte seria de dez anos-luz. Em comparação, a estrela mais próxima, de qualquer tipo, está a uma distância de um ano-luz.

Dez anos-luz é uma distância muito grande. Um sinal de rádio levaria dez anos para cobrir essa distância... Conseqüentemente, a comunicação com alguém a dez anos-luz de distância não seria como uma conversa telefônica... e temos a certeza de que é possível enviar um sinal de rádio a uma distância tão grande como dez anos-luz? Uma resposta definitiva pode ser dada a essa pergunta.

Desnecessário continuar enumerando citações de cientistas e astrônomos notáveis em apoio à possibilidade de vida inteligente no espaço, visto que a situação atualmente é óbvia. Probabilidades contrárias à vida inteligente ocorrem com razoável freqüência, dentro de nossa galáxia, como impossíveis. Uma vez estabelecido isso, resta ainda outro fator: em nossa própria história, o desenvolvimento tecnológico tem sido rápido no âmbito de um curto espaço de tempo. Era comum, aos membros mais idosos da nossa espécie que, em sua juventude, não houvesse aviões, automóveis, foguetes, satélites, eletricidade, rádio, bombas atômicas, computadores ou internet. As pessoas morriam de doenças que hoje nem são levadas a sério, o indivíduo com dor de

dente não disporia de um tratamento dentário moderno, o conceito de higiene elementar era uma novidade. Não estou aqui recitando todos esses "milagres" simplesmente como um ritual de encantamento ao nosso novo deus do progresso. O ponto em questão é a repentina e inflamável natureza desse tipo de progresso. Tudo isso pode acontecer durante o ciclo de vida de um só indivíduo.

O "ponto de decolagem" é provavelmente um fenômeno universal. As sociedades inteligentes em todo o Universo provavelmente já o experimentaram, ou estão prestes a fazê-lo. Hoje, o ciclo de vida de uma só pessoa não tem importância, na grande escala universal de tempo, para o desenvolvimento de civilizações, sem mencionar a formação dos planetas. Portanto, qualquer sociedade mais adiantada que a nossa por certo deve estar em adiantamento muito maior. Depois de chegar ao seu ponto de decolagem, as sociedades inteligentes avançam com tanta rapidez na escala da competência tecnológica que uma comparação entre estas e as sociedades não tecnológicas é quase absurda. Seria uma tolice supor que qualquer sociedade mais adiantada que a nossa estivesse apenas alguns anos à nossa frente. O mais provável seria estar a cerca de dezenas de milhares de anos à frente. E a tecnologia, bem como a natureza de tal sociedade, ultrapassaria nossas habilidades além do imaginável. As sociedades inteligentes existentes no Universo seriam, então, de dois tipos: menos avançadas que as nossas, "primitivas", e fantásticamente mais avançadas que as nossas, "mágicas". Para atingir o ponto de nosso desenvolvimento atual, na linha divisória entre o "primitivo" e o "mágico", é um evento tão raro na história universal que talvez sejamos a única sociedade inteligente em toda a galáxia, neste momento, a experienciar esse estágio de evolução. Portanto, deveríamos sentir-nos privilegiados em testemunhar tal fato. É claro, a natureza do tempo surge novamente trazendo a impossibilidade de se falar com sensatez sobre a simultaneidade na galáxia. Não obstante, há ainda outro tema, que talvez seja ignorado aqui.

Alguns raciocínios adicionais seguem-se às observações

anteriores. Admitindo-se que existam duas formas de sociedade no Universo, além de nosso próprio estágio bizarro de transição, as sociedades "primitivas" são obviamente as únicas que interessam às mais adiantadas que a nossa, por serem incapazes de se comunicar com as demais. Elas são como nós éramos há apenas cem anos: provincianos, quietos, provavelmente quase homicidas e satisfeitos; só ocasionalmente apareceria um visionário que seria queimado na fogueira, ou crucificado, provocando agitação moral. Mas não podem enviar nem receber mensagens entre as estrelas. Em nosso estágio de transição, com suficiente capacidade, podemos receber tais mensagens com o equipamento existente, contudo não teríamos condições de enviá-las, a não ser que sejam construídos meios dispendiosos e especiais para tanto. Ora, isso significa que só as sociedades que realizam o diálogo interestelar de algum tipo são as sociedades "mágicas". Essas sociedades podem ser tão avançadas que provavelmente mantêm as sociedades primitivas que estão emergindo "sob controle de gravação". Por certo, dispõem de séries padronizadas de procedimentos para lidar com sociedades semelhantes às nossas, e talvez já tenham iniciado suas atividades, com o objetivo de longo alcance de nos levar para o seu clube. Contudo, da mesma forma que desagradaria a um cavalheiro dos clubes londrinos levar um selvagem para o seu clube, com sua tanga, empunhando uma lança e setas envenenadas, o clube interestelar provavelmente não nos introduziria em seus circuitos como um membro coberto de plumas.

Mas quero dizer com isso que não basta simplesmente dar ao leitor a impressão da probabilidade de existência de uma hierarquia social no clube interestelar de qualquer galáxia, pelo menos no sentido de fazer restrições a novatos, para salientar a importância de todo o cenário. E a questão é que sociedades muito adiantadas possivelmente se desenvolveram a um tal grau de capacidade tecnológica que a viagem interestelar se tornou possível, permitindo-lhes transportar-se fisicamente a distâncias interestelares de alguns anos-luz até seus vizinhos mais próximos. E se for esse o caso, então o nosso próprio planeta, que seria

considerado por qualquer astrônomo extraterrestre debilóide de nossas vizinhanças um lugar provável para a existência de vida, certamente já recebeu as visitas físicas de extraterrestres em viagem. Isso pode ter acontecido a qualquer momento ao longo da história de nosso planeta. Sem dúvida, no mínimo, nossos distantes ancestrais, os homens da caverna, foram observados por sondas extraterrestres, que os teriam feito notar que algo estava acontecendo neste planeta. É como Sagan e Shklovskii dizem, nesta citação de seu livro: "É razoável que ... o índice de amostragem de nosso planeta tenha aumentado, talvez na proporção de uma a cada dez mil anos... Porém, se o intervalo entre cada amostragem for de apenas vários milhares de anos, existe então a possibilidade de que o contato com uma civilização extraterrestre tenha ocorrido em tempos históricos".

Se assim aconteceu, isso certamente causou algum impacto sobre o homem, incorporando-se de alguma forma, a suas tradições. Mas, se vários milhares de anos decorreram entre essa época e a presente, a maior parte dos traços do impacto sobre a cultura humana pode ter se dissipado e, ao que parece, seria quase impossível elucidar esses fatos. A menos que se descubra a existência de alguns remanescentes específicos e inequívocos, em circunstâncias provavelmente incomuns, a esperança de reconstituir pistas e fragmentos dispersos da tradição original seria em vão. Todavia, parece certo que existe algo, desde que se encontrasse a chave da questão.

Retornemos à continuação da passagem de Sagan e Shklovskii para as sugestões de como a reminiscência de um contato extraterrestre pode ter sido preservada a partir da pré-história ou dos tempos históricos na Terra, pela comparação com uma história verificável do contato do francês com certos índios americanos, em 1786, segundo relato feito pelo moderno antropólogo na forma de um mito tribal:

Não existem relatos confiáveis sobre o contato direto com uma civilização extraterrestre nos últimos séculos, quando um raciocínio estudioso crítico e sem superstições foi bastante difundido. A

história de um contato primitivo pode estar comprometida, até certo ponto, por algum embelezamento fantasioso, simplesmente em razão das visões prevalentes na época. O grau em que a subsequente variação e embelezamento modificam a estrutura básica do relato é variável de acordo com o tempo e as circunstâncias. [Um exemplo] relevante ao tópico em foco é a narrativa dos nativos sobre o primeiro contato com o povo Tlingit da costa nordeste da América do Norte com a civilização europeia — uma expedição dirigida pelo navegador francês La Perouse em 1786. Os tlingit não tinham registros escritos; um século depois do contato, a narrativa verbal do encontro foi feita a um antropólogo americano, G. T. Emmons, por um dos principais chefes tlingit. A história foi sobreposta pela estrutura mitológica de sua interpretação inicial dos navios franceses. Mas é bastante surpreendente que a verdadeira natureza do encontro foi fielmente preservada. Um velho guerreiro cego havia dominado seus medos na época do encontro e abordara os navios franceses, trocando mercadorias com os europeus. Apesar de sua cegueira, ele raciocinava que os ocupantes dos navios eram homens. Sua interpretação levou-o ao comércio ativo entre a expedição de La Perouse e os tlingit. A rendição oral continha informações suficientes para uma posterior reconstituição da real natureza do encontro, embora muitos dos incidentes tenham sido mascarados por uma estrutura mitológica — por exemplo, os navios foram descritos como imensos pássaros negros com asas brancas.

Outro exemplo, os povos da África sub-Saara, que antes do período colonial não possuíam linguagem escrita, preservavam sua história principalmente pelo folclore. Tais lendas e mitos, transmitidos por pessoas iletradas, de geração a geração, em geral são histórias de grande valor histórico.

Não sei por que os povos da região sub-Saara da África — com os quais lida nossa evidência inicial — são mencionados neste ponto no livro de Sagan, porque não aparecem mais nesse capítulo, e é quase uma coincidência sua menção sem mais nem menos, como é o caso. Sagan continua a discutir algumas criaturas fascinantes

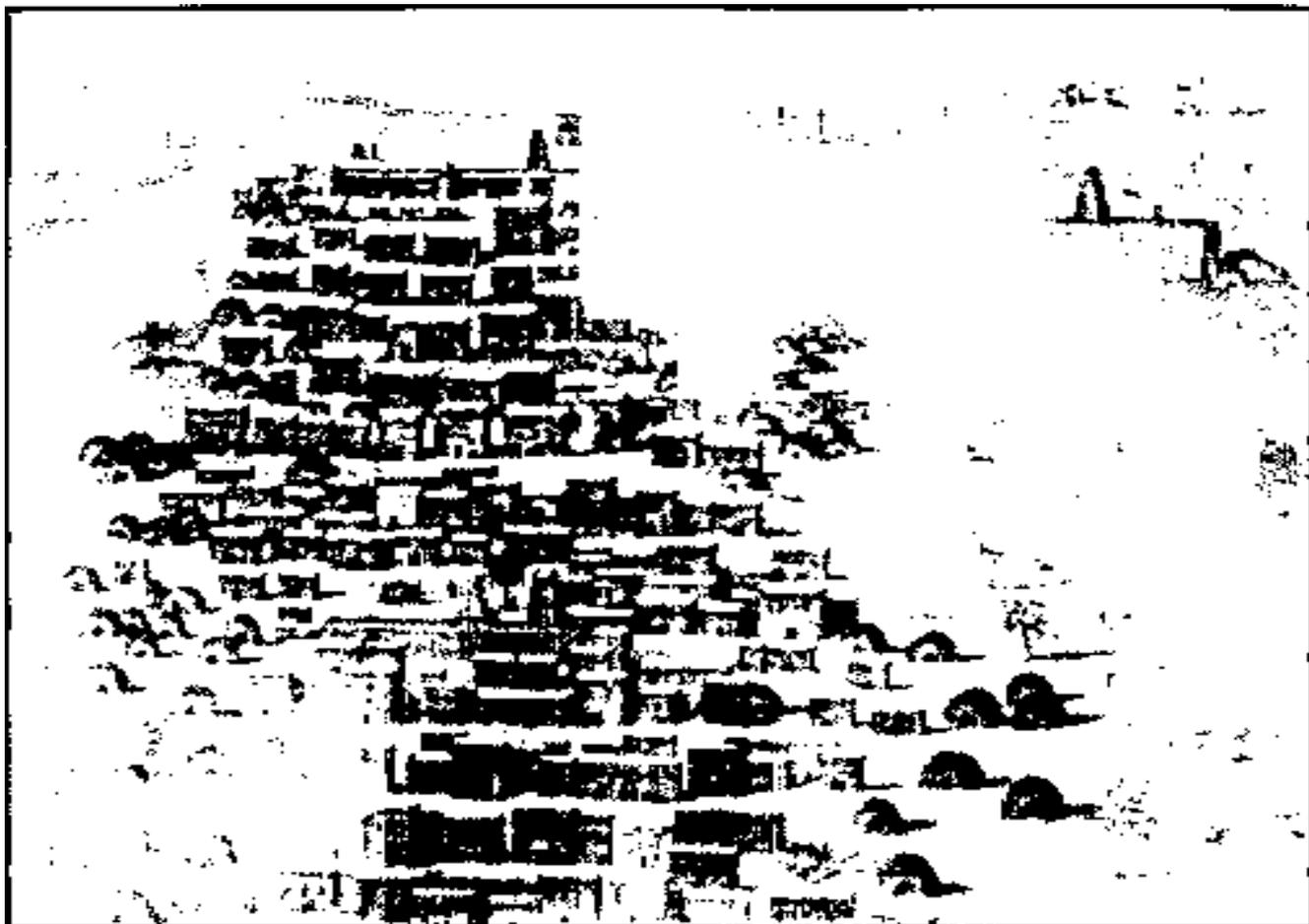
às quais é atribuída a fundação da civilização suméria (que se difundiu de parte nenhuma, como muitos arqueólogos dos sumérios infelizmente admitem). Eles são descritos em um clássico relato de Alexander Poliístor* como anfíbios. Diz Poliístor que eles ficavam felizes ao voltar para o mar à noite, e retornavam para a terra firme durante o dia. Todos os relatos os descrevem como seres semidemoníacos, personagens ou animais dotados de razão, mas nunca são chamados de deuses. São "sobre-humanos" em termos de conhecimento e extensão de vida, eventualmente voltavam em uma nave "para os deuses", levando consigo exemplares representativos da fauna da terra. Discuto essas tradições em particular no Capítulo Nove e os relatos remanescentes a respeito são encontrados no Apêndice III, reimpresso neste livro, em sua totalidade, pela primeira vez, desde 1876.

A cultura suméria é muito importante. Será discutida mais adiante neste livro. Ela se formou sobre a base original da civilização da Mesopotâmia, mais conhecida por seus principais povos, babilônios e assírios, muito mais tardios, e herdeiros da cultura suméria. A língua verdadeira dos sumérios foi substituída pela língua acadiana (que é semítica; o sumério não é uma língua semítica e não tem nenhuma afinidade lingüística com ela). Os acadianos e os sumérios misturaram-se e, algumas vezes, formaram uma combinação semelhante à existente atualmente entre o que outrora constituiu, na Grã-Bretanha, os normandos e os anglo-saxões, separadamente; só que os acadianos eram semitas e os sumérios não, havendo entre eles consideráveis diferenças físicas. A cidade de Babilônia, com seus babilônios, e a região da Assíria, com seus guerreiros assírios ao norte — e mais tarde a distante região de Fars com seus persas ao leste —, comandavam a área mesopotâmica. Também evoluíram do ambiente sumério-acadiano os semitas, conhecidos como hebreus ou judeus.

Isso pode ser percebido de forma mais ampla, quando se observam figuras bíblicas famosas, como Noé e Abraão, que "viviam" ali e não eram judeus, ao menos durante sua existência.

Na realidade, Noé é simplesmente um nome hebreu concedido a um herói do dilúvio, muito mais antigo, discutido em textos antigos, agora recuperados da antiga Suméria. São a esses sumérios que Sagan acaba de se referir, com sua lenda de uma criatura anfíbia, que fundou sua civilização. Mas tudo isso não nos diz muito respeito ainda. Só acrescentarei que se afirma que judeus e árabes são tradicionalmente descendentes de Abraão e que este não era nem judeu nem árabe.

Ora, os povos da África sub-Saara são a fonte de nossas principais informações. O povo, em particular, é chamado de dogon e vive em situação semelhante à dos atuais malis. As cidades mais próximas desse povo são: Timbuctu (ver Figura 2), Bamako e Ouagadougou, em Burkina Faso (antigo Alto Volta). Minha pesquisa inicial sobre os dogons veio à tona em um artigo de autoria de Mareei Griaule e Germaine Dieterlen, publicado em um jornal de antropologia e intitulado "Um Sistema de Sírius Sudanês".



Vista de Timbuctu, em 1830 — a primeira vez em que foi vista pelo público ocidental.

O artigo foi escrito em francês e uma tradução é publicada como Apêndice I deste livro. Decidi publicar o artigo na íntegra em vista da dificuldade que leitores mais interessados teriam em encontrar o jornal francês em que apareceu o artigo original. E, é claro, o artigo original só poderia ser lido por quem sabe o francês. O artigo completo, com suas notas de rodapé e todas as ilustrações, e agora traduzido para o português, encontra-se, portanto, disponível para quem quiser ler. Não é necessário fazer um resumo de seu conteúdo.

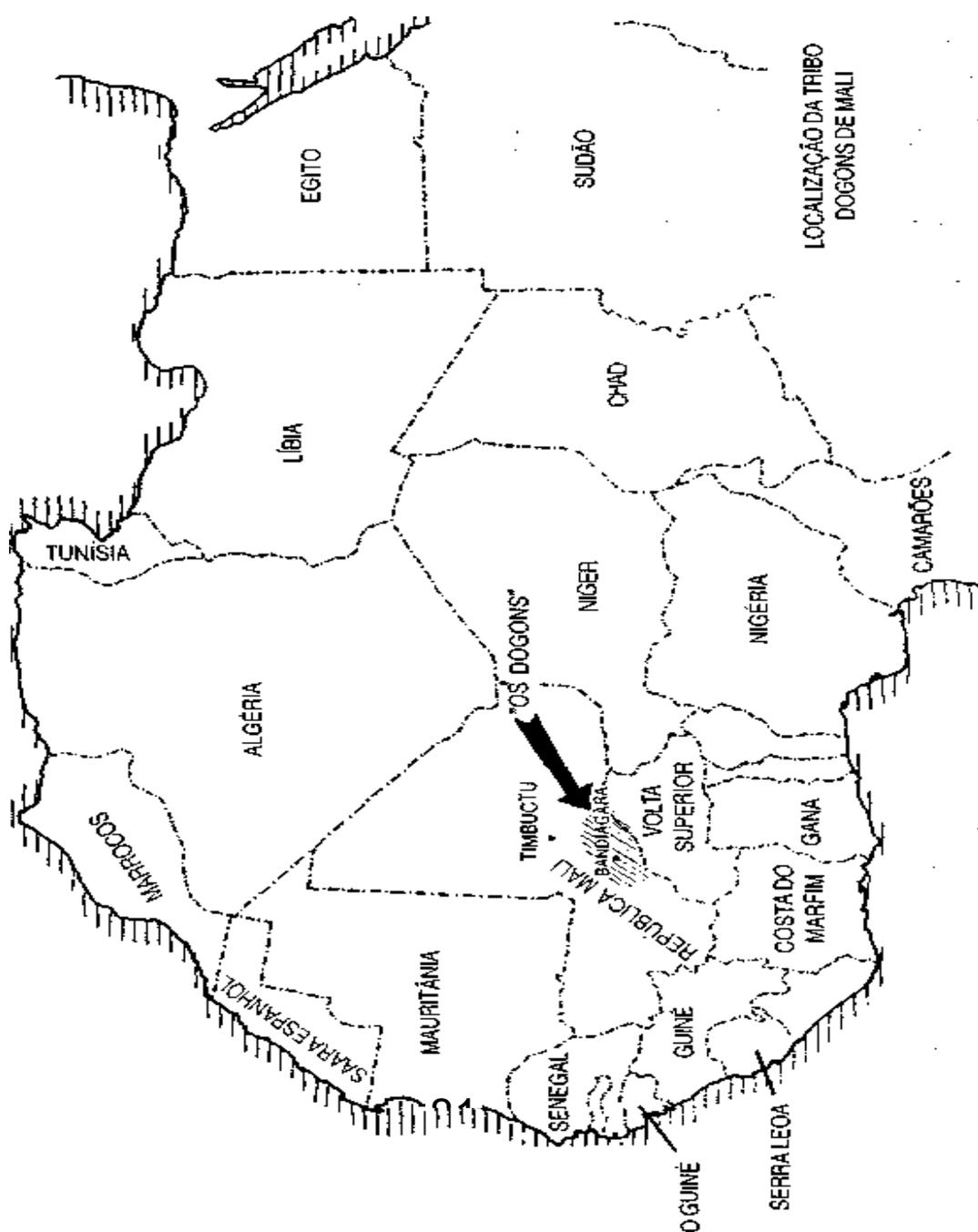


figura 3

Quando li pela primeira vez o artigo (que se refere à área francesa do Sudão, não à República do Sudão a mais de mil milhas ao leste abaixo do Egito), mal pude acreditar no que vi. Ali estava um relatório antropológico de quatro tribos: os dogons e três outras relacionadas, que tinham como sua mais secreta tradição religiosa um conjunto de conhecimentos referentes ao sistema da estrela Sírius, de que faziam parte informações sobre esse sistema estelar, que seria impossível que uma tribo primitiva tivesse conhecimento.

Os dogons consideram que a estrela mais importante no céu seja Sírius B, que não pode ser vista. Eles admitem que ela é invisível. Como, então, sabem que ela existe? Griaule e Dieterlen dizem: "A questão de saber como, sem instrumentos à disposição, esses homens poderiam conhecer os movimentos e certas características de estrelas virtualmente invisíveis não foi estabelecida, nem mesmo proposta". Todavia, até mesmo ao dizer isso, Griaule e Dieterlen sugerem que Sírius B só é "virtualmente invisível", mas sabemos que é totalmente invisível, a não ser com o uso de um poderoso telescópio. Qual é, então, a resposta?

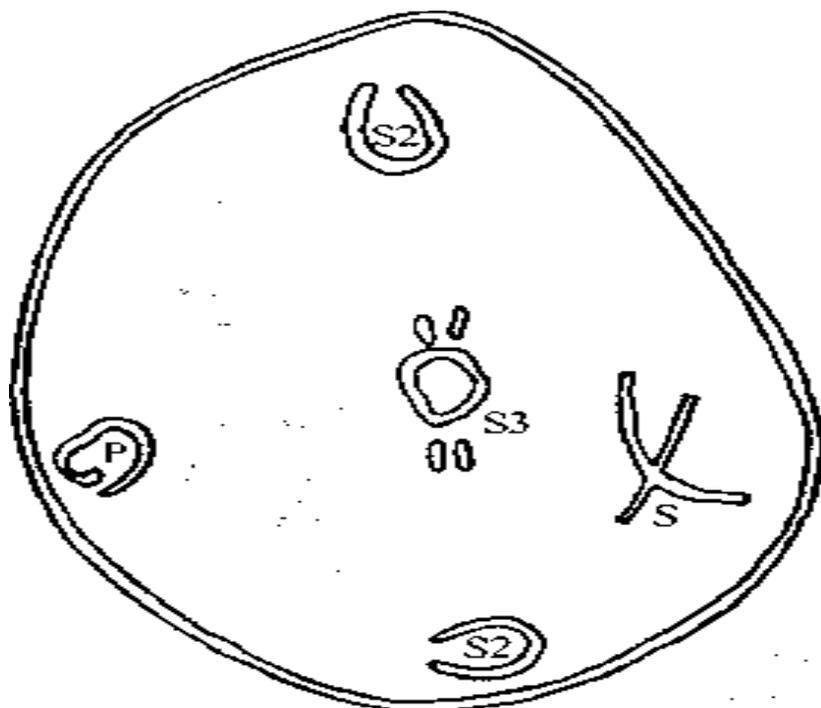


Figura 4. Legenda: S = Sírius S2 — Posições de Sírius B
S3 = Outras estrelas P = Um planeta

Griaule e Dieterlen deixam claro que a grande e brilhante estrela de Sírius não é tão importante para os dogons como a minúscula Sírius B, a que chamam de pã tolo (tolo significa "estrela"). Pã é um grão de cereal geralmente chamado de "jonio" na África ocidental e que os especialistas botânicos chamam de *Digitaria exilis*. Ao falar da estrela pã, Griaule e Dieterlen chamam-na de "estrela *Digitaria*", ou simplesmente "*Digitaria*". A relevância do grão à pã está em ser o menor grão conhecido dos dogons, extremamente pequeno, e conhecido como alimento na Europa ou na América. Para os dogons, esse minúsculo grão representa a minúscula estrela e por isso é chamada de pã, como o grão.

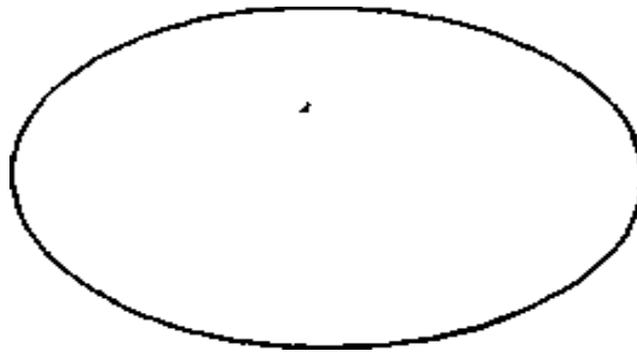
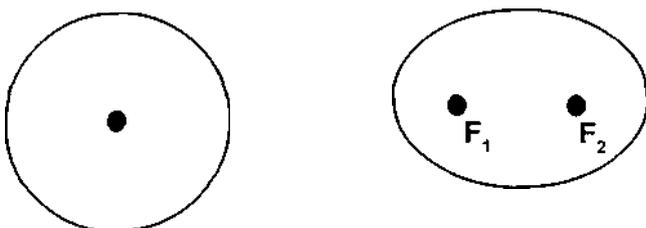


Figura 5. Uma elipse

No artigo, lê-se: "Sírius, entretanto, não é a base do sistema: é um dos focos da órbita de uma minúscula estrela chamada *Digitaria*/pã tolo... que ... rouba a atenção dos homens iniciados". Ora, essa é uma afirmação bastante perturbadora. O leitor comum pode notar agora quanto é raro que uma tribo africana coloque o fato dessa maneira. Mas a órbita da *Digitaria*, que os dogons, de outro lugar descrevem como em forma de ovo, ou elíptica (ver também as Figuras 8 e 9, assim como as ilustrações do artigo no Apêndice I), é especificamente descrita como tendo como "um dos focos de [sua] órbita a estrela Sírius". É claro, o termo técnico "foco" aqui foi apresentado pelos antropólogos. Porém, estes reproduziram fielmente o que lhes foi dito pelos dogons em sua própria língua. E o que os dogons diziam, e também deixam muito claro graficamente em seus desenhos (ver Figuras 4 e 8), é que as

órbitas de Sírius B e de Sírius A são do tipo que obedece a uma das leis de movimento dos planetas de Kepler, e se estende a outros corpos em órbita. Foi Johannes Kepler (1571—1630) quem primeiro propôs que os corpos celestes não se movem em trajetórias circulares perfeitas. Ele insistiu na brilhante descoberta de que os planetas em seus movimentos ao redor do sol deslocavam-se em órbitas elípticas, tendo o sol como um dos dois focos de cada elipse. A maioria das pessoas com quem me comunico nem tem idéia de que os planetas não giram em círculo ao redor do sol. Mesmo que lhes tivessem ensinado a verdade na escola, há muito esqueceram esse tipo de assunto. E muitas, honestamente, não sabem o que é uma elipse, a não ser que lhes mostrem uma. Para se ter uma idéia, pode-se marcar o centro de um círculo, em papel, rasgando-o depois no centro, em dois pedaços, e afastando as duas porções. Isso, naturalmente torna o círculo achatado em cima e embaixo, enquanto nos lados é abaulado, e os dois pedaços cortados no centro alinham-se ao longo de uma reta que une os dois pontos mais distantes. Esses dois fragmentos do centro recebem, cada qual, o nome de foco, e juntos constituem "os focos da elipse". Se é possível ter em mãos essa elipse, empurre de volta as duas pontas abauladas e se terá novamente o próprio círculo. Porém, peço a todos os leitores que anotem isto: como a tribo dos dogons, que nunca teve acesso às teorias de Kepler ou de seus sucessores, tem conhecimento de assuntos como esse? Kepler viveu no século XVI; no entanto, vemos que outras informações que os dogons possuíam só surgiram no Ocidente no final da década de 1920.



I. Círculo com um só centro

Figura 6.

Não houve missionários ocidentais junto aos dogons antes da visita de Griaule e Dieterlen, pela primeira vez, em 1931. Os Padres Brancos, uma ordem de missionários franceses, confirmaram-me isso em uma correspondência. A transmissão de conhecimento ocidental para os dogons parece ser uma impossibilidade. Como até tiveram, em primeiro lugar, a idéia de existir uma órbita em elipse, em vez de circular — e mais, de aplicar essa idéia a uma estrela invisível no espaço exterior? Além disso, como afirmam corretamente que Sírius se situa em um dos focos e não em algum lugar da elipse? E nem no centro? Não seria natural que uma idéia primitiva, mesmo afirmando-se que a órbita é elíptica, colocasse a própria Sírius no centro? Mas não. Eles sabiam demais para cometer esse tipo de erro. Pois o ponto mais importante sobre a Lei de Kepler é que não só as órbitas são elípticas, mas também o sol deve estar sempre em um dos focos; caso contrário, nada funcionará. Ora, para se saber tudo isso, você não precisa de Kepler. As órbitas elípticas são uma verdade universal, e tão verdadeiras aqui quanto no outro lado da galáxia, ou até mesmo em outra galáxia. Kepler simplesmente descobriu um princípio natural. Portanto, não era necessário que os dogons tivessem conhecido Kepler pessoalmente. Só desejo dar a explicação de como aprenderam o princípio universal de outra fonte.

Planeta

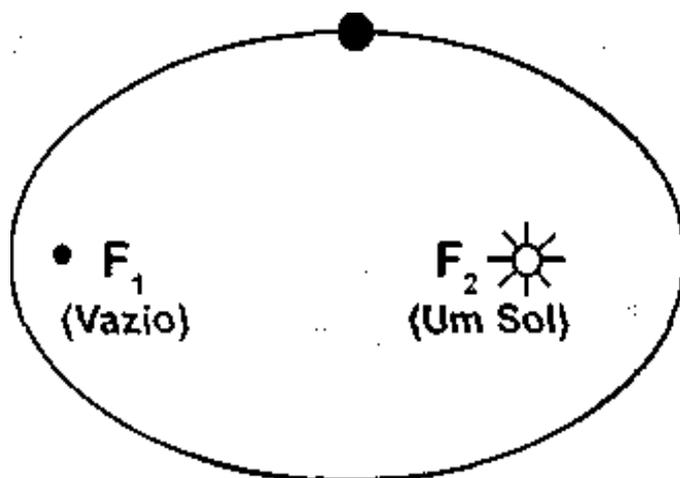


Figura 7.

Na Figura 8, comparo os desenhos das órbitas de Sírius B ao redor de Sírius, feitos pelos dogons, com os diagramas astronômicos modernos das mesmas (que foram confirmadas por Lindenblad como precisas nessa escala); há ainda outra comparação das mesmas informações tribal e moderna, vistas em uma perspectiva linear, estendida através do tempo. Não preciso reivindicar nenhuma precisão científica perfeita para os desenhos dos dogons. A similaridade é tão surpreendente que até o olho mais destreinado é capaz de ver imediatamente que o quadro geral é idêntico, em cada exemplo.

Não é necessário que os perfeccionistas peguem suas calculadoras e fitas métricas. O fato é demonstrado, ou seja, os dogons têm um acurado conhecimento geral sobre um dos princípios mais sutis e menos óbvios de que Sírius B orbita Sírius A.

Os dogons também conhecem o real período orbital dessa estrela invisível, que é de cinquenta anos. No que se refere à cerimônia sagrada Sigui, Dieterlen e Griaule nos dizem: "O período da órbita é contado duas vezes, ou seja, cem anos, porque as Siguis formam pares de 'gêmeos', insistindo assim no princípio da gemelaridade".

Eles também dizem que Sírius B gira em seu eixo, demonstrando saber também que a estrela é capaz desse movimento. Na realidade, todas as estrelas realmente giram em seus eixos. Como

os dogons sabem de um fato tão extraordinário? No artigo, há registro de que os dogons diziam: "Assim como seu movimento no espaço, Digitaria também gira em torno de si mesma no período de um ano e sua rotação é reverenciada durante a celebração do rito bado". Os dogons acreditam que o dia de bado ocorre quando um feixe de raios, transmitindo importantes sinais, incide sobre a Terra, partindo de Sírius B. A moderna astronomia desconhece qual é o período de rotação de Sírius B; a estrela é tão pequena que já é muito ter conseguido visualizá-la. Perguntei a um astrônomo, G. Wegner, que na época pertencia ao Departamento de Astrofísica de Oxford e ao Observatório da Universidade, se um ano poderia ser uma estimativa razoável para o período de rotação de Sírius. Ele naturalmente respondeu que não havia como determinar isso, mas um ano poderia ser correto; em outras palavras, não pode ser descartado, e era o que eu procurava estabelecer.

Os dogons descrevem Sírius B como "a infinitamente pequena". Como sabemos, Sírius B é uma anã branca e a forma mais diminuta de estrela visível no Universo. Porém, uma das mais surpreendentes de todas as afirmações dos dogons é realmente esta: "A estrela, considerada a menor no céu, é também a mais pesada: 'Digitaria' é a menor coisa que existe. E a estrela mais pesada". Consiste em metal chamado sagalla, um pouco mais brilhante que o ferro e tão pesado "que todos os seres da terra em conjunto não conseguiriam levantá-la". De fato, a estrela pesa o equivalente a ... todas as sementes, ou a todo o ferro da terra ... (informações do artigo de Griaule e Dieterlen apresentado no Apêndice I deste livro).

Vemos, assim, que os dogons apresentam uma teoria de Sírius B que se enquadra em todos os fatos científicos, e ainda em mais alguns pouco conhecidos na atualidade.

Essa teoria constitui a tradição mais sagrada e secreta dos dogons, a base não só de sua religião, mas de suas vidas, aliada a afirmações sobre a existência de uma terceira estrela no sistema de Sírius, chamada de emme ya ("Sorgo-Feminina") a qual, em

comparação com Digitaria, segundo afirmam, é "quatro vezes mais leve (em peso) e se move em uma trajetória maior, na mesma direção e no mesmo período desta (cinquenta anos). Suas respectivas posições são tais que o ângulo de seus raios está em ângulos retos". Esta última estrela possui um satélite, indicando que os dogons apreciam que outros corpos, diferentes de estrelas, sejam satélites de estrelas. Da própria emme ya, eles dizem: "É o 'sol das mulheres'... 'um pequeno sol'... De fato é acompanhado por satélite chamado de 'estrela das mulheres'... ou Goatherd... como o guia de emme y".

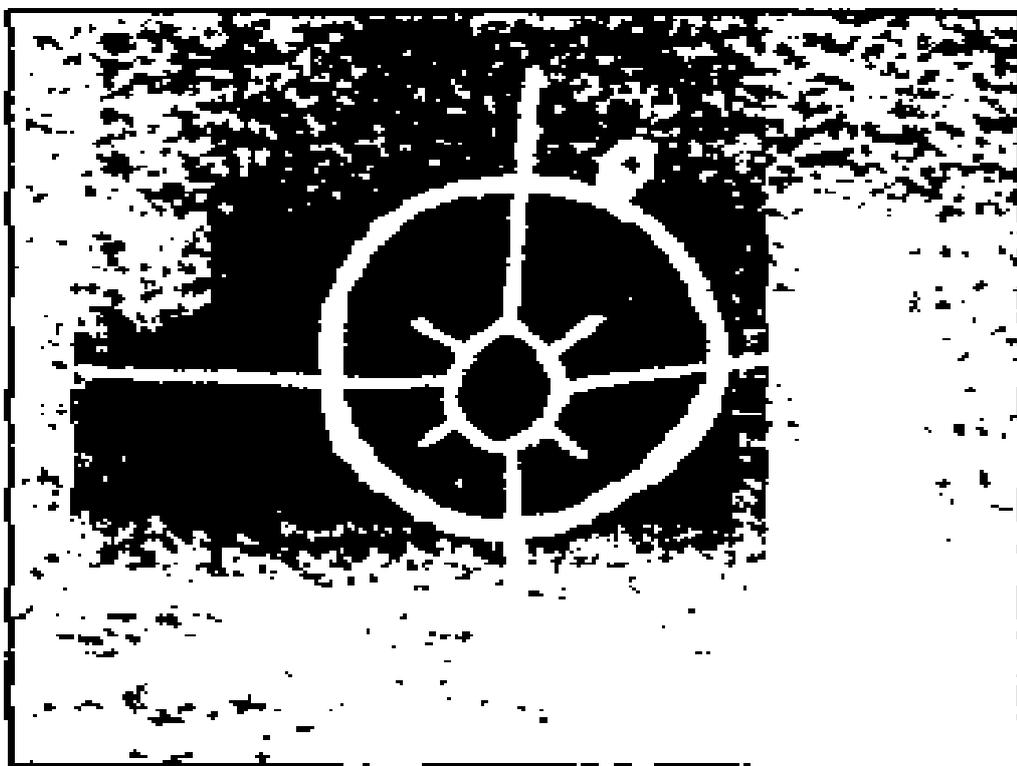


Figura 10. Desenho, feito pelos dogons, de um planeta que gira em torno de Sírius C — Emmeya.

A terceira estrela, emmeya, "Sorgo Fêmea", ou o sol das mulheres, é Sírius C, cuja existência foi confirmada em 1995 pelos astrônomos, conforme descrito no Capítulo Um.

Em torno dos fatos astronômicos desse extraordinário sistema, os dogons possuem um complicado sistema de mitologia. Sírius B, dizem eles, é vista como "girando implacavelmente ao redor de Sírius... e nunca é capaz de alcançá-la". Todos esses fatos têm, unindo-os, contos mitológicos e personagens. Tentei extrair os

fatos em si do artigo, para apresentá-los aqui ao leitor. Mas a essa altura o leitor já viu com muita clareza a razão da inclusão do artigo na íntegra, pois a informação é tão incrível que, para não se julgar que eu simplesmente montei tudo, é necessário apresentar a sua fonte para o leitor verificar por si mesmo.

Mas, vamos deslocar-nos além do artigo de Griaule e Dieterlen "Um Sistema de Sírius Sudanês" e considerar uma publicação posterior e mais completa, do porte de um livro, que obviamente por ser muito volumoso não pôde ser incluído como apêndice nesta obra. Refiro-me ao livro *Le Renard Pàle* (A Raposa Pálida), publicado em 1965.* Esse livro, de Griaule e Dieterlen, foi produzido dez anos depois da morte do próprio Mareei Griaule. Contém as últimas reflexões sobre o sistema de Sírius dos dogons. Nesse compêndio definitivo dos muitos achados conjuntos, dela e de Mareei Griaule (é apenas o primeiro de seus volumes publicado, de uma série planejada somada ao seu trabalho), madame Dieterlen realmente acrescentou um breve apêndice, nas páginas 529-531, com informações sobre Sírius e sua estrela companheira, na forma de um extrato do artigo do dr. Baize, que apareceu na edição de setembro de 1931 da *Astronomie*. Ela diz: "Os excertos dizem respeito à descoberta, órbita, período e densidade da Companheira de Sírius". Sua curiosidade obviamente se desenvolveu a partir de 1960 e da publicação de "Um Sistema de Sírius Sudanês". Mas como uma verdadeira profissional, madame Dieterlen cita simplesmente os fatos astronômicos na forma desse breve apêndice no final de seu livro sem tirar conclusões ou mesmo indicar uma ligação entre esse tema e as tradições dos dogons. Na realidade, para que o leitor não suponha o contrário, quero deixar claro que nem Mareei Griaule nem a senhora Dieterlen, em nenhum momento (que eu saiba), fizeram qualquer afirmação sobre um contato extraterrestre ocorrido com os dogons. Nem mesmo fizeram quaisquer comentários diretos sobre a extraordinária impossibilidade de os dogons terem o conhecimento de tudo o que sabem. Eu nunca poderia ter feito descobertas como as de Griaule e Dieterlen e diria simplesmente (como eles dizem no artigo): "O problema de saber

como... não foi estabelecido, nem mesmo proposto". Acredito que tal restrição mereça uma medalha, pois é incrível que seja o principal fator em favor das descobertas de Griaule e Dieterlen. Se tivessem proclamado suas descobertas, acho que nunca teriam sido levados a sério, pois não seriam considerados confiáveis. Tais são as ironias nas revelações de informações que quase desaparecem em função da reserva.

Sentei para reescrever este livro à luz de *Le Renard Pàle* (li a tradução em manuscrito), com suas informações mais completas. Grande parte deste livro será encontrada no contexto de uma discussão mais avançada no Capítulo Nove.

Em *Le Renard Pàle* é possível saber muito mais sobre as crenças dos dogons e seu conhecimento relativo à astronomia e ao sistema de Sírius. Da lua, afirmam ser "seca e morta como um cadáver sem sangue". O desenho que fizeram do planeta Saturno tem um anel ao redor, e é reproduzido na Figura 12 deste livro. Eles sabem que os planetas giram ao redor do sol. Esses planetas são chamados de *tolo tanaze*, "estrelas que giram (ao redor de algo)". Mas isso não significa girar em torno da Terra. Os dogons especificamente dizem, por exemplo: "Júpiter segue Vênus girando lentamente ao redor do sol". As várias posições de Vênus são evocadas em um espaço geográfico muito grande por uma série de altares, rochas erguidas ou arranjos em cavernas ou abrigos. As posições de Vênus formam um calendário venusiano. Na realidade, os dogons possuem quatro tipos diferentes de calendário. Três calendários são litúrgicos: um calendário solar, um calendário venusiano e um calendário de Sírius. Seu quarto calendário é agrário e lunar.

Os dogons sabem da existência de quatro outros corpos celestes invisíveis ao lado de Sírius B e suas possíveis companheiras no sistema de Sírius. Esses quatro outros corpos estão em nosso sistema solar. Os dogons sabem das quatro maiores luas "galilaicas" de Júpiter. Essas quatro luas são chamadas "galilaicas" porque Galileu as descobriu ao começar a usar o telescópio, no outono de 1609. As outras luas de Júpiter são pequenas e insignificantes, tendo sido asteróides, anteriormente, capturados

pela gravitação de Júpiter em algum momento desconhecido do passado. (Acredita-se que sejam provenientes de um cinturão de asteróides entre Marte e Júpiter que alguns astrônomos pensam ter, outrora, constituído um planeta que explodiu.) Os dogons dizem: "A mutilação que a Raposa [identificada com o importuno Ogo; ver relato a respeito, a seguir] sofreu ainda está sangrando. O sangue de seus genitais derramou-se no chão, mas Amma a fez ascender ao céu na forma de quatro satélites que giram ao redor de dana tolo, Júpiter,..." "As quatro estrelinhas são os calços de Júpiter... Quando Júpiter é representado por uma rocha, esta é calçada por quatro pedras". Um desenho feito pelos dogons, representando Júpiter com suas quatro principais luas, é reproduzido na Figura 11. Griaule e Dieterlen descrevem assim esse desenho:

Esta figura representa o planeta — o círculo — cercado por seus quatro satélites nas direções colaterais, que é chamado de dana tolo unum, "filhos de dana tolo (Júpiter)". Os quatro satélites, associados às quatro variedades de sene (acácia), brotaram das gotas de sangue dos genitais mutilados da Raposa. "As quatro estrelinhas são as quatro cascas de Júpiter"... Os setores entre os satélites representam as estações. Elas giram em torno de Júpiter e seus movimentos favorecem o crescimento das folhas de sene, porque o sene move-se no solo, à noite, como as estrelas no céu; elas giram sobre seus próprios eixos (em um ano) como os satélites.

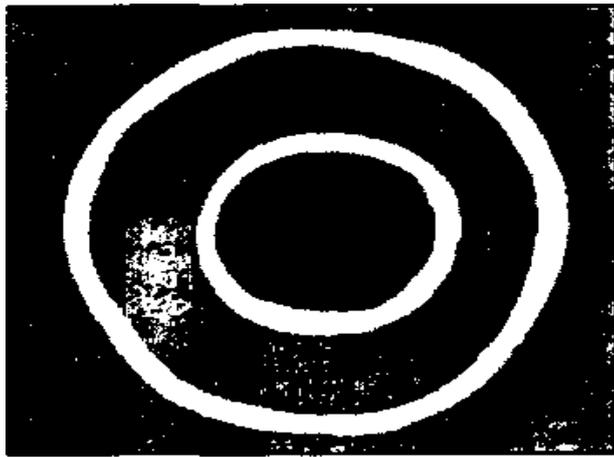


Figura II. Desenho de Júpiter com suas quatro principais luas, feito pelos dogons.

Eles acrescentam uma nota de rodapé: "Os troncos de certas variedades de sene são espiralados. Uma casa não é construída com a madeira de sene, pois esta faria a casa 'girar'". Os supostos "movimentos" do sene à noite atraem as almas dos mortos, que "mudam de lugar".

Quanto a Saturno, desenhado na Figura 12, os dogons especificamente descrevem seu famoso halo, que só é visível por meio de telescópio. Segundo Griaule e Dieterlen, "... os dogons afirmam que existe um halo permanente ao redor da estrela, diferente daquele algumas vezes visto ao redor da lua... a estrela é sempre associada à Via Láctea".

Saturno é conhecido como "a estrela que limita o lugar", de certa forma associada à Via Láctea. O significado não é muito claro e Griaule e Dieterlen dizem que o tema deve ser mais aprofundado, mas parece que podem estar tentando avaliar a idéia de que Saturno "limita o lugar" do sistema solar, separando-o e, ao mesmo tempo, fazendo-o agir como um elo com a Via Láctea, onde se situa o sistema solar. Sendo Saturno o planeta mais distante mencionado pelos dogons, este pode ter um significado intencional. Os dogons percebem que a Via Láctea contém a Terra: ..."A Via Láctea... é, em si mesma, a imagem das estrelas espiraladas dentro do 'mundo das estrelas espiraladas' onde se encontra a Terra. Nesse 'mundo de estrelas', o eixo ('o garfo de Amma') em torno do qual giram, une a Estrela Polar..." e assim por diante. A Via Láctea é descrita como "as estrelas mais distantes" — ou seja, mais distante que os planetas.



os dogon

12. Saturno e seu anel. Desenho

Disseram-nos que "para os dogons, existe um número infinito de estrelas e mundos em espiral". Eles diferenciam cuidadosamente os três tipos de tolo ou "estrelas": "As estrelas fixas são uma parte da 'família de estrelas que não giram' (em torno de outra estrela)... os planetas pertencem à 'família das estrelas que giram' (ao redor de outra estrela)... os satélites são chamados tolo gonoze, 'estrelas que fazem o círculo'". Os movimentos celestes são semelhantes à circulação do sangue. Os planetas e satélites e companheiros são o "sangue circulante" e isso levanta a extraordinária questão de que os dogons têm realmente conhecimento da circulação do sangue no corpo por meio de sua própria tradição. Em nossa própria cultura, o inglês William Harvey (1578—1657) descobriu a circulação do sangue. Por mais estranho que pareça hoje, antes de sua época a noção não ocorreu a ninguém no mundo ocidental. John Aubrey, autor de *Brief Lives* (Vidas Breves), conhecia Harvey muito bem e nos diz: Ouvi-o dizer, depois da publicação de seu *A Circulação do Sangue*, ...'que entre a plebe se acreditava que ele estivesse louco'... Entretanto, a mesma teoria não surge entre as idéias dos dogons, de que seus homens sábios sejam loucos. A seguir, um relato da teoria registrada pelos dogons em suas próprias palavras:

O movimento do sangue no corpo, o qual circula dentro dos órgãos no abdome, é de um lado o sangue "claro" e, do outro, o óleo, mantendo a ambos unidos (nas palavras do homem); é assim que progride a palavra. O sangue-água — ou claro — segue através do

coração e depois pelos pulmões, fígado e baço; o sangue oleoso segue através do pâncreas, rins, intestinos e genitais.

Postcript (1997): Os chineses descobriram pela primeira vez a circulação do sangue, ainda que fosse desconhecido para o Ocidente até 1546, quando Michael Servetus mencionou o fato (ele, Giordano Bruno e dois outros realmente precederam Harvey). A circulação do sangue é descrita claramente no clássico de medicina chinesa, *The Yellow Emperor's Manual of Corporeal Medicine* (O Manual de Medicina Corporal do Imperador Amarelo), no século II a.C. e, supostamente, a teoria foi formulada antes do século VI a.C. Mas esse conhecimento parece ter ficado confinado na China durante milênios e dificilmente chegaria à África. Publiquei um relatório a respeito, em meu livro sobre a história da ciência chinesa, em 1986 (Temple, Robert K. G. *The Genius of China* [O Gênio da China], título no Reino Unido: *China: Land of Discovery and Invention* [China: Terra da Descoberta e da Invenção], Patrick Stephens, Wellingborough, 1986), Simon and Schuster, Nova York, 1986, e Prion Books, Londres, 1991, pp. 123-124).

Os dogons dizem: "... o alimento que se come, a bebida que se bebe, é o que Amma transforma em sangue vermelho; o sangue branco é uma coisa má". Dizem ainda: "A essência da nutrição passa para o sangue". Eles sabem que o sangue passa dentro dos órgãos internos "começando no coração". Os dogons parecem até compreender o papel do oxigênio — ou pelo menos, do ar — que entra na corrente sangüínea. Equiparam o ar com "a palavra", que afirmam entrar na corrente sangüínea, trazendo a "nutrição do interior" pelo "impulso promovido pelo coração". A "integração da 'palavra' (ar) no corpo também tem a ver com o alimento que nutre o sangue. Todos os órgãos da respiração e da digestão estão associados a essa integração".

A Via Láctea, à semelhança do que afirmam sobre a circulação do sangue, é ainda descrita "...o termo yalu ulo designa a Via Láctea de nossa galáxia, que resume um mundo estelar do qual faz parte

a Terra, e que gira em espiral... (compreende) a multiplicação e o desenvolvimento, quase infinito, dos mundos estelares espiralóides que Amma criou... (há) mundos espiralados que preenchem o Universo — infinito e, no entanto, mensurável". Amma é o deus principal, o criador, do Universo, para os dogons. Há um interessante relato sobre Amma e a criação: "O papel ativo da fermentação no tempo da criação é evocado na presente preparação da cerveja... a fermentação do líquido constitui uma 'ressurreição' dos cereais destruídos na preparação da bebida fermentada... Ávida... é comparável à fermentação. 'Muitas coisas estavam fermentando dentro de Amma na criação". E "Girando e dançando, Amma criou todos os mundos espiralados das estrelas do Universo". "...o Trabalho de Amma produziu o Universo progressivamente, e este foi constituído em vários mundos que giram em espiral".

Os dogons não têm dificuldade para conceber a vida inteligente em todo o Universo. Dizem:

Os mundos das estrelas espiraladas eram universos povoados; pois, quando criou as coisas, Amma deu ao mundo sua forma e seu movimento, gerando criaturas vivas. Há criaturas que vivem em outras "Terras" assim como a nossa; essa proliferação da vida é ilustrada por uma explicação do mito, em que é dito: o homem está na quarta terra, mas na terceira há "homens com chifres", inneu gammurugu; na quinta, "homens com caudas", inneu dullogu; na sexta, "homens com asas", inneu bummo [uma antiga estátua de ferro dogon desses "homens com asas" da "Sexta Terra" pode ser vista na Prancha 9], etc. Isso ressalta a ignorância do que seria a vida em outros mundos, mas também a certeza de que ela existe.

Os dogons sabem que a Terra gira sobre seu próprio eixo. Uma maneira padrão de prever o futuro, para os dogons, é desenhar uma forma na areia antes de ir para a cama, e de manhã verificar, onde, naquela forma, a raposa parou durante a noite — isso indica os eventos vindouros. Quando a raposa caminha sobre as tabelas de adivinhação desenhadas na areia, "o planeta começa a girar sob a ação das patas (da raposa)". "Quando só os traços são

visíveis porque foram feitos pela cauda, a imagem é semelhante ao movimento da Terra sobre seu próprio eixo". "Assim, a tabela de adivinhação representa a Terra 'que gira por causa da ação das patas da Raposa', conforme ela vai movimentando-se ao longo das marcas de indicação; ao passo que a tabela de instrução representa o espaço no qual a Terra se move, e também o sol e a lua, que foram colocados por Amma fora de seu alcance". A tabela de instrução aqui referida possui doze marcas de indicação e constitui um calendário lunar, em que cada marca representa um determinado mês. É a Figura 96, Le Renard Pàle. Esses doze meses então são "o espaço onde a Terra se move", ou seja, a órbita de um ano ao redor do sol. Dentro dessa órbita, as rotações da Terra sobre seu próprio eixo ocorrem a cada dia. A órbita ao redor do sol é "o espaço da Terra".

Os dogons sabem muito bem que o giro da Terra sobre seu eixo dá a impressão de que o céu é que gira. Eles falam do "... aparente movimento das estrelas do leste para o oeste, como os homens as vêem". Os dogons, portanto, estão livres das ilusões de nossos ancestrais europeus, que pensavam que o céu girasse em círculo em torno da Terra (embora existisse uma exceção a tais noções primitivas, na Europa, ainda que nenhum historiador de ciência as tenha relatado, pelo menos não as descobri depois de muita pesquisa. Resumi essa tradição "secreta" no Apêndice II, ressaltando sua ligação com o mistério de Sírius).

A placenta é usada pelos dogons como símbolo do "sistema" de um grupo de estrelas ou planetas. Nosso próprio sistema solar parece ser referido como uma placenta "Ogo", enquanto o sistema da estrela Sírius e de suas estrelas companheiras e satélites, etc. é referido como a placenta "Nommo". Nommo é o nome coletivo dado ao grande herói cultural e fundador da civilização, vindo do sistema de Sírius para estabelecer a sociedade na Terra. Nommo — ou, para ser mais preciso, os Nommos — eram criaturas anfíbias e podem ser apreciados em dois desenhos nas Figuras 52 e 54 deste livro.

Griaule e Dieterlen registram as crenças dos dogons a respeito das duas placentas cósmicas, que acabei de mencionar, dessa

maneira:

Dois sistemas, que às vezes são ligados, intervêm e estão na origem de vários calendários, dando um ritmo à vida e às atividades do homem ... Um deles, mais próximo da Terra, terá o sol como eixo; o sol é a prova do resto da placenta de Ogo e, outra prova, ainda mais distante, é Sírius, da placenta de Nommo, o monitor do Universo.

Os movimentos dos corpos dentro dessas "placentas" são semelhantes à circulação do sangue na placenta verdadeira e os corpos no espaço são semelhantes às coagulações do sangue em protuberâncias. Esse princípio é aplicado a um sistema ainda maior: "Na formação das estrelas, lembramos que o 'trajeto do sangue' é apresentado pela Via Láctea ...", "... os planetas e os satélites (e as companheiras) são associados ao sangue circulante e às 'sementes'... que fluem com o sangue". O sistema de Sírius, conhecido como "a terra do peixe", sendo a placenta de Nommo, é especificamente chamada de "placenta dupla no céu", referindo-se ao fato de se tratar de um sistema estelar binário. A "terra", que há em Sírius é "terra pura", e aquela encontrada em nosso sistema solar é "terra impura".

O desembarque dos Nommos em nossa Terra é chamado de "o dia do peixe", e o planeta de onde vieram, no sistema de Sírius, é conhecido como "a terra (pura) do dia do peixe ... não (a nossa) terra impura ..." Em nosso sistema solar, todos os planetas emergiram da placenta de nosso sol. Diz-se que Júpiter "surgiu do sangue que caiu da placenta". O planeta Vênus também foi formado do sangue que caiu da placenta. (Vênus "era o sangue vermelho quando foi criado; sua cor foi desvanecendo-se progressivamente". Marte, também, foi criado de uma coagulação do "sangue". Nosso sistema solar é, como já se notou, chamado de placenta de Ogo, a Raposa, que é impura. Nosso próprio planeta é, significativamente, "o lugar onde o cordão umbilical de Ogo foi unido à sua placenta ... e evoca a sua descida". Em outras palavras, a Terra é o lugar onde Ogo está "conectado", por assim dizer, ao sistema planetário. O que Ogo, a Raposa, parece representar é o próprio homem, uma espécie inteligente imperfeita,

que "desceu" ou se originou deste planeta, ao qual, em nosso sistema solar, o cordão umbilical está unido. É chocante perceber que nós somos Ogo, o imperfeito, o intruso, o prescrito. Ogo rebelou-se em sua criação e permaneceu inacabado. Ele é o equivalente de Lúcifer, em nossa tradição ocidental cristã. A fim de expiar nossa impureza, os dogons dizem, repetidamente, que o Nommo morre e ressurge, em um sacrifício por nós, para purificar e limpar a Terra. Os paralelos com o Cristo são extraordinários, estendendo-se até ao fato de o Nommo ser crucificado em uma árvore, constituindo um alimento eucarístico para a humanidade e ressurgindo em seguida.

Disseram-nos que o Nommo voltará. Uma certa "estrela" no céu aparecerá uma vez mais e será a "prova da ressurreição do Nommo". Quando originalmente desembarcou na Terra, o Nommo "esmagou a Raposa, marcando desse modo seu futuro domínio sobre a Terra construída pela Raposa". Assim, talvez a natureza bestial do homem já tenha sido suficientemente subjugada em nosso passado distante. Talvez tenham sido os visitantes, que os dogons chamam de Nommos, que realmente "esmagaram a Raposa" em nós, destruíram o Ogo e nos deram todos os melhores elementos da civilização que possuímos. Continuamos a ser uma mistura curiosa de brutos e civilizados, lutando contra o Ogo dentro de nós.

Os dogons comentam ainda sobre os movimentos celestes: "... a Terra gira sobre seu próprio eixo ... e faz um grande círculo (o redor do Sol)... A Lua gira como uma espiral cônica em torno da Terra. O Sol distribui luz no espaço e sobre a terra com os seus raios". O sol é "o remanescente da placenta de Ogo" e o centro de nosso sistema. Por alguma razão, dizem eles, pela qual a visita dos anfíbios à terra trouxe a civilização para cá, os dogons centralizam sua vida e sua religião não em nosso sistema solar ou planetário, mas no sistema de uma estrela próxima e suas invisíveis companheiras. Por quê? Será realmente pela razão que dizem ser? E, se for o caso, o Nommo voltará? Deveríamos investigar realmente os detalhes do conhecimento dos dogons como uma total possibilidade. Em *Le Renard Pàle*, em oposição ao

primeiro artigo, aqui reproduzido, é dito, por exemplo, que a estrela emmeya do sistema de Sírius pode ter um período orbital de trinta e dois anos, em vez dos cinquenta anos que outros afirmam. Ela é maior que Sírius B e "quatro vezes mais leve". Em relação a Sírius B, "suas posições estão em linha reta". Ela é observada acima de Sírius e age como um intermediário, transmitindo as "ordens" de Sírius B. Sabemos agora que tal corpo celeste existe. Os sinais dos dogons atuariam então como uma evidência a ser testada. O dr. Lindeblad não pôde encontrar a evidência de uma Sírius C do tipo presumido anteriormente pelos astrônomos. Mas foi agora encontrada a evidência do tipo de Sírius sugerido pelos dogons.

Com tal descoberta, estabeleceu-se de forma conclusiva a validade das afirmações dos dogons. As informações dos dogons sobre a órbita real de Sírius são muito confusas e incoerentes; aparentemente contraditórias.

Entre os dogons, uma alusão à grande imortalidade e estabilidade do Criador é expressa em seus desejos de boas-vindas ou adeus endereçados a amigos ou parentes; "Que o imortal Amma o mantenha assentado". Da mesma maneira, é muito bom que conservemos nossos assentos, porque estamos em vias de nos lançarmos às obscuras águas de nosso passado no planeta, o que produz uma significativa alteração em nossas concepções normais a respeito. Isso porque não só ocorreu um contato cultural entre nós e uma civilização alienígena do espaço exterior, com possibilidade de se encontrarem mais evidências em nossas culturas antigas, como também se descobriu que o mundo antigo, a cada recuo mais remoto no tempo, tende a desenvolver sempre mais saborosas probabilidades. O mistério torna-se mais denso, a singularidade torna-se sempre mais espessa e viscosa. Assim como se rastreiam as origens do açúcar, desde o xarope mais claro até os mais pungentes melaços, de onde se desenvolve, parece que também o melhor de nossas expectativas já de início nos foi retirado em nosso passado. Suas portas cobertas de teias de aranha ainda emitem o mau odor do ar respirado pelos ancestrais esquecidos.

PARTE DOIS

A Questão de Sírius é Reformulada

Introdução

Passemos agora à história da estrela Sírius. Qual é a sua importância, se for o caso, para as antigas religiões? Há evidências, nas antigas culturas, de que os misteriosos detalhes do sistema de Sírius eram conhecidos por outros povos além da tribo dogon? É possível descobrir onde os dogons obtiveram suas informações?

O leitor deve estar alerta à complexidade da Parte Dois, pela própria natureza do tema abordado. Procurei fazer do texto uma leitura mais amena; contudo, peço ao leitor que me perdoe se não alcancei esse objetivo. O material é estimulante e o agradará. Estou certo de que, chegando ao fim do túnel, grande será seu assombro. Isso porque as culturas antigas são bem mais estranhas do que imagina um indivíduo comum.

Capítulo 3

Um Conto de Fadas

Era uma vez uma estrela linda e brilhante chamada Sotis, bela como uma deusa. Com sua posição dominante no céu, aliada à sua beleza, era admirada por todos. Mas, ultimamente, ela não estava bem; de fato, era evidente que sua vida parecia ter entrado em decadência. Noite após noite, em sua longínqua altura, em seu orgulhoso posto no espaço, ela se aproximava cada vez mais da linha do horizonte e, sem dúvida, da própria morte. Ela caía, caía,

e na queda agarrava-se a qualquer companheira que encontrasse, descobrindo então que elas também sentiam essa fraqueza mortal, mergulhadas que estavam em uma espécie de sonolência. O que fazer? Noite após noite, percebia que suas forças a abandonavam; mal era capaz de cintilar como desejava. Outrora, fora tão glamorosa, a rainha mais cintilante que o céu estrelado já vira. Agora, sentia-se desvalorizada como uma anciã, com a perda de sua posição no centro de tudo e também de sua beleza, que se desvanecia continuamente... A beira do fim, chorou amargamente, olhos vermelhos de vergonha, pois era chegada a hora de seu eclipse. Tão grande era sua aflição, tão agudo seu sofrimento. Acolheu seu destino com uma espécie de contentamento e, por fim, aquela terrível linha do horizonte da terra, com as suas colinas delineadas, motivo de tanto terror, devorou totalmente sua brilhante presença. Ao cair da noite, ela havia deixado de existir. Descansava sob a terra no alívio da morte.

Não obstante, tão bondosa havia sido essa rainha do céu durante o seu reinado, pois não fora arrogante ou vulgar, que inúmeros admiradores de sua beleza lamentaram sua morte. Enquanto isso, lá embaixo, na terra, moviam-se os mortais não tão brilhantes. Quantas noites não haviam reverenciado a beleza de Sotis em seu apogeu. Alguns, de fato, até haviam assistido ao seu nascimento quando, vermelha como um bebê ao sair do útero ou como um Sol que nasce todos os dias, essa brilhante e bela imortal (ou que assim parecia) faiscou pela primeira vez os raios penetrantes e resplandecentes de sua incomparável presença, fazendo sua passagem sobre a terra — parecia até queimar o próprio chão com seu belo resplendor. Esse primeiro surgimento havia sido breve, pois logo a seguia, atraído por sua grandeza, o próprio Sol imenso que nascia. Indiferente a Sotis, logo ele derramava pelos céus a brancura de seu esplendor. Todas as estrelas se dissolviam como gotículas lácteas, perdidas de seu jarro ao súbito transbordar. Tão grandioso era o Sol, tão irresistível sua presença — ele, que alguns comparavam a um grande touro selvagem, que urrava em sua soberania sobre os céus e sobre a terra. Mas todas as noites o Sol se retirava para o seu lugar de repouso e, noite após noite,

Sotis, a deusa incandescente, entrava em cena para encantar os mortais, surgindo, serenamente, e atingindo grande perfeição. E sempre mais distante do Sol, todas as noites ela surgia.

Mas, com sua ausência, quão pobre, quão frio parecia agora o céu! O desaparecimento de sua renomada beleza da abóbada celeste era uma intolerável privação. Como a deusa fazia falta! Muitos mortais derramaram lágrimas amargas por não mais ver a beleza, que os deixara enamorados, com seus olhares insinuantes, seu corpo delgado de criança e seus pés delicados. Nunca mais veriam suas pegadas luminosas na dança circular e celestial das estrelas?

Dia após noite se seguia e a tristeza de muitos foi acalmando-se até vir a cura, com o tempo que transcorria lentamente, envolvendo os sofredores em invisíveis camadas de sono, esquecimento e novos interesses na vida. A beleza de Sotis, ainda que lamentada, só se havia perdido de vista, pois era lembrada por todos e sua imagem inflamada na memória era tão gloriosa que esperar por sua real presença era quase uma exigência ao Destino com seus tantos matizes, variações e inconstâncias.

Setenta dias se passaram. A esperança há muito se fora e sobreviera a aceitação; a tristeza transformara-se em entorpecimento. Um pastor levantou-se antes do nascer do sol para apascentar suas ovelhas, que agora tinham seis meses de idade. O Sol não tardaria a chegar, aproximava-se a hora do amanhecer. O pastor olhou para a linha do horizonte ao leste. E viu então o horizonte em chamas de um fogo refulgente e a luz trêmula avermelhada do nascimento da deusa. Era ela, devia ser ela! Nenhuma outra estrela possuía uma aura como aquela, tão atraente. O pastor ficou paralisado; seus olhos estavam cauterizados pela estrela recém-surgida, que parecia derramar gotas, como águas da vida, irradiando também em seu renascimento chamejante de uma existência renovada. Quando o célere Sol surgiu, para apagar o breve e provocante aparecimento de Sotis, o pastor virou-se e correu para o povoado mais próximo. "Acordem! Acordem! Acordem! A deusa voltou! Ela renasceu, ela é imortal, ela ressurgiu!" Nesse instante, todos os devotos se

reuniram cheios de entusiasmo e renovada esperança. Eles ouviram a história e a constataram por si mesmos, na manhã seguinte, instituindo uma celebração anual. Essa celebração até hoje existe e muitos são os templos, muitos são os sacerdotes que se reúnem no mês de julho em toda a terra do Egito para presenciar o tão anunciado renascimento anual da grande Sotis, que concedia harmonia e bênçãos a seu povo. E em honra dos seus setenta dias passados no submundo, foram instituídos os ritos de setenta dias de embalsamamento e mumificação de nossos próprios mortos, na forma mais santa e correta como deve ser.

Escrevi esse conto de fadas do ponto de vista de um antigo sacerdote egípcio, para transmitir ao leitor não apenas certos fatos, mas também certas emoções, igualmente importantes e extintas. Isso porque as atitudes e sentimentos dos povos antigos são tão importantes quanto as áridas descrições dos fatos em que acreditavam.

Sotis era o nome egípcio antigo de Sírius, em grego, e significava os movimentos de Sírius que regulavam seu calendário. O primeiro aparecimento de Sírius no horizonte ocidental pouco antes do sol — após setenta dias no Duat (o Submundo) — é chamado de nascimento helíaco (surgir, ou nascer, "com o sol") de Sírius. Esse evento ocorria uma vez ao ano e deu origem ao Calendário Sótico, cujos detalhes serão vistos a seguir.

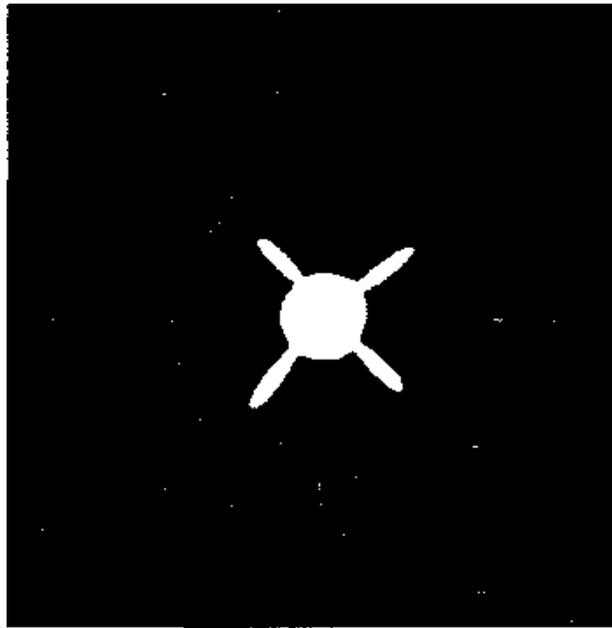


Figura 13. O nascimento helíaco de Sírius. O desenho de Sírius e do sol unidos neste momento, feito pelos dogons.

O nascimento helíaco de Sírius era tão importante para os antigos egípcios (como na realidade também o foi para os dogons) que templos gigantescos foram construídos, com suas principais naves laterais orientadas com precisão na direção do ponto do horizonte onde Sírius apareceria na esperada manhã. A luz de Sírius seria canalizada ao longo do corredor (em função da precisa orientação) para inundar o altar no santuário interno, como se um minúsculo ponto de luz se acendesse. Essa explosão de luz focalizada a partir de uma única estrela era possível em virtude da incrível precisão da orientação e também porque o interior do templo estaria em total escuridão. Em um templo imenso, completamente escuro, a luz de uma estrela focalizada sobre o altar devia causar grande impacto nos presentes. Dessa maneira, a presença da estrela manifestava-se no interior do templo. Era assim, dedicado à estrela Sírius, o templo de Ísis em Dendera no Egito. Uma antiga inscrição hieroglífica desse templo nos dá informações:

Ela brilha dentro de seu templo no Primeiro Dia do Ano, e mistura sua luz com a de seu pai Rá no horizonte. (Rá é um antigo nome egípcio do sol.)

O nascimento helíaco de Sírius também foi importante para outros

povos antigos. Na seqüência, uma dramática descrição do nascer de Sírius (geralmente conhecida como a Estrela Cão por se encontrar na Constelação do Cão) feita pelo antigo poeta grego Arato de Soli.

A ponta de sua terrível mandíbula [de Cão] é marcada por uma estrela, a mais aguçada de todas, tem um brilho de chama resplandecente e os homens a chamam de Sírius. Quando ela surge com o Sol [nascimento helíaco], as árvores não mais a escondem com o suave frescor de suas folhas. Isso porque, com o olhar vivo que lança, ela penetra seus súditos, e para alguns ela concede força, enquanto, para outros, só faz latir.

Vê-se que essa dramática descrição do surgimento da estrela indica um evento que, por certo, foi notado pelos povos antigos. Em toda a literatura latina existem muitas referências aos "Dias do Cão" que se seguiam ao nascimento helíaco de Sírius, no verão. Acreditava-se, na época, que a ferocidade e a aridez daqueles dias quentes, de calor excessivo, provinham da "incandescente" Sírius. Surgiram tradições que afirmavam que Sírius era "vermelha" como o seu próprio nascimento helíaco, tanto quanto outro corpo celeste no horizonte. Ao fazer alusões retóricas aos Dias do Cão, os latinos falaram muitas vezes que Sírius, na época, era vermelha.

A tendência é não se perceber que as estrelas nascem e se põem. Isso não decorre inteiramente do fato de se viver em cidades resplandecentes, com suas luzes elétricas refletidas sobre nós, de nossas emanações, fumaça e neblina artificial. Quando discuti as estrelas com o falecido Seton Gordon, naturalista bem conhecido, fiquei surpreso ao saber que mesmo um homem como ele, que passara a vida inteira observando a vida selvagem e a natureza, era totalmente indiferente aos movimentos das estrelas. E já deixara de ser um prisioneiro das cidades cheias de névoa e fumaça. Ele não tinha, por exemplo, qualquer noção de que a Ursa Menor podia servir como um confiável relógio noturno, com seus giros em círculos fechados ao redor da Estrela Polar (e age como um ponteiro de relógio em velocidade média — ou seja, leva 24 horas e não 12 em uma única rotação).

Gostaria de saber o que há de errado. Nossa civilização moderna

não ignora as estrelas só porque a maioria não mais as vê. Existem, certamente, razões mais profundas para isso. Pois, mesmo afastados dos vapores sulfurosos de nossas Gomorras e aventurando-nos em busca de um cenário natural, as estrelas não entram em nenhum de nossos esquemas de retorno à natureza. Simplesmente porque não lhes reservamos um lugar em nossos panoramas. Olhamos para as estrelas, nossas cabeças se curvam para trás, com temor e admiração, por existirem em tamanha profusão. Mas não vai além disso, exceção feita aos poetas. Essa é simplesmente uma reação de "oh, meu Deus!" Atualmente, o crescente interesse pela astrologia não resultou em maior observação das estrelas. E em relação ao impacto do programa espacial sobre nossa visão do céu, muitas pessoas seguirão cuidadosamente os movimentos de um satélite visível, contra um fundo estrelado, e as posições das estrelas não têm nenhum significado para elas. Quando éramos crianças, ensinaram-nos que as figuras mitológicas traçadas no céu não passavam de estranhas "fantasias de pastor" e, assim, elas não mereceram a atenção de nossas mentes adultas. Estamos interessados no satélite porque foi feito por nós, mas as estrelas são alienígenas e intocadas pelas mãos humanas — portanto, são enfadonhas. Chega a esse ponto nossa mania por tecnologia, como se desde o nascimento tivéssemos sido cozidos em uma solução bacteriana que nos reduziu o tamanho.

Só que as estrelas são parte integrante do cenário. O homem deixou de relacionar-se com esse cenário. Ele habita um mundo caracterizado por ser, cada vez mais, o fruto de sua própria fantasia. Fazendeiros relacionam-se com os céus, assim como os marinheiros, caravanas de camelos e navegantes aéreos. Isso porque eles integram todas as funções que envolvem o princípio fundamental — já quase esquecido — de orientação. Mas em um mundo quase totalmente secular e artificial, a orientação é considerada desnecessária. E os números de pessoas que vivem em uma casa, tomando tranqüilizantes, dá testemunho de nossa metafísica sem sentido nem objetivo.

Degradamos o que foi outrora uma vida natural integral, canalizada

pelas orientações cósmicas — uma vida íntegra — em prol de fracas e mornas sensações de pele e desconforto retiniano. Nossos relógios internos, conhecidos como ritmos circadianos,* continuam a atuar dentro de nós, mas sem encontrar nenhum contato com o mundo exterior. Portanto, eles passam a ser ciclos encravados na carne e frustrados que nunca se entrosam com o nosso ambiente.

* Ou seja, ritmos diários. A palavra "circadiano" significa "cerca de um dia" porque os ritmos não têm exatamente 24 horas.

Estamos nos transformando, por atuação própria, em máquinas corporais sem sentido, programadas para serem o que, em seu isolamento, parecem ser, séries arbitrárias de ciclos vitais. Porém, ao nos retirarmos do contexto, com o coração ainda batendo, arrancado do corpo de uma vítima asteca, inevitavelmente violentamos as nossas psiquês. Eu chamaria essa nova doença do efeito colateral da "alienação do jovem", a demência temporária.

Quando tento atenuar minha própria ignorância sobre esse assunto, acho que é um processo extremamente difícil. Descobri que lia uma matéria explicativa coerente que eu "entendia", mas não compreendia. A compreensão consiste em perceber o íntimo tão bem quanto o exterior. As coisas que realmente não nos importam, ou sobre as quais não projetamos imaginativamente nossa própria consciência, permanecem estranhas para nós; só a compreendemos externamente (como um homem sente a casca de uma laranja), mas não estabelecemos uma relação inerente com a coisa e, assim, acabamos por nos divorciar de sua realidade. Este crescente isolamento e alienação, uma praga cultural de que se queixa quase todo o mundo "civilizado", é também outra consequência da demência temporária. Pois, como penetrar no íntimo de algo, afinal, se o homem parou de olhar para dentro de seu próprio Universo com todos os seus ciclos e eventos naturais? Ficar indiferente à natureza é estar indiferente a todas as coisas.

Com essas observações em mente e um conto de fadas infantil

para ajudar a guiar-nos pela antecâmara da psiquê egípcia, vamos preparar-nos para um mergulho na queda d'água, na certeza de que não há chance de afogamento. Eu já estive antes nessa queda d'água e asseguro que a emoção é absolutamente deliciosa, desde que a gente se deixe levar. Mas não há dúvida de que é preciso nadar muito. Estamos de partida... e de imediato nos encontramos na espuma das corredeiras, onde os nomes e as orientações básicas devem ser estabelecidos com rapidez. Os professores Neugebauer e Parker, especialistas nesses assuntos, dizem-nos:

O calendário-ano egípcio, base para a fabricação dos relógios estelares diagonais (doravante chamados de "calendários diagonais"), é o bem conhecido ano civil ou ano "móvel", dividido em três estações de quatro meses cada, seguido de cinco dias epagômenos, isto é, suplementares, chamados pelos egípcios de "dias acrescentados ao ano". Em consequência, o total de 365 dias era invariável, mas ao longo do ano natural o ano egípcio lentamente avançava um dia, em média, a cada quatro anos. Como se verá posteriormente... era uma contínua e aborrecida complicação manter os relógios ajustados.

A base de tais relógios era o surgimento das estrelas (convencionalmente referidas como "decanos") a intervalos de doze "horas", no decorrer da noite, e em semanas de dez dias, durante o ano.

A principal estrela, ou decano, era Sírius. Os quatro decanos imediatamente antes, em ordem, compreendem a constelação de Órion. A última porção de Órion surge acima do horizonte uma "hora" antes de Sírius. Foi por essa razão que Órion assumiu significado na mitologia e religião egípcias. Os egípcios eram tão preocupados com Sírius, a estrela cujo surgimento constituiu a base de todo o seu calendário, que o decano imediatamente precedente passou a ser visto como a "sentinela avançada" de Sírius. A própria Sírius era conhecida pelos egípcios como Spd ou Spdt (um "t" confere uma terminação feminina). Algumas vezes, a grafia é Sept sendo pronunciada dessa maneira. Órion era

conhecido dos egípcios como Sih, transliterado como Sah ou Sah, e assim é pronunciado.

Depois de estabelecidos alguns nomes e fatos, é preciso considerar o próximo ponto fundamental. Devemos estabelecer, segundo as palavras do professor nesse sentido, que a estrela Sírius era realmente identificada (como Sotis) com a famosa deusa Ísis, a principal deusa do panteão egípcio.

O nascer, ou surgimento, helíaco de Sírius é chamado em língua egípcia por Spdt. Neugebauer e Parker dizem: "Oferecemos a sugestão de que Spdt seja um nisbe, ou seja, um derivado de spd referindo-se a Ísis como "aquela que é spd". Que Sotis spd e spdt são identificados com Sírius é uma das raras certezas na astronomia egípcia. Sotis é uma deusa firmemente identificada com Spdt e que lá reside. Sotis também é identificada com a deusa conhecida por nós como Ísis, mas cujo nome egípcio atual é transliterado como Àst.

O professor Wallis Budge foi provavelmente o pai fundador da moderna egiptologia. Ele faz esta interessante observação: O trono ou assento jj é o primeiro sinal no nome de Às-t JJQ, que é a contraparte feminina de Osíris, sendo bem provável que, originalmente, a mesma concepção seja subjacente a ambos os nomes. Osíris, marido de Ísis, foi identificado com a constelação de Órion.

Wallis Budge disse também, após apresentar as formas hieroglíficas de Osíris: Pelos textos hieroglíficos de todos os períodos da história dinástica do Egito, sabemos que o deus da morte, por excelência, era o deus que os egípcios chamavam por um nome que poderia ser escrito assim: Às-Àr, ou Us-Àr, geralmente conhecido como "Osíris".

A forma mais antiga e simples de seu nome é, ou seja, é escrita com dois hieroglifos, o primeiro representando um "trono" e o segundo, um "olho"; porém, o significado exato, vinculado à combinação das duas figuras, conferido por quem as utilizou pela primeira vez, para expressar o nome do deus, e também o significado desse nome na mente de quem o inventou não podiam

ser ditos. Em torno do nome Às-Àr existe toda uma elaboração em direção ao que ele não significa, envolvendo os jogos de palavras, particularmente apreciados pelos sacerdotes egípcios e outros. Duas páginas adiante, ele conclui: "A verdade, nessa questão, é que tanto quanto nós, os antigos egípcios pouco sabiam a respeito do nome Às-Àr, e não dispunham de melhores meios para obter as informações pertinentes, como nós".

A tribo bozo, de Mali, um povo primo dos dogons, descreve Sírius B como a "estrela-olho", e aqui é encontrada a designação de olho, dada pelos egípcios a Osíris, por razões não claras. E Osíris é o "companheiro" da estrela Sírius. Uma coincidência? Os bozos também descrevem Sírius A como "assentada" — e um assento é o sinal de Ísis.

Um pouco mais adiante, Budge acrescenta: ...em algumas passagens (Às-Àr ou 'Osíris') é referido simplesmente como 'deus', sem o acréscimo de qualquer nome. Nenhum outro deus egípcio foi mencionado, ou a ele se aludiu, dessa forma, e nenhum outro deus, de qualquer época do Egito, jamais ocupou exatamente a mesma posição de glorificação em suas mentes, nem foi considerado possuidor de seus atributos peculiares. Acrescenta: "A placa de Hemaka é uma prova da existência de um centro de culto a Osíris em Ábidos durante a Primeira Dinastia, mas não existe comprovação para se supor que a princípio o deus tenha sido adorado ali, e... é difícil não pensar que, mesmo na Primeira Dinastia, não tenham sido construídos santuários em honra a Osíris em vários lugares no Egito".

Portanto, vê-se a imensa antigüidade do reconhecimento de Ast e Às-Àr (Ísis e Osíris), remontando a um período dinástico bem anterior no Egito.

Wallis Budge diz: "O símbolo de Ísis no céu era a estrela Sept, que era muito amada por sua aparência marcante, não apenas no começo de um novo ano, mas também por anunciar o avanço da Inundação do Nilo, indicando riqueza e prosperidade renovadas para o país. Como tal, Ísis era considerada a companheira de Osíris, cuja alma habitava a estrela Sah, ou seja, Órion...."

Wallis Budge também diz:

Ainda que Às, ou Ast, isto é, Ísis, seja uma deusa mencionada com muita freqüência nos textos hieroglíficos, nada se sabe com certeza sobre seus atributos nos tempos primevos... O nome Ast, assim como Ás-Àr, até o presente desafia todas as explicações, estando claro, por derivações de jogos de palavras, aos quais os egípcios recorriam, que eles não sabiam mais que nós a respeito de seu nome. ... O símbolo do nome de Ísis em egípcio é um assento, ou trono, jj, mas não há como relacioná-lo aos seus atributos de deusa, a fim de nos dar uma explicação racional de seu nome, e todas as derivações aqui propostas devem ser consideradas meras suposições. ... Um exame dos textos de todos os períodos comprova que Ísis sempre esteve, nas mentes dos egípcios, em uma posição inteiramente diferente daquela ocupada por outras deusas e, ainda que certamente suas visões sobre ela se modificassem de tempos em tempos, e que certos aspectos ou fases da deusa tenham sido venerados de forma mais geral em um determinado momento que em outro, é correto afirmar que, da primeira à última dinastia, Ísis foi a maior deusa do Egito. Muito antes de serem escritas as cópias dos Textos das Pirâmides, em nosso poder, os atributos de Ísis eram bem definidos, e mesmo quando os sacerdotes de Heliópolis lhe atribuíram a posição, mantida no ciclo de seus deuses, entre 4000 a.C. e 3000 a.C, as funções que desempenhava, ligadas à morte, eram claramente definidas, além de serem idênticas àquelas que lhe couberam no período greco-romano.

Comecei a suspeitar que a deusa irmã de Ísis, chamada Néftis, representava uma possível descrição de Sírius B, a companheira escura que descrevia um círculo em torno de Sírius. (Isso porque acabamos de ver que Ísis era identificada com Sírius, exatamente pelos egípcios, um fato que nenhum egiptólogo jamais sonhou em duvidar, por ser inegavelmente estabelecido, como se viu anteriormente.) Contudo, devo confessar que não estava preparado para descobrir a passagem a seguir:

Sobre o tema de Anúbis, Plutarco narra (44;61) crenças interessantes. Depois de se referir à visão de que Anúbis nasceu de Néftis, apesar de Ísis ser considerada sua mãe, ele prossegue

dizendo que por Anúbis eles entendem o círculo horizontal, que divide a parte invisível do mundo, chamado de Néftis, do visível, a que dão o nome de Ísis, e esse círculo toca igualmente os confins da luz e da escuridão, podendo ser considerado as duas coisas — surgindo desta circunstância a semelhança, por eles imaginada, entre Anúbis e o Cão, animal que pode ser observado tanto de dia como de noite.

Pode-se considerar que esta seja a descrição do sistema de Sírius. É clara a descrição de Ísis (que se sabe ter sido identificada com Sírius), como "os confins da luz" e "do visível", enquanto a de sua irmã Néftis é "os confins da escuridão" e "do invisível", sendo comum a ambas o círculo que lhes serve de divisória — o círculo horizontal mencionado, talvez a órbita da companheira escura próxima da estrela brilhante? E, neste caso, também, é uma explicação do simbolismo do cão, sempre associado a Sírius, que conservou ao longo das eras o nome de "Estrela Cão".

Anúbis é representado ora com cabeça de chacal, ora com cabeça de cão na arte egípcia. Wallis Budge acrescenta: "Portanto, é tão certo que nos tempos antigos, os egípcios prestavam grande reverência e honra ao Cão ..."

Anúbis era também representado, às vezes como o filho de Néftis e Osíris, sendo realmente idêntico ao próprio Osíris. Em uma famosa história, ele é o embalsamador do cadáver de Osíris. Osíris era também conhecido como Anúbis em Oxirrinco e Cinópolis.

Um nome semelhante a Anúbis (que é realmente Anpu em língua egípcia) e também associado a Ísis-Sotis é Anukis, uma deusa companheira que, juntamente com a deusa Satis, navega no mesmo barco celeste com Sotis, nas pinturas egípcias. Portanto, há três deusas juntas, Sírius A, Sírius B e Sírius C, enfatizando-se ainda que o sistema de Sírius é realmente considerado um sistema de três estrelas. Só para salientar o ponto, Neugebauer afirma, especificamente: "A deusa Satis, como sua companheira Anukis, raramente é considerada uma constelação separada, mas associada a Sotis".

A deusa Anukis segura dois cântaros, dos quais derrama água — possivelmente indicando dois planetas com água em torno de sua

estrela? Todas as referências aos céus sóticos são sempre um paraíso de águas onde crescem os caniços. Muitos arqueólogos supõem que seja uma referência a algum local egípcio em especial. Todavia, ninguém está certo. Sabe-se que o céu é quase invariavelmente associado ao sistema de Sírius e sua descrição é a de um local de vegetação prolífera e com água.

No famoso e extenso tratado de Plutarco "Ísis e Osíris" (356), lê-se: "... Ísis nasceu em regiões que são sempre úmidas". Na edição da Loeb Library desse tratado, o tradutor F. C. Babbitt acrescenta uma nota de rodapé nessa parte, dizendo: "O significado é duvidoso..." Em outras palavras, ninguém tem realmente certeza do que se quer dizer com todas essas referências a Ísis-Sotis e a "regiões úmidas", que a maioria dos estudiosos supõe, de maneira muito razoável, que sejam as condições locais do Egito nas imediações do Nilo, projetadas em uma região celestial ideal. Contudo, quase todos os estudiosos admitem que isso é mera conjectura. As "regiões úmidas" podem muito bem ser uma tentativa de descrever alguns planetas com água. Vale ressaltar que, se os planetas no sistema de Sírius tiverem água, é preciso considerar seriamente a possibilidade de que os seres inteligentes locais sejam anfíbios.

Talvez "as sereias", em sentido figurado, sejam um coro de sereias evocadas de tempos primevos. Por coincidência, em zoologia uma sereia é "um organismo do gênero de anfíbios (sirenídeos) com cauda de enguia e membros anteriores pequenos, mas destituído de pernas traseiras e pelve, com brânquias externas permanentes, assim como pulmões". Seria interessante ver em que remota era essas criaturas receberam tal nome. No que se refere ao canto das sereias, que atraía os marinheiros para os rochedos, eram chamadas na Grécia de Seirên (singular), Seirênes (plural) e são mencionadas pela primeira vez por Homero, na Odisséia. Homero conhecia duas sereias, porém mais adiante fala de uma terceira e alguns acrescentaram uma quarta. (Platão decidiu que havia oito sereias porque era um número equivalente ao das notas musicais em uma oitava.) É interessante que na Grécia, Sírius é Seirios. Liddell e Scott em seu dicionário do grego definitivo dão um

significado de Seirên, anterior, como "uma constelação, como Seirios, Eust. 1709.54".

Outra palavra similar, Seistron, tornou-se sistrum, em latim, definida por Liddell e Scott como "um guizo usado na adoração de Ísis..."

Agora, nossa atenção se volta para um livro notável, *Star Names, Their Love and Meaning* (Nomes de Estrelas, sua Sabedoria e Significado), de Richard Hinckley Allen. Nesse livro, na discussão da constelação do Cão Maior (O Cão), de que Sírius faz parte, na página 130, há uma descrição da estrela da constelação representada pela letra grega delta: "É a moderna Wezen (do árabe), Al Wazn, 'Peso', 'quando a estrela parece surgir, com dificuldade, no horizonte'; entretanto, Ideler diz que este é um nome surpreendente para uma estrela".

Antes de deixarmos a estrela, vale notar que Allen diz que os chineses conheciam muito bem algumas estrelas em Argos com "Hoo She, o arco e a Flecha," e que o arco e a flecha são uma variação do tema associado ao sistema de Sírius dos egípcios. Em Neugebauer, lê-se: "A deusa Satis, assim como sua irmã Anukis, dificilmente será considerada uma constelação distinta, mas associada a Sotis. Em Dendera B, a deusa segura um arco estirado com a flecha".

Mais informações sobre Al Wazn, "Peso", são encontradas em *Untersuchungen ueber den Ursprung und die Bedeutung der Sternnamen* (Investigações referentes à Origem e Significado dos Nomes das Estrelas), do dr. Christian Ludwig Ideler, de Berlim, 1809, que Allen descreve como "o principal compêndio crítico de informações sobre nomes de estrelas — em árabe, grego e, em especial, em latim. A ele devemos a tradução do texto árabe original de Khazwini, *Description of the Constellations* (Descrição das Constelações), escrito no século XIII, que constitui a base de *Sternnamen*, com acréscimos e anotações de Ideler provenientes de fontes clássicas e outras. Muitas informações de meu livro derivam dessa obra".

Ideler podia muito bem comentar que Al Wazn é "um nome

surpreendente para uma estrela". Dizer que uma estrela, da mesma constelação de Sírius, é "muito pesada para surgir com facilidade no horizonte" parece uma tentativa um tanto suspeita de descrever uma "estrela pesada", como Sírius B.

Essa referência a uma "estrela pesada" teria sido feita pelo povo a Sírius B, por ter herdado uma tradição ligeiramente adulterada da versão de tratar-se de uma estrela superdensa invisível a olho nu — teria esse resultado sido o apego a uma das aparentes companheiras de Sírius (conforme é vista da Terra), fazendo dela uma descrição apropriada, aplicável à sua companheira real? Os árabes não mencionam "480 cargas de burro" para descrever seu peso, à maneira singular dos dogons, mas a substância da idéia parece estar presente. É bem conhecido que a sabedoria dos antigos astrônomos árabes provém do Egito, sendo encontrada nas tradições de forma corrompida. Obviamente, a pesquisa deve voltar-se agora para esse conceito de uma estrela superpesada nas tradições egípcias! Sempre suspeitei que essa tradição mais secreta dos dogons fosse proveniente do Egito. Não é fácil descobrir isso, pois deve ter sido um ensinamento extremamente esotérico e secreto dos egípcios, tanto quanto era para os dogons. Nessa pesquisa, será relevante olhar para as tradições gregas em busca de mais esclarecimentos, e também para a antiga Suméria. Outro uso do nome Wazn é sua aplicação livre à estrela Canopus, da constelação de Argos. Alien, ao descrever Argos, cita o antigo poeta grego, Arato, em uma passagem que nos mostra algo sobre a relação que Argos mantém com Cão Maior, o Grande Cão:

Junto à cauda do grande Cão, Segue Argos

Argos é a constelação que representa o navio de Jasão com seus
cinquenta argonautas e a Arca de Noé.

O Argos, de Jasão, "transportou Danaos com suas cinquenta filhas do Egito para Rodes", segundo Alien. Ele acrescenta: "A história egípcia dizia que Ísis e Osíris nasceram na arca do dilúvio; enquanto os hindus consideravam sua posição como a mesma de Ísi e Iswara".

A grafia arcaica "Iswara" usada por Alien é uma referência à

palavra "Ishvara". Existem alguns fatos interessantes a coletar de um exame da palavra sânscrita ishu, que basicamente significa "uma flecha". Ela evoca a ligação do arco e da flecha com Sírius entre egípcios e chineses. (Outros exemplos são apresentados no livro Hamlet's MUI [Moinho de Hamlet], de Santillana e von Dechend, juntamente de interessantes ilustrações.) Observe agora que, no dicionário de sânscrito definitivo, de Monier-Williams, ishu não apenas significa "flecha", como também "raio de luz". Ishvasa significa "arco" ou "um arqueiro". Lembre-se das três deusas e observe o seguinte: Ishustrikanda, que literalmente significa "flecha de três partes", é o significado específico da constelação! Monier-Williams diz que é "talvez o cinturão de Orion" (que possui três estrelas proeminentes). O leitor interessado deve consultar o livro Hamlet's MUI, no qual há muitas discussões sobre Sírius, a Estrela do Arco. Hamlet's MUI é um dos livros mais fascinantes sobre a sabedoria da astronomia antiga. Na Prancha 25, um selo cilíndrico babilônio mostra o nascimento helíaco de Sírius. E esta representada graficamente por uma Estrela em Arco!

Essa idéia dos barcos celestes no Egito, nos quais navegavam seus deuses pelas águas dos céus, já foi vista anteriormente. As três deusas de Sírius, Sotis, Anukis e Satis, estavam todas no mesmo barco. É, pois, interessante notar que o Argos era um barco ligado a Ísis e Osíris, tendo em vista o conceito do número cinqüenta que obstinadamente se une a esse navio. Tenho a suspeita de que se trate de um remanescente do conceito de que a órbita de Sírius B leva cinqüenta anos para se completar ao redor de Sírius A. Essa sugestão não é tão forçada quanto parece à primeira vista. De fato, o leitor descobrirá, à medida que prossegue na leitura, que aumenta sempre mais a evidência. É preciso perceber que, em termos egípcios, a órbita de Sirius B em torno de Sírius A talvez seja expressa como um barco celeste. Assim, sendo Argos o barco de Ísis e Osíris, que melhor maneira de expressar a órbita de cinqüenta anos senão lhe concedendo cinqüenta remadores? Pois era o que a nau Argos possuía — na tradição possuía cinqüenta remadores, ou Argonautas.

Para fortalecer meu argumento, quero mencionar descrição

precisa de Alien desse fato: "A mitologia insistia em afirmar que ele havia sido construído por Glauco, ou por Argos, para Jasão, líder dos cinquenta argonautas, cujo número equivalia ao dos remadores do barco..." Em outras palavras, o importante não são os homens, mas sim o número de remadores, alinhados em volta de todo o barco. Um barco (uma órbita) com cinquenta remadores (cinquenta "marcadores" ou estágios)!

Mas, antes de continuar, é válido apresentar uma ilustração do conceito de "remador" do barco celestial do antigo texto de uma tumba egípcia, "O Campo do Paraíso": "... no lugar onde Re (o Sol) navega com remos. Eu sou o guardião das velas do barco do deus; eu sou o remador incansável do barco de Re". (Re é outro nome mais familiar de Rá.)

A primeira pessoa, nesse texto, refere-se ao faraó falecido. Esse é um dos exemplos do conceito egípcio comum de que, quando morria, o faraó tornava-se um remador celestial. Seria óbvio, na época, como o conceito de "cinquenta remadores" equivalente a cinquenta posições, ou remos, transformou-se em símbolo importante na antiga Grécia. É um conceito que remete a esse tema egípcio.

Passemos agora à civilização suméria (que posteriormente se transformou na civilização babilônia). A Suméria-Acádia foi quase contemporânea do antigo Egito, e sabe-se que essas nações estiveram em contato. Em uma importante fonte, lê-se, a respeito da palavra suméria Magan: "A terra Magan é normalmente identificada com a Arábia ou com o Egito".

Porém, qualquer que tenha sido o contato entre as duas civilizações, é preciso primeiro investigar a religião e a mitologia suméria. Para tanto, contamos inicialmente com o excelente estudo do falecido professor Samuel Noah Kramer, da Universidade da Pensilvânia. Kramer aceitou-me como aluno especial na década de 1960, mas nossa associação terminou em função de um grave ataque cardíaco que o forçou a um afastamento temporário. Por fim, ele viveu até os noventa anos.

O deus celestial sumério é chamado de Anu. (Em sânscrito, anupa significa "país das águas".) Sofri um choque considerável ao

descobrir o que Alexander Heidel diz em *The Babylonian Gênesis* (O Gênesis Babilônio): "...assim, os espíritos de Enlil e Anu, que deixaram esse mundo, eram representados como o asno selvagem e o chacal, respectivamente". Anu é representado pelo chacal. Bem, é claro, o chacal é o símbolo (intercambiável com o cão) do Anpu (Anúbis) egípcio!

Mais adiante explicarei por que considero Anu relacionado à questão de Sírius, deixando de lado o evidente paralelo. Posso lançar mão de outros paralelos relacionados e que considero surpreendentes. Anu é o rei de algumas divindades subordinadas, chamadas de Anunnakis. Observe a repetição, na Suméria, de "Anu", em Anu e em Anunnakis, assim como no Egito, em Anpu (Anúbis) e Anukis. Em todos esses casos, Sírius está envolvida. O chacal, ou cão, é um símbolo comum de "Anu" nos dois países. Existem outros paralelos que serão abordados no momento oportuno.

A palavra suméria *an* significa "céu" e Anu é o deus do céu.

Wallis Budge diz que o deus egípcio Nu com freqüência era identificado com Nut, que é o "céu".

É significativo que ele o afirme expressamente:

É surpreendente, portanto, encontrar tanta semelhança entre os deuses primevos da Suméria e os do Egito, especialmente quando essa semelhança não pode ser o resultado de um empréstimo. Não resta dúvida de que os editores de Assurbanípal se apropriaram do sistema do Egito, ou que os homens letrados da época de Seti I tomaram emprestado suas idéias dos literati da Babilônia, ou Assíria. Assim somos levados à conclusão de que tanto os sumérios como os antigos egípcios derivaram seus deuses primevos de alguma fonte comum, mas muitíssimo antiga. A semelhança entre os dois grupos de deuses parece muito grande para ser acidental...

Cheguei a todas essas conclusões por mim mesmo, antes de ver essa passagem de Wallis Budge.

Mas voltemos a Anu. Osíris é, algumas vezes, conhecido como An.

Em um hino a Osíris, ele é chamado de o "deus An de milhões de anos..." e também "An in An-tes, O Grande, Heru-Khuti, tu que avanças pelo céu em largas passadas". Portanto, essa designação, An, é especialmente relacionada ao céu e as largas passadas significam o movimento celeste.

Ao considerar An e Anu, é preciso examinar Anúbis mais uma vez. Mas, ao fazer isso, deve-se voltar o olhar para o sânscrito. Lembremos que Anúbis, no relato de Plutarco, parecia referir-se especificamente à órbita de Sírius B. Em sânscrito, a palavra *anda* significa "eclipse" e a palavra *anu* significa "minúsculo, atômico", "o sutil", um "átomo da matéria" e *animan* significa "miudeza, natureza atômica, a menor partícula, o poder sobre-humano de tornar-se tão pequeno quanto um átomo". A primeira palavra poderia designar uma órbita. Desde Kepler, sabemos que nossos planetas se movimentam em órbitas elípticas e não circulares, e a órbita de Sírius é elíptica. Quanto às duas formas *anu* e *animan*, parecem ter significados perigosamente periféricos à explicação do nível de matéria (atômica) manifestada pela natureza de Sírius. (Veremos adiante, neste livro, que existem outras semelhanças entre certos termos em sânscrito relevantes para a questão de Sírius, assim como termos similares no Egito e Oriente Próximo; e mostrarão que possuem considerável importância.)

Wallis Budge diz de Anúbis: "Sua adoração é muito antiga e, sem dúvida, mesmo nos tempos antigos seu culto era geral no Egito; e provavelmente é até mais antigo que o de Osíris". Ele ressalta, ainda, nessa e em outras passagens, que a face do ser humano falecido passa a se identificar com Anúbis, sendo exatamente a cabeça desse deus que é simbolicamente representada pelo chacal ou cão. Já ressaltai que ele é descrito como o círculo, ou órbita, que separa a escuridão de Néftis da luz de Ísis ou Sírius. Em outras palavras, acho que Anúbis representa a órbita de Sírius B ao redor de Sírius A. Além disso, considero sua descrição como o "tempo", uma maneira particularmente inteligente de olhar para uma órbita progressiva e seqüencial no tempo. "Tempo, o devorador", um tema comum a todos nós, não é estranho aos egípcios. Não nos causaria surpresa que Anúbis também fosse

representado como um devorador. Mais especificamente, ele é acusado de devorar o touro Ápis. O touro Ápis é o animal no qual foi transportado Osíris morto e "reconstituído", segundo a lenda tardia bastante conhecida. Contudo, em termos mais básicos, o "Touro Ápis" (a divindade conhecida pelos Ptolomeus como Serápis) é Āsar-Hāpi. É o próprio Osíris! Em *The Gods of the Egyptians* (Os Deuses dos Egípcios), lê-se: "Ápis é chamado de 'a vida de Osíris, o senhor do céu" e, "de fato, acreditava-se que Ápis era animado pela alma de Osíris e Osíris encarnado". Assim, conseqüentemente, quando Anúbis devorou Ápis, estava ingerindo o marido de Ísis! É uma representação muito pitoresca, nesses termos mitológicos dramáticos, mas o significado é claro. Lê-se mais adiante:

Outros, entretanto, são da opinião de que Anúbis significa Tempo e sua denominação Kuon [a palavra grega para "cão"] não alude tanto a uma semelhança com o cão, embora seja essa a tradução geral da palavra, mas a outro significado extraído de geração; porque o Tempo gera todas as coisas, contendo-as em si mesmo, como se fosse um útero. Mas esta é uma daquelas doutrinas secretas mais conhecidas na íntegra pelos iniciados na adoração de Anúbis.

Exatamente. Uma doutrina secreta! Quanto não se daria por um relato na íntegra! Este é o problema enfrentado com a maioria das fontes; elas pouco revelam, a não ser por inferência. As doutrinas secretas não são escritas com muita freqüência e deixadas para a posteridade. A doutrina mais secreta dos dogons só foi revelada com grande relutância depois de muitos e muitos anos, e ainda assim só após uma confabulação entre os iniciados. Os egípcios não eram tolos e dificilmente se poderia esperar que deixassem papiros ou textos com revelações específicas, e com muitas palavras, de assuntos que supostamente não revelavam. O que se pode conseguir são fragmentos de pistas a serem reunidos. Não obstante, nossas pistas, algumas vezes, transformam-se em verdadeira avalanche.

A última passagem de Wallis Budge era uma citação de "Ísis e Osíris", de Plutarco. Muitos egiptólogos já observaram que em

nenhuma parte, nas fontes egípcias, encontra-se um relato integral e coerente sobre Ísis e Osíris, nem que todas as fontes fossem reunidas! Por essa razão, somos forçados a depender de Plutarco, que preservou um longo relato escrito em sua língua nativa, o grego. Plutarco (século I d.C.) foi sacerdote em Delfos durante os últimos trinta anos de sua vida. Seu tratado "Ísis e Osíris" é dedicado a Cléa e a ela dirigido. Começa com as palavras: "Todas as coisas boas, minha cara Cléa, os homens sensíveis devem pedir aos deuses; e especialmente oremos para que por intermédio desses deuses poderosos possamos, em nossa procura, adquirir o conhecimento que é deles, porque este os homens podem alcançar". Isso nos dá alguma indicação do tipo de homem que era Plutarco.

A Introdução de F. C. Babbitt, à edição da Loeb de Ísis e Osíris, diz: "Uma ocasião [Plutarco] visitou o Egito, mas não temos meios de saber quanto tempo ficou e o conhecimento que adquiriu. É mais provável que seu tratado represente o conhecimento atualizado de sua época, sem dúvida, proveniente de duas fontes: livros e sacerdotes". É certo que Plutarco, um sacerdote muito importante em Delfos, teve amplas apresentações aos principais sacerdotes do Egito. Esse tipo de coisa era uma prática usual — também em relação ao estudo da religião e astronomia egípcias realizado séculos antes pelo estudioso grego Eudóxio (colega de Platão e Aristóteles), a quem foi concedida uma carta de apresentação ao último dos faraós nativos, Nectanebo, pelo general espartano Agesilau, o qual, por sua vez, enviou-o para se associar aos seus sacerdotes. Assim, não há dúvida de que Plutarco fez, com relação aos egípcios, o mesmo que Griaule e Dieterlen fizeram com os dogons — extraiu deles algumas tradições secretas. Portanto, não é tão surpreendente que o estudo de Plutarco seja mais respeitado por egiptólogos que por classicistas.

Diz Plutarco: "Alguns são de opinião que Anúbis é Cronos". Cronos, é claro, era o "tempo devorador" grego, cuja grafia tinha um h, Chronos. Cronos, em latim, é Saturno. Existe considerável debate entre os estudiosos referente a Cronos (Saturno) — teria o

primeiro deus principal antes de Zeus (Júpiter) alguma relação definitiva com a palavra *chronos*, grafada com *h*, e às vezes empregada como nome próprio para Tempo? Desta última palavra derivam os termos cronologia, crônica, etc. O deus sumério Anu é bastante similar ao Cronos grego, pois ambos, Cronos e Anu, eram "velhos" deuses destronados por deuses de sangue novo — respectivamente, Zeus e Enlil. Portanto, existe outro possível elo entre Anu e Anúbis, caso se deseje garantir que Cronos e Chronos não sejam palavras e conceitos inteiramente distintos na Grécia antiga pré-clássica.

Wallis Budge continua, com referência a Plutarco:

Referindo-se a Osíris como a "Razão comum que permeia tanto as regiões superiores como as inferiores do Universo", ele [Plutarco] diz que, além disso, é chamado de "Anúbis e às vezes é, igualmente, Hermanúbis (isto é, Heru-em-Ánpu); o primeiro desses nomes expressa a relação que ele tem com o mundo superior, assim como o último a tem com o inferior. E por essa razão é que lhe são sacrificados dois Gaios, um branco, como o próprio emblema da pureza e esplendor das coisas do alto, e o outro da cor de açafraão, amarelo-laranja, uma expressão da mistura e variedade encontrada nessas regiões inferiores".

Essa é uma referência que considero dirigida à branca Sírius A e à "mais escura" Sírius B. Mas, além disso, as "regiões inferiores" são os horizontes, onde os corpos celestes brancos, tanto em seus "nascimentos" como em suas "mortes", assumem uma cor amarelo-alaranjada.

Existe uma tradução mais clara de Babbitt na descrição precisa de Anúbis como "a relação combinada" entre a estrela em órbita e a estrela em torno da qual está em rotação. Para que isso seja estabelecido de forma mais consistente, ou seja, menos fantasiosa e mais um fato, citarei as palavras de Plutarco no parágrafo seguinte (na tradução de Babitt): "Além disso, eles (os egípcios) têm registros de que os chamados livros de Hermes (literatura trimegística? — ver página 103) estão escritos em relação aos nomes sagrados, chamados por eles de o poder que é determinado para dirigir a rotação de Hóms-Sol..." Isso é

importante porque se vê aqui que os egípcios dão especificamente à órbita do sol o nome de um deus. Se dão à rotação do sol o nome de um deus, podem atribuir à rotação de Sírius B (supondo-se que realmente tinham conhecimento dela) o nome de um deus. Estamos lidando com um precedente. Resumimos, agora, esta citação por ser interessante por outras razões: "... mas os gregos o chamam de Apolo, e ao poder designado ao vento alguns chamam de Osíris, enquanto outros o chamam de Serápis; Sotis em egípcio significa "gravidez" (cyesis) ou "estar grávida" (cyein); por essa razão, em grego, mudando-se o acento, a estrela é chamada de Estrela Cão (Cyon) que é considerada uma estrela especial de Ísis".

Outros fragmentos de informações de Plutarco sobre Anúbis são: "E quando a criança (Anúbis, filho de Néftis e Osíris) foi encontrada, depois de grande transtorno e dificuldade, com a ajuda de cães que conduziram Ísis até ela, foi levada, tornando-se seu guardião e servo, e dela recebeu o nome de Anúbis; por isso se diz que ele protege os deuses exatamente como os cães protegem os homens".

Se Anúbis é concebido como uma órbita em torno de Sírius, então de fato seria um servo de Ísis! Ele teria sua órbita ao seu redor como um cão de guarda.

Plutarco oferece-nos uma pista importante e crucial unindo Ísis a Argos e os Argonautas, além de demonstrar a provável derivação de uma idéia que muito intrigou os classicistas: "São assim as crenças dos egípcios, porque eles com muita freqüência chamam Ísis pelo nome de Atena, xoressando algo parecido com a idéia: 'Vim por mim mesma', indicativa de movimento de autopropulsão".

Deve ser lembrado que se afirmava que Atena, a deusa grega da mente e da sabedoria, surgira e se havia desenvolvido da sobancelha de Zeus. Ela não nasceu. Veio por si mesma. No entanto, continuemos a citação para se ressaltar esse ponto:

Tífon, dizem, é chamado de Seth, e também de Bebon e Smu, nomes que indicariam alguma restrição forçada e preventiva ou, ainda, uma oposição ou reversão.

Além disso, a magnetita era chamada de osso de Hórus e o ferro

de osso de Tífon, segundo os registros de Maneto. Isso porque o ferro, muitas vezes, age como se atraído e impelido na direção da pedra e, em outras ocasiões, é rejeitado e repelido em direção oposta, da mesma maneira que o movimento racional, salutar e bom do mundo, em um dado momento, atrai e traz para si por persuasão, sendo porém mais delicado que esse movimento tifoniano e rude, para de novo atrair e repelir, causando dificuldades.

A identificação de Ísis com Atena aqui, juntamente com as magnetitas e "o movimento de autopropulsão", traz à mente a cena em que Atena está colocando uma peça cibernética* de madeira de carvalho no santuário de Dodona (supostamente fundado por Deucalião, o Noé grego, após a aterrissagem de sua arca) na quilha do Argos (ver Figura 15). H. W. Parke, em seu livro *Greek Oracles (Oráculos Gregos)*, refere-se a isto: "Quando o Argos foi construído, Atena tomou uma peça (viga) de madeira de carvalho de Dodona (o centro oracular de Zeus) e a encaixou na quilha. O resultado desse ato da deusa foi conferir ao próprio Argos a capacidade de falar, orientar ou advertir os Argonautas nos momentos críticos, conforme nos é apresentado nos épicos existentes sobre o tema. O épico original perdeu-se, mas não há razão para duvidar de que essa miraculosa característica date da época e, se for o caso, seria no mínimo tão antiga quanto a *Odisséia* em que o Argos e sua história são mencionados". (O oráculo de Dodona e suas folhas de carvalho também são mencionados na *Odisséia*.) É um oráculo que atua por si só e não é simplesmente um meio de previsão. Assim, observa-se que o Argos possuía um "movimento de autopropulsão" concedido por Atena, quando de sua construção (que Plutarco identifica com Ísis).

Deixemos os cinqüenta Argonautas e seu navio mágico para voltar nossa atenção para o que talvez seja uma descrição egípcia muito precisa do sistema de Sírius, e preservada por uma fonte incomum. A fonte de referência é G. R. S. Mead (amigo do poeta Yeats, além de ser mencionado por seu apelido "O Ancião" nos

Cantos de Ezra Pound), cuja obra em três volumes, *Thrice Greatest Hermes* (Hermes, Três Vezes Grande), apresenta uma tradução da obscura, e geralmente ignorada, "literatura trismegística", com extensos prolegômenos e notas, sobre a tradição hermética. Esses escritos são amplamente rejeitados pelos estudiosos clássicos, que os consideram falsificações de textos neoplatônicos. É claro, desde o desenfreado crescimento neoplatônico, durante o período renascentista italiano, quando Marsílio Ficino traduziu e, portanto, preservou para a posteridade (concedendo a Mediei o crédito por ter encontrado e adquirido os manuscritos!) os textos neoplatônicos, como o *lâmblico*, e os textos trismegísticos, os neoplatônicos têm estado em maus lençóis.

Mas não estando a maioria dos leitores familiarizada com o termo "trismegístico", ou com os neoplatônicos, é conveniente uma explicação. Os neoplatônicos, segundo a maioria dos estudiosos modernos, são filósofos gregos que viveram em época muito posterior à de Platão para serem chamados de platônicos (mas consideravam-se platônicos por serem discípulos intelectuais desse filósofo). Estudiosos modernos acrescentaram o prefixo "neo" a "platônico" para sua própria conveniência, fazendo a distinção de seus predecessores antigos, os platônicos que viveram naquele período de cento e cinquenta anos que incluiu o próprio Platão. A Academia Platônica existiu por mais de nove séculos em Atenas. Na realidade, os estudiosos falam de "platônicos intermediários", "platônicos sírios", "platônicos cristãos", "platônicos alexandrinos", e assim por diante. Sugiro que o leitor consulte o Apêndice 11, que trata dos neoplatônicos e seus vínculos com o mistério de Sírius.

G. R. S. Mead, no início de sua obra *Thrice Greatest Hermes*, explica de forma bastante completa o que é a "literatura trismegística". Ele usa o termo "trismegístico" em vez da designação antiga "hermética" (derivada do nome do deus grego Hermes) para distingui-la de seus outros escritos menos interessantes, como as orações de Hermes, o Egípcio, e também da "literatura alquímica hermética". Os escritos trismegísticos, agora fragmentários, consistem em uma grande quantidade de

sermões, diálogos, excertos muito estranhos de Estobeu (um antologista do início do século V d.C.) e dos padres da Igreja provenientes de textos perdidos, etc. Não me decidi a fazer um breve resumo desses textos e, por isso, sugiro que o leitor realmente interessado pesquise por si mesmo o assunto. Algumas questões são verdadeiros desafios aos resumos e acho que esta é uma delas. Os escritos contêm certos elementos "místicos" e sem dúvida alguns são sublimes. Ficino disse a Cosimo Mediei, o Velho, que era capaz de traduzir a Literatura Hermética ou os diálogos de Platão, mas não ambos ao mesmo tempo. Cosimo, sabendo que estava à beira da morte, respondeu algo mais ou menos assim: "Se pelo menos pudesse ler os livros de Hermes, morreria feliz. Platão seria muito bom, mas não tão importante. Traduza o Hermes, Ficino". E Ficino o traduziu.

Conforme explicação apresentada no Apêndice II, os neoplatônicos costumam ser completamente desprezados pela tendência predominante, seja qual for o significado que se atribua ao termo tendência; assim, durante o neoplatonismo, a literatura trismegística foi desprestigiada por ser considerada fora da realidade e da lógica, inclinando-se mais ao misticismo. Uma característica que não se adapta bem ao inflexível racionalismo, em uma época ainda presa aos grilhões do preconceito determinista científico (ainda que decadente) do século XIX. A sublime ironia, é claro, é que os textos egípcios autênticos e comprovados são indiscutivelmente místicos, mas sob esse aspecto não há nenhum problema. O problema está em considerar-se a literatura trismegística como neoplatônica, que é menosprezada por ser mística.

A literatura trismegística pode ser neoplatônica. Mas tal fato, por si só, não torna menos válido o que essa literatura tem a dizer sobre a religião egípcia, era comparação com a obra Isis e Osíris do grego Plutarco, que antecede um pouco mais os neoplatônicos gregos. Esta é a hora para chamar a atenção dos estudiosos para essas informações, infelizmente negligenciadas. Grande parte da literatura trismegística talvez remonte a fontes ou compilações genuínas, como é o caso da Sotis de Maneto, que se perdeu.

(Maneto, sumo sacerdote egípcio, viveu em aproximadamente 280 a.C. e escreveu uma história do Egito e outras obras em grego, hoje fragmentárias.) Ou talvez seja uma literatura muito antiga, e neste caso uma parte, em sua forma presente, não poderia preceder o período ptolomaico, época em que o Zodíaco, em sua forma hoje conhecida, foi introduzido no Egito pelos gregos, que o haviam recebido, por sua vez, da Babilônia. (Não se discute aqui a questão das formas anteriores do Zodíaco, como o de Dendera.) Mead cita um papiro mágico, um documento egípcio incontestável, comparável a uma passagem da literatura trismegística: "Invoco-te, Senhora Ísis, com quem o Deus Daimon (Espírito) se une, Ele que é o Senhor da perfeita escuridão".

Sabe-se que Ísis é identificada com Sírius A e essa passagem pode ser uma descrição de sua estrela companheira "que é o Senhor da perfeita escuridão", ou seja, a invisível companheira com quem ela está unida, Sírius B.

Mead, é claro, não tinha nenhuma noção sobre a questão de Sírius. Mas citou esse papiro mágico com o objetivo de lançar uma luz comparativa sobre algumas passagens extraordinárias em um tratado trismegístico, traduzido por ele e intitulado *The Virgin of the World* (A Virgem do Mundo). Em seus comentários sobre o papiro mágico, diz Mead: "É natural que o termo Agathodaimon (o Bom Daimon) do Papiro se refira a Osíris, por ser esta, de fato, uma de suas mais freqüentes designações. Além disso, é precisamente Osíris que está vinculado, de forma relevante, ao chamado 'submundo', o mundo invisível, a 'escuridão misteriosa'. Ele é o senhor desse lugar... e de fato um dos antigos mistérios era precisamente a afirmação de que 'Osíris é o Deus escuro'".

The Virgin of the World é um extraordinário tratado trismegístico, em forma de diálogo entre o hierofante (sumo sacerdote), o porta-voz de Ísis, e o neófito, representando Hórus. Desse modo, o sacerdote que instrui o iniciado é a representação de Ísis instruindo Hórus.

O tratado começa alegando ser aquele "seu mais sagrado discurso" e que "assim falou Ísis, emanando". Em todo o discurso,

a ênfase recai sobre o princípio hierárquico de seres inferiores e superiores no Universo — ou seja, de que os mortais terrestres são governados, de tempos em tempos, por outros seres superiores, que interferem nos negócios terrenos, quando as coisas por aqui se tornam desesperadoras, etc. Ísis diz no tratado: "Portanto, é necessário que os mistérios menores dêem lugar aos mistérios maiores". Ela está para revelar a Hórus um grande mistério. Mead descreve esse mistério como aquele que está em posse do arqu-hierofante (o sumo sacerdote). O mistério era o grau ("grau" no sentido empregado nos mistérios maçônicos que, infelizmente, são versões falsificadas e diluídas dos genuínos mistérios dos tempos antigos) do "chamado 'Mistério das Trevas' ou 'Rito Negro'". Este era um rito realizado somente por aqueles considerados dignos, depois de longa provação nos graus inferiores, e investido aparentemente de um caráter um pouco mais sagrado que a instrução sobre os mistérios realizada à luz do dia".

Acrescenta Mead: "Minha sugestão, portanto, é a de que se tem aqui uma referência a uma instituição mais esotérica da tradição isíaca...", e, é claro, isíaca com o significado de "tradição de Ísis", não devendo ser confundida com o Livro de Isaías, da Bíblia (por essa razão, talvez seja melhor não empregar a palavra "isíaca").

Mead citou o papiro mágico, também citado por mim, na tentativa de explicar o misterioso "Rito Negro" de Ísis, no mais alto grau dos mistérios egípcios. Sua explicação é a de um "Rito Negro" vinculado a Osíris, o "deus das trevas", "Senhor da perfeita escuridão", que é "o mundo invisível, a misteriosa escuridão".

O tratado *The Virgin of the World* descreve um personagem chamado Hermes, aparentemente a representação de uma raça de seres que ensinou as artes da civilização à humanidade terrestre: "E assim, encarregado pelos deuses, de vigiar seus parentes, ascendeu para as Estrelas".

Segundo esse tratado, por ter a humanidade causado grandes problemas, era objeto de rigorosa vigilância e, nos raros intervalos de crises, até de intervenção. A seguir, todo o parágrafo dessa

significativa passagem: "A ele (a Hermes), sucedeu Tat, seu filho e também o herdeiro desses conhecimentos [quase certamente isso sugere o sacerdócio]; e, não muito tempo depois, Asclépio-Imuth, segundo a vontade de Ptah, que é Hefestos, e todos os demais que investigariam, para ter a fiel certeza da contemplação celeste, conforme o desejo da Presciência (ou Providência), a rainha de todos".

Ora, sem dúvida, essa é uma passagem surpreendente. Temos aqui a misteriosa sucessão de "Hermes" por um sacerdócio egípcio de Thoth, cujos membros eram iniciados nos mistérios celestes. Temos, na sucessão, alguém chamado Asclépio-Imuth, "e não muito tempo depois, Asclépio-Imuth, segundo a vontade de Ptah". Este é Imhotep! O extraordinário Imhotep, um gênio brilhante, filósofo, médico e primeiro-ministro (fazendo uso de nossos termos) durante a Terceira Dinastia no Egito, em cerca de 2600 a.C, no governo do rei Zoser (ou Djoser), cuja tumba e templo projetou e construiu. (A famosa pirâmide escalonada em Saqqara, a primeira erigida pelos homens e, segundo alguns, também a mais antiga construção de pedra.) Ao longo dos séculos, Imhotep foi transformando-se, gradualmente, em um deus e em "filho de Ptah". Uma razão para o atraso de alguns milhares de anos em seu processo de deificação foi o fato de terem sobrevivido seus escritos, da mesma forma que sobreviveu o Galhas de Zaratustra (Zoroastro), o que impossibilitava a alegação de que era realmente um deus um homem que deixara obras escritas. Assim como Maomé e Zoroastro, Imhotep tornou-se uma espécie de "profeta" graças aos seus escritos remanescentes. Ptah — conhecido pelos gregos como Hefestos, ou Hefaistos, deus do fogo e da forja, além de marido de Afrodite — era considerado o pai de Imhotep no período egípcio tardio. De fato, é interessante notar que esse texto evita o emprego da forma tardia "filho de Ptah" para descrever Imhotep. Conhecido dos gregos, Imhotep proporcionou as bases para seu deus Asclépio (o deus grego da medicina, correspondente à forma egípcia tardia de Imhotep, deus da medicina). O nome Imhotep tem também as grafias, Imouthes, Imothes, Imutep, etc* , o que explica o uso da

forma "Asclépio-Imuth" nesse tratado.

Não há absolutamente nenhuma dúvida de que, nesse texto, faz-se referência a Imhotep. E sob essa luz, algumas outras afirmações dessa passagem se tornam bem interessantes.

Já se mencionou que em um tratado como *The Virgin of the World*, em que os nomes dos deuses são lançados ao redor, como alpiste, os autores refrearam-se, ao máximo, para evitar o emprego da legenda Asclépio-Imhotep como o "filho de Ptah-Hefestos". Esse é um fato que pode realmente apontar para uma fonte antiga e genuína de uma época anterior àquela em que os egípcios deixaram de considerar Imhotep um mortal.

Hurry diz:

Durante muitos anos, os egiptólogos ficavam um tanto confusos quando tinham que explicar por que Imhotep, que viveu nos dias do rei Zoser, em aproximadamente 2900 a.C, só veio a ocupar uma posição entre os verdadeiros deuses do Egito no período persa, que data de 525 a.C. A apoteose de um homem tão eminente, tantos séculos depois de sua vida terrena, parece misteriosa. Talvez a explicação seja aquela inicialmente sugerida por Erman, isto é, a de que Imhotep tenha sido considerado uma espécie de herói ou semideus, durante boa parte desse longo período, sendo objeto de uma veneração semidivina. Erman sugeriu que essa posição de semideus lhe foi concedida na época do Novo Reinado, ou seja, por volta de 1580 a.C; contudo, evidência mais recente parece indicar que esse estágio de semideus foi alcançado em período bem anterior.

Nesse ponto, um pouco de cronologia ajuda. *The Virgin of the World* descreveu corretamente a sucessão de Imhotep, "não muito tempo depois", ou seja, após a criação do sacerdócio egípcio, presumivelmente na Primeira Dinastia, depois de Menes (cerca de 3300 a.C), na forma em que essa classe seria conhecida depois da unificação do Egito. Imhotep viveu na Terceira Dinastia, no início do Velho Reinado. I. E. S. Edwards estima que tenha sido por volta de 2686 a.C. Ele estabelece o início da Primeira Dinastia em aproximadamente 3100 a.C. Portanto, é a Imhotep, literalmente, que se refere o trecho "não muito tempo depois". Seja quem for o

autor de *The Virgin of the World*, conhecia a cronologia egípcia e também não chamou Imhotep de "filho de Ptah".

Há ainda outro ponto importante. Observando essa passagem de *The Virgin of the World*: "e todos os demais (ou seja, depois de Imhotep) investigariam para ter a fiel certeza da contemplação celeste", descobrimos uma referência aos sucessores de Imhotep que "investigariam" os enigmas do Universo, além de uma descrição das próprias atividades de Imhotep como um "investigador". Isso reflete considerável conhecimento do assunto porque Imhotep é, às vezes, descrito como o primeiro filósofo genuíno conhecido como tal; além disso, na página 30 de seu livro, Hurry refere-se aos aparentes sucessores mencionados no papiro de Oxirrinco (na Grécia, editado por Grenfell e Hunt), mencionando que "Imhotep já era venerado na Quarta Dinastia e seu templo era freqüentado por pessoas doentes e aflitas". Hurry diz ainda: "As outras pessoas são Hórus, filho de Hermes, e Kaleoibis, filho de Apolo (sendo Imhotep filho de Ptah); mas eles não não eram nossos conhecidos". Seriam sucessores de Imhotep em trabalho de "investigação"?

Hurry refere-se à literatura trismegística (hermética) da seguinte maneira: "Se as referências a Imhotep, na literatura hermética, forem confiáveis, ele também se interessava por astronomia e astrologia, mas não existem observações especiais associadas a seu nome. Seth faz várias referências a essa literatura, mostrando que se julgava Imhotep associados ao deus Thoth (Hermes) nas observações astronômicas". É evidente que Imhotep, como sumo sacerdote durante o reinado de Zoser, estava associado a Thoth (Tat) na forma do sacerdócio, já mencionado, que tinha como seu mistério maior o "Rito Negro". Aqui está uma real confirmação, então, de que lidavam com assuntos astronômicos.

Inscrições em um templo em Edfu (no extremo sul do Egito, perto de Assuam), construído por Ptolomeu III Euergetes (237 a.C.), descrevem Imhotep como "o sumo sacerdote Imhotep, o filho de Ptah, que profere discursos ou palestras". Hurry diz que "agradava a Imhotep a reputação de 'um dos maiores sábios egípcios'"; a fama de sua sabedoria causava tamanha impressão em seus

compatriotas que perdurou por muitos séculos como uma tradição nacional. "Com relação a suas atividades literárias, dizia-se que era autor de obras de medicina e arquitetura, assim como de assuntos gerais, e algumas delas ainda existiam no alvorecer da era cristã... era um homem de letras tão eminente que passou a ser conhecido como o 'patrono dos escribas'.

Em outras palavras, foi o primeiro grande filósofo. E, obviamente, "proferia discursos e palestras" ao longo de sua vida. Talvez tenha sido ele o protótipo do primeiro grego clássico. Há ainda algo que se aguarda com interesse — sua tumba ainda não foi descoberta. Acredita-se que esteja em Saqqara (mais ao sul de Gizé, no mesmo lado do Nilo) e o falecido professor Emery várias vezes supôs que estivesse em vias de descobri-la em suas escavações pela região. Uma descoberta desse tipo seria o evento mais importante da história arqueológica e, em comparação, a tumba do faraó menino Tutankhamon seria totalmente ofuscada. O mais interessante em uma provável descoberta da tumba de Imhotep seria, quem sabe, o de estar repleta de livros. Um homem como Imhotep seria enterrado sem eles? É interessante a leitura desta passagem de *The Virgin of the World* logo após a anteriormente mencionada:

Os símbolos sagrados dos elementos cósmicos foram rigorosamente ocultos pelos segredos de Osíris. Hermes, antes de retornar ao Céu, lançou um encantamento sobre eles, e proferiu essas palavras:.... "Os livros sagrados, escritos por minhas mãos imortais, pelos incorruptos encantamentos mágicos... (neste ponto há uma lacuna pois há falhas no texto)... por toda a eternidade permaneçam livres da decomposição e sem sofrer a corrupção do tempo! Tornem-se invisíveis, e não serão encontrados por nenhum daqueles cujos pés pisam as planícies desta terra, até que o velho Céu crie os instrumentos para que seja encontrado por vós, a quem o Criador chama de almas".

Assim falou e, com as próprias palavras, lançou encantamentos sobre eles, encerrando-os em segurança em suas próprias regiões. E muito tempo passou desde que foram ocultos.

No tratado, o principal objetivo dos homens ignorantes em busca

da verdade é descrito como: "(Os homens) buscarão... a natureza íntima dos espaços sagrados que nenhum pé pode pisar, e os perseguirão nas alturas, com o desejo de observar a natureza do movimento dos Céus".

"Isso tem sido, até agora, moderado. Pois nada mais resta na Terra senão os reinos remotos; e ainda, em sua ousadia, eles seguirão a trajetória da Noite, da mais longínqua das Noites."

Nós "os perseguiremos nas alturas" do espaço "para observar a natureza dos movimentos dos Céus", diz esse antigo tratado (de uma Antigüidade indeterminada). E como estava certo. Já aterrissamos na Lua, que é o mesmo que "nós os perseguiremos nas alturas" com uma vingança. Estamos realmente "observando a natureza do movimento dos Céus". E o tratado também está certo ao afirmar que "isso tem sido, até agora, moderado", pois, como todos sabem, o pessoal do programa espacial sente-se como se mal o tivesse iniciado. O homem só fará novamente uma pausa apropriada quando conseguir familiarizar-se com o sistema solar, dominando-o. Então estará diante das limitações de nosso sistema solar e da barreira que o separa das estrelas. E depois? Sim, o que fizemos até agora certamente merece a descrição de "isso tem sido, até agora, moderado". Vasco da Gama talvez se tenha congratulado consigo mesmo por suas brilhantes realizações na navegação, mas é possível ver claramente, em seu caso, que um início é apenas um início. É o caso de "isso tem sido, até agora, moderado".

Segundo o tratado, depois dessas coisas moderadas, nós, "em nossa ousadia", tomaremos conhecimento até do maior dos segredos... descobriremos a "Noite". E o significado do "Rito Negro" será esclarecido. Como esse rito e esse mistério dizem respeito a Ísis e à estrela Sírius, e o contexto refere-se claramente aos céus, podem acusar-nos de sensacionalismo ao sugerir que nada poderia abalar mais a raça humana do que a descoberta comprovada de vida inteligente em outra parte do Universo. E se a escura companheira de Sírius realmente tiver a resposta para esse mistério? E se até o mais próximo centro de civilização realmente tiver sua base em Sírius, mantendo sobre nós um olho vigilante de

tempos em tempos? E se for comprovado, por detecção de nossos radiotelescópios, que traços reais de comunicação de rádio local, ecoando através desses nove anos-luz no espaço, em meio à vasta difusão ondulatória de sinais em desintegração, que uma cultura com um desenvolvimento quase próximo ao nosso, estaria prestes a "chuvilhar" do Universo caindo ao nosso redor? E se isso acontecer? Seria como se o céu desabasse, não é?

Resumo

Sírius foi, para os antigos egípcios, a estrela mais importante no céu. O antigo calendário egípcio era embasado no nascer de Sírius. Foi estabelecido, com certeza, que Sírius às vezes era identificada pelos antigos egípcios com Ísis, sua deusa principal.

O companheiro de Ísis era Osíris, o principal deus egípcio. O "companheiro" da constelação de Cão Maior (da qual Sírius faz parte) era a constelação de Orion. Ísis é equiparada a Sírius, portanto, seu companheiro deve ser, igualmente, equiparado ao companheiro de Sírius.

Sabemos que o "companheiro de Sírius" é, na realidade, Sírius B. É concebível que Osíris enquanto Orion, "o companheiro de Sírius", seja um substituto de Sírius B, o companheiro invisível.

Disseram-nos que "a forma mais antiga e mais simples do nome" de Osíris é o hieroglifo de um trono e um olho. O aspecto de "olho" é, portanto, fundamental. A tribo bozo de Mali, aparentada com os dogons, chama Sírius B de "a estrela-olho". Como Osíris é representado por um olho e algumas vezes é considerado "o companheiro de Sírius", isso equívale a dizer que Osíris é "a estrela-olho", desde que se considere como premissa que a existência de Sírius já era conhecida dos antigos egípcios, sendo assim "o companheiro de Sírius" uma referência a esse fato.

Os significados dos hieróglifos e dos nomes egípcios de Ísis e Osíris eram desconhecidos aos próprios egípcios das dinastias mais antigas, e aparentemente os nomes e os sinais gráficos tiveram uma origem pré-dinástica o que significa por volta, ou antes, de 3200 a.C, em outras palavras, há pelo menos 5 mil anos. Não existe explicação tradicional dos significados dos nomes e

sinais gráficos de Ísis e Osíris, a não ser a partir de 2800 a.C. mais ou menos.

"Estrela Cão" é uma denominação comum de Sírius ao longo de toda a história conhecida. O antigo deus Anúbis era um "deus cão", isto é, seu corpo era humano, mas sua cabeça era de cão.

Em discussão das crenças egípcias, Plutarco diz que Anúbis era realmente o filho de Néftis, irmã de Ísis, mas se dizia filho de Ísis. Néftis era "invisível". Ísis era "visível". (Em outras palavras, a mãe visível era a substituta da mãe invisível, que era a verdadeira, pela simples razão de que a mãe invisível não podia ser percebida.)

Plutarco disse que Anúbis era um "círculo horizontal, que separa a porção invisível... por eles chamada de Néftis, da invisível, a que chamam Isis, e esse círculo, igualmente, toca os confins da luz e da escuridão, podendo ser visto como algo comum a ambas".

Esta é uma descrição antiga das mais claras que se poderia esperar de uma órbita circular (chamada "Anúbis") de uma estrela negra e invisível (chamada "Néftis") ao redor da "irmã", uma estrela brilhante e visível (chamada "Ísis") — e sabemos que Ísis é equiparada a Sírius. O que falta aqui são os pontos específicos, a seguir, que devem estar nesse estágio de nossas suposições; (a) O círculo é realmente uma órbita, (b) As personagens divinas são realmente estrelas, especificamente nesse contexto.

Na realidade, Anúbis e Osíris são, algumas vezes, identificados entre si. Osíris, o companheiro de Ísis, algumas vezes o "companheiro de Sírius", é também às vezes identificado com a órbita da companheira de Sírius, o que é uma expectativa bem razoável.

Ísis, enquanto Sírius, era geralmente representada nas pinturas dos antigos egípcios navegando com duas companheiras no mesmo barco celeste. E como se sabe, Sírius, segundo os astrônomos, possui duas companheiras, Sírius B e Sírius C.

Para os árabes, uma estrela companheira de Sírius (na mesma constelação do Grande Cão) era chamada de "Peso" e supostamente era muito pesada — quase pesada demais para se elevar acima do horizonte. "Ideler diz que esse é um nome

bastante surpreendente para uma estrela", disseram-nos sem nos causar nenhuma surpresa.

A estrela companheira de Sírius, Sírius B, é constituída por matéria densa, mais pesada que a matéria normal do Universo, e o peso dessa minúscula estrela é o mesmo do de uma estrela gigante normal.

Os dogons também, como sabemos, dizem que Sírius B é "pesada" e falam de seu "peso".

Os árabes também deram o nome de "Peso" à estrela Canopus da constelação de Argos. Argos era um navio na mitologia que transportou Danaos e suas cinqüenta filhas para Rodes. O Argos tinha uma tripulação de cinqüenta remadores comandados de Jasão, chamados argonautas. O Argos tinha cinqüenta remos, um para cada remador, o argonauta. O argonauta divino era um tema mediterrâneo antigo com significados sagrados.

A órbita de Sírius B ao redor de Sírius A leva cinqüenta anos para se completar, o que pode estar relacionado ao uso do número cinqüenta para descrever os aspectos do Argos.

Há muitos nomes divinos e outros pontos em comum entre os antigos egípcios e os antigos sumérios (Babilônia). Os sumérios parecem ter chamado o Egito de "Magan" e mantido contato com esse país.

O principal deus sumério, chamado Anu, era representado como um chacal, uma variação do tema do cão e também utilizado no Egito para designar Anúbis, sendo o cão e o chacal aparentemente símbolos intercambiáveis. A forma egípcia do nome Anúbis é "Anpu" e semelhante à forma suméria "Anu", sendo ambos deuses chacais.

O famoso egiptólogo Wallis Budge estava convencido de que a Suméria e o Egito deviam suas culturas a uma fonte comum "muitíssimo antiga".

Anu também é chamado de An (uma variação) pelos sumérios. No Egito, Osíris era também chamado de An.

Recapitulando o que disse Plutarco, que Anúbis (Anpu em egípcio) era um círculo, é interessante notar que em sânscrito a palavra

Anda significa "eclipse". Isso pode ser uma coincidência.

Wallis Budge diz que Anúbis representa o tempo. Os significados combinados de "tempo" e "círculo" para Anúbis sugerem de maneira acentuada um "movimento circular".

O culto a Anúbis era uma religião de mistério secreto restrito a iniciados (e conseqüentemente não se conhece seu conteúdo). Plutarco, que escreve sobre Anúbis, era um iniciado das várias religiões de mistérios secretos, havendo razão para se acreditar que seu conhecimento a respeito era proveniente de fontes bem informadas. (O próprio Plutarco era um grego que vivia no Império Romano.) Uma tradução alternativa da descrição de Anúbis feita por Plutarco é a de que Anúbis era "uma relação combinada" entre Ísis e Néftis. Isso possui nuances que ajudam a pensar "no círculo" como uma órbita — "uma relação combinada" entre a estrela em órbita e a estrela orbitada.

Os egípcios usavam o nome de Hórus para descrever "o poder ao qual se atribui o direcionamento da rotação do sol", segundo Plutarco. Portanto, os egípcios concebiam e davam nomes a essa dinâmica específica — um ponto essencial.

Plutarco diz que Anúbis era vigilante como um cão e estava a serviço de Isis. Isso, aliado ao fato de Anúbis ser o "tempo" e "um círculo", sugere um conceito até mais orbital — a forma ideal de um cão de guarda obediente fazendo sua ronda.

O amigo de Aristóteles, Eudócio (que visitou o Egito), disse que era uma tradição egípcia que Zeus (o principal deus dos gregos, cujo nome é usado por Eudócio para se referir ao seu equivalente egípcio, levando-nos a imaginar que o deus egípcio em questão presumivelmente seja Osíris) era incapaz de caminhar porque "suas pernas eram unidas". Esta se assemelha a uma criatura anfíbia com cauda para nadar, em vez de pernas para andar. É muito parecida. É como a criatura semidivina, Oannes, que se julgava ter levado a civilização aos sumérios: era um anfíbio, tinha cauda no lugar de pernas e retirava-se para o mar à noite.

Plutarco relaciona Ísis à deusa grega Atena (filha de Zeus) e diz que ambas são descritas como "nascidas de si mesmas" e como um "movimento de autopropulsão". Atena supervisionava o Argos

e colocou em sua proa, como guia, a viga de madeira do carvalho de Dodona (lugar onde aterrissou a arca grega, em sua versão do Noé bíblico, Decalião e sua esposa Pirra.). Assim, o Argos obteve de Atena um "movimento autopropulsor" distintivo, uma capacidade que Plutarco relaciona especificamente a Ísis.

As versões mais antigas do épico Argos, escritas antes da época homérica, infelizmente se perderam. A versão sobrevivente do épico é boa para se ler, porém relativamente recente (século III a.C).

Os sumérios possuíam "cinquenta heróis", "cinquenta grandes deuses", etc, assim como posteriormente os gregos tiveram em seu Argos "cinquenta heróis" e o navio transportou as "cinquenta filhas de Danaos".

Um papiro egípcio diz que o companheiro de Ísis é o "senhor da perfeita escuridão". Este parece ser a invisível Sírius B. O companheiro de Ísis, Osíris, é um "deus das trevas".

O tratado trismegístico *The Virgin of the World*, do Egito, refere-se ao "Rito Negro", vinculado ao Osíris "negro" como o grau mais elevado possível da iniciação secreta na antiga religião egípcia — é este o maior dos mistérios de Ísis.

Esse tratado diz que Hermes veio à terra para ensinar a civilização dos homens e depois "ascendeu para as estrelas" novamente, voltando para casa e deixando atrás de si a religião de mistérios do Egito, com seus segredos celestes que serão um dia decodificados.

Existem evidências de que o "Rito Negro" realmente trate de assuntos astronômicos. Portanto, o Rito Negro referia-se a temas astronômicos, ao Osíris negro e a Ísis. A evidência indica que esse rito pode ter se referido à existência de Sírius B.

Uma profecia no tratado *The Virgin of the World* afirma que só quando os homens se relacionarem com os corpos celestes e "os perseguirem nas alturas" poderão ter esperanças de entender o tema do Rito Negro. O conhecimento astronômico do espaço hoje nos qualifica para compreender o verdadeiro tema do Rito Negro e se este tema é de fato o que se suspeita que seja. Na história antiga de nosso planeta, isso era impossível. Deve ser lembrado

que sem o nosso conhecimento presente sobre as estrelas anãs brancas, que só são visíveis com os modernos telescópios, sobre a matéria superdensa da física atômica, com toda a sua complicada tecnologia, etc. não seria possível qualquer discussão a respeito do sistema de Sírius; nem mesmo apresentar uma tal explicação para o Rito Negro — a questão de Sírius não poderia ser proposta. Grande parte das informações sobre os sumérios e os babilônios só entrou em circulação a partir do final da década de 1950 e durante a década de 1960, e o nosso conhecimento sobre os pulsares é ainda mais recente. Indubitavelmente, não seria possível escrever este livro antes da época atual. O autor começou a trabalhar realmente em 1967, e a edição original foi concluída em 1974. Ainda assim, ele percebe que muitas informações ainda se fazem necessárias: sítios arqueológicos ainda não escavados, textos não traduzidos de várias línguas antigas e investigações astronômicas que continuam incompletas. O autor também enfrentou a dificuldade de lidar com dados, provenientes de muitas áreas distintas e, para tanto, gostaria de ser mais qualificado. A questão de Sírius não teria sido proposta de maneira tão realista, em épocas anteriores, e as descobertas futuras em muitas áreas serão essenciais para uma consideração completa do assunto. No final de 1997, essa situação não havia se alterado muito.

Uma gravura de 1675 mostrando "Júpiter Dodoneu" — o deus Zeus em seu bosque sagrado no Oráculo de Dodona. Atrás dele, aparece um carvalho com um tronco antropomórfico, pois suas folhas "proferem os oráculos" com uma voz rumorejante semelhante ao vento. No ombro de Zeus, está assentada uma pomba oracular, ainda que mal desenhada, com um tufo sobre a cabeça; a legenda original, em latim, no entanto confirma que se trata de uma pomba. Segundo Heródoto, século V a.C, os egípcios de sua época alegavam que o Oráculo de Dodona havia sido fundado por duas pombas que vieram voando de Tebas, no Egito, e pararam para descansar naquele local. Como já expliquei intensamente em meu livro *Conversas com a Eternidade Rider*, Londres, 1984, no qual reuni evidências textuais antigas, as

pombas Oraculares desses centros eram pombos-correio que levavam mensagens a centenas de milhas de distâncias em um dia, permitindo que os sacerdotes e sacerdotisas Oraculares fizessem "predições" com base em relatos imediatos de eventos distantes. Esta rede secreta de pombos-correio era a base real do poder político dos centros de oráculos. "Andorinhas-correio" eram também utilizadas. Nesta figura, está pendurada no carvalho uma guirlanda dedicada por alguém que consultou o oráculo e partiu. Zeus põe o braço, em um gesto protetor, sobre o ombro da figura menor, talvez com o intuito de representar um dos Selloi — os sacerdotes Oraculares que dormiam no chão, embaixo dos carvalhos sobre leitos de folhas. Essa era uma prática que presumivelmente era interrompida durante os invernos, quando dificilmente Dodona "abriria para o trabalho", ainda que as folhas de carvalho verdadeiras não caíssem na estação — os carvalhos de Dodona seriam azinheiras, que são sempre verdes.

Capítulo Quatro

Os Cinquenta Sagrados

O tratado *The Virgin of the World* é bastante explícito quando diz que Ísis e Osíris foram enviados para ajudar a terra, concedendo à humanidade primitiva as artes da civilização.

E disse depois Hórus:

"Como foi então, mãe, que a Terra recebeu o Efluxo de Deus”?

Disse Ísis:

"Não posso contar-lhe a história do (desse) nascimento; por não ser permitido descrever a origem de sua descida, O Hórus (filho) do poder maior, para que então o modo de nascimento dos deuses imortais não seja conhecido pelos homens — mas apenas que Deus o Monarca, o Ordenador e Arquiteto universal, enviou por algum tempo o poderoso senhor Osíris e a deusa mais poderosa, Ísis, para ajudar o mundo em tudo o que fosse necessário. Foram eles que preencheram a vida com a vida plena. Foram eles que fizeram cessar a selvageria do extermínio mútuo dos homens.

Foram eles que consagraram os recintos aos deuses de seus ancestrais e os lugares para os ritos sagrados. Foram eles que deram as leis, o alimento e o abrigo aos homens." Etc.

É descrito também que eles ensinaram os homens a cuidar da morte, de uma maneira especificamente egípcia: "Eles ensinaram os homens a envolver em faixas, como deveriam estar, aqueles que deixaram a vida".

Agora todos sabem que esta é uma prática egípcia e não grega. Qual seria o neoplatônico a fazer tal afirmação, se não fosse realmente extraída de uma fonte anterior e escrita por alguém que realmente viveu no Egito?

O tratado encerra assim esta longa seção:

"Foram eles que, instruídos por Hermes nos códigos de Deus, tornaram-se os autores das artes e das ciências, de todas as atividades praticadas realmente pelos homens, além de serem os doadores de suas leis".

Foram eles que, instruídos por Hermes, ensinaram que as coisas embaixo foram dispostas por Deus para serem agradáveis às coisas do alto, e estabeleceram na terra os ritos sagrados sobre os quais presidem os mistérios do Céu. [A ausência aqui de uma ostensiva propaganda em favor da astrologia indica uma data pré-tolomaica desse tratado; após a afluência grega e babilônica, seria quase impossível fazer um leve comentário, como este, sem que o autor introduzisse toda uma parafernália entusiasta sobre astrologia do período tardio do Egito.]

Foram eles que, sabedores da destrutibilidade das estruturas [mortais], planejaram o grau de profetas, em todas as coisas que aperfeiçoaram, para que todo profeta que estendesse as mãos aos Deuses nada ignorasse, e que a magia e a filosofia deviam alimentar a alma, assim como a medicina preservar o corpo, quando este sofresse dor.

E tendo feito tudo isso, meu filho, Osíris e eu mesma percebemos que o mundo estava (agora) completo; foi-nos exigido o retorno

imediatos pelos que habitavam o Céu..."

No tratado, Ísis afirma que o "Rito Negro" é feito em sua honra e "concede a perfeição". Esse rito também se refere àquela misteriosa coisa chamada "Noite" — "que tece a sua teia com uma rápida luz ainda que seja menor que a do Sol". Fica evidente que a "Noite" não é o céu noturno, porque ela se movimenta no Céu juntamente dos "outros mistérios que sucessivamente se deslocam no Céu, com movimentos e períodos de tempo ordenados, com certas influências ocultas que conferem ordem às coisas embaixo e crescem em conjunto com elas".

É preciso verificar, na descrição, o significado de "Noite" nesse tratado. Essa descrição deixa perfeitamente claro que a "Noite" de que fala não é a "noite", mas sim uma palavra-código, pois se diz que ela possui "luz ainda que seja menor que a do Sol". A companheira escura de Sírius é uma estrela e possui luz, ainda que menor que a do sol. Também se diz que a "Noite tece sua teia com rápida luz", descrevendo especificamente um objeto com movimento. Como a órbita de Sírius B em torno de Sírius A leva cinquenta anos para se completar, ela se move mais rapidamente que três planetas de nosso sistema solar — Plutão, Netuno e Urano. Desses três, Urano é o mais rápido, e sua órbita em torno do sol leva oitenta e quatro anos. Assim, aqui está uma estrela cuja órbita é mais rápida que a de um planeta! Pode-se de fato dizer que ela avança "tecendo uma teia com luz rápida".

Voltemos agora para a cultura suméria ou, mais propriamente, cultura sumério-acadiana. É quase contemporânea do antigo Egito e tenho suspeitado que seus conceitos religiosos básicos são muito semelhantes aos do Egito, chegando a imaginar que tenham uma origem comum. Depois, descobri que Wailis Budge pensava como eu, segundo seu ponto de vista de renomado egiptólogo. Não possuo informações de que existam sumerólogos que tenham abordado esse problema em especial. Maior atenção tem sido dada aos vínculos comerciais conhecidos, existentes entre a Suméria e a civilização do Vale do Indo, além do problema de se decidir onde estava localizado o Dilmun. (Para os sumérios, o

Dilmun era, por um lado, um país ou região estrangeira real, do qual era obtida a madeira de construção, mas por outro lado, parece ter representado o "Outro Mundo" — não o Submundo — um "lugar limpo", um "lugar puro", "um lugar brilhante".) Kramer pensa que o Dilmun seja o Vale do Indo; Bibby, a exemplo de Peter B. Comwall, acha que se tratava de uma ilha de Bahrein no golfo Pérsico. Porém, para os sumérios, essa terra aparentemente situada em outra direção, que não a do Egito, era muito importante. Conseqüentemente, há a tendência a monopolizar a atenção dos estudiosos modernos que investigam as referências geográficas da Suméria. Kramer acha provável que a terra "Magan" seja o Egito e que para lá Sargão enviou seus exércitos.

Tanto a astronomia egípcia básica como a sumério-acadiana são idênticas. É possível consultar as imensas variações, a um nível básico menor, na obra *The Exact Sciences in Antiquity* (As Ciências Exatas na Antigüidade), do professor Otto Neugebauer. Os interesses de Neugebauer, no entanto, voltam-se para os dados tardios, conforme admite, quase sem fazer justiça aos mais antigos, e só os examina rapidamente, enquanto menospreza alguns pontos importantes. A seguir, um exemplo dessa atitude, expressa em suas próprias palavras, quase no início do Capítulo Cinco: "A descrição que fazemos da astronomia babilônia será apresentada em um breve resumo. Como no caso do Egito, uma discussão detalhada de alguns poucos textos preservados não só exigiria muito espaço, mas também seria um exagero infundado de sua importância histórica. Em relação ao período tardio, porém, prevalece uma situação oposta". Bem, pelo menos o professor Neugebauer é honesto em relação a suas preferências. Voltemos para a tradução da criação épica acadiana conhecida como *Enuma Elish*, título derivado das duas primeiras palavras do texto que significam: "Quando no alto..." Bem no início desse texto, lê-se:

Ele projetou as posições para os grandes deuses,
Determinando sua aparência astral como constelações.
Fixou o ano, designando-lhe zonas:

Estabeleceu três constelações para cada um dos doze meses, Depois de definir os dias do ano [por meio] de figuras [celestes], Ele findou..., etc.

Em outras palavras, o texto apresenta um sistema idêntico ao registrado pelo relógio estelar dos egípcios. São doze meses compostos por semanas de dez dias, resultando em 36 constelações ou "decanos", com a aparência astral de deuses. O texto afirma especificamente a existência de doze meses que consistem em três períodos cada (a não ser que se exagere muito, insistindo, sem nenhuma razão, que esses três períodos sejam desiguais, e devam ser "semanas de dez dias", como no Egito), e que a constelação ou "zona" do céu se refira especificamente a cada uma dessas "semanas". Como três vezes doze são trinta e seis, temos trinta e seis decanos, sendo designada uma "constelação" a cada um, e assim como no Egito, cada decano tem a "aparência astral" de um grande deus. É surpreendente que nenhum estudioso tenha percebido que essa passagem do Enuma Elish, até o seu último detalhe, descreve o sistema de relógio estelar egípcio.

Sem dúvida, os cinco dias "epagômenos" também foram reservados para completar o ano de 360 dias, resultando no ano de 365 dias, referido no verso: "Depois de definir os dias do ano [por meio] de figuras [celestes]", uma forma de expressar, repito, idêntica à da tradição egípcia, na qual se atribui um deus diferente, a cada um dos cinco dias epagômenos, assim definidos. No Egito, esses cinco dias epagômenos são chamados de "dias acrescentados ao ano". Eles são também extremamente importantes na astronomia maia.

Pode-se constatar que os sistemas astronômicos do Egito e da Suméria tinham fundamentos absolutamente idênticos. Mas é uma questão de muitas diversidades e similaridades entre os dois povos, envolvendo nomes de deuses e conceitos religiosos. É claro, pode-se até mencionar que, em diferentes partes do mundo, as pessoas, quando tocadas por conceitos divinos, produzem sons idênticos espontaneamente. "As pessoas em todo o mundo dizem Ma para Mãe, como já tivemos a oportunidade de ouvir muitas

vezes. Mas um sistema astronômico desse tipo compreende um conjunto de dados específicos e complexos. O texto acadiano, da antiga Babilônia, datado empiricamente por Speiser (isto é, da primeira metade do segundo milênio a.C), registrando um sistema astronômico complexo, idêntico ao do relógio estelar egípcio, até nos permite afirmar que houve contato entre as duas civilizações determinando esse conhecimento, ou então esse sistema teve uma origem comum. Sugere-se, além disso, que a data serviria como um limite superior. O contato cultural, durante o qual as duas civilizações compartilharam essa informação, não poderia ser muito posterior. Qualquer data aceita para o surgimento do texto do Enuma Elish poderá ser usada como limite superior. Feito isso, descobrir-se-á que o limite superior é o primeiro milênio a.C, até para aqueles indivíduos que exigem provas concretas irrefutáveis. O contato entre o Egito e a Suméria deve ter sido bem anterior, se ocorreu de forma direta, mas não necessariamente houve esse contato, e sim uma origem comum do sistema (que é a idéia favorita de Wallis Budge).

O relógio estelar egípcio data, no mínimo, dos reinados de Seti I (1303-1290 a.C.) e de Ramsés IV (1158-1152 a.C.) da 19ª. e 20ª. Dinastias, respectivamente, tendo sido encontrado nas paredes de suas tumbas. Esses relógios estelares, portanto, datam pelo menos de 1300 a.C. e parecem recuar até as origens da cultura egípcia. Por volta do primeiro milênio a.C, já haviam sido substituídos e uma semana de quinze dias assumia o lugar da semana de dez dias. Outras inovações também ocorreram em épocas posteriores, e o sistema entrou em considerável decadência, tornando-se, ao que parece, uma relíquia. Imagino que a maior popularidade do deus-sol Rá tenha feito com que as estrelas e, em especial, Sírius, parecessem menos importantes. Seja qual for o caso, a integridade natural do sistema de Sírius no Egito começou a deteriorar, e ele passou a ser ignorado durante o primeiro milênio a.C, pois foi suplantado por idéias mais óbvias e menos esotéricas de sacerdotes impacientes. É provável que ao ter início esse declínio alguns puristas tenham partido para outros locais, na esperança de manter as tradições sem a interferência de

decadentes faraós. Mais adiante voltaremos a essa idéia, com algumas informações surpreendentes.

Voltemos agora à Suméria para darmos continuidade a nossas buscas. Na Tabuleta VI do Enuma Elish, descobrimos uma passagem interessante. Nessa passagem, são mencionados os Anunnakis, filhos de An (An significa "céu"), também conhecido por Anu, o grande deus. Em número de cinqüenta, eles eram chamados de "os cinqüenta grandes deuses". Quase sempre, os Anunnakis eram anônimos, recaindo a ênfase em seu número e grandeza, assim como em sua função de controle do destino. Não existe uma identificação indubitável de algum deus sumério com um dos Anunnakis, a não ser de forma periférica (como será descrito adiante). Na verdade, os Anunnakis têm intrigado a todos os sumerólogos. Eles não foram "identificados" e ninguém sabe exatamente qual é o seu significado. Os estudiosos recorrem muitas vezes aos textos, o que os irrita ainda mais, pois em parte alguma existem explicações claras a respeito. Mas sua aparente importância para os sumérios não pode ser questionada.

Em um antigo fragmento sumério (de época bem anterior à da civilização babilônia) referente ao herói épico Gilgamesh, intitulado "Gilgamesh e a Terra da Imortalidade", encontra-se um antecedente da tradição grega dos argonautas. Foi publicado em tradução de Kramer para o inglês. Na realidade, sinto-me confiante ao afirmar que esse fragmento sumério é a mais antiga forma conhecida da história desse herói, que posteriormente recebeu o nome de Jasão. Na história constante desse fragmento, o herói Gilgamesh almeja chegar à "terra dos vivos", descrita como a terra do deus-sol Utu. Na história de Jasão e os Argonautas, o herói, Jasão, sai em busca do velocino de ouro, reconhecidamente um símbolo solar. No fragmento sumério, também é encontrado esse impressionante verso: "Os dentes do herói eram como os dentes do dragão". Na saga de Jasão, o herói, ele semeia dentes de dragão! (O que também faz Cadmo, em outra narrativa grega que examinaremos adiante.)

Na história de Jasão, o herói é acompanhado em sua aventura por cinqüenta argonautas. No fragmento sumério, Gilgamesh também

tem cinqüenta companheiros! A seguir, uma relevante passagem (em que Gilgamesh diz):

Quem tiver uma casa, [vá] para a sua casa! Quem tiver mãe, [vá ao encontro de] para a sua mãe! E os homens solteiros, que fariam o que eu fazia, em número de cinqüenta, que fiquem ao meu lado. Quem tinha uma casa, foi para casa; quem tinha mãe, foi [ao encontro de] para sua mãe, Os homens solteiros, que fariam o que ele fazia, em número de cinqüenta, ficaram ao seu lado. Para a casa dos ferreiros, ele dirigiu os passos, E ali fez forjar o..., o..., machado, seu "Poder de Heroísmo". Para o... jardim da planície ele [dirigiu] seus passos, A... árvore, o salgueiro, a macieira, o buxo, a... [árvore], ele as deitou por terra.

Os "filhos" de sua cidade, que o acompanhavam [depositaram-nas] em suas mãos.

Os cinqüenta companheiros são mencionados várias vezes. O texto fragmentário é extremamente trancado e confuso. O tema da semeadura dos dentes de dragão recebe algum esclarecimento na passagem na qual Gilgamesh, que por alguma razão desconhecida havia adormecido, é despertado e, cingindo-se, ergue-se como um touro sobre a "grande terra" e: "Ele encostou (sua) boca no chão, e (seus) dentes tremeram". Observa-se que esta é uma questão em aberto; sabe-se pelo menos que a boca e os dentes eram realmente do herói e a palavra "seus e sua" aparecem duas vezes entre parênteses, inseridas pelo tradutor original. Mas esta é a passagem inteira:

Ele encostou [sua] boca no chão, e [seus] dentes tremeram. "Pela vida de minha mãe, Ninsu, que me deu à luz, do puro Lugulbanda, meu pai, Possa eu ser aquele que se assenta sobre o joelho de Ninsun, minha mãe, que me deu à luz".

Gilgamesh deseja assentar-se sobre o joelho de sua mãe, a deusa Ninsun, a exemplo de Hórus que se assenta sobre o joelho da deusa Ísis, sua mãe, um tema constante na arte egípcia, e aqui parece haver uma referência obscura, mas significativa, a uma possível invocação de uma espécie de renascimento em força,

quando o herói encosta a boca no chão e seus dentes tremem. Suspeito que a tradução deva ser aperfeiçoada, mas é difícil, pois há muitas palavras sumérias cujos significados não são conhecidos com precisão. Independentemente de ser ou não a própria boca e os dentes de Gilgamesh nessa passagem, o fato é que o herói busca forças ao encostar alguns dentes no chão — seus ou não. Em passagem anterior da mesma saga, há uma clara afirmação: "Os dentes do herói são como os dentes do dragão"; portanto, é provável que Gilgamesh se refira a eles como seus — pois seus próprios dentes anteriormente são descritos como os dentes do dragão!

Nos versos subseqüentes da passagem, Gilgamesh, ao encostar os dentes no chão, informa-nos que faz um apelo à força, pois precisa lutar. Na história do Argos, Jasão semeia os dentes de dragão no solo, de onde brotam soldados armados que começam a lutar entre si — como é também o caso na história de Cadmo, o legendário rei grego de Tebas, nascido em Tiro (ver adiante, pp. 270-275 e Figura 42). Desse modo, observa-se que nos dois mitos gregos, tanto quanto no fragmento sumério, os dentes de dragão vão para o chão, seguindo-se um combate em que o herói adquire uma força sobre-humana. Mais adiante, neste livro, veremos a explicação precisa sobre a origem dessa curiosa confusão, que provém especificamente de um sagrado jogo egípcio de palavras e seu significado.

Enquanto isso, permanecemos no nível atual de nossa pesquisa. Este livro é como a planta anabasis, em sua jornada ascendente. Voltemos um olhar mais cuidadoso à história de Jasão e o velocino de ouro. O velocino, ou velo, de ouro foi concedido pelo deus Hermes a Frixo e Hele. O deus egípcio Anúbis passou a ser conhecido dos gregos como o seu próprio Hermes. Além disso, o historiador grego do século I a.C, Diodoro Sícolo (IV, 47), e Tácito, historiador romano do século I d.C. (Ann., Vi 34), explicam a origem do velocino de ouro dizendo que Frixo e Hele (que voaram no dorso de um carneiro dourado para a Cólquida, tendo Hele caído no Helesponto durante a viagem, dando seu nome ao canal), na realidade, navegaram em um barco que, na proa, ostentava

uma cabeça de um carneiro, e não sobre o carneiro mágico da história. Por ser muito mais difundido o mito de um carneiro real na história, conserva-se, especificamente, a versão do vôo no dorso de um carneiro dourado, provável referência a um barco celeste.

Em qualquer caso, esse barco é, definitivamente, um barco egípcio que os sumérios teriam chamado de "barco de Magan", desde que se aceite a teoria de Kramer e de outros, ou seja, de que Magan é o Egito. E o barco era um "presente de Hermes" — em outras palavras, de Anúbis. É indubitável, então, que os cinqüenta, relacionados a Sírius, tenham ligações com o velocino de ouro, assim como Anúbis. É válido mencionar que os cinqüenta argonautas também são chamados de mínias, assim como o eram todos os aparentados de uma mesma família, descendentes de Mínias, que havia sido o rei da cidade de Orcomenos, na Beócia, Grécia. Jasão e os argonautas, em número de cinqüenta, compartilhavam assim uma espécie de obscuro "anonimato", de certa forma remanescente dos cinqüenta Anunnakis da Suméria, ao serem referidos simplesmente como "os mínias" — um grupo de cinqüenta homens ligado aos remadores do barco celeste. Escritores posteriores, como Apolônio de Rodes, algumas vezes, atribuíram personalidades aos "cinqüenta", o que será discutido posteriormente.

Mais adiante, a história do Argos será examinada cuidadosamente, e também os vínculos entre a ilha de Cólquida, objeto de sua busca, e o antigo Egito, conforme o testemunho do historiador Heródoto. Entretanto, é preciso completar nosso exame sobre a história de Gilgamesh e a Terra da Imortalidade. Naquele fragmento, até mesmo um barco, correspondendo ao Argos, é mencionado. A comparação feita, há pouco, entre o Argos e o barco celeste egípcio, deve agora ser vista em conjunto com a passagem, a seguir, em que o barco de Gilgamesh é referido, especificamente, como o "barco de Magan"! Acrescento, ainda, que as árvores cortadas por Gilgamesh, e que, segundo o texto, seus cinqüenta companheiros "depositaram-nas em suas mãos", eram provavelmente os seus remadores! (O texto é tão fragmentário que nada, absolutamente, pode ser considerado com

certeza, nem mesmo a pontuação, entre os quarenta versos subseqüentes a essa passagem em particular.) É nessa seqüência, então, que o poema fala sobre o barco:

Por mim, outro não morrerá, o barco carregado não afundará,
O tecido de três pregas não será cortado,
O... não será oprimido,
A casa (e) a choupana, o fogo não destruirá,
Se me ajudares (e) eu te ajudar, o que nos poderá acontecer?
Depois de afundado, depois de afundado.
Depois de afundado o barco de Magan,
Depois que o barco, 'o poderoso de Magilum' afundou,
No..., o barco das criaturas imortais, estão assentados aqueles
que saíram do ventre materno.
Vem, avante pois, e lancemos-lhe um olhar,
E, se seguirmos em frente,
(E) sentirmos medo, se sentirmos medo, recuaremos,
Se houver terror, e se terror houver, recuaremos.
Em teu..., vem, avante pois.

Ressalte-se que esse trecho é um tanto confuso. Em nota de rodapé, Kramer ressalta que a partir da linha "Depois de afundado" não se tem mais certeza do que Gilgamesh fala. Não está claro se o barco de Magan realmente afundou, ou se esta é uma afirmação do "servo fiel" de Gilgamesh que, imediatamente antes da passagem mencionada, disse-lhe:

"Ó meu mestre, vá para a 'terra', e eu irei para a cidade, Para falar de sua glória à minha mãe, e que ela brade seus lamentos, Eu lhe falarei sobre tua morte iminente, [deixe] que ela derrame seu pranto amargo."

Na passagem anterior, Gilgamesh fala a seu amedrontado servo (que no texto acaba de ser mencionado como "tomado de pavor") que ninguém morrerá por ele e "o barco carregado não afundará". Então, o servo, ao que parece, perturbado pelo terror, vai à procura da mãe de Gilgamesh e lhe diz: "Depois de afundado o

barco..." Em seguida, a fala é novamente de Gilgamesh, começando com as palavras: "Vem, avante..."

A frase "aqueles que saíram do ventre materno" descreve os ocupantes do barco de Magan, talvez uma referência aos filhos da deusa Nintu, também conhecida como Ninmah, Ninhursag e Ki — a "terra". Essa frase, combinada com a estranha menção aos dentes ("Seus dentes tremeram" — veja página 176), parece referir-se aos filhos da deusa-terra surgindo de seu ventre — pois Ki (ki, na língua suméria significa terra) é também Nintu ou "a deusa que dá à luz". (Ninmah significa "a grande deusa" e Ninhursag significa "a deusa da colina"; uma hursag, ou colina, foi erguida por seu filho — que lhe deu o nome em homenagem ao significativo evento místico; no Egito, Anúbis é também chamado de "Anúbis da Colina", um tema a ser abordado adiante, mas por enquanto é suficiente notar que se os sumérios se referissem a "Anúbis da Colina", eles o chamariam de Anpu-hursag.)

Basicamente, em relação à deusa que dá à luz, e também à deusa-terra, são encontrados antecedentes dos soldados brotados de dentes de dragão, semeados no chão, uma vez que no Deucalião, o Noé grego, também surgem homens dos "ossos da terra" (pedras atiradas sobre seus ombros, assim como em outras histórias, homens também surgiram de dentes [e os dentes são ossos!]).

Vários elos, além desse, existem de fato entre as histórias de Deucalião e Jasão. A arca de Noé é um conceito idêntico ao da arca de Deucalião: ambas são embarcações mágicas, ocupadas por "aqueles que saíram do ventre materno", no sentido de que esses homens povoariam o mundo após o dilúvio. Ambas as arcas, mas particularmente a de Deucalião, também são conceitos relacionados ao Argos. (Quem leu todo o Épico de Gilgamesh sabe que a arca de Noé, no Oriente Médio, que antecede os hebreus ou mesmo o nome Noé, era na realidade a arca de Ziusudra, ou de Utnapishtim, que, no Épico, ocorre como um elemento de fundo mítico estabelecido.) A arca de Deucalião pousou sobre a montanha, perto do bosque do oráculo sagrado de Dodona, onde o Argos recebeu sua peça de madeira cibernética de orientação.

Além disso, é claro, a origem da história do dilúvio e da arca (que contém os "arquétipos" de todas as criaturas vivas, dispostas em casais, observando-se aqui que a palavra arché, em grego, tem certamente o significado de arca, como se verá mais adiante) e é, no mínimo, suméria, se não for anterior e de outro lugar (o que se examinará em seu devido tempo). Mas foi dessa antiga fonte que os gregos extraíram o seu Deucalião e os hebreus, o seu Noé — duas formas tardias de uma história extremamente antiga, datando de milhares de anos antes da existência de civilizações como a grega e a hebraica. (Quem se interessar realmente pelas origens das civilizações grega e hebraica deve ler a brilhante obra do professor Cyrus Gordon, *The Common Background of Greek and Hebrew Civilizations*. [A Origem Comum das Civilizações Grega e Hebraica]).

Contudo, o que importa em todo o exposto é mostrar realmente que o tema dos argonautas, os cinqüenta heróis em um barco, em sua arrojada busca, existia na Suméria e constituía um complemento aos "cinqüenta grandes deuses". Se os cinqüenta heróis do barco de Magan estão assentados, como geralmente é o caso dos Anunnakis, e são "aqueles que saíram do ventre materno", ou seja, são os filhos de Nintu, "a deusa que dá à luz", talvez eles sejam então um equivalente direto dos Anunnakis. Isso porque os Anunnakis, sendo filhos de An, também seriam filhos de uma antiga consorte de An, Ki ou Nintu. Em outras palavras, os cinqüenta heróis são as contrapartes heróicas dos celestiais Anunnakis, do que se conclui ser pouco provável que a existência de cinqüenta Anunnakis seja uma coincidência como se possa supor. Esse fato atribui um imenso significado ao número cinqüenta.

O número cinqüenta também ocorre em "Gilgamesh, Enkidu e o Submundo". Lá, Gilgamesh veste uma armadura que pesa "cinqüenta minas". E, nessa história, Gilgamesh tem também cinqüenta companheiros. Na versão babilônica posterior, os cinqüenta companheiros são omitidos da história. Nessa época, a natureza verdadeira do simbolismo dos cinqüenta podia já estar esquecida.

Em seu livro *The Sumerians* (Os Sumérios), Kramer ressalta que as armas de culto e simbólicas, as clavas com cinquenta cabeças, eram moldadas pelo soberano Gudea (aproximadamente 2400 a.C).

De volta, por um momento, à intrigante *hursag* dos sumérios, a estranha "colina", lembremos que *Ninhursag*, a deusa da colina, é idêntica a *Nintu*, a deusa que dá à luz. São dois nomes distintos da mesma divindade. Mas é importante notar que na língua egípcia, a palavra *tu* significa "colina", portanto, se acrescentada a palavra *nin*, que significa "deusa", teremos a expressão "a deusa da colina", na realidade um sinônimo. Isso não significa de forma nenhuma o final dessa interessante investigação porque, se observarmos que a forma egípcia de Hórus (o filho de Ísis e Osíris) é *Heru* (um tanto semelhante à palavra *Herói*, não é?) e nessa língua é uma tradição a seqüência dos termos de uma expressão, por exemplo, *Heru-sa-algo*, ou Hórus — o filho de algo, verificaremos que a estranha e intrigante palavra *hursag* podia na verdade ser o termo egípcio *Heru-sa-Agga*, que significa "Hórus o filho de Agga". Acontece que *Agga*, em egípcio, é sinônimo de *Anúbis*. E "Anúbis da Colina" já foi mencionado. E, indo além, a palavra *hursag* em sua antiga forma suméria é, de fato, *hursagga*, como se observa em *The Babylonian Genesis* (O Gênesis Babilônio), Capítulo Dois, de Alexander Heidel, "Um Relato Sumério da Criação de Nippur", abordando a deusa *Ninhursagga*.

Acontece também que *Agga* é, na realidade, um nome sumério bem conceituado. Existe a tradução de um texto breve de 115 linhas intitulado "Gilgamesh e Agga" do período sumério. Na linha 80 desse texto, é mencionado o "barco-magurru", referência muito semelhante à do barco de Magan em "Gilgamesh e a Terra da Imortalidade". A exemplo do texto anterior, a discussão nesse texto gira em torno do afundamento ou não do barco de Magan, e também se a proa do barco-magurru teria sido ou não cortada. Curiosamente, como na outra história, também é descrito um barco que padece o pior destino, pois, na linha 98, lê-se que "a proa do barco-magurru foi cortada", da mesma forma que se lê no texto anterior: "depois de afundado o barco de Magan, depois que o

barco, 'o poderoso de Magilum' afundou".

Os elos entre as palavras egípcias e sumérias nos textos sagrados são múltiplos, de tal forma que é impossível ignorar as continuidades entre ambas as culturas. Examinemos, por exemplo, o curioso fenômeno do cedro, que sempre se afirma que foi cortado por Gilgamesh. Em "Gilgamesh e a Terra da Imortalidade", diz o herói: "Eu entraria na terra do cedro cortado" e mais adiante ele é descrito como aquele que "deitou por terra o cedro", etc. Este é um antigo texto sumério. No Épico completo real, tal como se apresenta, Gilgamesh vai para a Montanha do Cedro e mata o monstro Humbaba (ou Huwawa) na "montanha do cedro", a "morada dos deuses". Na Tabuleta V, lê-se:

Gilgamesh pegou o machado

E com ele deitou por terra o cedro.

Huwawa, ouvindo o som de sua queda,

Encheu-se de fúria:

Quem chegou —

E se intrometeu entre minhas árvores?

As árvores que são minhas e cresceram em minhas montanhas?

E, além disso, derrubou o meu cedro?

No Capítulo 22 do Hamlet's MUI, Santillana e von Dechend identificam Huwawa com o planeta Mercúrio. Ora, lembrando-nos de que Huwawa também é o deus da floresta de cedros, é interessante notar que uma palavra egípcia, seb, significa "cedro" e também "o planeta Mercúrio". O assunto é mais complicado do que parece, mas quero fazer notar a origem adicional de um jogo de palavras egípcio de outro tema sumério crucial. Em outras palavras, Huwawa está ligado a Mercúrio (o planeta) e ao cedro, pois tanto um quanto o outro têm a mesma denominação em língua egípcia, isto é, seb.

Deixemos de lado, agora, o enigmático monstro-deus Huwawa e voltemos ao Épico de Gilgamesh com outro objetivo. Mas observemos a opinião de Kramer em seu ensaio "The Epic of Gilgamesh and It's Sumerian Sources" (O Épico de Gilgamesh e

suas Origens Sumárias) de que o poema circulava substancialmente na forma hoje conhecida, já na primeira metade do segundo milênio a.C.

É preciso lembrar que, em um antigo fragmento sumério, a mãe de Gilgamesh era a deusa Ninsun "que é versada em todo conhecimento" e sobre seus joelhos ele queria assentar-se (como Hórus sobre o joelho de Ísis). Na Tabuleta I, lê-se:

Gilgamesh levantou-se então do leito

E revelando seus sonhos à mãe, falou:

Mãe, vi em sonhos a noite passada

Que havia estrelas no céu.

E uma estrela desceu sobre mim,

Como a essência de Anu, o Deus do Firmamento,

Quando tentei levantar-me, senti que era muito pesada,

Tentei afastá-la, mas ela não podia ser movida.

A terra de Uruk estava ao seu redor,

A terra fora colocada à sua volta.

Todos se comprimiam para chegar a ela,

Todos os nobres também a cercaram,

Todos os meus amigos beijaram seus pés.

Fui atraído para ela, como para uma mulher,

E me atirei aos seus pés.

Mas a senhora me disse que ela era uma igual.

Existe outra versão desse trecho no início da Tabuleta II, na Primeira Versão babilônica, anterior à versão assíria citada, e preserva mais o significado original:

Então Gilgamesh se ergueu do leito

E revelando seus sonhos para a mãe, falou:

"Mãe, era noite

E alegre eu caminhava na companhia dos nobres.

As estrelas se reuniam nos céus.

A estrela-essência de Anu desceu em minha direção.
Tentei levantá-la, mas era pesada demais para mim!
Tentei afastá-la, mas ela não podia ser movida!
A terra de Uruk estava à sua volta,
A terra se postou ao seu redor.
Todos os nobres a cercaram.
E beijaram seus pés.
Quando seu jugo me pressionou a fronte,
Eu o afastei e os outros me ampararam,
Eu o arranquei e o trouxe para ti.

Kramer faz a tradução das duas versões de forma um pouco diferente. Uma das mais importantes diferenças ocorre em sua tradução que Heidel (outro estudioso moderno), que o precedeu, interpretou como "o hospedeiro do céu"." Kramer traduz "An" não como "céu", mas como An (ou Anu), o deus pai dos Anunnakis. E a palavra, interpretada por Heidel como "hospedeiro", é comentada por ele em uma nota de rodapé de considerável extensão:

Em relação a ki-sir, há muitas acepções possíveis. Além disso, o significado adotado para essa passagem ("o ki-sir de Ninurta", anterior à nossa passagem) deve também ser aplicado ao... deus da guerra Ninurta, e ao deus-céu Anu, Enkidu e a qualquer coisa que desça dos céus. A hipótese comum, de que nessas passagens talvez o autor tenha utilizado o mesmo termo em mais de um sentido, é insatisfatória.

Na edição anterior, tentei justificar a tradução de kisru como "vassalo" nas várias passagens em questão. Retiro agora essa sugestão. O sentido correto, acredito, é indicado pelo uso do termo em contextos médicos como "concentração, essência".

"Essência", ou uma nuance desse termo, pode muito bem ser aplicada a divindades ou a mísseis vindos do céu. Nosso poeta tinha em mente, sem dúvida, alguma alusão específica, mas o significado geral parece bastante claro.

Kramer interpreta , então, "o hospedeiro do céu" como a "essência de An". Ele diz: "Como a essência de Anu, ela desce sobre mim". Acrescenta outra nota de rodapé para comentar a palavra "ela" nesta sentença: "A essência das estrelas?"

Kramer também modificou as últimas linhas da primeira versão:

[Eu] me senti atraído para ela, como se para uma mulher.

E a coloquei a [teus] pés,

Porque querias disputá-la comigo.

Aqui, a ênfase em "atraído para ela" pode ser importante. Ele continua:

[A sábia mãe de Gilgamesh, que] é versada em todo conhecimento
Diz ao seu senhor;

[A sábia Ninsun], que é versada em todo conhecimento,
Diz a Gilgamesh:

Teu rival, — a estrela do céu,

Que desceu sobre ti como [a essência de Anu];

[Que procuraste levantar], era muito forte para ti;

[Que tentaste rechaçar], mas foste incapaz de removê-la;

[Tu a depositas] aos meus pés,

[Porque desejo] disputá-la contigo;

Foste atraído para ela como se ela fosse uma mulher —

Examinemos, mais uma vez, a parte da segunda versão, desta vez na tradução de Kramer:

"Minha mãe, era noite

E alegre eu caminhava

Juntamente com os nobres.

As estrelas surgiram nos céus.

A essência de Anu desceu em minha direção.

Procurei afastá-la; era pesada demais para mim!

Tentei movê-la; mas não a pude mover!

Vale a pena observar sob todos os ângulos tudo o que se examinou aqui, nas traduções de cada versão, pois ajuda a abranger todas as possibilidades de significado. É clara a

referência a uma estrela ligada "à essência de Anu" que "o atrai para ela", e se encontra na área dos (cinquenta) heróis — e é superpesada.

Assim, pode-se ver que, na Suméria, estão presentes os dois conceitos da estrela pesada (posteriormente ai Wazn) e o tema dos "cinquenta" associado de alguma forma àquela estrela. Parece familiar?

Na Tabuleta VI do Enuma Elish, lê-se a respeito dos Anunnakis e de algo chamado de "Estrela do Arco", um seu irmão, e que também se encontra em seu meio, assentado nas regiões celestiais. Esta Estrela do Arco também é filha de Anu, que se ergue no centro. (Lembremo-nos da "essência de Anu".) Aparentemente, faz-se referência a Sírius. Lembremo-nos da deusa Sati (ou Satis) com seu arco, uma das três deusas (a segunda é Sotis e a terceira, Anukis) que navegam no barco celeste de Sotis (Sírius) e também das outras ligações entre o arco e Sírius, até mesmo na China. (Neste caso, é preciso consultar Hamlets MUI onde são encontrados muitos exemplos.) A seguir, uma referência especial às três deusas, referidas por Neugebauer como versões de Sotis ("A deusa Satis, que a exemplo de sua companheira Anukis quase nunca é considerada uma constelação distinta, mas associada de Sotis"), observe a ênfase sobre os três nomes da estrela, mas só uma é a "Estrela do Arco":

Os cinquenta grandes deuses ocuparam seus assentos.

Os sete deuses do destino determinaram os trezentos [no céu].

Enlil ergueu o arco, sua arma, e [o] depositou à sua frente.

Os deuses, seus pais, viram a armadilha que ele havia preparado.

E vendo o arco, notaram sua forma habilidosa,

Louvaram seus pais este trabalho.

Levantando-[o], Anu falou à assembléia dos deuses.

Beijando o arco: "Esta é minha filha!"

Deu os nomes que seguem:

O primeiro é Madeira Longa, o segundo é [...];

Seu terceiro nome é Estrela do Arco, no céu onde a fiz brilhar.

E determinou-lhe um lugar, onde os deuses, seus irmãos, [...].

Uma nota de rodapé diz, sobre a palavra "seus", na última linha: "Refere-se ao Arco, indicado pelo prefixo possessivo feminino na linha 94". (Na língua egípcia, a palavra Sept, que é o nome da estrela Sírius, também tem o significado de "uma espécie de madeira", entretanto, reserva-se às conjeturas se seria ou não uma madeira longa.) Continuemos:

Tendo Anu decretado o destino do Arco,
E colocado diante dos deuses o elevado trono real,
Sentou-se ele na Assembléia dos deuses.

A frase "a Assembléia dos deuses" invariavelmente se refere à assembléia dos cinquenta Anunnakis assentados. A afirmação é muito clara, como se vê, que esta "Estrela do Arco" — a filha de An — foi por ele colocada em um elevado trono real em meio aos cinquenta Anunnakis. No Egito, Ísis e Sotis também são representadas assentadas em um trono real, branco, nos céus — ela também era a filha do deus céu. Lembremo-nos de que o hieroglifo de Ast (ou Ísis) é um trono. E o hieroglifo para o marido, Asar (ou Osíris), é um trono sobre um olho.

Antes de continuar, verifiquemos quem são "os cinquenta deuses do destino". Com freqüência, eles são referidos como os sete Anunnakis do submundo. E, como se verá, têm ligações com a questão de Sírius. Mas essa função dos Anunnakis ressalta o anonimato total do termo "Anunnaki". Nenhum dos sete deuses Anunnakis é identificado como um deus distinto. São sempre "os sete" deuses do submundo a determinar o destino. Os Anunnakis estritamente celestiais são também conhecidos como os Igigis (cujo significado preciso é desconhecido). Nenhum sumerólogo explicou tudo isso de maneira satisfatória. É terrivelmente impreciso e confuso — a menos que se tenha estrutura para preencher lacunas de maneira adequada, traçando perfis que sejam aceitos como uma explicação plausível e empírica.

Procuremos agora refletir sobre o que sabidamente está relacionado aos Anunnakis celestiais e Sírius, e que também se enquadra na noção dos sete deuses Anunnakis que viviam no submundo. É preciso lembrar que, tanto na Suméria como no

Egito, cada deus significativo, em termos astronômicos, possui seu próprio período de dez dias ou "semana". Se multiplicarmos sete (deuses) vezes dez dias, o resultado será setenta dias. Existe alguma base para que essa extensão de tempo seja tão significativa para o submundo na Suméria e no Egito?

Parker e Neugebauer dizem: "Aqui fica claro que Sírius (Sotis) concede um padrão a todos as outras estrelas-decanos". Em termos astronômicos, Sírius era o fundamento de todo o sistema religioso egípcio. Seus movimentos celestes determinavam o calendário egípcio, conhecido como o Calendário Sótico. Seu nascimento helíaco marcava o início do ano egípcio e coincidia aproximadamente com a inundação do Nilo. (Plutarco diz que o próprio Nilo era algumas vezes chamado de Sírius.) Esse nascimento helíaco era a ocasião de uma importante festa. Pode-se imaginar uma espécie de Ano Novo com Páscoa. O nascimento helíaco era o momento em que Sírius, mais uma vez, tornava-se visível no céu depois de um período de setenta dias em que não podia ser vista, quando, supostamente, tornava-se um ser habitante do Duat, ou submundo. Um vínculo posterior com Anúbis surge, nesse aspecto, já que este deus é considerado o embalsamador de Sotis em seus setenta dias no Duat. Acreditava-se que uma múmia embalsamada voltasse à vida. E é o que acontece com a múmia de Sotis. Ela renasce no momento de seu nascimento helíaco. Parker e Neugebauer também dizem: "Durante todo o tempo de sua purificação (Sotis, a estrela) era considerada morta e somente ao surgir de novo do Duat, uma vez mais ela é considerada viva".

Os egípcios apegavam-se teimosamente aos setenta dias tradicionais como um protótipo da experiência de submundo, apesar de sua inconveniência e, como já vimos: "Sírius concede um padrão para todas as demais estrelas-decanos". De fato, essa foi uma prática durante toda a história, pois um período de setenta dias, precisamente, era dedicado ao embalsamamento de uma múmia humana — a exemplo de Sírius. Até mesmo durante o período ptolomaico tardio, o processo de embalsamamento invariavelmente durava os exatos setenta dias.

Encontramos, assim, a explicação para os sete Anunnakis do submundo! É interessante notar ainda que, no México, antes da conquista espanhola, considerava-se que o submundo tivesse sete cavernas.

Vale a pena notar também a saga suméria Eíana, sobre o legendário rei Etana. Ele foi um antigo soberano sumério, um rei-pastor, do qual se dizia ter governado por 1.560 anos. Supostamente, Etana viveu no início do terceiro milênio a.C, pouco depois da Grande Inundação, ou Dilúvio. Ele teve que ascender aos céus, pois precisava receber um tratamento para a infertilidade! O resultado desse tratamento foi ser capaz de gerar um filho e herdeiro, ao retornar à terra. Essa história menciona "os Sete divinos" e os descreve especificamente como Igigi. Isso enfatiza um aparente intercâmbio entre termos Igigi e Anunnaki. Na mesma história, "os grandes Anunnakis" são assim descritos: "Eles, os criadores das regiões, estabeleceram os fundamentos".

Na "Descida de Ishtar para o Submundo" (um longo poema remanescente tanto na língua suméria como na acadiana), os Anunnakis são descritos como aqueles que foram produzidos (são referidos como se fossem animais empalhados saídos de um armário, e exibidos em uma competição de taxidermistas) e assentados em tronos de ouro. Uma vez mais, surge o conceito de trono. Aparentemente, os Anunnakis nada mais fazem senão assentar-se e serem simbólicos.

Os pequenos e bondosos Anunnakis, como os poodles, sentam-se e sorriem para Anu. Nunca lhes é concedida uma personalidade, pobres camaradas. Poderia ainda mencionar que, nessa história, o submundo é descrito como um lugar com sete portões conduzindo a sete salas (ou cavernas) sucessivas. Obviamente, o período de setenta dias em que Sírius permanecia "no submundo" levou os egípcios à quebra dos setenta dias em dez semanas, tendo cada uma um deus, no total de sete. Mas talvez, a esses sete dias no submundo não foram atribuídas personalidades para não provocar distração sobre as qualidades pessoais, depreciando o significado puramente numérico do conceito. E, é claro, as sete salas dos sete deuses são sucessivas, conduzindo de "semana" a "semana" até

Sírius nascer novamente. Assim, vemos ainda outro elo essencial entre os antigos conceitos sumérios e os conceitos egípcios.

Nos períodos tardios, o deus Marduk usurpou de todos os outros deuses da Babilônia a posição central no panteão. (Marduk era um deus dos babilônios semíticos, e não um deus sumério. Sua ascendência é o resultado da mistura de culturas.) O Enuma Elish é uma ampla descrição desse processo, sendo basicamente escrito para Marduk, falando de suas honras. Esta foi realmente uma inovação, uma efetiva centralização de poder. "O povo de cabeça negra", uma referência que os sumérios normalmente fazem a si mesmos em seus escritos (quando o contexto é religioso o suficiente, eles humildemente chamam a si mesmos de "obscurecidos"; sendo também interessante notar que os egípcios eram conhecidos pelos gregos como "os melampodes" ou "o povo dos pés negros"), o que, é claro, não concede à elevação de Marduk ao poder uma aclamação unânime. De muitas maneiras, o Enuma Elish é um tratado de ostensiva propaganda sobre Marduk, ora na tentativa de converter, ora de denunciar as pessoas. Vemos, a seguir, que o seu autor tenta persuadi-los:

Que sua soberania não seja sobrepujada por rival algum.
E ele possa conduzir os cabeças negras, suas criaturas.
Que até o fim dos dias, sem esquecer, o aclamem em seus
caminhos.

Neste trecho, entretanto, observa-se uma abordagem autoritária, em que se dissolve o doce sorriso:

Que ordene aos cabeças negras que o reverenciem.

Mas no momento seguinte, o compromisso reaparece na forma de uma tolerância zombeteira:

Sem falta, que apoiem seus deuses!
Melhorem suas terras, ergam seus santuários,
Que o povo das cabeças negras sirva a seus deuses.

Em outras palavras, o autor desespera-se e se deixa tomar pela ira. Pois já no trecho seguinte, as palavras indicam o sentimento:

"Não precisamos deles, seguiremos sós":

Quanto a nós, seja quais forem os nomes a serem proferidos, ele é
o nosso deus!

Proclamemos então seus cinqüenta nomes!

Em outras palavras, os defensores de Marduk acreditavam que a melhor maneira de glorificar seu deus era atribuindo-lhe cinqüenta nomes. Assim, de qualquer forma, ele seria onipotente.

Assim como Marukka, Marduk "alegra o coração dos Anunnakis, apazigua seus [espíritos]". Os cinqüenta nomes lhe são atribuídos, juntamente de breves comentários subseqüentes. Em nota de rodapé, Speiser diz, de maneira reveladora: "O texto investiga a etimologia dos nomes conforme foram popularizados pela Bíblia; as etimologias, virtualmente associadas a cada nome de uma longa lista, pretendem ser cabalísticas e simbólicas, em vez de estritamente lingüísticas, ainda que algumas vezes soem de forma lingüística".

Terminando a lista, então se lê no texto:

Com o título de "Cinqüenta", os grandes deuses
Proclamaram aquele que possui cinqüenta nomes e lhe
prepararam o caminho supremo.

Esta nota final acrescenta ênfase especial tanto à importância do deus supremo que recebe o título "Cinqüenta" como à atribuição

dos cinqüenta nomes.

Entre os cinqüenta nomes atribuídos ao deus, há um grupo de particular interesse. São eles: Asaru, Asarualim, Asarualimnunna e o grupo dos três centrados no nome semelhante Asaruludu (sendo os dois outros Namtillaku e Namru). Tenho minhas suspeitas de que esses nomes estejam ligados ao Asar (Osíris) egípcio. Já vimos que Na, do Egito, era conhecido na Suméria não apenas como An, mas também como Anu, ganhando um "u" final. Portanto, não é tão absurdo ver no termo Asaru a forma suméria de Asar, acrescido do mesmo "u" final. Não obstante, os próprios egípcios também tinham um Asaru, ou mais precisamente, Asar-uu, descrito por Wallis Budge como "uma forma de Osíris venerada no baixo Egito".

Como Asaru, na Suméria, corresponde a Asar-uu, no Egito, o que dizer então do Asaruludu sumério? Na língua egípcia, um Osíris vegetativo seria conhecido como Asar-rutu, mas o "r" e o "t" finais são totalmente intercambiáveis (um lugar-comum na lingüística e os contemporâneos chineses fazem o mesmo quando falam inglês) e representados por um mesmo hieroglifo. Portanto, Asar-rutu poderia muito bem ser Asar-lutu e o "t" lingual, ao contrário do "f" dental, é pronunciado de maneira bem semelhante ao "d", sendo um som mais suave. Se efetuada a mera transliteração, teremos Asar-ludu, cujo significado é: "Osíris das plantas cultivadas". E, de fato, no texto sumério, encontramos a descrição de Asaru como o "doador do cultivo... criador do grão e das ervas, que faz brotar a vegetação".

Logo depois de um dos nomes de Asaru, conferidos a Marduk, no Enuma Elish, verifica-se que seu décimo terceiro nome é Tutu. Ora, Tutu é o nome de um deus egípcio. Wallis Budge descreve-o como "um deus-leão, filho de Neith". (Wallis Budge diz que Neith era: "Uma das mais antigas deusas do Egito. Era a deusa da caça e da tecelagem, mas era identificada com muitas outras deusas, como Ísis, Meh-urt, e também seus atributos lhe eram designados".) Existe até um precedente egípcio do uso de Tutu, sendo então um dos nomes de um deus com muitas denominações. O monstro egípcio das trevas, Apep, "possuía

muitos nomes; para destruí-lo era necessário lançar uma maldição a cada um dos nomes pelos quais era conhecido. Para assegurar que isso fosse feito realmente, o Papiro de Nesi-Amsu acrescenta uma lista de tais nomes e, por serem tais nomes o fundamento de muitos nomes mágicos encontrados em papiros posteriores, eles são enumerados...". E um deles é Tutu. Certamente essa preocupação quase idêntica com a necessidade de enumerar cada um dos nomes mágicos de um deus, nos dois países, deve ter origens comuns — especialmente porque o nome Tutu está nas listas de ambos os povos.

É importante examinar melhor o deus egípcio Tutu. Na tradução de Heidel do Enuma Elish, é conferido o antigo epíteto sumério namshub a Asaruludu, em oposição à forma babilônia tardia namru — ambos com o significado de "brilhante" e, no texto, com a explicação adicional: "O deus brilhante que ilumina nosso caminho". Em nota de rodapé, Heidel explica: "Aqui, os poetas parecem estar jogando com o termo shuba, correspondente às palavras babilônias, ebbu, ellu e namru, todas com o significado de "brilhante". Porém, o mais interessante é que a palavra egípcia shu significa "brilhante" e também descreve o deus-sol — de fato, um "deus brilhante que ilumina o nosso caminho". Vemos então que shu, em egípcio, significa o mesmo que shuba, em sumério. Ambos são empregados também em uma descrição do sol. E o termo sumério shuba refere-se a Asarluhi, sendo possível observar ainda o fato surpreendente de que o deus Tutu é, segundo Wallis Budge, "uma forma do deus Shu, cujo símbolo era um leão em sua marcha".

Assim, à medida que os dados são examinados, descobre-se uma combinação sempre mais complexa dos padrões comuns ao Egito e à antiga Suméria, em termos lingüísticos e também integrantes da religião-astronomia. Adiante, neste livro, chegaremos a um significativo ponto culminante, conforme será demonstrado.

Post-scriptum

O tema mitológico dos "cinquenta" é muito amplo; Wilhelm Roscher chegou a escrever a respeito um livro intitulado Die Zahl

50 in Mythus, Kultus, Epos und Taktik der Hellenen und Anderer Voelker Besonders der Semiten (O Número 50 em Mito, Culto, Épico e Táticas dos Gregos e Outros Povos, em Particular os Semitas). Em sua erudita pesquisa, Roscher discute as cinqüenta filhas de Danaos (as danaidas), os cinqüenta filhos de Egito, os cinqüenta argonautas, as cinqüenta filhas de Nereus, os vários monstros de cinqüenta cabeças, de cinqüenta braços ou de cem cabeças e cem braços, as cinqüenta filhas de Téspios, os cinqüenta filhos de Órion, os cinqüenta filhos de Príamo, os cinqüenta filhos de Licaon, os cinqüenta filhos de Palas, as cinqüenta filhas de Endimion, as cinqüenta cabeças da Hidra, as cinqüenta cabeças de Cérbero, as cinqüenta cabeças de Tífon, as cinqüenta vacas roubadas de Hermes por Apolo, e assim por diante, só para mencionar alguns exemplos. Os livros de Roscher só chegaram ao meu conhecimento pouco antes da publicação original deste livro, e não tive tempo hábil para expandir meu relato sobre o significado dos "cinqüenta", com o apoio desse extenso material. Essa reimpressão foi tão repentina que, repito, não tive a oportunidade de fazer justiça às informações de Roscher ou a muitas outras questões. Entretanto, chamo a atenção, em especial, a uma seção de Roscher sobre os cinqüenta filhos de Órion, por ser Órion a constelação companheira de Sírius e no Egito era identificada com Osíris.

Finalmente, o ponto principal sobre a constelação de Órion é ser a companheira visível de Sírius e, como tal, era substituta e representante da companheira invisível, Sírius B. Portanto, é de extrema importância localizar uma evidência antiga da afirmação de que "Órion tinha cinqüenta filhos", por ser evidente o reconhecimento de quão antigo é esse aspecto de "cinqüenta" da companheira visível de Sírius, assim como de sua companheira invisível, cuja órbita se completa em cinqüenta anos.

É importante não perder de vista que a importância de Órion está em ser o substituto de uma contraparte invisível. Portanto, este é um significado, derivativo e não intrínseco. Entre as estrelas, Sírius B era representada como a substituta visível de Órion e, no sistema solar, sua representação se dava por um "substituto local",

o planeta Mercúrio.

"O Rito Negro" refere-se a algo denominado "Noite", aparentemente um objeto em movimento nos céus juntamente dos "outros mistérios em torno do qual o céu se move, com movimentos e períodos de tempo ordenados". Ela possui menos luz que o sol e "tece uma teia com a rápida luz".

Resumo

Sírius B move-se no céu com movimentos e período ordenados, possui menos luz que o nosso sol e tece claramente uma teia com seu movimento rápido, considerando-se que completa sua órbita em torno de Sírius A em tempo bem menor que os planetas Urano, Netuno e Plutão em sua órbita em torno do nosso sol.

"Noite", portanto, pode ser uma referência a Sírius B, tanto quanto pode ser ao "Osíris negro" e à "invisível Néftis".

Nos tempos realmente remotos, os conceitos básicos de astronomias egípcia e suméria eram idênticos. Mais tarde surgiram muitas diferenças. Especialistas em astronomia antiga tendem a não dar atenção aos tempos mais antigos; em consequência, as semelhanças entre as duas culturas, nessa área específica, geralmente não são observadas.

No Egito e na Suméria (Babilônia), havia sistemas idênticos de divisão do calendário anual em doze meses, composto de três semanas com duração de dez dias. A cada semana era associada uma constelação do céu noturno (que, em linguagem moderna se pode descrever como "uma espécie de zodíaco"). Trinta e seis dessas semanas totalizam apenas 360 dias, ou seja, menos de um ano; assim chegou-se ao ano de 365 dias somando-se, ao final, cinco dias complementares, ou epagômenos.

Sistemas idênticos de tal complexidade, nessas duas culturas, significam que a relação entre Egito e Suméria deve ser mais explorada.

Na Suméria, os "cinquenta grande deuses", chamados Anunnakis, eram anônimos como indivíduos, e somente mencionados como "os cinquenta grande deuses", com ênfase em seu número. Eram

literalmente restritos ao nível de uma cifra numerológica. Eram continuamente invocados e tinham importância — mas nunca fizeram nada a não ser assentar-se em tronos e "serem cinquenta". Em uma antiga história suméria, que trata de seu herói épico Gilgamesh, este é encontrado, em suas aventuras, na companhia de cinquenta heróis, o que faz lembrar os cinquenta argonautas que acompanhavam Jasão. "Seus dentes eram os dentes do dragão", disseram-nos — a exemplo de Jasão que semeava dentes de dragão. E Gilgamesh também toca o chão com os dentes (ato do qual pouco se pode deduzir, visto que a passagem é obscura e, na realidade, ele pode estar semeando os seus dentes). Cada um desses companheiros heróicos traz consigo uma árvore derrubada especialmente para a jornada — e o único propósito razoável para se levar consigo uma árvore é para serem usadas como remos, principalmente se associadas a um barco. Mais uma vez, como os argonautas. Assim, ao que parece, descobrimos uma história do Oriente Próximo que deu origem à dos argonautas, surgida entre os gregos há 2 mil anos ou até mais tarde.

Anúbis, que hoje nos é familiar como proveniente do Egito, era identificado pelos gregos com seu próprio deus Hermes (conhecido em latim como Mercúrio). No mito grego, foi Hermes que originalmente transformou o velocino de um carneiro em um Velocino de Ouro. O mesmo Velocino de Ouro que Jasão e os argonautas buscavam, e tiveram êxito, pois dele se apoderaram, levando-o consigo.

Na antiga saga suméria de Gilgamesh, o herói e seus cinquenta proto-argonautas tinham alguma ligação com a embarcação (o texto está lamentavelmente fragmentado), chamada de "barco de Magan". É preciso lembrar que Magan é o nome do Egito em sumério. Portanto, o barco está vinculado ao Egito.

Todos os argonautas gregos estavam ligados entre si e eram indivíduos mais ou menos anônimos — a exemplo dos "cinquenta heróis" sumérios antigos, companheiros de Gilgamesh, e dos "cinquenta grande deuses" conhecidos como Anunnakis.

A arca grega de Deucalião, depois do Dilúvio, pousou em Dodona,

local onde o Argos recebeu sua viga de orientação de madeira de carvalho. A arca e o Argos aparentemente receberam sua peça de orientação. A arca e o Argos vinculavam-se também de outras maneiras.

O professor Cyrus Gordon escreveu um livro importante sobre as origens comuns das culturas grega e hebraica a partir do meio egípcio-sumério do mundo cosmopolita do antigo Mediterrâneo.

Os "cinquenta grandes deuses" da Suméria, os Anunnakis, invariavelmente, apresentam-se sentados. Os remadores sagrados ou argonautas, invariavelmente, estão sentados, enquanto remam. "Os cinquenta assentados" e "os cinquenta que se sentam e remam" parecem ser um tema.

O outro elemento, ao lado do olhos, no hieroglifo do nome de Osíris, está no trono, que é também o hieroglifo de Isis. O trono é um assento divino. Com freqüência, os sumérios entoavam cantos sobre os Anunnakis dizendo que "eles estavam assentados em seus tronos"; ou algumas vezes, para dramatizar um pouco mais, "os cinquenta grandes deuses tomavam seus assentos". (É claro que, ainda assim, eles nada faziam.)

O Anúbis egípcio (Anpu) era um deus "da colina". A esposa do deus sumério Anu era uma deusa "da colina".

A forma mais antiga da palavra suméria para colina, hursagga, pode ter derivado de Heru-sa-agga, termo egípcio em que "agga" se refere a Anúbis (que era "da colina"). Há muitas outras semelhanças entre palavras e nomes no Egito e na Suméria.

No Épico de Gilgamesh, é descrito um sonho de Gilgamesh no qual ele encontra uma estrela pesada que não pode ser removida, apesar do imenso esforço. Esta estrela desce do céu e pousa sobre ele, e se diz que está ligada a Anu (que é o deus do céu). Portanto, encontramos o conceito de "estrela pesada" na Babilônia muito antes da existência dos árabes e de terem sua estrela na constelação do Grande Cão [Cão Maior?] (e a outra em Argos) chamada "Peso" e descrita como "a estrela pesada".

Gilgamesh é atraído irresistivelmente para essa estrela pesada e, da maneira como é descrita, parece sugerir uma espécie de atração gravitacional (para aqueles, é claro, que estão cientes de

que uma "estrela pesada", como Sírius B, possui imensa força gravitacional, além de ser "pesada").

O Épico de Gilgamesh refere-se "à essência de Anu" possuída pela estrela. A palavra que representa "essência" é usada em contextos médicos para se referir a "concentração, essência" — uma insinuação de matéria superdensa? Essa "essência de estrela concentrada de Anu", além disso, era pesada demais para que, em seu sonho, Gilgamesh pudesse levantá-la.

Deve ser lembrado que Gilgamesh tinha seus cinqüenta companheiros nas versões antigas do Épico (eles foram descartados posteriormente nos tempos babilônios). Por essa razão, encontramos em Gilgamesh:

(a) Cinqüenta companheiros anônimos aparentemente importantes, mas somente como elemento numerológico, na história e, posteriormente, sendo considerados inúteis, foram eliminados.

(b) Uma estrela superpesada ligada a An (também um nome egípcio de Osíris, marido de Ísis, identificada com Sírius).

(c) Uma descrição da estrela como sendo composta de uma "essência concentrada" e possuidora de extremos poderes de atração, dos quais se fala como se fosse sugerida uma atração gravitacional.

Esses elementos compreendem quase uma descrição completa de Sírius B: uma estrela superpesada com grande poder gravitacional e constituída por matéria superdensa concentrada ("essência"), estando o número cinqüenta associado a ela (para descrever seu período orbital?) — e ligada a An (Anu), que sabidamente está vinculado ao Egito (e o "barco de Magan" de Gilgamesh parece egípcio) e a Sírius.

Capítulo Cinco

As Matilhas do Inferno

Uma vez estabelecido que Sírius é a Estrela Cão, examinemos agora a deusa suméria Bau com cabeça de cão. Segundo Thorkild Jacobsen, importante assiriólogo, "Bau parece ter sido originalmente a deusa-cão e seu nome, seria a imitação do latido do cão, assim como "bau-au" em português. Bau era também filha de An. Temos então a deusa-cão como filha de An, ao passo que no Egito o próprio Anpu (Anúbis) era o deus-cão. Estando An ligado a Sírius, não nos causaria surpresa que, na Suméria, sua filha fosse a deusa-cão. Entretanto, Sírius, como a Estrela Cão, era uma tradição considerada inexistente na Suméria anteriormente.

Assim como os cinqüenta Anunnakis, Bau também é filha de An, portanto não é preciso muito esforço para perceber que ela é um remanescente (pois é uma deusa antiga que se desvaneceu na obscuridade em períodos posteriores) do conceito de uma deusa estrela-cão equivalente a Ísis enquanto Sotis. É interessante notar que ela tem cabeça de cão. Anúbis também não era inteiramente um chacal, ou um cão, simplesmente tinha a cabeça de cão ou de chacal.

O esposo de Bau, Ninurta, era filho de Enlil. A exemplo de Marduk, que usurpou a posição de deus principal em época precedente, também Enlil usurpou de An essa posição. (É uma situação análoga à da mitologia grega, em que Cronos usurpa a posição de Urano, sendo, por sua vez, deposto por Zeus.) Existe um interessante hino de 170 versos dedicado a Enlil, que descreve uma morada estelar para o deus. O "olhar levantado" ou a "luz nas alturas", explorando e procurando as terras, lembra o conceito dogon do raio de Digitaria que uma vez ao ano varre a Terra. Em qualquer caso, uma "luz elevada" que procura e explora é, definitivamente, um raio ou raios luminosos e, por si só, é um conceito interessante que os sumérios até situaram no domicílio celeste. De antemão, devo ressaltar ao leitor que o lápis-lazúli era

considerado pelos sumérios a representação do céu noturno. Nesse sentido, há partes significativas do hino:

Enlil, cujo comando é de longo alcance, cuja palavra é sagrada.
Senhor do pronunciamento imutável, ele decreta os destinos para
todo o sempre,
Seu olhar se eleva, explorando as terras.
Sua luz sonda das alturas os corações, em todas as nações,
Enlil, está assentado na branca plataforma, na plataforma das
alturas...

A plataforma branca e elevada de Sotis-Sírius é um conceito egípcio. É Ast (Ísis). É também Asar (Osíris), com o acréscimo de um olho hieroglífico. Mais adiante, neste hino da Suméria, encontramos o templo da cidade de Nippur e, em comparação:

Nippur — o santuário, morada do pai, a "grande montanha",
A plataforma da abundância, o Ekur que ascende...,
A montanha elevada, o lugar puro...,
Seu soberano, a "grande montanha", o Pai Enlil,
Tem seu assento estabelecido sobre a plataforma de Ekur, no
santuário das alturas;
O templo — suas leis divinas, assim como o firmamento, não
podem ser violados.
Seus ritos puros, assim como a terra, não podem ser abalados,
Suas leis divinas são como as divinas leis do abismo, ninguém as
pode avaliar.
Seu "coração" é como um santuário distante, tão desconhecido
quanto o zênite celeste...

E ainda:

O Ekur, a mansão de lápis-lazúli, sua morada nas alturas, inspira
temor,

Seu temor e veneração estão próximos do céu.

Sua sombra estende-se sobre todas as terras

Sua elevação alcança o coração do firmamento.

Essas menções ao aspecto de lápis-lazúli da morada de Enlil, que alcança o coração do firmamento, deixam claro que não se trata simplesmente de uma descrição solar. Não é do sol que se fala, mas claramente de uma morada estelar. Portanto, as referências ao raio, ou raios, são ainda mais curiosas, pois não se referem à luz solar, como se pensaria em uma leitura superficial do texto. Em continuação:

Céu — ele é o seu soberano; terra — ele é o seu poderoso,

Ó Anunnakis — é ele o vosso exaltado deus;

Quando, em sua terrível majestade, ele decreta os destinos,

Nenhum deus ousa contemplar sua face.

Nesse trecho, Enlil é chamado de exaltado deus dos Anunnakis (em outro texto, seu filho Enki, ou Ea, jacta-se por ser ele "o seu defensor" e líder.) Nesse trecho, também é conferido a Enlil o poder de decretar os destinos, o que por tradição cabe aos Anunnakis. Na quarta linha, de baixo para cima, "céu" é An e "terra" é Ki, An e Ki eram casados. A composição an-ki é uma designação suméria de "céu-terra", além de ser a palavra que significa "Universo". Note-se a semelhança entre an-ki e o nome da deusa egípcia Anukis, identificada com Sotis-Sírius. Além, é claro, da semelhança com a palavra Anunnaki.

Na passagem anterior, encontramos as descrições de Enlil, o padrao da deusa com cabeça de cão que tentamos identificar com Sírius. E descobrimos esses cinqüenta irrefreáveis Anunnakis insinuando-se mais uma vez. Eles conseguem infiltrar-se em toda

parte, basta uma oportunidade, quando o assunto em questão é Sírius.

Assim, as muitas semelhanças entre a Suméria e o Egito, notadas até agora (e aquelas que ainda virão), e que nos levaram a considerar a possibilidade de as duas nações terem mantido algum tipo de vínculo, podem ser referidas em uma passagem até mais interessante do historiador judeu do primeiro século d.C, Josephus, em que "os filhos de Seth" são mencionados. Muitos escritores antigos acreditavam que Seth fosse Hermes Trismegisto.

Esse fato, de repente, pode ser até mais importante à luz da suspeita que começa a ser delineada em relação à escassez da tradição hermética sobrevivente (difamada e obscurecida pelo caos do desuso e pelos insignificantes co-sobreviventes dos períodos tardios). A seguir, a referida passagem:

"Os filhos de Seth" foram os inventores dessa espécie peculiar de sabedoria referente aos corpos celestes e à sua respectiva ordem, e suas invenções não se poderiam perder antes de serem suficientemente conhecidas; assim, conforme a predição de Adão de que o mundo seria uma vez destruído pela força do fogo e, uma segunda vez, pela violência e volume da água, eles erigiram dois pilares, um de tijolos, outro de pedra.

Nesses pilares, descreveram suas descobertas, e se o pilar de tijolos fosse destruído pela inundação, o de pedra poderia permanecer exibindo suas descobertas para a humanidade, informando-a da existência de outro pilar de tijolos também erguido por eles. Ora, este pilar permanece na terra da Síria ou Seirad até o dia de hoje.

Essa passagem suscita muitos comentários. O ponto principal, que salta imediatamente à observação, é a existência de um "pilar de tijolos" na terra da Síria, ou na terra de Suméria-Acádia-Babilônia. Bem, essa é a própria terra do tijolo! É a terra do zigurate de tijolos ou a "grande montanha" — um pilar gigante, caso se prefira. Mas onde fica a terra da pedra? Ora, obviamente no Egito, a terra das grandes pirâmides de pedra. Esta é, portanto, uma descrição de duas culturas ligadas, uma que constrói edifícios de tijolos e outra

que constrói edifícios de pedra. No Egito, temos a Grande Pirâmide que, segundo a convicção de muitos, continha em sua construção básica as proporções e medidas indicando tratar-se de uma obra realizada por homens de uma civilização muito adiantada. Os grandes zigurates da Babilônia e suas cidades, em estado ainda mais ruinoso, parecem incorporados em sua construção, que em grande parte é profunda. Terá Josephus preservado a tradição do vínculo entre o Egito e a Suméria e seus respectivos tipos de construção? Diz ele que esse vínculo era do tipo que se define em termos astronômicos. "Os filhos de Seth" inicialmente possuíam "essa espécie de sabedoria que se refere aos corpos celestes". Bem, já descobrimos por nós mesmos que os conceitos astronômicos, e astronômico-religiosos fundamentais eram comuns ao Egito e à Suméria, aspecto este também afirmado por Josephus, e mais ainda, ele nos informa o que também o tratado *The Virgin of the World* nos faria saber: que tudo começou com Hermes Trismegisto — como já descobrimos nos dois capítulos anteriores.

Agora, porém, iremos em busca de outras ramificações do Egito encontradas em outros lugares. Para tanto, retomaremos o tema do Argos e seus cinquenta argonautas, todos múnias (descendentes do rei Múnias) e, comandados por Jasão (também um descendente do rei Múnias), os quais saíram em busca do velocino de ouro na misteriosa ilha da Cólquida, a qual existiu realmente e era tão estranha quanto se possa imaginar. Isso porque, navegando pelo Helesponto (denominação que se deve a Hele, personagem mitológica que caiu do dorso do carneiro de ouro, nesse local), no Mar Negro (chamado de Mar Euxino pelos gregos), e seguindo pela costa da atual Turquia até chegar à região da fronteira com a atual Geórgia, chega-se à Cólquida. É um lugar um tanto singular, por isso os gregos lhe atribuíram tanta importância. Situa-se ao pé das formidáveis Montanhas do Cáucaso e, não muito distante, se encontra o povo georgiano, montanhês, que atinge a espantosa idade de 110 anos, e é dono de uma cultura peculiar. Pouco mais ao sul, encontra-se aquele estranho lugar, o Monte Ararat, onde a Arca de Noé pousou depois

do Dilúvio. Indubitavelmente, esta é a mais rara das terras e há muito foi retirada do mundo grego. Ou ainda faz parte dele?

Mínias tinha um bisneto chamado Frixo. Este tinha quatro filhos que viviam na Cólquida, para onde Frixo fugira no dorso de um carneiro de ouro, com cujo velocino presenteou depois o rei local, de quem recebeu, em troca, as boas-vindas e a filha dele em casamento. E evidente que esses quatro filhos de Frixo eram meio-cólquidas e devotavam alguma lealdade à pátria de seu pai, a Grécia, no continente.

Certo disso, em seu leito de morte, Frixo pediu-lhes que voltassem a Orcomenos, sua terra na Grécia, para dela reclamar seu direito de nascimento. Seus filhos concordaram. O pai de Frixo fora o rei de Orcomenos (tanto quanto Mínias o fora) e seus filhos tinham o direito de reclamar tal honra e posição (sem mencionar as questões materiais) que certamente lhes cabiam. Entretanto, sabiam das dificuldades para realizar de imediato tal empreitada, uma vez que seu pai e sua irmã Hele (que caíra do dorso do carneiro no Helesponto) haviam deixado sua terra às pressas no dorso do carneiro de ouro, com as bênçãos de Hermes, e poucas tinham sido as lágrimas derramadas em Orcomenos, na ocasião.

Assim, os quatro filhos de Frixo saíram ao mar, e naufragaram, mas felizmente foram resgatados. Quem os resgatou? Quem senão os argonautas que naquele momento por ali passavam. De fato, seus primos argonautas estavam a caminho da Cólquida, com a missão de recuperar o velocino de ouro. Os quatro jovens camaradas não fizeram objeção a esse plano, especialmente porque os argonautas também eram descendentes de Mínias. Além disso, haviam perdido alguns de seus homens (por exemplo. Hércules e Hilas haviam desaparecido; Hilas fora tragado pelas águas de uma torrente, por obra de uma ninfa apaixonada, e Hércules, enfurecido, vagueava pela Turquia chamando em vão por seu nome, e mais tarde acabou fundando cidades e realizando vários de seus trabalhos heróicos). Portanto, esses quatro companheiros cólquidas eram exatamente o que precisavam para completar suas fileiras.

E como era esse lugar, a Cólquida? Talvez, examinando-o,

encontremos alguns elos com o Egito. Tudo parece possível em uma terra mágica como essa.

De fato, examinando a obra Histórias, de Heródoto lê-se: "É um fato indubitável que os cólquidas são descendentes de egípcios. Observei por mim mesmo, antes de alguém mais mencionar esse fato, e ocorrendo-me isso, fiz algumas indagações na Cólquida e no Egito, e descobri que os cólquidas tinham uma lembrança mais clara dos egípcios, mas não o contrário. Dizem, no entanto, os egípcios que os cólquidas eram homens do exército de Sesóstris". Este Sesóstris é identificado com Ramsés II pelos estudiosos (século XIII a.C), mas não de maneira definitiva. Continua Heródoto:

Minha noção sobre o assunto fundamentava-se, primeiramente, no fato de terem peles negras e cabelos semelhantes à lã (mas os cabelos não são muito bastos, como ocorre em outras nações) e, em segundo lugar, porque os cólquidas, os egípcios e os etíopes são as únicas raças dos tempos antigos que têm praticado a circuncisão. Os fenícios e sírios da Palestina admitem que adotaram a prática do Egito e os sírios, que viveram perto dos rios Termodon e Partênio, aprenderam-na há bem pouco tempo com os cólquidas. Nenhuma outra nação adota a circuncisão e todas essas, sem dúvida, seguem o exemplo egípcio. Eu não diria, no caso de egípcios e etíopes, que um povo tenha aprendido a prática com o outro, pois o costume é, evidentemente, muito antigo; mas não tenho dúvidas de que outras nações a adotaram em consequência de suas relações com o Egito, e nessa convicção tenho grande apoio no fato de que os fenícios, ao se misturarem à sociedade grega, renunciaram ao costume egípcio, permitindo que seus filhos não fossem circuncidados. E, pensando agora a respeito, há ainda outro ponto de semelhança entre cólquidas e egípcios: eles compartilham um método de tecer o linho diferente do empregado por outros povos; além disso, há semelhanças entre seus idiomas e estilo de vida.

Verifica-se, portanto, nessa passagem uma provável explicação (na realidade, quase uma certeza) da ligação da Cólquida com a

saga dos argonautas. Sem dúvida, o velocino de ouro, presenteado por Hermes (o que equivale a dizer, presenteado por Anúbis), estava na Cólquida. Isso porque a Cólquida era um país inteiramente egípcio. Mas em uma história grega os heróis devem ser gregos e não egípcios, portanto, todos os argonautas são múnias da Grécia. O anonimato familiar "dos cinqüenta", observado no caso dos Anunnakis da Suméria, prevalece também aqui, entre os argonautas. Diversos poetas épicos, que se ocuparam da saga, desistiram de alguns de seus heróis épicos. Em Argonautica, o principal texto remanescente, de autoria de Apolônio de Rodes, Orfeu e Hércules (Hércules) fazem parte da tripulação do Argos, mas Hércules é deixado para trás, como vimos anteriormente. De fato, é evidente que Hércules foi emprestado à saga por ser "bilheteria certa" e "astro convidado", em um desempenho com breve aparição, e o assunto não deve ser levado muito a sério.

Mas, continuemos com a história e com os argonautas. Eu disse que Orfeu havia sido incluído no elenco por um grande produtor cinematográfico, Apolônio de Rodes. Mas outro produtor cinematográfico seu competidor.

* A circuncisão é absolutamente fundamental na cultura dogon, por razões religiosas.

Ferécides, insistia em dizer que Orfeu não era um argonauta. Diodoro Sículo, grande defensor da liberação feminina, afirmava que Atalanta* era uma argonauta. Apolônio diz, intencionalmente, que o superstar Teseu, na época, estava no Hades, ocupado em outra empreitada (outro compromisso), mas Estácio (que obviamente era de outro estúdio), mais tarde transformou Teseu em argonauta, de qualquer maneira. H. W. Parke ressaltou que os oráculos de Apoio (que previam o futuro) foram, aparentemente, introduzidos na história dos argonautas, como uma propaganda do crescente poder do Oráculo de Delfos, que tentava esmagar o oráculo de Dodona, que era o principal, e atingir a supremacia por si mesmo aos olhos do público grego. Parke demonstrou que os elementos Oraculares centrais à saga do Argos estavam na

realidade relacionados a Dodona e não a Delfos (Dodona é apresentada no mapa, na Figura 17, mais adiante neste capítulo). O oráculo de Delfos era bastante arrogante nos séculos imediatamente precedentes ao período clássico (que terminou com Alexandre, o Grande) e, de início, não era mais importante que o de Dodona, mas acabou superando-o, assumindo a precedência na época de Sócrates e dos gregos clássicos. Parke conclui dizendo que todos os elementos délficos e apolíneos na saga do Argos são acréscimos de uma época posterior, quando Delfos usurpou a supremacia de Dodona. Em referência feita por Homero ao épico Argos, mencionado na Odisséia (XII, 69-72) como o "celebrado Argos", esses elementos não estavam presentes, o que comprova a antigüidade da saga, assim como de Jasão e as Rochas Flutuantes. É significativo que nenhum outro argonauta seja mencionado por Homero. Fica evidente, por todo o comentado anteriormente, que os argonautas foram principalmente notados por serem em número de cinqüenta e por se inter-relacionarem (uma maneira confortável de anonimato — eram primos!). Os heróis helênicos importantes da saga foram colocados em suas posições pelos caprichos de sucessivos poetas épicos, para lhes conferir uma cor distintiva. Exceto no que se refere a Jasão, existe total desacordo entre todos os que se preocuparam em saber quem eram exatamente os argonautas. E segundo Robert Graves, em *The Greek Myths* (Os Mitos Gregos), originalmente Jasão era Hércules. E Hércules era originalmente Briareu (uma figura mais arcaica; ver adiante relato mais completo, pp. 325-329 e 356). Evidentemente, a resposta é que os argonautas não eram indivíduos e nem pretendiam ser.

Eram em número de cinqüenta, eram inter-relacionados, além disso, normalmente estavam sentados e navegavam em um barco mágico. Exatamente como os Anunnakis e como os cinqüenta companheiros anônimos de

* Atalanta, uma figura mitológica, grande caçadora e lutadora, da qual se dizia que só se casaria com o homem que a vencesse em combate. Melanion venceu-a, mas usando de artimanhas.

** N. T.: Ciãneas ou Rochedos Azuis que se fechavam à passagem dos navios.

Gilgamesh! E nos fragmentos de Gilgamesh dos tempos sumérios mais remotos, a embarcação mencionada é o "barco de Magan", ou o barco egípcio. Deve ser lembrado, ainda, que a Suméria se localizava entre o Egito e a Cólquida.

Estamos começando agora a desvendar a história do Argos. Não creio que níveis mais remotos dessa antiga saga tenham sido alcançados anteriormente.

Não só Heródoto, mas também Píndaro (518—438 a.C), descreve os cólquidas como negros. Nessa IV Ode Pitiana, que em grande parte versa sobre os argonautas, Píndaro diz (212): "Entre os cólquidas de rosto negro, em presença do próprio Aeetes". Portanto, Píndaro confirma Heródoto nesse aspecto.

Resta ainda tentar estabelecer uma data. Se Heródoto estiver certo, e os cólquidas tivessem sido soldados egípcios da época do reinado de Sesóstris (Ramsés II), então é possível sua ida para a Cólquida, em algum momento, durante os anos de 1301 a 1234 a.C, período este estimado por John A. Wilson como o do reinado de Ramsés II. Essa data é usada apenas como um indicador da antigüidade geral das origens de nossos dados. Ao que parece não existe informação arqueológica referente ao sítio não descoberto de Aea, a capital da Cólquida, localizada na costa do Mar Negro (junto ao rio conhecido como Faso, na Antigüidade), logo ao cruzar a fronteira da Geórgia, vindo da Turquia. Suspeito que o sítio de Aea nunca tenha sido procurado. Seria certamente um interessante sítio para escavação arqueológica. Presumivelmente oferece uma quantidade incomum de informações em estilo egípcio misturado aos estilos armênio-caucasianos. Deve ser um lugar extraordinariamente interessante, do ponto de vista da arte antiga, sendo quase certo que seja muito rico em metais preciosos e belos trabalhos em metal, especialmente em ouro. Adiante, neste livro, veremos que ele ficava próximo de um famoso centro metalúrgico da Antigüidade. E, é claro, são possíveis descobertas em confirmação ao relato de

Heródoto.

A seguir, uma descrição do lugar, para quem desejar procurá-lo: "Eles chegaram ao largo estuário do rio Faso, onde termina o Mar Negro... e então remaram diretamente para cima, entrando no poderoso rio, que lançava espuma a cada banco, ao abrir caminho para a proa do Argos. À esquerda, encontrava-se o imponente Cáucaso e a cidade de Aea; à direita, a planície de Ares e o sagrado bosque do deus, onde a serpente vigiava o velocino, estirada sobre os folhosos ramos de um carvalho". (Outra alusão a Dodona, com o carvalho e o bosque. Posteriormente se verá que essa similaridade se toma extremamente relevante.)

Voltando à questão das datas (tendo também em mente a referência casual, e anterior, de Homero ao "celebrado Argos"), faz-se necessário lembrar que as mencionei quando demonstrei a natureza idêntica dos sistemas astronômicos sumário e egípcio em seus detalhes essenciais. Ressaltei que as tabuletas babilônicas eram datadas do segundo milênio a.C, o que nos confere um limite superior de tempo na região suméria. Os relógios estelares egípcios, que guardam grande semelhança com os calendários, já haviam sido alterados (como, por exemplo, pela introdução de uma semana de quinze dias em vez de dez dias, indicando a degeneração avançada das tradições) no Egito no primeiro milênio a.C.

É por isso que se verifica que os relógios estelares egípcios não mais existiam na forma usual por volta do primeiro milênio, o que nos dá uma data limite superior, no Egito, situada no final do segundo milênio a.C, idêntica ao limite superior estabelecido para a Suméria. Sinto-me tentado agora a roubar uma frase dos físicos, lembrando ao leitor que essas datas estão em ordem de magnitude comparável com a data do reinado de Ramsés II, e atribuídas, empiricamente, para indicar o estabelecimento de colonos egípcios na Cólquida. Certamente, essas três datas não podem ser misturadas acidentalmente em tomo da mesma informação! Não temos outra escolha senão adotar uma data aproximada de 1200 a.C. como limite superior para a disseminação (e subsequente degeneração) de nossos dados

relativos a Sírius em toda a área do Mediterrâneo, seja qual for o local de sua origem.

Pode ser relevante que essa disseminação coincida aproximadamente com o final do domínio minóico do Mediterrâneo. Do ponto de vista da disseminação das tradições de Sírius, eu a vincularia ao que considero óbvio: a queda do poderio marítimo minóico, com base em Creta, quando os egípcios e os habitantes do Oriente Próximo não só tiveram condições, mas expandiram suas próprias atividades marítimas para preencher a lacuna deixada pela desintegração das frotas minóicas. (Uma sugestão alternativa, mas improvável, é a de que os minóicos em fuga tenham difundido sua cultura quando se estabeleceram no exílio, em diferentes áreas do Mediterrâneo, após a queda de sua nação; mas acredito que somente eles foram a fonte dos dados sobre Sírius.)

Estou inclinado a acreditar na evidência, cada vez maior e cumulativa, de que a cultura minóica recebeu um golpe mortal com as erupções do vulcão Terá. Em "Minoan Civilization: Maturity and Zenith" (Civilização Minóica: Maturidade e Zênite), no livro Cambridge Ancient History (História Antiga Cambridge), F. Matz diz: "A pacífica transferência de poder em Creta dos minóicos para os micênicos é difícil de ser explicada". Mas não, certamente, se as erupções vulcânicas tivessem enfraquecido os minóicos. As cidades minóicas não tinham muros. Em sua ilha, os minóicos confiavam, ao que parece, em seu incontestável poderio marítimo para pôr os inimigos em apuros, exatamente como os espartanos em sua cidade sem muros, Esparta, na Grécia continental, confiavam em seu incontestável poderio terrestre para vencer os inimigos, nos tempos clássicos. Como a ilha de Creta só podia ser alcançada por inimigos a pé e os minóicos estavam em superioridade naval, não podiam ser ameaçados em casa. As conclusões finais sobre o Terá são, aparentemente, que as cidades, naquela pequena ilha vulcânica perto de Creta, foram evacuadas primeiro em razão dos terremotos, alguns anos antes da erupção vulcânica final que destruiu a civilização minóica.

Heródoto, no Livro I de sua obra Histórias, dá-nos uma boa

ilustração de quão desesperador é para o poderio terrestre desafiar o poderio marítimo, e então nos mostra os lídios, marinheiros de água doce, abandonando seus planos para construir navios e estender suas conquistas às ilhas, por estarem conscientes de que não sabiam o que estavam fazendo. Se suas frotas tivessem afundado em grandes ondas de maremotos, após erupções vulcânicas, os minóicos não teriam outra escolha senão chegar a um entendimento com os micênicos. Qualquer outra possibilidade significaria um suicídio. Provavelmente, fizeram um pacto elegante e nobre, ou uma série de pactos que deram ao inevitável uma aparência de voluntariedade. E, se os micênicos tradicionalmente provocavam mais temor que os sofisticados minóicos, tanto melhor para estes "condescenderem" em acordos de cavalheiros.

Contudo, as "esferas de influência" dos minóicos de alto-mar não poderiam ser assumidas de imediato pelos micênicos, que sem habilidade marítima (sem mencionar navios) para complementar no mar seu êxito em atravessar as linhas de combate terrestres, sobretudo as da ilha de Creta, provavelmente deixariam certas áreas aos minóicos nativos, por meio de pactos, conforme sugeri. E não seria por faltar energia ou vontade aos micênicos, mas porque, tendo sido destruídas as frotas minóicas, nem mesmo os mais dispostos marinheiros minóicos poderiam navegar, em navios inexistentes, a serviço de seus invasores micênicos. Além disso, o trabalho de consolidação do poder na ilha recém-tomada seria uma questão prolongada que desviaria a atenção dos micênicos. Por todas essas razões, não foi possível aos novos soberanos de Creta atingir o total desenvolvimento de seus predecessores, nem obter o completo domínio do Mar Mediterrâneo.

Os micênicos haviam competido com os minóicos (e praticado a pirataria contra eles, ao que parece sob o comando de Teseu), da melhor forma possível, algum tempo antes do cataclismo. De fato, F. H. Stubbings informa-nos que os minóicos fizeram uma "desastrosa expedição siciliana contra os interesses comerciais micênicos no Mediterrâneo central. Esse fato é bastante semelhante, é claro, à famosa expedição ateniense à Sicília, e

também um desastre total, que ocasionou a perda da guerra do Peloponeso por Atenas. A Sicília foi, portanto, responsável por dois grandes desastres históricos que alteraram o curso dos eventos em níveis desconhecidos em toda parte, menos na própria Sicília. Vemos, assim, que possivelmente o poderio minóico já estava em declínio. Diz Stubbings: "De tudo isso, o que é realmente certo, entretanto, é que a queda de Creta abriu caminho para um grande crescimento da atividade dos micênicos". E, com certeza, também se abriu o caminho para um grande aumento da atividade dos egípcios. O Egito, que sabidamente manteve um comércio ativo com Creta, no período minóico, deve ter ficado sem escolha entre a expansão da atividade marítima por sua própria conta ou a grande escassez de mercadorias importadas. Existe até a possibilidade de que o nome Míneas (e, conseqüentemente, o adjetivo míneas para os argonautas) tenha alguma ligação com Minos (que nos deu o termo minóico). Afinal, os minóicos tiveram considerável contato com os egípcios, além de serem os melhores marinheiros de sua época.

É válido examinar os fatos em torno da queda minóica, mais ou menos na época das datas estabelecidas como limites superiores (1200 a.C. — ver p. 167) e às quais chegamos de outras maneiras. Isso porque, com o desaparecimento da supremacia marítima minóica, inúmeros povos ficaram livres para as rotas de navegação e, sem dúvida, navegaram, fazendo proliferar grande variedade de contatos entre culturas, que o uniforme tráfego marítimo minóico havia esmagado e descaracterizado. Povos empreendedores de quase todas as partes — etnias da Grécia continental, semitas sofisticados da região ribeirinha do Egito e inteligentes do Líbano, Canaã e Palestina, todos de olho em grandes oportunidades, tiveram condições de encontrar algo que flutuasse e se deslocasse.

Todos esses povos que, de repente, lançaram-se em altos-mares trouxeram uma inevitável fertilização cruzada em nível cultural, mesmo que a pirataria tenha sofrido um alarmante aumento. Talvez uma impressionante quantidade de sincretismo tenha ocorrido e, nesse processo, as informações sobre Sírius devem ter

extravasado com a moeda corrente, ultrapassando os confins do Egito e da Suméria. Dois milênios antes, ou em eras mais remotas, as culturas egípcia e suméria compartilharam muitos segredos: eles agora se libertavam da caixa de Pandora e se introduziam na que viria a ser a cultura grega, pela síntese entre as correrias e explorações micênicas hostis a Tróia e outros lugares. Iniciava-se a Era Heróica, seria forjado o areté (o ideal grego clássico de excelência em todas as coisas) a sangue e aço, na Ilíada, com suas fontes subsidiárias vindas da grande Odisséia e dos restos das sagas do Argos e muitos épicos antigos, dos quais só alguns fragmentos sobrevivem. Incrustada profundamente, como dentes de dragão na dura carne durante a batalha, a linha que delineia o esqueleto das informações sobre Sírius seria examinada através da membrana da tradição épica grega, ressurgindo em nosso século na forma dos homens armados da controvérsia. Esses homens, mais uma vez, entraram no campo de batalha e cabe a nós enfrentá-los. Em vez de entrarmos em combate, questionemos esses estranhos com relação a suas origens. Estamos diante de seus fósseis imortais, vindos de um mundo totalmente além de nossa compreensão moderna. Essas criaturas estão cobertas pelas teias de séculos que precederam até mesmo a Grécia clássica, vindos de uma era anterior a Hesíodo e a Homero. Esses fantasmas são antigos no sentido de serem raramente encontrados, a não ser no interior das tumbas do Egito ou dos cemitérios de Ur.

Em continuidade às elucidações dos fatos e circunstâncias da saga dos argonautas, voltemo-nos ao mais inestimável compêndio, estranho e maravilhoso, sobre o mundo grego, a excelente obra *Mitos Gregos*, de Robert Graves. Nele, encontramos: "Aeaea ("lamentação") é uma típica ilha da morte, onde a deusa Morte canta, enquanto tece. A lenda dos argonautas situa-a na cabeceira do golfo Adriático; podendo muito bem ser em Lussin ou Póla. Circe significa "falcão" e possuía um cemitério na Cólquida, com salgueiros plantados, consagrado à deusa Hécate, por sugestão de Medéia. Veremos adiante que Hécate é uma forma degenerativa de Sotis, ou Sírius. Mas examinemos a informação

antecedente de Graves. Primeiro, nota-se que o nome Circe, uma figura de destaque em Argonautica, tem o significado de "falcão". Isso traz à lembrança o proeminente "falcão de Hórus" do Egito, símbolo do ressurgimento da morte, ou ressurreição. O falcão, ou gavião, de Hórus presidia a necrópole egípcia em Mênfis; portanto, é bastante óbvio que a necrópole na Cólquida estivesse sob sua égide.

Naturalmente, os gregos pensavam em termos de sua deusa da morte, Hécate.* Não havia razões para se preservar o sexo masculino de Hórus, sobre o qual nada sabiam. Mas o falcão de Hórus, por exercer possivelmente um poderoso efeito, na condição de símbolo, pode ter sido transferido para uma figura feminina do mito grego. De fato, esse cemitério de Circe, na Cólquida, é quase indubitavelmente um cemitério egípcio que sobreviveu aos cólquidas egípcios de Heródoto, e era presidido pelo falcão de Hórus, chamado de Circe na Grécia, e algumas vezes assumia a forma feminina. O surgimento de soldados brotando da terra, semeados de maneira mágica em Argonautica deve referir-se, em parte, aos soldados egípcios enterrados no "cemitério de Circe", que ressurgiriam da morte sob os auspícios do deus egípcio da ressurreição, Hórus, cujo símbolo era o falcão, ou "Circe". (Escavações podem desenterrar, algum dia, a necrópole cólquida.) Circe vivia na ilha de Aea, que tem o mesmo nome da cidade visitada por Jasão na Cólquida e de onde vinha Medéia. Na mitologia grega, Circe é filha de Hélio e Perse, e irmã do rei de Cólquida, Aeetes. Portanto, é tia de Medéia (Medéia foge da Cólquida com Jasão).

* O relato de Hesíodo sobre Hécate mostra-a, originalmente, como uma deusa-tripla, com supremacia no Céu, na Terra e no Tártaro; porém, os tielenos ressaltavam seus poderes destrutivos à custa de seus poderes criativos... "O leão, o cão e o cavalo (eram) suas cabeças... o cão era a Estrela Cão, Sírius". Robert Graves, Mitos Gregos. Hesíodo, que viveu aproximadamente em 700 a.C, escreveu The Teogony (A Teogonia), um longo poema que trata das origens e genealogias dos deuses. Nesse poema, ele diz

(Teogonia, 416): "No céu estrelado ela tem o seu lugar e os deuses imortais lhe devotam grande respeito".

Em relação a Aea, acredito que era uma ilha fluvial, no rio Paso, perto da cidade de Aea. O episódio de Circe, na Odisséia, é uma interpelação bastante óbvia ao épico original central *The Homecoming of Odysseus* (O Regresso de Odisseu) — un inserção, um pouco arcaica, de outros dados, efetuada de forma um tan indigesta — por isso, quaisquer conclusões geográficas são injustificada Se é que a ilha de Aea, ali representada, não estivesse situada no Mar c Norte ou Mar Báltico!

O pai de Circe, Hélio, é o sol, que se levanta todas as manhãs de seu magnificente palácio próximo da Cólquida, onde dormia e recolhia sei cavalos ao estábulo para passar a noite. Também o pai do Hórus egípcio era o sol, representando o próprio Hórus, o nascer do sol. O significado bastante revelador da palavra grega KipKt (kirke, latinizada como circ é: "um pássaro desconhecido", segundo o dicionário de grego (que, a partir de agora, consultaremos), de Liddell e Scott. Na forma KipKoç (kirkos), significado é: "um tipo de gavião ou falcão", "um tipo de lobo", "um circule (que, em latim, torna-se circus) ou "círculo" e, ainda, "uma pedra desconhecida". KicKaia (kirkaia) significa "certa planta". Desses termos, só nome próprio Kipxij (Kirke) tem o significado específico de Circe, a Feitceira, ainda que a mesma palavra, em geral, seja também "um pássaro desconhecido". Uma reação muito apropriada dos gregos ao falcão de Hórus — um pássaro simbólico desconhecido para eles. Mas, na tentativa de serem mais precisos, eles transformam KipKoc (kirkos) em "um tipo de gavião ou falcão", o que é óbvio, em razão de sua aparência, mesmo que se valor simbólico faça os gregos duvidarem precisamente da intenção de egípcios, nesse sentido. Ele parece ser um tipo de gavião ou falcão, mas os gregos não estavam preparados para insistir na verificação da espécie exata — por tratar-se de uma idéia egípcia e não grega.

Em um ponto importante como esse, é preciso "ouvir o conselho" de um advogado. Não basta simplesmente mencionar o dicionário

de Liddell Scott. Sobre o assunto, examinemos o verbete *kirkos* encontrado na obra informativa de D'Arcy Thompson, *A Glossary of Greek Birds* (*Glossário de Pássaros Gregos*). Nesse verbete, lê-se; Nome poético e místico para Falcão: o Falcão sagrado de Apolo; geralmente um emblema astronômico, talvez solar... Em Homero, o pássaro de Apolo... *Od. xv. 525.. pássaro não é identificado como uma espécie distinta, e o mesmo se dá em Scaliger e outros. Nem a breve nota referente ao seu tamanho, em uma passagem corrompida do décimo nono livro da History of Animals (História dos Animais), nem as referências místicas a suas alegadas hostilidade e atributos, em Aristóteles, Aelian e Filo, são suficientes para comprovar que o termo em algum momento tenha indicado uma espécie de pássaro em particular. A palavra é poética... As principais alusões a KipKoç são místicas, entretanto, um simbolismo subjacente... não é decifrável".*

Em outro verbete, *Hierax*, Thompson dá algumas informações adicionais interessantes. A palavra *hierax* é um termo genérico para todos os falcões. Além disso, parece compartilhar com Hórus algumas qualidades, segundo observação específica de Thompson ao referir-se ao "Culto dos Falcões no Egito", citando Heródoto e Aelian: "No Rig-Veda*, o sol é geralmente comparado a um falcão, pairando no ar... Seu coração é comido para se obterem poderes proféticos, Porfírio, *De Abst. ii. 48*. No Egito, o Falcão entrou em inumeráveis hieróglifos... (como) em Hórus e Hat-Hor, sendo a última de Plutarco. Segundo Quéremon, frag. 8. Sobre a santidade dos falcões, e o simbolismo solar associado a eles, no Egito, ver também..." etc, referindo-se a Porfírio, Plutarco, Eusébio e Clemente de Alexandria. O leitor estudioso interessado nessa pesquisa deve consultar Thompson diretamente.

Kirkos também significa "uma pedra desconhecida". Aqui, mais uma vez nos deparamos com o tema da pedra encontrado no Deucalião (o Noé grego) e outros. As pedras de Deucalião transformam-se em homens — homens nascidos da terra, assim como os mortos do cemitério da Cólquida, destinados a ressurgir da terra.

Outro elo entre Circe e o complexo de Sírius está no fato de que

em sua ilha Orion encontrou a morte. Orion, como constelação, era identificado (como Sah, seu nome egípcio) com Osíris, o marido de Ísis, por sua vez identificado, é claro, com Sírius.

O tema da pedra em suas formas repetitivas parece ter mantido um vínculo especial com os múnias, conforme descobri em informações inestimáveis "do fundo do baú", do antigo autor grego. Pausânias (que se distinguiu em 150 d.C.), na obra *Guide to Greece* (Guia para a Grécia), que é uma "experiência" real. A cidade múnica era, tradicionalmente, Orcomenos, na Beócia, lembrando sempre que os argonautas eram múnias, descendentes de Múnias, rei de Orcomenos.

Todas as minhas referências a Pausânias são provenientes da excelente tradução de Peter Levi, publicada em dois volumes pela Penguin, em 1971, com extensas notas e comentários de um erudito tradutor jesuíta, que viajou quase em cada pedacinho de terra descrito por Pausânias, e procura fazer breves comentários sobre o atual estado das ruínas e paisagens (e lugares).

No Livro IX, 34, 5, lê-se: "Acima do Monte Lafistion situa-se Orcomenos, tão famosa e gloriosa quanto qualquer cidade da Grécia". As notas de rodapé de Levi nos dizem: "Ninguém sabe que montanha é essa: provavelmente aquela sobre o Hagios Georgios e a moderna Lafistion" e "(Orcomenos situa-se) no canto noroeste do antigo Lago Kopaic".

Em Orcomenos "estão as sepulturas de Múnias e Hesíodo"(38, 3). Perto do Monte Lafistion se encontrava (34, 4) "o sagrado recinto de Zeus de Lafistion... A estátua é de pedra. Dizem que, nesse lugar, Atamas ia matar Frixo e Hele, quando Zeus enviou aos filhos o carneiro com um velo de ouro e então eles fugiram nesse animal".

Observe agora o que diz Pausânias (38,1) a respeito dos múnias de Orcomenos: "Orcomenos possui um santuário de Dionísio, porém o mais antigo é consagrado às Graças. Dedicam uma especial veneração às rochas, afirmando que elas caíram do céu em Eteócles: estátuas de fina elaboração eram dedicadas, na minha época, mas também estas eram feitas de pedra". Levi acrescenta: "As ruínas desses santuários se encontram no sítio do

antigo monastério (agora também em ruínas)". Acredito que essa singular observação sobre a preocupação dos mÍnias com as pedras vincula-se a todos os temas repetitivos sobre pedras em nossas informações sobre Sírius. É preciso examinar ainda uma repetição que se prende com outro tipo de vínculo (38,4): "Os orcomenianos tinham uma lenda a respeito de Ácteon. Uma aparição com pedras na mão andava devastando a zona rural: quando o oráculo de Delfos foi consultado, o deus ordenou que se procurasse algo que restasse de Ácteon, cobrisse-o com terra, para depois fazer uma imagem de bronze do fantasma, fÍxando-a firmemente com rebites de ferro a uma rocha. Vi essa estátua; uma vez ao ano o povo queima oferendas a Ácteon como a um herói divino" [os itálicos são meus].

Acontece, porém, que Ácteon viu a deusa Ártemis (conhecida dos romanos pelo seu nome latino, Diana), do arco de prata, banhar-se nua. Ártemis, depois de transformá-lo em um veado, perseguiu-o com cinqüenta cães de caça, matando-o com o seu arco (não apenas as matilhas estão ligadas à estrela Cão, mas também o arco, um símbolo familiar vinculado a Sírius, que nos tempos antigos também era conhecida como a Estrela do Arco). Esta cena, da pintura em um antigo vaso grego de aproximadamente 470 a.C., é representada na Figura 18.

Não só os cães da matilha do Hades, que perseguiram Ácteon, eram em número de cinqüenta, mas também nos diz Robert Graves: "Ácteon era, ao que parece, um rei sagrado do culto pré-helênico ao veado, que é feito em pedaços no final de seu reino de cinqüenta meses, ou seja, na metade de um Grande Ano..." Observe a aplicação do número "cinqüenta" aqui como um período de tempo. A órbita de Sírius B em torno de Sírius A é de cinqüenta anos; o reino de um rei-veado sagrado era de cinqüenta meses. É freqüente, nas antigas tradições, que os números, nos períodos de tempo, permaneçam estáveis, mas sua qualidade é variável (em termos de duração individual). São encontrados exemplos clássicos na Bíblia, na qual os sete dias da criação se referem a sete éons, e os "anos" de vida dos patriarcas hebreus, como Matusalém, não são interpretados corretamente como anos

solares, mas como meses lunares ou "anos lunares" com um mês de duração (pois, nos períodos tardios, a área do Novo Oriente, que dera origem ao povo conhecido como hebreu, sucumbira à moda do calendário lunar — literalmente "tocado pela lua" — e o período de tempo era lunar e não solar para os povos dessa área). Observe-se, ainda, a referência ao "Grande Ano", duas vezes cinqüenta meses, que consistia em dois reinos. Este seria um ano com cem meses. E não surpreende o fato de se saber agora que o nome da deusa grega Hécate, em grego, significa, literalmente, "cem".*

Talvez se evidencie agora que alguma verdade existe no significado dos mitos. Os povos antigos não nos esconderam as informações por maldade. Seu objetivo, ao disfarçar seus segredos, era constatar que estes podiam sobreviver. De fato, os egípcios tiveram êxito nessa tarefa, de tal modo que os gregos, muitas vezes, preservaram os antigos segredos desse povo na total ignorância de seu real significado, retendo, somente por obra de um conservadorismo inato, certos pormenores peculiares considerados tão importantes hoje.

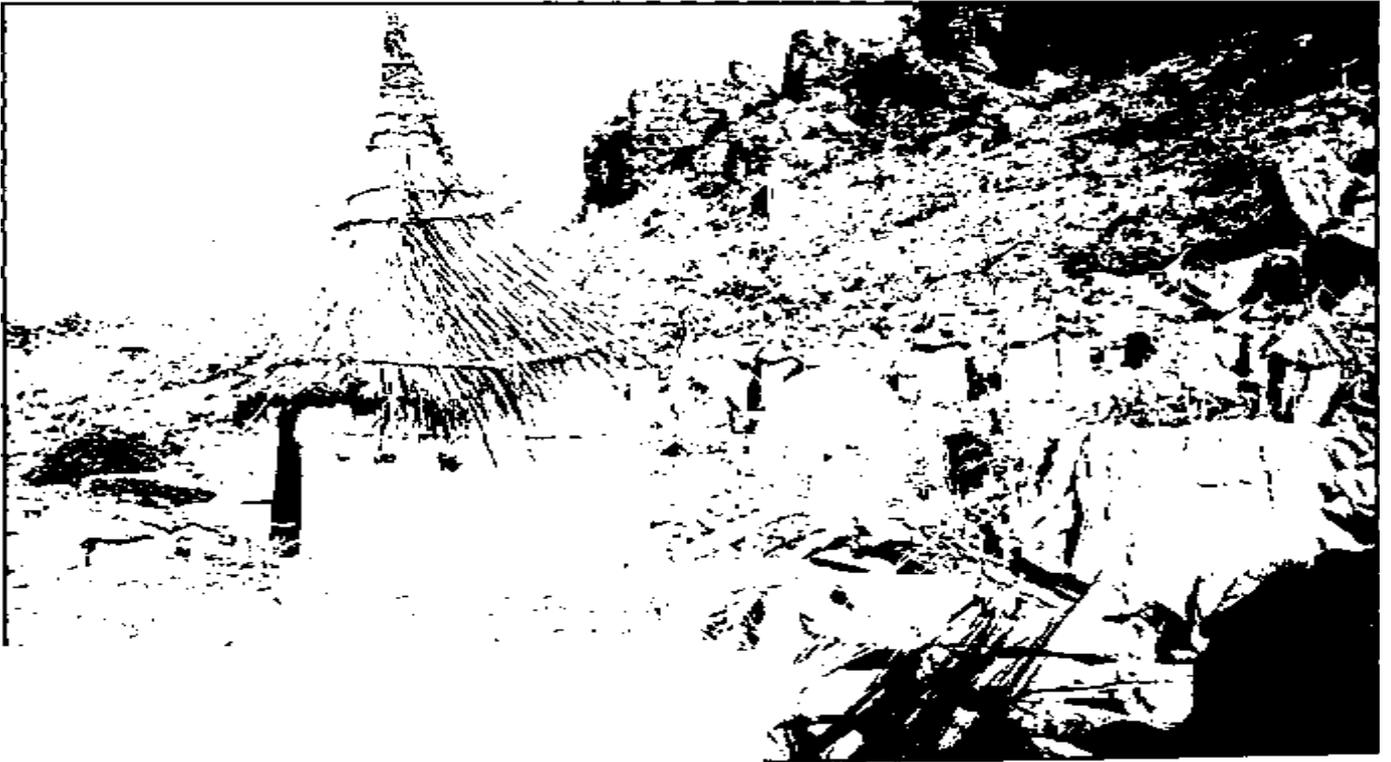
Não se trata apenas de histórias míticas e simbólicas sem nenhuma pretensão de ter um valor real, mas envolvem "personagens" e "eventos", com significados estritamente numéricos. Este aspecto pode até ter sido bastante óbvio para o leitor desde o instante em que passamos a estudar os Anunnaki. Admito que, para nós, que fomos criados em uma civilização estritamente literal, na qual inexistem coisas com significado oculto, mas, ao contrário, tudo se mostra à superfície, é difícil pensar de uma maneira a compreender os mitos antigos.

- A tribo dogon geralmente descreve o período orbital de cinqüenta anos de Sírius B com as palavras: "O período da órbita é contado duplamente, ou seja, cem anos, por causa... (do) princípio da duplicidade" (veja Apêndice I). Encontramos neste trecho o mesmo costume em uso pelos gregos de "duplicar" seus períodos sagrados, como $50 \times 2 = 100$. Hécate ("cem") une-se a ambos os períodos. Como Sírius B e Sírius C

têm órbitas de 50 anos ao redor de Sírius A (C, é claro, tendo também sua própria órbita em torno de Sírius B), a "duplicidade" pode referir-se ao fato de que as duas estrelas compartilham simultaneamente um período orbital de 50 anos. Isso explicaria a tradição de $50 \times 2 = 100$.



A aldeia dogon de **Songho** em Mali.



Uma vista geral da aldeia dogon de Komakan em Mali.



A casa de um sacerdote dogon perto de Sangha em Mali. Uma libação foi oferecida a Amma, o único deus dos dogons, escorrendo do alto, na parte frontal da casa.

Abaixo: Antigos pictogramas pintados como afrescos nas paredes de uma caverna sagrada em Sonho, em Mali. Essa caverna, com sua arte sagrada, tem sido usada pelos dogons, para suas observâncias religiosas, há muitos séculos.



Os dançarinos no Festival de Sihui, associado ao sistema da **estrela Sírius**; o último foi realizado pelos dogons em 1963, Komakn, em Mali.



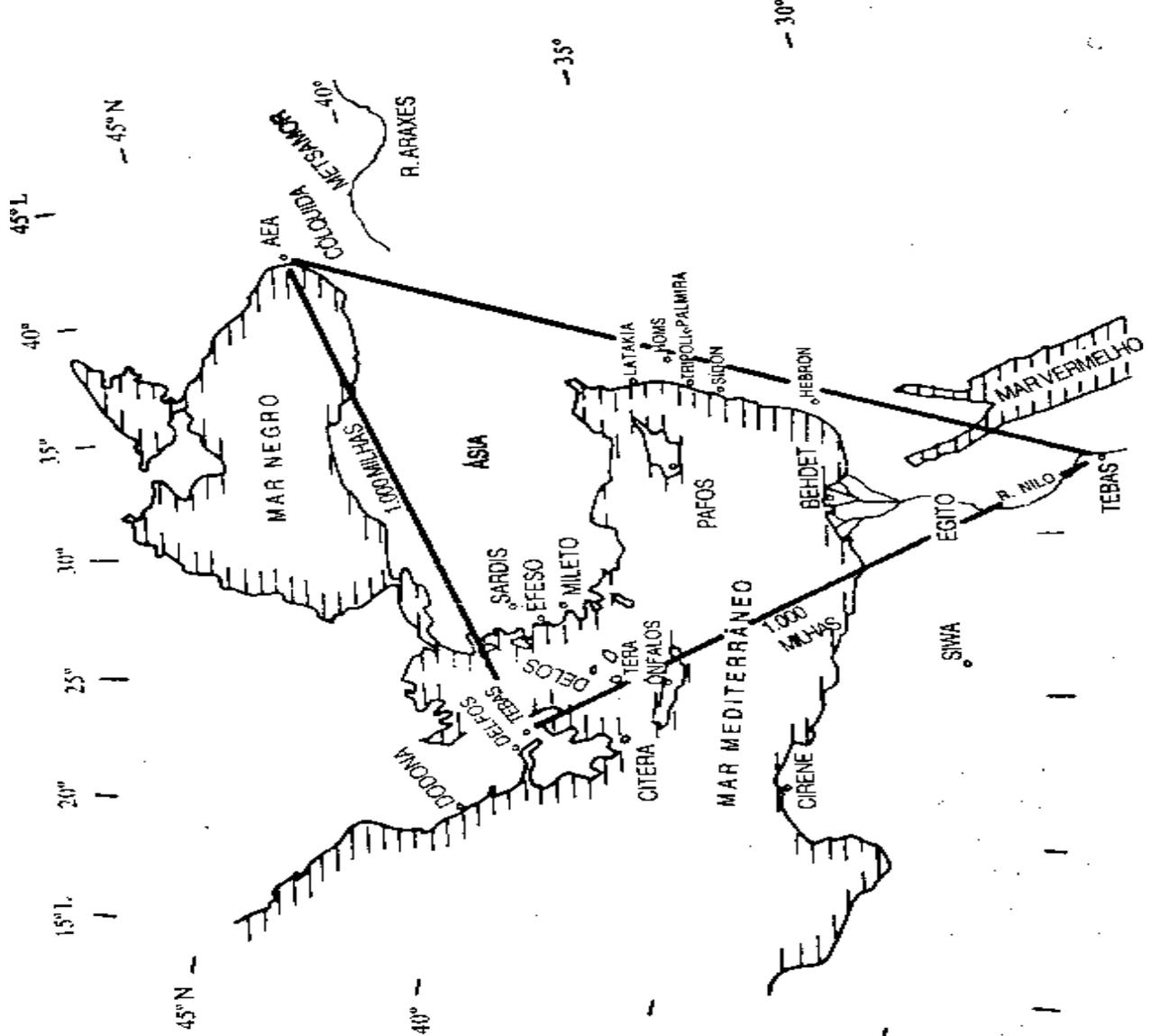
Dançarinos dogons vestem-se, antes de dançar, na aldeia de Koamkan, como parte da cerimonia de Sigui.



Dançarinos encaminham-se para a praça da aldeia de Komakan para celebrar o Festival de Sigui

Um grupo de três pequenas imagens, em cerâmica, de anfíbios ou sacerdotes vestidos como anfíbios (com 12,6 centímetros de altura cada uma), que formavam uma unidade e que se acreditava terem sido escavadas sob os alicerces de um templo na cidade babilônia de Nínive, em meados do século XIX, que atualmente se encontram no Departamento de Antigüidades da Ásia Ocidental no Museu Britânico (objetos 91,835-7). Essas imagens representavam três dos "Sete Sábios", ou apka, conhecidos também como Oannes ou Dacon — fundadores heróis da cultura anfíbia das civilizações suméria e babilônica. É muito comum enterrar estatuetas de Oannes ou grupos em oferendas sagradas, sob os alicerces de edifícios de importância religiosa.





Afinal, data de apenas um século a teoria de pessoas supostamente inteligentes afirmando que a Terra havia sido criada em 4004 a.C, baseadas em pretensas afirmações da Bíblia! E não faz muito tempo, na década de 1930, as cortes do Tennessee, no famoso julgamento de Scopes, declaram que a teoria da evolução não apenas era profana, mas também ilegal, e decidiram que ela não seria ensinada nas escolas. Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990, surgiu na América o "Movimento Criacionista", de uma fantástica estupidez — a ignorância levada ao extremo. Em função de uma tecnologia e ciência superlativas, pensamos, erroneamente, ser também extremamente civilizados, frutos da experiência sutil de sofisticados pensadores. Mas tudo não passa de ilusão.



A deusa Artemis lança as matilhas do inferno contra Acteon e o mata. Ela tem na mão o arco de Sírius, A Estrela do Arco. As matilhas são de Sírius, a Estrela Cão. Ela mesma, no aspecto, é a versão grega de Sírius, a deusa. Mas a tradição se tornou confusa e fomentada pelos gregos, dividida em elementos usados para construir outros mitos. Artemis geralmente não é uma representação de Sírius, mas sim da Lua. O arco e os cães são, aqui, simplesmente os resquícios ornamentais de um sistema simbólico anterior e esquecido. (De um vaso com figuras em vermelho do Museu de Berlim de aproximadamente 470 a.C.)

Na verdade, estamos situados em um baixo escalão da inteligência evolutiva e, sob vários aspectos (como ética e aspiração à excelência), houve um retrocesso em nossa insignificante história intelectual neste planeta, desde a época dos antigos mutantes, como Confúcio, Sócrates, Buda etc que o leitor pode substituir por seus favoritos.

Este livro não pretende ser um sermão sobre os males de uma civilização inexpressiva. Nosso objetivo é examinar os nomes de alguns dos principais personagens de Argonáutica; portanto, o

melhor a fazer é fingir que somos criaturas racionais, imbuídas de elevados princípios, e agora voltemos ao nosso assunto.

Jasão significa "conciliador", em grego, que corresponde ao seu caráter vacilante (ver alguns comentários sobre o herói na introdução de Rieu à sua tradução de Argonáutica, publicada pela Penguin). "Medéia" significa "astúcia"; "Aeetes" significa "poderoso", ou "águia", e era o pai de Medéia, o rei da Cólquida, do qual Jasão roubou o velocino de ouro.

Vimos há pouco que Ácteon estava associado não só à cidade mítica de Orcomenos, pois ele era o fantasma que atirava pedras (ecos do Deucalião), mas a uma matilha de cinquenta cães do Hades e a um reino de cinquenta meses. Esses vínculos vão ainda mais longe. Na obra de Pausânias (34,4), o Monte Lafistion é assim descrito: E sendo mais elevado ainda (a partir do lugar onde o carneiro com velo de ouro se lançou aos ares), é encontrado o Hércules de olhos de fogo, monte que, dizem os beócios. Hércules escalou com o cão do Hades". Ora, esse "cão do Hades" é Cérbero, que originalmente tinha cinquenta cabeças! (Mais tarde, esse número foi simplificado para três cabeças, assim como Hécate, também do Hades, em uma época em que cinquenta cabeças já não faziam sentido e provavelmente dificultavam muito a pintura nos vasos. Mas, é claro, o número três também é significativo. Os egípcios representavam três deusas no barco de Sotis: Sotis, Anukis e Satis.)

Graves dá-nos a informação de que "Cérbero possuía, a princípio, cinquenta cabeças, assim como a espectral matilha que destruiu Ácteon (ver 222.1); mas, depois, passou a ter três cabeças como sua dona Hécate (ver 134.1)". (Hécate, de três cabeças é a fusão das três deusas-Sotis em uma só, além de ser uma contraparte do submundo, assim como, para os sumérios, eram-no os "Anunnakis do submundo".)

E o que tem a ver o velocino de ouro? É evidente que existem elos entre o velocino de ouro da Cólquida e a cor amarelo-dourada proveniente do açafão (*crocus sativus*). O *crocus*, com seu corante, hoje é confundido com o "açafão dos prados"

(colchicum), cujo nome, obviamente, provém de Cólquida, que foi sua principal área de produção. A planta colchicum, um tanto semelhante ao crocus em seu estágio de florescência, era de extrema importância para o mundo antigo. Era o único remédio conhecido para a gota (e na realidade ainda o é). Sabe-se que, nos tempos antigos, foi usada no Egito e em toda a região do Mediterrâneo para tratar a gota. Na Cólquida, era encontrado o colchicum, o que também explica por que os egípcios foram os primeiros a se estabelecer ali! (Já vi imensas planícies e colinas cobertas de colchicum perto da costa atlântica do Marrocos, mas esse local só era acessível aos antigos egípcios navegando pelo Atlântico e, depois, seguindo a costa em direção ao sul, adentrando rios, até alcançar a área apropriada, sem contar que deviam retomar em segurança. E evidente que essa era uma tarefa quase impossível para navios com velas quadradas, sem lemes adequados e cordame de armação latina.)

É provável que fossem abundantes na Cólquida o crocus e o açafão comum, juntamente com o açafão dos prados, ou falso, o colchicum, e talvez na Antigüidade ambos se confundissem da mesma maneira. Na realidade, é a botânica moderna que afirma haver uma diferença entre os dois tipos de planta para que, em termos oficiais, não sejam mais confundidos. Como o açafão verdadeiro produz um tipo de corante muito valioso, nada menos surpreendente que falar da existência de um velocino de ouro, tingido por um corante amarelo-dourado, na Cólquida! E, de fato, o celebrado conhecimento herbáceo de Média era bem adequado à Cólquida, o lugar que produzia o único remédio para a cura de uma das mais terríveis doenças antigas, causadora de intensa dor e desconforto, a erva mágica dessa distante terra que dava alívio a esse mal. I. Burkill dá interessantes informações sobre a antiga história do açafão. Ele diz que adoradores do sol, um povo de língua ariana, disseminou-se, vindo da Índia para a Turquia, transformando o açafão crocus em objeto de veneração, além de descobrirem as maneiras de usar sua cor. Essas informações, também de Täckholm e Drar, são um apoio ao meu argumento.

Richard Allen discute Áries (o carneiro) e diz que as estrelas do

carneiro estelar egípcio eram chamadas de Velocinos. Ele acrescenta que o deus Zeus-Ammon (Amen-Júpiter) "assumia a forma de um Carneiro, quando todos antes do Olimpo se refugiaram no Egito em fuga dos gigantes comandados por Tífon". Nessa discussão sobre Áries, Alien menciona que de seus títulos, em diferentes datas, eram aplicados à Capela da (constelação) do Auriga". Esse é o tipo de processo encontrado de forma repetitiva — ou seja, títulos e descrições de estrelas aplicados a estrelas vizinhas, ou semelhantes, sempre que as tradições originais se tomavam confusas. É particularmente evidente quando diferentes estrelas, associadas de algum modo a Sírius, são descritas como "pesadas" ou chamadas de "peso"*, pois, não estando visível Sírius B, o objeto original da descrição, cabia à tradição conservá-la, atribuindo essas qualidades a outras estrelas visíveis ligadas a ela. A exemplo do que ocorre nas tradições numéricas, como é o caso de "cinquenta", sempre que o verdadeiro significado é esquecido, uma explicação nova ou improvisada é concedida ao símbolo ou conceito.

Áries era, de forma definitiva, identificado com o velocino de ouro. Alien dá informações a esse respeito:

Áries estava sempre com os romanos; mas Ovídio o chamava de *phrixea ovis* e Columella de *pecus athamantidos helles*, *phxus* e ainda de *portitor phrxi*; outros de *phrixeum pecus ephrxi vector*, ao passo que Frixo era o filho-herói de Atamas, que fugiu no dorso desse Carneiro em companhia de sua irmã, Hele, para a Cólquida... Ao chegar ao fim de sua jornada, Frixo sacrificou a criatura e pendurou seu velo no Bosque de Ares; ali se transformou em ouro, passando a ser o objeto da busca dos argonautas. Daí decorrem os outros títulos de Áries: *ovis áurea* e *auratus*, *chrysomallus* e, em latim vulgar, *Chrysovellus*.

Sendo o velocino um símbolo solar, é conveniente também examinar, mais uma vez, o conceito de Hórus. Hórus, na língua egípcia, é Heru. E, por informação de Wallis Budge, sabe-se que Heru é "o nome antigo do deus-Sol". A palavra heru tem também o

significado de "face". Examinemos então o que segue: Heru (Hórus) e seu falcão presidiam o cemitério da Cólquida, e deles Circe (que significa "falcão"), tia de Medeia, recebeu seu nome. Diziam que Hélio, o deus-sol grego, tinha os estábulos de seus cavalos na Cólquida, além de um magnífico palácio, de onde se levantava todas as manhãs. A Cólquida também era o local de residência do velocino de ouro solar.

É preciso lembrar que, na língua egípcia, as letras "l" e "r" são inteiramente intercambiáveis e são representadas pelo mesmo hieroglifo. Conseqüentemente, Heru pode equivar, de maneira confiável, exatamente a Helu. O termo Helu, acrescido de um sufixo grego, transforma-se em Hélio! A mesma palavra tem o significado de deus-sol tanto na religião egípcia (antiga) como na religião grega (antiga). Nas duas terras, por vezes, esse nome foi substituído, por exemplo, na Grécia, por Apoio. Mais um elo entre a tradição grega, que converge para a Cólquida, e a egípcia, estabelecida naquele local, só que dessa vez a evidência é lingüística.

Parece que a curiosa palavra grega herói também é derivada de heru, se bem que exista um termo semelhante em sânscrito, a antiga língua da Índia após 1200 a.C. Em sânscrito, a palavra com o significado de "herói" refere-se a Vira. No antigo Rig-veda, ela é empregada no preciso sentido de "herói" (em oposição a um deus) e, desse modo, é evidenciada na época das primeiras migrações dos arianos para a Índia. Não há dúvida de que são cognatos. Minha proposta é, portanto, a origem comum (veremos mais exemplos adiante) de ambas: da palavra egípcia heru.

Wallis Budge atribui à palavra heru um significado quase idêntico ao de herói e vira, e assim a descreve: É aplicada aos reis enquanto representantes do deus-sol na terra, que não é um deus nem um demônio, mas herói. Liddell e Scott esclarecem que a palavra não era empregada apenas para os guerreiros que se destacavam em batalhas, mas também para descrever o menestrel Demódoco e o arauto Múlio; e até (na Odisséia, 7,44). O imprevidente povo faécio era assim chamado. Em Homero, "os heróis eram exaltados acima da raça dos homens comuns", mas

particularmente no poeta Píndaro, a palavra é usada para descrever uma raça "intermediária entre homens e deuses"; este sim, o preciso sentido em que se espera que a palavra heru sobreviva em outra língua. A atribuição dessa palavra aos faraós, pelos egípcios, sobreviveu com mínima alteração na Grécia e em sânscrito, posteriormente em latim e nas línguas indo-européias tardias.

É interessante notar na descrição da palavra Hélio, apresentada por Liddell e Scott. que Homero usava o termo para se referir "ao nascer e ao pôr-do-sol, luz e sombra, manhã e noite". No Egito, a exata aplicação do termo Hórus, na condição de deus-sol, referia-se à atividade de seu nascer e seu poente. Ele era a criança recém-nascida, a cada manhã (e, para os gregos, Hélio nascia de novo todas as manhãs, na Cólquida). Portanto, Homero usou o termo Hélio, derivado de heru, na acepção que seria usada por um poeta egípcio e não grego.

Em Liddell e Scott, Hélio-Serápis, "uma divindade egípcia", é encontrado em uma lista, logo após Hélio. O leitor tem a liberdade de chegar às suas próprias conclusões no que se refere a esse evidente emprego da palavra Hélio como uma espécie de introdução a uma descrição de Serápis. Serápis é uma forma grega de Ásar-Hep, sendo Hep conhecido na Grécia como Apis, o Touro. Àsàr, evidentemente, é Osíris. Na língua egípcia eram muito comuns as referências a "Hórus-Osíris", combinando Hem e Ásàr. Essas combinações também vão ser encontradas na Grécia, desde que se aceite a minha tese de que a palavra Hélio deriva de helu ou heru.

O leitor, a essa altura, presumivelmente estará imune a quaisquer choques provocados pelas contínuas "surpresas" surgidas no decorrer de nossa pesquisa. E, sem dúvida, já estará preparado para saber que, se retirado o "e" grego, ou seja, o eta [h] de heru e começando a palavra com épsilon, [E e]. o resultado será a palavra derivada, eriou, que perde o som aspirado, provavelmente em conjunto com a perda da vogal, cujo significado é — ****velocino****.

Segundo Graves, há possibilidade de que o nome Hércules ("a glória de Hera"), do capitão original do Argos, e o de sua protetora,

a deusa Hera (esposa de Zeus e Rainha dos deuses) sejam derivados de heru, e ambos, reconhecidamente, estão ligados à palavra Seirios, de que obtivemos a palavra Sírius, e em sânscrito, a svar, surjas, etc. Sūra, em sânscrito, significa "herói", um indicativo de possibilidade de que tais palavras também estejam relacionadas. Liddell e Scott acreditam que este é um complexo de palavras distinto do complexo relativo a Hélio, porém sua opinião é apenas uma suposição. Sūrana significa "flamejante" e, como Seirios, pode ter o sentido de "ardente" (em função da suposta "incandescência" da Estrela Cão, etc.)

Estamos de volta ao nosso velocino. Descobrimos que a palavra grega que designa velocino está relacionada à palavra egípcia que designa Hórus, à palavra grega que designa sol, etc. Por sua natureza enigmática, surge agora a questão: por que um velocino? Voltemos aos sagrados jogos de palavras, que nos cercam incessantemente.

Não devemos esquecer os sumérios. Examinemos mais uma vez a lista dos cinquenta nomes de Marduk. Um deles é Nebiru, geralmente considerado o nome do planeta Júpiter, mas há confusão nesse aspecto, e é discutido em Hamlet's MUI e em muitos outros textos, como uma das palavras sumérias que nos levam à loucura, pois gostaríamos muito de entendê-la. De onde surgiu? O que significa? Por que é um dos cinquenta nomes?

Logo após esse quadragésimo nono nome, Marduk é chamado de "Senhor das Terras" (sua forma acadiana, sem significado para nós, é Bêl Mātāti; desconheço a forma suméria, que talvez interessasse). Depois desse suposto quinquagésimo nome, vem Ea (Enki). Em seguida, vem a afirmativa de que Marduk possui cinquenta nomes. Uma afirmação que aparentemente não faz muito sentido, visto que acabou de receber os cinquenta nomes. Uma maneira sensata é considerar o tratamento de "Senhor das Terras" (forma apresentada em inglês, em Speiser e Heidel, ao contrário dos outros nomes) como um sinônimo de Nebiru. Feito esse arranjo, Ea passará a ser o quinquagésimo nome e tudo dá certo.

Agora, examinemos mais uma vez a língua egípcia. Descobrimos

que a palavra Neb é extremamente comum; é usada em muitas combinações e seu significado é "Senhor". É preciso, sem demora, deixar claro que acredito que o Nebiru sumério seja derivado do egípcio Neb-Heru. Se o termo Heru for abordado em seu antigo sentido egípcio de sol, então as descrições de Nebiru, no Enuma Elish babilônio, podem ser consideradas perfeitas descrições de Neb-Heru — "o Senhor sol": "Nebiru é o senhor dos cruzamentos dos céus e da terra... Ele atravessa o mar indocilmente, "Cruzamento" seja o seu nome, o controlador do centro", etc, e apesar da sobreposição, a exemplo do que ocorre com o Hórus tradicional, por trás do elemento solar mais evidente se encontra um elemento estritamente estelar. Não quero, porém, nessa questão, provocar uma grande confusão ao retirar muitas camadas de uma só vez. Basta lembrar as associações, já mencionadas, de Hórus com o sistema de Sírius, notando-se a existência de um Heru-ami-Sept, "Hórus e Sotis", e de Heru-Sept, "Hórus, a Estrela Cão", outra associação com Nebiru, que supostamente era Júpiter, resultando nas palavras egípcias Heru-sba-res, "Hórus, estrela do sul", isto é, "Júpiter" e Heru-up-Shet, "o planeta Júpiter". Além disso, no Enuma Elish, Nebiru é claramente descrito como "uma estrela". Hórus também é Heru-ami-u, ou seja, "um falcão com cabeça de crocodilo e cuja cauda termina em cabeça de cão". O cão está relacionado a Sírius. Heru-ur-shefit é uma forma de Hórus chacal; herii é também o nome de um cetro e de um símbolo do outro mundo de cabeça de chacal. Uma forma de Hórus, que emprega a palavra comum, Neb, é Heru-Neb-urr-t, que significa "Hórus, o possuidor da suprema coroa". Outra das várias formas é Heru-Neb-pât, que significa "Hórus, senhor dos homens". Heru-Neb-tai é "Hórus, Senhor das Duas Terras*". É preciso lembrar ainda de nosso sinônimo de Nebiru — "Senhor das Terras"!

Vamos aprofundando-nos cada vez mais em nossa lenda do velocino de ouro nas origens egípcias do pensamento grego e do Oriente Médio, aliadas a palavras-chave e nomes, etc. Tudo isso gira em torno do complexo de Sírius. O que mais descobriremos? Há muitos outros aspectos de nosso tema e ele nos conduz sempre mais para a solução de nosso mistério: a sua própria

origem.

Resumo

O deus sumério An tinha uma filha, Bau (nome que representava o som do latido de um cão, pois a palavra em egípcio antigo para designar "cão" é auau), uma deusa com cabeça de cão. O deus egípcio Anúbis (Anpu) era um deus com cabeça de cão.

A Bau suméria, filha de An, é uma das irmãs dos cinqüenta grandes deuses (Anunnakis), pois também são filhos de An. Sendo Bau uma deusa da Estrela Cão Sírius o fato de ser irmã dos "cinqüenta" é significativo, tendo em vista o período orbital de cinqüenta anos de Sírius B.

O velocino de ouro foi situado na Cólquida, no Mar Negro, para onde Jasão e seus argonautas seguiram à sua procura. A Cólquida era uma antiga colônia egípcia antes de 1200 a.C.

Heródoto ressalta que os egípcios deram origem à circuncisão, prática a que sobreviveu também entre os cólquidas, aos quais visitou (os hebreus herdaram-na dos egípcios durante a escravidão). Note-se que a cerimônia dogon do Signi, vinculada ao mistério de Sírius desse povo, está em grande parte centrada nos ritos da circuncisão.

Uma personagem feminina de destaque, na saga do Argos, é Circe (nome que significa "falcão"). Hórus, filho de Ísis e Osíris, era simbolizado por um falcão. Circe presidia o cemitério da Cólquida (de origem egípcia, ex-colônia do Egito). Hórus presidia o cemitério de Mênfis, no Egito, e também o fazia na Cólquida sob influência egípcia direta. Circe é, obviamente, uma derivação grega de Hórus.

A palavra kirke (Circe) em grego (normalmente tem a grafia "Circe", em conseqüência de nosso hábito de trocar o "k" grego pelo "c" latino) tem especificamente o significado de uma espécie de falcão ou "um pássaro desconhecido" — confusão típica com relação a um conceito derivado da cultura egípcia usado por gregos e, portanto, sem a sua total compreensão.

Ácteon, que representa um rei-veado sagrado, foi perseguido por cinqüenta cães de caça (o tema do cão unido ao número

cinquenta) e morto com um arco de prata (Sírius também é conhecida, na tradição, como "a Estrela do Arco", e no Egito, a deusa Sírius tem na mão um arco).

O rei sagrado, representado por Ácteon, tinha um "reinado sagrado" de cinquenta meses. E discutível que os "cinquenta meses" sejam uma versão abreviada de "cinquenta anos", entretanto vemos agora que tradições antigas irrefutáveis ligam Sírius a períodos de cinquenta anos (sejam meses ou anos) com a abrangência de um "reinado". E, é claro, o período orbital de Sírius B é de cinquenta anos, compreendendo "uma órbita", o que em termos mitológicos pode muito bem ser considerado "um reinado".

Conforme explicado no Capítulo Sete, mais tarde, o período de cinquenta meses foi aplicado quando foram estabelecidos os Jogos Olímpicos. Definia o intervalo de tempo entre os jogos — aproximadamente quatro anos solares. Na realidade, os Jogos Olímpicos eram realizados a cada quarenta e nove meses, passando depois para cada cinquenta meses, novamente a intervalos de quarenta e nove meses, etc. Isso sugere ainda tentativa de fazer uma aproximação mais precisa com a órbita de quarenta e nove anos e meio de Sírius B, usando "código-meses". Seriam usados alternadamente os números inteiros mais aproximados, bastando duplicá-los para se obter uma exata correspondência, já que quarenta e nove mais cinquenta é o mesmo que quarenta e nove e meio mais quarenta e nove e meio. Robert Graves ofereceu-nos a única teoria precedente para explicar os "cinquenta meses" na Grécia antiga, todavia essa teoria lunar não explica a alternância entre quarenta e nove e cinquenta, nem outros aspectos misteriosos. É provável que a verdadeira explicação baseada no mistério de Sírius tenha sido sobreposta mais tarde por uma tradição lunar oferecida como "explicação" aos não iniciados, apesar de suas óbvias falhas.

Nos tempos antigos, era usual também serem agrupados dois reinados sagrados de cinquenta meses para constituir um "Grande Ano" de cem meses. (Na prática, como acontecia com os Jogos Olímpicos, eram realmente considerados noventa e nove meses, mas em teoria usava-se o número redondo de cem meses

considerados como "dois reinados".) O nome da deusa grega Hécate (Hekate) significa literalmente "cem". Ela estava envolvida na saga do Argos e foi especificamente identificada, por Robert Graves, com Isis, e de outras maneiras ligada a Sírius como uma "versão do submundo". Sírius B e Sírius C podem compartilhar uma órbita de cinquenta anos em torno de Sírius A; pode-se compreender "o dobro de cinquenta anos" como uma referência esotérica a esse fato.

Os cinquenta cães de caça do inferno, que perseguiram Ácteon, têm sua contraparte em Cérbero, o cão do inferno que, na tradição antiga, possuía cinquenta cabeças. Depois, elas foram eliminadas da tradição, assim como os cinquenta companheiros originais de Gilgamesh, quando também se dizia que Cérbero tinha três cabeças. Mas, segundo descrição de Hesíodo, Cérbero tinha originalmente cinquenta cabeças. Portanto, este é outro tema-cão vinculado aos cinquenta (sendo Sírius a Estrela Cão) e também a Sírius de várias maneiras, como é o caso da deusa Hécate enquanto versão de Sírius no submundo. (Os cinquenta Anunnakis sumérios também tinham suas contrapartes no submundo. No submundo, os cinquenta eram as "contrapartes da morte", ou sombras, dos cinquenta do céu, totalizando cem — o verdadeiro significado de Hécate.)

A única cura para a gota (uma queixa séria no antigo Egito) era a substância obtida de uma planta, o colchicum, nome derivado de seu lugar de origem, a Cólquida. Isso talvez explique uma colônia egípcia na Cólquida. O colchicum também é chamado de "açafão dos prados", de modo semelhante ao verdadeiro açafão (que também cresce na região costeira do Mar Negro) do qual se produzia um corante dourado, que talvez explique o velocino de ouro. O velocino de ouro é um símbolo solar. Hórus era um deus solar. As letras "l" e "r" são resultados fonéticos finais intercambiáveis. A forma egípcia de Hórus, Heru, pode transformar-se em Helu, resultando no nome do deus solar grego, Hélio. Na Cólquida, supostamente, Hélio tinha os estábulos de seus cavalos. A palavra grega para "velocino de ouro" é erion, semelhante a Heru com a queda de um som aspirado ("h").

Capítulo Seis

Os Centros Oraculares

Serão relevantes, agora, algumas observações sobre os centros de oráculos. A um olhar superficial, esses centros, no Oriente Médio, parecem ter-se disseminado aleatoriamente. Mas, na verdade existe um padrão de distribuição guardando alguma relação com o nosso tema, revelando uma ciência da geografia e disciplinas relacionadas, bastante avançadas no mundo antigo. Um exame dos centros de oráculos faz-nos ver os vínculos mantidos com o navio Argos, e esse fato ajuda-nos a preencher algumas lacunas existentes no fundo de todo o sistema de mistérios religiosos antigos. Os centros de oráculos eram os principais locais onde se praticava a religião no mundo antigo. Faz muito sentido que sua distribuição e localização não tenham ocorrido por mera casualidade e, certamente, nem por conveniência. Dodona, na Grécia, é o exemplo de uma localização muito distante. Isso significa, em termos geográficos, estar fora da esfera do mundo grego civilizado — uma localização um pouco mais ao norte, e mais a oeste, para que um grego se sentisse confortável ao visitá-lo. Por que era um lugar tão importante e antigo de culto na floresta? É como indagar por que a arca de Noé pousou em uma montanha que ninguém nunca visita, sendo até mais distante do mundo civilizado que o centro de Dodona. A arca e o Argos, juntamente com seus elos, estão em estreita relação com toda a estrutura geográfica da prática religiosa do antigo mundo do Mediterrâneo. É importante explorar minuciosamente essas extraordinárias ramificações, os centros Oraculares.

Estamos em vias de fazer algumas considerações sobre a rede mais difícil e complexa da prática religiosa antiga. Vamos proceder a uma projeção do navio Argos, para examiná-lo, estendendo-o sobre todo o globo terrestre. Essa idéia pode ser um tanto curiosa, mas o leitor deve ter paciência e me acompanhar. Afinal, sendo um barco celeste, por que então não fazer uma projeção de sua estrutura sobre a superfície terrestre, com vista de cima para

baixo? A estrela de maior destaque na constelação é Canopo, que as principais figuras gregas da astronomia antes de Ptolomeu, Arato, Eudócio e Hiparco, chamaram de "Leme", pédalion, em grego, segundo nos informa Allen. O uso da palavra "leme" é incorreto, pois naquela época não existiam lemes reais; tecnicamente, seria mais apropriado chamá-los de "remo de direção".

Na costa norte do Egito, existiu uma cidade chamada Canopo, bastante famosa para os gregos, e assim descrita por Alien: "A antiga Canopo hoje está em ruínas, mas ocupa seu lugar a vila de Al Bekur, ou Aboukir, famosa pela Batalha de Lord Nelson, no Nilo, em 1º. de agosto de 1798, e pela vitória de Napoleão sobre os turcos um ano depois; além disso, é interessante lembrar que lá, dos muros com terraço do Serapeum, o templo de Serápis, foi que Ptolomeu realizou suas observações". Em seu livro, Hellenistic Civilization (Civilização Helênica), W. W. Tam faz comentários sobre Canopo, em época posterior à fundação de Alexandria por Alexandre, o Grande, nas proximidades, dizendo de Alexandria:

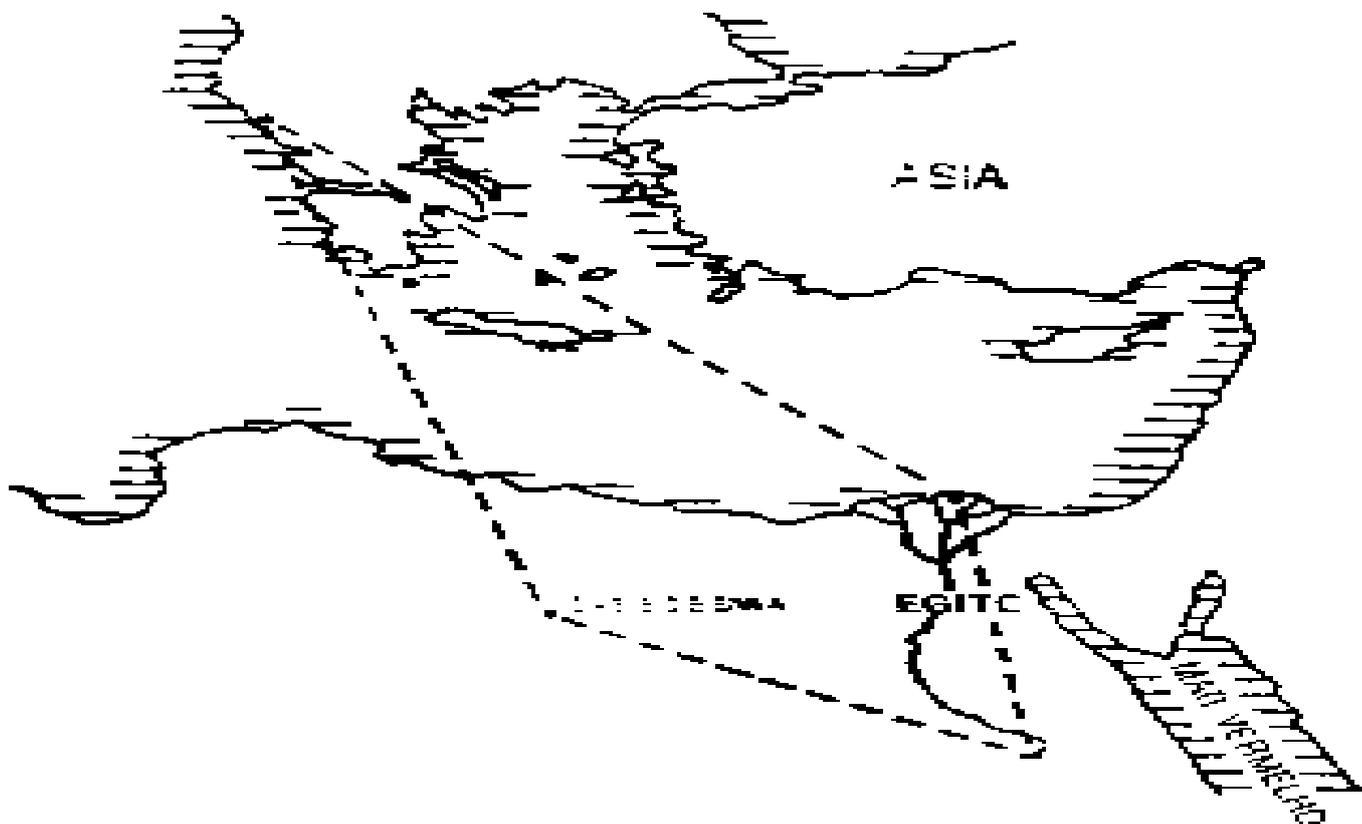


Figura 19.0 padrão geodésico acima à esquerda, parece semelhante ao padrão de Argos (à direita).

“Os Jardins da riqueza se estenderam até Canopo, o parque de diversões da Alexandria”. Para os gregos. Canopo era a mais famosa cidade egípcia da costa norte, antes da fundação de Alexandria. Nos tempos antigos, Behdet, uma capital pré-dinástica do Egito, antes de sua unificação e transferência da capital para Mênfis. mais ao sul, gozara da mesma fama de Canopo. Portanto, assim como foi suplantada por Alexandria, Canopo também havia suplantado Behdet. extremamente antiga, que já existia antes de 3200 a.C. e era a cidade mais importante da costa egípcia. Em nossa discussão, a seguir, é preciso observar que nos tempos precedentes, e durante o período clássico na Grécia, toda a antiga fama de Behdet passou a ser de Canopo, juntamente de suas muitas tradições, na verdade oriundas daquela antiga cidade que, na ocasião, estava esquecida e nenhum grego conhecia.

Richard Alien comenta sobre a cidade de Canopo: "Recebeu seu nome em homenagem ao piloto-chefe da frota de Menelau, que, de regresso, após a destruição de Tróia em 1183 a.C, fez uma escala no Egito, onde, a 12 milhas em direção norte-leste de Alexandria, Canopo morreu e, segundo Scilax, foi homenageado por um monumento erguido por seu agradecido mestre de bordo, dando seu nome à cidade e a essa esplêndida estrela que naquela época surgia à cerca de 772° acima do horizonte". Norman Lockyer em *The Dawn of the Astronomy* (O Alvorecer da Astronomia) descreve os antigos templos egípcios orientados para o nascer da estrela Canopo.

Na história do piloto Canopo afirmava-se, especificamente, que tanto o nome da cidade como o da estrela têm a mesma origem, ou seja, era homenagem a um famoso piloto de uma frota, o homem que estava ao remo de direção do navio principal. Mais uma vez, de outro modo, a estrela (e o lugar) é identificada com um remo de direção, que é um outro nome para a mesma estrela. Alien apresenta mais um interessante aspecto sobre o nome da estrela, que de certa forma nos será familiar:

A precedente derivação da palavra Canopo é antiga e popular; porém outra e ainda mais provável, que nos vem de Aristides, é do copta, ou egípcio, Kahi Niib, Terra Dourada.

Ideler, concordando, afirmava que essas palavras também deram origem a outros títulos de Canopo, Wazn, Peso, em árabe, Hadar, Solo, e ainda as posteriores e ocasionais denominações de Ponderosus e Terrestris. Não vejo razão para a atribuição de tais nomes; entretanto, é fácil concluir que sejam provenientes da magnitude da estrela bem como de sua proximidade com o horizonte; valendo-lhe por certo o título de nepiyeioç" (Perigeios — "perto da terra*") dado por Erastótenes.

Observe-se que o irrepreensível termo Al Wazn, "Peso", e sua forma latina. Ponderosus, continuam a surgir sempre que se apresenta uma possível ligação com Sírius.

É de Alien a menção: "O hindu chamado (Canopo) Agastya, um de seus Rishis, ou sábios inspirados, além de ser o timoneiro de seu Argha ...", em impressionante concordância com os conceitos mediterrâneos.

Será interessante observar, também em alinhamento com as nossas descobertas precedentes, o que diz Alien sobre outra estrela da constelação de Argos, a estrela η (eta): "(Jensen) alega ser esta uma das estrelas do templo (babilônico) associada a Ea, ou Ia, de Eridu, o Senhor das Ondas, também conhecido como Oannes, o misterioso peixe humano e o maior deus do reino".

Apresentamos aqui a criatura anfíbia Oannes (veja adiante discussão especialmente no Apêndice III, sobre esse equivalente babilônico do Nommo), identificado com o deus Enki, que no mito sumério mora de fato no fundo do Abzu ou Abismo, na água (salgada) fresca. Ele era, na realidade, o deus Enki que ajudou o homem antes de chegar a inundação e, aconselhados por ele, os proto-Noés da história suméria sobre o dilúvio construíram a arca. Assim, Enki ocupou a função da divindade especial que presidia sobre os judeus, o Jeová do Antigo Testamento. Quantos judeus sabem que seu deus originalmente era anfíbio?

Esse antigo Noé, ou proto-Noé, a quem o deus Enki advertiu, era chamado de Ziusudra (em sumério) ou Utnapishtim (em babilônico), dependendo do período consultado da literatura pré-bíblica. Nas antigas histórias sobre o dilúvio, o proto-Noé em sua

arca envia pássaros à frente em busca de terra seca, a exemplo de Noé em sua arca, e mesmo de Jasão, para que os pássaros encontrassem o caminho pelas rochas flutuantes. H. W. Parke em seu livro *The Oracles of Zeus* (Os Oráculos de Zeus) associa, especificamente a Dodona, os pássaros enviados por Jasão. Tanto em Dodona como em Delfos afirmava-se que a arca do "Noé grego", Deucalião, havia aterrado no alto da montanha nesses lugares. O próprio Noé aterrou sua arca sobre o Monte Ararat, que um pássaro encontrou para ele. Em breve, veremos a importância desses pássaros e dos lugares por eles divisados. Porém, é necessário lembrar que os elos entre Dodona e o Monte Ararat sugerem uma história comum, tendo em vista que ambos foram encontrados por um "Noé" em sua arca, que enviou à frente o pássaro que encontrou uma montanha. É verdade que uma história é genuinamente grega e a outra, genuinamente hebraica. Naturalmente, não pode haver um vínculo real entre Dodona e o Monte Ararat. Afinal, é provável que sejam localidades puramente arbitrárias. Tudo não passa de um mito e uma fábula, não é? Os judeus e os gregos nunca estiveram em contato. Não havia possibilidade de existir algum laço entre os dois povos. São culturas distintas e hermeticamente seladas por meio de histórias fantásticas e sem sentido. Não é verdade? Quem desafiará esse tipo de visão de mundo? Ninguém, é claro.

Portanto, é interessante que Dodona e o Monte Ararat estejam situados no mesmo paralelo e tenham a mesma latitude.

Além disso, o Monte Ararat tem um centro a ele associado que, em muitos aspectos, tem para os caucasianos a mesma função de Dodona para os gregos. É chamado de Metsamor. A seguir, uma descrição de Metsamor, de autoria do professor David Lang e do dr. Charles Bumey:

A pesquisa arqueológica, na primeira metade do século [escreveram em 1971], alterou de forma material o nosso conceito de história da literatura, ciência e conhecimento na Transcaucásia. Um local-chave é a aldeia de Metsamor, a poucas milhas a oeste de Echmiadzin e no âmbito de visão do Monte Ararat e Alagoz.



O único desenho da escavação original de Austen Henry Layard, ainda preservado no Museu Britânico, de esculturas assírias de Oannes, em Kouvunjik (no Iraque). O desenho mostra a metade inferior de um grande baixo-relevo quebrado como a "Divindade Peixe" encontrado pelos escavadores. A imagem, que pretende realmente representar Oannes ou um sacerdote vestido como Oannes, segura uma cesta misteriosa usual, aparentemente feita de juncos. Ninguém sabe o que havia na cesta! Provavelmente, este desenho se apresentou por ter sido omitido da reprodução dos editores dos livros de Layard, enquanto os que foram liberados desapareceram após a impressão.

Perto da aldeia, é encontrada uma maciça rochosa, talvez com a circunferência de meia milha. A elevação é crivada de galerias subterrâneas de armazenamento e habitações pré-históricas, verificando-se atualmente que possui um importante centro científico, astronômico e industrial que opera nas áreas de

metalurgia, astrologia e magia primitiva de um período que dificilmente teria menos de cinco mil anos.

O "observatório" de Metsamor está coberto por sinais misteriosos e cabalísticos. De fato, a escrita hieroglífica na Armênia remonta a tempos muito antigos, talvez à Idade da Pedra Nova. Por toda a Armênia são encontrados pictogramas ou petróglifos, entalhados ou rabiscados em rochas, cavernas e faces em despenhadeiros, mostrando figuras humanas e de animais simplificadas. Já pouco se duvida de que servissem como meios de comunicação, de ritual e auto-expressão artística.

Eles também descrevem os contatos de longo alcance de Metsamor com o mundo exterior:

As realizações dos sumérios como pioneiros na metalurgia de cobre e bronze não podem ser subestimadas... A antiga zona cultural transcaucasiana, embora em termos geográficos esteja situada no Oriente Próximo, só foi dividida pelo Cáucaso elevado, porém estreito, das estepes do norte e, uma vez ali, nada poderia impedir os comerciantes de chegarem até os centros europeus de trabalho em cobre. Dessa forma, a Geórgia, com suas regiões vizinhas, talvez fosse aberta da mesma maneira às influências da Europa assim como do Oriente Próximo. A Transcaucásia pode não ter sido um centro muito original, por ser uma região em que o trabalho em metal veio de duas direções diferentes; e, ainda que em períodos mais antigos estivesse presente de maneira modesta, esse trabalho se enraizou começando a desenvolver-se a partir do terceiro milênio a.C, em linhas distintas, e suas formas deixaram de ter inspiração externa... Metsamor sugere que, pouco antes, na Europa, mercadores estrangeiros chegaram, um dia, em busca de fontes de metais, trazendo o cobre e, mais tarde, seus produtos de bronze, ensinando, por opção ou por outra razão, suas técnicas à população local, em uma época que precedeu o surgimento de uma indústria local. Se a evidência atual aponta para a Armênia como o mais antigo centro de metalurgia na Transcaucásia, ela também aponta para uma inspiração do Oriente Próximo.

Há muitos anos, um leitor enviou-me fotocópias de vários relatórios

arqueológicos sobre Metsamor, em armênio e russo, mas eu nunca quis ter a despesa de sua tradução. Ele me disse, entretanto, que nesse lugar havia um centro religioso voltado para o nascimento helíaco de Sírius e que arqueólogos americanos e russos tinham chegado à conclusão de que Metsamor fora um centro "de culto da estrela Sírius". Este é um dos muitos temas que requerem fundos adequados para uma pesquisa. É extraordinário que ao se colocar a ponta de um compasso sobre Tebas, no Egito, é possível desenhar um arco através de Dodona e Metsamor.

De volta, agora, a Alien e seus comentários adicionais sobre Oannes: "Berosso descreveu Oannes dizendo ter sido ele o mestre do homem em todo o conhecimento e, na mitologia, ele era até o criador do homem... e alguns o consideravam o protótipo de Noé".

Alien também descreve a estrela Canopo: "E, como a constelação (de Argos) estava associada, no Nilo, ao grande deus Osíris, essa grande estrela se tornou então a Estrela de Osíris..." Ele apresenta, ainda, outro uso do título "pesada": "As Tabelas Alfojisinas" a chamavam (a Canopo) de Suhel Ponderosus ("Entre os persas Suhail, era um sinônimo de sabedoria..." e daí, portanto, apresentar também o nome de "Suhel Sírius"), que apareceu em uma crônica contemporânea como Sihil Ponderosa, uma tradução de Al Suhail al Wazn". Alien apresenta então várias histórias, indicando que essa designação era aplicada, no passado, a outra estrela "anteriormente localizada próximo das estrelas de Orion, mas "que fora para o sul", admitindo-se, ao que parece, que Canopo também era chamada pelo nome de outra estrela. Canopo situa-se ao sul de Sírius (que fica "próxima das estrelas de Órion") e, portanto, é óbvio que era a descrição da estrela invisível, Sírius B, que "fora para o sul, aplicada a uma estrela visível, Canopo.

Voltemos, agora, à nossa projeção do Argos sobre a superfície terrestre. O centro da popa do navio é colocado sobre um lugar óbvio — Canopo. (Mas, na realidade, com ligeira alteração para o leste em direção da cidade original, Behdet.)

Agora, são necessárias algumas considerações sobre Dodona. Segundo nos disseram, a madeira de carvalho de Dodona "foi colocada no meio da quilha" do Argos pela deusa Atena.

Evidentemente, essa viga de madeira se estendia por toda a extensão do navio. É também referida como situada na proa. Alien diz a respeito:



Figura 22.

(a) O semideus, um ser celestial anfíbio com cauda de peixe que, segundo os babilônios, instituiu a civilização na terra.



De Ximrud. (b) Escultura assíria de Oannes em um muro do palácio real do rei Sargão II (Reinou de 721 a 705 a.C. em Khorsabad (no moderno Iraque). Reproduzido da Figura 54 da obra *Niniveh and It's Palaces* (London, 1875) (Nínive e seus Palácios) de Joseph Bonomi, que o chama de Dagon, o nome filisteu de Oannes. A escultura original mostra Oannes cercado pelas ondas do mar, que neste alto-relevo são omitidas.

A mitologia insistia em que (o Argos) fora construído por Glauco ou Argos, para Jasão, o líder dos cinquenta argonautas, cujo número era equivalente ao dos remos do navio, com o auxílio de Palas Atena, que havia colocado na proa uma peça do mencionado carvalho de Dodona; o "Argos foi então dotado do poder de aconselhar e orientar os comandantes da tripulação". Ele transportou a famosa expedição de Iolco, na Tessália, rumo a Aea, na Cólquida, em busca do velocino de ouro e, quando a viagem terminou, Atena colocou o barco no céu.

Para iniciar a mensuração da projeção do Argos, partimos da localidade de Behdet, situada um pouco a leste de Canopo na costa norte do Mediterrâneo, no Egito. Não obstante, era uma prática grega clássica muito comum pensar em Canopo em vez da esquecida Behdet, por exemplo, e "o Hércules de Canopo", que foi para Delfos, e é mencionado por Pausânias, como um predecessor

do Hércules grego de Tirins (antiga cidade sobre uma colina na Planície de Argiva, na Grécia, por fim destruída pelo Argos (aproximadamente em 470 a.C.) de data bem posterior (é importante que os gregos tenham admitido que o Hércules original era egípcio). De fato, o próprio oráculo de Delfos compara o Hércules grego de forma mais desfavorável com o original egípcio — e lembremos, ainda, que se dizia nas versões mais antigas da história que Hércules, e não Jasão, conduziu os argonautas. Além disso, é bem aceito hoje pela maioria dos estudiosos que Hércules era, sob vários aspectos, um remanescente de Gilgamesh; os temas e façanhas específicos eram idênticos em ambos os heróis. Bem, uma projeção do Argos estende-se sobre toda a terra, colocando-se o centro de sua popa em Canopo (realmente em Behdet); a outra extremidade é situada em Dodona, porque a madeira de carvalho da proa é proveniente dessa localidade.

Canopo e Behdet receberam suas denominações de acordo com a popa do Argos, enquanto Dodona é o lugar onde a proa foi produzida. Portanto, agora nada mais fazemos além de criar fantasias ao projetar a imagem do Argos de forma tal que a popa fique sobre a popa correspondente na terra e a proa sobre seu local de origem terrestre.

Em nossa projeção, mantendo-se a popa no mesmo lugar e girando o barco sobre o mapa, de modo que a proa, que tocava Dodona, aponte agora na direção de Metsamor, descobrimos que se forma um ângulo reto de exatamente 90°.



Figura 23. Uma antiga escultura grega em gema representando Argus forjando uma peça do carvalho sagrado de Dodona para a proa do navio Argos.

Adentremos agora o terreno da geodésica, assunto impressionante, mas um tanto enfadonho. Quando se trata de latitudes e longitudes, sabe-se que a maioria das pessoas poderia fazer um percurso sem jamais ter ouvido qualquer menção a respeito (com exceção de marinheiros e pilotos aéreos). Na realidade, ninguém melhor que um arqueólogo para fugir horrorizado do assunto. Nada mais desagradável para um arqueólogo do que ser lembrado pelo pouco que sabe sobre a Terra enquanto corpo celeste no espaço e sobre astronomia. Em geral, o arqueólogo quase sempre ignora até o mais elementar dos fatos astronômicos. Existem muitos comentários mordazes sobre esse estado de coisas na obra *The Dawn of Astronomy* (O Alvorecer da Astronomia), de autoria do eminente astrônomo vitoriano e amigo de sir Wallis Budge, sir Norman Lochyer, e mais recentemente algumas severas observações também foram feitas por Santillana e Von Dechend em *Hamlets MUI*.

Não obstante, examinemos agora algumas novas descobertas extremamente interessantes. O Egito situa-se a 7° de distância —

em latitude — de Behdet até a Grande Catarata. Tenho razões para acreditar que os antigos egípcios consideravam as distâncias de 7° como uma oitava em analogia com a música. A maioria dos leitores deve saber que uma oitava é composta por uma escala que contém oito notas distribuídas no espaço dividido em sete intervalos (na realidade, são cinco tons e dois semitons).

Antigos povos mediterrâneos conheciam realmente os princípios da oitava musical. No Times de Londres, foi publicado um artigo do trabalho do dr. Richard L. Crocker, professor de História e da dra. Anne D. Kilmer, professora de Assiriologia e reitora da Universidade da Califórnia, em Berkeley. O artigo menciona as palavras do dr. Crocker: "Sempre soubemos que havia música na antiga civilização assírio-babilônica. Porém, até o momento, desconhecíamos que essa música possuía a mesma escala diatônica heptatônica, característica da música ocidental contemporânea e da música grega do primeiro milênio a.C." Depois de quinze anos de pesquisa, Crocker e Kilmer demonstraram que algumas tabuletas de argila de Ugarit, na costa da atual Síria, datadas de aproximadamente 1800 a.C, continham um texto musical baseado em nossa familiar oitava. A dra. Kilmer resumiu tudo, dizendo: "É a mais antiga 'música em lâmina' de que se tem conhecimento. Os dois professores até gravaram em público o som de reconstituição de uma lira antiga, após intervalo de somente 3.700 anos. (A gravação de um álbum comercial, contendo um folheto anexo, intitulado Sounds From Silence.

Uma semana depois, em 14 de março, uma carta de Brian Galpin apareceu no The Times afirmando que seu pai, Canon F. W. Galpin, anteriormente liavia estabelecido a antigüidade correta da escala diatônica heptatônica em seu livro Music of the Silence: Recent Discoveries in Ancient Near Eastern Music (Sons do Silêncio: Recentes Descobertas na Antiga Música do Oriente Próximo) de Anne Kilmer, Richard Crocker e Robert Brown, foi posta à venda em 1976 por Bit Enki Publications and Records (BTNK 101), Califórnia. As gravações são fascinantes.

Acredito que os egípcios distribuíram uma "oitava geodésica",

começando ao norte de Behdet (para enfatizar sua separação do Egito) e culminando em Dodona. No caso de Dodona, a latitude é de precisamente 5° ao norte de Behdet e o centro oracular relacionado de Delfos a uma latitude de exatamente 7° ao norte de Behdet. (Esses dois últimos fatos foram descobertos por Livio Stecchini, como será explicado adiante, neste livro.) Como já vimos, as oitavas datam pelo menos dos sumérios.

Assim, cheguei à seqüência a seguir, representando uma oitava oracular geodésica.

Os lugares que identifiquei têm, entre si, um espaço de P de latitude, na seqüência, e são graus integrais de latitude, a partir de Behdet que, como veremos, era o centro geodésico do mundo antigo (de modo semelhante ao meridiano de Greenwich moderno), além de ser a capital pré-dinástica do Egito.

Que justificativa tenho para falar de uma ligação entre os centros de oráculos e a oitava musical? São várias, e creio ser melhor apresentar algumas indicações para que o leitor, já bastante intrigado, deixe de preocupar-se pelo menos em relação a esse aspecto.

Graves dá-nos informações sobre alguns fatos interessantes a respeito de Apolo, o deus patrono oficial de Delfos e Delos (dois dos centros de nossa lista): "Nos tempos Clássicos, música, poesia, filosofia, astronomia, matemática, medicina e ciência estavam sob o controle de Apolo. Como um inimigo do barbarismo, ele representava a moderação em todas as coisas, e as sete cordas de sua lira estavam ligadas às sete vogais do alfabeto grego posterior, sendo-lhes atribuído um significado místico, e eram usadas para a música terapêutica. Finalmente, em função de sua identificação com Hórus, o Menino, um conceito solar, ele era adorado como o sol, cujo culto coríntio havia sido assumido pelo Zeus solar...".



Figura 23. Nesta antiga pintura grega em vaso, o deus Apolo senta-se em sua trípode no Oráculo de Delfos. Ao seu lado, cresce o loureiro délfico. A sua direita, ele segura um recipiente mântico, para o qual a sacerdotisa olha, aproximando-se com um gesto de boas-vindas, como se estivesse em transe. Uma assistente permanece com um cântaro com água para encher o recipiente, se necessário. O recipiente foi enchido com um líquido que emite vapor contendo poderosas decocções de ervas narcóticas, como meimandro, maçã espinhosa e heléboro, que ajudavam a induzir o arrebatamento profético na sacerdotisa semi-hipnotizada. O terrível aroma agradava ao público como se fosse "a fumaça do cadáver em deterioração do monstro Píton", que supostamente se esvaía por uma fenda sob o templo (embora escavadores modernos tenham comprovado a inexistência da fenda). Será encontrada uma longa exposição sobre procedimentos, plantas alucinógenas e instituições Oraculares em meu livro *Conversations with Eternity* (*Conversas com a Eternidade*), Rider. London. 1984; nas páginas. 53, 58 e 59 dessa obra são apresentadas ilustrações diretamente relacionadas a esta figura.

Note também a referência a Hórus, cujo falcão teria presidido a morte para os cólquidas na esperança de sua ressurreição. De fato, um significado de kirkos (Circe — "falcão"), não comentado anteriormente, era o de "círculo". Quero comentar, de passagem, que o círculo não só era um símbolo solar tradicional (como também o eram o velocino de ouro e o falcão), mas também o único olho dos Ciclopes; na realidade, em forma de círculo. De fato, a palavra ciclope significa "olho em círculo".

Graves diz: O Polifemo de um só olho... pode ser rastreado até o Cáucaso. Qualquer que tenha sido o significado da narrativa caucasiana, A. B. Cook em seu Zeus (páginas 302-23) mostra que o Ciclope de um olho só era um emblema solar grego".

As observações de Graves, a seguir, tendem assim a dissociar os termos Cyclops e Cyclope, em português Ciclope, mas talvez isso não deva ser feito à luz desses novos vislumbres. Afinal, os antigos Ciclopes eram três selvagens de um olho só e, além disso, filhos de Gaia, a deusa Terra, assim como o eram os três monstros de cinquenta cabeças (há muito ainda para se discutir a respeito mais adiante). Eles também seriam solares, de acordo com o meu "sistema", e o "círculo", "falcão", "nascido da terra de Gaia" e solar parecem andar sempre juntos no esquema. Gaia, na realidade, precedeu o Apolo solar como a divindade protetora de Delfos. Não causa surpresa que a arca de Deucalião tenha aterrado sobre o Monte Pamasso, acima de Delfos (segundo a propaganda délfica), e que sua "mãe" fosse Gaia, cujos "ossos", mais uma vez, lançou atrás das costas, para o povo da desolada Terra.

Outras questões que Higgins vincula a Delfos é a sílaba sagrada Om do indo-europeu. Ele faz todo o seu relato com música sagrada e o nome sagrado tradicional de Deus, que consiste em sete vogais proferidas em seqüência, formando uma palavra. "A palavra que não será pronunciada". Diz ainda: "Assim como um piedoso judeu não profere a palavra leue, da mesma maneira um piedoso hindu não proferirá a palavra Om". Sendo estritamente verdadeiro ou não, a qualidade sagrada dos nomes é incontestável.

Higgins diz que epriphè, é a raiz verbal, em grego, dQphaõ "falar ou pronunciar" Qphêni, de "dizer". (Eu poderia acrescentar que (prjyoç, phégos, é a palavra para carvalho, como em Dodona, e (prjprj, "pêhmê' significa literalmente "oráculo". Portanto, Omphé significa "a expressão de Om". ÇNã phémê áe Doàonã, phégos literalmente praticava omphê, porque ali o carvalho falava.)

Diziam que Delfos era o omphalos, "o umbigo", ou centro do mundo. Mas na verdade era apenas um dentre muitos outros. Na Figura 26, o leitor verá que há um Ônfalo próximo de Cnossos, em Creta, que na seqüência da oitava dos centros Oraculares se situava em graus geodésicos integrais de latitude, a partir de Behdet, a capital pré-dinástica do Egito. Uma fotografia da pedra-ônfalo de Delos também pode ser vista na Prancha 21. As sete vogais, as sete cordas da lira de Apoio, as sete notas da oitava (sendo a oitava uma repetição mais alta da primeira, como quase todos sabem), os oito centros Oraculares na "oitava do norte", os sete graus de latitude, marcando a extensão oficial do antigo Egito, o nome místico e impronunciável de Deus, composto por sete vogais, formam uma combinação — e todos fazem parte de um complexo coerente de elementos formadores de um sistema que também envolve os corpos cósmicos.

Antes de prosseguirmos, é preciso justificar minha seleção empírica de um lugar na ilha de Citera, fora da costa sul do Peloponeso grego, que possivelmente está associado ao quinto centro de minha série de centros Oraculares geodésicos. Encontrei as informações necessárias quando lia o notável livro do professor Cyrus H. Gordon, *The Common Background of Greek and Hebrew Civilizations* (A Origem Comum das Civilizações Grega e Hebraica). No final do Capítulo II, Gordon diz-nos o seguinte:

Algumas vezes, os centros de culto atraíam as pessoas de áreas remotas. Provavelmente a causa mais comum para tal magnetismo fosse um sacerdócio eficiente, que adquiriu a reputação de ajudar as pessoas necessitadas com conselhos, orientação psicológica e assistência médica. Citera passou a atrair estrangeiros já na Era das Pirâmides. Uma taça de pedra, com o nome de um templo solar [do Faraó Userkaf em Abusir] da Quinta Dinastia [a

cronologia de Richard A. Parker, informa a data de 2501—2342 a.C. para a Quinta Dinastia], com inscrições hieroglíficas, foi encontrada em Citera. Já no segundo quarto do segundo milênio, uma inscrição babilônica de Naram-Sin, rei de Eshnunna, foi dedicada em Citera "para a vida" daquele monarca mesopotâmico. [Esta é uma das razões para acreditar que ambos os textos foram enviados a Citera na Antigüidade. Uma fraude moderna é improvável porque o texto de Naram-Sin foi encontrado em Citera em 1849, antes de se decifrar a escrita cuneiforme.] O interessante é que os dois textos encontrados em Citera são de caráter religioso. Heródoto (1:105) relata que os fenícios erigiram um templo em Citera para a deusa dos céus. Finalmente, nos tempos clássicos, Citera foi um grande centro do culto de Afrodite. Os templos antigos foram construídos nas vizinhanças de Palaiópolis, perto do cinturão da costa leste. Visitei o lugar em 1958 e o considerei um sítio extenso e promissor para a escavação... Egípcios, babilônios e fenícios vinham ao local para cultuar a grande deusa. [Na época da grande deusa Gaia o lugar estava também sob a responsabilidade de Delfos, antes da usurpação de Apoio.] As antigas instalações do culto, entalhadas na rocha viva, podem ainda ser vistas em um lugar elevado na extremidade norte, próximo da costa. Um poço, desobstruído há alguns anos, tinha, em seu fundo, um antigo estatuário... [há] antigas paredes de pedra... A área toda está coberta de cerâmica, mostrando que o lugar era ocupado no III período minóico médio (aproximadamente 1700 — 1570), nos períodos minóicos tardios I — III (aproximadamente 1570 — 1100) [Nota: "III período minóico tardio (aproximadamente 1400 — 1100); é a Era micênica"] e depois nos tempos clássicos (V — IV séculos a.C).

O problema proposto pela antiga Citera ainda não foi solucionado. A ilha fica muito afastada do Egito e da Ásia para que homens fossem navegado até lá só com objetivos religiosos. E, no entanto, é difícil descobrir qualquer outra razão prática. Tais santuários continuaram bem conhecidos ao longo das eras. Na Antigüidade clássica, o oráculo de Delfos era procurado no âmbito de uma ampla área. Hoje, Lourdes atrai pessoas necessitadas de

todos os continentes em busca do que não puderam encontrar próximo de suas casas. Citera tornou-se, portanto, um centro para egípcios e semitas, e também para outros povos, desde Abusir, ao longo do Nilo, até Eshnunna, para além do Eufrates. Esses visitantes traziam sua influência até o Egeon e, ao voltarem para casa, levavam consigo alguma cultura do Égeon. É gratificante que Citera esteja sendo escavada agora pelo professor George Huxley para o museu da Universidade da Pensilvânia. [Gordon escreveu em 1964.]

Quanto empenho por Citera. Não obstante, um possível local alternativo é a ilha de fera; ou então ambos os lugares podem estar vinculados. Alguma justificativa para a minha suposição de que o lugar de número três esteja situado no sul de Chipre provém de famosas referências a "Afrodite de Citera, e até mesmo na distante Chipre", na antiga literatura. Além disso, Heródoto (Livro I, 105) refere-se ao templo de Afrodite Urânia em Ascalon, na Síria, e diz: "[é] segundo me disseram, o mais antigo dos templos dessa deusa. O templo de Chipre, os próprios cipriotas admitem ter sido derivado deste, e o de Citera foi construído pelos fenícios, a quem pertencia essa parte da Síria". Na última parte (não citada) de sua última nota de rodapé, apresentada anteriormente, Gordon menciona que "fenícios*", na linguagem de Heródoto, também incluía os minóicos.



Figura 21. Gravuras em moedas de cobre da era romana, mostrando a pedra-ônfalo no centro oracular de Zeus Kasios. cujo nome está escrito na parte inferior de três moedas apresentadas na parte superior da figura. Esse oráculo situava-se no monte Kasion, próximo de Latakia, o lugar que constituía a marca leste da oitava oracular de $35^{\circ}30'$.

Cooke comenta: "Moedas de cobre cunhadas por Trajano e Antonino Pio têm no verso um santuário sobre quatro pilares e incluem uma pedra sagrada, que é adornada com filetes". A representação de uma pedra-ônfalo filetada, mostrada nessas moedas, é definitivamente um meteorito ou uma "pedra-trovão". Esse é um lugar distante: "O monte Kasion, uma duna de areia estéril junto ao lago Sirbonis, era famoso por seu santuário de Zeus Kasios ..."; havia outro monte Kasion no Egito. E segundo Sérvio, o antigo comentarista de Virgílio, o santuário foi fundado por um cretense chamado Kiparissos. Essa informação está em concordância com as associações minóicas com Dodona, Delfos e Delos. Nada de definitivo se conhece sobre a origem do nome Kasios. Foi nesse lugar que o rebelde Tífôn com cauda de peixe/serpente (nome grego do egípcio Seth) foi perseguido por Zeus em seu conflito cósmico segundo o escritor antigo Apolodoro (segundo século a.C.)

Para aproveitar, eu poderia mencionar que uma pequena ilha do lado oposto de Citera é chamada de Anti-Citera e ali foi recuperado um famoso navio que naufragou, do qual provém a miniatura de um computador mecânico, datado do primeiro século a.C. (a esse respeito o professor Derek Price da Universidade de Yale muito escreveu, incluindo uma "história de cobertura" para a Scientific American e sua obra definitiva *Gears from the Greeks: The Antikythera Mechanism — A Calendar Computer from ca. 80 a.C.* (Mecanismos dos Gregos: O Mecanismo de Citera — Um Computador Calendário de aproximadamente 80 a.C), Science Story Publications, Neale Watson Academic Publications, New York, 1975). Esse pequeno computador é um dos muitos sobreviventes dos tempos antigos que demonstram, de modo conclusivo, que as atitudes convencionais de hoje com relação à tecnologia antiga são inadequadas e que subestimamos seriamente os povos da Antigüidade.

Ora, em relação ao sítio de Delos, darei algumas informações extraídas da obra autorizada de H. W. Parke, *Greek Oracles* (Oráculos Gregos), que indicarão sua importância como centro de oráculos em minha proposição de "oitava do norte" dos centros geodésicos:

Outro ponto que Dodona podia ter a seu favor, contra Delfos, era o fato de ter sido o próprio oráculo de Zeus. Apolo era, na melhor das hipóteses, o filho de Zeus, inserido de forma um tanto incômoda no panteão grego. Em função disso, suas profecias não podiam ser mais significativas que as proferidas pelo pai dos deuses e dos homens. Delfos respondeu com uma elaborada obra de propaganda teológica. Ainda que não tentasse diminuir a posição suprema de Zeus, argumentava que Apolo era o seu profeta escolhido. Esta doutrina apareceu inicialmente no Hino a Apolo, de Homero, mas não nas seções relativas a Delfos. Ela é encontrada no hino de Delos, onde o deus menino irrompe de suas fraldas e grita: "Que a harpa e o arco armado sejam o meu deleite e farei profecias entre os homens sobre a infalível vontade de Zeus". No restante do mesmo poema, há outras referências a Delos como centro oracular, uma função que se havia extinguido

no período clássico. Mas essa parte do Hino homérico com sua descrição do festival de Delos, é claro, data de um estágio inicial do período arcaico — provavelmente por volta de 700 a.C. O conceito de Apolo como profeta de Zeus pode, então, ter começado em Delos, mas certamente se expandiu e se desenvolveu em grande parte em Delfos.

Além disso "... Delos, apesar de mais tarde ser famosa, sobretudo por ser o local de nascimento [de Apolo], evidentemente fora outrora um centro de adivinhação".

A ilha de Delos era conhecida como "a Ilha sagrada" e tradicionalmente destinada a ser imune a guerras ou conquistas. Na expressão do grande estudioso W. W. Tam, em seu artigo sobre "The Political Standing of Delos" (A Posição Política de Delos): "Ora, não há dúvida de que a minúscula ilha de Delos, que gozou de posição especial na vida religiosa por ser o local de nascimento de Apolo foi, durante séculos, considerada um 'lugar sagrado'... toda ilha de Delos era considerada sagrada... No terceiro século [a.C.]. O Hino a Delos, de Calímaco, chama-a de a mais sagrada das ilhas: tem imunidade na guerra, e não necessita de muros, porque seu muro é Apolo... Delos foi então um lugar sagrado do sexto ao segundo século [a.C.]: possivelmente a tradição tornou-a sagrada desde tempos imemoriais; isto é, desde o nascimento de Apolo..."

O historiador Diodoro Sículo (século I a.C), fazendo uso de dados históricos arcaicos, compilados por seus predecessores, registra importantes consultas ao Oráculo de Apoio, em Delos, anteriores ao século VII a.C, realizadas da mesma maneira que as consultas em Delfos em períodos posteriores, mais familiares a nós. Por exemplo:



Figura 25. Uma gravura de Roma in de Hoohe, publicada em 1688, mostrando sua concepção da sacerdotisa délfica sentada em sua trípole e intoxicada por ondas de fumaça que saem no chão.

... quando na terra de Rodes surgiram grandes serpentes, aconteceu de algumas delas causarem a morte de muitos nativos; conseqüentemente, os sobreviventes enviaram homens a Delos para consultar o deus sobre como poderiam livrar-se do mal. Apolo ordenou-lhes que recebessem Forbas e seus companheiros para juntos, colonizarem a ilha de Rodes... e os habitantes da ilha o convocaram, conforme ordenara o oráculo e lhe deram uma porção de terra. Forbas destruiu as serpentes e, depois de livrar a ilha de seu temor, estabeleceu-se em Rodes... Mais tarde, depois dos eventos descritos, Altaemenes, o filho de Catreu, rei de Creta, enquanto consultava o oráculo,

em relação a certos outros assuntos, recebeu a resposta de que era seu destino matar seu pai com as próprias mãos. Assim, desejando evitar esse ato abominável, abandonou Creta por livre vontade... Pouco antes da guerra de Tróia, Tlepolemo, o filho de Hércules, que era um fugitivo por causa da morte de Licimni, cuja morte provocara involuntariamente, evadira-se de Argos por livre vontade e, ao receber a resposta oracular referente ao local que deveria procurar para se estabelecer, desembarcou em Rodes, juntamente com algumas pessoas, e, sendo bondosamente recebido pelos habitantes do lugar, ali construiu o seu lar. E, ao tornar-se rei de toda a ilha aqui ele a repartiu...

Não é necessário saber quem eram as personalidades aqui mencionadas ou mesmo compreender os incidentes — esses exemplos servem apenas para indicar que o Oráculo de Delos mantinha uma posição semelhante à do Oráculo de Delfos.

Em relação ao Onfalo, em Creta, outro local arcaico em nossa oitava oracular, Diodoro Sícolo registra o seguinte:

... Réa... quando deu à luz a Zeus escondeu-o em Ida, como é chamado... E muitas provas do nascimento e criação desse deus existem ainda hoje na ilha. Por exemplo, quando ele estava sendo levado dali pelos Curetes, dizem que seu cordão umbilical (omphalos) caiu perto do rio conhecido como Tritão, lugar que se tornou sagrado, passando a ser chamado de Onfalo, após esse incidente, enquanto da mesma maneira, a planície ao redor é conhecida como Omphaleium.

Dizia-se que a deusa Atena havia nascido no lago Tritão, na Líbia (também em nossa oitava oracular), e também que nascera no Rio Tritão, em Creta, perto ou realmente no lugar do Onfalo. Tomamos conhecimento dessa tradição por meio de Diodoro Sícolo: "Atena, relatam os mitos, foi igualmente gerada por Zeus em Creta, nas nascentes do rio Tritão, sendo esta a razão para que lhe tenham dado o nome de Tritogenéia. E ali se ergue, até hoje, nessas nascentes, um templo consagrado a essa deusa, no lugar onde o mito diz ter ocorrido o seu nascimento". Atena, portanto, parece ter

nascido em dois locais da oitava oracular, porém o ponto importante está na relação entre seus dois "nascimentos" e a localização a dois graus de latitude um do outro.

Minha afirmação de que os centros Oraculares de Dodona, Delfos, Delos, Citera, Cnossos e Chipre estão ligados em uma série — sem considerar que estão separados entre si por um grau de latitude e constituem graus integrais de latitude a partir de Behdet, no Egito, além de possuírem vínculos demonstráveis com o Egito, seja em tradição ou arqueologia — é consolidada ainda por outra passagem do livro de H. W. Parke:

Em Delfos, ou seja, o local do santuário clássico de Atena Pronaia, a leste de Castália... conforme mostrou a escavação, não existia um povoado, mas um centro de culto datados dos tempos micênicos... É interessante, em termos arqueológicos, que muitas descobertas importantes dos períodos arcaicos mais antigos mostrem claras afinidades ou uma derivação real de Creta. Pois, como já mencionamos, o Hino a Apolo, de Homero, termina com a descrição de como "Febo Apolo considerou então quem, dentre os homens, ele traria para ser seus adoradores e servi-lo na rochosa Píton. Então, enquanto ponderava, ele tomou conhecimento de um veloz navio no mar escuro como vinho e que nesse navio havia homens bons e em grande número — cretenses da Cnossos minóica, que ofereciam sacrifícios ao senhor Apolo e anunciavam os oráculos de Febo Apolo da espada dourada sempre que ele falava em profecia através do loureiro..." Alguns estudiosos observaram evidentes elos arqueológicos entre Delfos e Creta arcaicas com base no fato por trás dessa fachada de lenda, sendo possível que o culto de Apolo tenha sido introduzido pelo mar a partir de Creta...

No Hino homérico, verificamos que se afirma especificamente que os cretenses minóicos (contemporâneos do antigo Egito, é claro, e que com estes mantinham comércio) de Cnossos levaram Apolo para Delfos, o lugar de um ônfalo. E desses habitantes de Cnossos afirma-se que respeitavam os oráculos. Nas proximidades de

Cnossos, há um lugar chamado Ônfalo, situado a um grau de latitude sul do sítio de Citera, a um grau ao sul de Delos que, por sua vez, localiza-se a um grau ao sul de Delfos.

Parke dá-nos outras informações. Ele menciona as ligações bem conhecidas existentes entre Delos e Dodona por meio dos conhecidos "presentes dos hiperbóreos" (veja adiante), enviados a Delos por Dodona, os quais eram provenientes dos misteriosos hiperbóreos do norte, de uma terra que muitos acreditam tratar-se da Grã-Bretanha. No Livro II, de Diodoro Sícolo, é encontrada uma descrição dos hiperbóreos que aparentemente observavam corpos celestiais, através de um objeto que, na minha opinião e de alguns outros estudiosos, parece ser um telescópio. Em um próximo livro há muito a ser dito a respeito do uso de lentes de cristal e vidro na Antigüidade, bem como sobre sua possível justaposição como telescópios simples. Mas não poderiam ter observado Sírius B!



Figura 29. Detalhe do mural de Pompéia reproduzido por W. H. Roscher. O ônfalo é semelhante ao de Delos (veja Pranchas 15 e 18). Aqui, o amigável ônfalo-serpente está sendo acossado por uma píton.

Parke diz-nos: "Nas Cidades, Delos possuía, no passado, um oráculo apolíneo de importância... Pode-se supor que essa instituição existia... no final do século VIII [a.C.] e pode ter desaparecido aos poucos no sétimo século [a.C.]... A época em que Pisístrato e Polícrates, na última metade do século VI [a.C.]

restauraram a santidade de Delos, o oráculo já teria deixado de existir e não foi restaurado".

Vale a pena apresentar alguns detalhes dos "presentes dos hiperbóreos", porque um relato a respeito é uma das mais estranhas histórias remanescentes da antiga Grécia e diz respeito diretamente ao nosso tema. Um dos mais longos estudos a respeito foi escrito por Rendei Harris. A seguir, uma parte do que ele tem a dizer:

As pessoas que enviam presentes [a Apolo] são reais, com um vínculo genuíno com ele: elas o perderam, não o esqueceram, encontraram-no novamente por meio de embaixadas e presentes sagrados, ... os presentes, ... são provenientes de longas distâncias por terra e por mar, são cuidadosamente embalados em palha, e escondidos aos olhares intrusos de todos, excetuando-se os daqueles a quem foram enviados. A caixa era rotulada com cuidado. Apolo, Delos, e era um tabu... Agora, vejamos o que diz Heródoto sobre os presentes sagrados que chegaram a Delos neste dia [Heródoto, "o pai da história", viveu no século VI a.C.]. Ele nos conta (suas informações provinham de sacerdotes de Delos) que as coisas sagradas foram levadas pelos hiperbóreos, embaladas em palha, para os citienses, e que estes então as passavam de tribo para tribo, em direção ao oeste, rumo ao Adriático; dali os presentes eram transportados para Dodona, de onde passavam para mãos gregas; de Dodona, eram transportados para o leste, novamente para o Golfo Maliano, depois pela ilha de Euboea, de cidade em cidade até Caristos, e então o povo dessa cidade os levava para Tenos (passando por Andros) e o povo de Tenos os levava para Delos. [Heródoto, IV, c. 33.]

Essa é uma peregrinação por um percurso realmente cheio de desvios, mas algumas das repetições e prolongamentos da jornada se deviam à tentativa de evitar as cordilheiras. O Monte Citeron, por exemplo, é evitado cruzando-se Euboea, e cortando caminho para o ponto mais ao sul da ilha, em Caristos, onde Andros está à vista e Delos está quase à mão.

A história que Pausânias conta [século II d.C.] mostra grande variação. Ele nos diz que "em Prasíai (na costa da Ática) há um templo de Apoio. Dizem que foi ali que os primeiros frutos dos hiperbóreos chegaram. Os hiperbóreos, segundo me disseram, entregaram-nos aos arimaspienses e, estes, aos issedônios; dali os citienses os transportaram para Sinope; de lá foram levados por helenos (gregos) para Prasíai e os atenienses os levaram para Delos. Esses primeiros frutos, diziam, eram escondidos em palha de trigo e ninguém sabia o que era".

Pausânias sabe, no entanto, que as oferendas eram dos primeiros frutos da natureza e sua referência ao transporte dessas oferendas para a Ática é, ao mesmo tempo, explicada por ter Atenas adquirido a suserania sobre Delos, de modo que um desvio de rota de Euboea seria natural. O que nos surpreende é que as oferendas são então levadas pelo Mar Negro para Sinope (podemos dizer Olbia?), e de Sinope elas passam pela costa para o Bósforo e dali para diante. Esta é bem diferente da rota descrita [100 anos antes] por Heródoto. Mas tantos detalhes dificilmente poderão ser ignorados e, além disso, fazem com que a rota sagrada passe por Cício até o Euxino [Mar Negro] ao longo da rota do âmbar. Esse autor também situa os hiperbóreos mais distantes ainda, ao interpolar duas tribos entre eles e os citienses. Se, entretanto, digamos, na época de Pausânias, as oferendas chegavam a Delos pela rota oriental do âmbar, fica igualmente claro que Heródoto descreve que elas eram transportadas ao longo da rota ocidental do âmbar descendo para o Adriático.

Uma explicação da alteração da rota foi oferecida pelo professor Ridgeway e endossada por Prazer... Ela torna altamente provável que, em eras muito remotas, existia uma via regular de comércio do Mar Negro que subia o Danúbio e atravessava para o promontório do Adriático... Esta rota é indicada no relato feito por pessoas de Delos a Heródoto de que a rota seguida pelas oferendas provinha do sul da Rússia seguindo até Delos. Mas com o estabelecimento de colônias

gregas, no sul da Rússia, essa longa rota indireta seria trocada por uma direta pelo Bósforo, Helesponto e Égeon. Essa rota nova e mais curta parece ser a indicada por Pausânias. Ele diz, de fato, que as ofertas vinham de Cício (Rússia) pelo caminho de Sinope, uma importante colônia grega, situada na costa sul do Mar Negro defronte à Criméia.

Outro fator, negligenciado pelos estudiosos que tentaram explicar as vias alternativas é que durante os sete séculos, entre a época de Heródoto e a de Pausânias, a importância de Dodona diminuiu, de modo que uma complicada rota de viagem com tantos desvios, que existira por razões religiosas e servia de conexão da oitava oracular, foi abandonada porque a colônia religiosa em Dodona, sob o domínio dos romanos, caiu em desuso e nenhum significado restou. É claro que a rota posterior era mais fácil e mais curta — mas a questão é: por que primeiro se utilizou a rota mais difícil? Porque os estudiosos do assunto, não compreendendo a importante conexão arcaica entre Dodona e Delos, nunca identificaram a rota original daqueles misteriosos presentes transportados por milhares de milhas por um terreno acidentado. É uma perspectiva assustadora tentar demonstrar, em sua adequada proporção, todo o complexo emaranhado de informações referentes à "oitava do norte" e seus muitos elos com a tradição de Sírius. É impossível fazer justiça neste livro ao tema do conhecimento astronômico dos antigos.

No livro *Hamlet's MUI*, temos uma passagem que agora é relevante. O leitor terá de aceitar, em confiança, que nos tempos antigos se considerava existir vínculos mútuos entre as sete notas da oitava e os sete planetas. Não é possível assumir aqui o debate referente ao antigo pitagorismo versus neopitagorismo e a gênese dos diferentes conceitos de "harmonia das esferas". A seguir, a passagem: "E Aristóteles diz (Rhet. 2.24, 1401 a 15) que, desejando circunscrever um 'cão', permitiu-se o uso de 'Estrela Cão' (Sírius) ou Pã, porque Píndaro lhe afirma que a forma móvel do cão é a da Grande Deusa [Gaia]"... Para o admirável significado de Sírius, enquanto líder dos planetas e oitavo planeta, por assim

dizer, e de Pã, o mestre de dança (choreutés) assim como do real kosmokrator, regendo 'os três mundos', seria necessário todo um volume".

Ora, essa referência a Sírius como "oitavo planeta, por assim dizer" é uma pista bastante interessante. (Na realidade, alguma evidência existe sugerindo que os antigos sabiam da existência do oitavo planeta Urano, porque os egípcios podem ter exatamente conseguido observar sua trajetória sugerida por Peter Tompkins em *Secrets of the Great Pyramid* [Segredos da Grande Pirâmide]. Acredito que provavelmente era este o caso e Urano era algumas vezes comparado a Sírius B porque ambos eram "invisíveis". Sírius B tem sua órbita em torno de Sírius A, como a de um planeta como já mencionei anteriormente, sendo seu período orbital nossos planetas Urano, Netuno e Plutão. Sírius B, com mais rapidez que Urano, um planeta, sendo esta que ambos sejam considerados semelhantes. Sírius B, parada de forma um tanto obscura ao planeta mais próximo, Mercúrio. Mercúrio, com uma órbita cuja natureza é simbólica — veja Figura 16—, e Urano era a "oitava" Mercúrio.)

Examinemos o tema do "oitavo planeta" em relação aos centros Oraculares. Dodona e o oitavo centro oracular da "oitava do norte". Em música, é a oitava nota que encerra a oitava por meio de repetição da primeira nota em uma oitava mais alta. A oitava de uma nota tem dupla freqüência — caso se toque Dó em um piano e, em seguida, as sete notas subseqüentes, atinge-se até o Dó maior, mas dobrando a freqüência do Dó original — a sua oitava. O "oitavo planeta" repetiria, portanto, o primeiro planeta, Hermes (em latim, Mercúrio). Ora, foi Hermes (Mercúrio) que providenciou o carneiro de ouro para a fuga de Frixo para a Cólquida. E a viga de carvalho de Dodona é que foi encaixada na proa do Argos, a nau que retornou com o velocino de ouro. Durante o intervalo da estada do velocino na Cólquida, este foi mantido "no bosque de Ares [Marte]". O ponto importante a ser notado é que o velocino foi para a Cólquida sob os auspícios do primeiro planeta, lá permaneceu sob os auspícios do (planeta) Marte, retornando sob os auspícios de Sírius, "o oitavo planeta", já com uma peça de

carvalho, obtida no oitavo centro oracular, encaixada na proa do Argos. E como já vimos, quando o Argos é girado a um ângulo de 90° (sobre um globo terrestre) sua proa toca primeiro o centro de Dodona, e depois aponta diretamente para Metsamor, perto do Monte Ararat. Mas, se a proa do Argos estendido sobre o globo tocar Dodona e sua popa tocar a Tebas egípcia, talvez ele possa ser girado para o Ararat/Metsamor, onde também sua proa tocará. Parke diz: "Na Ásia Menor, Didima, próximo de Mileto, encontra-se o único centro oracular de cuja atividade já tivemos alguma evidência no sexto século". Mileto parece estar situada no mesmo paralelo de Delos, assim como Sardis é localizada no mesmo paralelo de Delfos. Já vimos que o monte Ararat (tendo seu centro associado em Metsamor) encontra-se no mesmo paralelo de Dodona. Existe, portanto, uma "oitava do noroeste" correspondente à "oitava do norte". Mas, como se verá adiante, existem pontos geodésicos sobre grandes extensões territoriais, determinadas a partir de Behdet, Greenwich dos antigos. (Por exemplo, uma arca girada através de Aea, na Cólquida, também atravessaria Meca, desde que a ponta do compasso esteja posicionada em Behdet. Uma linha partindo da Tebas egípcia até Dodona intersecta as imediações de Ônfalo e Cnossos, em Creta. As linhas que conectam Tebas, Dodona e Metsamor formam um triângulo equilátero. Uma linha de Behdet a Dodona intersecta Terá. Além disso, uma linha reta atravessa os três pontos, Behdet, Meca e Dodona. Em relação a Meca, duvido que muitos estudiosos muçulmanos se surpreendam ao tomar conhecimento desses aspectos de seu centro sagrado. Eles sabem muito bem que o centro apresenta aspectos geodésicos e o santuário central da Kaaba data dos tempos pré-históricos; dizem que ele foi estabelecido pelo profeta Abraão.)

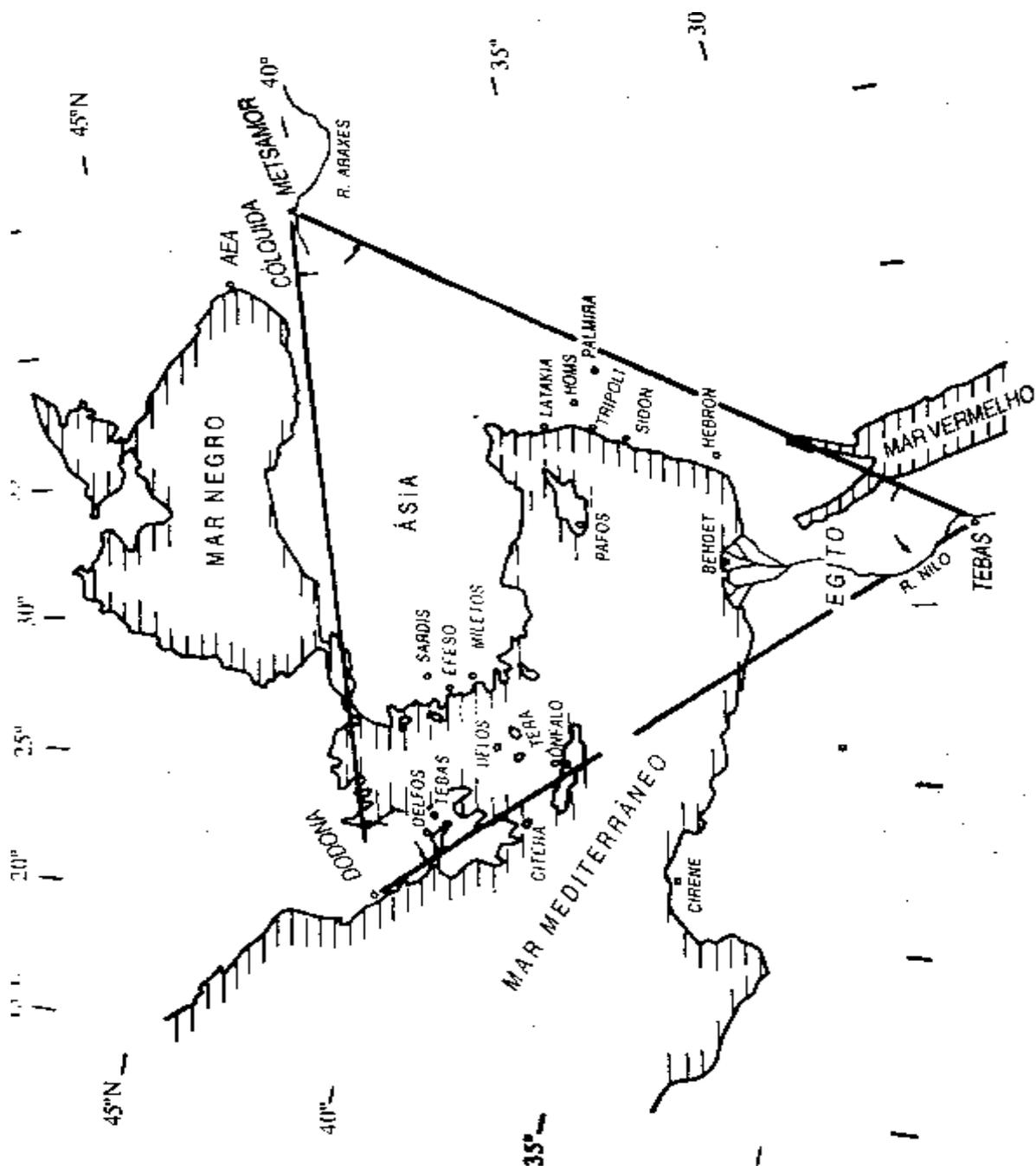
As associações de Delfos com a tradição de Sírius não se limitam à visita canópica do Hércules egípcio, a procissões em que se carrega o Argos e ao desejo delfiniano de reivindicar a arca de Deucalião em vez de Dodona (os centros então eram rivais quanto a poder e atenção, como já mencionei).

Outros elementos da tradição de Sírius, presentes na conexão com Delfos, referem-se ao Argos e aos mínias. Um oráculo de Delfos disse que o velocino de ouro seria trazido de volta da Cólquida para Iolco. Uma série de insistentes oráculos de Delfos, afinal, foi responsável por nosso conhecimento sobre a tradição de Sírius, por intermédio dos dogons da atualidade, como veremos quase ao final deste livro. Foi Delfos que determinou o destino dos mínias e de sua tradição, hoje sobrevivente no antigo Sudão francês. A explicação para isso será apresentada mais adiante.

Por ora, voltemos à pedra-ônfalo e também a Behdet. Quanto a esses temas, é preciso consultar singular livro, publicado em 1971, *The Secrets of the Great Pyramid* (Os Segredos da Grande Pirâmide), de Peter Tomkins (com um apêndice erudito de Livio Stecchini). Tomkins diz-nos:

... Cidades e templos, diz Stecchini, foram deliberadamente construídos a distâncias em cifras redondas e em frações simples, a partir do trópico ou do meridiano principal. A capital pré-dinástica do Egito foi estabelecida perto da embocadura do Nilo em Behdet, diretamente no meridiano principal, a $31^{\circ} 30'$... Mênfis, a primeira capital do Egito unido, foi novamente planejada sobre o meridiano principal e a $29^{\circ} 51'$, precisamente 6° ao norte do trópico... Sendo cada um desses centros geodésicos um centro político, além de ser um "umbigo", ou centro geográfico do mundo, um ônfalo, ou pedra-ônfalo, era ali colocado para representar o hemisfério norte do equador ao pólo, delimitado com meridianos e paralelos, mostrando a direção e a distância de outros umbigos. Em Tebas, a pedra-ônfalo foi colocada no salão principal do templo de Amon, onde o meridiano e o paralelo realmente se cruzam... Para os antigos egípcios terem planejado um meridiano absolutamente reto de 30° de latitude do Mediterrâneo ao equador, por 2 mil milhas, e desenhado dois outros eqüidistantes, a leste e a oeste, como fronteiras do país [veja Figura 20 deste livro], deve ter sido necessária enorme quantidade de funcionários e cuidadosas observações astronômicas. Ainda mais

sofisticado era seu método de estabelecer a longitude, reconstituída por Stecchini.



Os Centros Oraculares

Com o auxílio de um sistema elementar de telegrafia que consistia em uma série de sinais luminosos, os egípcios, de acordo com Stecchini, estavam aptos a observar qual estrela estava em seu zênite, em determinado momento, e os dados eram emitidos em

sinais luminosos, por meio de séries de chamas, para os outros observadores, informando o número de graus de leste a oeste... Pela avançada ciência geodésica e geográfica, o Egito tornou-se o centro geodésico do mundo conhecido. Outros países localizavam seus santuários e capitais em termos do meridiano egípcio "zero", que abrangia capitais como Nimrod, Sardis, Susa, Persépolis e, aparentemente, até a antiga capital chinesa de An-Yang.

Todas essas localidades, segundo Stecchini, estavam situadas e orientadas com base na mais exata observação. O mesmo se aplica aos centros de culto de judeus, gregos e árabes.

Segundo os historiadores hebreus, o centro original de culto judeu não era Jerusalém, mas o Monte Gerizim, um ponto estritamente geodésico a 4° a leste do eixo principal do Egito. Só foi transferido para Jerusalém após 950 a.C.

Os dois grandes centros Oraculares da Grécia — Delfos e Dodona — também eram marcadores geodésicos, segundo Stecchini. Delfos fica a 7° e Dodona a 5° a norte de Behdet, a parte mais setentrional do Egito, e em seu meridiano principal.

Os autores que já puderam refletir sobre a estranha história do faraó Tutankhamon — e seu sogro, Akhenaton, e sogra, Nefertiti — podem muito bem ter notado a existência de uma disputa geodésico-religiosa por trás do desejo de Akhenaton de construir uma nova capital geodésica, o que de fato ele fez, mas não sem ultrajar, no processo, os sacerdotes. Por que as pedras de fronteira dessa cidade foram mais tarde ferozmente mutiladas? Porque o faraó havia tentado estabelecer uma variação no sistema geodésico do Egito e aqueles marcadores de pedra representavam literalmente esse fato!

Nas Pranchas 14 e 16, o leitor pode ver, por si mesmo, as pedras-ônifalo de Delfos e Mileto — as quais são cobertas por "rede" representando a rede geodésica de latitudes e longitudes. Provavelmente essa rede é a que Oannes sempre leva consigo (veja Figuras 21, 22 e 31, além das Pranchas 34, 38 e 39) em forma de uma "cesta", porque a "trama e a urdidura" da cesta sagrada de Oannes/Dagon — sobrevive como a cesta lykno da grega Deméter (a Deusa que regia os frutos da terra,

particularmente o trigo [e mãe de Perséfone] e à qual sucedeu o Dagon filisteu com cauda de peixe, como divindade agrária, conservando a "cesta" de Dagon) — representam perfeitamente a trama e a urdidura de latitude e longitude. Os dogons têm tradições de importância religiosa e mitológica de "trama e urdidura" na tecelagem, e, em relação às cestas sagradas "que não são cestas", podem ser encontradas descrições em muitas partes de *Le Renard Pâle*. Veja na Figura 33, outras imagens da pedra-ônfalo e sua "cesta".

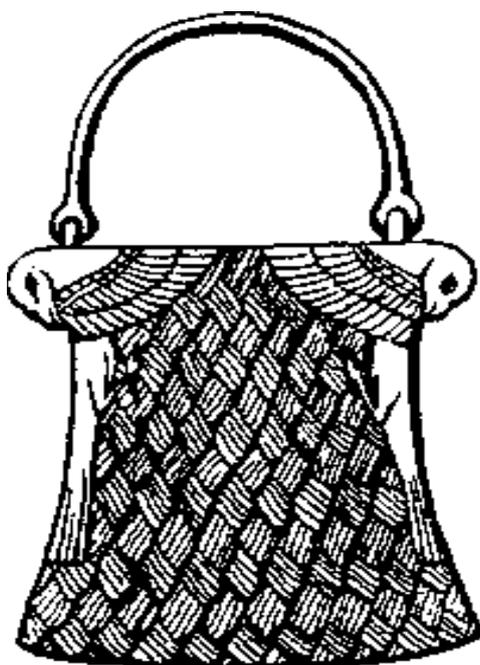


Figura 31. Esta representação da cesta sagrada, encontrada em Khorsabad (um povoado moderno no Iraque, local do antigo palácio do rei assírio Assurnasirpal), é uma evidência importante que une Oannes à tradição da pedra-ônfalo. A cesta, que era invariavelmente carregada por Oannes, é vista aqui com duas pombas cujas cabeças estão voltadas para lados opostos — tema do ônfalo. Observa-se também que a confecção da cesta é semelhante a uma rede que geralmente cobre o ônfalo.

A Figura 32 mostra a pedra-ônfalo encontrada por Reisner no grande templo de Amon, em Tebas no Egito. Essa pedra era colocada no salão principal do templo, onde o meridiano e o paralelo realmente se cruzam. Na Figura 36, é apresentada a reprodução de uma figura, proveniente de um papiro egípcio de pedras-ônfalo, com duas pombas na parte superior. Essas duas pombas são o hieróglifo padrão que significa "traçar paralelos e

meridianos". Elas são as "duas pombas" que voaram de Dodona a Tebas, segundo o relato de Heródoto. Para fazer o contato com essas enormes distâncias e manter imediata comunicação entre os centros de oráculos, essenciais para a operação bem-sucedida de uma rede religiosa "mundial" coerente disseminada por milhares de milhas, o único meio disponível eram os pombos-correios. Somos informados que o pombo-correio podiam voar de Tebas a Dodona em menos um dia. Para um indivíduo viajar a essa distância, levaria meses. A comunicação diária entre o centro de Tebas e todas as suas "colônias", teria sido pombo-correio que vemos simplesmente pintados em representações gregas (veja Prancha 21) e egípcias, e documentados claramente por Heródoto. Além da "cobertura de notícias" instantânea, imagino, seria sub-repticiamente trazida nos pronunciamentos Oraculares dos vários centros, exercendo considerável influência política. Afinal de contas, dificilmente haveria um rei ou soberano em qualquer lugar do mundo antigo que desprezasse uma ordem oracular "dos deuses". Provavelmente, as forças políticas eram totalmente ignorantes com relação a "canais diretos de notícias" secretamente transmitidas a distância no complexo de templos no centro oracular local.



Figura 32. Uma pedra-ônfalo egípcia encontrada no templo de Amon em Napata, na Núbia. Este desenho é reproduzido por W. H. Koscilerein, Leipzig, 1918, como Figura 6. Roscher diz da pedra:

"Em 21 de abril de 1917, recebi uma carta do professor Gunther Roeder, atual Diretor do Museu Pelizaeus em Híldesheim, dizendo que Heisner Universidade de Harvard havia encontrado uma pedra, em escavações para o 2º. Museu de Boston, em Gebel Barka (Napata) no Sudão, em um templo dos reis núbios-meroíticos, que era um ôntalo do oráculo de Amon de Napata ..."

Desde a edição original deste livro, publiquei outra obra, intitulada *Conversations with Eternity* (Conversas com a Eternidade), que aborda esse assunto a uma considerável extensão. Existem muitas evidências textuais, não só de redes de pombos, mas também de andorinhas-correio e, naquele livro, descrevo a maneira como atuavam, no capítulo "A Instituição Oracular".

Poderia, de passagem, também mencionar o notável sistema de sinalização luminosa descrito na peça de Esquilo, *Agamenon*, produzido pela primeira vez em 458 a.C., em Atenas, cujo intuito é descrever como foi transmitido o resultado da Guerra de Tróia para Argos, na Grécia, por meio de uma cadeia de sinais luminosos no alto das montanhas. Um extenso estudo a respeito foi escrito por J. H. Quincey, que até publicou um mapa mostrando essa seção do impressionante sistema de sinais luminosos, estendendo-se do monte Atos até a localidade de Argos. O sinal, uma fogueira ao ar livre, começava em monte Atos, atravessava o mar da Trácia em direção ao monte Pelion, e era transmitido dali para o monte Otris, e deste para o monte Messapion, seguindo então para o monte Cithaeron e para o monte Aegaleos, de onde foi transmitido para Aracneon e finalmente para Argos. Esse uso prático dos cimos das montanhas serve como um bom lembrete de como eles eram importantes para os povos antigos. Não fosse pela evidência preservada indiretamente pela peça de Esquilo, essa rede de sinalização nos cimos das montanhas nunca chegaria ao nosso conhecimento. Da mesma forma, as redes Oraculares nos cumes das montanhas estariam esquecidas, ao lado de sua importância para a mensuração do globo terrestre, assinalando as linhas de latitude, e também como "umbigos da Terra", em seu papel de unir o que está em cima com o que está embaixo — essencial para as

religiões antigas.

Verifico que o reconhecimento desses fatos vem arrancar gritos e lamentos de agonia daqueles arqueólogos, para os quais a revisão drástica de suas idéias é mais dolorosa que a amputação de seus membros sem anestesia. São estes os riscos corridos pelos adeptos dos prazeres opiáceos de submergir em um conjunto de teoria ortodoxa.

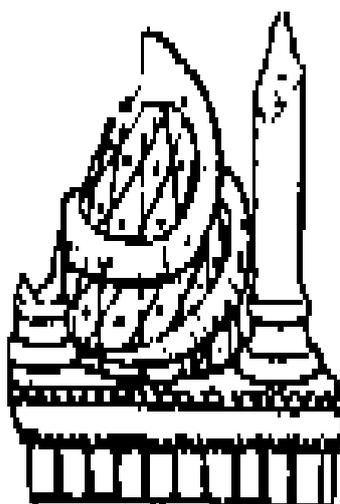
O filósofo David Hume ressalta, com relação à revolucionária descoberta da circulação do sangue por William Harvey: É digno de nota que nenhum médico na Europa, desde os 40 anos até o fim de sua vida, tenha em algum momento adotado a doutrina de Harvey sobre a circulação do sangue; e que essa prática em Londres tenha diminuído extremamente em razão da reprovação contra ele dirigida por causa dessa grande e marcante descoberta. Quão lento é o progresso da verdade em toda a ciência, até mesmo quando não sofre a oposição de facções ou de preconceitos supersticiosos!

Deve-se dar forte ênfase ao fato de que Dodona e Metsamor/Ararat sejam equidistantes da Tebas egípcia. A arca grega aterrou em Dodona e a hebraica no Ararat. O processo de "aterrissagem da arca" é, portanto, iniciado em Tebas, seguindo em direção norte para uma das duas localidades situadas a 8° de latitude norte, a uma distância, entre si, equivalente a suas respectivas distâncias de Tebas. Pode parecer complicado, mas na realidade, um triângulo equilátero é formado pelas linhas que unem Tebas a Dodona e ao Ararat. É possível que esses fatos não sejam acidentais. Nem provavelmente se poderá separar as tradições gregas e hebraicas só por lhes atribuir pontos de aterrissagem da arca em suas respectivas regiões do mundo, o que então transformaria em casualidade não só sua equidistância de Tebas, mas também a mesma distância entre si, além da mesma latitude. Como os "locais de aterrissagem" da arca são o monte Tomaros, em Dodona, e o monte Ararat, isso significa que a ponta da proa da arca literalmente toca a ambos, quando se procede à sua projeção sobre o globo terrestre a partir de Tebas. Pode-se ver isso claramente, desenhado por um cartógrafo, na

Figura 30.

Também com base em Tebas, e com pombos-correio, segundo Heródoto havia o Oráculo de Amon, na Líbia, conhecido por se situar no Oásis de Siwa.

Situando-se o leme do Argos em Behdet (próximo da Canopo geográfica), e não em Tebas, com a proa tocando o monte Ararat, e girando a proa através de Dodona, em um arco de exatamente 90° (um ângulo reto), descobre-se que a proa fica então muito alongada e deve ser diminuída. Na realidade, no caso desse extraordinário ponto, existe evidência documentada no texto babilônico.



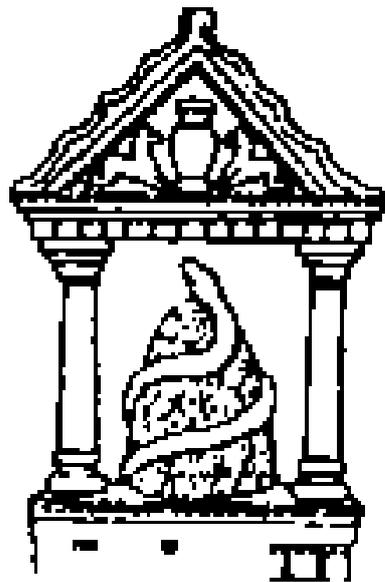
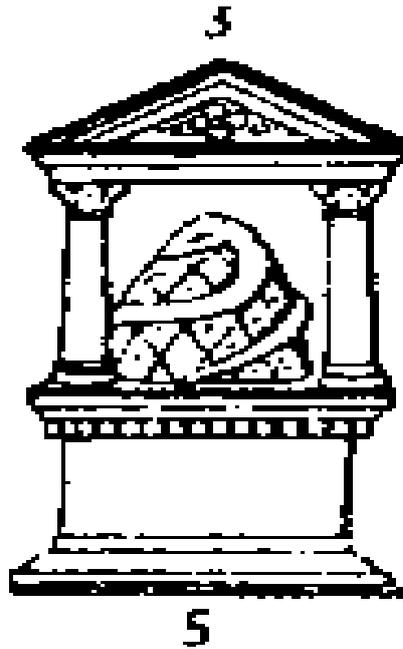


Figura 33. Várias representações de pedras-ônfalos em que a serpente guardiã do oráculo as circunda. As de números 1, 3 e 5. etruscas, são de particular interesse por mostrarem claramente a intersecção das linhas de latitude e longitude marcadas sobre o globo pelos centros Oraculares. A de número 2 é romana, escavada nas termas de Tito, época em que as representações das pedras-ônfalo não passavam de meros temas de arte, como é o caso da número 4.

No Capítulo Quatro, citamos a passagem em outro contexto, e aqui voltamos a ela. E o poema épico sumério "Gilgamesh e Aga", de extrema antigüidade, cujas tabuletas remanescentes e preservadas são datadas da primeira metade do segundo milênio a.C. Este poema sumério contém, dentro de uma estrutura de suposta diatribe política local, um certo núcleo estranho de informações que nenhum estudioso jamais interpretou de maneira satisfatória. (O aspecto político do poema, em minha opinião, tem sido superenfocado em virtude da superexcitação de Jacobsen e Kramer e à evidência real da existência, há 4 mil anos, de um parlamento bicameral, que Kramer elogiou como um dos "primeiros" em seu excelente livro, *History Begins at Sumer [A História Começa na Suméria]*).

O poema menciona (na linha 104) um "pássaro em fuga", que talvez seja uma referência à rede de pombos-correio que acabamos de discutir. Porém, os mais importantes elementos no poema, ao que parece, são duas afirmações aparentemente contraditórias.

(1)"A proa do barco-magufu não foi cortada." (linha 80)

(2)"A proa do barco-magurru foi cortada." (linha 98)

No Capítulo Quatro, discuti por que o barco-magurru e o barco de Magan de outro poema eram, na realidade, o barco que mais tarde foi conhecido como Argos.

Acredito que a afirmação (1) se refira ao Argos em projeção de Behdet ao Ararat, e que a afirmação (2) se refira à projeção do Argos de Behdet a Dodona. A última requer a diminuição ou o encurtamento da proa para que o Argos se estenda além de Dodona.



O desenho esculpido sobre o ônfalo babilônio. Rawlinson sugeriu que era o desenho de um zodíaco. Ele achava óbvio que as figuras tosem constelações. Parecem, definitivamente, ser um mapa estelar, mas não é necessariamente verdadeiro que a intenção seja representar o céu com precisão. As tentativas de interpretação desses complexos mapas (o zodíaco egípcio de Dendera é um exemplo notório) geralmente não são satisfatórias, por isso, nesse caso, não tentaremos a sorte.

No poema "Gilgamesh e Aga", enquanto a proa não foi cortada, descobrimos que "A multidão não se cobriu de cinzas em suas lamentações". Isso porque enquanto a projeção se estendia sobre o nordeste da Mesopotâmia, a pátria suméria, pelo menos, era situada nas imediações gerais. A linha de Behdet—Ararat realmente intersecta o famoso centro oracular de Hierápolis [o nome significa a "cidade do sacerdote"] que, na minha proposta, é o quinto centro oracular do leste a 36° 30'.

O poema também diz que enquanto a proa não foi cortada "Os povos de todas as terras estrangeiras não foram subjugados". Em outras palavras, a projeção não se aplica a estrangeiros, como os que viviam na Grécia. Literalmente, não "subjuguéi" o povo de terras estrangeiras, no sentido de obscurecê-lo ou ignorá-los.

Mas, quando a proa foi reduzida, a projeção do Argos deixou a Mesopotâmia e então "A multidão cobriu-se de cinzas" e os povos das terras estrangeiras foram subjugados. É neste ponto que Gilgamesh diz a Aga: "Ó Aga, o pássaro em vôo que alimentaste com grãos" (em outras palavras, alimentou o pombo-correio preparando-o para seu vôo para outro centro diferente de oráculo — ou seja, Dodona e não Metsamor). O poema inteiro fundamenta-se e gira em torno de um refrão chamado por Kramer de "um enigma, que trata da escavação e conclusão de poços, "dos pequenos recipientes da terra", e se deseja "completar a fixação das cordas". Neste ponto, somente um estudioso dos sumérios pode dizer-nos se existem quaisquer outras nuances de significado ou leituras alternativas que esclareçam um pouco mais o trecho, seguindo a pista de que "a fixação das cordas" pode referir-se à rede semelhante a cordas que se vê, por exemplo, nos ônfalos de Delfos e Delos. Os "pequenos recipientes da terra" seriam pontos geodésicos ou os marcadores desses pontos, as próprias pedras-ônfalos, que parecem pequenos recipientes? A expressão "pequenos recipientes" estaria em uso com referência aos ônfalos na língua suméria? As respostas a essas perguntas ultrapassam completamente a competência de um ou mais estudiosos. Até mesmo os especialistas na língua acadiana não nos poderiam ajudar aqui em uma expressão suméria não

semítica. Até a resposta de um especialista poderia ser errônea em função de erro humano. Prevendo a dificuldade de nosso tema, voltemos mais uma vez o nosso olhar para o Egito.

Stecchini diz: "Tendo os egiptólogos ignorado a questão dos pontos geodésicos e das unidades lineares, a figura do revolucionário faraó Akhenaton tomou-se mais misteriosa e controvertida na longa história da monarquia egípcia". Em seguida, esse autor faz algumas observações extremamente críticas a respeito do arqueólogo Cyril Aldred (autor de *Akhenaten, Pharaoh of Egypt: a New Study*, London, 1968) e outros, continuando:

Pela resistência em aceitar os fatos solidamente documentados, estudiosos determinados dedicaram suas energias em debater teorias como a de que Akhenaton era impotente, era um homossexual praticante, ou uma mulher disfarçada de homem; há historiadores que admitem estarem informados sobre as relações íntimas entre ele e sua esposa, a bela Nefertiti. Por ter a imagem de Akhenaton permanecido indefinida e obscura, os estudiosos a utilizam para projetar suas próprias emoções. Aqueles que não gostam de Akhenaton apresentam-no como um psicopata e discutem a respeito da definição clínica de sua enfermidade... Se, em vez de tentar imaginar quais eram as observações hieroglíficas do psicanalista da família real, fossem considerados os fatos documentados, a ação mais importante no reinado revolucionário de Akhenaton seria comprovadamente que o estabelecimento de uma nova capital, a cidade Akhet-aton, "o horizonte de Aton". As ruínas dos edifícios dessa cidade, em uma extensão de milhas, foram encontradas e escavadas na localidade hoje conhecida como Tell-el-Amama. Durante o reinado de Akhenaton, uma substancial porcentagem de recursos nacionais foi dedicada à construção dessa cidade.

Estudiosos do último século, que ainda não haviam adotado a moda da psicologização, ao menos reconheceram o significado político da mudança de localização da capital do Egito. Akhenaton tencionava cortar pela raiz o poder dos sacerdotes do templo

de Amon, em Tebas, que estando no controle do oráculo nacional, identificado com o deus desse templo, haviam usurpado as finanças reais. Mas o que esses estudiosos não sabiam é que o Templo de Amon era o centro geodésico do Egito, o seu umbigo onde o eixo leste ($32^{\circ} 38'$ ao leste) cruza o Nilo, e que o deus Amon era a pedra hemisférica que marcava este ponto, e destinava-se a substituir Tebas, uma vez que a o geodésico do Egito estava estabelecida em uma vertente indesejável em termos do que se poderia querer de uma capital. A nova capital para o deus Aton, que fora elevado ao Templo de um deus único e verdadeiro, foi estabelecida a uma latitude de $2^{\circ} 45'$ ao norte, no ponto médio entre o ponto mais setentrional. Behdet, e o limite no sul do Egito à latitude de $24^{\circ} 00'$ ao norte... Akhenaton desejava provar que Tebas não podia reclamar adequadamente o direito de ser o centro geodésico do Egito e que ele havia escolhido o centro geodésico de acordo com uma interpretação absolutamente rigorosa de inaat, a ordem cósmica da qual as dimensões do Egito eram uma incorporação. A fim de seguir padrões absolutamente exatos, ele havia revertido para o sistema geodésico pré-dinástico que calculava em cúbitos a partir de Behdet... Em termos do sistema baseado na capital pré-dinástica de Behdet, não poderia haver nenhuma dúvida de que Akhet-Aton é o "verdadeiro e exato" umbigo, ou ônfalo, do Egito.

Essa conclusão sugere que se deva reavaliar todo o papel histórico de Akhenaton, assumindo como ponto de partida o que ele mesmo considerava como o passo inicial em seu programa de estabelecimento da verdadeira e exata conformidade com maat. Há uma possibilidade de que suas reformas revolucionárias, que se estenderam da religião à arte e também às relações familiares, tenham sido entendidas como um retorno geral às idéias e práticas pré-dinásticas.

Observe-se que Tebas estava estabelecida como o "umbigo" do Egito, mas não com base no "sistema de Behdet", o qual, aparentemente, Akhenaton tentou reavivar. Isso mostra a antigüidade da "oitava do norte", se embasada no "sistema de Behdet", ao passo que Tebas não o era. O evidente envolvimento

de Tebas no sistema de "oitava do norte" não é exclusivo, mas sim complementar ao de Behdet. Em Heródoto, Livro II (54), encontramos essa significativa narrativa:

Em Dodona... as sacerdotisas que anunciam os oráculos têm uma... história: dois pombos negros, dizem, saíram voando de Tebas, no Egito. Um deles pousou em Dodona e o outro na Líbia. O primeiro, pousou em um carvalho e, falando com voz de humano, disse-lhes que ali, naquele mesmo lugar, deveria haver um oráculo de Zeus. Aqueles que o ouviram, entenderam suas palavras como uma ordem do céu e a obedeceram imediatamente. Da mesma maneira, o pombo que voou para a Líbia disse aos líbios que fundassem um oráculo de Amon — que é também um oráculo de Zeus. Quem me deu essa informação foram três sacerdotisas de Dodona — Promenéia, a mais velha; Timarete, a seguinte; e Nicandra, a mais jovem — e seu relato é confirmado por outros dodonenses vinculados ao templo.

É realmente interessante notar a grande intimidade de Heródoto com as sacerdotisas de Dodona. Há realmente uma nítida precisão, que aumenta sempre mais, na história dodonense. Contudo, em relação à questão de Tebas versus Behdet, vinculada que está à questão de Akhenaton, peço para me retirar dessa controvérsia. Podem incluir-me no rol dos "sem opinião".

É preciso atentar para as observações de Stecchini a respeito de Delfos:

O deus de Delfos, Apolo, cujo nome significa "a pedra", era identificado com um objeto, o ônfalo, ou "umbigo", que foi encontrado. Ele consistia em uma pedra ovóide... O ônfalo de Delfos era semelhante ao objeto que representava o deus Amon, em Tebas, o "umbigo" do Egito. Em 1966, apresentei, na reunião anual do Instituto de Arqueologia da América, um estudo defendendo que relatos históricos, mitos e lendas, aliados a alguns monumentos de Delfos, indicam que o oráculo no local foi estabelecido pelos faraós da dinastia etíope. Esta é a razão para que os gregos representassem

Delfos, o epônimo de um herói local, como um Negro.

Stecchini explica também sua teoria de que os oráculos, originalmente, atuavam por meio de operações de dispositivos de cálculo:

Um objeto semelhante a uma roleta e que, na realidade, foi seu predecessor histórico, situava-se no centro e em cima do ônfalo. O giro de uma bola dava as respostas; cada um dos trinta e seis raios da roleta correspondia a um símbolo.

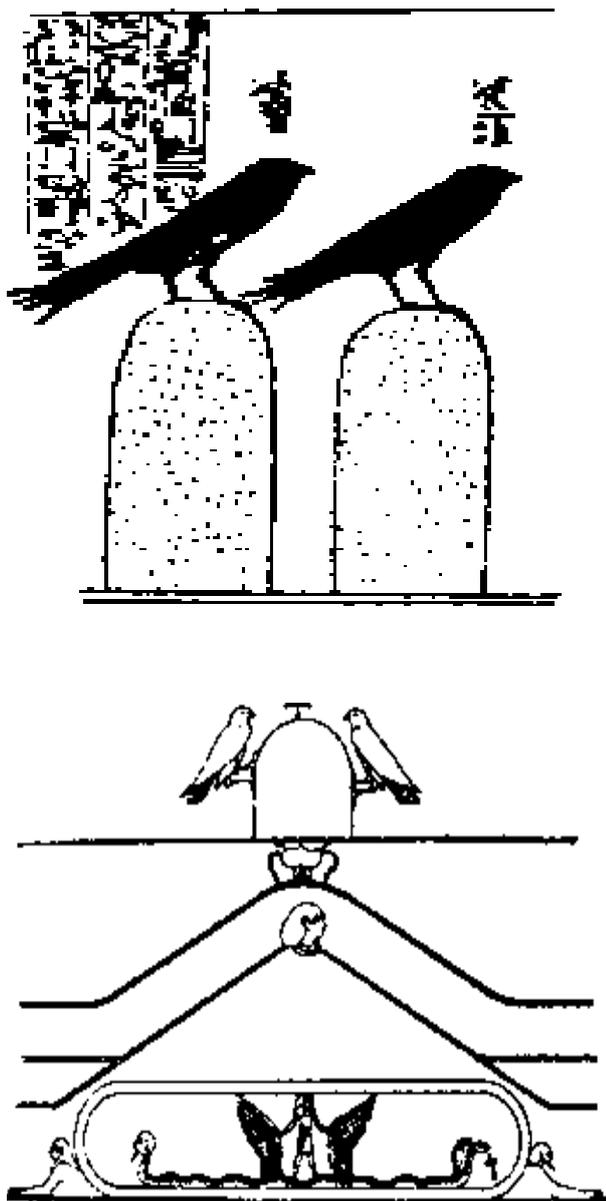
Ao estudar os dispositivos antigos de cálculo, descobri que eram também para obter respostas Oraculares. É esta a origem de muitos instrumentos Oraculares usados ainda hoje, como tabuleiros ouija... A roleta de Delfos originalmente era um tipo especial de ábaco para calcular em termos de ângulos.

As seguintes informações de Stecchini sobre a história do Argos, são surpreendentes e instrutivas:

É muito revelador que a linha de referência fosse marcada ao largo do paralelo $45^{\circ} 12'$ ao norte, na porção setentrional do Mar Negro. Essa linha de referência tinha início na embocadura do Danúbio, atravessando a Criméia e terminando no sopé do Cáucaso. A partir de sua base, foi efetuado um levantamento na Rússia, a uma extensão de 10 graus, juntamente com os três meridianos que formavam os três eixos do Egito, até a latitude $55^{\circ} 12'$ ao norte. O rio Dnieper era considerado uma contraparte simétrica do Nilo, correndo entre esses mesmos meridianos. As posições-chave ao longo do curso do Dnieper eram identificadas com as correspondentes posições-chave ao longo do curso do Nilo. a ponto de serem transferidos para a Rússia os nomes de lugares egípcios. A informação sobre a existência desse sistema geodésico é dada pela descrição de um mapa da Rússia que o toma por base. A descrição do mapa indica que ele foi usado no final do sexto século a.C, mas o mapa pode ser mais antigo; em qualquer caso, existem outras

fontes de informação a respeito da linha de referência indicando que, em tempos bem mais antigos, ela era marcada.

No maravilhoso livro de Tomkins e Stecchini há algumas fotografias e desenhos excelentes de pedras-ônfalos, extremamente úteis para se tentar compreender todas essas questões. Faz toda a diferença ver a natureza fantástica desses objetos, representações que são de uma ciência antiga muito desenvolvida, e que há bem pouco tempo ainda era completamente desconhecida. Elas são reproduzidas aqui nas Figuras 36 e 37 e nas Pranchas 14 a 19.



É também interessante notar, pela relação com as arcas de Noé, de Ziusudra (ou Utnapishtim), de Deucalião e com o Argos — todas as embarcações enviam pássaros sobre as águas (assim como os pássaros de Tebas) — que o hieroglifo padrão egípcio para o traçado de paralelas e meridianos é, como vimos, dois pombos frente a frente. Stecchini diz: "Na religião do Velho Reinado (do Egito), Sokar é um importante deus da orientação e dos cemitérios. O deus e o ponto geodésico eram representados pelo objeto de pedra que os gregos chamavam de omphalos, 'umbigo'; é um hemisfério (o hemisfério norte) situado sobre um cilindro (os fundamentos do cosmo). Geralmente, em cima de Sokar, assim como em cima de qualquer ônfalo, há uma representação de dois pássaros que se defrontam; em uma iconografia antiga, esses pássaros, geralmente pombos, são um símbolo padrão da extensão dos meridianos e paralelos".

Até outros pontos de união egípcios existem com as narrativas gregas e do Oriente Próximo, em que se soltam pássaros do navio para encontrar a montanha do centro oracular.

A "árvore-código" também estava provavelmente associada com os centros de oráculos. Dodona possuía o seu carvalho. Delfos estava associada ao loureiro. E sabemos, pelas Elegias do poeta Teognis (5-8) do século VI a.C. e pelos Hinos de Homero, que o centro de oráculos de Apolo, em Delos, associava-se especificamente à palmeira. Qualquer lugar no Líbano, é claro, como o Monte Líbano e Sídón, possivelmente seu centro relacionado, estaria associado aos famosos cedros, que conhecemos também no Épico de Gilgamesh, por ter, esse herói, estreitos vínculos com a exploração dos cedros na "Montanha do Cedro", no Líbano. Com a reunião de um esquema de árvores, defrontamo-nos com problemas consideráveis, mas isso é apenas o começo.



Figura 38. Cena mitológica, que acontece em um centro de oráculos, de uma pintura em ânfora, escavada em Ruvo. À direita, na parte superior, o deus Apolo está sentado com o seu arco, indiferente ao fato de que o jovem guerreiro, Neoptolemo (no centro, com a espada na mão), filho de Aquiles, foi ferido e está esperando receber o golpe mortal em um combate. O tema da palmeira de Delos/Mileto, está em destaque à direita, e no fundo há um templo com suas portas, adornadas com marfim, abertas. Uma mulher, provavelmente a sacerdotisa da Pítia, à esquerda superior, recua com horror. O principal ponto de interesse na cena é a representação em detalhes da pedra-ônfalo, em Delfos, no primeiro plano ao centro. É coberta com filamentos que representam as longitudes e, em sentido horizontal, é dividida em latitudes, com graduação uniforme, correspondendo ao esquema do oitavo se encontra sobre um montículo, de folhas metálicas onduladas, evidentemente conectando um botão que brota da Terra.

Muitas informações sobre o "alfabeto das árvores" são encontradas no livro *The Greek Myths*, de Robert Graves e muito mais ainda em sua obra *The White Goddess* (A Deusa Branca). O salgueiro estava associado ao cemitério da Cólquida e à ilha de Aea de Circe (cuja localização é desconhecida), mas na tradição está particularmente ligado à ilha de Creta. Entretanto, esse assunto deve ser abordado em outro momento, para não provocar a explosão desse livro, com excessiva miscelânea, como se fosse um balão cheio de ar. Robert Graves informa-nos que o centro de oráculos de Hebron — que se encontra na mesma latitude de Behdet e parece ser a sua contraparte oriental — estava ligado à árvore santa, ou acácia silvestre, "a espécie com flores douradas e espinhos agudos... É ela... a Sarça Ardente em que Jeová apareceu a Moisés". Graves acrescenta: "A acácia é ainda uma árvore sagrada no Deserto da Arábia e quem quebrar um de seus galhos supostamente morrerá em um ano".

Seu simbolismo em relação ao mistério de Sírius é um ato de puro gênio e é elucidado graficamente por Teofrasto: "Há duas espécies, a branca e a negra; a branca é fraca e cai com facilidade, a negra é mais forte e tem menos probabilidade de cair...". Um símbolo perfeito de duas estrelas, sendo a "negra", Sírius B, "forte" para seu tamanho em comparação com a branca, Sírius A. Ainda a respeito dos salgueiros, diz-nos Teofrasto: "Há aquele, chamado de salgueiro negro... e o chamado de branco... A espécie negra possui ramos mais belos e resistentes... Há uma forma (anã)".

Resumo

A outra estrela árabe, chamada "Peso", situava-se na constelação de Argos. Vemos, porém, que a nau Argos estava associada a Sírius, assim como estava a primeira estrela denominada "Peso" da constelação de Cão Maior e uma companheira visível de Sírius. Se efetuada uma projeção do Argos sobre o globo terrestre, com o seu leme próximo da antiga cidade egípcia de Canopo na costa do Mediterrâneo (a estrela Canopo forma o leme do Argos no céu) e

com sua proa voltada para Dodona (de onde veio a peça de carvalho colocada na proa do Argos), e se posicionada a popa firmemente sobre Canopo, mas girando o navio para leste, na parte superior, de modo que a proa aponte para o monte Ararat, supostamente o local de aterrissagem da arca de Noé, descobre-se então que a arca descreve um ângulo de 90°.

Em vez de Canopo, deve-se realmente utilizar uma localidade vizinha dessa cidade, hoje totalmente desaparecida, Behdet, que foi a capital pré-dinástica do Egito, antes da fundação de Mênfis.

Dodona encontra-se exatamente a 8° de latitude norte de Behdet. Delfos situa-se exatamente a 7° ao norte de Behdet. Delos (outro importante centro oracular antigo, desaparecido nos períodos gregos clássicos) situa-se exatamente a 5° ao norte de Behdet. Behdet era o Greenwich do mundo antigo, antes de 3200 a.C.; utilizada como uma das sedes geodésicas.

O sítio de Metsamor estava associado ao vizinho monte Ararat, como um centro de mistérios, atualmente pouco conhecido. O monte Ararat situa-se a 8° ao norte de Behdet e no mesmo paralelo de Dodona.

Um sítio, em Citera, é conhecido pelos vínculos com o Egito dinástico, como um antigo centro religioso, e situa-se a cerca de 5° ao norte de Behdet. A ilha de Terá, no entanto, pode ter sido um centro oracular. Foi destruída por uma famosa erupção vulcânica nos períodos minóicos.

Foi-nos revelado que todas essas cidades formavam um padrão, hoje denominado de "oitava geodésica", mediante uma projeção do Argos sobre o globo terrestre que, por sua vez, está ligado a Sírius. Sírius não só era um elemento das mais sagradas tradições dos dogons e dos antigos egípcios, mas aparentemente de todo o mundo mediterrâneo civilizado e cosmopolita anterior a, pelo menos, 3000 a.C. e provavelmente bem antes de 3200 a.C.

A criatura anfíbia, Oannes, que trouxe a civilização aos sumérios, algumas vezes é equiparada ao deus Enki (Ea) que regia a estrela Canopo do Argos. Enki é o deus que dorme no fundo do abismo das águas, um remanescente de Oannes, que se retirava para o oceano à noite. Enki também é o deus responsável pela arca

naquelas primeiras narrativas dos sumérios e babilônios, que deram origem à arca bíblica e à história do dilúvio.

Afirma-se que a "arca grega" tenha aterrado tanto em Dodona como em Delfos. Uma "arca" foi carregada em procissão em Delfos.

Em Delfos e em Delos, existem pedras-ônfalos ("umbigo") sobreviventes. O ônfalo próximo de Cnossos situa-se a 4° ao norte de Behdet. Sabe-se, por intermédio do Hino a Apoio, de Homero, que os minóicos (antes de 1200 a.C.) "levaram Apolo de Cnossos a Delfos".

A reforma do faraó egípcio Akhenaton foi, ao menos em parte, geodésica, explicando a mudança para sua cidade capital. Pode ter sido seu desejo retomar ao sistema "puro" dos períodos pré-dinásticos.

Heródoto conta-nos que Dodona (de acordo com suas sacerdotisas, que ele conhecia) foi fundada a partir do Egito — em especial a Tebas egípcia. A localização de Tebas era equidistante a Dodona, onde a arca grega aterrou, e ao monte Ararat, onde a arca dos hebreus aterrou. Os três pontos, quando ligados, formam um triângulo equilátero sobre o globo terrestre. Além disso, segundo Heródoto, o Oásis de Siwa, com seu oráculo de Amon, foi fundado a partir de Tebas. Este centro, situado no oásis, e Tebas ficavam equidistantes de Behdet. Portanto, no antigo Egito eram efetuados levantamentos geodésicos de imensa precisão, com o conhecimento de que a Terra era um corpo esférico no espaço e as projeções sobre ela eram consideradas uma parte das instituições que incorporaram a tradição de Sírius para a posteridade.

Suplemento (1997)

Nenhum aspecto me interessa mais, em termos de pesquisa sobre o mistério de Sírius, que o geodésico, incluindo as Oitavas Oraculares. Este tema foi um pouco mais ampliado em uma seção sobre os centros de oráculos em meu livro *Conversations with Etenüty* (Conversas com a Eternidade), publicado em 1984. Alguns

aspectos adicionais a esse respeito também foram abordados em notas da minha tradução para o inglês do Epic of Gilgamesh (Épico de Gilgamesh). Porém, a maior parte encontra-se em um trabalho adicional não publicado e ainda incompleto, em razão da falta de fundos para financiar expedições para lugares muito distantes e extensos. Por exemplo, acredito conhecer agora a localização original do primeiro Oráculo de Dodona, situado um pouco além, subindo a montanha, do local clássico (a exemplo da localização original de Delfos que fica duas milhas adiante do sítio visitado pelos turistas). Entretanto, para realização de uma inspeção seria necessário mais que uma simples visita e envolveria, no mínimo, uma pequena equipe.

Em 1979, meu amigo Randy Fitzgerald e eu instituímos uma fundação americana para angariar fundos para a realização de pesquisa adequada sobre a geodésica antiga, entre outras coisas. Mas não tivemos êxito e a nossa fundação foi fechada. Na época, alguns especialistas altamente qualificados estavam preparados para nos auxiliar; no entanto, nem sequer podíamos cobrir suas despesas. De vez em quando, milionários excêntricos ocuparam meu tempo cogitando financiar algumas pesquisas sobre o Mistério de Sírius, mas sempre acabavam revelando seus caracteres fúteis. Existe algo nas pessoas muito ricas que faz delas uma total perda de tempo; são como uma espécie de aves-do-paraíso superdotadas, cujas penas coloridas são exibidas em alguma floresta distante onde só os macacos podem vê-las. E o mais estranho é que ao lidar com ricos, quem ficou mais pobre fui eu. Eles sugam o dinheiro de seu bolso por meio de um mecanismo de vácuo, assim nunca é repostado. Começam por lhe oferecer algumas vantagens, talvez uma passagem gratuita para ir ao seu encontro, ou algo parecido. Mas o generoso sempre se transforma na necessidade de se gastar mais dinheiro com eles.

Assim, receio que a maior parte de meu estudo adicional sobre o tema permaneça em seu estado incompleto, tendo em vista a impossibilidade de continuar as pesquisas apropriadas. Simplesmente não é possível estudar geodésica sem fazer longas viagens, além de ser necessário estar com as pessoas certas, um

pesquisador, por exemplo. Seria inútil solicitar o apoio de uma fundação, pois todos esses órgãos levantariam as mãos para o alto para expressar seu horror, feito virgens prestes a serem violadas, só porque a pesquisa está vinculada a um tema respeitável, ou seja, extraterrestres, cuja simples menção significa a condenação de todo um trabalho intelectual por ser considerado absurdo, enquanto seu autor seria rotulado de insano. (Vários dos meus inúteis amigos me deixaram completamente de lado, após a publicação de O Mistério de Sírius, só porque as discussões sobre a vida extraterrestre não são socialmente aceitáveis e, claro, eu era um louco perigoso.)

Há, ainda, um acréscimo crítico a ser feito ao tema aqui proposto, mas para realizar uma pesquisa completa o número de viagens necessárias dobraria, o que, de imediato, nos faria desistir por enquanto. Diz respeito à China e, se considerado, será realmente possível "lidar com" as Oitavas Oraculares do Mediterrâneo.

Quando escrevi O Mistério de Sírius, não havia ainda iniciado minha longa e fascinante associação com Joseph Needham e, por essa razão, não percebi o que estava em vias de discutir. Na realidade, somente algumas poucas pessoas no Ocidente — ou até na China, em relação ao assunto — ouviram falar a respeito do que vou abordar adiante.

Por volta de 1982, encontrei, pela primeira vez, Joseph Needham, de Cambridge, cujos escritos já lera em 1963 e, portanto, sabia muito bem quem ele era desde aquela época. Hoje, ele é falecido, mas talvez tenha sido o maior estudioso da área depois de Edward Gibbon, autor de *The Decline and Fali of the Romam Empire* (O Declínio e a Queda do Império Romano). A enorme obra de Joseph, *Science and Civilisation in China* (Ciência e Civilização na China) chegou quase a vinte volumes, na época, e as partes não publicadas ainda estão sendo examinadas por uma grande equipe de colaboradores. Minha associação com Joseph foi um pouco diferente do relacionamento que tive com seus "colaboradores oficiais". A tendência desses colaboradores era a de serem acadêmicos, muitas vezes em universidades distantes, de diversos países, além de serem sinólogos "de carteirinha". Tive um

relacionamento mais livre com Joseph e sua colaboradora chinesa, Lu Gwei-Djen, que por fim veio a se tornar sua segunda esposa. De fato, mantive com Gwei-Djen uma amizade mais estreita que a mantida com Joseph, pois ele era um tipo de pessoa distante, enquanto Gwei-Djen e eu compartilhávamos o mesmo senso de brincalhão que sempre nos levava às gargalhadas. Ela era realmente maravilhosa. Todos nos divertimos muito em viagem que fizemos juntos para a China em 1986. Ela faleceu antes de Joseph, tendo sobrevivido só com um pulmão durante duas décadas, de modo que sua respiração era sempre curta e um tanto sibilante; conseqüentemente, suas gargalhadas sempre terminavam em falta de fôlego.

Ela adorava provocar as pessoas que julgasse obtusas e presunçosas, algo que muitas vezes trouxe dificuldades para a minha vida porque, muitas vezes, ela provocou e insultou alguns de seus mais pomposos colegas, dizendo-lhes que não estavam à altura de Robert Temple, o que, é claro, desencadeou o ódio deles contra mim. O pior mesmo aconteceu com o falecido Colin Ronan, encarregado de todas as fotos e ilustrações armazenadas no Needham Research Institute, que maldosamente me negou acesso a elas, quando eu compilava e ilustrava o livro com Joseph! E quando minhas próprias fotos foram publicadas por Joseph, Colin apagou das fotos os créditos que me cabiam. Uma mostra de quão mesquinho e patético era. Felizmente, tive o auxílio da jovem bibliotecária da época, Carmen Lee, que me entregou as fotos e ilustrações às escondidas depois da saída de Colin que, à tarde, ia para casa e gostava muito de contornar os "acidentes de percurso" do meu trabalho. A reação de Gwei-Djen a tudo isso era simplesmente escarnecer e abusar muito mais de Ronan, mostrando desdém por ter ele descido tanto em sua mesquinhez, o que só fazia aumentar a determinação de Ronan em me frustrar a todo custo. Às vezes, nossos amigos sabem como piorar realmente as coisas para nós! Apesar da desagradável situação, a vantagem era ser também muito hilariante, porque os esforços de Ronan em bloquear meu trabalho constituíam na verdade uma espécie de farsa dos irmãos Marx. De modo muito semelhante ao

besouro que roda uma bola de estêreo morro acima, eu nunca deixei de me surpreender com a espantosa energia que Ronan empregava nessa atitude inteiramente negativa — consumindo grande parte de suas horas de vigília. É realmente espantoso como as pessoas podem tornar-se obcecadas com o seu antagonismo na exclusão de um trabalho produtivo.

Mesmo sendo vítima dessas campanhas, o que muitas vezes aconteceu, não posso deixar de rir do ridículo a que se expõem as pessoas que perdem tempo com isso. No entanto, aprendi que existe uma grande perversidade na natureza humana, determinado que não seja raro que alguém, ao invés de se dedicar a uma atividade construtiva, faça-o a uma atividade destrutiva. Para os construtores, e não para os detratores, tal mentalidade insensata sempre será incompreensível, mas nós a ignoramos por nossa conta e risco. A origem do problema está na vaidade pessoal: se eu não sou capaz, não — será. Ou: talvez eu seja inferior, mas nivelando-me posso não parecer tão insignificante. Vaidade, pura vaidade, é a base de todas as coisas erradas no mundo. E riem-se aqueles que conseguem em maior ou menor grau, dessa sufocante falha humana. Por exemplo, a vaidade estava tão ausente quanto o sol nascente da montanha. E o mesmo era verdadeiro para ele, era até mais reservado, mas o fazia balançar como uma bola prestes a rolar encosta abaixo, e às vezes até caía da cadeira quando a gente fincava os dedos em suas costelas, fazendo-o morrer de rir, enquanto o rosto de Joseph parecia se fender ao meio como uma montanha. Não é, Joseph? Não é? Ele voltava os olhos amorosamente para ela e concordava, dizendo que sim, que era aquilo mesmo, transmitindo-lhe calor enquanto ria, quando ela zombava impiedosamente das loucuras de seus conhecidos; e como ele nominalmente não abandonava seu trabalho para fazer isso, divertia-se indiretamente com essa maliciosa digressão. Mas, basta de Joseph e Gwei-Djen. Só quis pintar o cenário da minha amação da época.

Minha tarefa era escrever um livro popular sobre a história das invenções chinesas, anunciado já em 1946, por Joseph, que tencionava escrevê-lo, mas nunca tivera tempo. Gwei-Djen foi a

grande defensora para que me fosse atribuída essa tarefa, argumentado com Joseph, que concordou, que tendo passado dos 80 anos, ele simplesmente não conseguiria escrever um livro sozinho. Assim, passei a ler tudo o que Joseph havia escrito (com exceção de seu primeiro trabalho sobre embriologia), até mesmo o material manuscrito e não publicado. Devo ter lido, pelo menos, oito milhões e meio de palavras nos escritos de Joseph. Não havia tempo para fazer anotações; assim fiz algo mais simples que foi lembrar-me de tudo. Mas isso significava que devia lembrar também os "dados de rastreamento", ou seja, ser capaz de abrir a página certa, do volume certo, para juntar os fragmentos de cada assunto, pois o princípio organizacional de Joseph era totalmente incompatível com o meu (algo como duas linguagens diferentes em dois computadores). O resultado foi o meu livro, originalmente intitulado na China britânica: *Land of Discovery and Invention* (Terra da Descoberta e da Invenção) e, na América, *The Genius of China* (O Gênio da China). A obra foi, mais tarde, republicada na Grã-Bretanha com o título de *The Genius of China*.

Enquanto verificava todo o material de Joseph, li um de seus mais obscuros artigos, publicado em 1964. Era intitulado "A Linha do Meridiano do Oitavo Século: Cadeia de Gnomons de I-Hsing e a Pré-história do Sistema Métrico" e foi escrito em conjunto com Gwei-Djen, outra sinóloga e três astrônomos. Discuti esse tema surpreendente algumas vezes com Joseph e ele concordava que, se nós pudéssemos visitar (naquela época, ele não podia estar incluído em "nós", por estar muito velho para fazer tal viagem) os locais e realizar um estudo apropriado de campo sobre o fenômeno geodésico, seria um projeto incrível que traria grandes e fascinantes descobertas. Joseph sempre quis realizar esse projeto, desde a década de 1960, mas nunca teve a oportunidade, em razão, é claro, da loucura do processo de dez anos da Revolução Cultural, na época, quando viajar para o lado chinês era absolutamente impossível, até mesmo para ele, um amigo de Chou-En-Lai. Depois que Joseph descobriu a Linha do Meridiano quase vinte anos passariam até que uma pesquisa geográfica fosse remotamente possível. Nessa época, Joseph já estava muito

velho para um projeto tão exaustivo.

O grande matemático e astrônomo do século oitavo, I-Hsing, é um dos meus favoritos, e também de Joseph, na história da ciência chinesa. Porém, transformando a grafia de seu nome pelo moderno sistema Pinyin, passarei a chamá-lo de Yixing. (Em meu livro sobre ciência chinesa, preservei as grafias antigas do sistema de Wade-Giles, porque estão de acordo com os volumes do próprio Joseph e da maioria das publicações eruditas.) Na citação do artigo de autoria de Joseph, de Gwei-Djen e seus co-autores, a seguir, informarei também os nomes chineses na grafia Pinyin. O peculiar uso de datas de Joseph também foi alterado, visto que ele se recusava a empregar d.C. e a.C., mas insistia no uso de sinais de mais e de menos, o que só serve para confundir as pessoas!

Seguem, então, alguns excertos do artigo e, praticamente, todas as observações explicativas sobre os objetivos e usos do sistema também passíveis de serem aplicadas às Oitavas Oraculares do Mediterrâneo:

O significado fundamental da introdução do sistema métrico é ter sido a primeira tentativa de definir as unidades terrestres em termos de um valor cósmico invariável... esse sistema teve sua origem na necessidade imposta pelo desenvolvimento do pensamento científico em relação ao imutável e, ao mesmo tempo, às unidades convenientemente relacionadas de medida física. E elas sugerem que tal necessidade só foi atendida na última década do século XVIII d.C. o que pode ser verdadeiro o suficiente para a Europa, mas... uma aproximação dessa unidade imutável foi efetuada na China, na primeira década daquele século. Além disso, como ocorreu com muitos desenvolvimentos pós-Renascença, houve primitivos aspectos históricos desse vínculo celestial-terrestre: de fato, já é possível encontrar no século VIII d.C. na China, uma tentativa em ampla escala para estabelecer essa unidade.

Um grande passo foi dado ao surgimento da idéia de fixar as medidas-extensões terrestres em termos de unidades

astronômicas. Que isso tenha ocorrido aos estudiosos de certa forma se deveu ao fato de que a sombra do Sol lançada sobre um gnômon, ou ponteiro de relógio solar, de 8 pés, no Solstício de Verão tinha um comprimento conveniente (cerca de 1,5 pé) na latitude de Yang-cheng, o "Centro da Terra Central". [O nome chinês da China era "Reino Central".] Desde os tempos antigos, têm sido usados "gnômons" (tu giii), um sistema padronizado feito de cerâmica, terracota ou jade, com extensão equivalente à da sombra do solstício. Este era usado para a determinação da data exata do solstício de cada ano.

Foi uma idéia, por muito tempo acalentada, que a extensão da sombra solar aumentava uma polegada a cada mil lis [um // era uma medida comum de distância, na China — como a milha ou o quilômetro para os ocidentais — que infelizmente sofreu variações nos diferentes períodos da história chinesa, o que provoca muita dor de cabeça aos historiadores da ciência] para o norte do "centro da Terra", em Yang-cheng, e diminuía nas mesmas proporções quando se ia para o sul. Ao término do período Han (século III d.C), as medidas feitas até o extremo sul, até a Indochina, por exemplo, logo refutaram numericamente essa noção, mas não antes da Dinastia Tang (século VIII d.C.) quando uma iniciativa sistemática tentou abranger a ampla gama de latitudes.

Essa iniciativa visava a correlacionar os comprimentos das medidas terrestres e celestes pela descoberta de um número de lis correspondente a 1° de diferença na altitude da Estrela Polar (resultando na latitude geográfica da posição do observador) em termos de circunferência da Terra. A linha do meridiano, estabelecida para este fim, ocupa seu lugar na história entre a linha do meridiano de Eratóstenes (aproximadamente 200 a.C.) e a dos astrônomos do Califa al-Mamun (aproximadamente 827 d.C.) - Seu exame detalhado é o tema deste estudo.

A essa altura já é possível perceber a importância do projeto chinês e sua relação com nossas Oitavas Oraculares, mencionadas anteriormente, e totalmente desconhecidas para

Joseph. Isso porque quem se deparar com as Oitavas Oraculares imediatamente imaginará: "Por quê?" — Por que ir a cimos de montanhas tão distantes e regiões remotas, por que marcar essas extensas séries de linhas de latitude, por que enfrentar essa incrível dificuldade — tudo isso para quê?

Quando se vê o assunto sob o ponto de vista de Joseph em relação ao projeto chinês do século VIII, de repente se percebe que talvez tenha sido considerada valiosa a determinação do número de "milhas" (ou a medida de terras de sua preferência) em um grau de latitude, uma medida exata da circunferência da Terra e uma correlação precisa das "extensões das medidas celestiais e terrestres", nas palavras de Joseph. Mas há muito mais em jogo, como se verá:

Quando Liu Chuo, na primeira metade do século VII d.C., fez a afirmação falaciosa de que a alteração de 1° na extensão da sombra do Sol corresponderia a uma diferença de mil lis na distância, ele escreveu ao Imperador, como segue:

"Solicitamos que Sua Majestade aponte mecânicos hidráulicos e matemáticos para selecionar uma porção plana do país, em Henan ou Hebei, que possa ser mensurada por algumas centenas de lis para se escolher a verdadeira linha norte-sul, e determinar o tempo por meio de relógios d'água, para [estabelecer gnômons] em lugares planos [ajustando-os com] linhas de prumo, para acompanhar as estações, solstícios e equinócios, além de mensurar a sombra do Sol [em diferentes lugares] no mesmo dia. A partir das diferenças entre essas sombras-comprimentos, a distância em lis pode ser conhecida. Portanto, os Céus e a Terra não serão capazes de ocultar sua forma e os corpos celestes não nos impedirão de conhecer suas medidas."

O imperador Sui não deu ouvidos ao seu conselho. Foi essa a primeira sugestão de uma rede nacional, da qual se possui um registro textual, remanescente, mas o assunto data de muitos séculos antes na China. Needham e Lu traduziram uma seção relevante do Record of Institutions of the Zhou Dynast}' (Zhou Li) (Registro das Instituições da Dinastia Zhou — Zhou Li), compilado

até no século II a.C, mas contendo dados do período Zhou que o precedeu em vários séculos. Ele aborda:

... o método do molde da sombra do gnômon para medir "a profundidade da Terra" e estabelecer corretamente as sombras do sol. a fim de se descobrir o centro da Terra.

... O lugar [Suméria] em que a sombra do Solstício está a um pé e 5 polegadas é chamado de centro da Terra. Nesse lugar, o Céu e a Terra se unem. as quatro estações se entrelaçam, o vento e a chuva se unem e o Yin e o Yang se combinam.

Então todas as coisas prosperam e o território real pode ser ali estabelecido.

Por volta do século II d.C., Zheng Xuan afirmou que a sombra do Sol se alterava em uma polegada [chinesa] a cada mil lis na superfície da Terra [seguindo-se para o norte ou para o sul]. "Do lugar onde a sombra está a 1 pé e 5 polegadas seria [pensava ele] 15 mil lis ao sul do lugar diretamente abaixo do Sol [isto é, no Equador]. A Terra faz suas quatro excursões e as estrelas nascem e se põem dentro de uma faixa de 30 mil lis; portanto, obtendo-se a metade desse valor tem-se o centro da Terra."

Começamos a ver, agora, qual era a sua necessidade: amostras de extensões de sombra solar obtidas em uma longa faixa territorial, para o norte e para o sul, ao longo de uma série de linhas de latitude ascendentes e descendentes. Era talvez exatamente o que estava envolvido nas Oitavas Oraculares. Os centros de oráculos do Mediterrâneo também eram lugares "onde os Céus e a Terra se unem", segundo a bela expressão do documento chinês do século II a.C. Era essa a sua precisa finalidade: serem os 'umbigos da Terra' da região mediterrânea.

Quando os franceses escavaram a mais antiga das pedras-ônfalos de Delfos, também descobriram o nome Gaia ("a Terra") escrito sobre ela, juntamente com o símbolo E (veja Apêndice V).

Descobriram ainda que essa antiga pedra-ônifalo tinha um orifício no alto, como se dali uma fina haste metálica se projetasse, em algum momento. Minha sugestão é que representava ou de fato atuava como um gnômon, um fino pilar ereto que lançava a sua sombra a ser mensurada. (Esta é a origem dos obeliscos egípcios — gnômons que lançavam sombras mensuráveis.) Seria algo parecido com os relógios solares muito sofisticados, mas em vez de medir a hora do dia, estavam em jogo considerações muito maiores, como a circunferência da Terra, por exemplo.

Então, até que ponto chegaram os chineses nesse aspecto? Afinal, todo o sistema foi organizado entre os anos 721 e 725 d.C., durante o período da Dinastia Tang. Segundo as palavras de Needham e Lu e seus colegas:

... foram organizadas as expedições necessárias sob a direção do Astrônomo Real, Nangong Yüeh, e de um monge budista, Yixing, um dos mais proeminentes matemáticos e astrônomos desse período. Nossas fontes de informação a respeito são bastante extensas... As fontes dizem-nos que pelo menos onze estações foram estabelecidas, onde foram realizadas mensurações dos comprimentos das sombras, utilizando gnômons idênticos de 8 pés. A latitude dessas estações variavam de $17,4^\circ$ (Em Lin-Yi [perto de Hue no atual Vietnam]...) até 40° (em Wei-zhou, uma antiga cidade perto da moderna Ling-chiu, nas vizinhanças da Grande Muralha, em Shanxi do norte e quase na mesma latitude de Pequim). Havia ainda outro lugar mais distante ao norte, o país de Tieh-lo (Tolos), da horda de nômades turcos perto do lago Baical. Yang-cheng era uma localidade que, durante muitos séculos, foi a sede do observatório imperial da China. Embora não pertença à cadeia central de estações mensuradas, é o único lugar onde um dos gnômons originais de Yixing e Nangong Yueh ainda é preservado... No lado sul, ele contém uma inscrição denominando-o "Torre de Zhou Gong para Mensuração da Sombra Solar", conhecida por ter sido erigida em 723 d.C. A construção é feita de modo que no Solstício de Verão, naquela época, a sombra estendia-se

exatamente do topo da base pira-midal, e o declive do lado norte correspondesse exatamente à extremidade da sombra. Em períodos tardios, Guo Shou-Jing, Astrônomo Real da Dinastia Yuan [mongol], efetuou mensurações da sombra em Yang-cheng com um gnômon de quarenta pés de altura e uma escala de medidas de cerca de cento e vinte pés. Isso aconteceu por volta de 1270 d.C. e ainda permanecem intactas, no local, a maciça torre e a escala construídas nos períodos Ming que adotavam esses métodos.

Seguem mais alguns excertos do texto da Dinastia Tang (século VIII):

... seguindo para o sul, saindo de Yang-cheng, ao longo de uma estrada tão estreita quanto a corda de um arco, até o ponto diretamente embaixo do Sol [o Equador] não se chegaria a 5 mil lis. Os Membros da Comissão das Mensurações da Sombra, Daxiang e Yuan-Tai. dizem que em Jiao-zhou se observa que o pólo só se eleva acima da superfície da Terra um pouco mais que 20°. Olhando para o sul. no oitavo mês do mar aberto, Canopo está notavelmente elevada no céu. As estrelas nos céus, abaixo dela, são muito brilhantes e há muitas que são grandes e brilhantes, mas não estão registradas nos mapas e seus nomes são desconhecidos... [por outro lado] há o povo Guligan que vive ao norte de Uighurs, e habita o norte de Han-hai [Lago Baical], onde a grama é abundante e existem muitas ervas, além de serem produzidos ótimos cavalos capazes de cobrir várias centenas de // [em um dia]. Ao norte desse lugar, a alguma distância ainda está o Grande Mar [o Ártico]. Os dias são longos e as noites são curtas. Depois que o Sol se põe no céu, ainda há meia-luz e, caso se comece a cozinhar um carneiro, dificilmente sua parte externa estará cozida antes da aurora despontar ao leste... No décimo terceiro ano do período de reinado de Kaiyuan [725 d.C.], Nangong Yüeh. o Astrônomo Real, selecionou uma região de nível de chão. em Henan, e utilizando níveis de água e linhas de prumo, estabeleceu gnômons de 8 pés com os quais realizou mensurações. Começando em Baima Xien em Hua-zhou, ele descobriu que a

sombra do solstício na Suméria é de um pé e 5,7 polegadas. Começando pelo sul, da estação de observação de Hua-zhou, a 198 lis e 179 bus (fração de um //], eles alcançaram a antiga estação de observação em Jun-Yin Bien-zhou com seu gnômon: descobriu-se que ali a sombra do Solstício da Suméria situava-se a um pé e 5,312 polegadas. Mais uma vez, seguindo-se para o sul, a partir de Jun-Yi, a 167 lis e 281 bus, eles chegaram em Fukou Xien em Xu-zhou, o que dá um comprimento de um pé e 4,4 polegadas no Solstício da Suméria. Então, a 160 lis e Wobus ao sul de Fukou havia outro gnômon, em Wujin, perto de Shangtai no distrito de Yuzhou, que produz uma sombra de um pé e 3,65 polegadas no Solstício da Suméria. Ao todo, portanto, em uma distância de 526 lis e 270 bus, a diferença no comprimento da sombra era pouco mais de duas polegadas. Essa medida estava em total desacordo com a opinião dos antigos estudiosos de que, para uma distância de mil lis, no território real, haveria uma variação de uma polegada no comprimento da sombra.

A passagem continua dessa maneira até alcançar uma enorme extensão e então conclui:

Portanto, as diferenças na Sombra do Sol variam, a exemplo do ocorrido entre os Solstícios de Inverno e de Verão, também entre as latitudes norte e sul. Mas os antigos estudiosos equalizavam as diferenças em toda parte com um valor fixo em termos de // e, dessa maneira, falhavam em seu cálculo, que não era preciso. Da mesma maneira, o monge Yixing preparou o diagrama "Da Yen" além de "inverter o diagrama quadrado", abrangendo o mais extremo sul e até o mais extremo norte. Ele também fez vinte e quatro diagramas para investigar os cálculos dos eclipses solares e estabelecer os comprimentos dos bastões indicadores da clepsidra da noite [relógios de água]. Aqui, registramos os comprimentos das sombras em pés e polegadas de todos os centros de observação... [omitimos tudo isso]... Com base nas sombras do norte e do sul, Yixing fez as comparações e estimativas. Em termos aproximados, descobriu-se que a distância entre os pólos norte e sul era de pouco mais de 800 mil lis.

Isso é suficiente em relação aos detalhes das visitas às estações, medidas, etc. Apresentei os textos em ordem para que o leitor perceba o tipo de mentalidade dos antigos cientistas que visitavam uma longa série de estações de mensurações. Essas expedições de equipes de cientistas são semelhantes àquelas que se pode imaginar terem visitado os centros mediterrâneos. Mas, vejamos algumas conclusões de Needham e Lu:

A precisão obtida é um pouco estranha. Pode-se ver facilmente que é citado um cálculo dos comprimentos da sombra em que até três cifras significativas são realmente precisas... até 0,1 polegada ou quase uma parte em mil... Para permitir as divisões dessa insignificância, ou seja, cerca de dois minutos de arco, interpreta-se com alguma certeza de que teria, digamos, um centímetro cada divisão. Esse aumento exigiria um círculo de raio superior a dezessete metros, ou espaço, no mínimo, do tamanho de um grande corredor de palácio... Embora o comprimento da série central das estações seja de aproximadamente 150 a 215 quilômetros, se incluído um lugar mais ao norte, teria sido considerada uma linha não inferior a 3.800 quilômetros. Esse estudo deve ser considerado, sem dúvida, um dos mais notáveis da pesquisa de campo organizada, realizada em algum momento do início da Idade Média. Mesmo que as grandes distâncias das mais longínquas estações não tenham sido mensuradas, talvez não haja dúvidas de que as observações dos comprimentos da sombra do Sol eram efetuadas sistematicamente.

Começamos a ver, agora, a magnitude de um tal empreendimento, que rivalizava, nesse sentido, com as Oitavas Oraculares do Mediterrâneo.

A distância de 3.800 quilômetros é grande e cobria uma série de estações de observação em latitudes sucessivas. Portanto, esse impressionante projeto do século MIL serve-nos como um significativo exemplo de como seria e o uso das Oitavas Oraculares. Imaginem se todos os registros do projeto, em nosso poder, tivessem sido perdidos — restando o gnômon de Yang-

cheng e algumas poucas evidências de outras e de observação (e ainda assim, de fato, nada sabemos).

Todos foram destruídos. Como teríamos conhecimento desse incrível projeto em uma seqüência de mais de 3.800 quilômetros? Se alguém, como eu, surgisse afirmando que existiu um projeto desse tipo, ninguém teria acreditado, por parecer incrível demais para ser verdade. E mesmo sabendo que possuímos os textos comprobatórios, eles só vieram à luz muito recentemente, em 1964. Essa é uma situação parecida com a das Oitavas Oraculares. Reuni grande quantidade de evidências circunstanciais, e tão maciças a ponto de serem suficientes para convencer, sem refutações. Mas não possuímos um relatório oficial, como é o caso de alguns relatórios chineses remanescentes. Entretanto, esse exemplo chinês nos encoraja. Ele nos mostra que esses projetos gigantescos eram realmente organizados pelos antigos impérios e havia motivações para tanto. Omito neste livro todos os detalhes adicionais, como a disponibilidade ou outras tabelas trigonométricas, além do uso de dispositivos de "captação de sombra" para aperfeiçoar as extremidades indistintas das sombras solares, isso porque o Sol não é fonte de luz. mas um disco (seja qual for o caso, explicarei em meu próximo livro, que aborda alguns desses temas), e assim por diante. Não é necessário, nesta obra, entrar em mais detalhes. Needham e Lu também chegaram à outra margem de sua evidência disponível: "Yixing tentou derivar de suas mensurações um valor para a circunferência de uma Terra esférica? É impossível dizer... Embora não reste um registro de que Yixing tenha feito tais cálculos para obter seus dados sobre as dimensões de uma Terra esférica, certas escolas cosmológicas chinesas têm suposto, desde a Antigüidade, a sua esfericidade. Isso seria muito bem conhecido por ele. Além disso, seu conhecimento das astronomias hindu e helênica, obtido por intermédio de um estudioso budista, pode muito bem ter lhe dado informações sobre as estimativas anteriores relativas à circunferência da Terra. Portanto, não há razão para que Yixing tivesse hesitado em usar dessa forma os dados coletados por seus observadores. É difícil ver,

ainda, como ele poderia ter atribuído um constante // por grau, se não tivesse, ao menos, alguma noção anterior de que a superfície da Terra era curva".

E, assim, deixamos a China. Na época em que originalmente escrevi *O Mistério de Sírius*, não tinha nenhuma idéia sobre o projeto de Yixing no século VIII na China. Outra importante fonte de informação também não estava disponível então — a tradução para o inglês da *Geography* (Geografia) de Cláudio Ptolomeu (escrita no século I d.C). A única tradução existente havia sido publicada em Nova York, em 1932, mas em edição limitada a 250 exemplares. Entretanto, em 1991, a Dover Publications produziu um magnífico livro em brochura, em formato grande, a preços acessíveis, e agora está disponível para todos. É um livro estranho e insatisfatório. Ptolomeu tinha um caráter rabugento e lamuriante. Ele começa com protestos hipócritas de amizade e reconhecimento pelas realizações de seu predecessor, Marino, mas logo passa a reduzi-lo a frangalhos a desmerecê-lo. A maior parte do texto atual é dedicada a esse ataque contínuo feito a Marino, que foi acusado de todas as falhas, e Ptolomeu assume a postura de nos fazer acreditar ter sido o único geógrafo sensível que já existiu. O resto do livro é em sua maior parte, página por página abundante em dados. Parece que, sob diversos aspectos, Ptolomeu foi realmente mais científico e rigoroso que Marino, produzindo de fato alguns progressos científicos. Por outro lado, em algumas ocasiões, achei que Marino estava certo e Ptolomeu, errado. Entretanto como não possuímos a obra de Marino, nunca será realizada uma comparação verdadeira.

Existem vários pontos muito interessantes na obra de Ptolomeu sob o ponto de vista das Oitavas Oraculares. Sugeri que a linha de latitude Rodes, que corta através da ilha minóica de Terá, era um oráculo da lii central. Não poderia deixar de observar que Ptolomeu, muitas vezes, acerta a latitude de Rodes. Ele não deixa absolutamente nenhuma dúvida que tal paralelo era um dos fundamentais na antiga geografia. Por exemplo, no Livro I, ele menciona muitas vezes o paralelo e diz:

O paralelo que atravessa Rodes deve ser inserido, porque neste paralelo foram registradas muitas provas de distâncias e inseridas na relação correta com a circunferência do círculo maior, e para tanto adota-se Marino que, por sua vez, seguiu Epitecarto. Feito isso, assegura-se que a longitude de nossa Terra, que é a mais bem conhecida, estará na correta proporção com a latitude. Mostraremos, agora, como isso pode ser feito, abordando, primeiramente, enquanto for necessário, às propriedades de uma esfera.

E, em outra ocasião:

Somente o paralelo através de Rodes foi mantido [por Marino] na proporção correta com o seu meridiano e a circunferência do círculo equatorial.

Numerosas latitudes e longitudes de Ptolomeu são numericamente incorretas, como seria de se esperar. Mas como se verifica que "o paralelo de Rodes" é usado centralmente, por pelo menos dois predecessores mencionados, que lhe deram destaque, é confortante acreditar que o esquema das Oitavas Oraculares realmente tinha como finalidade ser um sistema de referência das latitudes para determinados fins. O tipo de uso referido por Ptolomeu é semelhante aos de Yixing.

A quantidade de dados reunidos no livro de Ptolomeu é absolutamente gigantesca, e estes foram obviamente extraídos de relatórios seculares de viajantes — às centenas. Deve ter havido, muito tempo antes de Ptolomeu, vastos repositórios de dados geográficos (muitas vezes conflitantes). Parecem ter sido escavados, às pazadas, para este livro e com bem poucos comentários. Não são de interesse específico a exatidão dos dados nem mesmo sua organização, mas seu volume total. Ptolomeu, claramente, extraiu informações em forma bruta e muitos outros, uma longa série de predecessores, tentaram organizá-las. Ele mesmo manuseou grande quantidade de mapas, portulanos (mapas de pontos costeiros de capitães marítimos) e auxílios cartográficos. Mas o que me surpreende é a imensa massa de dados armazenada por tanto tempo e preservada sem nenhuma

estrutura ou informação associada. É como descobrir uma pilha enorme de postas de cordeiro e tentar imaginar como seria um cordeiro.

Acredito que grande quantidade de dados indique um acúmulo contínuo e prolongado de informações geográficas surgidas à tona e à deriva. Em época muito anterior, esse tipo de informação foi aproveitado por um sistema de extrema criatividade; esquemas brilhantes, como o das Oitavas Oraculares deram forma a cada item, em particular. Mas esse sistema se perdeu totalmente. Os restos e escolhos que sobreviveram foram combinados aos relatórios tardios de viajantes (entre os quais, grande parte do que resultou da conquista do mundo conhecido por Alexandre, é claro), retardatários, como Marino e Ptolomeu, esforçaram-se para construir algo usando apenas suas noções geométricas e com a criatividade que puderam reunir. Mas está claro que, naquela época, a tradição perdera-se, e os homens andavam em busca de nomes de lugares, como se atravessassem águas menos profundas, enquanto flutuavam nas ondas os números de latitudes e longitudes — aflorando à tona e boiando como cortiças. Eles tentaram, com maior ou menor sucesso, estimar as distâncias pelos números de dias levados em uma viagem, e assim por diante (Ptolomeu estava sempre fazendo subtrações desses dias, de forma muito sensível, ressaltando que a travessia de desertos não era fácil, etc), mas não lidavam mais com um esquema de grandes proporções. Estavam improvisando. Havia atores sem o texto de roteiro, em posse apenas de algumas linhas de diálogos e muitas fantasias. Vale a pena ler Ptolomeu só para ver o que um colega podia fazer com uma massa de dados, sem princípios organizados, a não ser algumas poucas descobertas geográficas e uma dose inebriante de ceticismo. Nada mal. Mas também nada de particularmente bom.

Ofereço-lhes essas reflexões adicionais na expectativa de que sejam úteis. Se a fortuna favorecer, o tempo trará mais dados em sua maré que devolve os escolhos.

Capítulo Sete

As Origens dos Dogons

De volta agora a Hércules e ao número cinqüenta, encontramos um vínculo entre eles em Pausânias, Livro IX (27,5), quando esse autor discute uma cidade na Beócia, a região onde está situada Orcomenos. É a cidade chamada de Téspia, "abaixo do Monte Helicon", segundo suas palavras.

Ele prossegue:

Eles possuem um santuário de Héracles* (Hércules), onde uma sacerdotisa virgem serve até a morte. Isso é dito porque Héracles dormiu com as cinqüenta filhas de Téstio na mesma noite, com exceção de uma. Só esta se recusou a unir-se a ele. Considerando tal atitude um insulto, ele a condenou a ser sua sacerdotisa virgem por toda a vida. Ouvi outra lenda a respeito: que Héracles se deitou com as cinqüenta filhas de Téstio em uma mesma noite e todas lhe deram filhos homens, porém a mais jovem e a mais velha lhe deram gêmeos. Mas não consigo acreditar na outra história, nem que Héracles pudesse comportar-se de modo tão arrogante com a filha de um amigo. Mesmo quando ainda estava na terra, ele costumava punir os ultrajes arrogantes, particularmente os dirigidos à religião: portanto, seria muito difícil que tivesse fundado seu próprio templo, instituindo uma sacerdotisa como se fosse um deus. Mas, de fato, este santuário me pareceu mais antigo que os da época de Héracles, filho de Anfitrião, para pertencer a Idaian Dáctilo, chamado de Héracles, cujos santuários também descobri em Eritréia, na Iônia, e em Tiro.

Na realidade, até os beócios conheciam o nome, pois também eles diziam que o santuário de Mikalessian Deméter tem Idaian Héracles como seu patrono.

Levi, tradutor da obra de Pausânias para o inglês, acrescenta uma nota de rodapé dizendo que o santuário em Tiro é mencionado por Heródoto (2, 45) e também faz outras referências.

Em retorno ao amoroso trabalho de Hércules, espero que se tenha notado que Pausânias esclareceu, nessa narrativa, uma ligação entre o Oriente Médio e a importante cidade de Tiro, uma localidade afastada da costa do atual Líbano. Nessa localidade, pelo menos, existe alguma evidência desde os tempos antigos, que é o testemunho direto dos elos entre essas curiosas tradições eternas na Grécia, com relação aos cinquenta e suas contrapartes do Oriente Médio, ou de sua localização no Oriente Médio.

É válido, agora, examinar o que Robert Graves tem a dizer sobre essa narrativa. Graves chama Téstio pelo nome de Téspio e passa algum tempo ponderando sobre seu significado. Ele diz que significa "som divino", mas gostaria de poder encontrar um outro significado. Estou inclinado a me contentar com a grande ênfase em música, som e harmonia entre os antigos. Os gregos eram famosos por terem, por exemplo, considerado a música a mais elevada das artes e os pitagóricos fizeram da harmonia e dos números uma verdadeira religião. Em nossas considerações, já vimos o uso da oitava como um tema relevante e até mesmo como possibilidade de um vínculo entre omphalos e om — sendo a última a sílaba sagrada indo-ariana, coroada por suas qualidades de "som divino", sobrevivendo no "Amém" cristão e islâmico. Se estivéssemos em busca de uma palavra grega para escrever a sílaba sagrada om, poderíamos escolher o nome apropriado que significa "som divino": parece que este significado não é de forma alguma insatisfatório.

Graves diz-nos o seguinte:

O rei Téspio tinha cinquenta filhas com sua esposa Megamede (mega-Megela?), filha de Ameu, tão alegre quanto qualquer pessoa de Téspia. Com receio de um casamento inadequado, determinou que cada uma teria um filho de Héraclès [Hércules], que agora se empenhava na caça a um leão; porque Eleja estava hospedado em Téspia por cinquenta noites seguidas. [Note os cinquenta empregados aqui como uma sucessão de dias: dias, meses, anos. Estes podem tornar-se indistintos, enquanto os cinquenta permanecem. Você pode tomar minha filha mais velha, Procris, por sua companheira no leito, Téspio

assim lhe falou, de forma hospitaleira. Mas, a cada noite, uma de suas filhas visitava Héracles, até que todas se deitaram com ele. Alguns dizem que em uma só noite todas foram possuídas por ele.

É interessante notar que o nome Procris da filha mais velha significa "a primeira escolhida". Prokwssoí, uma forma estreitamente relacionada com o mesmo radical, significa: "percorre uma distância, a intervalos regulares, a passos". Ora, que nome poderia ser mais óbvio que o da filha mais velha pelos sobretons que contém e um significado claramente intencional, para enfatizar que as filhas não deviam ser consideradas indivíduos, mas expressões sucessivas de cinquenta períodos de tempo — e neste caso, períodos de vinte e quatro horas ou dias? Porém, a intenção evidentemente era ressaltar a seqüência de cinquenta períodos de tempo, personificados como as "filhas" que o onipresente Héracles possuiu e está ligado, sob muitos aspectos, ao complexo de Sírius.

Graves acrescenta: "As cinquenta filhas de Téspio — a exemplo das cinquenta danaides, palântidas e nereidas, ou das cinquenta donzelas com as quais o deus céltico Bran (Foroneu) se deita em uma só noite — devem ter sido uma sociedade de sacerdotisas que serviam à deusa Lua, a quem o sagrado rei, com pele de um leão, tinha acesso uma vez ao ano, durante as orgias eróticas ao redor de uma pedra fálica chamada Eros ('desejo erótico'). Seu número correspondia às lunações que caíam entre um Festival Olímpico e o seguinte".

Eis a irrepreensível deusa-lua de Graves — e também suas lunações! Ela as leva consigo onde quer que vá. Mas, infelizmente, a corajosa tentativa de Graves para encontrar um motivo lunar para o número cinquenta não é suficiente. Os Jogos Olímpicos eram, como ainda são, realizados a cada quatro anos e entende-se que as Olimpíadas, ou períodos de quatro anos, tenham começado em 776 a.C., uma data extremamente recente, em comparação com a extrema antigüidade dos "cinquenta" em todas as suas inúmeras ocorrências. Por exemplo, não existiam

Olimpíadas na época de Homero, quando "a saga do Argos estava na boca de todos", e os cinquenta múnias estavam a caminho de sua imortalidade no lugar que viria a ser o mundo ocidental. É muito maior a probabilidade de que um período de cinquenta lunações tenha sido modelado segundo uma antiga tradição — o período esotérico de cinquenta anos. Portanto, as seqüências de cinquenta meses e cinquenta dias provavelmente derivaram dessa emulação.

Suponho que o ciclo de cinquenta lunações, mencionado por Graves, seja idêntico ao período de cinquenta meses referentes ao reinado de um rei sagrado, supostamente a "metade de um Grande Ano de cem meses". Quem sabe com esses cinquenta, como metade de cem, não se queira representar, com a sua reduplicação, a proporção de dois para um, como a expressão de um conceito da oitava musical com sua proporção de dois para um?

Seria esta a razão para que o Argos esteja supostamente "inteiro no céu" (Arato), e, além disso, para que a constelação também represente apenas a última metade de um navio? Esta aparente contradição seria outra maneira de expressar a proporção dois para um?

Parece ainda significativo que cada período de cinquenta meses seja cuidadosamente especificado para constituir "um reino", ainda que seja apenas a metade do "Grande Ano". Poderia "um reinado" ser análogo a "uma órbita*", sendo o "Grande Ano" a projeção de duas órbitas para transmitir a proporção harmônica, de dois para um, de uma oitava? Ou se refere a uma órbita dividida por duas estrelas, Sírius B e Sírius A? Ou ambos os conceitos ao mesmo tempo?

Outra ocorrência de cinquenta e cem, juntos, é no caso dos três monstros nascidos de Urano, o céu, e Gaia, a terra. Seus nomes eram Coto, Briareu e Gige. De seus ombros brotaram centenas de braços e acima desses poderosos membros surgiram cinquenta cabeças unidas às suas costas. Por essa razão, eles eram chamados de Hecatônquiros ou Centímanos, conforme informação

confiável.

Esses monstros assemelham-se ao monstro Cérbero, o cão do Hades, originalmente, possuía cinqüenta cabeças. Mais tarde, a noção foi amplificada e ele passou a ter apenas três cabeças — presumivelmente na mesma razão que o número desses monstros era três e também para Hécate de quem Cérbero era o cão de estimação, além de uma forma Ísis-Sírius, cujo nome significa, literalmente, "cem", tivesse três caberia no arco de Sírius, no antigo Egito, em seu interior levasse três deusas. As palavras, provavelmente pela mesma razão os dogons insistem em três estrelas no sistema de Sírius. Durante alguns anos, a ciência astronômica foi contrária à existência de uma terceira estrela, e, se formativa. ela não provoca a perturbação que se afirmava antes das observações efetuadas pelo astrônomo Irving Lindenblad. Entretanto, a situação agora mudou drasticamente com a confirmação da existência de Sírius C.

Lembremo-nos de que, originalmente. Hércules teria comandado a expedição do Argos. Na versão de Apolônio Ródio, ele acompanha a expedição. Em Graves, lê-se outra exploração tradicional de Hércules no Mar Negro. Ele saíra "em busca do cinto de Hipólito no Mar Negro" e "o cinto pertencia a uma filha de Briareu ("forte"), um dos que possuíam Cem mãos..." e, é claro, também tinha cinqüenta cabeças. E note que seu nome é Forte! A palavra Ppiãpóc (briaros) significa "forte" e outra forma é ppiãpÓTrjç- (briarotês), que significa "força, poder", e uma forma relacionada é jipíOoç (brilhos), com o significado de "peso" e, ainda, ppiGoavvrij (brithosyné,) "peso". Onde já encontramos essa idéia antes?

Deve-se notar que Hipólito quer dizer simplesmente "soltar os cavalos". Na Cólquida, os cavalos do sol eram soltos todas as manhãs, por ser ali o seu estábulo, segundo a tradição grega. Um uso realmente peculiar da palavra hippopedé também existe com a acepção mundana normal de "uma peia de cavalo", no sentido cósmico. Aparentemente, segundo Liddell e Scott, esta palavra era usada pelo astrônomo Eudóxio (que foi para o Egito e já mencionado anteriormente) para designar a curva descrita por um planeta. Esse conhecimento nos é dado por meio de Simplicio em

De Caelo de Aristóteles, também por Proclo e Euclides. Duas fontes são melhores que uma. Haveria, provavelmente, mais ainda a ser descoberto, mas os textos necessários se perderam.

Examinando o nome grego Gige, um dos três monstros, entre os quais Briareu, verifica-se que seu significado tem a mesma origem de gygantelos, que deu "gigantesco" em português, mas o significado desta palavra não era, de forma nenhuma, simplesmente "gigante". Graves dá a Gige o significado de "nascido da terra"; outro conceito que esperamos que tenha ligação com o complexo de mitos de Sírius. Assim como após o dilúvio e a viagem da arca grega as pedras que Deucalião e sua esposa, Pirra, atiraram por cima dos ombros foram retiradas de sua mãe terra. Gaia, sendo também seus ossos, transformando-se em homens para repovoar a terra, e Jasão (e Cadmo) semearam dentes e destes brotaram "homens nascidos da terra", descobrimos que Gige é também "nascido da terra".

Da mesma forma, quando Gilgamesh semeou a força da terra e "seus dentes tremeram" no chão, descobrimos que gygas significa "poderoso" ou "forte", sendo também o termo empregado por Hesíodo para se referir aos "filhos de Gaia (Terra), que é o mais específico possível, porque nos dá uma ligação inegável e consciente entre "os filhos de Gaia" do Deucalião, "os descendentes de Gaia" surgidos dos dentes dos cólquidas e "os filhos de Gaia", uma raça de gigantes, e finalmente Gige, cuja mãe também era Gaia.

Não podemos esquecer que a palavra Gige, tanto quanto Briareu, pode significar "força" e "poderoso", ainda que uma nuance especial de significado seja acrescentada, como é o caso de força e poder extraídos do corpo da matéria degenerada. Afinal, a matéria superdensa é a "terra forte". É preciso lembrar ainda que Gige tinha cinqüenta cabeças.

Quanto ao nome Coto, o terceiro dos três monstros. Graves diz-nos que esta não é uma palavra grega (3, 1): "Coto era o epônimo [nome de pessoa atribuído a lugares] do ancestral dos cotienses, adoradores da orgíaca Cotito, que difundiram seu culto da Trácia

para todo o noroeste da Europa. Essas tribos são descritas como os homens com "cinquenta mãos", talvez porque suas sacerdotisas se organizassem em sociedades de cinquenta membros, como as danaides e nereidas; além disso, os homens organizavam-se em fileiras de combate em número de cem, como os antigos romanos".

É possível que o nome dos cotienses derive de uma palavra egípcia.

Talvez tenha sido Iqeti, que significa "remadores", sendo empregada para designar os "remadores divinos". Essa palavra, com um determinante diferente, e quando seu emprego não se aplicava a um homem, era a acção de "órbita", "revolução", "girar em torno". A palavra egípcia também designava um grupo de pessoas de uma região específica. Os cireao eram nativos de Qeti, que segundo Wallis Budge significava "O Cireao", ou seja, "norte da costa síria, perto do golfo de Issus e dos desertos entre o Eufrates e o Mediterrâneo".

Houve ainda um precedente egípcio para a atribuição do mesmo nome a um deus. Qeti é de "um deus do abismo", enquanto uma versão reduplicada do nome, em que há repetição da letra "f", como em Cotito, é de fato Qetqet, que é significativamente um dos 36 decanos. Além disso, Qetshu refere-se especificamente "ao nu" ou à "deusa Sírius",* que claramente parece ser um elemento orgiaco, pois segundo Graves, Cotito era uma deusa de orgias. Parece também muito claro que Coto seja de origem egípcia, designando inicialmente a órbita de Sírius B e, na era egípcia, o termo em particular passou a ser associado ao povo da Síria, que havia se deslocado para a Trácia, e até nos tempos egípcios todos os empregos do nome se referiam a um povo estrangeiro, a uma deusa orgiaca estrangeira e aos conceitos relacionados a Sírius, entre os quais, remadores e uma órbita, duas idéias já muitas vezes reunidas anteriormente. No Egito, descobri uma órbita designada por um nome que significa igualmente um remador divino. A palavra sobrevive em Coto de cinquenta cabeças. Cinquenta remadores, cinquenta anos em órbita, cinquenta cabeças do monstro de Sírius. Como é simples e elegante!

Sou grato ao meu amigo falecido Michael Scott que certa vez "remou" até Oxford para fazer uma excelente sugestão de que melhor analogia não poderia haver para um símbolo com o pretense significado de "um intervalo específico, seja de espaço ou de tempo" que o golpe do remo na água. Remar é precisamente uma disciplina rítmica, se praticada com seriedade, assim como nos tempos antigos, quando era um dos principais meios de navegação marítima, e o único confiável, se o vento falhasse, como muitas vezes acontecia. Também representa a autoconfiança que ilustra o movimento auto-impelido de um corpo no espaço, que está em órbita (ou parece ser auto-impelido).

Ressaltaria aqui que o nome mais antigo da figura, por nós conhecida como Hércules, segundo Robert Graves em *The Greek Myths* (Os Mitos Gregos) (132. h.), não era outro senão Briareu. E também soubemos que a forma mais primitiva de Jasão era Hércules (cuja forma mais primitiva era Briareu). Descobrimos, desse modo, que Briareu, com suas cinquenta cabeças, foi o mais antigo capitão do Argos com seus cinquenta remadores. Briareu, cujo nome significa "peso", e com um irmão cujo nome significa "remador" e "órbita".

Sem mencionar os três monstros, cada um com suas cinquenta cabeças, Gaia também deu à luz Garamas, que não apenas é um nascido da terra, mas também "surgiu da planície" como os homens nascidos da terra da Cólquida. "Os líbios, no entanto, afirmam que Garamas nasceu antes dos homens de Cem mãos e, ao surgir da planície, ele ofereceu à Mãe Terra (Gaia) um sacrifício de bolotas doces". Abolota do carvalho — os carvalhos são os representantes de Dodona, da peça de madeira da proa do Argos e do bosque da Cólquida!

Na nota de rodapé de Graves, temos a informação de algo com um significado realmente imenso para nós: "Garamas é o epônimo do Ancestral dos garamantes líbios que ocuparam o Oásis de Djado [veja porção superior da Figura 40], no sul de Fezzan, e foram conquistados pelo general romano Balbus em 19 a.C. Dizia-se que eles descendiam dos cushitas-bérberes e no século II d.C. foram subjugados pelos bérberes-lemta matrilineares. Mais tarde,

misturaram-se aos negros aborígenes da margem sul do Alto Niger, adotando sua língua. Sobrevivem hoje em um único povoado que se chama Koromantse".

Faz-se necessário ressaltar para o leitor alerta que a margem sulista do Niger é lar dos dogons! Devem ser investigadas, nesse mesmo lugar, as relações subsistentes entre esse triste e obscuro remanescente dos garamantes e seus vizinhos dogons, além de outras tribos. Pode-se descobrir também que os aldeões de Koromantse têm conhecimento sobre Sírius.

Em um mapa francês mais detalhado dessa área há um povoado chamado Korienze a apenas sessenta milhas de Bandiagara e no coração do país dos dogons; é situado no banco sul do Alto Niger e presumivelmente é a ele que Graves se refere.

Em alinhamento com essa importante descoberta, ressalto as palavras de Heródoto no Livro Dois (103 e 106): "É um fato indubitável que os cólquidas eram descendentes dos egípcios... os cólquidas, os egípcios e os etíopes são as únicas raças que, desde os tempos antigos, têm praticado a circuncisão. Os fenícios e os sírios da Palestina admitem que adotaram a prática do Egito, e os sírios, das imediações dos rios Termodon e Partênio, assim como seus vizinhos, os macronianos, dizem que a aprenderam há bem pouco tempo com os cólquidas. Nenhuma outra nação adota a circuncisão e todas essas, sem dúvida, seguem o exemplo egípcio".

A circuncisão é fundamental para a cultura dogon e constitui uma parte central do ritual da Sigui realizada a cada sessenta anos — e mesmo já tendo ressaltado tudo isso antes, a repetição não é demais.

É preciso lembrar que, em Argonáutica, os argonautas desviaram-se de seu curso para a Líbia, onde permaneceram algum tempo encahalados.

Em seu livro Herodotean Inquiries, (Indagações Herodóticas), Seth Bernadete fala dos Garamantes, aos quais dá o nome alternativo de Ganfasantes. Eles são descritos, em Heródoto, Livro Quatro (após verso 178), como habitantes da "parte mais afastada

da costa em direção sul, onde são encontrados os animais selvagens da Líbia". No verso 179, Heródoto liga a história de Jasão e os argonautas à Líbia à eventual fundação "de uma centena de cidades" no local. Os comentários de Bernadete (p. 122) em seu livro a visita do Argos à Líbia e à cidade líbia de Cirene:

Heródoto indica, a princípio, a estreita ligação entre Líbia, Egito, Cítia e Grécia. Os ancestrais dos fundadores de Cirene eram descendentes dos companheiros de Jasão, que navegaram para a Cólquida. originalmente uma colônia egípcia da costa leste do Mar Negro: e a terceira geração desses argonautas foi expulsa de Lemnos pelos próprios pelasgos, que posteriormente raptaram mulheres atenienses de Brauron, onde o culto de Artemis-Ifigênia era praticado, assim como entre os taurianos na Criméia; e afirma-se que Jasão foi desviado de seu curso em direção à Líbia. Cirene é o local onde as coisas egípcias se misturam, líbias e citienses. Sua fundação sugere um relato citiense de suas origens. Diziam que objetos dourados caíram do céu, e chamejaram quando os dois irmãos mais velhos de Colaxais deles se aproximaram. Contudo, foi o próprio Colaxais que conseguiu levá-los para casa. A esse celestial noirjidaTa [poiémata] correspondem os versos Oraculares de Delfos, tanto na versão tebana como na cirenaica, que sugerem o envio de uma expedição para estabelecer uma colônia na Libia.

Robert Graves obteve essa informação sobre o deslocamento dos garamantes para o Alto Niger, seguindo pela Líbia, em uma série de livros de Eva Meyrowitz, antropóloga que passou anos estudando a tribo akan de Gana, diretamente ao sul dos dogons. "O povo akan resulta de uma antiga emigração de líbios-bérberes em direção sul — primos da população pré-helênica da Grécia — partindo do oásis do Saara (veja 3,3) e dos casamentos, em Timbuctu, com negros do rio Niger". Timbuctu — ou Timbuctoo — é a cidade mais próxima dos dogons. Graves continua: "No século XI d.C. eles se deslocaram ainda mais para o sul para o lugar que hoje é Gana". Poderia ressaltar que a via de migração de Timbuctu

a Gana segue em linha reta pelo país dos dogons, cujo território fica diretamente ao sul de Timbuctu. Portanto, fica bem claro agora que os povos estreitamente ligados com a tradição de Sírius vieram da Grécia e da Líbia e dali para o sul do oásis líbio do Saara, seguindo mais para o sul, além do Saara, até Timbuctu e região dos dogons, onde se misturaram com os negros da região dogon, adotando sua língua, e por fim se tornaram indistinguíveis da população africana local, em aparência e linguagem, retendo, porém, suas antigas tradições como suas mais secretas doutrinas. A rota de migração é apresentada na Figura 40.

Há algo de incrível na sobrevivência dos argonautas nos obscuros recantos do Sudão francês. Esses povos, ao que suponho, compreendem também os dogons, assim como seus vizinhos sulistas imediatos (e, para os dogons, vender cebolas para Gana, faz parte de seu sustento), e parecem ser descendentes diretos dos gregos lemnianos, que afirmavam ser netos dos verdadeiros argonautas. Para dizer a verdade, quase nos causa verdadeiro espanto que no início deste livro apresentamos algumas considerações sobre uma estranha tribo africana, abordando, na seqüência, as tradições de Sírius semelhantes no Mediterrâneo, com origens no antigo Egito, retornando à tribo africana, para descobrir que se trata de uma descendente direta dos povos mediterrâneos familiarizados com o complexo de Sírius!

Posteriormente, mencionarei um pouco mais a respeito dos pelasgos que viviam na Arcádia e, segundo informações de Heródoto, não foram conquistados pelos invasores dórios da Grécia nos períodos pré-clássicos. Eles se encontram entre os principais povos que deram continuidade à tradição de Sírius e, aparentemente, foram forçados a deslocar-se. Não obstante, menciono-os agora a fim de apresentar informações mais relevantes no que se refere a essa ligação com a Líbia. Graves diz: "Segundo os pelasgos, a deusa Atena nasceu perto do lago Tritão, na Líbia" e: "Platão identificou Atena como protetora de Atenas, com a deusa líbia Neith... Neith possuía um Templo no Egito, onde Sólon foi bem tratado por ser ateniense... Sólon escreve: "As vestes e a égide de Atena foram emprestadas pelas mulheres

líbias..."... as garotas etíopes ainda usam esses trajes... Heródoto acrescenta aqui que os altos brados de triunfo, proferidos em honra a Atena nas alturas eram de origem líbia. Tritone significa "a terceira rainha". Mais uma vez se faz referência a três deusas. E lembremos que a Líbia era o santuário de Amon, equivalente ao oráculo de Dodona de Zeus, para onde os dois outros pássaros voaram da Tebas egípcia. Além disso, Atena, filha de Zeus, corresponde à filha de Amon, que é identificada com Zeus.

Atena era também conhecida como Palas Atena, pelas razões apresentadas por Graves. Ele acrescenta que "o terceiro Palas" era o pai "das cinquenta palântidas, inimigas de Teseu (veja 97.g e 99.a), que parecem ter sido sacerdotisas guerreiras de Atenas". Mais uma vez o número cinquenta.

Graves dá-nos algumas interessantes informações: "A cerâmica encontrada sugere uma imigração Líbia para Creta já em 4000 a.C. e um grande número de refugiados do Delta ocidental adoradores da deusa Líbia parece ter chegado ali, quando as regiões do Alto e Baixo Egito foram forçadas a se unir sob o domínio da Primeira Dinastia por volta do ano 3000 a.C. A Primeira Era Minóica teve início logo em seguida e a cultura cretense se disseminou pela Trácia e pela Antiga Grécia Heládica".

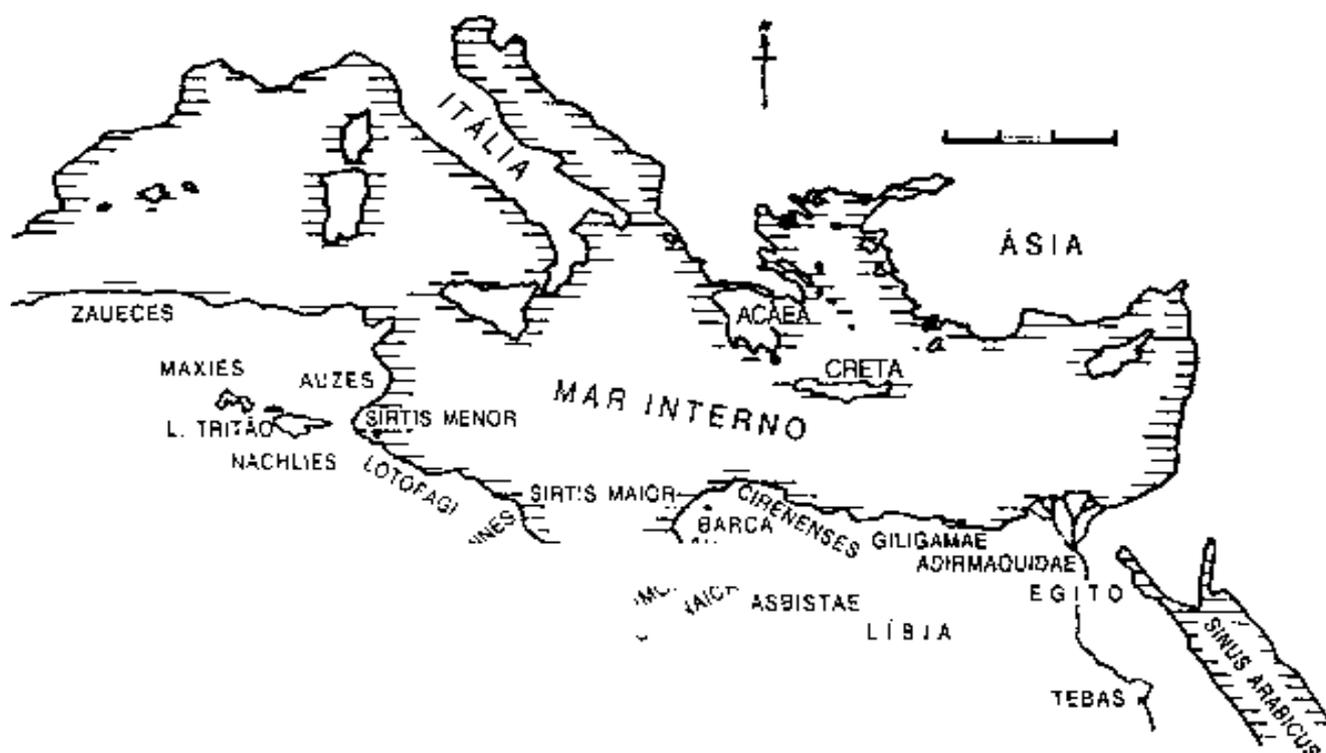


Figura 39. Distribuição das tribos líbias segundo Heródoto.

Ainda, uma vez mais, sobre o tema dos cinquenta, quero fazer notar mais algumas observações sobre Cérbero, o cão do Hades de cinquenta cabeças. Graves diz: "Equidna deu à luz uma terrível prole de Tífon, a saber...", etc. Lembremos que Tífon foi identificado com Píton no Hino a Apolo, de Homero, e em outros lugares; Píton era particularmente o monstro, morto por Apolo, segundo a lenda (conforme representação na Figura 41), cujo cadáver em decomposição jazia diretamente sob o oráculo de Delfos.

Graves continua: "Cérbero, associado aos dórios, com a cabeça de cão do Anúbis egípcio, que conduzia as almas para o Submundo, parece ter sido originalmente a deusa da Morte, Hécate, ou Hécabe; ela era representada como uma cadela porque os cães comem a carne de cadáveres e uivam para a lua... Outro, que gerou filhos [várias criaturas] em Équidna, era Sírius, a estrela-Cão, que inaugurava o Ano Novo ateniense. Como Jano, ele possuía duas cabeças, porque o ano ateniense reformado tinha duas estações, e não três". As três cabeças de Hécate, de Cérbero em sua forma simplificada, etc, possivelmente representam o antigo, o ano original que tinha três estações e iniciado no Egito, com as estações de: (1) sua inundação, (2) sementeira, (3) colheita, que eram tradicionalmente três. Mas parece improvável. Afinal, por que as três deusas navegavam em seu barco de Sírius nas representações egípcias que não tinham absolutamente nada a ver com o calendário? Em síntese, as três deusas e as três cabeças sempre têm algo a ver com Sírius e não são símbolos de calendário. Não obstante, por volta dos períodos tardios (pós-clássicos) de Atenas, explicações relativas ao calendário podem ter se tornado uma moda para explicar o que, de outra maneira, não teria explicação.

Figura 40. Rota de migração dos dogons.

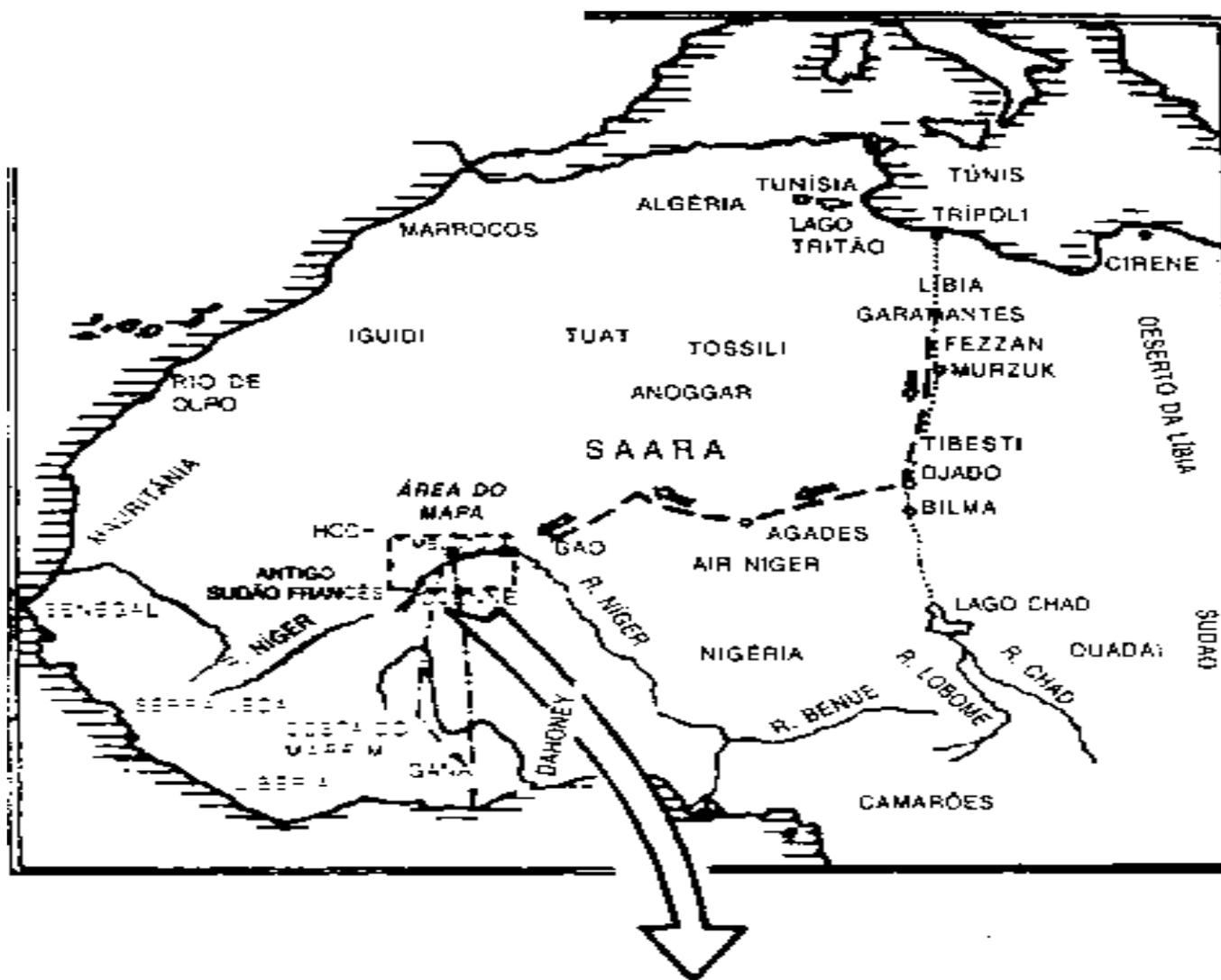


Figura 41. Artemis, em pé, enquanto o menino Apolo, no colo da mãe Leto, atira uma seta em Píton. Esta cena não ocorre em Delfos, mas em Delos, onde as palmeiras são as "árvores-códigos". Essa pintura em vaso ático proporciona importante confirmação de que a história, que supostamente teria ocorrido em Delfos, também estava ligada a Delos. Se Píton não estivesse só em Delfos, mas em Delos também, então Píton seria um conceito e não uma criatura. Esta constitui toda a evidência adicional da oitava oracular geodésica, englobando Delfos e Delos, que estão separadas por um grau de latitude. Delos tinha deixado de funcionar como um centro oracular por volta de 600 a.C, o que ajuda a avaliar a antigüidade do sistema, uma vez que na época de Grécia clássica não atuava como tal, quando Sócrates andava pelo Aora em Atenas.

Nas passagens anteriores, espero que o leitor tenha notado as informações específicas que ligam Anúbis (que logo de início identifiquei, totalmente, em seus distintos elementos, com a órbita de Sírius B) com a versão grega de Anúbis, Cérbero, com suas cinqüenta cabeças. Na tradição egípcia, não havia encontrado uma ligação específica entre Anúbis e os cinqüenta. E verdade que descobri que a palavra egípcia qeti significa tanto "remador" como "órbita", e, por serem sempre cinqüenta remadores nos barcos relacionados a Sírius, tanto na saga grega como na suméria, estamos no caminho certo para uma identificação com sólidas bases. Mas aqui, por fim, um vínculo específico vem à luz e seria uma esplêndida confirmação da minha identificação! E, além disso, vemos que o cão Orto, irmão de Cérbero, era especificamente identificado com Sírius. Portanto, descobrimos no mundo mediterrâneo todos os elementos da descrição do sistema de Sírius, que os dogons conhecem. Além disso, rastreamos todas as tradições e conhecimento dos dogons pela rota da Líbia, depois pelo oásis do Saara, em seguida, Timbuctu e finalmente na margem sul do Alto Niger e região dos dogons.

Portanto, em milhares de milhas e milhares de anos, descobrimos a origem dessa estranha tradição ainda intacta entre uma tribo nos

recessos da África. Porém, resta muito ainda a saber. É preciso examinar mais de perto a tradição mediterrânea e, particularmente suas mais antigas origens egípcias no indistinto mundo pré-dinástico de Behdet (que parece não ter sido escavada e presumivelmente se perdeu na lama do delta do Nilo).

O pai de Ortro, a Estrela Cão, e de seu irmão Cérbero, o cão de cinqüenta cabeças, era o monstro Tífon, há pouco mencionado (veja Figura 40 e adiante). E vale a pena examinar o que o dicionário de grego de Liddell e Scott tem a dizer sobre o significado do nome Tífon, além das formas relacionadas a esse vocábulo.

Uma das acepções de Τυφών (Typhon), curiosamente adequada, é a de "um tipo de cometa*" — em outras palavras, uma estrela móvel. Outra forma é Τυφίοεος ou Typhos, referindo-se especificamente ao filho mais moço de Gaia, que também era a mãe de monstros de três cabeças e dos Garamas. Τυφίος significa "fumaça, vapor", além de "presunção, vaidade (porque tolda o intelecto do homem)". Typhios significa "cego" e escurecer "no sentido de anuviar, obscurecer". O verbo τυφλοῦν significa "cegar, enceguecer" ou "cegar, confundir". Também tem o sentido de "envolto em fumaça".

Como é dito especificamente que Tífon é o pai de Sírius (Ortro), sendo uma de suas definições a descrição de uma estrela em movimento, e seu filho tem cinqüenta cabeças, eu lanço mão de todas as referências à obscuridade e invisibilidade em que Tífon é uma forma de representar Sírius B, a companheira escura de Sírius e invisível para nós. Em outras palavras, estamos typhios (cegos) a Tífon por estarmos como que obscurecidos, ou typhloo, por typhos (vapor, fumaça), por isso estamos confusos e cegos (typhios) no sentido de que o assunto está obscurecido (typhloō).

Uma possível origem da palavra Tífon talvez seja a palavra egípcia tephit ou teph-t. ambas com o significado de "caverna, gruta, buraco no chão". Esta palavra egípcia descreve perfeitamente a fenda no chão em Delfos, onde supostamente repousava o cadáver de Píton em decomposição, sendo deste cadáver as exalações de fumaça vindas da terra. E, como vimos, Píton

correspondia a Tífon, nos tempos antigos.

Examinando a palavra egípcia tep, descobrimos que significa "boca" e a forma tep ra quer dizer "boca do deus", literalmente, mas sua acepção real é "oráculo divino". Tep é um teph não aspirado. Portanto, o tep de Delfos tem sob si um tephit, ou um abismo cavernoso. Mais adiante, examinaremos a palavra egípcia tep em suas outras ramificações. Mas por enquanto é suficiente constatar que a palavra Tífon quase certamente tem sua origem na palavra egípcia que designa uma caverna ou um buraco na terra, tendo em vista que os egípcios fundaram o tep, ou oráculo, em uma caverna. Como Delfos passou para a cultura grega e os egípcios foram esquecidos em todas as suas lendas, com exceção de vagas menções em algumas (como a famosa visita de Hércules canópico a Delfos, etc), a palavra original para designar a caverna de Delfos teria sido conservada em função das inclinações naturais das organizações religiosas em preservar vocábulos e línguas antigos por períodos notavelmente longos, esquecendo suas origens. Portanto, um grego dos períodos primitivos, desconhecedor da cultura egípcia, ou que não se tenha aprofundado no conhecimento sobre sua pátria, não chamaria a caverna Delfos, com suas fumaças sulfurosas, de refúgio de Tífon, segundo sua designação egípcia original de tephit. Esse fato tem sido observado também por outros povos, não apenas por mim, e com um conhecimento até maior da palavra suméria para designar caverna, abzu, que sobreviveu em grego como abyssos, levando ao termo em português abismo.

A fumaça exalada da caverna de Delfos, evidentemente, deu origem ao uso de formas da palavra com as acepções de "obscurecer com fumaça, escuridão, etc". E o fato de ter ocorrido uma estreita associação entre o Tífon personificado e Sírius, obviamente por ter este vocábulo entrado em uso pelos gregos, estendendo-se às acepções de "escuridão, obscuridade", ele se tornou útil no que se refere ao conhecimento tradicional sobre Sírius, sendo adotado então na Grécia. Os outros significados da palavra se desenvolveram a partir daí, com exceção dos usos populares óbvios, como seu emprego para designar " vaidade",

porque a vaidade obscurece o intelecto do homem — realmente uma magnífica extensão do significado em uso na poética e na expressão comum.

Provavelmente em decorrência de considerações como essas, referentes a Tífon, no sentido de associação de Sírius B com a escuridão e a obscuridade, e, portanto, com a escuridão da caverna, é que se julgava que algumas divindades relacionadas a Sírius vivessem nas trevas do submundo. O protótipo dessas divindades é, especificamente, Anúbis, o embalsamador de múmias. Anúbis não era originalmente o deus da morte por si só e sua associação com múmias e com o submundo já foi explicada anteriormente. As múmias egípcias eram, como já disse, embalsamadas em um período de setenta dias, para corresponder ao número de dias de cada ano, em que a estrela Sírius se encontrava "no Duat, ou Submundo", não sendo visível, pois, no céu noturno. Portanto, a "morte" de setenta dias de Sírius todos os anos era o aspecto fundamental e mais primitivo da tradição de Sírius. É evidente que Anúbis, como a expressão da órbita de Sírius B, era visível o tempo todo e não apenas setenta dias ao ano. Por essa razão, a permanente escuridão tifônica poderia até estender-se um pouco além, na tradição tardia, dando origem a um elevado senso da importância dos aspectos do submundo. Esse conceito de invisibilidade e escuridão deve ter se tornado cada vez mais importante, no decorrer do tempo, e a compreensão da natureza dos mistérios veio a enfraquecer-se ao longo das sucessivas gerações de iniciados, que foram sempre mais além das fontes originais de informações. Não obstante, os dogons preservaram essas informações até a atualidade em estado notavelmente puro. Assim se desenvolveu a natureza de submundo do Cérbero-Anúbis de cinquenta cabeças nos períodos gregos. Com os primitivos egípcios, como sempre a partir deles, o conceito de submundo ocupa mais de um nível. Para o público, o aspecto do submundo parecia ser inteiramente explicável pelo desaparecimento de Sírius durante setenta dias — um fato que podia ser notado por qualquer um — e seu reaparecimento, após esse período, ao alvorecer, na época de seu nascimento helíaco.

Porém, os sacerdotes sabiam que a companheira escura de Sírius nunca era visível.

Vale a pena examinar, agora, um pouco mais de perto o cão Ortro, que era Sírius. Ortro é o cão de Eurition (o pastor do monstro Gerion, de três corpos, que vivia na ilha de Eritréia no extremo oeste, e era o pai de uma das Hespérides. Diziam que Hércules roubou o seu gado). É interessante que Graves compare este Eurition com o sumério Enkidu, companheiro de Gilgamesh, hirsuto e selvagem, vindo das estepes e possuidor de uma incrível força: "Eurition é o 'intruso', um personagem de reserva... O mais antigo exemplo mítico do intruso é o próprio Enkidu: ele interrompeu o casamento sagrado de Gilgamesh com a deusa de Erech [Uruk], desafiando-o para um combate". É particularmente interessante descobrir que o companheiro grego de Sírius é comparado por Graves com o sumério Enkidu, a quem também identifiquei com a companheira de Sírius. Isto porque "a companheira de Sírius" é precisamente o que é Eurition; se Ortro é Sírius e Eurition, o pastor que o acompanha, então Eurition é "a companheira de Sírius". Já Enkidu é o selvagem forte e cabeludo, que resistiu a uma prova de força contra Gilgamesh, tornando-se seu companheiro depois de uma luta corporal. Tanto Eurition como Enkidu são personagens rudes e hirsutos, além de estarem, ao que parece, relacionados ao deus Pã, cuja natureza rústica e hirsuta enquadra-o na mesma categoria dos dois outros.

O tema do "intruso" e "aquele que interrompe", desafiando para uma prova de força, relaciona-se ao fato de a brilhante estrela Sírius ser desafiada por sua forte estrela companheira. Graves acrescenta: "Outro intruso é Agenor" e a palavra Agenor significa "muito varonil". Ele interrompeu as bodas de Perseu com Andrômeda. Perseu era o filho de Danae, bisneta de Danaos, que tivera cinquenta filhas. Como vimos, nos comentários de Graves, a própria Danae tem ligações com uma arca. Seu pai "trancou ela e seu irmãozinho Perseu em uma arca de madeira, que atirou no mar". Mais tarde, os companheiros de Perseu, em suas explorações, eram "um grupo de Ciclopes". Este é mais um ingrediente familiar.

Perseu apaixonou-se por Andrômeda, a filha de Cassiopéia (rainha da Etiópia). Graves diz: "Cassiopéia gabava-se de que tanto ela como sua filha eram mais belas que as nereidas, que se queixaram do insulto", etc. E, é claro, o número de nereidas era cinqüenta. Sobre as nereidas, Graves diz: "As cinqüenta nereidas parecem ter sido uma associação de sacerdotisas". Graves explica a repetição do número cinqüenta em relação à tradição lunar. É uma corajosa solução, contudo, mais uma vez, pouco convincente. É interessante, à luz de nosso conhecimento sobre Danaos, que tinha cinqüenta filhas, lermos a abertura da décima Ode Nemaica, de Píndaro, escrita em grande parte sobre a cidade de Argos (nome relacionado à nau Argos, assim como ao seu construtor, e também à palavra "arca"):

A cidade de Danaos

E suas cinqüenta filhas em tronos brilhantes,

Cantai, ó Graças,

Cantai a Argos, lar de Hera,

Feito para os deuses.

Perseu e Danae também tiveram vínculos com Argos. E quanto às Graças aqui mencionadas, seu culto foi primeiramente instituído em Orcomenos. As Graças são muitas vezes associadas a Hermes e eram chamadas de "as Graças de Hermes", o que ocorre principalmente em uma obra como *The Lives of the Philosophers* (Vidas de Filósofos) do historiador Eunápio. Ele nos conta algo extremamente interessante sobre a região de Behdet e Canopo, no Egito. Ao falar de Antonino, filho da notável e brilhante mulher Sosipatra (século IV d.C.), Eunápio diz: "Ele atravessou para a Alexandria e então, cheio de grande admiração, e preferindo a embocadura do Nilo, em Canopo, passou a dedicar-se, aplicando-se inteiramente, ao culto dos deuses do lugar e aos seus ritos secretos". e, ainda: "Antonino era digno de seus pais, pois estabelecendo-se em Canobo, na embocadura do Nilo, dedicou-se totalmente aos ritos religiosos do lugar". É interessante a existência de ritos peculiares a Canopo, aos quais era possível

dedicar-se exclusivamente. Mais adiante, Eunápio menciona que os cristãos destruíram os templos nas vizinhanças e demoliram o Serapeum em Alexandria, estabelecendo seus monges de batinas pretas na localidade de Canopo, a fim de suplantar o paganismo. Certamente é um sítio que deveria ser escavado. Os mistérios pagãos do local, por fim destruído pelos cristãos, provavelmente deram continuidade à tradição de Behdet e estavam relacionados à questão de Sírius.

Mas voltemos às citações de Píndaro, apresentadas anteriormente. O que é especialmente significativo nessa passagem de Píndaro é a expressão "e de suas cinqüenta filhas em tronos brilhantes".

Deve ser lembrado que o trono Jj é o hieroglifo de Ast, ou Ísis, identificada com Sírius, e ainda que os cinqüenta Anunnakis da Suméria se assentavam em tronos. Em todas as tradições antigas, grande ênfase foi dada ao trono, e aqui, no tardio autor Píndaro, em conexão com as informações sobre Sírius, deparamo-nos com a mesma atitude. Afirmo que Píndaro era "tardio" em relação à nossa escala de tempo referente a Sírius porque, é claro, ele faz parte de uma era grega clássica das mais antigas.

Existem outras ligações entre o sistema de Sírius e Argos e Danaos. São muitos os elos com os líbios minóicos. O próprio pai de "Danaos era o filho líbia com Poseidon". Danaos foi também "enviado para governar a ia". Entretanto, também é forte o vínculo com o Egito. O irmão gêmeo Danaos chamava-se Egito, do qual se lê: "Para Egito foi concedido o reino da Arábia; mas ele também conquistou o país de Melampodes do povo dos pés negros — [os egípcios] e o chamou de Egito, como ele. Ele gerou cinqüenta filhos de várias mães: líbios, árabes, fenícios e semelhantes". Vemos então que o irmão gêmeo de Danaos tinha cinqüenta filhos, enquanto Danaos tinha cinqüenta filhas. Finalmente, esse fato elimina o argumento de Graves que talvez se refira a uma associação de cinqüenta sacerdotisas da lua, enfatizando o vínculo entre os cinqüenta companheiros de Gilgamesh, os cinqüenta argonautas, os cinqüenta Anunnakis do sexo masculino, etc. Observe-se aqui os dois grupos relacionados, mas definitivamente

separados de cinqüenta membros. Juntos faziam e permitiam abertamente inúmeros crimes indizíveis. Mas isso era considerado piedoso, e assim mostraram menosprezo pelas coisas divinas. Naquela época, todo homem que usasse manto negro e concordasse em comportar-se de maneira imprópria em público investia-se do poder do tirano, tal era o grau de virtude atingido pela raça humana! Tudo isso, no entanto, descrevi em minha obra *Universal History*. Eles estabeleceram esses monges também em Canobo e, assim, constrangeram a raça humana à adoração de escravos... Entre os indizíveis crimes a eles atribuídos está a destruição da Grande Biblioteca de Alexandria pelo bispo Teodósio, por conter "literatura pagã". Portanto, a perda de centenas de milhares de livros do mundo antigo, que todos lamentam com tanta freqüência, aconteceu por obra de um bispo cristão fanático, na tentativa de apagar todos os traços da história anterior a Cristo, e não a um incêndio acidental da época de Marco Antônio, como geralmente diz a história.

Não só têm genitores distintos, mas especialmente pais diferentes, e eles mesmos são separados por sexo. Neste vínculo, deve ser lembrado que Sírius C é chamada pelos dogons de "a estrela das mulheres". Sua órbita de cinqüenta anos em torno de Sírius A poderia ser simbolizada pelas cinqüenta filhas, enquanto a órbita masculina de Sírius B seria simbolizada pelos cinqüenta filhos.

Danaos fica sabendo que o irmão deseja casar os cinqüenta filhos com as suas cinqüenta filhas, com a intenção de matá-las depois do casamento. Então ele e suas filhas partem para Rodes e depois para a Grécia, onde desembarcam e Danaos anuncia que, por escolha divina, ele é o rei de Argos. Note-se que ele escolhe Argos. Esse fato, e seu vínculo com os cinqüenta serão importantes, mais adiante, quando for apresentada a derivação da palavra Argos, etc. E particularmente interessante que Danaos ao fugir de seu irmão, o fez em uma embarcação construída com a ajuda de Atena — exatamente o caso dos argonautas, que também tiveram o auxílio da deusa para a construção do Argos.

A maneira pela qual Danaos se torna o rei de Argos se deve ao

fato de um lobo ter descido das colinas e matado o "touro líder" da cidade, um presságio que os argivos, habitantes de Argos, aceitaram. "Danaos, convencido de que o lobo era Apoio disfarçado, dedicou o famoso santuário a Apoio Lício, em Argos, e se tomou um soberano tão poderoso que todos os pelasgos da Grécia passaram a se denominar danaos. Ele também construiu a cidadela de Argos e suas filhas levaram para essa cidade os Mistérios de Deméter, a chamada Tesmoforia, do Egito, e os ensinaram às mulheres pelasgas. Entretanto, desde a invasão dória, a Tesmoforia não mais foi praticada no Peloponeso, a não ser pelos arcadianos".

É um fato bem conhecido que os pelasgos só sobreviveram na Grécia, na remota Arcádia, depois da invasão dória em aproximadamente 1100—1000 a.C. Isso porque algumas das mais antigas tradições continuaram naquela estranha região depois de deixarem de existir em algum lugar na Grécia. A Arcádia era, em certo sentido, o País de Gales da Grécia.

Os pelasgos consideravam-se "nascidos da terra", como será discutido em breve. Note-se que há uma referência específica de que os mistérios egípcios foram transplantados para a Grécia, entre os pelasgos. Quando afirma-se especificamente que ele levou os mistérios egípcios, a Tesmoforia. Presumivelmente, foi assim transplantado o complexo de Sírius. (Heródoto aborda o tema de Danaos, levando a Tesmoforia para a Grécia no Livro. O elemento lobo, às vezes substituído pelo cão na tradição de Sírius de a Estrela Cão, é importante. É um substituto óbvio para o chacal de Anúbis. Como não há chacais na Europa, o lobo foi o candidato. Apoio Lício lembra o chacal; da transformação do chacal em lobo, por adaptação ao clima europeu, surgiram essas tradições peculiares referentes ao lobo na selvagem Arcádia, desenvolvendo-se nos períodos pré-clássicos e transformando-se nos conceitos de lobisomem. Os vampiros sugadores de sangue, o uso do alho para proteção contra eles e a licantropia, ou os lobisomens, tudo isso se desenvolveu em profusão nas florestas da Arcádia entre os pelasgos sobreviventes, na Grécia pré-clássica, após a invasão dória. O fenômeno é muito semelhante à

superabundância de contos de fadas do "crepúsculo céltico", encontrada na Irlanda, com numerosas histórias e criaturas fantásticas. O que é um lobisomem? É o corpo de um homem com cabeça de lobo. É exatamente o que Anúbis se tornou ao ser transferido para a Grécia; em lugar do corpo de um homem com a cabeça de chacal, ele passou a ser um homem com cabeça de lobo porque na Grécia não havia chacais. Os templos de Apolo, o Lobo, não eram raros na Grécia. A famosa escola de Aristóteles, em Atenas Liceu, situava-se na planta baixa do templo de Apolo Lício, na parte externa do Portão de Atenas de Diocares. O nome "Liceu" vem de Apolo Liceu que é Apolo, o Lobo.

É extremamente interessante, a propósito, lerem Pausânias que perto de Argos "se encontram os desembarcadouros, onde, dizem. Danaos e seus filhos desembarcaram pela primeira vez na Argólida". (A Argólida era a região nas circunvizinhanças de Argos.) Vemos aqui a menção de filhos de Danaos e não filhas. Esta é uma forte indicação de que, na progênie de Danaos, o mais importante não era o sexo, mas sim seu número, que era cinqüenta. Vimos, no texto de Píndaro, que elas estavam em cinqüenta tronos. O fato de Egito, do Egito, ter cinqüenta filhos e que, as filhas (ou filhos) de Danaos ensinaram os mistérios egípcios aos gregos, é uma indicação de que esse transplante de conhecimento, do Egito para a Grécia, deixa transpirar que todas as tradições importantes eram comuns aos dois países. Os cinqüenta estavam ligados a Sírius, a Estrela Cão, e também aos tronos celestiais. Em outras palavras, ao mistério da órbita de Sírius B em torno de Sírius A em suas cinqüenta etapas celestiais. Segundo Graves, os dentes da serpente, semeados por Jasão, eram "alguns poucos que haviam restado da sementeira de Cadmo em Tebas".

Graves diz a respeito deste último: "Uma pequena tribo, que fala a língua semítica, parece ter se deslocado para as planícies sírias até a Cadmo em Caria — Cadmo é uma palavra semítica que significa "oriental" — onde atravessaram para a Beócia, quase no fim do segundo milênio, tomaram Tebas e conquistaram o país. O mito dos Homens Semeados..." Mas antes de continuar sua

explicação, quero mencionar sua descrição dos tos. A Figura 42, pintura em um antigo vaso grego, representa Cadmo em pé acima de uma lebre, exatamente como Orion "se encontra" sobre Lepi a Lebre, no céu noturno. Graves diz:

Cadmo navegou com Telefassa para Rodes [onde Danaos também fez uma parada em sua fuga para Argos], onde ele dedicou um caldeirão de bronze para Atena de Lindus, e construiu um templo para Poseidon, deixando-o aos cuidados de um sacerdócio hereditário. [A exemplo de Danaos, por onde passou, Cadmo instituiu ritos religiosos.] Em seguida, eles chegaram a Terá [de onde, mais tarde, os mínias, deixando suas colônias, seguiram para a Líbia] e construíram um templo semelhante, chegando finalmente à terra dos írácios edonos, que os receberam com hospitalidade. Aqui Telefassa [mãe de Cadmo, cujo nome significa "a que brilha ao longe"; sendo seu marido e pai de Cadmo "Agenor, filho de Líbia com Poseidon e gêmeo de Belo (o qual) deixara o Egito para se estabelecer na Terra de Canaã, onde se casou com Telefassa, também chamada de Argiope ("face brilhante"), que deu à luz Cadmo", etc. Note-se o nome Argiope, pela relação que guarda com o tema de nossa discussão, adiante, quando for abordado o complexo de palavras relativas ao Argos e também pelo significado de ai-gent, prata, neste caso como uma nuance de sentido a partir do extenso complexo de Argos, morreu de repente e, após o seu funeral, Cadmo e seus companheiros prosseguiram a pé para o Oráculo Delfico. Quando lhe perguntaram onde Europa (sua irmã perdida) seria encontrada, a Pitonisa (de Delfos) aconselhou-o a desistir de sua busca e, em vez disso, que seguisse uma vaca e construísse uma cidade no lugar onde ela caísse de fraqueza... por fim (a vaca) caiu no lugar onde hoje se situa a cidade de Tebas, e ali (Cadmo) erigiu uma imagem de Atena, chamando-a por seu nome fenício de Onga. Cadmo, advertindo os companheiros de que a vaca deveria ser sacrificada sem demora a Atena, mandou que buscassem água lustrai, ou de purificação, da Fonte de Ares [Marte], hoje chamada de Fonte Castália, mas não sabia que esta era vigiada por uma grande serpente. A serpente matou quase todos os homens de

Cadmo e, como vingança, ele lhe esmagou a cabeça com uma pedra. Tão logo ofereceu o sacrifício a Atena, a deusa apareceu-lhe, elogiando-o pelo que fizera, e ordenou-lhe que semeasse os dentes da serpente no solo. Ao obedecê-la, os Espartas, ou Homens Semeados, brotaram imediatamente, cruzando armas. Cadmo atirou-lhes uma pedra [assim como Jasão mais tarde o faria] e, aos gritos, eles passaram a fazer acusações mútuas pela pedra atirada, e lutaram tão ferozmente que, por fim, só cinco sobreviveram: Équion, Udaeus, Ctônio, Hiperenor e Peloro, que em unanimidade ofereceram seus serviços a Cadmo. Contudo, Ares exigiu vingança pela morte da serpente e Cadmo foi sentenciado pela corte divina a tornar-se seu servo durante um Grande Ano.



Figura 42. Uma representação extremamente importante, no Louvre, em que Cadmo, na Tebas grega, está matando a serpente-dragão. Os dentes da serpente estão um pouco mais

proeminentes do que realmente são. Cadmo parece representar a constelação de Orion, pois sob seus pés se encontra, em destaque, a figura de uma lebre, que parece representar a constelação de Lepus. Como se para dar ênfase ao simbolismo estelar, em ambos os lados de Lepus há algo parecido com estrelas. A própria serpente à esquerda e um pouco abaixo de Cadmo, corresponderia portanto à posição da estrela Sírius no céu. (A Figura 14, apresentada no início deste livro, mostra um mapa estelar dessa área do céu que ajudará a visualizar as constelações, ainda que não mostre o desenho de figuras convencionais de um homem, uma lebre, etc.) Uma vez sabendo que Cadmo e Jasão foram dois heróis que semearam dentes de serpente e que esta serpente possui séries proeminentes de dentes (notadamente não se trata de presas, a ênfase está nas séries de dentes), além de que o animal se encontra na posição da estrela Sírius neste mapa estelar ilustrado, há evidência (desde que se aceite a interpretação do mapa estelar) de que os gregos talvez conhecessem o jogo de palavra egípcio, pelo qual "serpente", em hieroglifos, é um sinônimo da "Deusa Sírius". Os pombos e o santuário com as serpentes são elementos dos centros Oraculares associados à tradição de Sírius na Grécia.

Note-se aqui, mais uma vez, que o tema dos dentes da serpente vincula-se ao conceito de cinqüenta. Isso porque um Grande Ano corresponde a cem meses e consiste em dois ciclos distintos de cinqüenta meses, conforme já mencionado. É muito bom para a nossa pesquisa que Higino e Apolodoro tenham preservado essa interessante parcela de informação que Graves nos transmitiu. A "Fonte de Ares" assemelha-se à "gruta de Ares", onde o velocino dourado estava pendurado e também guardado por serpentes. Tanto na saga do Argos como nessa história, o herói atira uma pedra no meio dos homens semeados — o tema da pedra repete-se; mais uma vez, uma pedra é atirada, como ponto central na história de Deucalião, e também no fantasma de Orcomenos, etc. (veja pp. 221-222). Também foi com uma pedra que Cadmo esmagou a cabeça da serpente.

A vaca, na história de Cadmo, é um remanescente da vaca sagrada egípcia Hathor, que era identificada com Ísis. Hathor é a forma em uso do original egípcio He-t-Her, que significa a "Casa de Hórus". (Hórus é, evidentemente, a nossa forma para o termo egípcio Heru, ou Her.)

É interessante notar que a vaca Hathor — A "Casa de Hórus" — seja identificada com Ísis que, a exemplo de Sotis, é a estrela Sírius e também Mãe de Hórus. O termo Hathor, ao que parece, representa o verdadeiro sistema de Sírius, a "casa" ou a área nas regiões celestes. E, de forma significativa, a irmã de Ísis, Néftis, já identificada anteriormente com Sírius B, a estrela escura do sistema, é a forma empregada para o termo Neb-t-He-t, que significa "Senhora da Casa". O leitor se lembrará de uma discussão anterior sobre a palavra Neb, que significa "Senhor". Nebt-t é simplesmente a forma feminina da palavra e significa "Senhora". Além disso, presumivelmente, a casa onde Néftis é a Senhora é a Casa de Hórus. Em outras palavras, a senhora é residente da área tanto quanto Sírius. Ser uma irmã escura não a impede de habitar a mesma Casa de Hórus, como Ísis.

Faz muito sentido que uma vaca tenha conduzido Cadmo aos dentes da serpente; e mais sentido fará ainda, à medida que nos aprofundarmos. Aguardem até descobrirmos o que realmente significam os "dentes da serpente".

A seguir, um resumo do comentário de Graves sobre todas essas aventuras de Cadmo em Tebas: "O mito dos Homens Semeados e o vínculo de Cadmo com Ares sugerem que os cadmeus invasores asseguraram sua permanência na Beócia interferindo em uma guerra civil entre pelasgos e as tribos que afirmavam serem autóctones ["brotados da terra"], e aceitaram a lei local de um reinado de oito anos [cem meses, segundo as teorias lunares de Graves, mas realmente esse reinado é de apenas 96 meses] para o rei sagrado. Cadmo matou a serpente assim como Apolo matou Píton em Delfos (veja 21.12). Os nomes dos Homens Semeados — Equion ('víbora'); Udaeus ('da terra')..."

Interrompo-o, mais uma vez, neste ponto. Examinemos esse estranho nome, Udaeus. Deve-se notar que a palavra semelhante oôaq (odax) significa "por mordida com os dentes" e provém do radical verbal AAK (dakeíiu que significa "morder — de cães"). Talvez um indício da importância dos dentes, uma vez que em grego ar ra "morder" referia-se especificamente à mordida de cães e, em re-muia data pré-helênica, esse aspecto de cães foi provavelmente incorporado à tradição da Estrela Cão em um dos jogos de palavras que proliferaram em todas as grandes civilizações do Mediterrâneo. Para compreender as inclinações dos antigos aos jogos de palavras, é preciso deixar de lado nosso preconceito moderno contra eles como uma forma de humor. Os jogos de palavras no mundo antigo não tinham intenção humorística direta. Em um ambiente onde os códigos e as alegorias eram bastante necessários, os jogos de palaxras proporcionavam os "instrumentos" para novas maneiras de mascarar as verdades com o uso de sinônimos. Se fosse um jogo, era um jogo sagrado, um ludens. Sendo Tebas o local onde se encontrava a Fonte Castália, como mencionado há pouco, ela participava estritamente do meio de ludi do mundo antigo.

Além disso, assim como Circe significa "círculos", da mesma forma daktylios quer dizer especificamente "qualquer coisa em forma de círculo". Portanto, vê-se um outro significado em comum em nosso complexo de termos entrelaçados, ligado à tradição de Sírius. Mais um possível exemplo é encontrado nos hieroglifos egípcios. Wallis Budge dá-nos a informação em *Egyptian Language* (Língua Egípcia), apresentada em uma lista de hieroglifos, que o signo para "espinho" (o dente de uma planta) é quase idêntico ao signo de Sotis-Sírius. O mesmo signo, inclinado a 45° representa áieb, a terra de um lado do Nilo e, se posicionado em cima de outro signo, formando um par, significa "todo o Egito". O mesmo signo está incorporado ao signo de ãrt, com o significado de "mandíbula com dentes". Lembre-se de Gilgamesh, o qual, encostando a mandíbula no chão, "seus dentes tremeram". Certamente tudo parece não ter nenhum significado. De fato, o mesmo signo

isoladamente significa "a terra de um lado do Nilo", além de ser também semelhante a um dente inclinado, tendo a mesma acepção geral de "terra", cujo conceito posterior é tão importante em todas as tradições gregas posteriores referentes a Sírius. Talvez todos esses jogos de palavras em cima de um determinado signo hieroglífico de Sírius tenham formado, da maneira usual, ou seja, por meio dos sacerdotes apreciadores dos jogos de palavras, um complicado conjunto de doutrinas de Sírius envolvendo dentes, os nascidos da Terra, a forma em círculo, o falcão (Circe), etc, etc. Não nos surpreende nem um pouco, portanto, saber que a antiga palavra egípcia que designa dente, ábeh, é representada exatamente pelo mesmo hieroglifo de Terra. Portanto, a origem, quase indubitável, da ligação entre dentes e Terra: no antigo Egito, as duas palavras eram escritas utilizando-se um signo lingüístico idêntico, sendo as formas inclinadas desse signo empregadas para designar Sírius!

Resumo

Na mitologia grega, o rei Téstio (ou Téspio) tinha cinqüenta filhas, com as quais Hércules (em grego, Héracles), supostamente o predecessor de Jasão como líder do Argos e que, em parte, demonstra ser um derivado de Gilgamesh, teve relações sexuais em cinqüenta noites sucessivas. Mais uma vez, observa-se que o número cinqüenta se refere a intervalos de tempo — neste caso, são dias em vez de meses — e novamente se vincula ao complexo de mitos referentes a Sírius.

Os monstros Coto, Briareu e Gige da mitologia grega têm, cada um, cinqüenta cabeças. Briareu era o nome original da personagem posteriormente chamada de Hércules e como Hércules era o Jasão original, observa-se que o comandante original do Argos, com seus cinqüenta remadores, era um indivíduo de cinqüenta cabeças. O nome Briareu é derivado de palavras que significam "força" e "peso"; Gige também significa "força". Em relação ao nome Coto, Robert Graves afirma não ser grego. Na realidade, parece ser um derivado final do termo qeti egípcio com o sentido de "remador" (nada surpreendente, uma vez

que Briareu era o comandante original dos cinqüenta remadores), e também de "órbita". Na língua egípcia, a palavra que designa "remador" e "órbita" é a mesma, o que talvez explique por que os cinqüenta remadores simbolizam uma órbita de cinqüenta anos. Os golpes do remo na água são os intervalos constantes de tempo, combinados com os intervalos constantes de espaço (distância de travessia), e portanto são os símbolos perfeitos dos intervalos de uma órbita. Nas línguas grega e egípcia, o vocábulo que significa tanto "órbita" como "remador" parece sobreviver como o nome de um monstro de cinqüenta cabeças. A conclusão: uma órbita de cinqüenta intervalos (anos) referente, de certo modo, a Sírius e algo chamado de "Peso" (já conhecido por ser o nome atribuído pelos árabes a uma companheira visível de Sírius) — obviamente, uma referência à órbita de cinqüenta anos de Sírius B. Garamas, um irmão dos três monstros anteriormente mencionados, é também um nome adotado pelo povo garamante. Esse povo eram os residentes líbios que haviam migrado pela rota da Argélia até os bancos do Niger, em Mali, onde se misturaram pelo casamento com os negros locais.

Alguns relatos afirmam que o Argos parou na Líbia por algum tempo, o que teve como consequência a fundação de "uma centena de cidades gregas". Os líbios, dos quais descendem os garamantes, são famosos por serem "descendentes dos argonautas" por intermédio dos gregos lemnianos estabelecidos na Líbia.

Esses mesmos garamantes, durante centenas — na realidade, milhares — de anos em sua migração para Mali levaram, obviamente, para aquela região, a tradição de Sírius como a mais secreta e sagrada de todas as tradições agora propostas pelos dogons, presumivelmente seus descendentes. (Os próprios dogons insistem em dizer que, definitivamente, não são nativos de sua presente pátria Mali.)

A versão Líbia da deusa grega Atena tinha como suas sacerdotisas as "cinqüenta palântidas", com evidente associação a um tempo antigo com os garamantes.

O cão Ortro, irmão do deus Cérbero, com cinqüenta cabeças, era

especificamente identificado pelos gregos com a estrela Sírius. Robert Graves equipara Anúbis, Cérbero e Hécate. Essa comparação faz uma aproximação entre Anúbis-a-órbita com Cérbero, o cão de cinquenta cabeças, e Hécate, que significa "cem", assim como Ortro, que é Sírius, a Estrela Cão.

O pai de Ortro era Tífon, palavra que tem como uma de suas acepções "um tipo de cometa" ou "umia estrela móvel". Outro significado é "cego" ou "obscurecido"; ou seja, verificamos que ela se refere a uma estrela móvel, mas invisível. Seu filho, Ortro, é claramente identificado com Sírius e tem um irmão com cinquenta cabeças.

Ortro (Sírius) era o cão do pastor Eurition, que Robert Graves compara com Enkidu, o companheiro de Gilgamesh. É possível que o nome Ortro seja derivado do vocábulo egípcio urt que significa "a estrela estabelecida". Vemos essa mesma palavra, no Capítulo Oito, empregada em referência ao complexo de Sírius.

O Argos transportou as cinquenta filhas de Danaos, que foi "enviado para governar a Líbia" e tinha um irmão gêmeo, Egito, rei do Egito (que dele recebeu o nome), pai de cinquenta filhos. Algumas vezes, afirma-se que Danaos tinha cinquenta filhos e não filhas. Evidentemente, o que importa é o seu número e não o sexo. "O velho do mar", o Nereu para os gregos, tinha cinquenta filhas, as chamadas nereidas (enumeradas por Hesíodo em sua Teogonia, 241). Um "velho do mar" é um remanescente de Oannes e Enki — geralmente homens sábios.

O poeta grego Píndaro (século V a.C.) descreve as cinquenta danaides dizendo que se encontram "em tronos brilhantes", lembrando os cinquenta Anunnakis assentados em seus brilhantes tronos e Ísis em seu brilhante trono. (O trono é o hieroglifo de Ísis, que é identificada com Sírius.) Danaos também é associado ao tema do lobo, ou cão, tema que se refere à Estrela Cão, Sírius.

Capítulo Oito

O Nascimento do "Dente da Serpente"

É preciso agora elaborar um pouco mais os pontos que acabamos de examinar. Note-se que na língua egípcia o hieroglifo de tchet, uma serpente, significa tanto "serpente" como "corpo". O hieroglifo de cobra, ãrã significa tanto "serpente" como "deusa". Em outra parte, encontramos ãrã com freqüência com o significado comum e geral de "deusa". A freqüente incorporação da serpente à tradição tardia de Sírius, entre os gregos, provavelmente se origina de um jogo de palavras ou corruptela da forma determinativa egípcia para "deusa" em referência à deusa Sotis-Ísis (Sírius). De fato, se um egípcio tivesse que escrever "a deusa Sírius", em hieroglifos, o resultado seria: ãS que também (fazendo um jogo de palavras) pode ser lido de forma bem literal como: "dente da serpente"! Acrescente-se a esse jogo de palavras egípcio um jogo de palavras grego vinculado à história de Jasão e a sementeira dos dentes. Em grego, a palavra que descreve o surgimento de um dente na gengiva é aíatolé; uma variante é anatellō. Essas palavras descreveriam o crescimento dos dentes desde a base, e "fazer surgir" ou "dar à luz, originar" é o seu significado básico. Não obstante, essas palavras também são empregadas para descrever o surgimento de estrelas e constelações. Portanto, caso se queira dizer que a estrela Sírius surgia no horizonte, pode-se usar o jogo de palavras: "O dente está surgindo do chão da gengiva, ou seja, da base da gengiva está surgindo um dente". Assim, todas as criaturas "nascidas da terra" são vinculadas às estrelas e, especialmente, a Sírius.

De fato, ao se traduzir do grego as primeiras narrativas, hoje perdidas, sobre o Argos, seria um tanto problemático se, em vez de dizer: "Os dentes, do chão, surgiram...", etc, fosse dito, considerando igualmente a tradução literal: "Sírius, ou seja, 'o dente', surgiu no horizonte". Em síntese, como saber quando um jogo de palavras deixa de sê-lo, e consiste apenas em uma tradução errônea embasada na ignorância do verdadeiro tema?

É possível que alguns jogos de palavras, adotados dos egípcios

pelos gregos, possam ter envolvido os mesmos equívocos com os quais nos deparamos em relação à tradução do grego para outra língua. Desse modo, pode até mesmo existir uma dupla camada de obscurecimento interposta entre os leitores e o tema em questão. É melhor que os especialistas em mitologia grega, que se sintam seguros o bastante para discutir as criaturas mitológicas "nascidas da terra", supostamente brotadas do chão, na acepção direta do termo, enlameadas, sujas e sem dúvida despreendendo torrões de terra de suas peles, ao irromperem no ar, estejam bem avisados que devem levar em consideração que o objetivo não era descrever tais criaturas como se surgissem de buracos no chão, mas do horizonte, pois se trata de estrelas e constelações. E sendo tais figuras cósmicas, suas formas e características peculiares imediatamente se tornam menos bizarras e, pelo contrário, passam a ser mais significativas.

Sabemos que a Cólquida era o lugar onde Hélios tinha seus estábulos e surgia a cada manhã, segundo a tradição mitológica grega. Por ser então a Cólquida o ponto arquetípico do surgimento oriental para os gregos, situar-se na extremidade mais oriental do Mar Negro, assim como estar "no mais extremo leste, que se possa alcançar", para um grego realmente representava "o Leste". Desse modo, faz sentido que Jasão tenha semeado nesse lugar os dentes da serpente. Isso porque o desenvolvimento de dentes a partir da base (chão), naquele exato lugar, era a linguagem simbólica para; "A estrela (deusa) Sírius, conhecida em código como o 'dente da serpente', está nascendo com o sol (nascimento helíaco) no horizonte oriental, simbolicamente representado pela Cólquida". E, como o sol segue imediatamente a estrela em seu nascimento helíaco, há muitas razões para que o "Dente da Serpente", brote no mesmo lugar onde o Sol, Hélios, passa a noite e depois surge.

A razão para que o outro singular exemplo de semeadura dos dentes da serpente ocorra na Tebas grega, por Cadmo, é que a Tebas egípcia e Aea, na Cólquida, são equidistantes da Teba grega (veja Figura 17). Portanto, essa é uma provável razão para se usar o nome de Tebas na Grécia. A Tebas grega é, em certo

sentido, um "código" para a Cólquida, pelo possível entendimento de que uma ação ali realizada ocorreria no âmbito da estrutura do triângulo: Tebas — Cólquida — Tebas (Figura 17). Ir para Tebas, na Grécia, era simbolicamente penetrar no eixo da Cólquida. Semear dentes na Tebas grega era realizar uma ação cólquida, em solo grego, em razão de sua inter-relação geodésica. Este tipo de raciocínio fundamenta-se na teoria das correspondências, como o demonstram os dogons em cada um de seus mínimos atos diários. Em minha opinião, é saudável a mente capaz de realizar atos simbólicos dentro de estruturas mentais não imediatamente óbvias, ao passo que é doentia a mente incapaz de compreender esse tipo de vínculo, recusando-se a reconhecer qualquer base para esse pensamento simbólico. O século XX foi especialista na produção de mentes doentias do tipo a que acabo de me referir — mentes que só fazem combinar ignorância com arrogância. A base hiper-racionalista do século XX zombaria de uma teoria das correspondências na vida diária e do ritual por considerá-los uma "superstição primitiva". Não obstante, o comentário racionalista não é aquele que um indivíduo faz sobre o raciocínio simbólico, mas o que ele faz sobre si mesmo, e que só serve como um rótulo para defini-lo como um dos mortos-vivos.

A Tebas Ftiótida grega — bem diferente da Tebas grega principal — era quase contígua a lolco, na Tessália, algumas milhas adiante, de cujo porto Jasão e o Argos zarparam para a Cólquida. A viagem do Argos pode ser vista como uma jornada simbólica. Viajar da Tebas grega — ou da própria, ou de um seu substituto nominal — para a Cólquida equivalia a viajar da Tebas grega para a Tebas egípcia: a distância era a mesma. A Tebas grega, onde os "dentes da serpente" foram semeados, fica equidistante da Cólquida, onde os "dentes da serpente foram semeados", assim como a Tebas egípcia, onde o "Dente da Serpente" era cultuado.

O estabelecimento de categorias, de classificações, de correspondências, constitui uma armação comparável à estrutura das construções, à estrutura articulada de um corpo. O que lhes dá a vida — dá-lhes a própria fisiologia — é, para os dogons, sua

relação com Deus e com a ordem do mundo por ele criado, ou seja, com a forma pela qual o Universo é organizado e funciona hoje. É o mito que ilumina o todo. As estruturas aparecem progressivamente no tempo e são sobrepostas, tendo cada uma seu próprio significado, e também suas próprias estreitas inter-relações. É isso que confere significado à sucessão de categorias e estágios de classificação, evidenciando as relações estabelecidas entre o homem e o que não é do homem no Universo". Para se encontrar um relato de como a estrutura das inter-relações simbólicas se estendem até a mais mínima ação diária ou objeto, para os dogons, deve-se consultar a seção completa "O Pensamento dos Dogons", pp. 40-50 de *Le Renardpâle*. Essa seção expressa muito bem a mentalidade necessária para funcionar dentro de uma sociedade embasada na realidade em todos os níveis. A única desvantagem desses padrões de pensamento é que eles podem ossificar-se, se forem superelaborados como um labirinto barroco, tomando insensata a pesquisa livre, como aconteceu na Idade Média, na Europa, quando a Igreja tinha a resposta para tudo, e quem discordasse podia ser queimado, transformando-se em uma fogueira ao ar livre e comprometendo-se com a sua divindade. Há riscos para tudo; nenhum sistema de pensamento é perfeito. Somente o exercício constante e incansável do livre-arbítrio e da atenção pode regular até o mais desregulado desses organismos, a personalidade humana, mantendo-a em seu curso. Os "sistemas" são, todos eles, panacéias, seja do pensamento ou da sociedade, todos igualmente inúteis ao indivíduo incauto. A doutrina do homem, expressa em todas as boas filosofias, é a doutrina do exercício da atenção a todo momento; o arquétipo do homem bem-sucedido é o do equilibrista sobre um fio.

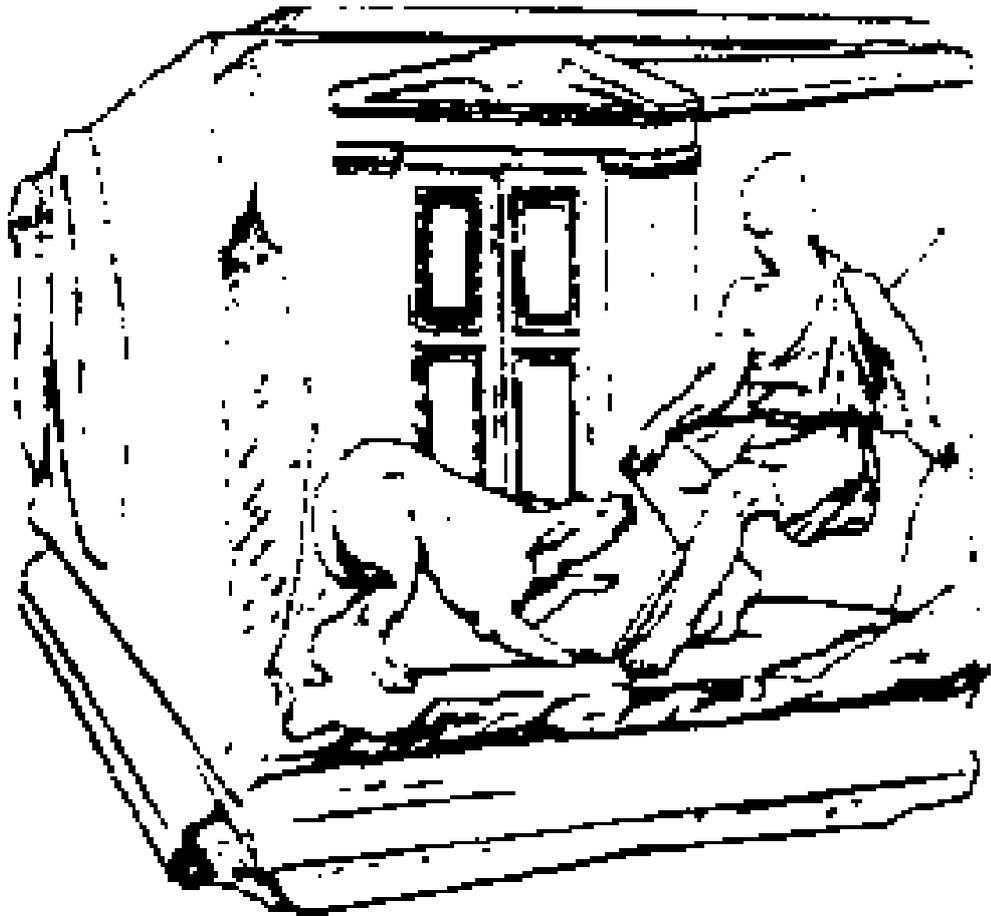


Figura 44. Odisseu (Ulisses) volta para casa, em Itaca, depois de todas as suas andanças e é cumprimentado pelo fiel cão. Argos, o único que o reconhece.

Depois de cumprimentá-lo, o cão morre. Esta é a representação de um ciclo que se completa (um dos significados da palavra egípcia *arq*, da qual o termo Argos é derivado), e também da capacidade do cão de reconhecer uma verdade para a qual os homens estão cegos. O C2i.o é o símbolo de Sírius, a Estrela Cão, pois Sírius representa um alto nível de percepção, além dos sentidos normais dos seres humanos e de uma verdade maior que não somos capazes de reconhecer.

A própria palavra "arca" é interessante tema para uma valiosa pesquisa. Já sabemos que a palavra relacionada, Argos, era o navio com cinquenta remadores que se acredita ser o símbolo de Sírius B em sua órbita de cinquenta anos. Poderia a palavra "arca" estar ligada às outras características de Sírius B. ou seja. à sua força? Nesse aspecto, não ficaremos desapontados. O verbo

grego ἀρκέο {arkeo) tem o significado, segundo o dicionário de Liddell e Scott. de "ser forte o suficiente"!

A palavra Argos foi empregada para um cão. Era o nome de um velho cão de caça de Odísseu (Ulisses), que reconheceu seu dono quando ele finalmente regressou de suas viagens, e morreu ao cumprimentá-lo. Ninguém mais reconheceu Odísseu após vinte anos de ausência, a não ser o fiel cão velho, que depois do cumprimento ao seu dono, há tanto tempo perdido, expirou no local, como mostra a Figura 44.

Argos também foi um termo usado pelos gregos para designar um monstro de cem olhos colocado por Hera para vigiar Io. E foi Io, a vaca, que conduziu Cadmo de Delfos para Tebas, onde ele semeou os dentes da serpente.

Se analisadas as palavras arca, Argos, etc. como se possuíssem a mesma derivação lingüística, ou seja, do antigo Egito (e, nesse caso, precedendo, em algum tempo, a invasão ariana da Índia em aproximadamente 1500 a.C, pois a palavra existe em sânscrito, como logo se verá), então esta derivação poderia ser basicamente ãrq e ãrqi , que são:

Essas palavras relacionadas têm vários significados curiosos em língua egípcia e podem ser grafadas de diversas maneiras, além das apresentadas acima. Arq significa "completar, terminar", no sentido de um ciclo. Também significa "o último", "o final de algo". Por exemplo, ãrq renpet significa "o festival do último dia do ano". Àrquit significa a "conclusão de um assunto". Todos esses significados lembram o significado de "Argos", em Homero — para representar um cão que testemunha o retorno de Odisseu e morre imediatamente depois de ver a face do dono uma vez mais, após muitos anos. O grande ciclo estava completo — Odisseu estava em casa. E Argos morre imediatamente. Aqui, na antiga literatura grega, vemos que "Argos" foi um termo empregado como um sinônimo do ãrq egípcio.

Na língua egípcia, a palavra ãrqi é até mais significativa. Note o signo determinativo final (desenho não utilizado como letra) O , que é um círculo com um ponto no centro. O significado dessa palavra

é "o fim de um período, o último dia do mês". Este termo, então, tem seu emprego em calendário. Pode ser aplicado também para designar qualquer culminação de período. O monstro Argos, de Hera, tem cem olhos, enquanto o Grande Ano tem cem meses (compreendendo dois grupos de cinquenta). Neste caso, "Argos" é um sinônimo poético, na antiga tradição grega, de *ãrquí*, "o fim de um período" — sua culminação, seu total, quando completo.

Suspeito da existência de uma referência distinta para um período orbital de Sírius B, sugerido pelo significado adicional de *ãrq* — "cinto", representando, como o faz, algo que circunda um centro. *Arq* possui o significado verbal adicional de algo "que une em círculo", sugerindo especificamente uma rotação. O termo latino, *arcere*, significa "envolver" e atualmente a palavra "arco" contém a idéia de movimento circular.

Não é de surpreender que o termo *ãrqii* signifique "um homem educado", um homem sábio, um especialista, um adepto. Não é difícil perceber que o indivíduo que se interessa pelos mistérios de *ãrq* precisa ser um adepto, um iniciado e um homem sábio. Por essa razão a palavra tem essa acepção de alguém que sabe a respeito de *ãrq*, um *ãrqu*.

Em Wallis Budge, encontramos uma descrição (adotada de Mau) de um templo italiano do século I a.C, com influências egípcias, em cujo interior havia "sete grandes pinturas representando cenários egípcios e Io, vigiada por Argos, e também Io recebida por Ísis no Egito. Era nesse salão, provavelmente, que se desenrolavam os Mistérios de Ísis. Assim, temos evidência arqueológica de que Argos, de cem olhos, estava pintado na parede do santuário interno de um templo de Ísis, e Ísis, como sabemos, é identificada com Sírius. Na pintura também estava Io, que anteriormente comparei à Hathor egípcia (veja página 271), também identificada com o sistema de Sírius, e, claro, era a mesma Io que conduziu Cadmo à Tebas grega (lugar que também era a Tebas egípcia, como deve lembrar-se o leitor).

O que eram os mistérios de Ísis? Bem, aparentemente se relacionavam aos Mistérios da Tesmoforia, que supostamente as filhas de Danaos haviam levado do Egito para Argos. Em Liddell e

Scott, descobrimos que Thesmophoros ("legislador") era um nome conferido a Ísis. Era um nome geralmente conferido a Deméter, deusa grega, mas também o nome de Ísis na Grécia. Em síntese, Ísis era representada como Deméter em conexão com esses mistérios, porém no templo italiano, antes referido, ela era representada como a própria Ísis. Os "cinquenta" e os "cem", associados, como vimos, a Danaos são encontrados novamente aqui, nas ruínas desse templo italiano, onde o Argos de cem olhos é representado no santuário interno do templo de Ísis. O nome Thesmophoros não nos deve distrair em demasia. Ele provém de Thesis, com uma acepção que engloba nossa thesis, no se: atual — e rhesmos, que significa "o que é assentado, estabelecido. inslo". O verbo thesmõdeõ tem o significado de "proferir preceitos", acepção que, uma vez mais, não deve causar surpresa.

Em Wallis Budge, lê-se um texto egípcio que fala da "estrela Septet (Sotis, a Estrela Cão), cujos assentos são puros", uma referência específica a haver assentos ao redor de Sírius — e, é claro, há cinquenta assentos já conhecidos, que nos levam aos cinquenta tronos dos Anunnakis, aos cinquenta remadores do Argos, etc.

Em Wallis Budge, também se lêem excertos de textos egípcios que tratam das emanções sagradas procedentes de Sírius e Orion que "vivifi-cam os deuses, os homens, o gado e as criaturas rastejantes,... tanto deuses como homens" e são o brotar da semente da alma. E claro, os dogons preservam o conceito quase precisamente nos mesmos termos. Para eles, a semente que energiza o mundo emana do sistema de Sírius.

Ainda em Wallis Budge se encontram algumas outras informações particularmente interessantes. Descobrimos que o espírito de um morto "vai para Néftis" e para o barco celeste. Muito antes, identificamos a escura Néftis com Sírius B. Portanto, é interessante saber que tão logo o morto visite Néftis e seu "duplo" (ka) é registrado no céu, ele imediatamente "gira como o sol" — acho que se trata de uma descrição astronômica específica. A medida que gira, ele "é arrastado para o Tuat (submundo ou céu)", uma

nuança frasal sugerindo uma dança circular ou, pelo menos, um movimento com uma finalidade "e é puro de vida no horizonte como Sahu (Órion) e Sept (Sírius, a Estrela Cão)". Espero que se note na frase que é dito "no horizonte" — e, bem antes, afirmei que acreditava que o termo "no horizonte" era especificamente empregado para designar a órbita de Sírius B. Temos aqui o morto girando como um sol com um propósito determinado "no horizonte". Acho que os egípcios não poderiam ser mais específicos e claros que isso. Wallis Budge comenta: "A menção a Órion e Sotis é interessante, pois mostra que houve uma época em que os egípcios acreditavam que essas estrelas eram os lares das almas dos mortos".

Uma vez sabedores desse fato (uma crença preservada também pelos dogons, como sabemos), voltemos à nossa palavra *ãrq*, que acredito ser a origem de *arca* e *Argos* em grego, que afirmo serem relacionadas a Sírius. Talvez o leitor não fique muito surpreso agora que o informo que *ãrq heh* é "necrópolis" e *ãrq-hehtt* é "o Outro Mundo" — que acabamos de ver que é localizado pelos egípcios na estrela Sírius! (Lembre-se ainda que o guardião da necrópolis, em grego, era Circe na saga do Argos.)

A palavra *ãrq* tem outra acepção, a de "uma medida", possivelmente porque em geral são tomadas as medidas dos espíritos em *Ãrq-hehtt*. Além disso, *ãrq* pode significar "serpentear" (de uma serpente) — de "unir o que está em volta".

A mesma palavra tem ainda o significado de "prata" e Wallis Budge afirma que o vocábulo grego *ἀργυρος* (*argyros*) é um derivado seu, dan-do-nos o termo heráldico *argênteo* e o nome do país Argentina. Por ser, em grego, um termo derivado de *ãrq ur* (*ur* com o significado de "chefe" ou "Grande"), na opinião de um eminente especialista, acredito não haver objeção então à minha sugestão de que outras palavras gregas se tenham originado de *ãrq* e suas formas.* Não obstante, como já disse, essa derivação é a que se introduziu no indo-europeu a partir do Egito, antes da invasão ariana na Índia, porque em sânscrito *ãrksha* significa "estelar, pertencente ou regulado pelas estrelas ou constelações" e *ãrksha-varsha* é "um ano estelar ou a rotação de uma constelação". Isso é

muito semelhante ao significado, em língua egípcia, de "o fim de um período" ao lado de sua aplicação ao calendário como o fim de um mês. Em sânscrito, mais uma vez, *ārka* significa "pertencente ou relativo ao sol". *Arkam* significa "até o sol, até o sol, de maneira inclusiva". *Ārki* tomou-se o nome de Saturno, embora naquela época fosse o planeta mais distante. *Are* significa "brilhar, ser brilhante", podendo ter a acepção de "provocar o brilho". *Ārkin* significa "radiante com a luz". *Arka* significa "um raio", além de ser uma cerimônia religiosa. E *arkara* é um "raio de sol". *Arkaja* significa "nascido do sol. proveniente do sol" e juntamente com *arkandana* pode ser empregado para designar o planeta Saturno. *Arkaparna* é o nome de um demônio-cobra: *Arka-putra* também é Saturno. As formas da palavra relacionam-se também a vários eventos astronômicos específicos e à cerimônia de *Arka* e, ainda, à planta *arka*, que possui "um grão de fruto" de certa importância,* lembrando que um dos grãos dos dogons (sobre o qual se pode saber mais. pesquisando um pouco mais os dogons), particularmente o grão da *Digitaria*, que deu seu nome a *Sírius B*, entre os dogons — em sua própria língua, é claro.

Arca significa "culto, adoração". *Arjuna*, além de ser o famoso personagem mítico hindu, significa "branco, claro" e "feito de prata" — esse último termo é, claramente, uma forma de *ārqa*, a forma egípcia variante de *ārqa* com a acepção de "prata", já mencionada anteriormente, e segundo *Wallis Budge*. possui o cognato, em grego, também já mencionado, *argyros*, que quer dizer "prata".

Além disso, assim como *Argos* é uma constelação no céu, não deve causar admiração que encontremos na Índia, em sânscrito, o termo *Arjuna* referido-se a uma constelação védica específica. (Os Vedas são os mais antigos textos em sânscrito e deram seu nome ao domicílio ariano inicial na Índia.) O verdadeiro nome da constelação é *Phalguni*. *Phala* significa "grão" ou "semente". O *Phal-grantha* é um trabalho que descreve os efeitos dos fenômenos celestes sobre o destino dos homens.

Existe também um elo com o sânscrito em relação à expressão que envolve a palavra coxa: em grego, *Arktos* tornou-se o nome de uma constelação, a *Ursa Maior*, conhecida pelos egípcios como "a

coxa" — com freqüência, os egípcios representavam-na em pinturas como o quarto traseiro de um touro.

Não houve espaço disponível na edição original, nem nesta edição revisada (1997), para publicar meu apêndice intitulado "Uma Explicação para a Teoria Laríngea dos Hititas". No entanto, desenvolvi uma explicação para esse celebrado problema lingüístico, originalmente sugerido pela questão já discutida, das palavras originadas de arca. O cognato hitita de argyros, "prata", é a palavra harki, "branco". (O cognato tocariano é ãrki, no sânscrito é ãrjuna.) Interessei-me pela estranha letra hitita, que era um misterioso som gutural chamado de "laríngeo". Depois de algum tempo, tal som laríngeo desapareceu do hitita, não sendo conhecido em nenhuma das línguas indo-européias. Assim, realizei uma pesquisa de oito exemplos das palavras hititas, contendo o som laríngeo e pude demonstrar que todas parecem ter suas origens em palavras egípcias que continham sons guturais estranhos, as quais os hititas tentaram acomodar no som laríngeo de. As palavras hititas eram: harki, ishai/ishiya ("unir"), pahs ("proteger"), newaljh ("renovar"), eshar ("sangue"), bastai ("osso", do qual se originou osteopatia!), /7<^////z/r ("fogo, que deu origem a pira) e hanti (em frente a", de onde provém "anti-"). As origens egípcias de todos esses termos são: ãrq iir ("prata"), m shaiii ("ligações de um arco"), pa-ãa-n-ursh ("guardião"; em copta é panourshe), u 'iiatch ("ser jovem e novo para"), teshar ("sangue"), qeslqas ("osso), pã-u ("chamas") e khenti ("em frente a"). Sugiro que uma força militar egípcia tenha mantido contato prolongado com os hititas e a maioria dessas palavras, como é o caso de "sangue", "osso", "chamas", "proteger", "ligar", "ocupar a posição da frente", fazia parte de um idioma comum dos soldados, que conseqüentemente foi adotado pelos hititas. A partir de então, essas palavras se desenvolveram em grande parte das línguas indo-européias antes da migração dos arianos para a Índia. O som laríngeo, sugiro, foi adotado pelos hititas para tentar pronunciar esses estranhos sons egípcios, como as vogais a e ii profundamente aspiradas, assim como os sons guturais, como o q kh egípcios. Desenvolvi essa solução para a teoria laríngea da

língua hitita por volta de 1973 e só vinte e quatro anos depois ela é mencionada, neste livro, em forma abreviada, o que, suponho, é melhor do que não ser mencionada. Parece notável que a solução do problema tenha surgido de uma postura assumida em relação às formas da palavra ark, enquanto derivados da língua egípcia, e a vejo, portanto, como uma confirmação inesperada da fimeza de um ponto de vista.

Se o leitor encontrar outras palavras, proponho que considere as mais importantes sob outros aspectos. Peço a você que consulte a obra de Wallis Budge, atualmente bastante familiar a todos, tendo em vista as muitas citações que fiz desse estudioso. O leitor perceberá que estamos próximos de uma conclusão do assunto e, assim, deverá reunir suas últimas reservas de paciência até completarmos o estirão final de nossa marcha pelo terreno dos hieroglifos, por mais íngreme que seja.

Em Wallis Budge, encontramos uma passagem de um dos Textos da Pirâmide, em que Osíris é descrito em seu papel de marido de Ísis (Sírius) e implora: "Não te enfureças, em teu nome de Tchenteru". Essa melancólica súplica deve ser examinada. O que poderia ser mais terrível na terra em relação a esse "Tchenteru"? Bem, passemos a examinar; a palavra tchencha significa "ira, cólera". Portanto, é evidentemente o significado da palavra. Mas, continuemos a rastrear os termos. Mais adiante, no mesmo Texto da Pirâmide, lê-se a respeito do nascimento de Hórus, o filho de Osíris com Sotis: "Hórus-Sept [Hórus-Sírius] saiu de ti na forma de *Hórus, habitante de Sept [Sírius]'. Deste a ele um espírito, em seu nome, 'Espírito, habitante de Tchenteru'".

Temos aqui uma interessante luz nova sobre a Tchenteru, cuja importância se devia apenas à razão imediatamente aparente. Tem algo a ver com Sírius. Mas o quê? Obviamente, a estreita associação do lugar denominado Tchenteru e o sistema de Sírius levou-me a investigar a palavra e suas formas relacionadas.

Descobri que ichentha significa "trono" e tchenh-t significa "costado (de navio)" — uma segunda acepção significativa. E descobri ainda uma terceira: tchens significa "peso, pesado"! Ultrapassa em muito o âmbito da coincidência. Primeiramente, há a descrição do

sistema de Sírius como o lugar Tchenteru e então descobri que a palavra, em suas formas relacionadas, significa três coisas que se referem estritamente a Sírius: "trono", "costado de navio" e "peso, pesado". Tchenteru é "o lugar do peso", sendo identificado pelos egípcios com o sistema de Sírius! Descobri ainda que Tchenti é um deus de duas cabeças (posteriormente este nome se tornou um dos 75 nomes de Rá, perdendo sua importância original). Ora, um céu de duas cabeças, cada uma representando uma órbita, e com cinquenta olhos resulta em um deus com cem olhos, e o monstro de cem olhos dos gregos era Argos.

Wallis Budge diz que outra forma de tchens, "peso", é tens, também com o significado de "peso, pesado" E a palavra seguinte no dicionário gigante é teng. que significa "anão". Vê-se então uma aparente variação da mesma palavra com o significado de "pesado" e "anão", especificamente aplicados ao sistema de Sírius.

Mas caso ainda restem céticos (e sempre restam), será relevante examinar a palavra egípcia shenit. Essa palavra significa "a divina corte de Osíris". A mesma palavra, shenit, significa "círculo, circuito" e shent significa "um circuito, girar ao redor, rotação". Shenii significa "circuito, o círculo, periferia, circunferência, órbita, rotação" e há uma expressão específica na escrita:

Q Q

que Wallis Budge apresenta e cujo significado é "os dois circuitos" — e é claro, duas vezes cinquenta é cem, o que nos dá o Grande Ano. Shen ur significa "o Grande Círculo" ou "o circuito do Grande Círculo" ou "as ilhas de Shen-ur", o que acaba sendo interessante por indicar que o lugar do Grande Círculo não apenas é "a divina corte de Osíris", o marido de Sotis (Sírius), mas também um lugar com ilhas (estrelas ou planetas) onde presumivelmente se pode viver.

Como E. A. Wallis Budge diz em *Egyptian Magic* (Magia Egípcia) ... pretende representar a órbita do sol e se tornou o símbolo de um período de tempo indefinido, isto é, a eternidade; era colocado sobre o corpo do morto com a finalidade de lhe dar a vida que

resistiria enquanto o sol girasse em sua órbita celeste. Na pintura da câmara da múmia, as deusas Ísis e Néftis são vistas ajoelhadas e com as mãos descansando sobre shen.... O cartucho tem a forma elipsóide e acredito que esse "estiramento" ou "alongamento" do shen pretenda especificamente representar uma órbita elíptica. E uma referência ao sistema estelar binário de Sírius o fato de as irmãs Isis e Néftis, representando Sírius e sua "companheira escura", descansarem as mãos sobre o shen e também a razão para que este geralmente, seja representado em duplicidade. E, ainda, a forma elíptica do shen, que se tornou um receptáculo de nomes, é uma referência ao conhecimento esotérico de que as órbitas celestes são elípticas e não circulares, conforme afirmação específica da tribo dogon.

O verbo shenii significa "girar em torno de, circundar", mas o verbo shen significa "pairar sobre" e presumivelmente a grande órbita se encontra acima de nós, no céu, pairando no espaço.

A palavra egípcia khemut significa "ventos quentes e secos, o khamasin, ou khamsin, isto é, ventos dos 'cinquenta' dias quentes". Isso é bem interessante. O khamsin arábico, "cinquenta" e o khamshin hebraico, "cinquenta", obviamente derivaram dessa fonte egípcia. Nos períodos tardios, "os dias do cão" referentes ao período de surgimento de Sírius, e assim chamados por ser esta "a Estrela Cão", supostamente, eram quentes e secos. Há muitas referências a isso em escritores como Plínio e Virgílio. Aqui é encontrada uma antiga tradição de dias quentes que incorporam o número de Sírius, cinquenta. Essa mesma palavra, khemut, tem significados semelhantes em suas formas relacionadas. Khemiu-urtu significa "as estrelas que não descansam". Khemhi-hepu significa "uma classe de estrelas". Khemiu-hemu também significa "uma classe de estrelas". Em resumo, khemiu significa "estrelas". Então khem (ainda que aparentemente não seja empregada em seus próprios textos remanescentes) realmente significa "estrela", assim como se refere a cinquenta dias. Khem também possui os significados de "lugar sagrado, santo dos santos, santuário" e "pequeno", e ainda "aquele cujo nome é desconhecido, isto é,

Deus"; "deus da procriação e poder gerador"; "estar quente" e "desconhecido". Todos estes significados são relevantes para os mistérios de Sírius. O sistema de Sírius era considerado a fonte de poder gerador e criativo; como já vimos, Sírius B, é claro, era "desconhecida", além de ser "pequena" e uma estrela que não descansava. E que outra estrela não descansaria senão Sírius B? Isso porque somente os planetas bem conhecidos e diferenciados pelos antigos egípcios "não descansavam", com a notável exceção de Sírius B. Cometas e meteoros à parte, eles também eram bem classificados.

Existe um "Hino a Osíris" preservado em uma Esteia na Bibliothèque Nationale, em Paris, que data da XVIII Dinastia por volta de 1500 a.C. e encontrado em Wallis Budge. Descobrimos o termo khem empregado nesse interessante hino na seguinte passagem: As estrelas que nunca diminuem estão no trono de sua face, seus tronos são as estrelas que nunca descansam.

Essa passagem é extremamente interessante em razão do tema repetitivo de "tronos" (palavra que, no singular, é um nome próprio, Isis) usado para designar a região celeste de Osíris — que, como se sabe, é o sistema de Sírius. É claro que, a um exame superficial, essa passagem parece simplesmente descrever uma espécie de vaga referência a um grande deus. que está no céu. em um lugar ou outro, e possui um trono celestial e muitas estrelas, cintilando aqui e ali, ao seu redor, para acrescentar deslumbramento. Porém, a uma cuidadosa inspeção de como se expressam os fatos nessa passagem, verifica-se que esse tipo de interpretação não é sustentável. O fato é que os egípcios eram incrivelmente precisos no que diziam. Não se pode simplesmente atenuar as afirmações precisas inconvenientes, aparentemente ininteligíveis, tentando varrê-las para um canto, a fim de "se reconciliar com elas". Na passagem anterior, que descreve khem, ou as estrelas, descobrimos que elas estão associadas — na realidade, identificadas — com tronos, que são bem distintos do trono do próprio Osíris. Ora, essa é uma descrição precisamente equivalente à do trono de Anu e os tronos dos Anunnakis que o circundam, com os quais nos deparamos na Suméria. Aqui

também, o contexto é tanto celeste como relacionado a Sírius. Os tronos também são as "estrelas que nunca descansam" — talvez uma descrição do movimento de Sírius B, atribuindo-se um significado familiar da "etapa" de cada ano na órbita, ou seja, equiparando-a a um "trono". A mesma palavra, khemut, no entanto, refere-se a cinquenta dias e a Sírius!

Outra palavra egípcia pode lançar alguma luz sobre o nosso tema. Um jogo de palavras usando o vocábulo egípcio meni pode ser uma possível explicação dos termos dentes da serpente e brotar de soldados. Essa palavra significa tanto "soldado" como "arar, lavrar, cultivar". Uma combinação dos significados produz a estranha idéia de soldados produzidos de um cultivo. Na história de Jasão, ele precisa sujeitar dois touros na canga e arar o campo — e só depois é que ele pode semear os dentes da serpente. Quem leu Argonáutica sabe disso. Jasão não adentra o campo simplesmente, lança alguns dentes de serpente à sua volta como se fossem sementes, afasta-se e pronto! Ele teve de arar o campo. Teve de praticar meni para produzir meni.

Mas voltemos agora a nossa atenção para a misteriosa palavra egípcia tchãm. Um significado de tchãm é "cetro, possivelmente porque o significado de tchãm em Anpii é o nome do "cetro mágico de Ânpu (Anúbis)".

Tchãmti são "arqueiros" e Sírius é a Estrela do Arco, como sabemos. Ora, o significado realmente intrigante de tchãm é "uma espécie de metal precioso. Existem várias expressões na literatura, como "o mais fino tchãm", "tchãm real" e "tchãm do cimo da colina". Dá a impressão de que tchãm é um objeto muito especial. Presumivelmente, o cetro de Anúbis, que é o cetro tchãm, é feito de material tchãm. Cetro é um objeto que exerce domínio e força. O fato é que "tchãm do cimo da colina" tenha um significado mundano no sentido de ser o material um metal escavado no alto da colina, ou mais provavelmente, seja ligado a Anúbis, não só por meio de seu cetro. mas por ser no cimo da colina a residência do deus no sentido de zigurate. como o encontrado na Suméria, pois Anúbis era conhecido como "Anúbis da colina".

Em Wallis Budge são encontradas mais informações dos Textos

da Pirâmide a respeito de tchãm. As referências são inteiramente estelares. Existe uma descrição do faraó morto, nesse caso, Pepi I. O pai de Pepi é Tem. "o grande deus de An (Heliópolis), e o primeiro deus-Homem vivo; o criador do céu e da terra". Na Suméria, também o grande deus de An era o criador do céu e da terra, mas ao que se sabe não havia uma cidade com esse nome, como no Egito a cidade de An, que veio a ser conhecida pelos gregos com o nome de Heliópolis.

Sobre Pepi se lê no texto que "o aparecimento desse deus no céu é como o aparecimento de Tem no céu". Tudo isso não passa de vulgar lisonja — típica dos textos de lamentação pelo faraó morto. Cada faraó se assemelha ao grande deus de An e a um ou outro grande deus, além de realizar cada uma das coisas celestes concebíveis. O faraó está morto, vida longa para o faraó!

Ora, vários deuses, entre os quais o governador da Ilha do Arco e Sept (Sírius) "sob suas árvores", carregam uma escada para Pepi. Pepi então "surgiu sobre as duas coxas de Ísis, Pepi repousou entre ambas as coxas de Néftis". Pepi é colocado por Tem à frente de todos os deuses e "Pepi é posto em seu barco" com Hórus. Ele permanece então "entre as imperecíveis estrelas, que se apoiam em seus cetros tchãm e se amparam em suas escadarias". Isso significa, para deixar claro, que o metal tchãm é também, especificamente, um material estelar que sustenta as estrelas!*

Lê-se, em seguida: "Este Pepi teve vida mais longa que a de seus cetros ãir. A palavra au au significa "cão, chacal" e suspeito que exista um elo com a "estrela cão" e Anúbis, o chacal/cão. Além disso, àu-t en àthen é o àut-t do sol, ou "o curso do sol". Mas, resumindo:

Ó vós, deuses do Céu, os imperecíveis, vós que navegais pela Terra de Tehenu [os Tehentiu são "os deuses cintilantes, as luminárias estelares", palavra derivada de tehen que significa "faiscar, cintilar] em seus barcos e os dirigis com os vossos cetros, e este Pepi dirigiu convosco o seu barco, por meio de seu cetro uas [Uàsar é uma forma variante de Asar, o nome de Osíris, e uas-t é "um tipo de animal, cão (?)] e do cetro tchãm e, ele se tornou o quarto,

convosco [indicando que ele se uniu a um grupo de três estrelas!]. O, vós, deuses do céu, vós os imperecíveis, que navegais pela Terra de Tahennu, que vos transportais por meio de vossos cetros, esse Pepi transportou-se convosco por meio do uas e do tchãm, e ele é o quarto convosco.

.... Esse Pepi é a matéria ãnes que provém de Néftis ... Pepi é uma estrela ... Pepi é Sept, embaixo de suas ár\ores sebt ... A estrela Septet (Sotis) segurou a mão de Pepi. Pepi semeou a terra ... Osíris [Pepi é tratado pelo nome], tu és o duplo de todos os deuses. [Uas é também o nome egípcio de Tebas.]

Vemos aqui a descrição das experiências celestes pós-morte de Pepi, o faraó morto. Ele vai para as regiões estelares e se une a três estrelas, tornando-se "a quarta". Usa três cetros para o poder, o au (semelhante à palavra que designa cão/chacal), o uas (também o nome de Tebas, semelhante à outra palavra para designar cão e relacionada a uma variante do nome de Osíris), e ainda o tchãm (um metal misterioso e o cetro do deus com cabeça de cão/chacal, Anúbis). A estrela Sírius é especificamente descrita como aquela que segura sua mão. O próprio Pepi é transformado em uma estrela, segundo a clara afirmação: "Pepi é uma estrela". Ele se torna uma estrela e a estrela Sírius segura sua mão, o que não tem outro sentido senão o de também ter se tomado uma Estrela do sistema de Sírius, e, ainda, ele "se tomou o quarto convosco". Ele é então identificado, por sua vez, com as três outras estrelas do sistema de Sírius: Ísis-Sotis, Néftis e Osíris. A primeira emite "matéria ùnes" a segunda é a feminina Néftis que pode ser idêntica à "Sorgo-feminina", ou Sírius C, dos dogons (ainda que algumas vezes Néftis se refira a Sírius B, em outros textos) e a terceira é chamada de "duplo de todos os deuses" — sendo a companheira circun-dante e o "duplo" arquetípico de muitas personagens desde Isis a Gilgamesh. Obviamente, essa é Sírius B.

E há, ainda, tchãm, a poderosa estrela de "metal", da qual se diz ter o poder de Anúbis, anteriormente identificado como a

personificação da órbita de Sírius B. Além disso, tchãm é uma palavra bem semelhante a tchens, abordada anteriormente, cujo significado é "peso" e suas formas relacionadas tens, "pesado, peso", tensmen "ser pesado" e o vocábulo similar teng, "anão". Quando se fala de algo descrito apenas por uma série de palavras, aparentemente relacionadas, a saber: tchens tens teng tchãm, o significado literal resultante, admitindo-se a ausência de uma gramática apropriada, seria "o peso (da) estrela-metal anã pesada", lembrando que tchãm também é identificada especificamente com o poder do deus Anúbis, já identificado antes com a órbita de Sírius B, a estrela anã, composta de "metal estelar" superpesado.

No que se refere a esse metal estelar, é conveniente notar que em Isis e Osíris (376 B) Plutarco diz sobre os egípcios: "Além disso, eles chamam a magnetita de osso de Hórus e o ferro de osso de Tífon, segundo registro de Maneto" (Maneto, fragmento 77). É preciso lembrar que "os ossos da Terra", na antiga tradição, são pedras. É interessante notar que o ferro pesado é "o osso" de Tífon, e por nós determinado, anteriormente, como uma descrição de Sírius B. O ferro magnetizado, ou a magnetita, é "o osso" de Hórus, o filho de Ísis e Osíris. Esse tipo de tradição se enquadra exatamente às nossas expectativas.

Lembremos, ainda, que Anúbis é a forma utilizada por nós para grafar a palavra egípcia real Anp ou Anpu. O verbo ánp significa "envolver", o que obviamente se vincula ao papel de embalsamador sagrado desempenhado por Anúbis. É bastante significativo que Àip heni seja "um deus com cabeça de chacal que guardava o rio de fogo, uma forma de Anúbis". Conforme nossa proposição, "o rio de fogo" é uma forma de descrever a órbita da estrela Sírius B, ressaltando o quanto é interessante a afirmação de que Anúbis, também já identificado como a representação da órbita, seja especificamente o guardião do mesmo rio de fogo. Além disso, "envolver" poderia ter uma acepção de órbita, assim como o seu sentido óbvio de "bandagem".

É preciso lembrar que uma descrição especial de tchãm, apresentada pelo Dictionary (Dicionário) de Wallis Budge era

"tchãm do cimo da colina"; também já equipáramos tchãm a Anúbis. Portanto, não nos surpreende que o título de Anúbis seja Tepi tu-f, "aquele que está em sua colina". Como acabei de mencionar, esse parece ser um conceito de zigurate, como os encontrados na Mesopotâmia. O complexo de palavras tepi é bem interessante e convida à análise.

Tepi significa "o ponto mais dianteiro da proa do navio", a parte mais extrema da popa" — muito específica e se enquadra exatamente em minha caracterização do que era importante em relação ao navio Argos. Tepi também significa "o primeiro dia de um período de tempo", sendo dito anteriormente que as pontas da proa e da popa do Argos (com seus cinqüenta remadores entre ambas) eram um símbolo da órbita de Sírius B. É preciso lembrar ainda que ãrqi significa "o último dia de um período de tempo". Portanto, na língua egípcia, o período de tempo tem um primeiro dia chamado tepi e um último dia chamado ãrqi. Tepi descreve o Argos e exatamente ãrq é a origem da própria palavra Argos. Tepi é uma parte do título descritivo crítico de Anúbis, já equiparado ao Argos. Existe ainda um elo entre tepi e o complexo de Sírius. A palavra tep ra significa "a base de um triângulo" e as palavras septii e septch têm o significado de "triângulo" — Septit é Sírius e o seu hieroglifo é um triângulo.

O significado básico de tep é "boca" (portanto, o significado de tep ra sebek é "'boca de crocodilo' — uma doença ocular") e de forma até mais fundamental "início ou começo de algo". É interessante para o estudo de conceitos de geometria notar que os egípcios pensavam na base de um triângulo como a sua "boca" ou um começo.

Ora, a ligação entre ãrqi e tepi — ou seja, o final de um ciclo e o começo do seguinte — pode levar a alguma confusão sem grandes conseqüências. Se o último dia do antigo ciclo é ãrqi e o primeiro dia do novo ciclo é tepi, seria fácil pensar em ãrqi como o início — afinal, esta palavra e tepi são limítrofes eqüivalendo praticamente à mesma coisa. Em certo sentido, pode-se até afirmar que o verdadeiro final de um ciclo é o começo do seguinte. Para nós, o dia de Ano Novo é representado pela combinação de

um velho com uma foice, ou segadeira, afastando-se, enquanto um bebê representa o Ano Novo. As duas imagens estão juntas. O tempo passou e as tradições entraram em declínio, e deve ter sido algo muito fácil pensar em *ãrqi* como um novo ciclo, uma vez que é o fim do antigo. E é o que presumo tenha acontecido no grego, no caso do verbo *archōmai* que significa "o que deve começar" ou "o que deve proceder ao início". Além disso está relacionado a *archê*, que significa "começo, ponto de partida", etc, e ainda sobrevive em nossos vocábulos arquitetura e arquétipo. Temos então mais algumas evidências de que as formas da palavra "arca", nas línguas indo-européias, derivaram das formas da palavra *ãrq* da língua egípcia.

Outro elo no complexo de palavras derivadas de "arca" com a saga dos argonautas é encontrado em um estranho lugar. Um dos mais peculiares tratados sobrevivente dos tempos antigos é o curioso *of the Names of Rivers and Mountains and of such Things as are to be found therein* (Sobre Nomes de Rios e Montanhas e das Coisas Neles Encontradas). Esse tratado sobreviveu no conjunto de escritos de Plutarco, mas evidentemente não é de sua autoria. Plutarco viveu no século I d.C, porém esse tratado parece ser um tanto posterior. De fato, o tratado surpreende-me, por ser basicamente a sátira de um tipo de escrito comum na época. Um dos rios discutidos nesse tratado é o Faso, o qual Jasão subiu em direção a Aea, na Cólquida. Desse rio, lê-se: "Antigamente era chamado de Arcturus ..." Sem desenvolver nenhuma noção desse ponto, quero simplesmente observar que o próprio rio na Cólquida tivesse um nome talvez relacionado ao complexo de palavras de "arca". Arcturus, supostamente, significa a "ala do urso" referindo-se à ala do urso conhecida como Ursa Maior, ou a Grande Ursa. Arcturus na constelação do Boieiro é concebida como sua companheira segundo Alien, que afirma que ela tenha uma ligação com Osíris e possivelmente com Hórus. Provavelmente, esta é uma das muitas confusões referentes às "companheiras" comparadas entre si. Porém, como já disse, não quero desviar-me da rota, examinando essa questão do nome Arcturus tudo o que a envolva. Só faço observar o fato de que o rio Faso era no passado

chamado de Arcturus e nada mais.

O nome Faso tinha ligações com pássaros, caso da expressão "o pássaro fasiano". Faz-se necessário lembrar que a palavra kirke ou circe vin cula-se à Cólquida. Então, é interessante observar quQ phassa, em grego, "pombo-trocaz". As formas dessa palavra referem-se a pombos e estes es tão estreitamente vinculados, como já vimos, aos centros oraculares-ônfalo detemiinados a partir de Behdet. Sabemos ainda que Aea, na Cólquida, est situada às margens do rio Faso, e tem associações com o Argos e os oráculo: além dos vínculos com os pombos e, ainda, da arca e do Argos soltaram-s pombos. A ligação entre os termos Phasis e phassa não causa surpres; Esse rio, seja ele chamado de Faso ou de Arcturus, parece ser designado d maneira adequada. Note-se ainda que, em grego, um phasso-phonos, e "pombo-assassino", é o nome de um tipo de falcão, assim como kirke.

Antes de deixarmos Plutarco para trás, podemos ainda observar que em Ísis e Osíris ele nos informa que o nome de Osíris era Omphis. Um interessante elo com os oráculos e, conforme testemunhado por Plutarco usual em sua época.

Voltando a tepi, notamos que tep ra não só significa "a base de um triângulo", mas também "oráculo divino", algo muito relevante. Apresentei a proposta de que os oráculos têm vínculos com o Argos enquanto representante da órbita de Sírius B, que tem seu início designado por tepi, e descobrimos que, na língua egípcia, a palavra para designar "oráculo" é tep ra.

Tepi ã tornou-se a palavra para designar "ancestrais", em função do \ínculo que tepi mantém com o ifício das coisas. Já tepi-ãui-qerr-en-pet significa "os deuses ancestrais do círculo do céu", o que, mais uma vez, é relevante. Visitantes, talvez?

Os deuses do círculo do céu parecem ser uma referência ao relato de Plutarco sobre a religião persa em Isis e Osíris (370 A—B). A religião persa anterior ao Islã era o zoroastrismo, que ainda hoje sobrevive como a religião dos parses de Bombaim, na Índia, cidade para onde foram depois da saída de sua pátria, na Pérsia, quando da conquista por invasores muçulmanos. Os persas não

eram árabes semíticos, mas se relacionavam com os hindus arianos e com o sânscrito. Na realidade, a forma mais antiga do sânscrito, a chamada forma védica, é bem pouco diferente da forma mais antiga da língua persa, denominada avéstico.

Zoroastro (também conhecido como Zaratustra) é famoso por ter proposto dois princípios divinos básicos: Ahura Mazda, o princípio da luz e da benevolência; e Arimã, o princípio do mal e das trevas. Estes dois princípios são também conhecidos pelos nomes de Oromazes e Areimanius, nomes estes empregados por Plutarco em seu tratado. Recapitulando a descrição de Plutarco, citada anteriormente, de que Anúbis era o círculo, que dividia a luz e as trevas na religião egípcia, será interessante notar que nas linhas 369 E—F ele o compara a este conceito, descrevendo, em termos semelhantes, o deus persa Mitra,** o mediador entre a luz e as trevas. Na linha 370, temos então esta notável passagem: (Os persas) também contam muitas histórias fabulosas sobre seus deuses, como por exemplo, a que segue: 'Oromazes nasceu da mais pura luz, e Areimanius, das trevas, e estão constantemente em guerra entre si. Oromazes criou seis deuses, sendo o primeiro o do Bom Pensamento; o segundo, o da verdade; o terceiro, o da Ordem e o restante, como segue: o da Sabedoria; o da Riqueza e um deles, o Artífice do Prazer, sendo Honrado neste particular. Contudo, Areimanius criou rivais, de certo modo, em número equivalente a esses deuses. Esses doze deuses seriam zodiacais. Mas a passagem subsequente é realmente interessante: 'Então, Oromazes, ampliou o seu próprio tamanho, tornando-se triplo, e afastou-se para bem longe do Sol, já que o Sol fica bem distante da Terra, e adornou o céu com estrelas. Uma estrela foi colocada por ele à frente de todas as outras, como a guardiã e vigia: a Estrela Cão. Vinte e quatro outros deuses ele criou e colocou em um ovo. Porém, os deuses criados por Areimanius, em número equivalente aos outros, perfuraram o ovo e nele penetraram; por isso, agora o mal está misturado com o bem. Uma nota de rodapé na edição da Loeb acrescenta: É evidente que duas séries de deuses se entrelaçaram, mas se quem está dentro ou fora são os deuses maus ou os bons, isso não está claro no texto.

Essa passagem merece realmente alguma atenção. Descobrimos uma descrição bastante específica de todo o ocorrido em uma região destinada a ser diferente de nosso sistema solar. Parece que os persas entenderam claramente que as estrelas fixas estavam além de nosso sistema solar. Isso, no mínimo, é o que parecem estar tentando transmitir — um lugar diferente. Em qualquer caso, a "luz" do deus Oromazes e as "trevas" do deus Areimanius criam, cada qual, vinte e cinco deuses, o que dá um total de cinqüenta. Eles são colocados dentro de um ovo, cuja forma é elíptica, exatamente como uma órbita. Um dos vinte e cinco deuses criados por Oromazes, por leve adulteração, tem a denominação de Sírius, porém, em qualquer caso, a Estrela Cão, Sírius, foi criada por Oromazes, além dos vinte e quatro outros deuses, totalizando vinte e cinco, e os correspondentes vinte e cinco, criados por Areimanius — e eles se misturam na forma de um ovo. O que lhes parece? E de Sírius afirma-se, especificamente, que é a principal. E sendo Areimanius o deus das trevas e suas criaturas eram "escuras", então sua criação, em oposição, seria uma Sírius "escura", não é mesmo? Em relação aos cinqüenta deuses seqüenciais em torno de Sírius (nos termos estritos deste texto, até se poderia ordenar que os quarenta e nove deuses seqüenciais, ao redor de Sírius, porém eu falo em certa adulteração da tradição porque, pelo que já se sabe, mediante descrições de outrem, Sírius realmente seria o quinquagésimo primeiro elemento), eles, obviamente, representam os cinqüenta anos da órbita de Sírius B, em forma de ovo, ao redor da Estrela Cão, que é o "guardião e o vigia".

Há muitos outros exemplos, nas tradições antigas, oscilando entre os quarenta e nove e os cinqüenta. Graves faz essas interessantes observações: "As principais sacerdotisas eram escolhidas por uma corrida a pé (a origem dos Jogos Olímpicos), e corriam até o final dos cinqüenta meses, ou de quarenta e nove anos alternados". A parte o fato de que Graves fala em relação aos "cinqüenta meses" como antecedentes das Olimpíadas, um ponto já discutido por nós bem antes, verificamos o uso alternativo de quarenta e nove e cinqüenta como mensuração alternativa de

tempo. E algo muito parecido com a descrição persa feita anteriormente. Há ainda um exemplo da Bíblia, no Levítico 25, 8-13:

Contareis sete semanas de anos, ou seja, sete vezes sete anos, em um total de quarenta e nove anos, e no décimo dia do sétimo mês, no Dia Expição, fareis ressoar a trombeta de chifre de carneiro. Deveis fazê-la ressoar por todo o país e então declarareis como santo o quinquagésimo dia e proclamareis a libertação de todos os habitantes da Terra. Fareis deste ano o vosso jubileu. Cada homem retomará ao seu patrimônio, cada homem voltará para a sua família. O quinquagésimo ano será o vosso jubileu. Não semeareis nem colhereis o que a terra produzir por si mesma, nem fareis a vindima da vinha não podada, porque é o seu jubileu sagrado para vós. Comereis do que produzir espontaneamente a terra.

Essas palavras e muitas outras subseqüentes, mas não citadas (já que ninguém consultará a Bíblia em busca do texto completo) foram ditas por Deus a Moisés no monte Sinai, e são as orientações de Jeová aos israelitas. E ainda mais significativo o que Jeová tem a dizer mais adiante, no mesmo discurso, a respeito de tudo o que lhe deve ser dedicado, quando fala do jubileu de cinqüenta anos e, ainda, o que deve ser feito pelos israelitas: "...porque para mim os israelitas são escravos, meus escravos que tirei do Egito. Eu sou o Senhor. Vosso Deus". Lembre-se aqui da origem da tradição de Sírius de Danaos ao Argos, etc. Parece que os israelitas também têm grande participação nisso tudo, ainda que provavelmente nem um só rabino deixasse de trepidar a essa sugestão.

Um extenso apêndice, "O Mistério de Sírius: Questões para o Judaísmo", teve que ser omitido dessa edição (da edição original) por falta de espaço, e portanto nunca será publicado. Encontrei alguns dados fascinantes na Cabala e ainda tenho muito a dizer sobre o Jubileu Hebreu de cinqüenta anos.

O que dizer, então, dos quarenta e nove anos versus cinqüenta? Talvez, como explicação, devêssemos retornar ao livro de Robert Aitkens, *The Binan Stars (As Estrelas Binárias)*. Na discussão

sobre o período do tempo da órbita de Sírius B em torno de Sírius A, ele diz: Talvez a órbita de Volet, calculada em 1931, e que difere muito pouco do meu cálculo, publicado em 1918, tenha um período de rotação de 49-94, enquanto o período de Auwers é de 49-42 anos — sendo o ponto principal que a órbita de Sírius B esteja entre quarenta e nove e cinquenta anos, mas é um pouco menos que cinquenta anos.

O livro de Aitken também nos informa com firmeza que a órbita é elíptica, como o são as órbitas de todos os corpos celestes. Mas, é claro, quando se fala em termos gerais da órbita de Sírius B, não dá para afirmar que é "uma elipse", mas sim "um círculo". Dizemos, em linguagem coloquial: os planetas circulam em torno do sol, ainda que se saiba que suas órbitas são elípticas. E muitas outras menções sobre a órbita de Sírius B, em nossas fontes, referem-se "ao círculo". Porém, naturalmente, os dogons desenhavam uma elipse específica na areia para representar a órbita de Digitaria (Sírius B). A Figura 8 compara claramente o diagrama tribal dogon da órbita de Sírius B ao redor de Sírius A com um diagrama astronômico moderno.

Já vimos, quase no início deste livro, que os dogons não apenas sabem que a órbita de Sírius B em torno de Sírius A é uma elipse, mas também conhecem o magnífico princípio das órbitas elípticas, pelo qual o corpo celeste em torno do qual se realiza a órbita tende inevitavelmente a ser um dos dois focos da elipse. Os dogons dizem especificamente: "Sírius... é um dos centros da órbita de uma estrela minúscula, a Digitaria". Kepler formulou pela primeira vez tal princípio como lei do movimento planetário — um revolucionário passo à frente na ciência ocidental. Os dogons também descrevem a órbita da "Estrela das Mulheres" (um planeta ao redor de Sírius C), que forma uma elipse com Sírius C em um dos centros.

Ora, à luz da confusão entre os quarenta e nove e cinquenta anos que acabamos de mencionar, ao lado das referências a sete vezes sete, equivalentes a quarenta e nove, e considerando o fato de que o período orbital de Sírius situa-se entre quarenta e nove e cinquenta anos, isso pode muito bem se ajustar à afirmação de

Graves sobre o Ano Sagrado: "Cinqüenta meses, ou quarenta e nove, em anos alternados", portanto contrabalançando com uma aproximação à realidade, por meio da contagem sucessiva de cinqüenta anos, e em seguida, de quarenta e nove anos, depois cinqüenta... etc, pode-se entender por que as órbitas de Sírius B e Sírius A são "contadas duas vezes para chegar a cem anos", segundo afirmam os dogons e conforme era o procedimento no Egito e na Grécia, conduzindo à duplicação do Ano Sagrado para uma centena de meses e à deusa Hécate, que significa "cem", ao lado dos homens com cem mãos da mitologia grega, etc. A contagem em pares das órbitas de Sírius B era necessária para fazer a aproximação de um número inteiro. A comprovação desse fato é que os dogons e o povo da área do Mediterrâneo confirmam, com certeza, que a tradição de Sírius, preservada pelos dogons, é um remanescente da tradição mediterrânea (ou seja, egípcia) levada pelos ancestrais desse povo, por intermédio do reino dos garamantes da Líbia, onde essa tradição foi adotada pelos imigrantes mínios.

É também bastante significativo e conclusivo, em especial, que os dogons afirmem: "O período orbital de Digitalia é de cerca de cinqüenta anos e corresponde aos primeiros sete reinados, de sete anos cada um, dos primeiros sete chefes..." E: "Esta regra era uma operação relativa aos quarenta e nove anos para os primeiros sete chefes, que então nutriam a estrela, permitindo-lhe renovar periodicamente o mundo. Mas o oitavo chefe, tendo descoberto a estrela...", etc, combinando também o sacrifício do chefe sagrado, um conceito enfatizado repetidas vezes por Graves, em suas inúmeras referências ao Ano Sagrado de cinqüenta meses. Essa passagem do relato de Griaule sobre a informação recebida dos dogons é quase lida como uma rigorosa citação do Livro Levítico, da Bíblia, ou do livro Os Mitos Gregos, de Graves! É possível ainda restar alguma dúvida de que as duas tradições são idênticas? Aquela trazida pelos dogons do mundo mediterrâneo para uma área selvagem, onde sobreviveu aos embates do tempo e do império espantosamente intacta e específica? E que a tradição mediterrânea, por sua vez, refira-se realmente a Sírius e à órbita

de Sírius B, a grande invisível?

A tribo dogon é, sem dúvida, a última dos argonautas, dos quais são, em termos bem literais, descendentes diretos — sendo eles os mínias no meio da África ocidental. Voltando à palavra egípcia henti, verifica-se que é um dos nomes de Osíris. sendo também "um deus com cabeça de crocodilo no Tuat". o submundo egípcio, cujo significado também é simplesmente o de "deuses crocodilos". Henti é, especificamente, "o crocodilo de Set"; e é interessante que hen-t seja uma localidade específica do submundo com o significado de um distrito no Tuaf. Porém, de forma mais ampla, hen-t é "uma localidade mitológica", não necessariamente no submundo. Parece que a fabulosa Hen-ti era uma localidade que possuía a sua contraparte no submundo e obviamente está de certo modo ligada a Osíris e a crocodilos.

O nome dessa região. Hent-t, quando considerado um substantivo comum e não um nome, significa "dual", uma forte evidência da natureza da fabulosa região. Uma região estreitamente ligada a Osíris e cujo nome significa "dual" evoca a descrição de Plutarco de que o círculo ou a elipse é um aspecto dual da separação entre luz e trevas. Para que o leitor não pense que se trata de um argumento forçado, apresso-me em acrescentar um outro significado de hen-t, "borda, fronteira" e outro, ainda, "as duas extremidades do céu" — e todos parecem referir-se a um círculo com a natureza hen-t ("dual") e. em sua parte interna, nas duas extremidades é unido por um diâmetro. Heji-t também significa "fim, limite", enquanto henti é um período de tempo específico com uma duração de cento e vinte anos. É preciso lembrar que a Sigui dos dogons é realizada a cada sessenta anos e duas Siguis perfazem um henti egípcio. Na realidade, um hen-t henti seria uma Sigui. ou talvez, vice-versa, dependendo da preferência gramatical. (O uso da palavra "dual" pode ser um tanto ambíguo e ser interpretado como metade ou duplicação, conforme o contexto.) Esse período de tempo dual, portanto, é um tanto similar aos dois períodos de cinquenta meses, totalizando os cem meses do Grande Ano sagrado ligado a Sírius, cujo aspecto é dual.

Henti também tem a acepção de "infinito" — e a infinita rotação de

Sírius B em torno de Sírius A pode ser aqui mencionada. Uma idéia do gênero deve estar em jogo, caso contrário a mesma palavra teria o significado de "infinito" e também de "cento e vinte anos"? Deve ser uma referência a um ciclo de "infinito", talvez o da órbita de Sírius B ou a própria base do ciclo da Sigui. Em qualquer caso, refere-se a um ciclo repetitivo e infundável que levou cento e vinte anos e, como tal, esse período deve ter sido muito importante, conforme se imagina. No Apêndice IV, é proposta uma explicação para a natureza verdadeira do Sigui... e do henti com base em certos fatos astronômicos.

Considerando todos esses significados de henti e ainda o de "deuses crocodilos", etc, é surpreendente verificar que henn tem a acepção de "arar" e que hennti seja "um lavrador". Imediatamente nos ocorre Jasão arando o campo para semear os dentes do dragão (crocodilo)? Pode muito bem ser que o tema de "os dentes da serpente" seja uma referência a crocodilos.

Aliado ao fato de Sírius B ser representada pela figura de Enkidu, hirsuto e bestial, vemos com interesse que hen significa "comportar-se de maneira bestial" e henti é também especificamente "uma pessoa bestial". Henti é um dos nomes de Osíris, companheiro de Sírius, mas também encontramos a descrição de "pessoa bestial" para o termo, um companheiro arquetípico nas lendas relativas a Sírius. Acrescente-se o fato de termos encontrado Hathor, a deusa-vaca, uma forma de Ísis-Sírius, referida como Henu-Neferit (Neferit significa simplesmente "bela"). Porém, a palavra hennii com um duplo "n" tem o sentido de "falo", com um hieroglifo determinativo fálico e, portanto, talvez não esteja relacionada às formas de palavras de hen com um "n" só.

Hen-ta, de modo muito sugestivo, significa "grão", em concordância com o conceito dogon de que Sírius B é um grão. Henii significa o deus-falcão Seker e seu barco henu, Esse barco (a exemplo do celeste Argos) é "o barco sagrado de Seker, o deus da Morte de Mênfis". Isso nos remete ao complexo de Circe e do deus-morte da Cólquida. Ressalte-se, ainda, que o gavião é constantemente confundido com o falcão e ambos sugerem uma vaga diferença na cor dos olhos, mas o falcão tende a ser menor.

Um gavião supostamente tem olhos dourados (solar?) ao passo que o falcão tem olhos castanhos. Mas seus hábitos não são idênticos e, como existem várias espécies de gavião e de falcão, a confusão entre ambos é muito grande. Assim, gavião e falcão parecem ter sido indistinguíveis para os povos antigos, ou menos que o crocus e o açafião (ou "açafião dos prados"). É evidente que as diferenças eram reconhecidas na prática, mas é notório que, no mundo antigo, a estrutura aristotélica de gênero e espécie de plantas e animais não estava em uso e a diferenciação, em termos lingüísticos e semânticos, não oferecia uma solução muito precisa ao foco. Pois tal precisão demandaria adjetivos qualificativos e a moderna terminologia biológica não existia. Conseqüentemente, descobrimos muito antes que kirke, em grego, significava "gavião ou falcão". Em síntese, ambos são intercambiáveis em nível de terminologia, tanto quanto o são o "t" e "r" na língua egípcia em relação a pronúncia e símbolo. Parece que os egípcios, tanto quanto os chineses da atualidade com o seu "alozflito" ou "arroz frito", desenvolveram paralelismo, sendo incapazes de diferenciar os dois sons finais. De fato, o "t" podia ser mais diferenciado para ouvidos treinados. É possível pronunciar um "t" mais lingual e menos dental que em nosso uso. Mas em relação ao "r" francês, confesso ser incapaz de configurar minha língua para pronunciar esse som, assim como Aristóteles se admitia incapaz de pronunciar o "rho" grego — considerado um ceceio pelos gregos. Mas eu me afastei um pouco do assunto. Parece que o tema de gaviões e falcões deve ser rastreado em busca de uma solução. Seton Gordon, provavelmente um especialista mundial em águia dourada, não pôde me dar uma diferenciação conclusiva entre ambos, nem um amigo especialista em falcões. Já estava ficando impaciente com a falta dessa resposta quando soube, pelo meu amigo Robin Baring, que pensara um dia em se tornar ornitólogo. da existência, de fato, de uma sutil diferença entre o gavião e o falcão. Segundo esse meu amigo, a quarta ou quinta pena da asa de um gavião é mais longa, formando uma asa arredondada, ao passo que o falcão tem a segunda ou terceira pena da asa mais longa — tornando-a mais pontada. Arcy Thompson diz que o

antigo poeta grego era muito erudito, afirma que havia dez espécies de gaviões. Aristóteles diz que os gaviões egípcios eram menores que os gregos, como se as pessoas tentassem separar gaviões e falcões desde a Criação. Mas, se o leitor estiver cansado desses pássaros, tanto quanto o autor, concordemos então em deixá-los, partindo para as últimas palavras egípcias a serem examinadas. Sobrevivemos a uma cachoeira; podemos então concentrar nossas energias para chegar até a praia?

Hensekii significa "o hirsuto", assim como Isis e Néftis. Néftis pode ser identificada com Sírius B, o arquétipo de "o hirsuto"; contudo parece mais provável haver certa alternância entre os nomes de Sírius B e Sírius C, a estrela feminina também invisível. Os henmemit são, de forma provocante, "homens e mulheres de uma era passada". O significado de "arar" de henn e o de "fronteira" de hen-t são unidos pela "terra arável" de henb-t na palavra hen-b, que significa "delimitar, medir a terra, estabelecer uma fronteira". (Isso parece estar ligado a palavras com um "n" só, mas não com as de duplo "n".) Portanto, mais possibilidades se abrem para os jogos de palavras referentes a delimitar a órbita de Sírius B e a "arar" em ligação com o ato de arar o campo para semear os dentes da serpente — sendo os dentes da serpente um jogo de palavras sobre a deusa Sírius, como já sabemos. Portanto, segue-se a série de vertiginosos jogos de palavras entrelaçados.

Para um cômputo final, notemos que Hen-b também é um deus-serpente do Tuat e Henb-Requ é um deus-chacal remetendo-nos à ligação com o Anúbis cão/chacal e a órbita de Sírius B, acréscimo que serve como um floreio final para formar mais um jogo de palavras com serpente.

Lembremos que o trono e o remo eram as duas principais alusões às "etapas" anuais da órbita de cinquenta anos de Sírius B. Também o nome da deusa Isis (em grego: Isios, em língua iônica, ou jônica), que na língua egípcia é Ást, significa "trono". É significativo, então, que às-ti, com o mesmo hieroglifo do trono, signifique "um no lugar do outro, o sucessor". Essa é uma referência específica à seqüencialidade dos tronos. Um reconhecimento especial à órbita que representam, também

conhecida como Anúbis, parece ter sido concedido pela forma combinada de Ást Ánpu, ou seja, Ísis-Anúbis.

Outro nome de Ísis, como Sírius, é especificamente Áakhu-t, nome também conferido à Grande Pirâmide! A consideração desse novo nome não nos surpreende saber que Áakhuti é "o deus que habita no horizonte" e à akhii-t sheta-t significa "o horizonte secreto". Aakhuti são "os dois espíritos", isto é, Isis e Néftis". E o á akhu-t também são "os uraei" na coroa real", etc, demonstrando a origem da insígnia faraônica mais central. Portanto, essas são mais algumas demonstrações da ligação do sistema de Sírius com "o horizonte secreto" da órbita de Sírius B e sua profunda importância para os egípcios.

Outra forma do nome de Ísis, À st, é Á s-t, também considerada importante se observado que à asten significa "um dos oito deuses-macacos da companhia de Toth. Ele presidia os sete..." Isto porque este é um paralelo com a história dos dogons ligada a Sírius, pela qual os oito chefes presidiam os sete chefes anteriores, representando dessa forma o período orbital de Sírius B, começando novamente com o advento do oitavo chefe após sete chefes, cada qual com um reinado de sete anos, em um total de 49 anos. Esse conceito de Sírius remete a outra forma do próprio nome de Isis em língua egípcia, que era identificada com Sírius.

Outra maneira de se referir a Ísis e a Néftis é Áãr-ti, "as duas deusas Uraeus, Ísis e Néftis". Existe uma forma estreitamente relacionada a esta palavra, Áãrãrut, uma provável origem do nome da deusa suméria Araru. Isso porque ela era a contraparte de Ísis na Suméria (e também conhecida como Ninhursag, Nintu, Ninmah, etc). Em especial, é com o nome de Araru que ela cria o hirsuto Enkidu, companheiro de Gilgamesh. Sem dúvida, é em função de Enkidu que ela se relaciona a Sírius B, pois aparece com esse nome no Épico de Gilgamesh, porque tal nome vincula-se à tradição de Sírius, por intermédio de sua derivação dessa forma egípcia. Áãr-ti é um nome comum tanto de Ísis quanto de Néftis, tendo essa última um vínculo mais estreito com a companheira de Sírius. Portanto, a denominação Aruru está mais próxima de Sírius

B, também representada por Enkidu, que qualquer outro nome da deusa Sírius, não especificamente compartilhado com Néftis. sua companheira escura. Essa palavra também significa "uraei" e já vimos que a outra palavra para uraei é relativa ao horizonte da órbita de Sírius B, da mesma forma que é compartilhada com Ísis e Néftis — obviamente compartilhada porque uma delas descreve uma órbita em torno da outra e, como já vimos muitas vezes, a órbita era comum a ambas, além de dividirem os respectivos circuitos. Portanto, as palavras ligadas a essa órbita devem ser comuns a ambas. Que nome seria mais apropriado para os sumérios atribuírem a uma deusa, em seu papel de criadora de Enkidu, a companheira escura de Gilgamesh, senão um derivado desse aspecto dessa deusa?

Sírius, a Estrela Cão. é representada pelo hieroglifo de um dente. Assim, é importante também saber que existe uma palavra na língua egípcia que significa tanto "dente" como "cão". Refiro-me a shãar, "dente", e a sha, "espécie de QdiO\' ska-t, "fêmea do cão", shai, "deusa-cão" e Shaãiti, uma forma de Hathor identificada com Ísis.

Sha-t taem significa "cem", além de ser o sinônimo egípcio da Hécate grega, para "dente" é àbelj e uma forma relacionada da mesma pa.VvTa significa "cnacar". Além disso, aba significa "tornar forte" e àb-t significa "caminho". ãpp significa "atravessar" e àp significa "etapas". Se me perdoarem. pela falta da gramática, àpp àb-t em àp significa "atravessar um caminho em etapas", o que é exatamente o que Sírius B faz em sua órbita. Como Anubis é identificado com a órbita de Sírius B, não nos surpreende que um dos títulos de Anubis seja o de "contador de corações", sendo "o contador" expresso pelas palavras àpi e àbu, cujo significado é "corações". Mas alterando um pouco a palavra para àpi-àbt, em vez de àpi-àbu, o significado seria o "contador de meses", porque àbt significa "mês". É outro jogo de palavras com um significado mais profundo relativo a "cem meses" (ou anos) "contados" por Anubis, que é a órbita, à medida que ela percorre seu àb-t em àp, seu "caminho em etapas".

Continuar examinando a língua egípcia seria supérfluo para

nossos presentes objetivos. O mesmo se pode dizer de uma contínua elucidação de nomes religiosos sumérios da língua egípcia. Não obstante, seria adequado dar algumas informações sobre essa transição que levou a nossa tradição mediterrânea de Sírius do sul da Líbia para o rio Niger. Heródoto contou-nos como os garamantes da Líbia foram empurrados sempre cada vez mais nas direções oeste e sul. Graves diz que eles foram forçados a descer para Fezzan nas regiões desérticas do sul da Líbia. Encontramos outro relato em *A History of West África* (História da África Ocidental) de J. D. Fage:

Heródoto, escrevendo por volta de 450 a.C, fala de um ataque dos garamantes, o povo do oásis de Djerma em Fezzan (que, em termos modernos, seriam considerados tuaregues), aos "etíopes", isto é, os povos de pele negra, através do Saara, em duas bigas de duas rodas puxadas por cavalos. Cerca de 400 anos mais tarde, outro grande geógrafo, Estrabão, fala quase o mesmo dos Farusis do Saara ocidental, que talvez sejam equiparados aos ancestrais dos Sanhaja... As bigas dos garamantes e dos Farusis eram muito leves como veículos de combate e inadequadas para transporte de mercadorias, mas um ponto de considerável interesse no relato de Heródoto e Estrabão sobre suas atividades confirmou e acrescentou um ponto pela descoberta de algumas centenas de desenhos incipientes ou esculturas em rochas do Saara, representando dois veículos puxados cada um por quatro cavalos. O aspecto mais significativo desses desenhos é o fato de estarem, em sua maioria, distribuídos ao longo de duas rotas somente através do Saara, uma a oeste a partir do sul de Marrocos, na direção do Alto Niger, e outra central, correndo de Fezzan para o lado oriental da curva do Niger.

Em *The White Goddess* (A Deusa Branca), Robert Graves diz também a respeito dos garamantes:

Heródoto estava certo ao mencionar a autoridade dos sacerdotes egípcios dos quais eram contemporâneos os cultos do pombo negro e do carvalho oracular de Zeus em

Amon, no deserto da Líbia, e o de Zeus, em Dodona. O professor Flinders Petrie propõe a existência de uma liga sagrada entre a Líbia e o continente grego, datando do terceiro milênio a.C. O carvalho de Ammon estava aos cuidados da tribo dos garamantes: os gregos sabiam que seu ancestral Garamas fora "o primeiro dos homens". O Zeus de Ammon era uma espécie de Hércules com uma cabeça de carneiro semelhante a Osíris com cabeça de carneiro e a Amon-Ra, o deus-Sol com cabeça de carneiro da Tebas egípcia, de onde, diz Heródoto, saem os pombos negros que voam para Ammon e Dodona.

Em seu fascinante livro *Lost Worlds of África* (Mundos Perdidos da África), James Wellard, no Livro Três, "The People of the Chariots" (O Povo das Bigas), discutiu, até certo ponto, os garamantes e os tópicos referentes a esse povo. Um dos mais espantosos elementos na história diz respeito a uma civilização aparentemente perdida, estabelecida nas areias do Saara, que outrora fora o centro do império garamante, e dispersada pelos invasores muçulmanos. Wellard descreve essa civilização em termos convenientemente misteriosos:

Na trilha que corre pelo deserto a partir de Sebha, a capital moderna do Fezzan, para o oásis de Ghat, na fronteira com a Argélia, o viajante atravessa um sistema subterrâneo de águas que encontra poucos paralelos no que se refere à engenhosidade e esforço na história da África... Uma vista de sua parte íntima mostra que os principais túneis têm, no mínimo, dez pés de altura e doze pés de largura, entalhados na rocha calcária por instrumentos rudimentares, sem nenhuma tentativa de polir a superfície do teto e das paredes. Não se sabe ao certo quantos deles ainda restam realmente, embora centenas ainda estejam visíveis. Não está claro ainda para nós como funcionava o sistema. Primeiro, onde está a entrada desses túneis? Pode-se passar horas tentando descobrir sua entrada e, embora a solução seja aparentemente fácil, supondo-se que uma barreira em particular siga ao longo de toda a sua extensão, o pesquisador finalmente chega a uma

miscelânea de rochas na base da escarpa sem poder dizer-nos onde o túnel desapareceu em... (o sistema possivelmente) pressupõe chuva regular e adequada, e nesse caso é preciso recuar até 3000 a.C. para encontrarmos um clima marítimo no deserto do Saara. Os foggaras podem ser tão antigos? ... Os poços são as únicas fontes de água no Wadi ei Ajal hoje e são adequados para a população atual de 7 mil pessoas. Se compararmos essa cifra com cem mil sepulturas, ou mais, até agora descobertas no Wadi, datadas da época do "povo dos túneis de água", é possível ter alguma idéia de como era populosa essa região... Além disso, a construção desse enorme complexo hidráulico indica um povo inteligente e com tecnologia avançada que atingiu um estágio de cultura superior ao da Europa setentrional antes da conquista romana.

Portanto, pode-se supor, com segurança, que (a) entre 5000 e 1000 a.C. um povo criador de gado e agrário, pertencente à raça negra, ocupou grandes áreas do deserto do Saara que eles mantinham habitável e fértil por meio aos foggams; e era precisamente a prosperidade desses indefesos africanos que incitou os colonizadores brancos ao longo da costa líbia a invadir Fezzan. Esses imigrantes (originalmente, ao que parece, vindos da Ásia Menor para a África) eram os garamantes, o povo das bigas de quatro cavalos — primeiro mencionados por Heródoto, que os descreve como uma nação já muito grande em sua época. Em seguida, eles aparecem e desaparecem durante todo o período clássico e, por volta de 700 d.C., desaparecem completamente, quando o último de seus reis foi levado em cativeiro por invasores árabes do Fezzan. Seu império no Saara durou mais de mil anos. Depois disso, bem pouco ou nada se sabe ainda sobre os garamantes e a razão é óbvia: com a queda do Império Romano, a África tomou-se um continente "perdido", tanto que nenhum viajante europeu chegou até Fezzan, no sul, até o século XIX.

Devo acrescentar que a civilização africana do norte foi destruída pelo imperador Justiniano (que reinou de 527 a 565 d.C.) antes da chegada dos muçulmanos.

Wellard diz ainda que no território garamante existem numerosas tumbas, pirâmides, fortalezas e cidades abandonadas intocadas pela pá de um arqueólogo. Por exemplo, ele visitou "a cidade fortaleza de Sharaba, situada ali no deserto, a qual gradualmente foi sepultada pelas areias. No primeiro local, talvez alguns poucos viajantes europeus tenham visitado o sítio de alguma forma, uma vez que se encontra na rota de caravanas, em um dos mais inacessíveis bolsões do Mar de Areia de Mourzouk... Na verdade, a pesquisa arqueológica no país do Fezzan mal começou...".

Depois da conquista árabe do império garamantino, os sobreviventes fugiram na direção sudoeste e "se misturaram com os aborígenes negros da margem sul do Alto Niger (rio) e adotaram sua língua", como nos conta Graves em Mitos Gregos de acordo com o que aprendeu com os livros da antropóloga Eva Meyrowitz.

Temos aqui, portanto, mais alguns esclarecimentos sobre como os dogons e as tribos negras relacionadas do Alto Niger entraram em posse de suas impressionantes informações. É uma história de milhares de anos e o drama foi representado através de milhares de milhas, e só parece conveniente se for considerada a natureza da mensagem que este transmitiria a um mundo muito diferente — o povoado global do final do século XX. Segundo os dogons, "o modelador do mundo" visitou a terra e retomou para o sistema de Sírius, depois de ter concedido a cultura aos homens. Agora que a nossa raça se introduziu em outro corpo celeste e olhamos para fora de nosso sistema solar, estamos preparados para considerar com seriedade os nossos vizinhos, talvez situados a alguns anos-luz, habitando seus próprios sistemas solares, onde procuram viver com o mesmo desejo de saber, conhecer, compreender e, sobretudo, de construir uma genuína civilização ética, motivando o que de melhor há em nós. Se não estivessem tão motivados, talvez não sobrevivessem às próprias tecnologias. Com amor é possível viver; sem amor, não há mundo que não envenene a si mesmo. Deve-se admitir que qualquer criatura que viva em Sírius terá de entrar em acordo com uma ética saudável e vital. Se é, realmente, o lar de um "modelador do mundo", então Sírius também poderá incentivar-nos a nos tornar modeladores de

mundos.

Resumo

No antigo Egito, o hieroglifo e a palavra para designar "deusa" também significam "serpente". O hieroglifo para Sírius também significa "dente"; logo, "o dente serpente". Na saga do Argos, Jasão semeou os "dentes da serpente", uma idéia que tem sua origem, em um jogo de palavras egípcio. A palavra grega para "o surgimento de uma estrela" também se refere ao "desenvolvimento dos dentes a partir da gengiva". Portanto, ao serem semeados no solo, os dentes da serpente cresceram como se fosse a partir da gengiva — ou seja, a estrela Sírius ("o dente da serpente") surgiu no horizonte.

Verifica-se, então, que está em atividade o código mitológico da linguagem dos sagrados jogos de palavras. Por trás dos mitos, estão ocultos os significados decifráveis mediante um retomo aos hieroglifos e pela descoberta dos sinônimos que formam tais jogos de palavras.

Encontramos as explicações das palavras Argos, Arca, etc. pesquisando suas origens egípcias. Essas palavras derivam do vocábulo egípcio arq, mas igualmente as palavras relacionadas, em grego, dão-nos indícios: Argos era um cão ligado a um ciclo. Havia outro Argos, com cem olhos, o guardião de Io, por sua vez vinculado às tradições de Sírius e Ísis. A palavra egípcia arqi refere-se ao ílm de um ciclo e, na Odisséia, é representada por Argos; enquanto a palaxra, também egípcia, arq, refere-se a um conceito circular e é a origem do vocábulo latino arcere e de nosso termo para arco.

Uma pintura do Argos de cem olhos (representado, entretanto, com uma face e olhos normais) é encontrada no santuário interno de um templo de Ísis, no sul da Itália. Nesse santuário interno eram celebrados os mistérios de Ísis. As cinqüenta filhas de Danaos, que segundo a tradição foram levadas do Egito para a Grécia (e portanto para o sul da Itália), celebravam os mistérios da Tesmoforia, que Plutarco afirmava serem os mistérios de Ísis. É observada a estreita relação de Ísis, no mais secreto e sagrado

dos níveis, com os números "cinquenta" e "cem" (Hécate) — e, ainda, Ísis era identificada com Sírius.

Os egípcios antigos acreditavam que Sírius fosse o lar das almas dos mortos, uma crença também dos dogons. Os egípcios diziam que, quando o espírito de um morto "ia para Néftis", girava "no horizonte" e "girava como o sol". Esta é uma representação bastante específica da escura Néftis como um "sol" em órbita ao redor de Sírius.

Outra crença egípcia, e também dos dogons, era que as emanções da região de Sírius vivificavam as criaturas na Terra.

Sendo uma crença egípcia que Sírius era o outro mundo das almas dos mortos, o interessante é usarem, mais uma vez, a familiar palavra *arq* para designar "o outro mundo", *arq-heh*.

Na língua egípcia, a região de Sírius é descrita por uma palavra com a acepção de "trono" e também de "peso", além de se assemelhar à palavra que significa "anão".

A palavra egípcia que significa "cinquenta" (da qual derivam as palavras, em árabe e hebraico, com o significado de "cinquenta") referia-se aos cinquenta "Dias de Cão", dias muito quentes, e também a "uma estrela que não descansa" — obviamente uma estrela que se movimenta, ou seja, Sírius B com sua órbita de cinquenta anos.

Sírius, no Egito, é "a Estrela do Arco". A palavra egípcia para designar "arqueiro" também se refere a um metal estelar pesado ligado a Anúbis (que sugerimos, anteriormente, referir-se à órbita de Sírius B que, afinal, é feita de "metal estelar pesado"). A palavra para designar metal estelar pesado é semelhante às palavras "anão" e "peso".

A palavra egípcia para "o começo de um ciclo" (que, se unida a *arq*, significa "o final de um ciclo") tem também a acepção de "oráculo" e "as pontas dianteira e traseira de um navio" — uma justificativa para o meu oráculo Argos. A mesma palavra tem ainda a acepção de "a base de um triângulo" (além disso, a palavra para designar "triângulo" é uma variação do nome de Sírius, cujo hieroglifo é um triângulo). Temos também triângulos geodésicos, vinculados à arca, de Tebas a Behdet.

Plutarco apresenta uma descrição persa da Estrela Cão Sírius, da qual se afirma ser circundada por cinqüenta deuses sob a forma de um ovo (órbita elíptica), em que o "deus da luz" se defronta com o "deus das trevas".

No Livro Bíblico do Levítico, Deus ordena aos hebreus que observem um jubileu a cada cinqüenta anos, só que nunca ouvi dizer que o tenham celebrado. Obviamente, os hebreus não compreendem a órbita de cinqüenta anos de Sírius B que Moisés (um iniciado do Egito e "criado pelo faraó") presumivelmente tinha em mente.

Na língua egípcia, a palavra para designar "o horizonte secreto" também significa "os dois espíritos" — ou seja, a luz de Isis e a escuridão de Néftis. A mesma palavra significa, ainda, "o deus que habita no horizonte" e "Ísis e Osíris". O horizonte secreto parece uma referência à órbita de Sírius B onde esta vive.

A palavra egípcia para designar "cão" também tem a acepção de "dente" (o hieroglifo do triângulo que significa "Sírius" e "dente"), e ainda o sentido específico de "deus-cão" e de "cem".

Outra palavra egípcia, com acepção de "dente", significa "atravessar um caminho em etapas" e "fortalecer", sendo empregada em conexão com Anúbis, de modo que pode ser "o contador de meses enquanto atravessa o caminho". Um sinônimo dessa palavra significa "cem" e "Sírius". Portanto, temos: "contar cem meses enquanto atravessa o caminho de Sírius". Não obstante, Anúbis, que realiza essa ação, é "um círculo". Portanto, temos: "contar cem meses enquanto atravessa o caminho circular de Sírius". Se efetuada a alteração de meses para anos (como talvez Moisés tenha feito?) o resultado são os dois períodos orbitais de cinqüenta anos de Sírius B.

Vê-se que os antigos egípcios tinham a mesma tradição de Sírius encontrada na tribo dos dogons em Mali. Sabemos que os dogons são descendentes culmrais. e provavelmente físicos, também dos gregos lemnianos, que se diziam descendentes "dos argonautas", e foram para a Líbia, migrando em direção oeste, como os garamantes (descritos por Heródoto), foram empurrados para o sul, e depois de muitos e muitos séculos chegaram ao no Xíger.

em Mali, misturando-se, pelo casamento, com os negros locais. Os dogons preservam como um mistério mais sagrado a tradição do Egito pré-dinástico levada por "Danaos" para a Grécia e depois para a Líbia, seguindo dali, finalmente, para Mali, e que diz respeito "ao mistério de Sírius". Portanto, procedemos ao rastreamento até o Egito pré-dinástico, bem antes de 3000 a.C. do conhecimento extraordinário do sistema das estrelas Sírius A, Sírius B e da estrela, agora confirmada, "Sírius C", também em posse dos dogons.

Assim, é possível reformular, senão responder, a questão de Sírius. Já não se indaga mais: "Como os dogons sabem dessas coisas?", porque a pergunta agora é: "Como os egípcios pré-dinásticos, antes de 3200 a.C. ou seus predecessores (desconhecidos) sabiam dessas coisas?"

Qual é a resposta à questão de Sírius? Não sabemos. Mas é essencial fazer as perguntas certas para uma eventual compreensão de algo. As muitas pesquisas que se seguiriam, adequadamente, à formulação da questão de Sírius, talvez nos dêem mais respostas do que se possa imaginar. Acrescentado em 1997: As pesquisas que solicitei na década de 1970 ainda não aconteceram e toda e qualquer tentativa feita por mim para levantar fundos, com essa finalidade, fracassaram completamente — como também recentemente, em 1997.

Aos arqueólogos cabe a difícil tarefa de tentar explicar as numerosas semelhanças entre Suméria e Egito, indicando uma origem comum, ainda não descoberta, das duas culturas — uma civilização totalmente esquecida cujos restos ainda devem existir em algum lugar.

Mas considerando as próprias origens dos elementos por nós chamados de civilização humana nesse planeta, devemos agora levar em máxima consideração a possibilidade de que homens primitivos, da Idade da Pedra, receberam de bandeja a civilização de visitantes extraterrestres, os quais deixaram atrás de si os indícios a serem decifrados. Esses indícios referem-se a informações detalhadas sobre o sistema da estrela Sírius, só inteligíveis para uma sociedade com tecnologia avançada, como a

nossa, hoje. Estou certo de que este é o momento destinado às descobertas desses fatos codificados. E hoje o momento de nos prepararmos para nos defrontar com a inevitável realidade da existência de civilizações extraterrestres que, provavelmente, são culturas muito mais avançadas que a nossa — sem mencionar a tecnologia que lhes permitiria o deslocamento entre as estrelas!

Talvez nos seja difícil impedir a cogitação da mais perturbadora e provocante das noções: seres inteligentes de alguma parte da galáxia já visitaram a Terra, já sabem de nossa existência, talvez nos estejam monitorando de algum lugar em nosso sistema solar, nesse momento, com uma sonda robô, quem sabe com a intenção de retomar, pessoalmente, algum dia, para ver como está se saindo a civilização por eles estabelecida.

Acrescentado em 1997: Uma alternativa seria a de nunca terem deixado o nosso sistema solar, como já expliquei no capítulo introdutório desta nova edição. Talvez seja necessária alguma forma de animação suspensa para efetuar uma viagem interestelar; e não tendo sido realizado na íntegra o trabalho desses seres, mas só em parte, é mais provável que tenham entrado novamente nesse estado de animação suspensa, por alguns milhares de anos, em preparação para o seu reaparecimento, talvez de alguma base no espaço exterior do sistema solar. É muito provável que nosso planeta esteja atualmente sob intensiva observação por intermédio de monitores muito pouco sofisticados para nos detectar. Deveríamos preparar-nos realmente para a renovação desse contato, sem perder tempo insistindo em dizer que isso não acontecerá. Nada mais estranho realmente que um contato extraterrestre para uma civilização ingênua como a nossa — pois somos simples crianças na hierarquia cósmica.

Capítulo Nove

Uma Fábula

Era uma vez uma garotinha que estava sentada à beira-mar. Sua mãe lhe havia dito para sair da casa e brincar lá fora. Enquanto olhava as ondas, ela pensava: "Queria tanto que me acontecesse uma coisa maravilhosa hoje, só uma! O sol brilhava, escaldante, sobre a areia e ela começou a se sentir sonolenta. O som abafado das ondas, arrebatando na praia, era como uma cantiga de ninar. Ela cochilou.

De repente, despertou. O ar estava animado por um novo frescor, uma névoa pairava, mas tudo estava espantosamente claro à visão. Ao longe, entreviu um clarão no mar, logo depois outro lampejo, algo que reluzia ao sol. Um novo lampejo — era algo que vinha na direção da praia e abria caminho por entre as ondas. Devia ser um golfinho. A garota ficou muito animada. Estava acontecendo algo que ia tornar memorável o seu dia. Agora não teria mais de ficar sentada, entediada, à beira do mar.

O golfinho aproximava-se cada vez mais, deixando-a alarmada. Será que ele ia chocar-se contra a areia, como já ouvira falar que, de vez em quando, acontecia com as baleias gigantes em desespero? Será que um golfinho realmente tentaria auto-destruir-se? A garota correu para onde o golfinho parecia estar se dirigindo. Viu sua cauda fina, muito próxima, mostrar-se por alguns instantes na superfície. Parecia haver algumas algas marinhas sobre ele, quando emergiu à superfície. O golfinho era brilhante, quase reluzente... e estava agora perto da areia... o que ia fazer? Já dava para vê-lo bem, através da água. Ele então estacou. Parecia rastejar pela areia. Levantou a cauda, borrifando água ao redor, e em seguida a abaixou. Ficou ali, imóvel.

Pobre golfinho! Havia se chocado contra a areia. Com muita pena, a garota entrou na água e seguiu em sua direção. Mas ele se afastou um pouquinho. Não estava encalhado na areia. Por debaixo d'água, ele olhava para ela. O que estava tentando fazer? A garota voltou para a praia. O peixe moveu-se, novamente, e aproximou-se mais um pouquinho. Bem pertinho daquele peixe, de repente uma mulher pôs a cabeça para fora da água. Ela usava uma pintura prateada no rosto e nos olhos, os quais, então,

voltaram-se para cima. A garotinha estava preocupada com o peixe. "Você prendeu o golfinho?", perguntou à mulher. Ouviu um ruído, logo abaixo dos ombros da mulher, que parecia ser provocado pela pressão do traje de natação, muito justo, contra a pele. A resposta para a garota foi um olhar fixo e um gemido alto, que parecia uma canção. Ela se moveu na direção da garota, sem tirar os olhos dela um só instante. Seus olhos eram de um azul claro como o céu. Era como se a gente visse o céu através deles, uma espécie de dois orifícios em sua cabeça. Mais uma vez, seu traje de natação emitiu um som de estrépito. Seus olhos pareciam arder como o sol. A garota sentiu sono. Os olhos da mulher eram como o som das ondas. A garota sentou-se na areia, tentando ver com mais clareza a mulher. Seu rosto parecia realmente feito de prata.

Agora, o peito da mulher aparecia acima da água e estava desnudo. Seu traje de natação devia ter se soltado. O peito da mulher, reluzente como o sol, tinha um belo tom verde-prateado. Ela parecia incapaz de seguir em frente. Olhou fixamente para a garota e estacou, permanecendo imóvel, notando-se apenas uma leve oscilação para frente e para trás.

"Quem é você?" — perguntou a garota. "Você veio de um barco?" A mulher emitiu um longo gemido, sem alterar a expressão de seu rosto. Nesse instante, outro estrépito foi ouvido novamente e vinha de seu traje de natação. Mas, dessa vez, a garota viu que acima do peito da mulher havia duas longas fendas, que abriam e fechavam com um alto estrépito, como se fossem músculos em flexão, logo abaixo de sua reluzente clavícula. A mulher mexeu-se, como se estivesse um pouco desconfortável em cima de um banquinho alto. Ela olhava, insatisfeita, torcendo o tronco, e avançou, chapinhando nas ondas que chegavam, já perto de onde estava sentada a garota. Não tinha pernas. Por isso a garota havia pensado que fosse um golfinho. A mulher era uma sereia. Estirou o corpo em toda a sua extensão — ele era liso e brilhava ao sol — enquanto a rebentação das ondas passava por ela e recuava. Ela se inclinou sobre um cotovelo e, levantando no ar sua cauda de golfinho, golpeou várias vezes a água rasa, do mesmo jeitinho que

a garota às vezes batia sobre a carteira escolar.

A sereia não possuía escamas, como um peixe comum. Sua pele era como a dos golfinhos do aquário que saltavam através dos arcos. Mas era mais prateada e mais esverdeada. Além disso, possuía cabelos, que pareciam castanhos ou prateados, esverdeados, ou acinzentados ou mesmo negros, que escorriam por suas costas como finas algas marinhas. Eram de quase de todas as cores. A sereia ainda golpeou com a cauda as ondas que se quebravam e olhou fixamente para a garota. Ela era muito parecida com uma mulher nua. Era parecida com a mãe da garota quando se apressava em vestir seu roupão antes do banho.

Mais uma vez, ouviu-se o ruído de fricção, agora, mais atenuado. A garota viu que as fendas longas e finas no peito aberto da mulher se abriam e fechavam. Então, a mulher emitiu um som de zumbido baixo e agradável; ela parecia sonolenta. Inclinou-se para a frente e, ao fazer isso, uma série surpreendente de cliques e estalidos parecia ser emitida de sua garganta. A garota chegou a vê-la contraindo-se e movimentando-se.

Levantou-se e então lhe disse: "Eu nunca tinha visto uma sereia antes. Posso contar para a mamãe?" A sereia pareceu responder à garota tocando, com a barbatana, a pele na região de suas costas. Ela se inclinou mais para a frente, olhando para a garota, enquanto seus olhos pareciam encobertos, tornando-se esverdeados. Abriu a boca mostrando os pequeninos dentes pontudos em suas róseas gengivas, e emitiu um som longo e murmurante como o do mar a distância. Em seguida, ela fez um aceno para a garota com o braço e os dedos palmados.

Ficando em pé sobre as ondas que se quebravam, a garota tocou a sereia e lhe disse: "Você é tão mole, mas não como um peixe. Quer dizer, os peixes são moles, mas você é tão lisa". A garota gostou da sereia. Nunca vira ninguém tão liso e prateado, ao mesmo tempo tão bonito. "Aposto que você é capaz de nadar melhor que qualquer pessoa normal. Vou correr e contar para a mamãe que você está aqui! A garota começou a afastar-se. "Você não vai embora, não é? Espere aqui!" E se esforçou ao máximo para expressar com um sorriso e sinais as suas intenções. A

mulher pareceu acenar com a cabeça em assentimento. A garota correu e, enquanto corria, olhou muitas vezes para trás para ver se a sereia iria esperar por ela. A sereia não fez qualquer tentativa para se movimentar, simplesmente observava a garota.

De certa distância, sua mãe divisou algo nas ondas que davam na praia, quando então a filha lhe puxou as saias ansiosamente. "É algo que veio de algum naufrágio", disse-lhe a mãe.

"Não, mamãe, é uma sereia!", disse a garotinha.

"Não seja tola, querida, sereias não existem. Só existem nas histórias. Então, o que foi que você encontrou?"

De repente, em meio à arrebatada das ondas a "coisa" se movimentou. Era horrível, parecia uma serpente. "Oh, ela está viva! Está se mexendo! Não!" e a mãe virou-se, empurrando a garota de volta para casa. "Vou falar com o papai. Ele saberá o que fazer. Talvez seja uma criatura machucada. Agora, venha comigo!"

Mas a garotinha, esquivando-se, correu em direção ao mar. "Não, mamãe, é uma sereia. Venha ver!"

Sentindo um friozinho no estômago e apreensiva, a mãe seguiu a filha, chamando-a sem grande ênfase. A garota alcançou rapidamente sua amiga do mar e a mãe, vendo-a ao lado da criatura que se movia, gritou: "Não afaste-se! Afaste-se dela!" Dizendo isso, correu e... viu que era de fato mulher e peixe ao mesmo tempo! Era prateada. Era uma sereia! "Não querida, não! Afaste-se dela! Ela é horrível!" A filha então, obedecendo, foi ao encontro da mãe, que olhava atentamente, com aversão e náusea, para aquela criatura marinha horrível e lodosa que parecia ostentar sobre si uma grotesca estrutura humana — um monstro, uma abominação. Sentiu que seu estômago se contraía, respirava com dificuldade, até inclinou-se para frente só de pensar e quase vomitou. "Meu Deus!", Ofegava. "Vá para casa! Vá para casa!", e empurrou violentamente a filha para obrigá-la a correr.

"O que é mamãe?", perguntou a menina, que agora começava a ficar apavorada. "Mamãe!", gritou alarmada. Sua mãe, chocada, com os olhos arregalados, tropeçando à sua frente, estendeu-lhe a mão para impeli-la de volta para casa. "Mamãe! Mamãe!" Elas

ouviram o som alto de um espadanar e se viraram a tempo de ver a sereia deslizar com facilidade, a uma vertiginosa velocidade, para a água profunda. Em um segundo, sumiu de vista.

"O, meu Deus!", disse a mãe, com as mãos na cabeça, e caindo de joelhos na areia.

"Ela se foi, mamãe. A sereia foi embora. Mas você a viu!"

A mãe olhou para a filha, como se, a qualquer momento, ela pudesse transformar-se em sereia. Ó, querida, o que foi isso? Diga-me que não é verdade!, disse a mãe, e encostou a cabeça na areia quente e causticante.

Uma historieta sobre uma criança e uma mulher adulta, cada qual com uma reação diferente a um anfíbio estranho e inteligente.

A narrativa é das mais estranhas. Isso porque os babilônios atribuem a um grupo de anfíbios alienígenas o estabelecimento de sua civilização. O principal indivíduo do grupo de anfíbios se chama Oannes. Já tivemos a oportunidade de referir-nos a ele anteriormente. Há várias ilustrações neste livro (prancha colorida fmal. Pranchas 34 a 37 e Figuras 46 e 47). Em tradições pouco posteriores às compiladas por Berosso, Oannes transformou-se no peixe-deus dos filisteus, conhecido como Dagon e familiar a muitos leitores da Bíblia. Nessa época, Oannes, já como Dagon, havia se transformado em uma divindade agrária. Nos fragmentos sobreviventes de Berosso, não encontramos referência à tradição filistéia e provavelmente nunca se saberá se Berosso a mencionou ou não. Porém, nos fragmentos de sua obra, preservados pelo historiador Apolodoro, lê-se que "ali apareceu outro personagem do mar da Eritréia, como o anterior, com a mesma forma complicada intermediária entre peixe e homem, cujo nome era Odacon". Parece bastante claro que se trata de uma corruptela de "Dagon". A não ser que "Dagon" seja uma corruptela de "Odacon". O "mar da Eritréia" é aquela porção de água conhecida dos antigos e que atualmente se subdivide em Mar Vermelho, Golfo Pérsico e Oceano Índico.



Figura 46. Oannes com cauda de peixe sobre pedras preciosas no Museu Britânico. A representação da direita mostra uma estrela e um olho de Osíris — um hieroglifo egípcio em uma pedra preciosa babilônica.

Apolodoro faz uma crítica a Abideno (século IV a.C; discípulo de Aristóteles, autor de várias obras), por não mencionar a existência de outros seres anfíbios, além do próprio Oannes. Ele diz: "Em relação a estes, Abideno não fez nenhuma menção". Apolodoro, portanto, parece ter dado grande atenção aos detalhes apresentados por Berosso, e negligenciados por Abideno, por suas próprias razões. Este é um ponto extremamente importante, como se vê agora. Berosso, segundo o preciso relato de Apolodoro, chama os anfíbios pelo nome coletivo de "Os Annedotus". Eles são descritos como "semidemônios", e não deuses. Por algum tempo, pensei que "os Annedotus" fossem o nome, conveniente e aprovado pela tradição, dessas criaturas. Preocupava-me em ter um nome para eles porque, como já se sabe, a tribo dogon afirma que as criaturas anfíbias, com cauda de peixe, também estabeleceram a sua civilização e que eles vieram do sistema da estrela Sírius. Se existem criaturas inteligentes em um planeta no sistema de Sírius, estas seriam anfíbios, segundo todas as evidências, semelhantes a uma espécie de cruzamento entre

homem e golfinho. Portanto, é necessário dar um nome a essas criaturas, se quisermos discuti-las, de vez em quando.

Com isso em mente, de repente imaginei o que poderia realmente significar a palavra "Annedotus", que nunca foi traduzida por Cory nos fragmentos de Berosso. Li uma vez mais o fragmento de Berosso apresentado pelo cuidadoso Apolodoro e examinei a tradução, que era: "... época em que apareceu Musarus Oannes, o Annedotus do mar da Eritréia".

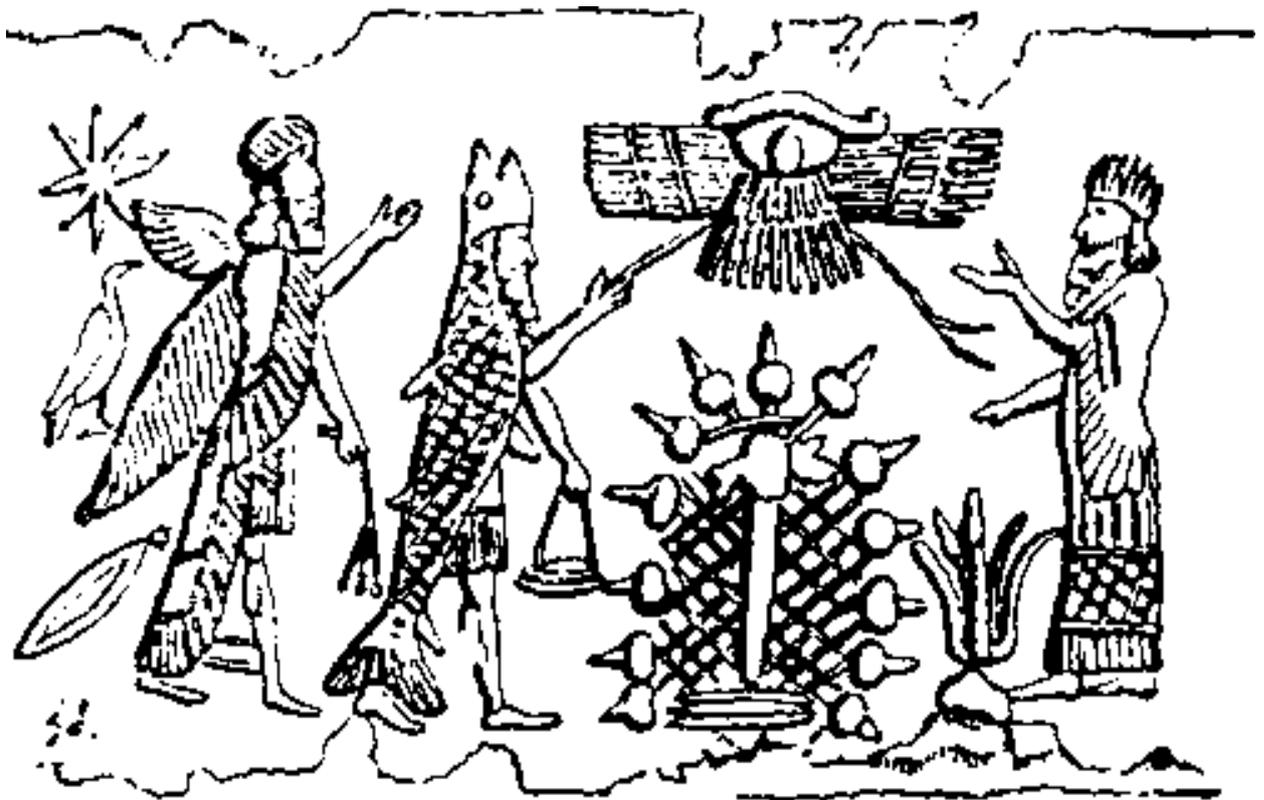


Figura 41. Oannes com cauda de peixe em um selo cilíndrico assírio, ele está em pé sobre uma pedra-ônfalo coberta por uma rede geodésica com oitavas descendentes nos lados. A estrela do olho está acima e uma "boca de Nommo" na parte inferior esquerda.

Qual seria o significado das palavras não traduzidas "Musarus" e "Annedotus"? Isso foi suficiente até a aquisição de um exemplar do Ancient i vnants (Fragmentos Antigos), do próprio Cory, pois eu não havia notado que as palavras "Musarus" e "Annedotus" não tinham sido traduzidas. Nas bibliotecas, sob a pressão do tempo, a

tendência é omitir detalhes. Omiti igualmente esses nomes no relato de Apolodoro, mencionado por Carl Sagan em seu livro *Intelligent Life in the Universe* (Vida Inteligente no Universo). Todas estas são razões que me fizeram perceber que devia incluir como apêndice, neste livro, os fragmentos remanescentes completos de Berosso (excluindo alguns sem nenhuma ligação com o nosso assunto, que podem ser encontrados na terceira edição, que é também a final, do famoso livro de Cory). Se todo o material não estiver disponível e fácil de manusear, pode-se invariavelmente omitir algo, deixando de fazer as comparações necessárias que nos permitam ler nas entrelinhas e entrever os detalhes.

Ora, a maior parte das versões citadas do relato de Berosso, em geral, é a que é reservada por Alexandre Poliístor de Mileto. E aí começam os problemas, porque Alexandre Poliístor não emprega as palavras "annedotus" ou "musarus" em seu relato. E a versão preservada por Abideno emprega a palavra "annedotus" como se fosse um nome próprio: "...em sua época um semidemônio chamado Annedotus, muito semelhante a Oannes, surgiu uma segunda vez do mar..." Quanto à palavra "musarus", Abideno simplesmente não a usa.

** Um demônio na Grécia Antiga era um espírito semidivino e útil; um semidemônio não era um espírito, mas um ser incorporado com qualidades sobrenaturais ou paranormais.

Assim, recorri ao dicionário para encontrar os significados dessas palavras. Parti da suposição de que Cory as teria traduzido para o inglês, se tivessem significados simples e óbvios. Mas, para minha surpresa, descobri que seus significados eram bem simples e específicos. Um "musarus" é "uma abominação" e um "annedotus" é "alguém repulsivo".

Agora, o leitor pode avaliar por que escrevi a pequena fábula. Porque as criaturas a quem se atribui a civilização no Oriente Médio eram abertamente descritas pelos babilônicos, que as reverenciavam e lhes erigiram grandes estátuas (Prancha 34),

como "abominações repulsivas". Nada foi tão discutido quanto a autenticidade de seu relato sobre essa tradição babilônica de que os anfíbios, a quem os babilônios tudo deviam, tinham aparências repugnantes, horríveis e asquerosas. Um desenvolvimento mais normal de qualquer tradição inventada sobre as origens de uma civilização teria sido a glorificação de deuses esplêndidos ou heróis que a criaram. Mas, ao contrário, são encontradas descrições específicas de "animais dotados de razão" (relato de Alexandre Polístor), que provocam náuseas e repugnância em seus temerosos beneficiários de gratidão. E o que é pior, a tradição admite livremente esse fato.

O problema da repugnância é difícil de solucionar. Parece ser em parte o resultado do que nos ensinaram em nossa juventude. Sem dúvida, os psicólogos teriam muito a dizer a esse respeito. Entretanto, sem importar quais tenham sido as origens do problema, parece quase incontrollável, já que existe a propensão ao seu desenvolvimento. Se alguém se depara com cobras ou aranhas repulsivas, seria necessária grande dose de persuasão para mudar sua atitude; geralmente é necessário recorrer à hipnose para superar uma autêntica fobia. Como seres humanos, nossa tendência é a de termos aversão a todas as criaturas viscosas, rastejantes e rasteiras, criaturas limosas ou escorregadias ou sinuosas. Na realidade, as pessoas com pronunciada predileção por tais criaturas muitas vezes parecem sofrer de condições patológicas. Conheci uma garota que mantinha uma jibóia em seu quarto, perto de sua cama, para lhe fazer "companhia". Ela a alimentava com um camundongo às quintas-feiras e lhe agradava ver o camundongo ser ingerido, ainda vivo, pela cobra. Ela gostava, principalmente, de ouvir quando, à noite, no escuro, a cobra resvalava de maneira curiosa pela parede de seu tanque; isso a deixava bastante agitada. Às vezes, ela dormia nua com a cobra enrolada em seu corpo. [Esta última frase, ou o que seja, foi realmente censurada na minha primeira edição, revelando que os tempos mudaram.] Ora, não pretendo criticar a garota por seus estranhos gostos, mas acho que a maioria dos leitores concordará que, de certo modo, ela

transformou em algo mais o seu interesse pela cobra.

Esse tipo de substituição é a promoção de uma fantasia passível de ser classificada como patológica, ainda que possa não ser perigosa a ninguém (a não ser a camundongos).

Admitindo-se todas essas circunstâncias de relações humanas com criaturas deslizantes, aliado ao problema da repugnância, em geral, impressiona-me como uma magnífica ironia a possibilidade de existir realmente, em nossas vizinhanças espaciais, uma raça de seres inteligentes, viscosos e repulsivos, e que apesar disso tenham eles instituído muitos dos elementos de nossa própria civilização, além de serem os detentores de uma tecnologia suficientemente avançada para lhes possibilitar uma viagem por entre as estrelas. De fato, quando todos os outros prazeres da vida são insuficientes, só resta o da ironia. Recomendo tal prazer tanto aos homens quanto aos Anedotus.

Segundo Berosso, em texto preservado por Alexandre Polístor, os anfíbios eram assim:

O corpo inteiro do animal era como o de um peixe; tinha sob a cabeça de peixe outra cabeça e também os pés embaixo, semelhantes aos do homem, acrescentados à cauda de peixe. Sua voz e também sua linguagem eram articuladas e humanas; sendo preservada até hoje uma representação desse animal... Ao pôr-do-sol, esse Ser costumava mergulhar de novo no mar, passando toda a noite em suas profundezas; porque era anfíbio.

Quem era Berosso e até que ponto era confiável? É melhor citar o próprio prefácio de Cory para essa informação:

Berosso, um babilônio, distinguiu-se durante o reinado de Alexandre e viveu algum tempo em Atenas: segundo alguns, escreveu sua história caldéia na língua grega. Sendo um sacerdote de Belo (Bel ou Baal), gozava de privilégios, tendo acesso aos regimentos do templo e ao conhecimento, bem como às tradições do deus; aparentemente compôs sua obra com um sério respeito pela verdade. Traçou sua história dos tempos mais antigos e em representações nas paredes dos templos: em resumo, nos escritos e no conhecimento

tradicional, além de estar ciente de vários pontos muito bem validados para serem postos em dúvida: e a correção de alguns desses pontos por outros produziu a história diante de nós... O primeiro livro de história tem sua abertura naturalmente com uma descrição da Babilônia... O segundo livro compreende a história do mundo antediluviano e, neste, dois fragmentos devem ter sido inseridos.

Em relação a dois desses escritores tardios, que preservaram os fragmentos de Berosso, Abideno, o discípulo de Aristóteles, escreveu uma História Assíria, hoje perdida, enquanto Megástenes escreveu uma História da Índia, também perdida. Nenhum dos textos dos quatro escritores que preservaram os fragmentos berossianos sobreviveu. Escritores tardios, como Eusébio, historiador cristão do século IV d.C. e Sincelo, historiador bizantino do século IX d.C. preservaram, por sua vez, todos os fragmentos de Berosso mencionados anteriormente por escritores mais antigos em suas próprias obras. Pois tudo indica que o original de Berosso tenha se perdido antes dos originais de Abideno, Apolodoro, Megástenes (jônio de cerca de 350 a 290 a.C. que visitou a Índia e escreveu uma famosa história, Indika, também perdida) e Alexandre Polístor. E, a menos que alguma obscura biblioteca monástica bizantina ou algum papiro egípcio do período helenístico, ou ainda uma tabuleta babilônica, tenham produzido novos fragmentos, nunca se disporá de mais informações sobre Berosso do que as existentes hoje por meio de terceiros. Porém, ao menos, meu Apêndice III será útil, pois é a primeira vez, desde 1876, que os fragmentos de Berosso são publicados.

Plutarco tem uma narrativa interessante: "Além disso, Eudócio diz que os egípcios têm uma tradição mítica relativa a Zeus, ou seja, que tendo as pernas do deus crescido unidas entre si, ele era incapaz de andar...". É muito semelhante ao anfíbio Oannes dos sumérios, com cauda para nadar, em vez de pés para andar.

Seção adicional acrescentada em 1997

Não sabia, na época em que originalmente escrevi este livro, que a mitologia grega estava repleta de seres anfíbios com caudas de peixe e corpos humanos. Julgava estar familiarizado com a mitologia grega, e de fato estava, porém os seres anfíbios gregos fugiram à minha atenção ou nunca percebera seu real significado.

Particularmente surpreendente é o fato de serem muito numerosos. Um dos mais antigos é Nereu (veja Prancha 28), que tinha cinco filhas — as nereidas. Os estudiosos acreditavam que ele fosse o deus do mar original, substituído por Poseidon (Netuno). Ele foi o "Velho do Mar". Hesíodo (século VIII a.C.) diz a seu respeito: "E o Mar deu origem a Nereu, o mais antigo de seus filhos, que é verdadeiro e não mente: e os homens o chamam de Velho por ser verdadeiro e gentil, além de não se esquecer das leis da retidão, e pensar com justiça, e seus pensamentos são bondosos". Outro, dentre os Velhos, era Proteu. Os "Velhos do Mar" eram personagens escorregadios que, na tentativa de engalfinhar-se com eles, mudavam de forma, conforme descobriu Hércules. Mas eram imensamente sábios, tinham o conhecimento de todas as coisas e eram capazes de profetizar os eventos futuros — isto é, se alguém conseguisse enganá-los para que dissessem tudo o que sabiam. Eles tinham grande interesse pelas sereias, quer dizer, eles eram as suas contrapartes masculinas. Podiam abraçar uma sereia sem a dificuldade de deslizar.

Outro anfíbio muito antigo era Cecrops (Kekrops). Ele foi o fundador de Atenas, seu primeiro rei, e deu o seu nome aos habitantes dessa cidade, que se autodenominavam cecrópidas, ou cecropienses, antes do surgimento da deusa Atena, quando então passaram a se autodenominar atenienses em sua homenagem. Cecrops é apresentado na Figura 48 com Atena, cujo filho, chamado Erictonio, é apresentado pelo pai aos cuidados dessa deusa. Mas Cecrops e Erictonio tinham caudas de peixe e corpo humano (o que era chamado de biforme). Ao longo do tempo, como era grande o número dessas personagens, as caudas de peixe tornaram-se cada vez mais semelhantes a caudas de

serpentes. Cecrops foi o primeiro a dar as boas-vindas a Atena, em Atenas, decidindo a seu favor na disputa, entre ela e Posseidon, sobre quem seria o deus patrono de Ática, o país de Atenas. Havia uma tradição, preservada por um comentador na peça de Aristófanes Plutus.



Figura 48. À direita, Cecrops, o mítico fundador e primeiro rei de Atenas, com cauda de peixe (que se transformou em cauda de serpente). A enorme mulher que embaixo ergue os braços é a deusa Gaia, a "Terra", que acaba de conceder um filho para Cecrops, um bebê com cauda de peixe, chamado Erictonio, que mais tarde também se tornou o rei. Ele está sendo entregue à custódia da deusa Atena. Cecrops segura um ramo de oliva para simbolizar Atenas e Ática. Acredita-se que esta seja a ilustração mais antiga sobrevivente do nascimento de Erictonio, mais tarde se tornando um tema favorito das pinturas em vasos atenienses. Foi encontrado em escavação de um túmulo em Ilissos e data de meados do século V a.C. Antes de serem chamados de atenienses, por causa da deusa Atena, os habitantes de Atenas se autodenominavam cecropienses.

O filho de Cecrops, com cauda de peixe ou de serpente, já mencionado, era Erictonio. Outra forma de seu nome era Erecteu. Mais tarde, por divergirem os dois nomes, pensava-se tratar de dois personagens distintos. Quem estiver familiarizado com a Acrópole de Atenas conhecerá Erecteon, sobre o qual o filósofo Sócrates trabalhou como um pedreiro trabalha a pedra. Ele recebeu esse nome por causa de Ectereu/Erictonio. Houve época em que na Acrópole havia uma estranha fonte de água salgada que, segundo diziam, havia brotado por ordem de Posseidon; mas seu nome era Erechtheis thalassa, e Posseidon era ali invocado em forma ritualística pelo nome de Erecteu! Mais tarde, porém, Posseidon assassinou Erecteu (em vingança pela morte de seu filho, Eumolpo), portanto uma contradição muito curiosa existe nessa mitologia antiga. As filhas de Erecteu eram as híades. Segundo Diodoro Sículo, os egípcios afirmavam a ascendência egípcia de Erecteu, que fora para Atenas, e lá se tornou rei e foi introduzido aos Mistérios de Elêusis, que do Egito haviam sido levados para a Grécia. Segundo as tradições, Cecrops e seu filho, dois anfíbios míticos ou monstros metade homens/metade serpentes, foram os fundadores de Atenas, e eram de origem egípcia.

Havia então Cila, bem conhecido por ser personagem da Odisséia de Homero. Essa personagem era terrível, tinha cauda de peixe e de sua cintura saía uma grande cabeça de cão, ou talvez três, às vezes até mais, o que a tornava temível (veja Prancha 29). Hesíodo conta-nos que Cila era filha de Hécate, a contraparte de Sírius no submundo. Indubitavelmente, essa é a razão para ostentar cabeças de cães em sua cintura, pois além de representar a Estrela Cão, sua mãe era dona de Cérbero, o cão do infemo, com cinquenta cabeças, que lhe fazia companhia; assim, os cães faziam parte da família. Possuir essas cabeças de cão saindo da cintura, exatamente no ponto onde sua natureza biforme se transformava de peixe em ser humano, é singular em Cila, e não conheço mitologia que tenha explicado esse fato. Apresento uma possível explicação; no tratado sobre Ísis e Osíris, Plutarco discute Anúbis, quando diz:

Quando Néftis deu à luz Anúbis, Ísis tratou a criança como se fosse sua; isso porque Néftis é aquela que se encontra embaixo da terra, sendo invisível; Ísis é aquela que se encontra acima da terra, e é visível, e o círculo que toca a ambas, chamado de horizonte, e lhes é comum, recebeu o nome de Anúbis, representado com forma semelhante a um cão; porque o cão pode enxergar tanto de noite quanto de dia. E, entre os egípcios, Anúbis é considerado o possuidor dessa faculdade, a exemplo de Hécate, entre os gregos, pois Anúbis é a divindade do mundo inferior e ao mesmo tempo um deus do Olimpo.

Essa passagem, já discutida anteriormente, indica claramente que Ísis representa o componente visível de Sírius (Sírius A) enquanto Néftis, sua irmã, a "deusa negra", representa o componente invisível, Sírius B. Como já vimos, "o círculo" é a órbita de Sírius B, chamado Anúbis. Anúbis também era chamado de "o horizonte". O "horizonte", em língua egípcia, é aakhu-t, e o que me interessou, mais recentemente, é que aakhu-t também designa a Grande Pirâmide. Portanto, ao que parece, esse outro nome de Anúbis era Aak, pois designava "o deus que habita no horizonte" e, como já vimos em Plutarco, tal deus é Anúbis. (Os egípcios, às vezes, faziam menção ao ele-que-está-perto-do-Horizonte, mas quando o faziam, a tendência era uma identificação com Anúbis. Uma explicação para o estranho nome de Hórus-no-Horizonte seria também muito complicada em espaço tão pequeno.) No primeiro capítulo deste livro, que é novo, explico por que não acredito que a Grande Esfinge se destinasse a representar um leão, pois seu corpo não possui quaisquer características leoninas (sem juba, sem tufo na cauda, sem ancas elevadas). Acredito que a Esfinge represente um cão e não um leão — e, na realidade, originalmente era uma imensa estátua de Anúbis. Ou então sua cabeça era originalmente a de Anúbis, reentalhada depois na rocha, com a imagem de um faraó megalomaniaco (é sugerido com frequência, por arqueólogos, que a cabeça tenha sido reentalhada para representar a face de um faraó de um período posterior), ou então o corpo de Anúbis sempre ostentou uma cabeça humana. Mas, em

qualquer caso, o aspecto leonino da Esfinge é uma completa fantasia e causa-me surpresa realmente que todos aceitem credulamente esse absurdo sem questionar muito! O corpo da Esfinge só se tornou visível há mais ou menos um século e imagino que originalmente a afirmativa era de que se tratasse de um leão. Uma vez estabelecido um equívoco como esse, isto é, que a Esfinge fosse um leão, ninguém mais o questiona. A Esfinge é, na verdade, um cão e Sírius é a Estrela Cão.

Sob essa hipótese, então, era no complexo de Pirâmides de Gizé que aakhu-t, o horizonte, era guardado por Aakhuti, Anúbis, no edifício central. Haveria algo mais apropriado?

Não obstante, nas observações de Plutarco sobre a ligação de Anúbis, fala-se da divisão entre Ísis e Néftis, e que este deus se encontra no meio de ambas, podendo-se verificar que essa condição era simbólica no caso de Cila; pois a cabeça de um cão sai do meio de seu corpo. Na tradição egípcia, Anúbis faz a divisão entre uma forma feminina (Ísis) e outra (Néftis), ao passo que no período grego o cão dividia ao meio uma única forma feminina. Pelo que vimos, afirmava-se que Cecrops e Erictonio eram de origem egípcia; ao que parece Cila também era. Mas, em sua estranha anatomia, ela incorporava segredos maiores, que se referiam ao Sistema de Sírius.

Existe outro possível vínculo aqui. Na língua egípcia, a palavra meh é o nome de uma medida, o cúbito, que segundo os estudiosos modernos corresponde a 0,525 metro, ou cerca de 20 polegadas. Essa medida também era chamada de cúbito real e estava sob a proteção de um grande número de deuses, entre os quais, Ísis, Néftis e Osíris. Mas outro nome do cúbito era aakhu meh, portanto, ao menos em parte, a tradição pode ter estabelecido um elo especial entre o cúbito e a Grande Pirâmide (difícilmente causaria surpresa!) e também Anúbis, que sendo uma órbita era também o medidor por excelência. E talvez também se deva mencionar mehit, termo egípcio para "peixe", e mehuiii que significa "o grande dilúvio que destruiu a humanidade". Com ou sem intenção de estabelecer um elo entre o cúbito real e o Grande Dilúvio, e entre peixe ou peixe-homem, este é outro tema que vale

a pena considerar. Mas não prosseguiremos com esse tema. O que nos interessou, em particular, foi o simbolismo da forma de Cila e suas ligações com a tradição de Sírius. Ela certamente foi um dos mais estranhos anfíbios da Antigüidade.

Outro famoso anfíbio grego foi Tritão. Nos períodos posteriores, ele havia se multiplicado quando na época se falava em "tritões". Era divertido para os pintores e escultores de vasos que muitos tritões dessem cambalhotas em meio às ondas. Isso produziu adoráveis efeitos em estilo rococó.

Não obstante, originalmente, só havia um Tritão. É claro, ele possuía cauda de peixe e corpo de homem. Era outro Velho do Mar. De fato, havia pelo menos mais quatro, além de Nereu e Proteu, já mencionados: Glauco, Forquis, Palaimon e Nigaion, também eram Velhos do Mar. Portanto, totalizam oito, no mínimo.

O nome de Tritão é importante. Era também o nome do centro da Oitava Oracular no Lago Tritão, na Líbia, local de nascimento da deusa Atena, em uma das versões sobre seu nascimento. É interessante que os arianos tenham levado consigo, para a Índia, a tradição de um deus da água chamado Trita, mencionado no texto em sânscrito mais antigo, os Vedas. Isso indica a extrema antigüidade do nome e do deus, uma vez que pode significar que Tritão/Trita foi exportado por volta de 1500 a.C. para um povo estrangeiro, que o levou consigo, mais ou menos nessa época, em sua marcha para longe do mar, através da Ásia Central para a Índia. Monier Williams, compilador do dicionário de sânscrito definitivo, apresenta o grego fritos como um cognato do nome Triía, portanto a relação entre os nomes é aceita e significa "terceiro". Trita era uma figura muito misteriosa. Ele lutou contra demônios causadores de ruptura, sendo também o guardião do néctar dos deuses. Era capaz de preparar a bebida sagrada, que também era fornecida aos deuses. Ele estava associado ao deus Indra no combate à desordem caótica, e também era amigável com o deus Ti, do vento e com Maruts, divindades auxiliares do vento. Seu outro nome era Aptva, "a divindade da água", e supostamente residia na região mais remota do mundo. Ele podia conceder uma vida longa e supostamente, diziam, havia

escrito, parte das escrituras sagradas. Existe, ainda, uma história a respeito desse ser, segundo a qual ele se encontra encerrado em um poço, o que pode ser um eco do Enki sumério encerrado em seu Abzu (terra aquosa ou "abismo").

Gilgamesh também era descrito como "o deus de um terço humano". Dois terços e um terço também fazem parte do referente à órbita do planeta Mercúrio. O triângulo místico que para os pitagóricos simboliza a água, também possui ângulos de dois terços e um terço. Descrevi todas essas questões, em certa ídida, nas notas à minha tradução do Épico de Gilgamesh, por isso não serão repetidas neste livro. Mas parece claro que as tradições de Tritão/Trita preservam a tradição sumério-babilônia e não apenas no sentido de ser Tritão um dos anfíbios e heróis culturais do tipo de Oannes, ou annedotus. A Teogonia, de Hesíodo, do século VIII a.C. é o texto mais antigo a realmente mencionar o nome de Tritão que, segundo Hesíodo, "é o dono das profundezas do mar" e é filho de Poseidon. Tritão estava a caminho da Índia nessa época, tendo partido com os arianos por volta de 700 anos antes de Hesíodo. Daremberg e Saglio estão convencidos de que Tritão "originalmente era um deus independente" e só mais tarde foi considerado filho de Poseidon: e dizem ainda:

Nos tempos antigos, é encontrado o seu estabelecimento em duas regiões do mundo povoado pelos gregos eólios e onde a civilização egéia deixou profundas marcas: na Beócia e em Creta... [existe também um rio Tritão na Beócia]... Em Creta, em Itanos, sua imagem está gravada nas moedas locais. Pode-se indagar se essa divindade cretense seria o deus golfinho Delfínio cujo nome se transformou em um epíteto de Apolo e seu culto, originalmente em Cnossos [Creta], disseminou-se pela bacia do Mediterrâneo, instalando-se em Delfos, onde foi transformado. Da mesma forma, na costa da Líbia, onde os cidadãos de Itanos contribuíram para a fundação de Cirene, havia um rio e um lago Tritão (hoje Farooun, ou El-Loudeah) em cujas margens são situadas lendas cosmogônicas. Nessa passagem, não é possível enganar-se no reconhecimento, pelo

menos na formação do tipo artístico, da influência dos deuses-peixes da costa da Síria: Dagon, cultuado em Azoth e em Gaza, na forma de um monstro metade homem e metade peixe; Derceto, uma divindade feminina, análoga, que tinha um templo em Askalon. É até provável que o Tritão africano seja uma divindade puramente líbia, assimilada pelos gregos, como os seus próprios deuses com a maioria das características marinhas. Ele desempenhou um papel importante na lenda dos argonautas: ajudou os heróis em sua navegação, fazendo-os escapar dos perigos da Sirtes [Golfo de Sirtes, águas rasas perto da Líbia], além de lhes mostrar as coisas futuras. Os habitantes da Ática e de Euboéia, as torres de Corinto, de Bizâncio e de Troezen, parecem igualmente ter conhecido Tritão em época antiga. Finalmente, pode ser encontrada sua representação em moedas de Císico, uma cidade do lado oposto de Bizâncio [uma delas é reproduzida], de Nicodemia, na Bitínia, de Agrigento e de Skiletion.

A exemplo de Trita, na Índia, Tritão tinha associações com o Grande Dilúvio. Daremberg e Saglio dizem-nos:

Na Gigantomaquia, é possível divisá-lo, em uma batalha, atrás de seu pai [Poseidon] "e o terrível som de sua concha fez os adversários fugirem". É ele que faz recuar as águas do Dilúvio, enquanto Zeus, apaziguado, entregava a terra para a raça humana. Parece que Poseidon lhe delegou uma parte de seus poderes. Podia, a seu bel-prazer, com o chamado de sua concha, levantar ou acalmar as ondas do mar. Fazia tremer as rochas com seu tridente e surgir ilhas das profundezas do oceano. Assim como outros deuses marinhos, notavelmente Nereu e Proteu, ele tinha o dom da profecia... Desempenhava, ao lado de seu pai, o mesmo papel de Hermes, ao lado de Zeus: era o portador de mensagens do deus..., ele deu assistência a Teseu... acompanhou Frixo e Hele [em ligação com o Velocino de Ouro], os Argonautas e as Dioscóridas... Acima dos quadris, diz Apolônio de Rodes, seu corpo tinha a forma semelhante à dos corpos dos deuses abençoados, mas abaixo deles,

seus flancos, em ambos os lados, uniam-se formando a cauda de um enorme monstro marinho... originalmente [esse tipo de corpo] pertencia ao Velho do Mar e... Lereu e Glauco... Como já dissemos, Tritão era herdeiro do Velho do Mar e é ele que devemos identificar nas representações de monstros marinhos metade homens e metade peixes.

É uma das múltiplas formas sob as quais o Set fenício continuou a viver na mitologia grega. Sabe-se que, na lenda egípcia, Set, também chamado de Tífon [nome que Plutarco dá a Set, por exemplo, quando escreve sobre a mitologia egípcia em grego], é o irmão de Osíris. O último personifica a luz; Set é, ao contrário, o demônio da tempestade e da escuridão... A origem oriental de Tífon parece ser bem demonstrada por essas semelhanças. Além disso, a maioria dos escritores, e já Homero, situa a curta permanência de Tífon na Cilícia [na Ásia Menor]... Píndaro mostra-nos Tífon, monstro de cem cabeças... Os artistas representaram-no [adicionalmente] com asas para significar seu furioso salto em direção aos céus [ilustrado na Figura 49]... As pernas do monstro são substituídas por serpentes... [ele estava] em conflito com Zeus e, nesse combate, o fogo da terra carregou-o diretamente para o fogo do céu... Os ventos insalubres eram, segundo diziam, os filhos de Tífon e Equidna, "a víbora" [outra criatura biforme, na parte superior humana e na inferior, serpente, e que vivia em uma caverna embaixo da Terra, sendo extremamente desagradável, com uma respiração repugnante] . Além disso, Tífon tem sido considerado um demônio do Furacão. De sua união com Equidna, o monstro teve descendentes que eram maus agouros... [entre os quais] a Esfinge, as Harpias... o Cão Ortro.



Figura 49. Zeus, manejando um raio, é visto em uma batalha contra o feroz Tífon, líder da rebelião contra sua lei, e, segundo diziam, possuía cinqüenta cabeças (ainda que somente uma seja mostrada aqui). Tífon era a versão grega do deus egípcio Set, que assassinou e desmembrou Osíris. Na tradição grega, Tífon era, como Cecrops, Erictonio, Nereu, Tritão, Cila e outros, um monstro com cauda de peixe/serpente e sem pernas. Mas, ao contrário dos outros, ele foi o principal rebelde contra a ordem celeste. Zeus perseguiu-o, finalmente, até o monte Kasion, um dos centros sagrados da oitava oracular do leste. De uma pintura em vaso grego.

Temos aqui associações específicas de Tífon com Sírius: ele e sua monstruosa noiva eram os pais do cão cósmico Ortro, que representa a Estrela Cão. E também eram os pais da Esfinge, mencionada, há pouco, quando dissemos acreditar que representa o cão Anúbis. E, é claro, Tífon teve cinqüenta ou cem cabeças, o número de anos que constituem a órbita de Anúbis — Sírius B. Tífon e Equidna também eram os pais de Cérbero, o cão do inferno com cinqüenta cabeças.

O relato de Hesíodo a esse respeito, no século VIII a.C, faz arrepiar os cabelos do leitor:

... A feroz Equidna, metade ninfa, com olhos brilhantes e bela face, e, novamente, metade de uma grande cobra, grande e terrível, com pele manchada, e que se alimentava de carne crua nas profundezas secretas da terra sagrada. Ali ela tem uma caverna profianda sob uma rocha oca, longe dos deuses imortais e dos homens mortais. Ali, então, os deuses designaram-lhe uma gloriosa morada para habitar: e ela montava guarda em Arima [na Cilícia] embaixo da terra, à repugnante Equidna, uma ninfa que não morre nem envelhece em todos os seus dias.

Os homens dizem que Tifaon [Tífon], o terrível, insultuoso e sem lei, uniu-se por amor a ela, a donzela de olhos brilhantes. Assim, ela concebeu e gerou uma prole feroz; primeiro deu à luz Ortro, o cão de Gerione e, em seguida, a um segundo, um monstro que não seria superado e não pode ser descrito, Cérbero, que se alimenta de carne humana, o cão de Hades de alta voz, cinqüenta cabeças, incansável e forte. E, mais uma vez, ela deu à luz um terceiro filho, a malvada Hidra de Lerna [que tinha cinqüenta cabeças]... Equidna foi submetida por Ortro [seu próprio filho] e deu à luz a mortífera Esfinge...

Temos aqui uma referência adulterada à relação entre Ísis e seu próprio filho Horus, que sucedeu o pai, Osíris, em importância. A Esfinge grega mantinha estreita relação com a história de Édipo, que se casou com a própria mãe. Minha sugestão é que a história de Édipo tem suas origens em um ambiente mitológico mais arcaico, talvez o da união de Ortro com sua mãe, Equidna. A Esfinge grega é o elo comum entre os casamentos entre mãe e filho. E provavelmente a origem definitiva de todas essas narrativas derive do tema egípcio de Hórus, sucessor de seu pai Osíris, enquanto consorte de sua mãe Ísis — ou pelo menos, na visão dos gregos, que podem não ter apreciado necessariamente todos os pequenos detalhes da história egípcia, ou por considerarem essa uma visão um tanto sensacionalista, em

tablóide, da situação desse filho assumindo a posição do pai, como é o caso, e adotando uma atitude apenas um pouco mais amigável com a mãe.

E assim, como vimos, foi grande o número de personagens marinhas com cauda de peixe, na mitologia grega, derivados de Oannes e Dagon, relacionados à tradição de Sírius, muitas vezes até se afirmando especificamente sua procedência do Egito, e são relacionados a Ísis, Anúbis e até à Esfinge.

Na Prancha 31, são apresentadas duas efígies notáveis de Císico, uma cidade do lado oposto de Bizâncio. Essas efígies mostram a própria deusa Ísis como criatura metade humana, metade peixe! Uma delas mostra a deusa com sua cauda entrelaçada à do marido Serápis (um nome posterior de Osíris que também possui cauda de peixe). Essas efígies são de uma data bastante tardia, sendo do período greco-romano; ou seja, dos últimos séculos a.C. — e primeiros séculos d.C. Mas talvez, nesse período, os segredos dos mistérios egípcios tenham sido revelados, difundindo-se, como suponho, nas seitas gnósticas pagas e depois também nas seitas cristãs gnósticas. Acredito que, nessa época, os chamados livros herméticos tenham sido escritos em grego, sendo em alguns casos extraídos de antigos textos egípcios autênticos, notavelmente no caso do tratado *The Virgin of the World* (A Virgem do Mundo), já discutido em detalhes na página 153 deste livro. Portanto, a noção de que Ísis e Osíris possuíam caudas de peixe pode ter sido um segredo negro no Egito, só emergindo quando as tradições de mistério se dispersaram, após o colapso do Egito como nação independente. Plutarco faz alusão a isso, quando diz em seu tratado *Ísis e Osíris* que os egípcios afirmavam que o Velho Hórus havia "nascido rastejante" talvez referindo-se à sua impossibilidade de andar porque não tinha pernas apropriadas. (Na Grécia, a claudicação do deus Hefestos, ou Hefaistos, talvez tenha origem semelhante.) A partir desse período, a adoração a Ísis se tornou amplamente disseminada como um culto das minorias por toda a Grécia, Itália e Ásia Menor, de modo que a deusa sobreviveu, em alguns séculos, a seus faraós. Alguns até diriam que ela ainda sobrevive com o nome de

Virgem Maria, a qual, também você, leitor, se lembrará, deu à luz um filho sagrado. Mas deixo essas questões para outros.

As imagens de Ísis e Serápis (Osíris) com as caudas de peixe, ou de serpentes, entrelaçadas, seja qual for a sua preferência, é notavelmente semelhante, como tema iconográfico, às encontradas a milhares de milhas de distância, quase na mesma época — na China! Talvez, quase com toda certeza, seja algo não considerado quando escrevi *O Mistério de Sírius* originalmente. Isso porque foi a partir de então que me envolvi com a China e a história da cultura chinesa (veja, sobre o assunto, a recente discussão anexa ao Capítulo Seis). Agora direi algo sobre os heróis culturais e iniciadores anfíbios da civilização chinesa, só para mostrar o quanto se disseminou realmente a história de "Oannes".

Os chineses sempre afirmaram que sua civilização foi criada por um ser anfíbio, com cabeça de homem e cauda de peixe, chamado Fuxi (grafia antiga: Fu-Hsi). A data tradicionalmente atribuída a ele é 3332 a.C. Ele foi o Imperador Celestial antes da instituição da Primeira Xia (Hsia) Dinastia da China, pelo Imperador Yü. Sua esposa, também sua irmã, segundo diziam, era Nu Gua (às vezes chamada de Nu Wa; grafia antiga: Nu Kua). Eles foram os iniciadores tradicionais da civilização, assim como Oannes o foi dos babilônios. Fuxi é descrito no século III a.C., no Grande Apêndice ao Livro da Mutação (I-Ching), como segue:

Nos tempos antigos, quando veio a ser o soberano de todas as coisas sob o Céu, Fuxi olhou para o alto e contemplou as formas nele exibidas, e olhando para baixo contemplou os processos que ocorriam na terra. Contemplou os padrões de pássaros e animais, bem como as propriedades dos vários habitats e lugares. Muito perto, em seu próprio corpo, descobriu coisas a serem consideradas, e também a distância, em relação aos fatos em geral. Assim, projetou os oito trigramas, em ordem, para guardar relações com as virtudes dos Espíritos iluminados, e também classificar as relações das dez mil coisas.

É atribuída a Fuxi a invenção do sistema de trigramas e

hexagramas do Livro das Mutações (I-Ching). Eles lhe foram revelados por outro ser anfíbio que emergiu do Rio Amarelo e em seu dorso exibia os padrões (o chamado "Dia-irama-HQ": conhecido por ter sido preservado na corte chinesa em um lugar de honra em 1079 a.C.). A disposição específica dos hexagramas chamado de Disposição de Fuxi, é idêntica ao sistema de números binários (zeros e uns), introduzida na Europa e que é atualmente utilizado como a base de matemática moderna.

Posso arriscar-me a indagar como Fuxi, na Antigüidade, estabeleceu os graus da esfera celeste? Não há degraus pelos quais se possa ascender aos céus, e a terra não é mensurável com a craveira... qual foi a origem desses números?

A cosmologia chinesa mais antiga também foi atribuída a Fuxi. É chamada de Teoria Gai Tian (grafia antiga: Kai Tien). Esta representa o céu noturno como uma abóbada esférica vista pela parte interna. A origem dessa cosmologia de uma teoria do mundo com uma abóbada celeste dupla está registrada na História da Dinastia Jin (grafia antiga: Chin) (265 a 420 d.C.), como segue:

A teoria originou-se por ter Fuxi estabelecido os graus da circunferência celeste e o calendário. ... O sol... corta caminho através de sete barreiras (declinação-círculos) e as seis vias (entre elas). O diâmetro e a circunferência de cada barreira... podem ser somados matematicamente, usando o método de triângulos de ângulos retos iguais e observando-se as extensões das sombras do gnômon. As medidas de distâncias do pólo, bem como os movimentos, se mais próximos ou mais distantes, são todos obtidos com o uso do gnômon e com o triângulo de ângulos retos que o forma.

Ressalta Needham: ... uma teoria do mundo com dupla abóbada celeste semelhante existia na Babilônia. Pode ter sido uma das características culturais que passou para o Ocidente, para os gregos, e para o leste, para os chineses, desenvolvendo-se, em ambas as civilizações, como a teoria da esfera celestial. Needham

insiste, corretamente, nas origens babilônias da astronomia e cosmologia chinesas. Pode-se ver que Oannes, como inventor do sistema, foi transmitido para os chineses, juntamente com a astronomia, com o nome de Fuxi.

O maior dos historiadores da China foi Sima Chien. Seu livro *Historical Records* (Registros Históricos) foi escrito em aproximadamente 91 a.C. Um de seus descendentes, Sima Zheng, acrescentou um capítulo preliminar contendo a tradição mitológica em cerca de 720 d.C. Nesse capítulo, ele descreveu Fuxi e Nu Gua. São atribuídos a Fuxi dois nomes alternativos, Taihao ("Grande Luminoso") e Paoxi. A descrição física dele diz: "Ele tinha corpo de serpente, cabeça de homem e a virtude de um sábio... Elaborou um sistema de registros por meio de tabuletas... era chamado de Fuxi ("vítimas ocultas")... Construiu o alaúde de trinta e cinco cordas. Ele é também claramente associado ao primeiro dia da Primavera. Segundo registro do tradutor Herbert J. Alien: "Afirma-se que Fuxi (nome pelo qual este nobre é mais conhecido) nasceu após uma gestação de doze anos". Se essa afirmação tem o intuito de mostrar a peculiaridade da gestação dos anfíbios, que carregam sua prole durante muitos anos, ou, segundo Alien, refere ao período orbital do planeta Júpiter, ou ainda tenha qualquer outro significado, é uma questão aberta às suposições. Segundo Sima Zheng, Nu Gua também "tinha o corpo de uma serpente, a cabeça de um homem e a virtude de um santo". Mas, nesse relato, Nu Gua não é um ser feminino, a esposa de Fuxi, mas sim o sucessor de Fuxi: "Ele subiu ao trono no lugar de Fuxi, com o título de Nuxi... Em seu último ano, um dos príncipes, chamado Gong-Gong, encarregado de administrar a lei criminal, tornou-se violento e procedeu como um tirano. Ele não governava de maneira adequada... Ele também lutou com Chuyong [também chamado de Chungli, o Deus do Fogo] e não foi vitorioso; quando se precipitou em sua fúria, bateu a cabeça na montanha Incompleta e a derrubou. O ' pilar do céu' ruiu e assim a terra foi desprovida de um de seus cantos". Nu Gua, felizmente, reparou o dano e então. "Depois disso, a terra ficou em repouso, o céu tornou-se íntegro e as coisas antigas se tornaram imutáveis".

A um exame dos mitos chineses, constata-se a existência de muitos seres anfíbios. além de Fuxi, de sua esposa e do ser que emergiu do Rio Amarelo, revelando os hexagramas. Havia outro herói mítico na China, chamado Gong-Gong, há pouco mencionado (na grafia antiga: Kung-Kung). que era "um monstro com um chifre e corpo de serpente", e que corresponde ao Ogo dos dogons, ou ao Sei dos egípcios. Gong-gong era um rebelde empenhado em uma batalha cósmica, e colidindo com uma montanha foi o responsável pela inclinação da Terra em seu eixo: "O Céu e a Terra, a partir de então, inclinaram-se um para o outro, no nordeste, porém, na direção oposta, afastaram-se". Dois outros anfíbios, no início da história chinesa, foram o Imperador mítico Yü S, o primeiro imperador da primeira dinastia chamada Hsia (supostamente datada de 2205 a.C), e seu pai, Gun (grafia antiga: Kun). O caracter chinês de Gun contém o elemento (no lado esquerdo) que significa "peixe" e o de Yü contém um elemento geralmente usado para répteis, de modo que ambos os heróis míticos eram "de origens não humanas". No mito chinês, Yü venceu a Grande Inundação ou Dilúvio. Existem várias peculiaridades nos mitos referentes a Gun e Yü. Primeiramente, Yü nasceu da barriga do próprio pai, o que indica o mesmo aspecto andrógino dos anfíbios referidos pelos dogons. E, após dar à luz, Gun tornou-se um peixe negro ou dragão amarelo e mergulhou de volta ao mar, como Oannes. Yü, evidentemente, não nasceu na terra, porque depois de nascer "ele desceu das alturas". Não podia caminhar de maneira adequada e tinha uma marcha peculiar, posteriormente conhecida como "o andar de Yü", o esperado para um anfíbio com cauda de peixe. Uma de suas primeiras preocupações foi medir "as dimensões do mundo, de leste a oeste e de norte a sul".

Vemos que havia, pelo menos, seis seres anfíbios distintos e identificáveis, envolvidos no estabelecimento da civilização chinesa, segundo as tradições mitológicas. Eram sete ao todo: dizia-se que Fuxi tinha uma filha, Fu Fei, que morava no rio Lo e se tomou sua deusa. É preciso lembrar que, na Babilônia, havia cerca de seis a oito anfíbios Annedotus, e muitas vezes eles eram

referidos como "os Sete Sábios".

Grande número de esculturas chinesas entalhadas em ossos e muito estranhas, contendo caracteres arcaicos, não posteriores ao século III a.C, mas talvez até muito mais antigos, representando os anfíbios, lembra um pouco os desenhos dogons do Nommo. Estes foram colhidos por L. C. Hopkins, que os adquiriu de um colecionador de ossos Oraculares da Dinastia Shang, o qual foi forçado a vendê-los em 1910, em razão de eventos políticos. Hopkins sugere, mas não afirma, que as cinco esculturas em osso, então adquiridas, haviam sido encontradas em Anyang e associadas aos dados de Shang, e nesse caso datariam de 3.500 anos e não de 2.200; as inscrições nas esculturas parecem ser um manuscrito Shang. Só encontrei uma narrativa sobre essas esculturas, no relatório de Hopkins, publicado em 1913, contendo fotografias de quatro desses objetos. (A reprodução dessas fotos não seria adequada porque geralmente não são de boa qualidade.) As figuras contêm uma ou duas (bifomies) caudas de peixe ou serpente. Em vestígios de pernas pressionadas junto ao corpo parece haver apenas quatro artelhos. As cabeças possuem barbas longas e olhos fixos. Há a indicação de um pequeno chifre na testa de dois espécimes. Hopkins registra alguns caracteres chineses inscritos no que ele chama de "esculturas de dragões", nas cinco principais esculturas, assim como nas "seis miniaturas, em forma de dragão, adquiridas em data anterior". Destaca-se nessas esculturas a ocorrência do caractere que significa "chuva" e, em uma grande escultura, do caractere long, que significa "dragão". Outra escultura contém uma inscrição oracular Shang típica dos medos do segundo milênio a.C.: "O rei indagou sobre os presságios". (O caractere de "rei" é \vang\ assim, é precedente à unificação da China.) Hopkins encerra dizendo: "E nesse assunto, por enquanto estou satisfeito em deixar essas relíquias Oraculares de um passado anfíbio e ambíguo..." Não tenho idéia do paradeiro desses objetos hoje, nem ouvi qualquer menção aos mesmos posterior a 1913.

Os "dragões" da China arcaica estavam associados às estrelas de

modo singular. O dragão celeste, conhecido como chen, também representava as "estrelas brilhantes", entre as quais as do Cinturão de Órion.

Os espíritos da água, deuses do rio, peixes sobrenaturais, etc. fizeram parte do folclore chinês durante milênios. Ainda que tais crenças duvidosas permaneçam entre o povo, em áreas remotas da zona rural (lembrando que 800 milhões de chineses vivem na zona rural), parece que as tradições sobreviventes relativas aos antigos anfíbios são mais fortes entre as minorias tribais, como as do Povo Yao da Província de Guangxi. Muitos estudos sobre as tradições têm sido publicados em língua chinesa, mas um deles, publicado em inglês, em 1982, por Chang Ping-leung resume grande parte do folclore das minorias contemporâneas sobre o assunto. As tradições atuais tendem a ressaltar o Grande Dilúvio e o aspecto sexual do casamento incestuoso entre Fuxi e Nü Gua, levando à repovoação do mundo após o Dilúvio. É interessante que, na lenda antiga de Fuxi, ele possuísse um cão negro, seu companheiro: ele era "um deus com face humana e corpo de serpente". Talvez, certos pormenores sobre a aparência dos anfíbios, remanescentes - tenham se incorporado ao folclore mais recente. Por exemplo, Groot registra como era chocante que os demônios da água não usassem roupas e seus "traseiros" se mostrassem desnudos; além disso, que "nem seus olhos nem suas sobranceiras eram marcados em preto. A criatura levantou-se, ereta, da água, com um pescoço imóvel como o de uma imagem de madeira". Tais detalhes podem ser totalmente fantasiosos ou remontar a descrições originais de Fuxi e seus companheiros, cujos textos mais antigos, onde são referidos, perderam-se. Ainda existiam templos dedicados ao culto de Fuxi, em 1945, quando Needham visitou o dirigente de um deles, em Tianshui, na distante província chinesa ocidental de Gansu (grafia antiga: Kansu) — e Needham diz ter notado que "a cauda da sereia ainda é um destaque iconográfico". Aqueles que nada sabem a respeito da China estão cientes da proeminência do símbolo do dragão nesse país, de dragões que vagueiam pelas ruas nos festivais, em desenhos em almofadas, sinais em restaurantes e logotipos de

empresas. Acreditava-se que o conceito do dragão chinês tivesse tido origem da tradição dos seres anfíbios iniciadores da civilização. G. Willoughby-Meade, especialista no estudo de histórias míticas e animais e monstros chineses legendários diz: "Os desenhos remanescentes mais antigos de dragões chineses são de rude artesanato e têm o aspecto muito semelhante ao de peixes; no estágio artístico subsequente, exemplificado pelos objetos funerários de jade do período Han — aproximadamente dois séculos a.C. e dois séculos depois —, a transição para uma forma de réptil vigorosa e plástica é mostrada claramente". Portanto, parece que os seres com cauda de peixe se transformaram em dragões no decorrer dos milênios da história chinesa, e que a eles devemos o atual dragão onipresente na China.

Nas Figuras 50 e 51, vemos as representações de Fuxi e Nü Gua com suas caudas de peixe entrelaçadas, na forma em que foram imaginados há 2 mil anos. É conveniente apresentar esse resumo da tradição chinesa para mostrar como realmente se disseminou pelo mundo a história do estabelecimento da civilização pelos anfíbios celestes. Entretanto, a espantosa semelhança entre as Figuras e a Prancha 31, mostrando Ísis e Serápis, com caudas semelhantes entrelaçadas, levanta a questão sobre a possível existência de representações dramaticamente similares a uma distância de milhares de milhas em culturas completamente diferentes. É provável ter ocorrido um empréstimo direto dos chineses, mas por que tomariam emprestado uma imagem, colocando-a no centro de sua cultura, representando suas próprias origens culturais, quando tal imagem provém da região do Mediterrâneo? Em minha opinião, não devemos permitir que a questão de Fuxi e Nü Gua se enfraqueça por omissão. Suas representações iconográficas em tumbas da época da Dinastia Han propõem um problema muito direto com relação aos contatos culturais entre a China e o Oriente Próximo, ou então algum outro fator igualmente intrigante. Em qualquer caso, um minucioso estudo dos iniciadores com cauda de peixe da civilização chinesa

peixe, cujas duas pernas são caudas separadas, como se observa com freqüência nas figuras dos tritões gregos. A iconografia dessa ilustração é misteriosamente semelhante à da Prancha 31, mostrando Ísis e Serápis com as caudas entrelaçadas, e foi encontrada em escavação em um lugar a mil milhas da China. Como a imagem viajou para tão longe?



Figura 51. Cinco anfíbios da civilização chinesa representados em altoo-relevo em uma tumba da Dinastia Han (século I d.C), publicada por Edouard Chamanns em seu livro *A Escultura em Pedra na China* — Paris, 1893, Prancha 24. Fuxi, a grande figura à direita, como sempre, segura o esquadro de carpinteiro ou pedreiro com o qual mediu a terra. Sua cauda está entrelaçada com a de outro anfíbio, possivelmente sua esposa Nü Gua, ou talvez Cang Jing. No centro, um casal menor de anfíbios com as caudas entrelaçadas também está de mãos dadas. A direita, um quinto anfíbio é um espectador. A esquerda, a cauda de um sexto anfíbio parece ser representada, mas não se pode vê-lo completamente. Ondas e vagas do mar são representadas embaixo do grupo.

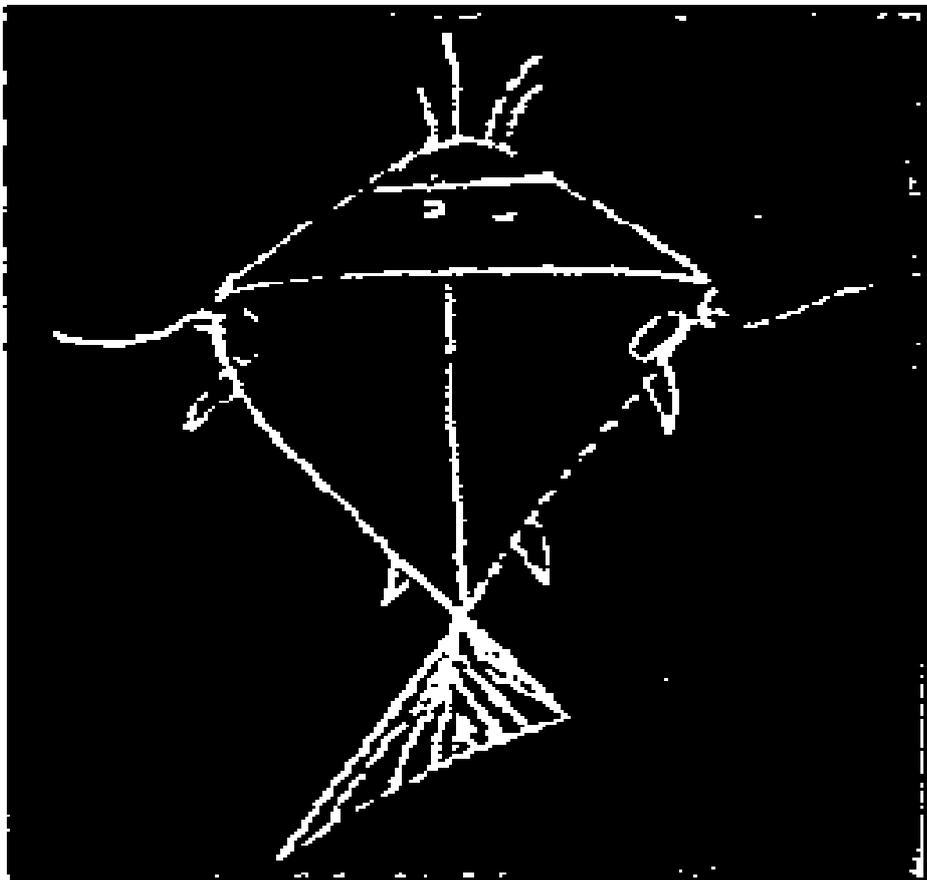
Vamos dar uma olhada agora no que tem a dizer a tribo dogon sobre as criaturas anfíbias, às quais se atribui também o estabelecimento de sua civilização e que, aparentemente, vieram de Sírius. Nas Figuras 52 e 54, são apresentados desenhos tribais dos dogons com as representações dessas criaturas. Eles afirmam que essas criaturas desceram em uma arca que, ao aterrissar, parecia o desenho da Figura 55, representando "o giro, ou turbilhão, da descida da arca". O deus do Universo, Amma (cujo nome, tenho certeza que se trata de um remanescente do deus Ammon do Oásis de Siwa), enviou os anfíbios à terra. Eles são chamados de Nommos. Mas da mesma maneira que a tendência dos babilônios era falar de Oannes, o líder, em vez de sempre dizerem "os Annedotus", no coletivo, os dogons com freqüência falam do "Nommo" ou "o Nommo" como um indivíduo. Os Nommos são, coletivamente, chamados de "os Mestres da Água" e também "os Instrutores" ou "os Monitores". Eles precisavam viver na água: "O assentamento do Nommo é na água". Esta última afirmação é muito semelhante à tradição babilônica de seu deus Ea (Enki para os sumérios), cujo assentamento também era a água e que, algumas vezes, é ligado a Oannes.



Figura 55



Figura 33. Descida de Nommo do céu. Desenho dogon.



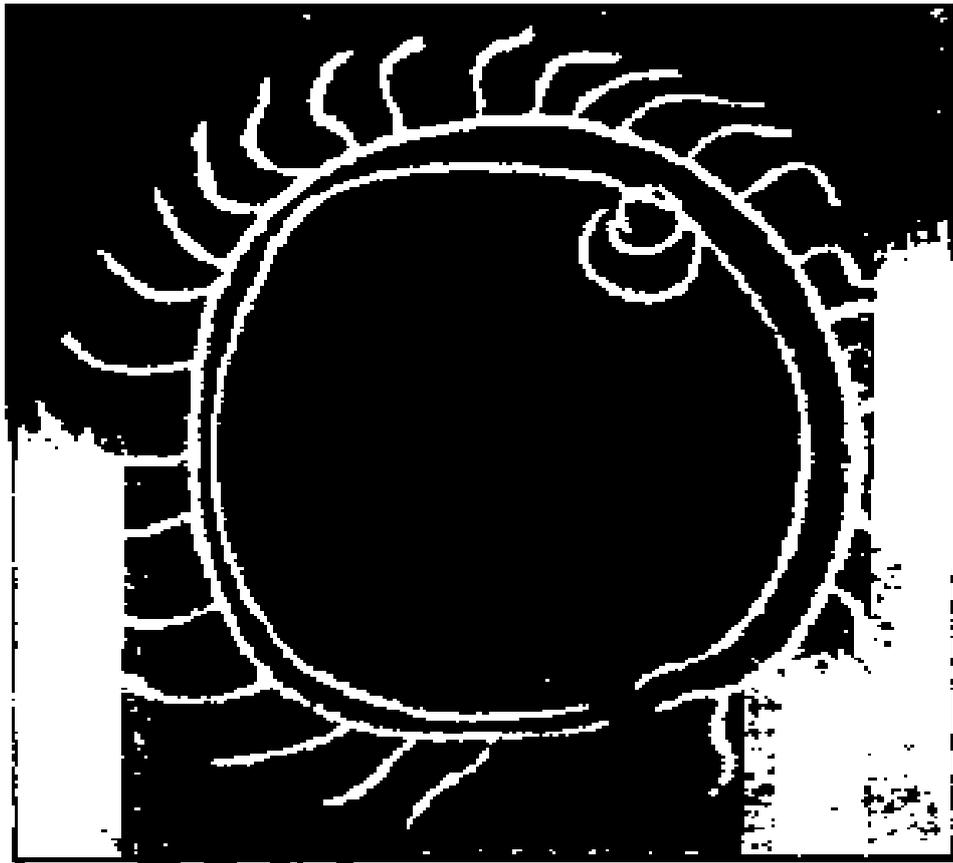


Figura 55. A descida turbilhonante da espaçonave do Nommo. Desenho dogon.

As descrições da aterrissagem da arca são extremamente precisas. Eles afirmam que a arca aterrissou no nordeste do país.

Os dogons descrevem o som da aterrissagem da arca. Eles dizem que a "palavra" Nommo foi lançada por ele nas quatro direções, quando ele desceu* e o som é semelhante ao ecoar de quatro blocos de pedra que as crianças batem, umas nas outras, correspondendo a ritmos especiais, dentro de uma caverna muito pequena perto do lago Debo. Presume-se que os dogons tentem transmitir-nos um som vibratório de trovões. Pode-se até imaginar que estamos no interior de uma caverna com os ouvidos atentos a esse ruído. O trabalho da descida da arca deve ter sido semelhante ao de um jato em uma pista de decolagem e a pequena distância.

A aterrissagem da arca, em termos visuais, é assim descrita: "A arca aterrissou na terra seca de Fox e deslocou, com o seu turbilhão, um monte de poeira que se levantou. Veja o fato na Figura 53. Eles continuam: "A violência do choque impactou o

solo".

Eles afirmam sobre o Nommo, ou mais provavelmente sobre sua arca: "Ele parece uma chama que saiu quando tocou a terra". Dizem: "O Nommo era 'vermelho como o fogo'... quando aterrissou, ele se tornou branco". E conseqüentemente, um pouco de folclore: "O albino é o testamento, na Terra, das chamas do Nommo em sua descida; afirma-se que o albino traz a 'marca das queimaduras', a cicatriz do Nommo".

Parece que os termos "jorrar sangue" são usados pelos dogons para descrever o que se chamaria de "exaustão do foguete". Lembremos agora que, à falta de máquinas antigravidade (o que pode ser impossível), é provável que uma aeronave aterrissando em um planeta utilize a propulsão de foguete, não importa se a nave-mãe interestelar seja sofisticada ou não se assemelhe a um foguete, nem mesmo que se trate de uma civilização imensamente avançada. Isso porque o princípio do foguete é muito simples, sendo improvável que seja dispensado totalmente em qualquer tecnologia futura previsível. Na realidade, os dogons parecem fazer clara diferenciação entre a arca, em que os Nommos realmente desceram à Terra, e o que se poderia imaginar como uma nave-mãe interestelar verdadeira, pairando no céu a grande distância, e o descrito por eles como o surgimento de uma nova estrela, e que parte com os Nommos quando estes deixam a Terra. Na realidade, esse é o tipo de arranjo esperado.



Figura 56. Desenho dogon de ie pelu tolo; os dez raios, em pares, são a parte interna do círculo, não tendo ainda "emergido".

Uma nave interestelar provavelmente se assemelha a uma nova estrela brilhante, talvez visível de dia e de noite, enquanto a nave que faz a aterrissagem seria apenas um tipo que emprega a propulsão de foguete, não muito diferente do princípio das máquinas por nós utilizadas para aterrissar na lua.

Os dogons podem descrever uma nave interestelar pairando acima da Terra com os termos ie pelu tolo, "estrela da décima lua". Dizem ainda: "Quando (a arca) aterrissou, seu peso fez 'jorrar' o sangue do céu". Seria algo muito semelhante à aterrissagem de uma nave do tipo foguete na terra. Mas eles afirmam que o "sangue que jorra" (chamas?) é partilhado com o ie pelu tolo e "dá realidade e brilho à estrela". Veja três diferentes desenhos tribais complementares do ie pelu tolo na Figura 57. Esses desenhos parecem representar a "estrela" em três condições distintas, em que os "jatos de sangue" são emitidos em quantidades diferentes. Os dogons ainda descrevem que esta "estrela", especificamente, possui um círculo de raios vermelhos ao seu redor, e que tal círculo de raios é "como um foco de luz que se espalha", mas continua do mesmo tamanho.

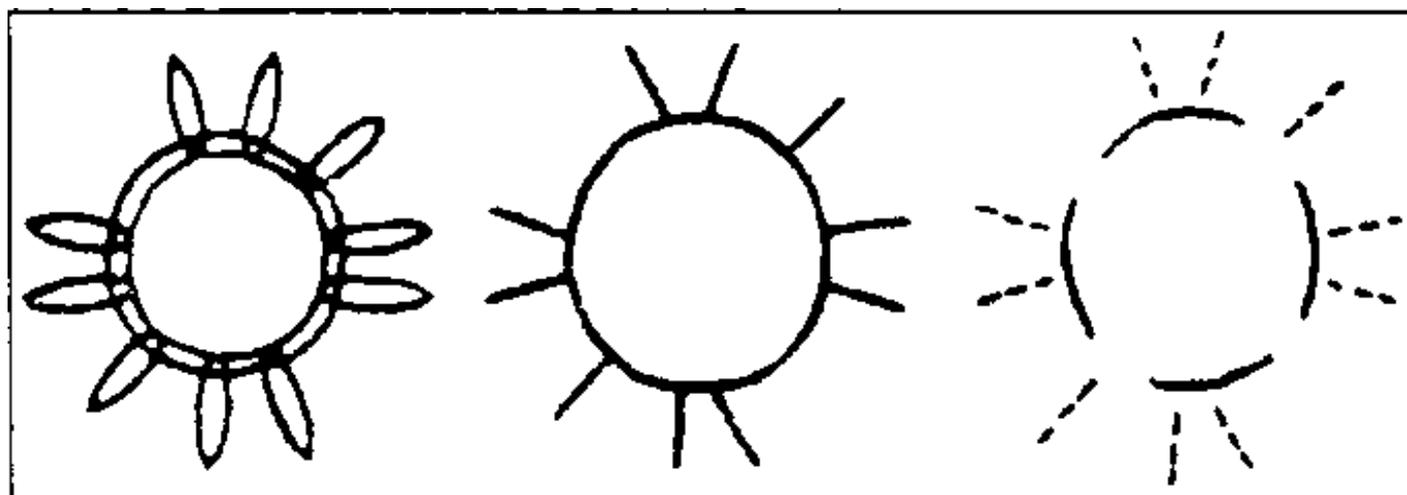
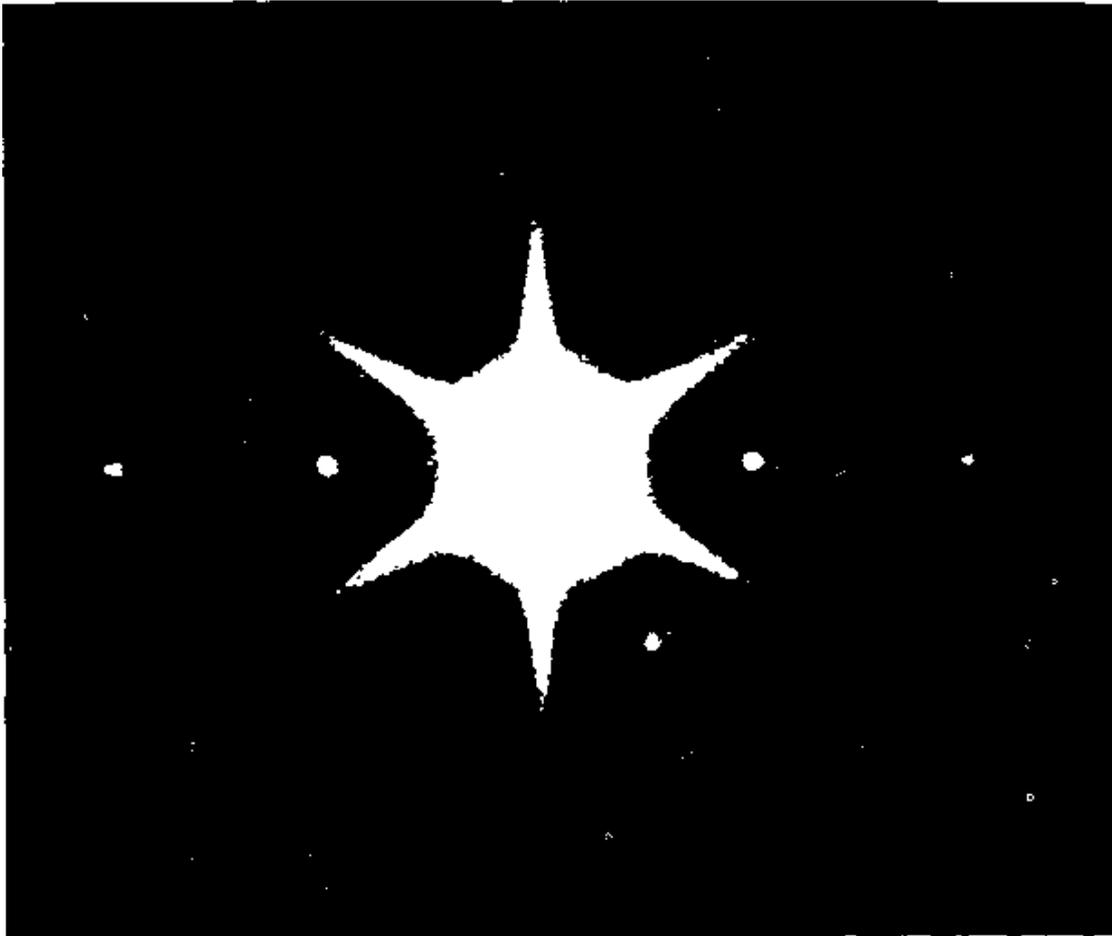


Figura 57: Três estados de ie pelu tolo no céu. Desenho dogon.

Eles dizem que os Nommos voltarão. Haverá a "ressurreição do Nommo". Portanto, não nos deve surpreender que o símbolo celestial da ressurreição é a "estrela da décima lua", ie pelu tolo... Esta estrela não é fácil de se ver... Os dez raios, dispostos em pares, estão na parte interna do círculo porque a estrela não "emergiu" ainda; ela será formada quando descer a arca do Nommo, porque simbolicamente é também a ressurreição.



1. Um retrato de família: a primeira fotografia tirada (1970) de Sírius B, que é o ponto minúsculo na parte inferior direita da grande estrela, Sírius (múltiplas e pequenas imagens da própria Sírius são vistas, estendendo-se da esquerda para a direita).



2. A "raposa pálida" de Mali, *Vulpuspallidus*. Ela só sai de sua toca à noite e nunca é vista durante o dia.

3. Os quatro sacerdotes dogons que revelaram as tradições de Sírius aos antropólogos.



3. Mandi D'Orosoro



Acima: Dançarinos dogons em Sana.

Abaixo: Um dos iniciados dogons está sendo adornado com um brinco antes da cerimônia da Sigi.



9. Antiga estátua de ferro dogon, com probabilidade de ter, pelo menos, 300 anos, representando os "homens com asas", supostos habitantes da "sexta Terra" — um planeta em outro sistema estelar também próximo, mas que não é o nosso nem o de Sírius. Os habitantes de Sírius conhecem-nos, mas eles não participam do projeto de Sírius na Terra e nos deixam aos cuidados dos Nommos. Vivemos na "quarta Terra" e os "homens com chifres" vivem na "terceira Terra", enquanto os "homens com caudas" vivem na quinta. Em síntese, os dogons afirmam existirem cinco ou seis sistemas solares com vida inteligente em nossa vizinhança.



11. Jarra [Taça] Número E466 do Museu Britânico. A cena representa o nascimento helíaco de Sírius. Orion está no centro, virado para trás em sua pose costumeira, com o braço direito

levantado, como na configuração da constelação e com sua pelve no ângulo constituído pelas estrelas do "cinturão de Orion". Sob seu pé direito encontra-se o Cão Maior, o C2iO de Sírius, que acabou de surgir. À direita da cena, Eos, a deusa alada da aurora está afugentando Sírius e Orion, pois já é a hora do amanhecer. (No outro lado, fora de nossa visão nesta foto, o deus sol em uma carruagem com quatro cavalos contém seus impacientes animais, enquanto nos abre caminho para o sol nascente.)

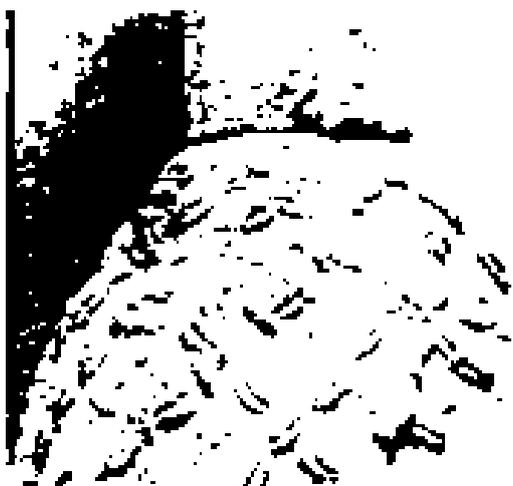


12. A massa elevada do monte Ararat na Turquia, onde aterrissou a arca bíblica.

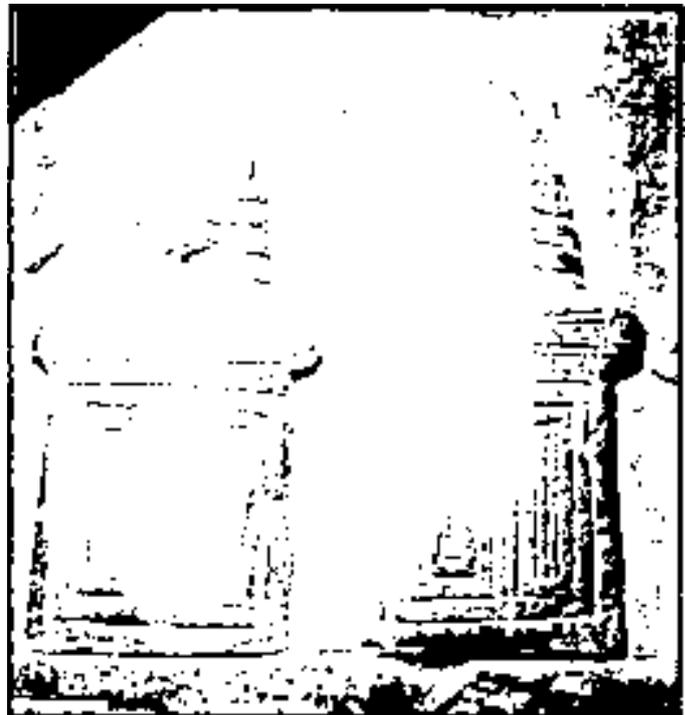


13. O vizinho sítio de Mestamor, importante centro de culto religioso e observatório astronômico que nunca foi estudado satisfatoriamente (todas as publicações relevantes são em língua russa ou armênia).

Pedras-ônfalo ("umbigos do mundo") de três culturas antigas: grega, egípcia e mesopotâmica. Ver Notas das Pranchas.



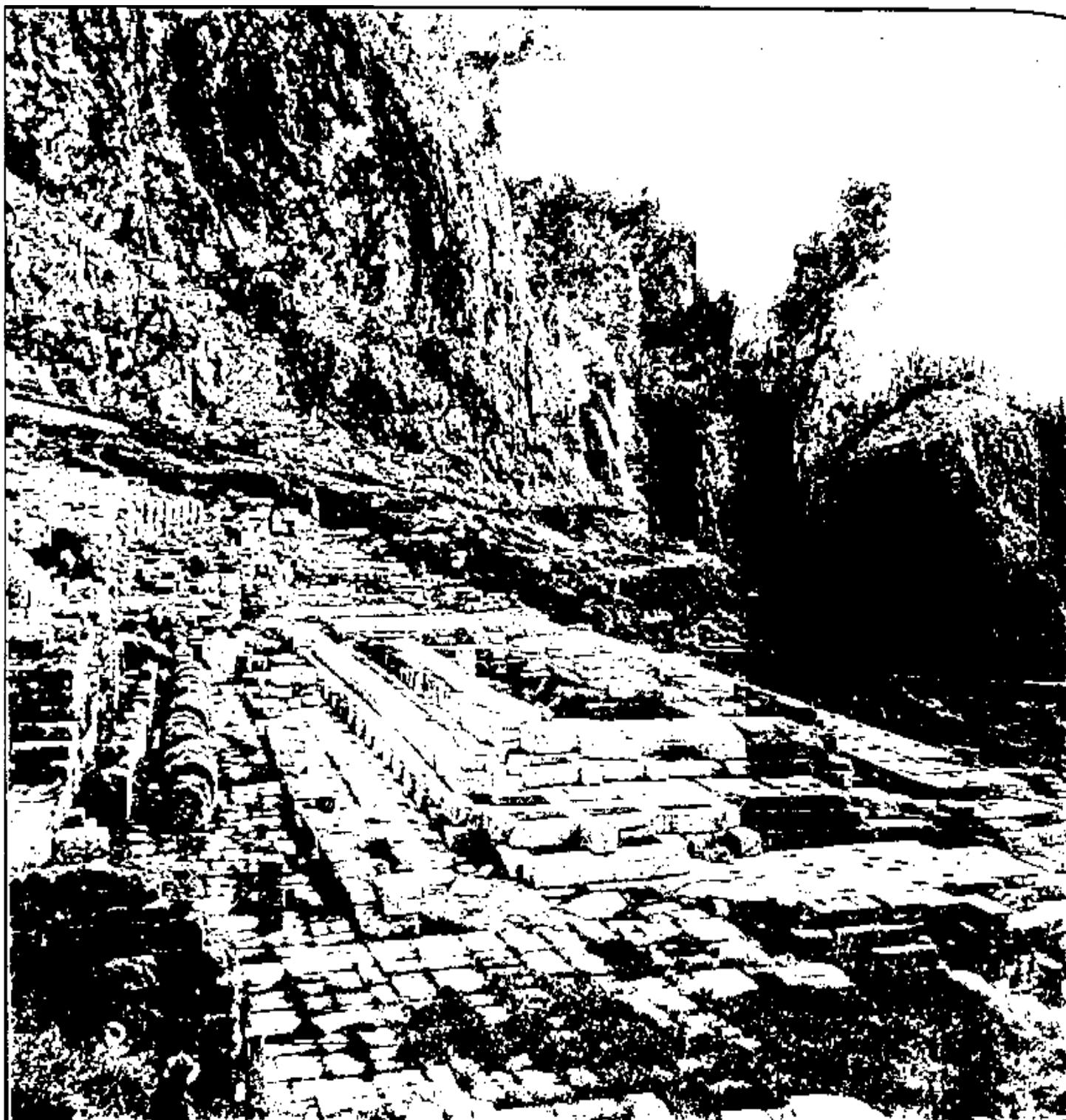
14. Delfos.



16. Mileto — partilha o tema da palmeira com Delos, situada na mesma latitude.



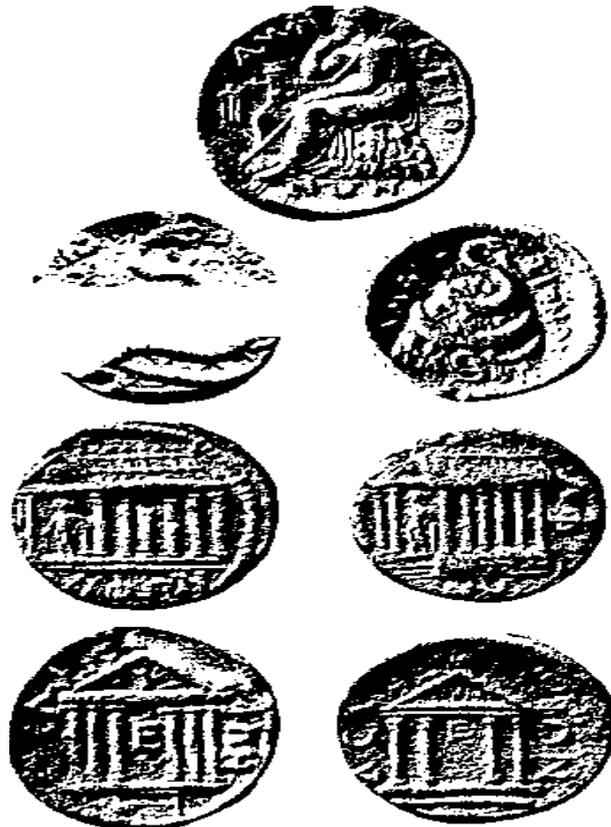
19. Egípcia.



20. O magnífico sino de Delfos, na Grécia, com as ruínas do santuário do oráculo, o Templo de Apoio.



21. Baixos relevos e moedas mostrando a evidência dos centros de oráculos e o uso das pedras-ônfalo ("umbigos"). As duas moedas imediatamente acima de ambas mostram o Templo de Apolo, em Delfos, com a estátua do deus. Ver Notas das Pranchas.



1 - Jasão, Medeia e os dentes do dragão, de uma antiga pintura em vaso.



23. Antigo selo cilíndrico babilônico mostrando a semeadura dos dentes da serpente/dragão. Ver Notas das Pranchas.



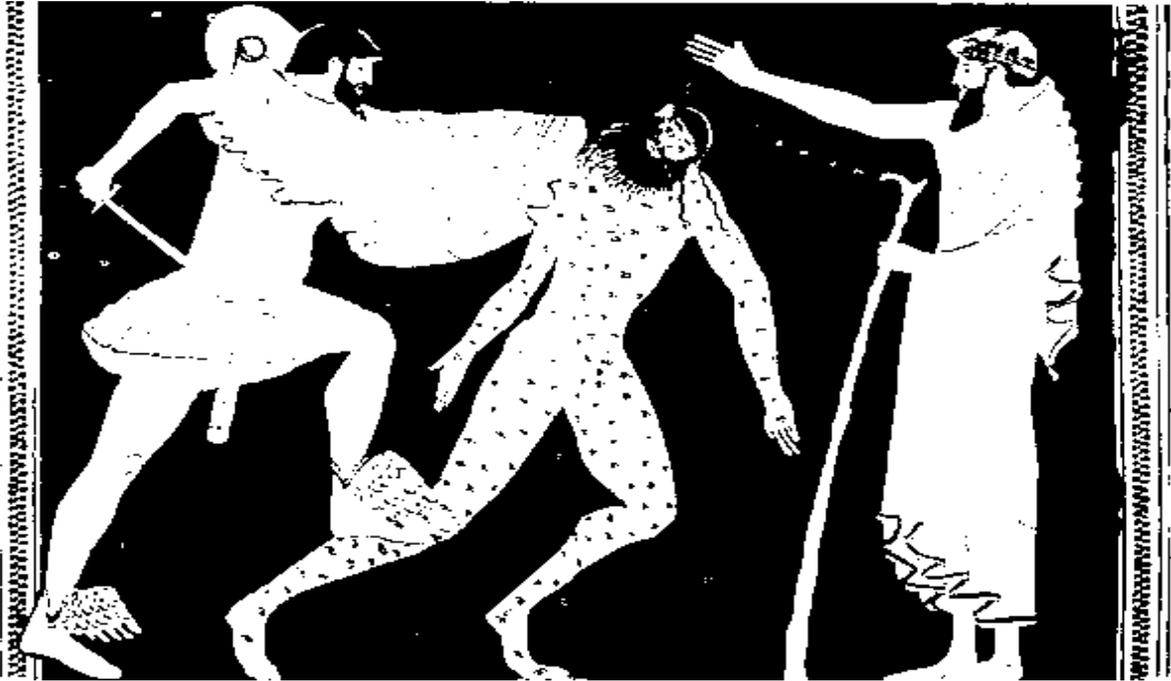
24. Jasão e Medéia com o velcino de um carneiro vivo para ser transmutado em ouro por meio de alquimia.



25. Selo cilíndrico babilônico no Museu Britânico que representa o nascimento helíaco de Sírius.

26. Abaixo represcr.r.ição da construção do navio Argos. A esquerda, a deusa Atena entrega a viga de carvalho. É difícil o trabalho de Argos na proa que conterà a peça de carvalho. A própria árvore, o carvalho, enfeita a cena, notando-se a falta de um de seus ramos.





27. Argos, que possuía centenas de olhos em todo o seu corpo, é assassinado por Hermes sob o comando de Zeus. Ver Notas das Pranchas.

28. Pintura grega em cerâmica do "Velho do Mar", Nereu. Suas filhas eram chamadas de nereidas, e eram em número de cinquenta (segundo Sófocles). Ele combinou, assim, a tradição de Oannes com a tradição de cinquenta/cem, à semelhança do anfíbioTífon, que segundo diziam possuía cinquenta cabeças. Nereu passou a ser representado na arte grega no início do século VI a.C. Entretanto, acreditava-se que ele fosse o deus do mar original dos gregos e que Poseidon, o mais famoso, afastou-se dessa posição em data remota.

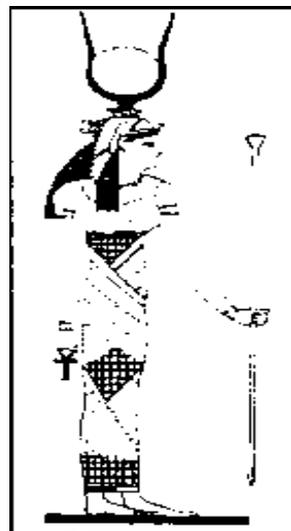


29. Antiga pintura em vaso exibindo o monstro feminino com cauda de peixe. Cila, com a cabeça que se projeta de seu peito. Segundo Homero, Cila vivia em uma caverna defronte de redemoinho de água Caribdes e comia os marinheiros quando passavam por ela. Diziam que ela latia como um cão. O nome grego do cação era skylion. O nome Cila provavelmente veio de skylax, que significa "cãozinho". Em seus atributos e em seu nome. Cila combinou, portanto, o tema do C2iO de Sírius, a Estrela Cão com cauda de peixe e a natureza da cabeça humana de Oannes.





30. Ânfora etrusca anteriormente no Museu Real de Berlim. O tema é denominado Dagon (isto é, Oannes) de Lenormant e de sua obra *Elite des Monuments Céramographiques*, Paris. Provavelmente é mais correto identificá-lo com Tirreno, o Oannes etrusco.



31. Estes dois objetos de culto de adoração à deusa Ísis durante a era greco-romana foram escavados na cidade grega de Cisico, na antiga Frigia, do lado oposto de Bizâncio. Ambos mostram a deusa Isis com cauda de serpente e a estátua de bronze à direita mostra-a com sua cauda entrelaçada com a de seu esposo, Serápis (nome posterior de Osíris). Veja Notas das Pranchas.

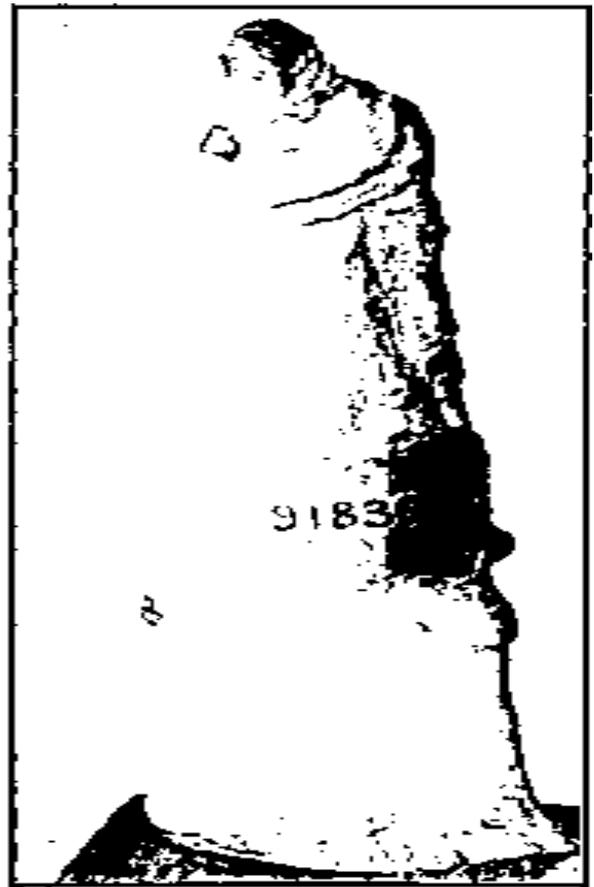
32. A deusa Ísis mostrando a pequena cauda de peixe em seu adorno de cabeça.

33. Estela votiva do Templo de Tanith em Cartago. (Embaixo) Duas pombas Oraculares flanqueiam a pedra em ponta, ou ponteiro da pirâmide com um símbolo do umbigo da terra.



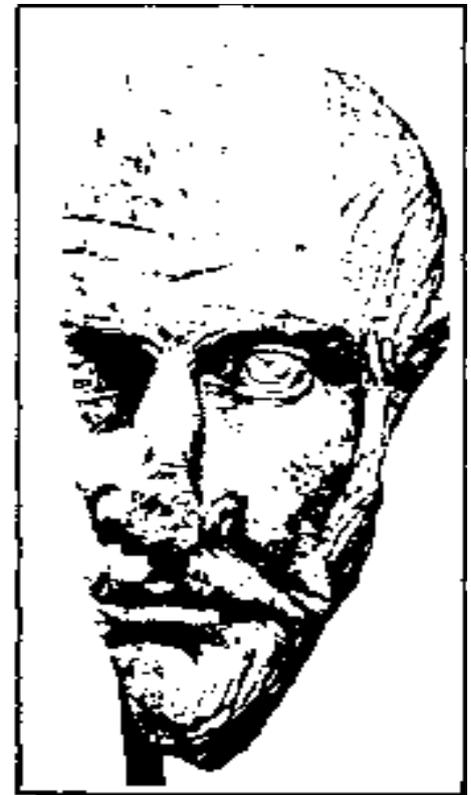
34. Restos de uma estátua gigante de Oannes encontrada em Kouvunjik.

35. Representação de Oannes em cerâmica, ou de um sacerdote vestido com os trajes de Oannes. Uma cabeça de peixe eleva-se sobre uma cabeça humana, uma barbatana projeta-se das costas, com 12,6 cm de altura. Acreditava-se que havia sido escavada em Nín por Lavard. em meados do século XIX. Departamento de Antigüidades Asiáticas Ocidentais do Museu Britânico.



36 e 37. Duas vistas de outra figura Oannes, n- 91.836, também com 1 cm de altura, encontradas presumivelmente em Nínive. De 1 dessas duas figuras parecem ser inteiramente peixes; porém, de frente, vi a face humana, tendo em uma mãos um cesto sagrado.

38 e 39. Ações do ser celestial anfíbio Oannes, em três cilíndricos assírios.



40 e 41. Vistas frontal e lateral de um busto identificado como o filósofo grego Proclo; ver Apêndice II sobre este filósofo;

Em outras palavras, a "estrela" não é uma estrela e só poderá ser vista quando o Nommo retornar e sua arca descer à Terra. No Capítulo Um discuti, em certa medida, a estrela da décima lua, sugeriu do que ela continua em nosso sistema solar, como a décima lua de Saturno Febe, sendo a base dos Nommos visitantes que a essa altura já despertaram da animação suspensa.

O Nommo é "o monitor do Universo, o 'pai' da humanidade, o guardião de seus princípios espirituais, o dispensador da chuva e o mestre das águas em geral". Nem todos os Nommos vieram para a Terra. "Aquele chamado Die, ou o "Grande Nommo", permaneceu "no céu com Amma, e ele é o seu representante". Ele se manifesta no arco-íris, que é chamado de "via do Nommo". Ele é o guardião dos "princípios espirituais das criaturas vivas da Terra".

Existem três outros tipos diferentes de Nommos, cada qual personificado como um indivíduo. Há o Nommo Titiyayne, "mensageiro (ou representante) do Nommo Die... ele (executa) as grandes obras finais". Os Nommos que vieram para a Terra na nave espacial são presumivelmente dessa classe. As Figuras 52 e 54 representam esses seres em especial.

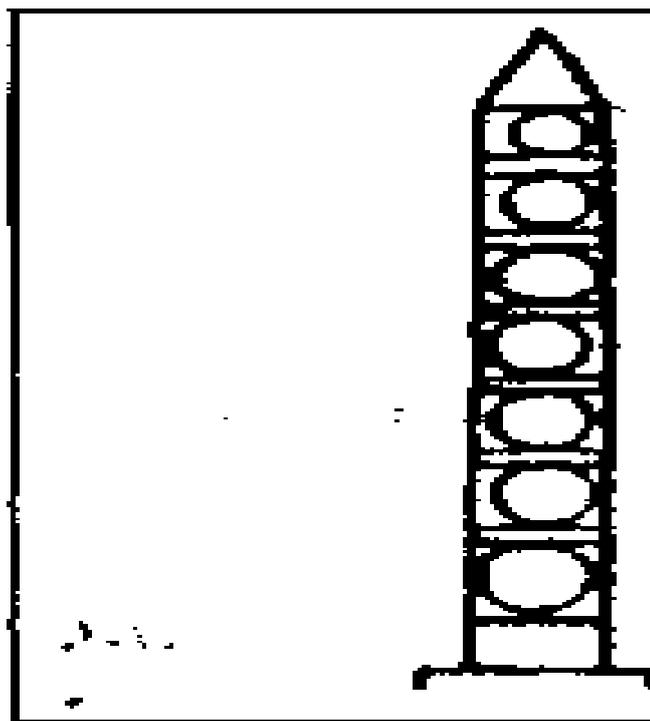


Figura 38. Desenhos da Sirigi feito pelos dogons.

Uma terceira classe de Nommos é representada por O Nommo, do "Nommo da lagoa". "Ele será sacrificado pela purificação e reorganização do Universo... Ele surgirá na forma humana e descerá à Terra, em uma arca, com os ancestrais dos homens... então assumirá a sua forma original e governará a partir das águas e dará à luz muitos descendentes. Isso sugere que um grupo de Nommos é voluntário à reencamação como seres humanos, durante o período de ausência total na Terra dos líderes do Nommo Titiyayne.

O quarto Nommo é o perverso desorganizador chamado Ogo ou Nommo Anagonno. "Quando estava quase no fim (de sua criação) ele se rebelou contra seu criador e introduziu a desordem no Universo. Em consequência, ele se tornará a Raposa Pálida (le Renard pâle), que é a imagem de sua queda". De muitas maneiras, a Raposa assemelha-se à divindade egípcia Set.

O nome Nommo provém de uma palavra dogon ligada ao radical nōmo, "tomar uma bebida". Afirma-se: "O Nommo dividiu seu corpo entre os homens para alimentá-los; por isso se diz também que por 'ter o Universo bebido seu corpo', o Nommo também fez os homens consumirem bebidas. Ele também concedeu todos os princípios de sua vida aos seres humanos", crucificado em uma árvore de kilena que também morreu e ressuscitou.

Após a aterrissagem da arca, segundo os dogons, ocorreu uma interessante série de eventos que fazem muito sentido, se for lembrado que as criaturas estavam na parte interna. Algo descrito como um "cavalo", exatamente um "quadrúpede", parecia puxar a arca com cordas para um lado do chão. A impressão no chão foi então enchida com água. Entretanto, aconteceu um imprevisto desfavorável: "Depois da primeira chuva, quando a água encheu a lagoa, os insetos d'água... entraram na água... e queriam 'picar' a cabeça do Nommo... mas o inseto não conseguiu chegar ao canto da arca".

O perverso "inseto d'água" não teve êxito ao tencionar causar o mal. Quando a água encheu a lagoa, a arca flutuou como uma alta piroga [canoa escavada em tronco de árvore]... E se diz então: "A

grande arca surgiu do céu e desceu. No centro, o Nommo que ali estava desceu. Então, ele retornou para a água". ... A partir de então, ele passou a ser chamado de O Nommo, "Nommo da lagoa" — por respeito os homens não proferirão este nome. mas ele será chamado dí tigi, o "mestre da água".

Desse modo, vemos que a segunda e a terceira categorias de Nommos são na realidade as mesmas, porém representam estados sucessivos. E em relação ao futuro:

Seu gêmeo, que descera posteriormente com o Ferreiro, o "gêmeo da vítima" também será transformado na lagoa. Eles terão muitos descendentes e sempre estarão presentes na água "doce" masculina dos riachos, rios, lagoas e poços, assim como na água marinha "feminina".

Em relação a essa referência à água doce como masculina e à água salgada como feminina, é semelhante às antigas tradições da Babilônia e Suméria, onde Apsu (Absu — veja p. 244) era uma divindade masculina da água doce e Tiamat uma divindade feminina da água salgada. Dizem os dogons: "O Nommo tem seu assentamento nas águas da terra", o que pode muito bem ser a descrição de Enki/Ea, já mencionados anteriormente.

Senti-me impelido a reproduzir neste livro, na Figura 58, um desenho dogon mostrando quatro variantes do esboço de sua máscara sirigi. Qualquer um pode ver que elas parecem naves do tipo foguete. Griaule e Dieterlen fazem relatos detalhados dos significados dos losangos, retângulos, etc. Afirma-se especificamente que todos esses esboços variantes representam "a descida e o impacto da arca". A descida da arca foi como um losango e seu impacto foi como um retângulo. Talvez seja por isso que os dogons dizem: "Quando a arca estava descendo, o espaço tinha quatro ângulos; quando a arca já estava embaixo, o espaço tinha quatro lados". O esboço do sirigi representa "uma casa com andares"... (e) indica também a arca e sua descida. Portanto, talvez os dogons tenham realmente desenhado um foguete.

Eles dizem que "po tolo (Sírius B) e Sírius foram, outrora, o sol que

hoje existe". Parece uma maneira tão boa quanto qualquer outra de descrever a chegada de visitantes ao nosso sistema solar, oriundos do sistema de Sírius, e deixando aquelas estrelas pela nossa, o sol. Mas por enquanto deixemos nossos amigos dogons. Vamos para o lugar onde Sírius e sua companheira, a estrela anã branca, são os sóis, e onde o nosso próprio sol passa a ser apenas outra estrela no céu. Visitemos o planeta dos anfíbios.

Como são Sírius e Sírius B enquanto sóis? Sabemos que giram em torno de um centro comum, equivalente à rotação de Sírius B em torno de Sírius A, em uma órbita elíptica. Sírius A, uma estrela grande e brilhante, possui duas vezes e meia a massa de nosso sol. Sírius B — como já bastante discutido no Capítulo Um — possui 1,053 da massa de nosso sol, mas por ser constituída de matéria degenerada, sendo tão pequena, isso não é óbvio. Se Sírius B, com sua massa, não fosse uma anã branca, seria possível vê-la da Terra como estrela de magnitude 2, mas o problema da paralaxe, ou seja, um aparente deslocamento, impossibilita não só sua visão a olho nu, mas também sua separação de Sírius A. Em qualquer caso, se Sírius B estivesse por si mesma em algum lugar equivalente a mais ou menos sua distância da terra, e não fosse uma anã branca, seria uma das mais brilhantes estrelas do céu.

Na realidade, Sírius A é dez mil vezes mais brilhante que Sírius B. A luminosidade de Sírius A corresponde a trinta e cinco vezes e meia a luminosidade de nosso sol. Esse é um número que a torna uma estrela muito quente. Pode-se ter certeza que o nosso planeta não se encontra muito próximo dessa estrela. A "zona habitável", discutida no Capítulo Dois, é muito mais distante de Sírius que a "zona habitável" de nosso sol. Quanto ao tamanho real de Sírius A, ela possui um raio que corresponde a pouco mais de uma vez e meia o do nosso sol. Isso significa que Sírius, no céu, será menor que o nosso sol, vista do planeta. Até bem menor, mas seria necessário que tivesse aproximadamente a mesma quantidade de calor, o que não é muito difícil, considerando-se o quanto é quente e brilhante. Para nós, seria uma estranha experiência ver um corpo celeste tão pequeno, emitindo tanto calor e tanta luz.

Nosso planeta, na realidade, gira em torno da pequena anã vermelha Sírius C, que por sua vez, gira em torno da minúscula anã branca Sírius B e todas giram em torno de Sírius A a cada cinquenta anos. Portanto, falo de Sírius A como o Sol principal, como se ela fosse o centro de tudo.

Nosso planeta provavelmente será bastante quente. De fato, existe a possibilidade de que venha a ser sempre, ou quase sempre, coberto por uma camada vaporosa de nuvens. Ele seria um pouco parecido com Vênus a distância, ainda que, é claro, Vênus não tenha temperaturas ou nuvens do tipo que as criaturas vivas provavelmente consideram agradáveis. Seria importante, ao que parece, manter a calma em relação à probabilidade de nosso planeta se tornar muito quente ou até mesmo de emitir vapores. Portanto, é possível que a vida inteligente tenha evoluído, tornando-se anfíbia e nunca tenha voltado a viver na Terra. Esses anfíbios podem habitar facilmente a superfície da água, é claro, porque teriam a necessidade de respirar na atmosfera, e não teriam brânquias, como os peixes — e para desenvolver o tamanho do cérebro, seria necessária alguma semelhança com os mamíferos, aliada a outras características exigidas para a inteligência. Provavelmente passariam muito tempo à beira de pântanos, desenvolvendo um estilo de vida nativo que, a princípio, envolveria o uso de caniços trançados para construir choupanas e transporte, e assim por diante.

(Há muito tempo eles passaram por esse estágio, é claro.) Mas talvez seu primeiro estilo de vida, quiçá lembrado com certa nostalgia como "os velhos tempos da simplicidade e da existência feliz", guarda alguma semelhança com o descrito por Wilfred Thesiger em seu livro *The Marsh Arabs* (Os Árabes dos Pântanos), em que os habitantes do sul do Iraque são representados nos pântanos do baixo Tigre e Eufrates (e a gente se sente tentada a observar que é um lugar bem próximo de onde supostamente Oannes e seus amigos passavam a maior parte do tempo!).

O junco ou caniços, como material de construção, tiveram, aparentemente, uma profunda importância religiosa nas tradições

suméria e babilônia. No Épico de Gilgamesh, há uma passagem muito estranha e não totalmente explicada, em que o deus Enki (Ea), que deseja salvar a humanidade do Grande Dilúvio, adverte Ziusudra (o Noé da Bíblia) dessa maneira esquisita:

Falando através da parede da cabana de juncos de Ziusudra:

Cabana de junco, cabana de junco!
Parede da cabana, parede da cabana!
Ouça, ó cabana de junco!
Considere, ó cabana de junco!
Ó homem de Shuruppak [a cidade de Ziusudra],
Ó filho de Ubaru-Tutu,
Desfaça sua cabana de junco,
E com eles [os juncos] construa um barco!
Abandone as coisas,
Procure a vida.
Desista das posses,
Mantenha-se vivo!
E ponha dentro do barco
A semente de todas as criaturas vivas.

Parece que, tanto para os sumérios como para os babilônios, havia uma mística nostálgica ligada aos dias (imaginados) em que os criadores do mundo viviam em simples cabanas de junco. Imagine, então, que você vive em um planeta aquoso e, em vez de referir-se a uma mobília Shaker, como fazem os americanos, ou a chalés no campo com arbustos de alecrim, como fazem os ingleses, em seus cultos à simplicidade — você gosta de falar dos "velhos tempos" em que até as pessoas mais importantes viviam como o povo simples dos pântanos, em suas cabanas de junco, sem afetação.

Se você fosse uma dessas criaturas, seria algo muito semelhante a um golfinho, com braços e mãos. (O peixe parece uma via pouco promissora para a evolução da inteligência em função de suas limitações de tamanho cerebral, necessidade de brânquias, etc. Mas na Terra, vemos que os mamíferos aquáticos, como golfinhos e baleias, atingem um tamanho cerebral grande.) Você teria, graças à sua natureza anfíbia, um respiradouro além da boca. Seria também capaz de segurar a respiração por longos períodos e, ao usar o respiradouro, sua respiração seria como um suspiro e provocaria algum ruído. Seu respiradouro abriria e fecharia quase instantaneamente e sua respiração tenderia a ser freqüente, porém alta e rápida. O respiradouro poderia ser colocado de maneira tal que consistisse apenas em duas fendas pequenas, longas e finas, logo abaixo de suas clavículas. De fato, os dogons têm uma tradição de que seus Nommos respiravam através das clavículas.



Figura 59. O Nommo respira através de orifícios de ar em suas clavículas semelhantes a este desenho dogon.

Você não suportaria a atmosfera por muito tempo com a pele desnuda. Seria então necessário umedecê-la, no máximo após algumas horas; e quando ela secasse, você entraria em absoluta agonia — pior que uma queimadura solar. Por freqüentar a superfície da água por muito tempo, seria inevitável um contraste

considerável entre as metades superior e inferior de seu corpo. A conhecida tradição da sereia expressa muito bem uma situação desse tipo. Suas extremidades inferiores seriam muito parecidas com as de um peixe, mas na metade superior do corpo, você teria membros articulados e dedos; além disso, sua pele seria mais resistente às radiações solares e, portanto, seria mais semelhante à de um mamífero terrestre. Provavelmente, as estruturas cartilagosas se expandiriam de sua cabeça, a fim de enrijecer suas feições além de ter uma forma aerodinâmica, necessária para uma vida estritamente submarina, e na porção superior de seu corpo você teria algo muito semelhante a cabelo — talvez como o bigode de nossas morsas.

Seus dentes provavelmente seriam fracos, em comparação com os dentes dos carnívoros ferozes, como os tubarões. Provavelmente você teria evoluído a partir de criaturas mais pacíficas, capazes de se alimentar de pequenos peixes em número considerável. Seus ancestrais teriam se deslocado em bandos, como os golfinhos, e você seria extremamente sociável por ter sido criado em grupo (bando). A nudez seria, provavelmente, o estado natural de sua espécie. A superpopulação não seria um de seus problemas, porque a maior parte de seu planeta é água e toda água é habitável. Mesmo no planeta Terra, estima-se que os golfinhos superem o número de seres humanos em dois para um e os oceanos dificilmente ficam superlotados.

Na condição de uma dessas criaturas, você poderia considerar os seres humanos, por muitas razões, repulsivos. Seus cabelos grosseiros, peles secas, membros ossudos e particularmente seus odores pungentes poderiam causar-lhe grande perturbação. O suor deles não é lavado continuamente, como acontece em sua pele, que é constantemente limpa no meio aquoso onde habita. E como anfíbio você possui sentidos extremamente bem desenvolvidos de olfato e paladar. Você "saboreia" os odores ou segue o rastro das substâncias sob a água, a distâncias enormes, e, ainda que seu sentido do olfato não seja muito preciso, tem suficiente competência.

Uma das mais perturbadoras visões, para você, é o ser humano

andando. Quando os seres humanos ficam em pé, com as pernas unidas, parecem quase normais. Mas então, se de repente eles se "dividem" em dois e começam a andar, isso o deixa um tanto perturbado e o aborrece. Você fica nervoso só de pensar como seria terrível se você se "dividisse" em dois e, portanto, se tornasse um incapacitado na água. Você se admira com a agilidade dos seres humanos na terra firme. Eles podem subir em árvores e rochas íngremes, tudo isso muito impressionante. Eles podem andar com rapidez pela terra, o que eles chamam de "correr", e até possuem certa capacidade de saltar os obstáculos; não são tão velozes na terra, como você é na água, mas são até bem razoáveis. Você sente dificuldade em vê-los, às vezes, porque, por viver em ambiente aquoso, sua visão não é boa a distância. Os seres humanos, sendo secos, não se sobressaem muito de seu ambiente, como você. Quando eles se movimentam, você é capaz de detectar instantaneamente o movimento sem definição óptica, mas um ser humano estacionário, quase camuflado e misturado com o cenário, é impossível para você distingui-lo a olho nu. Você pode confiar em seu sentido do olfato, como um rinoceronte. Mas se o vento é contrário, não há chances. Um ser humano pode, com facilidade, esquivar-se à sua percepção na terra firme, desde que ele saiba o que está fazendo e você não traga consigo seus óculos de proteção nem outro auxílio tecnológico.

Você tem uma mente matemática extremamente ágil. Seus ancestrais desenvolveram-se a partir do estado primitivo por meio dos cálculos dos fenômenos astronômicos complexos e radiações que caíam em seu planeta sem o benefício das observações ópticas diretas. Os cérebros de sua espécie foram, portanto, engendrados para conceber e solucionar abstrações complexas. Sua capacidade de compreender as estruturas matemáticas complicadas, suspensas em seu olho mental, ao mesmo tempo em que realiza as respectivas operações matemáticas, é extraordinária. Você possui uma faculdade fenomenal conceitual e generalizada. É fácil, para você, compreender as forças invisíveis, e até imperceptíveis, porque seu ambiente diário é sugestivo e

alusivo. Você saboreia e cheira o seu meio ambiente em vez de vê-lo. Seus poderes de telepatia podem ser extremamente evoluídos — possivelmente uma característica de sua espécie desde os primevos de sua história. A variação climática de seu planeta é até maior que a da Terra porque não exibem calotas de gelo, porque lá há mais radiação proveniente de três estrelas em seu sistema multissolar. Todos os seus oceanos são mais extensos, portanto, por não serem fechados nos pólos por calotas de gelo.

O vôo espacial é menos desconfortável para você que para os seres humanos, porque o estado de ausência de gravidade em geral se aproxima mais ao submerso (de fato, na Terra, os astronautas treinam sob a água). Portanto, sua circulação sangüínea é mais apropriada para a condição sem gravidade que a dos seres humanos e você não se importa de forma nenhuma em viver em gigantescos tanques de água que giram em torno de seu planeta, compondo suas inúmeras cidades satélite espaciais. Não é tão difícil simular um ambiente aquático no espaço quanto simular um ambiente de terra seca. Seus desejos são poucos e sua existência é simples. Você não consome alimentos cozidos e nem precisa de fogões para aquecê-los. O cultivo, para você, consiste principalmente na criação de peixinhos deliciosos e as refeições são uma aventura, já que lhe agrada uma boa caça e a satisfação de apanhar seu alimento. O jantar é um esporte em família.

Comentários Adicionais (1997)

Em 1989, ocorreram algumas descobertas extremamente fantásticas, a respeito dos golfinhos, que podem ter relevância para o mistério de Sírius e os Nommos. A dra. Margaret Klinowska, do Grupo de Pesquisa de Ecologia e Reprodução de Mamíferos da Universidade de Cambridge, e David Goodson, do Grupo de Pesquisa Sonar, da Universidade de Loughborough, na Grã-Bretanha, anunciaram que havia algo muito estranho a respeito dos dentes dos golfinhos. Descobriram que eles agiam como receptores altamente sensíveis de sonar. Um relatório sobre essas

descobertas dizia:

Quando se movimentam na água, os golfinhos emitem cliques de alta frequência, criando ecos que os informam a que distância se encontram de objetos ou peixes das vizinhanças.

Até agora, pensava-se que os ecos fossem transmitidos pelo maxilar inferior do golfinho para os seus ouvidos.

Mas agora a pesquisa sugere que os dentes ajam como receptores, captando a pressão das ondas sonoras e transmitindo-as via nervos para dentro dos dentes até o tronco cerebral.

"Isso nos dá uma percepção muito mais profunda do sonar do golfinho e explica pela primeira vez por que é tão bom", disse... dra. Margaret Klinowska... "Se os seus dentes agem como uma série de receptores, então eles possuem 20 ouvidos de cada lado e não apenas um". ... A dra. Klinowska, uma das principais autoridades em golfinhos da Grã-Bretanha, disse que seus dentes têm forma bastante uniforme e são espaçados, além de possuírem tubos na dentina, distribuídos como os raios de uma roda. Ela e Goodson acreditam que são esses tubos que atuam como receptores de pressão.

Talvez este seja o tipo de informação de que necessitávamos desde o início, a fim de nos dar as pistas que faltam no sentido de responder por que os dentes eram tão importantes na tradição referente a Sírius e aos Nommos. Isso porque o dente é o signo hieroglífico da deusa Sotis, e os dentes do dragão são fundamentais para todo o complexo da lenda. Vimos na Prancha 23 um selo cilíndrico sumério, mostrando os dentes do dragão arando a terra. Os dentes do dragão eram centrais na lenda dos argonautas. E não é preciso muita imaginação para perceber que os "dragões" eram seres anfíbios. Agora, finalmente, temos algumas alusões sobre o porquê de os dentes serem tão importantes. Se os dentes dos golfinhos agem dessa forma, não é improvável que os dentes dos seres anfíbios de Sírius sejam

similares.

Existem algumas singularidades a respeito dos dentes de outro significativo anfíbio da antigüidade, o dugongo. Os leitores têm me escrito com freqüência, perguntando-me se percebi que uma das mais interessantes criaturas anfíbias marítimas era chamada de dugongo. Existe alguma ligação com a tribo dos dogons? Ou, pelo menos com o deus Dagon, que era anfíbio? Francamente, antes de começar a receber as cartas de leitores, nunca ouvira falar em dugongos. Tenho agora, ao meu lado, enquanto escrevo, uma figura do dugongo — veja a Figura 60. Ele é uma criatura charmosa, como um pequeno manati, ou peixe-boi, com cauda arredondada, enquanto o dugongo tem uma cauda exatamente como a do Nommo dogon! (Embora os Nommos dogons sejam inspirados no peixe-gato africano, a analogia com cauda é estranhamente suficiente.) Na época da Guerra do Golfo, apareceram artigos nos jornais sobre o risco que os vazamentos de óleo representavam para o dugongo do golfo Pérsico. O dugongo era chamado de "Abominável Sereia". Só então percebi que os dugongos eram comuns, no passado, no golfo Pérsico — a pouca distância da costa da antiga Suméria!

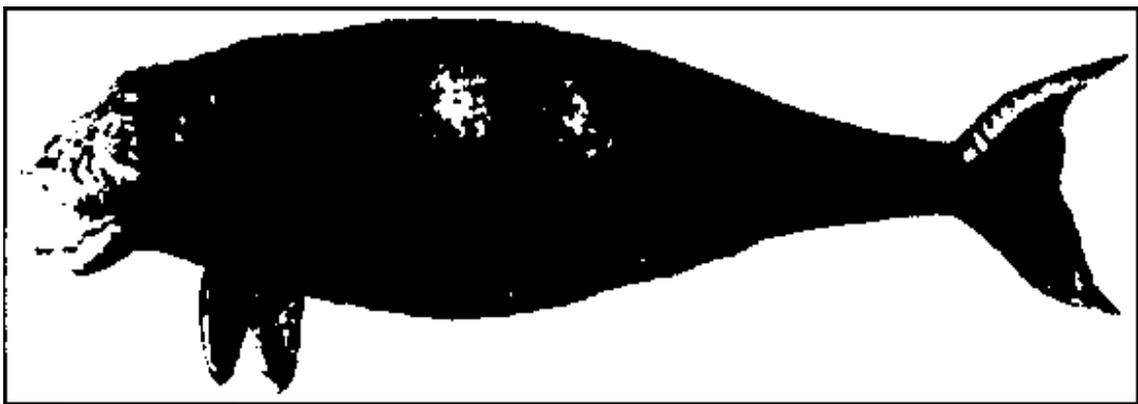


Figura 60. Uma antiga gravura de um dugongo, Halicore Dugong, que embora pareça uma baleia, é um paquiderme aquático. O nome dugongo pode ter vindo do antigo deus anfíbio dos filisteus, Dagon. É interessante que Berossus descreva Oannes ou Dagon como "viscoso", uma vez que um dugongo também é viscoso, a pele é quase pelada e oleosa. Ele gosta de engolir água para poder se alimentar de vegetação subaquática. Seus olhos são bem pequenos. Anatomicamente, o dugongo é peculiar porque tem um

coração duplo. Dugongos são extremamente apaixonados por suas parceiras; os Malays tradicionalmente caçavam os dugongos com harpão para comer sua carne, e houve muitos casos em que um parceiro de uma dugongo morta seguiu o barco por grandes distâncias, não querendo partir sem sua esposa e geralmente sendo morto pela sua lealdade. Eu não posso ajudar, mas se lembre da lealdade fanática que Osíris morto mostrou por Ísis.

Muitas pessoas escreveram e perguntaram se o nome dogon tinha algo a ver com dugongo e Dagon. Ninguém sabe, mas é provável que o principal deus Amma dos dogons tenha sido o deus Amon (Amun) do Oásis de Siwa, de cuja região atualmente sabemos que seus ancestrais migraram. E tendo vindo de tão longe trazendo esse nome, o nome Dagon que foi contemporâneo dele — embora em outro local — e teoricamente poderia ter feito parte do pacote, dando o nome aos dogons. Então, dogon, Dagon e dugongo podem estar ligados. Assim como vimos a partir da sobrevivência da informação astronômica, coisas estranhas aconteceram!

Não obstante, ainda que o dugongo do golfo Pérsico esteja ameaçado, ao que parece são absolutamente florescentes perto do Recife da Grande Barreira. No relato de um jornal, em 1990, sobre a prevalência das "sereias" naquele local, temos: "A criatura de nariz pequeno e arrebitado, com cauda, pele e gordura de baleia,... [Mas] O ciclo de vida do dugongo não lhe dá espaço para complacência com relação às suas chances de sobrevivência. Ele vive cerca de setenta anos, mas uma fêmea tem apenas um filhote a cada três a cinco anos; a gestação dura um ano e ela amamenta o filhote por cerca de um ano e meio..."

O que realmente interessa são os dentes do dugongo. Um relato no jornal *Biological Conservation*, em 1975, só chamou minha atenção em 1976, depois da primeira publicação deste livro. Segundo este relatório:

O dugongo é estranho, no entanto, no sentido de que seus dentes, na maioria, parecem ser reabsorvidos no crânio ou desgastados pelo uso, enquanto os chamados incisivos nunca irrompem através do osso, mas crescem em sentido retrógrado

dentro dele. Esses incisivos proporcionam dados confiáveis para a determinação da idade, mas primeiramente precisam ser cortados do osso. Depois de cumprida essa tarefa com os cerca de 75 dentes, a dra. Mitchell contou um número de camadas de crescimento entre zero, no menor crânio, e setenta e cinco e meia. Por ainda não estar claro se uma ou duas camadas são depositadas por ano, ela só pôde afirmar que os dugongos possuem um ciclo vital abaixo de sessenta anos ou um pouco acima de trinta anos.

É evidente que os dentes dos mamíferos aquáticos tendem a ser realmente muito estranhos. Os dogons ressaltam os dentes aguçados dos Nommos, juntamente com todas as antigas tradições a respeito de dentes, o que parece amparar a visão de que os Nommos possuem dentes com propriedades especiais, provavelmente receptores de sonar, como os dos golfinhos, sendo bem possível que tenham aspecto estranho, assim como os dos dugongos. Se um dente for semelhante a um rádio e apenas algo com o qual se possa morder, então é compreensível que poderia assumir um significado especial, sendo referido como mito ou lenda.

Devo mencionar apenas a lontra do mar, antes de deixarmos os mamíferos aquáticos. As lontras marinhas são criaturas com uma inteligência notável, aliada à distinção de serem um dos poucos mamíferos que de rotina utilizam instrumentos. Pessoas que costumam assistir a filmes sobre natureza na televisão podem já ter observado o comprimento das lontras marinhas. Elas costumam virar-se de costas, flutuando no mar e abrem as frestas das conchas, usando para isso objetos duros, extraíndo o molusco de seu interior. Elas são, na realidade, usuárias regulares de instrumentos. Habitualmente, sugeria-se que o uso de instrumentos era prerrogativa especial e definidora do homem, bem como um indicador de sua inteligência superior. Em épocas mais recentes, passamos a perceber o uso de instrumentos por macacos, alguns pássaros e algumas outras criaturas, ainda que isso continue a ser raro. Mas vale a pena perceber que existe uma criatura anfíbia com suficiente capacidade cerebral para ser

usuário habitual de instrumentos. De fato, a lontra marinha desse modo une-se aos golfinhos e às baleias no clube dos habitantes do mar com inteligência. Talvez a evolução de tais criaturas inteligentes nos mares da terra deva dizer-nos algo.

Agora, de volta aos Nommos...

Os anfíbios devem ter um nome e talvez seja melhor considerar o nome "os Monitores" que os dogons lhes conferem. "Monitor" é mais específico que "Instrutor**", e "Mestres da Água", por sua vez, é muito longo. De nada adianta usar o eufemismo de "os Anedotus", sabendo que significa "os Repulsivos". Um termo mais genérico e neutro, suponho, seria simplesmente, os "Sirianos". Se chegarmos a entrar em contato com eles mais uma vez, provavelmente serão chamados oficialmente de "sirianos" e sua civilização será a "civilização siriana". Sua arte se enquadrará no título cultura siriana" e sua tecnologia será a "tecnologia siriana". Porém, qual será sua religião? É um ponto delicado. Será chamada de "religião siriana" e tentaremos fingir que ela nada tem a ver conosco. Mas, inevitavelmente, será preciso considerar que, enquanto as "culturas" e as tecnologias" podem ser localizadas, os problemas maiores sobre a natureza da própria vida, bem como as relações do indivíduo com o Universo — temas existenciais —, não podem. Não haverá, de fato, algo tão conclusivo quanto uma "religião siriana", a não ser em sentido etnográfico. Falar de um Deus "siriano" seria arriscar-nos em águas profundas. O que significa falar de um Deus "judeu" ou um "Deus cristão"? Indubitavelmente, em nossas mais profundas preocupações — as de caráter religioso e filosófico — um contato com uma civilização extraterrestre provocaria seu mais profundo impacto sobre nós. É nesse nível friável de nossos preconceitos que somos mais vulneráveis. Nesse sentido, as fundações de nossas crenças podem ser reduzidas a pó com a primeira onda de choque. Nesse ponto, o edifício de nossa civilização pode ceder. Só estando preparados é que estaremos aptos a proteger nossa própria integridade cultural.

E óbvio, pelos relatos dos diferentes Nommos, preservados pelos

dogons, que muitos elementos tanto do Cristianismo como das religiões de mistérios do Mediterrâneo parecem estar presentes no próprio cerne da religião Dogon. Um exame mais cuidadoso revela que o corpo do Nommo Sacrificado (ou seja, O Nommo é lembrado, em sua primeira sílaba, a partir do nome de Osíris) foi desmembrado de maneira semelhante ao desmembramento sofrido por Osíris: foi dividido em 22 partes e cada clã (binu) da sociedade dogon corresponde a uma parte específica desse corpo. Não posso ressaltar de forma acentuada que na religião dogon eles cultuem o supremo Deus, Amma (que se presume tratar-se originalmente de Amon/ Ammon) , o criador do Universo", e, mesmo existindo inúmeros cultos, "todos os cultos, não importa qual seja sua natureza específica, são dedicados ao deus Amma". Não se deve ignorar simplesmente que a religião Dogon caracteriza um Salvador crucificado e ressurrecto de Sírius. Os diferentes "clãs" até compartilham o seu Corpo.

É preciso começar a perceber que, quando finalmente entrarmos em contato com seres inteligentes de outros mundos, será necessário rever nossas mais caras idéias religiosas para que se ajustem a uma perspectiva cósmica verdadeira, rompendo com nosso ponto de vista paroquiano. Os dogons já fizeram isso. Mas talvez devamos introduzir em nossos corações as palavras inspiradas de Maurice Arthur Ponsonby Wood, o primeiro Bispo de Norwich, que falou na tribuna da Câmara dos Lordes: "Acredito que Cristo não só tem um significado terrestre, mas literalmente um significado galáctico. É bom que nossas mentes e olhos se estendam mais além, para as regiões do espaço exterior, porque não acredito que em qualquer ponto do Universo estejamos além da mão de Deus".

Depois de uma reflexão de anos, tenho pensado que talvez os dogons sejam descendentes de um grupo religioso fundamentalista do antigo Egito evadido para a região ocidental do Oásis de Siwa (o local do famoso Oráculo de Ammon, do qual provavelmente Amma é um remanescente entre eles), quando algum faraó fazia acordos, ao estabelecer os princípios básicos da tradição religiosa, ou quem sabe durante alguma invasão do país

por conquistadores "bárbaros". Neste caso, os dogons teriam sido semelhantes aos judeus, que não estavam preparados para fazer acordos relativos aos princípios básicos de sua tradição religiosa, e sempre escapavam de massacres e perseguições em vez de renunciar à sua identidade e crenças. Anteriormente, eu achava que os dogons, apesar de terem preservado algumas tradições egípcias, fossem descendentes dos minias. Devo lembrar que os dogons são monoteístas.

Caso se queira preservar a integridade da raça humana, em face da sabedoria cósmica, com sua esmagadora superioridade sobre a nossa, em função de uma duração mais longa, aliada a um conhecimento e tecnologia superiores — e presumivelmente por seu discernimento —, é preciso considerar como a raça humana pode sobreviver aos golpes contra o seu orgulho e aos desafios contra suas convicções religiosas paroquianas. Vivemos em uma era na qual o fanatismo e o fundamentalismo religiosos de todas as diferentes religiões parecem aumentar de modo alarmante. As pessoas são levadas a extremos e se tornam mais violentas; a intolerância atinge níveis de tamanho fanatismo que a proibição de música pelo governo extremista dos talibãs no Afeganistão resultou em estrangulamento de canários, algumas vezes até aplaudidos. Quem, dentre os que não compartilham essa ridícula visão, faria alguma coisa a respeito? Os fanáticos de todas as religiões se transformaram em assassinos, atiram bombas nos demais e aterrorizam pessoas inocentes, explodem crianças, mutilam mulheres sem nenhum escrúpulo. Isso porque para um fanático religioso tudo se justifica; os crentes só se qualificam para o extermínio. Sempre foi uma característica da natureza humana rotular os estrangeiros, que não partilham as mesmas crenças de alguém como *untermenschen* — a notória palavra nazista "vno". Não consigo imaginar por que um extraterrestre, viria até aqui. Mas suponho que viriam... e, não seria embaraçoso - antes entrassem em sua casa e você encontrasse — como já é um escritor conhecido — garrafas de leite emboloradas sido abertas, e deixadas pela metade, semanas antes? Fundamentalistas religiosos menciono as palavras iluminadas do Tutu da África do

Sul: "Faz parte da condição humana - sem dúvida não se pode progredir. Ela é a base do Cristianismo. Jesus na cruz, teve dúvidas terríveis". Os fundamentalistas são pessoas que tentam enganar-se aderindo a uma falsa certeza. É preciso ter coragem de ter dúvidas em vez de fugir dela.

Escrevi um Prefácio para a edição de bolso de 1977 deste livro, do qual vale a pena repetir as seguintes observações:

O que acontecerá quando realmente for confirmado um sinal (de outro mundo), seja ele de Sírius ou de qualquer outro lugar do espaço? Tenho ceneza de que o dia virá quando todos os grandes radio-telescópios terão de ser cercados por guardas armados. Ninguém parece ter percebido ainda que será necessário dar proteção a eles, quando se tornarem os únicos pontos de contato entre nós e as civilizações extraterrestres. Essa necessidade se tornará menos premente quando forem colocados radiotelescópios no espaço ou na Lua. Certamente as paixões serão despertadas. Elas estão em grande parte latentes, no momento, porque nossa aceitação da existência de vida extraterrestre está ainda intelectual... Importantes desenvolvimentos estão chegando e nos trarão a percepção que conosco permanecerá enquanto existirmos. Nosso futuro, como espécie humana, é essencialmente um problema. O que acontecerá? Infelizes desmoralizados, carregando às costas nossos complexos de inferioridade como grandes sacos de batatas? Ou será que apelaremos à nossa coragem e ao nosso orgulho? Ou como doninhas nos esquivaremos ao longo da galáxia? Ou será que vamos bramar, gritar que somos homens, talvez homens muito estranhos; mas é o que somos, não é? Essas alternativas estão diante de nós, enquanto consideramos como serão tratadas as notícias de que foi recebido um sinal, confirmando que veio de uma civilização extraterrestre. Depois de recebido esse sinal, não haverá volta. Crescer, deixar para trás a infância, são processos que não podem ser revertidos. No momento, estamos arriscando-nos a

perder nossa virgindade cósmica. Estamos em vias de dar um passo além do Éden. Vivemos no Paraíso e não o conhecemos. A vida tem sido um idílio, mas não a percebemos como tal. Nossos descendentes lembrarão de nossos tempos, com respeito e incompreensão, como um período em que ainda nos encontrávamos em nosso Grande Casulo, envoltos em nosso sonho. "O homem adormecido está convencido de estar desperto. Mas então ele realmente desperta.."

Em relação ao que eu disse anteriormente, neste capítulo, a respeito de Sírius e seu mundo, não devemos descartar tais especulações, considerando-as inúteis, e pensando que esperaremos para ver o que se apresentará algum dia em uma nave espacial. Se avançamos na direção de um contato direto com extraterrestres anfíbios, é preciso, ao menos, tentar pensar em sua natureza física e em suas necessidades — se quisermos que se sintam bem-vindos. É uma verdade o que diz Carl Sagan: "... histórias como a lenda de Oannes... merecem estudos muito mais críticos do que os realizados até agora". Os estudos críticos deveriam ser institucionalizados pelo governo das principais potências, sendo realizados programas oficiais. Os recursos dos governos, canalizados para os programas com o objetivo de impedir a devastação de seus países por invasões militares, guerra química, explosões nucleares, também deveriam ser canalizados para programas visando a impedir que nosso planeta, como um todo, seja devastado por um repentino contato extraterrestre quase inesperado. Independentemente de uma civilização extraterrestre superior tomar ou não algum cuidado para lidar conosco, na realidade, depende de nós estarmos prontos para qualquer contato. Posso até arriscar-me a dizer que possivelmente estamos sob observação, ou vigilância, neste momento, de uma civilização extraterrestre, cuja base principal se situa no sistema de Sírius, monitorando o nosso desenvolvimento para verificar quando estaremos prontos para um contato. Em outras palavras, é bem possível que tenhamos a permissão para controlar um futuro

contato.

Pode-se imaginar o que um possível extraterrestre anfíbio, vivendo em Sírius, pensaria cerca de dez anos depois (considerando-se a velocidade da transmissão de rádio à velocidade da luz, através de dez anos-luz, isso significa uma defasagem de dez anos), ao receber a notícia, por meio de um dispositivo automático de monitoração, que tenha captado um programa de rádio ou de televisão da Terra, que acaba de ser publicado um livro sobre anfíbios extraterrestres que vivem em Sírius. Será que pensariam que a pista foi dada por eles? Se a minha proposta, apresentada neste livro, for realmente verdadeira, então estarei puxando um gatilho cósmico?

Ao considerarem as informações apresentadas anteriormente neste livro, espero que os estudiosos tenham em mente que a existência de seres anfíbios, com grande inteligência e civilização avançada, não é uma noção de que nunca se tenha ouvido falar antes. Já em 1966, em seu livro *Intelligence in the Universe* (Inteligência no Universo), Roger MacGowan e Frederick Ordway escreveram:

Pouco se pode dizer especificamente sobre as características físicas universais... vida, especialmente as formas mais inteligentes, tendem a ser fisicamente pequenas, discretas e altamente móveis... Os seres humanos, sendo animais terrestres, tendem a pensar em termos de animais terrestres, ao considerarem a inteligência, mas sabemos que o mar contém grande variedade de vida. Além disso, todas as evidências apontam para a conclusão de que os mares primordiais foram, provavelmente, o lugar de origem da vida. Os oceanos proporcionam um excelente ambiente para a vida animal e a competição entre muitas espécies deve estimular uma evolução rápida. Um ambiente líquido oferece maior capacidade de flutuação e apoio para os corpos animais do que o gás atmosférico. Por essa razão, espera-se que o ambiente marinho desenvolva muitas

espécies maiores que a maioria das espécies terrestres. Ao saber que os corpos maiores podem conter cérebros maiores, pode-se esperar encontrar inteligência entre os animais marinhos maiores.

Considerando esse tamanho maior em potencial, a grande variedade de vida, o bom ambiente estável dos oceanos e a competição entre as espécies, o indivíduo a princípio pode sentir-se tentado a supor que a maior parte da vida inteligente extra-solar seja marinha... As barbatanas, idéias para a locomoção no oceano, não são muito adequadas ao desenvolvimento de instrumentos (e, portanto, de cérebros). Porém, algumas espécies oceânicas desenvolveram outros membros mais apropriados à manipulação de instrumentos. O polvo é uma criatura oceânica muito bem conhecida e não seria inconcebível que desenvolvesse a capacidade de manipulação de instrumentos, no caso de uma maior evolução. Algumas outras criaturas do oceano poderiam desenvolver o equivalente a braços e mãos humanos... A grande inteligência evidente de certas baleias e golfinhos levanta a questão referente a ser realmente vital para o desenvolvimento de inteligência superior à presença de membros para a manipulação de instrumentos. E torna difícil afirmar se, havendo alguma vida extra-solar inteligente, seriam habitantes marinhos ou terrestres... Nossa conclusão é a de que, na maioria das espécies biológicas inteligentes, as características morfológicas gerais não diferem, se comparadas aos seres humanos. A expectativa é a de uma variação abrangendo desde um tamanho inferior à metade de um ser humano até várias vezes maior que ele; além disso, na maioria dos casos, também se espera que tenha duas pernas e dois braços, com mãos e dedos. Em alguns casos, os animais semelhantes a centauros, com quatro pernas e dois braços, com mãos e dedos, ou semelhantes ao elefante, com quatro patas e um braço ou um tronco seria possível. Outra possibilidade é a de algum tipo de vida marinha com barbatanas e dois braços curtos e mãos grandes com dedos palmados.

Para encerrar, quero fazer uma observação de considerável

importância. Vamos supor que minha proposta, neste livro, seja verdadeira, além de admitir como verdadeiras todas as premissas. Digamos que exista realmente uma civilização avançada, estabelecida no sistema de Sírius. Somos, indubitavelmente, objeto de uma monitoração de rotina. A essa altura, não há dúvida de que já sabem onde nos situamos aproximadamente na escala evolutiva. Já captaram nossos sinais de rádio. Sabem que estivemos na lua. E supostamente nos desejam o bem. Talvez até nos contatem, algum dia, quando nos considerarem prontos para tanto — ou então aguardam a nossa descoberta de evidências de sua existência.

Admitamos como verdadeiras todas essas suposições. Bem, esse dia pode chegar — ou não, mas um belo dia outra civilização é descoberta por nós, em alguma outra estrela —, então, será necessário não esquecer de uma coisa. É preciso lembrar que, independentemente de sua possível grandeza e glória, eles ainda são seres mortais, em um Universo que também consideram um mistério. Talvez até já tenhamos encontrado muitas respostas que eles ainda não encontraram. Que tenhamos algumas habilidades peculiares que eles ainda não possuem. E que tenhamos uma criatividade natural peculiar que eles não têm, ainda que durante séculos isso não se tenha evidenciado. Pode haver algo muito valioso a nosso respeito que nos torne menos primitivos e desprezíveis ao lado deles. Uma das minhas teorias favoritas é a de que a Terra é a única a dar à galáxia uma contribuição: sua música clássica! Nunca aceitaremos uma visão de nós mesmos como receptores da caridade cósmica. Somos homens e, por todas as nossas imperfeições, são poucas as coisas que realmente merecem alguma atenção. Em nossa história, tivemos alguns personagens notáveis e teremos muitos outros ainda. Seja qual for a visão que tenha do pós-morte — extinção, reencarnação, céu e inferno —, a corrente genética não pára. Haverá outros homens e também os que serão grandes. Podemos progredir diante dos desconhecido. Já demonstramos coragem ao longo de nossa história.

Apêndice I

Um Sistema de Sírius Sudanês

M. Griaule e G. Dieterlen

Nota: O artigo a seguir é traduzido e publicado na íntegra. É escrito para antropólogos profissionais e etnógrafos e apresentado para o leitor com suficiente interesse pelo tema e que, portanto, deseja buscar os dados na fonte. São informações suplementares e não essenciais para o leitor que só deseja acompanhar o argumento.

Prefácio

O conhecimento nativo sobre o sistema de Sírius, apresentado neste capítulo, foi reunido por quatro povos sudaneses: os dogons, em Bandiagara; os bambaras e os bozos, em Segour; e os miniankas, em Koutiala.

Uma importante pesquisa foi realizada entre os dogons, de 1946 a 1950, sendo os quatro principais informantes:

Bmekoiizou Dolo, uma mulher entre 60 e 65 anos de idade, ammayana, "sacerdotisa de Amma", e profetisa, que vive em Dozyou-Orey, região de Ogol-du-Bas (Baixo Ogol), Sanga-du-Haut (Alto Sanga). Tribo: arou. Língua: sanga.

Ongnonlou Dolo, entre 60 e 65 anos de idade, patriarca do povoado de Go, estabelecido recentemente por um grupo arou no sudeste do Baixo Ogol. Língua: sanga.

Yebené, 50 anos de idade, sacerdote do Binou Yebené do Alto Ogol, que vive em Bara (Alto Sanga). Tribo: dyon. Língua: sanga.

Manda, 45 anos de idade, sacerdote de Binou Manda, que vive em Orosongo, Wazouba. Tribo: dyon. Língua: wazouba.

O sistema, como um todo, foi exposto por Ongnonlou, e seus vários detalhes pelos outros informantes. Ainda que ele não seja o

responsável pelo desenho do calendário da Sigui, Ongnonlou recebeu a informação dos princípios por trás desse calendário, durante os períodos em que os pesquisadores ali estiveram, sendo, por um lado, capaz de obter informações adicionais dos arous em Yougo Dogorou, e, por outro, do administrador permanente do chefe arou em Arou-by-lbi. Ongnonlou é de fato o patriarca da família, e o próximo detentor do título será designado ao chegar a próxima festa.

O saber de Ongnonlou, no âmbito de um conjunto extremamente secreto de conhecimentos, representa uma instrução inicial ou, usando uma expressão bambara, uma "instrução superficial", e esse ponto deve ser lembrado. Assim como para o leigo a estrela Sírius, a mais brilhante do céu, atrai o olhar e desempenha o papel principal no cálculo da Sigui, da mesma forma as regras do sistema de Sírius a princípio são reveladas ao iniciado de forma simplificada em algumas partes, e complicadas em outras, de modo a desviar a atenção dos cálculos que são muito mais secretos.

Pode-se compreender, definitivamente, que o sistema aqui é uma fase das revelações permitidas aos iniciados que são da hierarquia, mas não são especificamente responsáveis relativos a essa parte do céu.

À parte, os documentos reunidos não deram origem a qualquer original ou à pesquisa. Eles foram simplesmente compilados MO que os relatos dos quatro principais informantes se juntem em um único e mesmo relato. A questão de saber como, sem instrumentos à sua disposição, os homens poderiam conhecer os movimentos e certas características de estrelas virtualmente invisíveis não foi estabelecida, nem sequer proposta. Parece de maior interesse no assunto apresentar os documentos ao namral.

O Cálculo do Tempo da Sigui

A cada sessenta anos os dogons realizam uma cerimônia chamada Sigui (cerimônia). Seu objetivo é a renovação do mundo e foi descrita extensamente por eles em 1931. Desde o início dessa pesquisa, defrontamo-nos com a questão da determinação

do método usado para calcular o período entre cada cerimônia Sigui. A noção comum, que data do mito da criação, é a de que uma falha na rocha Yougo, situada no centro do povoado de Yougo Dogorou, ilumina-se com um brilho avermelhado no ano que precede a cerimônia. Essa falha na rocha contém vários altares, em especial bustos de Andoumboulou (nome dado a pessoas de pequena estatura que viviam nas rochas), e uma rocha pintada, chamada amma bara, "deus ajuda", que será referida adiante. Além disso, e antes de surgir o brilho avermelhado, um lugar situado fora do povoado fica coberto de cabaças alongadas de um tipo não semeado por ninguém.

Quando esses sinais são observados, um processo aparentemente simples de cálculos é realizado, mas somente pelo povo de Yougo Dogorou que pertence à tribo arou: o conselho de anciãos calcula o intervalo por meio de trinta e duas rodadas de bebida, quando tomam cerveja feita de milhete, e o mais velho dos anciãos marca cada rodada com um uma concha colorida.

Essas rodadas são realizadas cerca de uma vez por mês, antes das primeiras chuvas, às vezes em maio ou junho, em uma tenda ou abrigo montado ao norte do centro do povoado. Mas essa regra é apenas teórica: entre a última Sigui, celebrada no começo do século, e 1931 teria havido só uma rodada, na metade do período; mas as duas conchas coloridas foram depositadas e reunidas em uma pilha representando os primeiros trinta anos. A partir de 1931, as rodadas de bebida eram realizadas a cada dois anos. Quando na segunda pilha houver quinze conchas coloridas acumuladas, será celebrada a segunda Sigui do século XX.

Segundo o sacerdote Manda, o cálculo da Sigui é registrado acima da porta do santuário de Binou, por duas figuras de polpa de milhete, representando o deus Amma e seu filho Nommo, o Instrutor do novo mundo. A primeira tem a forma oval, na posição vertical — o ovo do mundo — com o seu eixo principal, Amma, nas trevas originais. Na metade do lado direito, cada ano é marcado com um ponto, começando na parte inferior. Quando se aproxima o sétimo ano, uma espécie de tridente é desenhada na parte externa, como uma extensão da linha de pontos. O mesmo é feito

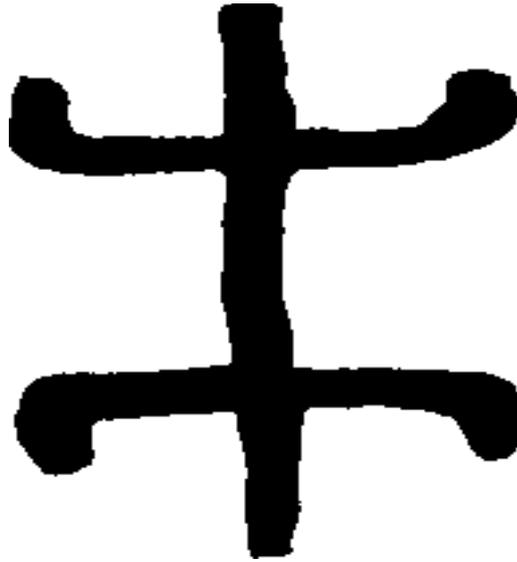
no lado esquerdo, mas na ordem de cima para baixo. Catorze anos são contados dessa maneira: os dois períodos de sete anos em que o mundo foi criado, e aos quais é acrescentada uma unidade que simboliza o todo. Em termos de diagrama, a figura mostra o último gesto do deus, erguendo uma das mãos e abaixando a outra, demonstrando assim que o céu e a terra estão criados.

Esse desenho é repetido quatro vezes, possibilitando o cálculo de um período de sessenta anos; e é acompanhado pela figura do Instrutor, composta de duas pernas verticais que apoiam uma cabeça no alto de um longo pescoço. Durante o primeiro período de trinta anos, registrado por meio de duas figuras ovais, a figura só tem a perna direita. No decorrer do segundo período de trinta anos, é feita uma perna esquerda que vai se tornando mais comprida a cada ano, de modo que, quando realmente ocorrer a Sigui, ela tenha o mesmo comprimento da perna direita. Quando as pessoas dizem que a Sigui vai "adquirir seus pés", fazem alusão a essa figura na parte final desse período.

O Cálculo das Cerimônias Sigui

Quando chega a época da Sigui, os anciãos reunidos no abrigo de tãna em Yougo, desenhavam um símbolo na rocha com ocre vermelho (Figura que representa uma máscara kanagaf), esta, por sua vez, representa o deus Amma; é feito um buraco no chão, embaixo, simbolizando a Sigui e, portanto, Amma no ovo do mundo. Na realidade, esses dois sinais devem ser "lidos" ao contrário: Amma, à sombra de um ovo (o orifício), revela-se aos homens (o desenho vermelho) em sua postura criativa (a máscara representa o gesto final do deus, mostrando o Universo).

O orifício também é interpretado como o buraco onde serão depositadas as sementes. Seguindo esse ponto de vista, os orifícios são arranjados em séries de três, com a conotação de três Siguis, e são feitos embaixo do sinal das três sementes, das quais recebem o nome. Assim, a Sigui do começo do século XX foi chamada de emme sigi, a "Sigui do sorgo"; o nome da seguinte será jz/ sigi, a "Sigui do milhete"; e a subsequente será nu sigi, a "Sigui do feijão".



O signo Kanaga, conotando as cerimônias a cada sessenta anos em Yougo Dogorou (pintura nativa).

Em teoria, é possível registrar as Siguis usando esse método simples. Na prática, os orifícios ficam obstruídos e a pintura, com muita freqüência, é retocada em vez de ser reproduzida, e assim acaba fazendo parte de uma série contável. Porém, há outra figura pintada na fachada dos santuários, que revela dados mais específicos; ela é chamada de sigi lugu, "cálculo da Sigui", e consiste em uma linha de divisas verticais (em V), cujos entalhes são pintados, alternadamente, de preto, vermelho e branco; cada cor corresponde a uma semente: a primeira é o milhete; a segunda, o feijão; e a terceira, o sorgo. Essa linha pode ser lida de duas maneiras: ou usando-se só um sistema de contagem (por exemplo, à esquerda), em que cada entalhe é equivalente a vinte anos — nesse caso, o entalhe que cai realmente em uma Sigui é transportado para a série seguinte —, ou então, considerando-se a figura inteira, são contados vinte anos para cada entalhe, independentemente de seu posicionamento (veja coluna à direita na Figura ii); já neste caso, o entalhe no qual cai a Sigui é recontado.

Uma evidência mais consistente da celebração da Sigui é oferecida pela grande máscara de madeira, cuja escultura é um dos objetivos mais concretos da cerimônia. Essa máscara — quase sempre de tamanho considerável— raramente é usada,

sendo conservada em um abrigo ou esconderijo nas rochas, juntamente com aquelas que foram entalhadas em cerimônias anteriores. O cuidado dispensado a essas máscaras — que, de certa forma, são os arquivos do povoado — significa que não é raro serem encontradas séries de três ou quatro delas, datadas a partir da mais antiga, respectivamente, de 1780 e 1720, com uma diferença de um ou dois anos nessa estimativa. Em casos excepcionais, quando o abrigo foi bem selecionado e a vigilância constante, a série pode ser até mais longa; assim, em Ibi, em 1931, foram contados nove pólos e, a esses, devem ter sucedido mais três, que foram reduzidos a alguns fragmentos e montes de poeira, mas ainda eram visíveis; como também o eram os lugares especiais assinalados por eles na parte de trás do abrigo, todos perfeitamente protegidos contra umidade, insetos e animais. Portanto, o mais antigo de uma série de nove, mostrando uma progressão contínua de idade, ao longo do tempo, data do início do século XV e, se forem considerados três outros, os remanescentes dos mais antigos remontariam à primeira metade do século XIII.

Não é fácil encontrar evidência material com data anterior aos traços desses pólos. Não obstante, há outro objeto, que só existe em uma edição, e foi talhado durante essas cerimônias de Sigui, podendo também ser um marco significativo no processo de cálculo. Tendo em mente o festival, cada Hogon regional, assim como o supremo Hogon de Arou, possui um recipiente de fermentação de cerveja, usado durante a preparação do primeiro ritual da cerveja. A cerveja é distribuída, em pequenas quantidades, para cada família; depois, é acrescentada ao copo de todos, assegurando assim a homogeneidade da cerveja consumida pela comunidade. Além disso, todos os demais recipientes de fermentação são associados, por contato com o principal, que é excruciantemente grande: a tampa tem 40 centímetros (16 polegadas) de diâmetro e os quatro "pompons" são do tamanho de um recipiente normal. Em consequência, só podem entrar em jarros grandes.

Esses objetos são mantidos na casa do Hogon, onde ficam

pendurados na viga principal, formando assim uma seqüência permanente. Ongnonlou viu seis ou sete deles na residência oficial do Hogon de Sanga; esse último, um dos homens mais velhos do país dogon, diz que seu bisavô viu oito deles, os quais precederam o mais antigo da série atual. Supondo-se um total de catorze objetos em poder da chefia, o primeiro — que quase certamente não denota a primeira cerimônia realizada nessa região — teria sido trançado no século XII, calculando-se o período de sessenta anos que separa cada cerimônia Sigui.

Mais uma vez, Ongnonlou contou uma série de oito objetos na casa do supremo Hogon dos arous, em Arou-by-lbi. Mas, acrescenta ele, esse número "deveria" ser 24, embora não possa explicar se existe uma série ideal, com seqüência completa que procura corresponder, ou corresponda, a realidade, desde que as fibras não se transformassem em pó.

Os métodos aqui descritos, tanto para o rastreamento das cerimônias, como para calcular os intervalos entre as Siguis, são simples e tendem a usar uma técnica mnemônica. Para os iniciados, eles simplesmente atuam como um substitutivo para outras práticas mais complexas e para o conhecimento relativo ao sistema de Sírius. Os nomes dogons dessa estrela — sigi tolo, estrela do Sigui; ou yasigi tolo, estrela de Yasigui — indicam, de modo suficiente, sua relação com a cerimônia da renovação do mundo, realizada a cada sessenta anos.

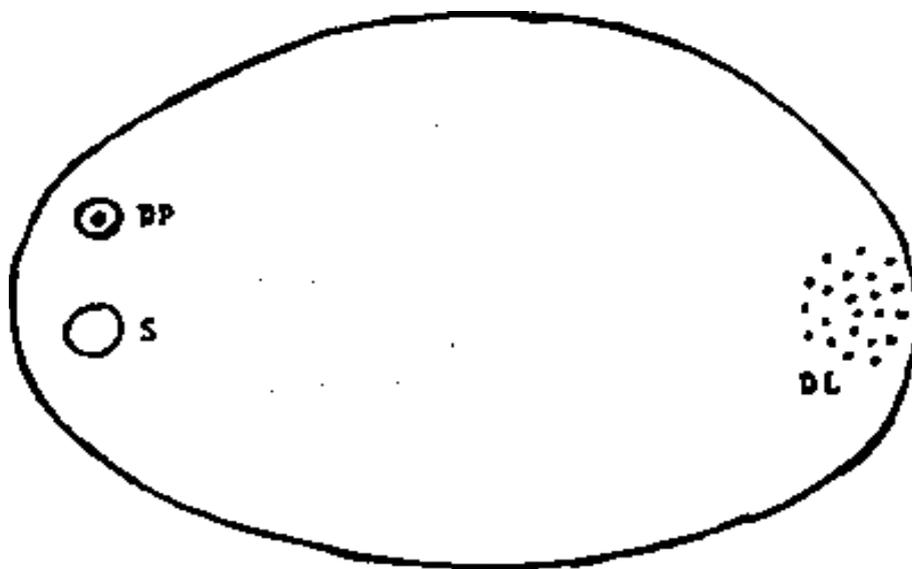
Sírius, no entanto, não é a base do sistema: é um dos focos da órbita de uma minúscula estrela chamada Digitaria, po tolo, ou estrela do Yourougou, sigil tolo, que desempenha um papel crítico, e, a olho nu, recebe a atenção dos iniciados do sexo masculino.

Esse sistema é tão importante que, ao contrário dos sistemas de outras partes do céu, ele não foi designado a qualquer grupo em particular. Na realidade, as tribos dos onos e dos dommos administram as estrelas, estando entre as atribuições da primeira tribo o surgimento de Vênus e entre os da lítima, o cinturão de Orion. O sol deve ser atribuído à tribo mais poderosa, os arous: porém, para não pecarem por excesso, os arous passaram o sol para os dyons, que são menos nobres, e se apegaram à lua. No

que se refere à estrela Digitaria e ao sistema a que ela pertence, esses astros são comuns a todos os homens.

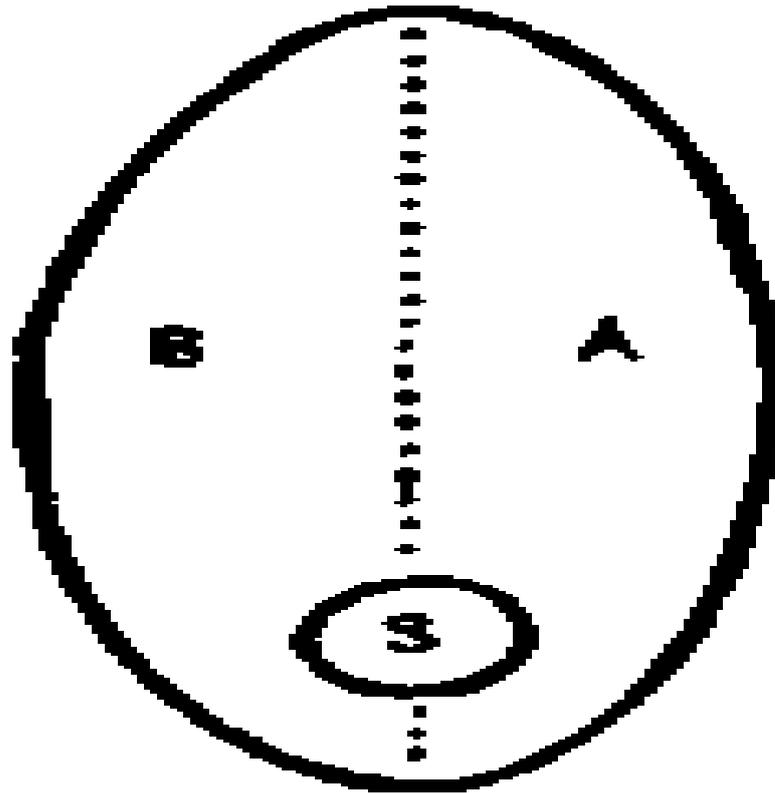
A Órbita da Digitaria

Uma figura feita com polpa de milho no salão com uma plataforma na casa do Hogon dos arous dá uma idéia dessa trajetória, que é desenhada em sentido horizontal; a forma oval (com um diâmetro longitudinal de cerca de 100 cm = 40 pol.) contém, à esquerda, um pequeno círculo. Sírius (S), e acima desse, outro círculo (DP), que em seu centro mostra Digitaria em sua posição mais próxima. Na outra ponta da forma oval, um pequeno agrupamento de pontos (DL) representa a estrela quando está mais distante de Sírius. Quando a Digitaria está próxima de Sírius, ela se torna mais brilhante; mas quando se encontra em seu ponto mais distante de Sírius, Digitaria emite seu efeito mais cintilante, sugerindo várias estrelas ao observador.



A trajetória da estrela Digitaria em torno de Sírius.

Essa trajetória simboliza a excisão e a circuncisão, uma cirurgia representada pela passagem da Digitaria mais próxima e mais distante de Sírius. A parte restante da forma oval é o prepúcio (ou clitóris); a parte direita é a faca.



O simbolismo da trajetória de Digitaria. S: Sírius, A: faca; B: prepúcio.

Esse simbolismo também é expresso pela figura usada para outras representações. Uma figura horizontal repousa sobre um eixo vertical que une dois círculos: S (Sírius) e D (Digitaria); o centro da figura é um círculo T, que representa a trajetória de D. A linha E é o pênis, e o gancho B' é o prepúcio. Dois cornos saem do círculo, reproduzindo-se novamente em duas partes da trajetória: A, a faca; B, o prepúcio. Portanto, o sistema de Sírius é associado às práticas de renovação das pessoas e, conseqüentemente — de acordo com a mentalidade dos dogons —, com as cerimônias que celebram a renovação do mundo.

O período da órbita é contado em dobro, ou seja, cem anos, porque as Siguis são organizadas em pares de "gêmeos", para insistir no princípio básico da gemelaridade. E por essa razão que a trajetória é chamada de munii, do radical monye, "reunir", do qual a palavra muno é derivada, sendo também o título conferido ao dignitário que tenha celebrado (reunido) duas Siguis.

Segundo a mitologia dogon, antes da descoberta da Digitaria, o supremo chefe era sacrificado no fim do sétimo ano de seu reinado (a sétima colheita). Esse era o único cálculo conhecido; a unidade-ano ainda não havia sido estabelecida. Os princípios espirituais e materiais da vítima eram transferidos para a Digitaria — a fim de regenerar a vítima, cuja existência era conhecida, mas cujas características não haviam sido reveladas ao homem, porque a estrela era invisível.

Isso foi uma regra durante quarenta anos, quando os primeiros sete chefes nutriram a estrela, permitindo que ela renovasse o mundo periodicamente. Porém, o oitavo chefe, ao descobrir a estrela, resolveu evitar o desejo de seus predecessores, e com a cumplicidade de seu filho simulou a própria morte, deitando-se, adormecido durante alguns meses, e, ressurgindo diante do chefe que o sucedera, anunciou que havia estado em Digitaria, conhecia seus segredos e que, dali em diante, todo Hogon reinaria por sessenta anos — período que mais tarde separaria uma Signi da subsequente. - Reintegrado ao seu posto, ele elevou o nível do céu que, até então, estivera tão próximo da terra que podia ser tocado, e revisou completamente o método para calcular o tempo e o método de cálculos.

Até aquela época, as cerimônias de celebração da renovação do mundo, de fato, eram realizadas a cada sétima colheita; o Hogon efetuou seus cálculos com base em períodos de cinco dias, uma unidade que estabeleceu a semana amai e cinco ciclos de colheitas. Ao chegar na oitava linha, ele contou oito ciclos, em outras palavras; quarenta anos, passando a ser o número quarenta a base para os cálculos; o mês tinha quarenta dias, o ano quarenta semanas (de cinco dias cada uma). Mas o Hogon viveu sessenta anos, um número que foi interpretado como a soma de quarenta (a base de cálculo) e vinte (os vinte dedos e artelhos, simbolizando uma pessoa e, portanto, no mais elevado sentido da palavra, o chefe). Assim, sessenta tomou-se a base para os cálculos, sendo o número aplicado pela primeira vez para estabelecer o período de tempo que separa duas Signis. Ainda que leve aproximadamente cinqüenta anos para se completar, correspondendo aos sete

primeiros reinados de sete anos, respectivamente, a órbita da Digitaria, no entanto, calcula os sessenta anos que separam as duas cerimônias.

Assim como seus movimentos no espaço, a Digitaria também gira em torno de si em um período de um ano e essa rotação é reverenciada durante a celebração do rito bado. Nessa ocasião, ela emite suas três espirais de seres e coisas que contém. Esse dia é chamado de badyu, "pai rabugento", por ser caracterizado por um movimento geral do mundo que perturba as pessoas e as coloca em uma relação incerta consigo e com os outros.

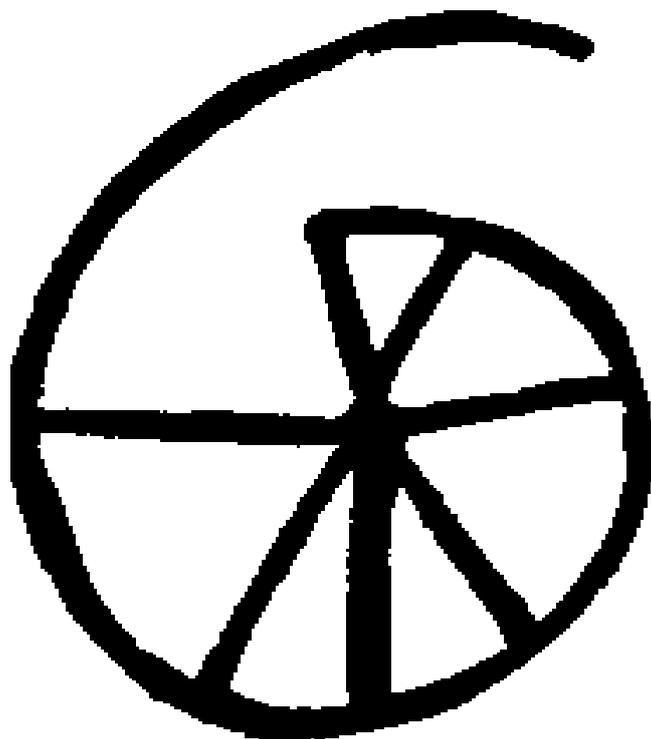
As Origens e as Características da Digitaria

Opl oitavo Hogon instruiu seu povo sobre as características da estrela e, em termos mais gerais, sobre o sistema de Sírius.

Sírius parece vermelha, ao olhar, enquanto Digitaria parece branca. A última situa-se na origem das coisas. "Deus criou Digitaria antes de qualquer outra estrela. Ela é o "ovo do mundo", aduno tal, infinitamente pequena e, quando se desenvolveu, deu origem a tudo o que existe, visível e invisível. É constituída por três dos quatro elementos básicos: ar, fogo e água. O elemento terra é substituído pelo metal. Para começar, ela era apenas uma semente de Digitaria exilis, pō, chamada eufemisticamente de kize uzi, "a coisinha", consistindo em um núcleo central que lançava sementes ou brotos grandes em movimentos espiralados cônicos. A representação gráfica das primeiras sete sementes ou brotos consiste em sete linhas, que aumentam de tamanho, dentro do saco formado ao redor, com forma oval, simbolizando o ovo do mundo.

Toda a obra da Digitaria está resumida em um desenho, cujas várias partes seguem a seguinte ordem: uma linha vertical emitida do objeto oval — o primeiro broto a emergir do saco; outro segmento, o segundo broto, assumiu uma posição transversal, suprimindo desse modo os quatro pontos cardeais: a plataforma do mundo. A retidão desses dois segmentos simboliza a continuidade das coisas, sua perseverança em um estado. Por fim, um terceiro broto, assumindo o lugar do primeiro, deu-lhe a

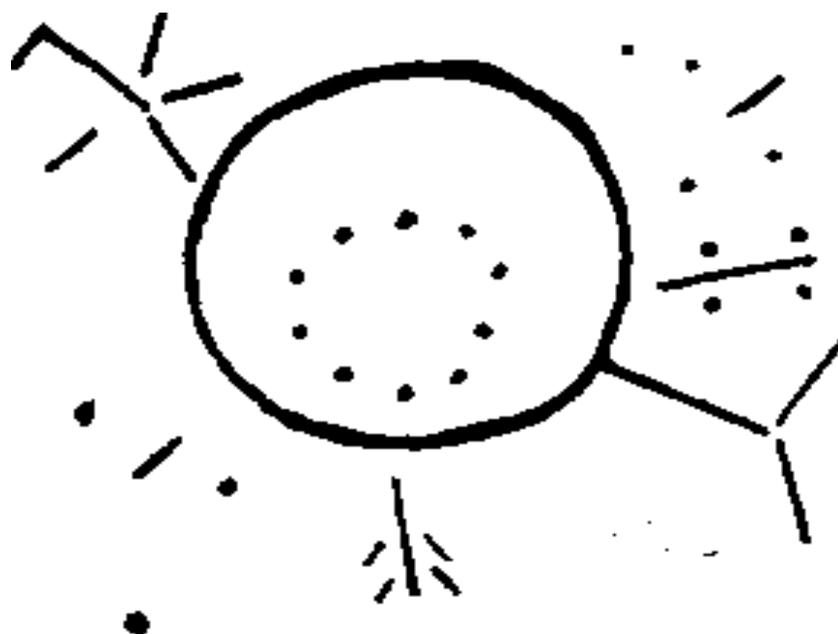
forma oval; é abe em sua seção inferior e circunda a base do segmento vertical.



A origem da espiral da criação (desenho nativo em tamanho real).
474.

Seu contínuo movimento produz seres, cujas almas surgem, de tempos em tempos, dos pontos, sendo guiadas em direção à estrela Sorgo, que as envia para o Nommo. Esse movimento é reproduzido por losangos, que dispersam a criação dos Yourougou no espaço. Seis figuras são distribuídas ao redor de um círculo, como se fossem emitidas por eles.

A obra original é igualmente simbolizada por uma cesta-filtro, feita de palha, chamada min goro, "fabagela". Esse utensílio consiste em um invólucro na forma de uma espiral helicoidal, cujo centro começa em suabase. A espiral contém uma rede de raios duplos. A espiral e a hélice são o movimento turbilhonante do mundo; os raios representam a vibração interna das coisas.



A estrela Digitaria (desenho nativo em tamanho real).

Originalmente, então, a Digitaria é um movimento materializado e produtivo. Seu primeiro produto foi uma substância extremamente pesada, depositada na parte externa da cadeia de movimento, representada pela cesta-filtro. A massa formada dessa maneira lembra um pilão duas vezes maior que o utensílio comum usado pelas mulheres. Segundo a versão contada para os homens, esse pilão possui três compartimentos: o primeiro contém seres aquáticos; o segundo, seres terrestres; e o terceiro, as criaturas do ar. Na realidade, a estrela é concebida com um formato oval, que forma o pano de fundo de onde é emitida uma espiral com três espiras (os três compartimentos).

Segundo a versão contada às mulheres, os compartimentos são quatro e contêm grãos, metal, vegetais e água. Cada compartimento é, por sua vez, composto por vinte compartimentos, contendo ao todo oitenta elementos fundamentais.

A estrela é o reservatório e a fonte de tudo: "Ela é o celeiro de todas as coisas do mundo". Os conteúdos da estrela-receptáculo são lançados por uma força centrífuga, de forma comparável à das sementes infinitesimais da *Digitaria exilis* que se submetem a um rápido desenvolvimento: "As coisas (que) saem, emergindo na parte externa (da estrela) vão crescendo a cada dia até ficarem tão grandes quanto ela mesma". Em outras palavras, o que a estrela

emite aumenta de volume, todos dias, até atingir o seu próprio volume.

Em função desse papel, a estrela, considerada o menor corpo celeste, é também o mais pesado: "Digitaria é a menor coisa que existe. Ela é a estrela mais pesada". Ela consiste em um metal chamado sagala, um pouco mais brilhante que o ferro e tão pesado "que todos os seres terrestres combinados não conseguiriam levantá-la". De fato, a estrela pesa o equivalente a "480 cargas de burro" (cerca de 38 mil quilos = 85 mil libras), o equivalente a todas as sementes, ou a todo o ferro da Terra, embora em tese, ela tenha o tamanho de um couro de boi estendido ou de um pilão.

A Posição da Digitaria

A órbita da Digitaria está situada no centro do mundo: "A Digitaria é o eixo de todo o mundo", e sem seu movimento nenhuma outra estrela poderia manter seu curso. Isso significa que ela é o "mestre de cerimônia das posições celestes; em particular, ela rege a posição de Sírius, a estr mais brilhante; ela a separa das outras estrelas circundando-a em sua trajetória".

Outras Estrelas do Sistema de Sírius

Mas a Digitaria não é a única companheira de Sírius: a estrela em ya, a Sorgo-Feminina, é maior que ela, quatro vezes mais leve em tese desloca-se ao longo de uma trajetória maior, na mesma direção, e durante o mesmo período (cinquenta anos). Suas respectivas posições são tais que os ângulos dos raios são retos. As posições dessa estrela determinam os rios ritos em Yougo Dogorou. A Sorgo-Feminina é a sede das almas femininas de todos os seres vivos ou futuros. É um eufemismo descrevê-lo como estrelas que partilham um reservatório comum: a estrela emite pares de raios (feixes de luz) (uma figura feminina) que, ao alcançarem a superfície das águas, capturam as almas.

A estrela Soro-Feminina.

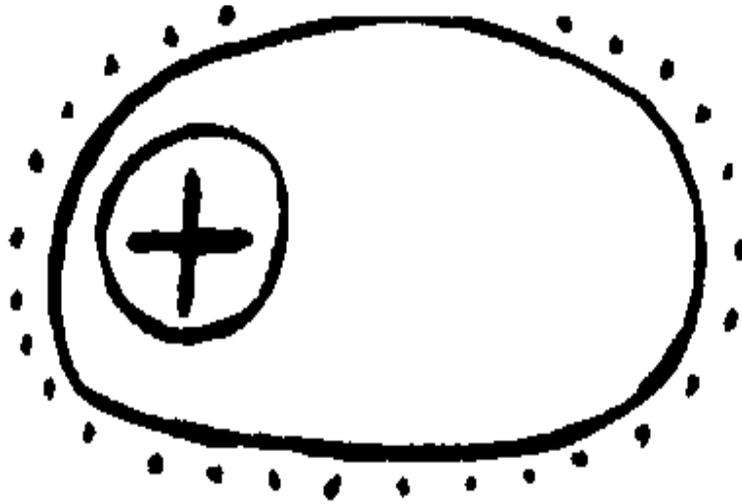


Figura x. O sistema de Sorgo-Feminina.

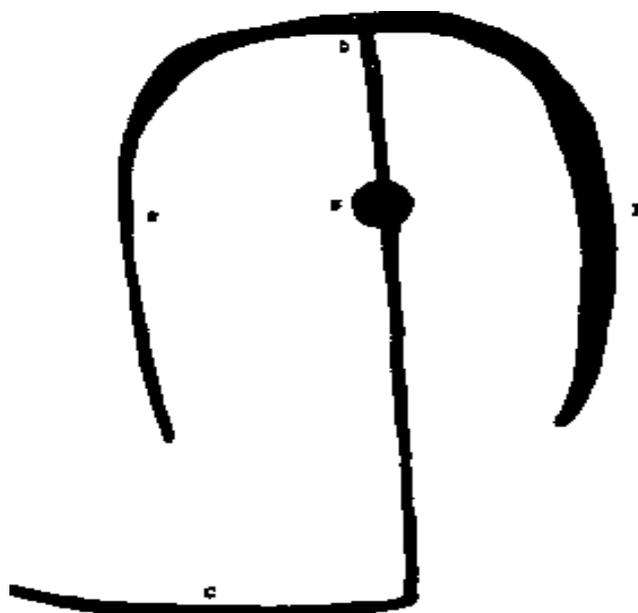
É a única estrela que emite esses raios com a qualidade de raios solares por ser o "sol das mulheres", nyãn nay, "um solzinho", nay dagi. De fato, está acompanhada por um satélite chamado "Estrela das Mulheres", Jiyãn tolo, ou Pastor de Cabras, enegirin (literalmente: guia de cabras), termo que é um jogo de palavras com emme girin (literalmente guia de sorgo). Além disso, existe uma constante confusão com a estrela maior. Pastor de Cabras, que é familiar a todos.

A estrela das mulheres é representada por uma cruz, um sinal dinâmico que lembra o movimento de todo o sistema de Sírius .

A Sorgo-Feminina é delineada por três pontos, um símbolo masculino de autoridade, cercado por sete pontos, ou quatro (feminino) mais três (masculino) que são alma feminina e alma masculina.

Ao todo, o sistema de Sorgo-Feminina é representado por um círculo contendo uma cruz (as quatro direções cardeais), cujo centro consiste em um círculo (a própria estrela) e cujos braços servem como receptáculo masculinas e femininas de todos os seres. Essa figura, chama le Sorgo-Feminina", emme ya tōnii, ocupa um dos centros de hamado de "o padrão dos homens", anam tōnii, que consiste em cheia chamada de "curso do pastor de ovelhas", enegiriozii por duas linhas pontilhadas, sendo a parte externa o caminhe masculinas e o interno, o das almas

femininas de Sírius-Digitaria-Sorgo é representado por um "padrão sigi iõnu. que consiste em uma forma oval (o mundo), no qual um tros é Sírius. As duas posições alternadas de Digitaria à época



O sistema de Sírius, como um todo, é desenhado em Sanga de diferentes maneiras, em particular, na cerimônia de bado. Na fachada da residência do grande Hogou dos arous e dentro das casas oficiais designadas aos Hogons dos dyons, o curso dessas estrelas é representado pelo "padrão do mestre da estrela do Sapateiro", dyñã tolo bãna tõnu, composto por um eixo vertical de suporte, a dois terços da parte superior, um arqueamento, Sírius (S), e em sua base vira-se para formar um pé alongado, projetando-se para a esquerda em ângulos retos, o curso da estrela do Sapateiro (C). É encimado por uma linha semi-ovalada, cujos braços se estendem até bem para baixo; o ponto de confluência (D) com essa linha oval simboliza a Digitaria, cujo curso é traçado pelo braço direito (F). Mas esse braço é também a estrela das mulheres, enquanto o braço esquerdo é a Sorgo-Feminina (E). A parte inferior do eixo (SC), mais longa que a parte superior (SD), faz lembrar que Sapateiro (C) fica mais distante das outras estrelas que Sírius e gira em direção oposta.

Portanto, é isso que, durante a cerimônia de bado, a mulher mais idosa da família desenha, na entrada da casa: o "padrão do mundo

das mulheres", nyãñ aduno tõnu, ou "padrão das partes de cima e de baixo do mundo", aduno dale dohule tõnu.

O desenho consiste em uma forma oval, o ovo do mundo, contendo nove signos:

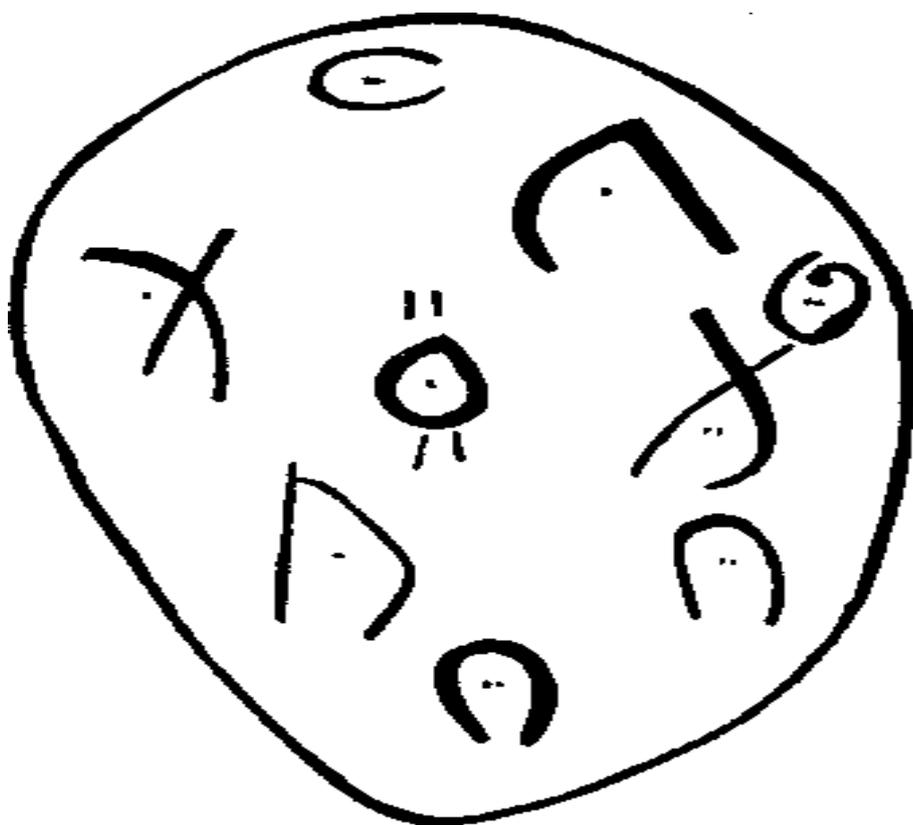
Da. — Digitaria. A curva aberta, à direita, indica a aceitação de todas as substâncias e da matéria nela colocadas pelo Criador.

Db. — Digitaria em sua segunda posição. A linha ovalada aberta marca a saída da matéria que se difunde através do mundo; A e B também indicam as posições extremas da Digitaria em relação a Sírius.

£. — A estrela Sorgo-Feminina, a contraparte de Digitaria. Por ser o "sol das mulheres", é colocada no centro do ovo, assim como o sol no centro do sistema solar. A forma oval tem, em cima e embaixo, duas linhas verticais simbolizando os raios emitidos pela estrela.

S. — Sírius, a "estrela da Sigui", ou a "estrela de Yasigui". O signo é colocado de forma a materializar a ligação efetuada por Sírius entre as duas estrelas descritas anteriormente, e consiste em um tipo de X com um braço direito — a ant, chave — dividindo um braço curvo, cuja parte inferior é Yasigui e a outra parte do fragmento é o órgão que é separado durante a excisão. Mesmo sendo feminina, a ant é representada por uma haste reta, como se fosse um homem. Isso marca o seu domínio sobre a feminilidade de Yasigui, pois Yasigui é mutilada.

R. — O Yourougou. Um gancho composto por um arco circular e um segmento reto, indica que o primeiro movimento de Yourougou descreve uma curva que circunda o céu; saindo de seu objetivo, desce diretamente, como é mostrado pelo segmento à direita, que também é o fragmento da placenta exposta.



O sistema de Sírius.

Na realidade, sendo a Digitaria o olo do mundo (veja anteriormente), essa placenta se dividiu em duas placentas gêmeas, que dariam origem, respectivamente, a um par de Instrutores Nommos. Aconteceu, porém, que um único ser masculino emergiu de uma das placentas, a fim de encontrar seu gêmeo, e tal ser rompeu uma parte dessa placenta, que veio a ser a terra. Essa intenção perturbou a ordem da criação: ele foi transformado em animal, a raposa pálida, yiruga, e sua própria impureza foi transmitida à terra, que se tomou árida e estéril. Porém, o remédio para essa situação foi o sacrifício, ao céu, dos Instrutores Nommos que haviam saído da outra placenta, e a descida de seu gêmeo à terra em forma da chuva purificadora doadora de vida. O destino dos yourougous é procurar esse gêmeo até o fim dos tempos — o gêmeo é, ao mesmo tempo, a sua alma feminina. Em nível mítico, a Digitaria é, portanto, considerada a Yourougou mantida no espaço pelo Nommo, girando inexoravelmente em torno de Sírius, ou Yasigui em outras palavras, sem nunca poder alcançá-la.

A. — A figura do Nommo consiste em um segmento vertical, o

Nommo em pessoa, sobre o qual, e um pouco abaixo do canto superior, apóia-se uma linha quebrada em três partes desiguais; sendo a primeira a sede das futuras almas femininas; a segunda, a sede das almas dos mortos e a terceira, a sede das almas vivas.

Fa. — A estrela das Mulheres, nyãñ tolo. Uma espiral embrionária que lembra que ela é o satélite de Sorgo-Feminina.

Fb. — O "signo das mulheres", nyãñ íõnii, consiste em uma linha diagonal, o homem, cortada por uma linha que termina em uma curva con-vexa, a mulher. Isso mostra o contato entre os sexos.^^

Abaste está ereta, diante do assombro da criação, que teve início com o sistema das mulheres. A mulher é um perfil com uma grande barriga, pronta para dar à luz.

Fe. — O sexo das mulheres é representado por uma forma oval, e aberta na parte inferior, o útero do mundo, pronto para a procriação, escancarado em sentido descendente, para espalhar as sementes.

O Sistema de Sírius entre os Bambaras

Os bambaras chamam Sírius de "a estrela da fundação", sigi dolo, que é o mesmo temio usado pelos dogons, e como eles, também chamam Digitaria defini dolo. - A expressão ã dolo fia, "as duas estrelas do conhecimento", geralmente lhe é atribuída porque "ela representa no céu o corpo invisível de Faro", concebido como um par de gêmeos. Esse nome também sugere que a estrela seja a sede de todo o conhecimento.

O sistema de Sirius é representado sobre uma coberta em padrão xadrez, chamada de koso wala, "pintura colorida", e consiste em dez seqüências compostas por cerca de trinta retângulos coloridos, que se alternam nas cores índigo e branco, simbolizando, respectivamente, as trevas e a luz, terra e céu, e, na mitologia bambara, Pemba e Faro. Dispersos por toda parte, encontram-se vinte e três retângulos com diferentes padrões de pequenas faixas colocadas na direção da trama, alternando-se nas cores índigo, branco e vermelho. Vinte desses retângulos representam estrelas ou constelações; os outros três, respectivamente, representam o arco-íris, o granizo e a chuva. A quinta seqüência, no centro, onde

não há um retângulo colorido, simboliza a Via Láctea. A nona seqüência, em uma das pontas, contém cinco retângulos pretos (não índigo), que apontam para a "quinta criação, nas trevas, e que ocorrerá com a chegada das águas".

Sigi dolo é a primeira representada sozinha, "na estação fria e na impureza" pelo nono retângulo (terceira seqüência); é a representação seguinte, ladeada por fã dolofla (duas linhas vermelhas) no décimo quinto retângulo (oitava seqüência).

Na mitologia bambara, Sírius representa Mouso Karoni Koundyé, gêmea de Pemba, construtora da terra, uma mulher mítica a quem ele persegue pelo espaço e nunca consegue apanhar. Em todos os sentidos, Mouso é comparável a Yasigui. Ela instaurou a circuncisão e a excisão; em conseqüência, Sírius é a estrela da circuncisão, tanto para os bambaras como para os dogons.

O Sistema de Sírius Entre os Bozos

O sistema também é conhecido para os bozos, que chamam Sírius de sima kayne (literalmente: calças assentadas) e seu satélite, de tono nalena (literalmente a estrela do olho).

Apêndice II

As Luas dos Planetas, os Planetas ao Redor de Estrelas e as Revoluções e Rotações dos Corpos no Espaço — Descritos pelo Filósofo Neoplatônico Proclo

... Em cada uma das esferas planetárias, há estrelas invisíveis juntamente de suas esferas..." Assim disse Proclo, o sucessor Platônico em 438 d.C.

O leitor não especializado pode nunca ter ouvido falar de Proclo, um dos maiores intelectos da história da filosofia, que viveu de 410

a 485 d.C. As traduções existentes para o inglês dessa gigantesca produção do filósofo grego são: Elements of Theology (Elementos da Teologia) (que não é relevante para o que vamos considerar aqui), Commentary on Euclid (Comentário sobre Euclides), Commentary on the First Alcibiades of Plato (Comentário sobre o Primeiro Alcibiades de Platão) e uma tradução parcial e outra completa de Commentary on the Parmenides of Plato (Comentário sobre as Parmenides de Platão).

O que provavelmente não foi transmitido ao pesquisador persistente por nenhum compêndio de informações sobre o assunto é que a maioria das obras de Proclo foi traduzida para o inglês por Thomas Taylor, na virada do século XVIII para o XIX, na Inglaterra, podendo ser encontrada em algumas bibliotecas (embora até o Museu Britânico possua uma coleção bastante completa da obra vital de Taylor).

Talvez seja melhor citar também a visão de Thomas Taylor sobre Proclo. É preciso lembrar que Taylor foi o primeiro a traduzir todas as obras de Platão para o inglês — uma tarefa enorme na realidade, mas não tão gigantesca quanto a tradução da maior parte da obra de Proclo! Assim, Taylor diz a respeito de Proclo:

Para os amantes da sabedoria dos gregos, quaisquer remanescentes dos escritos de Proclo serão sempre inestimáveis, visto ser ele um homem que, por várias de suas capacidades, beleza de expressão, magnificência de conceitos e desenvolvimento brilhante de dogmas obscuros dos antigos, não tem rivais entre os discípulos de Platão.

Agrada a muitos estudiosos dos clássicos sugerir que a “Idade de Ouro” da Grécia foi a única era significativa na filosofia grega. Durante esse período, pode-se convenientemente incluir Sócrates, Platão, Aristóteles, Eurípides. Sófocles, Esquilo, Demóstenes e historiadores como Heródoto, Tucídides e Xenofonte.

Esses nomes brilhantes tendem a nos confundir, sob a falsa noção de que a Grécia, em qualquer outro período de sua história, ocupou apenas um segundo lugar em relação aos intelectos que produziu. Muitos estudiosos dedicam-se apaixonadamente a

zombar de quaisquer intelectos gregos de antes ou depois da "Idade de Ouro". Alguns comentários mordazes têm sido feitos a respeito por outros estudiosos, sendo inegável a tendência a ignorar ou depreciar —até a suprimir e negar— os gregos que precederam ou se seguiram aos gloriosos "gregos de ouro" que nos são mais familiares. Certamente, é um fato vergonhoso, então, para certos estudiosos dos clássicos enfrentar o fato de que a Academia Platônica tenha continuado a funcionar em Atenas por mais de novecentos anos.

Com relação à Academia, George Sarton diz em *A History of Science: Ancient Science through the Golden Age of Greece* (História da Ciência: Ciência Antiga durante a Idade de Ouro da Grécia).

À época em que [o Imperador] Justiniano fechou suas portas, [a Academia] poderia ter celebrado seu 91º. aniversário... a Academia mudou consideravelmente no decorrer dos séculos; somente a Antiga Academia é que pode ser considerada a Academia de Platão e durou um século e meio, ou menos. A isso se poderia replicar que toda instituição está sujeita a mudar com as vicissitudes do tempo e, quanto mais durar, maior será a expectativa de mudança. Com essas observações em mente, pode-se colocar o seguinte: a Academia de Atenas, fundada por Platão, durou mais de nove séculos.

Aqueles que consideram a cronologia algo de difícil compreensão, sem analogias, talvez queiram ponderar a respeito: a duração da Academia Platônica (aparentemente no mesmo lugar) em Atenas foi equivalente à duração até a atualidade, no solo inglês, da Abadia de Westminster; ou, os novecentos e dezesseis anos de vida da Academia, como instituição filosófica, foi equivalente ao mesmo período de tempo decorrido desde a Conquista Normanda da Inglaterra, em 1066, até o ano de 1982. (E até depois do desmembramento, a Academia continuou "no exílio" na Pérsia, etc.) Portanto, vemos que a Academia de Platão existiu por mais tempo, em um dado lugar, do que existiu a Inglaterra desde William, o Conquistador.

A tradição platônica em sentido amplo, com suas nuances gnósticas e heréticas, aliada a suas inúmeras manifestações em épocas posteriores, em figuras tão estranhas quanto fascinantes, como Giordano Bruno, Marsilio Ficino, John Dee e até sir Philip Sidney e o Conde de Leicester — sem mencionar os trovadores da Provença, Dante, na Itália, os albigenses na França, os Cavaleiros Templários e uma infinita gama de causas "secundárias", ao longo de dois milênios e meio, é um problema atormentador e impossível para a mente ortodoxa, seja qual for a sua crença. Isso porque o platonismo, em sentido geral, é uma crença que nega a crença, uma tradição antiinstitucional conhecida dos que aderem a ela como a "Tradição Grega". Ela causa temor às mentalidades fracas que precisam de um sistema de crenças estruturado; e aquelas sempre tentam destruí-la, mas se conseguem destruir indivíduos e "movimentos" individuais no âmbito de uma tradição mais ampla.

Como poderia uma "instituição intelectual", de forma concebível, admitir que essa subcorrente de espiritualidade tenha extravasado os limites ortodoxos da religião oficial do Cristianismo até o terceiro século e na época de Orígenes? E como confessar que Proclo, que viveu setecentos anos depois de Platão (429 a 347 a.C), à sua própria maneira, tivesse uma mente tão brilhante quanto a de Platão? O que acontece, então, ao "milagre grego hermeticamente fechado"? Observando-se que o platonismo continua a ser perseguido, como um movimento subterrâneo, há mais de dois mil anos, a que conclusões se chegará sobre a suposta abertura da cultura ortodoxa ocidental? Se o que se vê é um padrão de civilização geralmente aceito embasado na mentira, na negação do não-ortodoxo, as implicações são tão imensas que o resultado será nada menos que uma total revolução intelectual. Ninguém que tenha interesse, seja por uma cadeira universitária ou por um jornal semanal, uma grande corporação ou uma emissora de televisão (ou diocese), ficaria completamente isolado desses resultados. Estes não seriam necessariamente destrutivos, no sentido de uma revolução política ou social, mas no final seriam mais fundamentais e, portanto, de mais longo alcance. O que está envolvido aqui é o temor de uma mudança construtiva (a qual se

soma o medo do desconhecido). Estes são os verdadeiros problemas. E são eles que, de certa forma, explicam por que o leitor nem ouve falar de muitos grandes homens de relevância direta para o assunto em questão, um deles é Proclo. Até recentemente, ninguém se importava em discutir o que Proclo realmente queria dizer e o que ele representa além de suas próprias idéias. Até abordar o assunto de uma figura como a de ? : e tirar do armário um esqueleto, fazendo-o "chocalhar" por vingança, rocio nem sequer poderia avaliar sua própria entrada na Penguin Companion to Literature (Literatura da Penguin Companion), vol. 4, que lida com a literatura clássica. Ele é mencionado em um tópico referente a platonismo de autoria do dr. D. R. Dudley:

Ele era uma estranha combinação — possível naquela época — de filósofo, lógico, matemático e místico. O neoplatonismo concedeu ao intelectual da última fase do paganismo uma religião metafísica... A figura do sábio com olhar contemplativo é com freqüência encontrada nos sarcófagos imperiais tardios.

Xote a frase "possível naquela época", sugerindo que hoje ninguém sequer pensaria em tentar saber algo sobre muitos assuntos em nossa era de superespecialização perversa. Proclo, segundo nos dizem, "era uma estranha combinação". Dudley nada diz sobre o que Proclo escreveu, suas idéias, nem sobre o imenso volume de escritos e, em sua bibliografia, remete-nos somente ao inofensivo e difícil Elements of Theology (Elementos de Teologia). Resta-nos concluir que Proclo era uma espécie extinta, como o dodó, só interessante por ser "uma estranha combinação, possível naquela época". São poucos os historiadores que abordam o século V d.C. Pelo que diz Dudley, supomos apenas que só se interessaram por ser ele "uma estranha combinação possível naquela época". Certamente, Proclo, sobre o qual nada nos disseram de importância, é totalmente desprovido de importância. Será que a Penguin Companion engana os seus leitores? Tal coisa é impensável.

O professor A. C. Lloyd, da Universidade de Liverpool, foi encarre

gado de discutir Proclo como parte de sua contribuição a Cambridge History of Later Greek and Early Mediaeval Philosophy (História de Filosofia Grega Tardia e Início da Medieval de Cambridge), um compêndio que não existia antes de 1967 e que foi reimpresso com correções em 1970. A publicação desse grande volume de setecentas e quinze páginas marcou a aquisição de um estágio de conhecimento clássico, sobre qual muitos estudiosos estavam oficialmente de acordo em fugir à área usuais e melhor seria começar a compilar diretrizes para o estudo do tema; há muito negligenciado, abordado no livro aqui mencionado. Figuras solitárias, como as de Richard Walzer, Philip Merlan e o falecido I. P. Sheldoi Williams, que por muito tempo se empenharam em buscas dos arcanos movidos por interesse puro, foram chamadas a ajudar a delinear os limites dentro dos quais uma nova geração de pesquisadores tivesse um novo campo para suas teses de Ph.D., e em que ainda resta algum trabalho original a ser realizado por professores que agora aproveitam muito bem a onda da árvore pré-socrática e precisam de novos fundamentos para uma genuína solução de problemas. Finalmente, isso agora começou a acontecer. Mas, voltando ao professor Lloyd, que fez uma interessante tentativa de descrever Proclo e alguns aspectos de seus pensamentos e escritos, importante saber mais a respeito de Proclo, o homem. Aqui está uma parte do relato de Lloyd:

Proclo nasceu em Constantinopla, em 410, ou pouco depois. Mas seus pais, patrícios da Lícia, no sudeste da Ásia Menor, enviaram-no à escola em seu país e depois para a Alexandria para estudar literatura e retórica. Em vez de direito, que era a profissão de seu pai, a filosofia atraía-o; assim, ele freqüentava as conferências de Aristóteles sobre matemática. O estágio seguinte foi em Atenas.

Seus estudos na Academia Platônica, em Atenas, são então descritas e dessa Escola que se tornaria o Diretor: "Não se sabe quando assumiu a direção da Escola, mas ele continuou nessa função até a sua morte. Ele nunca se casou e seu único defeito era ter natureza ciumenta e temperamento explosivo".

Seu temperamento explosivo parece ter se estendido à

impaciência com os lentos em compreender o que ele dizia, ou criava dificuldades irritantes em relação a pequenos detalhes. Por exemplo, ele começa sua imensa obra *Cojumentajy on the Timaeus of Plato* (Comentário sobre o Timeu de Platão) com essa extraordinária frase impaciente: "Que a intenção do Timeu platônico é abranger o todo da fisiologia, referindo-se à teoria do Universo, sendo esta a discussão do início ao fim, parece-me ser uma clara evidência àqueles que não são completamente ignorantes".

Agora, passamos a considerar a ligação de Proclo com o tema mais amplo de nosso livro. Continuaremos com a descrição de Proclo feita pelo professor Lloyd:

Proclo freqüentava círculos políticos importantes, porém como vários importantes platônicos, era um campeão do culto pagão com a política imperial e mais de uma vez se viu em apuros. Tinha dúvida sobre sua fé pessoal nas práticas religiosas. Dizia-se que ele obtivera seu conhecimento de religião por intermédio de uma filha de Plutarco, e, segundo sua própria afirmação, ele podia invocar os fantasmas luminosos de Hécate. Nem há dúvida de que ele tenha posto a teurgia, como liberação da alma, acima da filosofia. Porém, apesar de sua filosofia estar repleta de progressões e reversões abstratas, a filosofia, para ele, nada mais era senão uma reversão, um retorno ao Uno, mesmo que só alcance uma união incompleta. Sua colocação pode ser vista em um sistema metafísico, cuja elaboração é quase fantástica: mas, ainda que esse sistema não tivesse sido criado, não teria havido uma religião para justificá-lo, pois sua validade não depende nem era cogitada por Proclo, para depender de uma religião.

A ligação de Proclo com os mistérios de Hécate, assim como a prática dos mistérios egípcios e caldeus, faz surgir no leitor alerta a suspeita de que Proclo, possivelmente, tivesse conhecido algo sobre o mistério de Sírius. Poderia ser o caso? Em breve, consideraremos algumas opiniões surpreendentes de Proclo sobre os corpos celestes, nunca consideradas por nenhum historiador da

ciência com os quais me deparei (provavelmente porque ninguém realmente já leu todo o gigantesco volume conhecido como *Commentary on the Timaeus of Plato* [Comentário sobre o Timeu de Platão, que mencionei há pouco). Mas, primeiro, examinemos qualquer outra evidência, além desse fato menor que vincule Proclo com o ambiente de nossa tradição de Sírius. O professor Lloyd faz outras observações interessantes:

Proclo acreditava que sua metafísica era a verdade, apesar do significado oculto de Platão e que essa semelhança com toda a "teologia" grega era derivada das doutrinas secretas dos pitagóricos e órficos. Ela pode ser estudada em duas obras, o *Elements of Theology* (Elementos de Teologia) e a *Theology of Plato* (Teologia de Platão), com a ajuda, às vezes, dos comentários sobre as *Parmênides*, *Timeu* e *Alcibíades*.

Deve-se ressaltar que, na forma de tais comentários, os neoplatônicos produziram grande quantidade de filosofia puramente original e criativa. Era moda, até recentemente, ridicularizar seu estilo de comentário como derivativo e inferior; uma tentativa patética de escarnecer do que não se pode ou quer apreciar. Um exemplo pode ser visto na descrição do professor Robert Browning, do Birkbeck CoUege, da Universidade de Londres, no volume do *Penguin Companion*, dos comentários de um posterior sucessor de Proclo, Simplício, como "livros equívocos e prosaicos". A palavra "equívocos" é pesada, e imediatamente nos faz saber que o professor Browning discorda em princípio e, portanto, escarnece dele. Não obstante, em minha própria leitura do *Commentmy on Epictetiis* (Comentário sobre Epíteto), de Simplício, por exemplo, surpreendi-me ao encontrar um intelecto brilhante por trás do comentário, cujas dissertações sobre o livre-arbítrio são tão espantosamente contemporâneas, que imediatamente pensei em compará-las com os escritos de nossa moderna era cibernética, como é o caso dos fascinantes livros de Norbert Weiner. No Capítulo Um, Simplício fala de "aqueles que fingem que nossas opiniões e desejos, e em termos gerais, todas as nossas escolhas e intenções, são necessários e não estão à

disposição, mas vêm de causas externas a nós mesmos, e não de nós mesmos nem de nossa volição". Ele ataca os "behavioristas" de sua época, em termos claros e vigorosos, com uma relevância que não se restringe, de modo algum, ao seu próprio tempo. Alguns de seus raciocínios são agudos e seu discernimento é profundo. Nos últimos anos, grande número de comentários neoplatônicos sobre Aristóteles vem sendo publicado pelo editor inglês Duckworth — quase quarenta volumes são planejados, a cargo do editor Richard Sorabji.

Das obras de Proclo, é realmente o *Commentary on the Timaeus of Plato* (Comentário sobre o Timeu de Platão) (que abreviarei aqui como *In Tim.*), a fonte das visões de Proclo sobre o cosmo e sobre a sucessão platônica de uma tradição esotérica das antigas religiões de mistérios. O professor Lloyd, em nota de rodapé a essa última passagem citada, não faz referência a esses pontos, mas refere-se a outras obras de Proclo. Em todo o tratamento que confere a Proclo, Lloyd faz apenas uma referência livre e superficial ao *In Tim.* No entanto, é ao *In Tim.* que voltaremos agora. Como as referências às páginas do texto grego de Lipsiae seriam inúteis para a maioria dos leitores, faço referência às páginas da tradução de Taylor para o inglês, vols. I e 11.

No final do Livro IV de *In Tim.*, Proclo diz (II, 307): Mas é pitagórico seguir as genealogias órficas.* Porque a ciência referente aos Deuses é procedente da tradição órfica por intermédio de Pitágoras, para os gregos, como diz o próprio Pitágoras no *Sacred Discourse* (Discurso Sagrado).

O fato de ter ele mantido essa visão em relação às religiões de mistérios é demonstrado em suas observações sobre os princípios pitagóricos em *In Tim.*, Livro IV (II, 312): "Porém, essas são tradições órficas, pois o que Orfeu proferiu de maneira mística, por meio de narrações enigmáticas, esse Pitágoras aprendeu, sendo iniciado por Aglaofemo na sabedoria mística recebida por Orfeu de sua mãe, Calíope".

Proclo fala com total autoridade, insistindo sobre a existência de certos corpos celestes invisíveis. Esses corpos celestes são as luas dos planetas e os planetas das estrelas. Além disso, Proclo

parece ter também uma visão incrivelmente esclarecida sobre os fenômenos celestiais sob muitos outros aspectos.

No Livro III de In Tim., Proclo diz (I, 425) que a Lua é feita de terra celestial. Se não, por que a lua, sendo iluminada, produz uma sombra, e por que a luz solar não penetra em seu todo?

Descobriremos que o fogo e a terra subsistem também nos céus, de maneira análoga; o fogo realmente define sua essência, mas cada um dos outros elementos co-subsiste com ele.

Logo adiante, diz:

Sendo os elementos concebidos, algumas vezes, sem mistura e, em outras ocasiões, misturados, sua primeira mistura produz os céus, que contém todas as coisas, de acordo com uma característica ígnea... Pois todas as coisas estão no céu segundo um modo ígneo.

Sabemos, por outras citações anteriores, que a teoria da lua como "terra celestial" é "pitagórica-órfica" e adotada por Proclo. Nesse aspecto, o fato de estender a observação para comentar a natureza geral dos corpos celestiais sugere que essas idéias sejam provenientes da mesma fonte. Os céus estão de fato em um "modo ígneo", pois hoje se sabe cientificamente que nas estrelas existem todos os elementos químicos normais em modo ígneo. A descrição que Proclo faz dos corpos celestes pode estar em perfeita harmonia com o nosso conhecimento científico atual. É verdade, segundo suas palavras, que a descrição das estrelas pode ser: "o fogo define sua essência, porém cada um dos outros elementos co-subsiste com ele", porque, ainda que flamejantes, sabe-se que as estrelas contêm todos os elementos.

Proclo deixa absolutamente claro que, ao falar de "fogo" nos céus, ele se expressa figurativamente. Ele diz (página 280): "Portanto, o fogo que está lá (nos corpos celestes), é luz; e não é adequado perturbar a discussão a seu respeito, dirigindo a nossa atenção para o fogo escuro e grosseiro da região sublunar [região abaixo da lua, ou terrestre]". E para afastar a mais mínima possibilidade de má interpretação, ele acrescenta (página 281) que o fogo nos

céus é um "fogo que não é perfeitamente fogo", mas ao contrário, fogo estelar é mais propriamente o "fogo que está na energia".

Essas concepções são um tanto assustadoras à luz da ciência moderna. De fato, as teorias modernas, admitindo a existência no espaço de um meio interestelar de natureza tão tênue que mal seria percebido, apesar de muito extenso (não o éter fora de moda!), encontram um misterioso precursor na estranha afirmação de Proclo no Livro III de *In Tim.* (I, 425):

É também necessário que os elementos médios estejam nos corpos celestes, mas que diferentes elementos existam em abundância em diferentes partes das regiões celestiais. E, em alguns lugares, é de fato necessário que a natureza ígnea disperse amplamente o seu esplendor, em função de sua solidez, como nos corpos estelares; mas em outros, que nos sejam ocultos, como nas esferas que contêm estrelas.

Seja qual for a interpretação dessas observações de Proclo, persiste o fato de uma visão em que as estrelas são corpos ocultos em um ambiente celestial e de uma "matéria ígnea" entre elas que nos é invisível. Quanto às referências às esferas, dificilmente seriam os glóbulos de vidro que nos são familiares por intermédio da antiga astronomia mais convencional, como veremos.

No Livro IV do *In Tim.* (II, 293), Proclo ridiculariza os epiciclos e diz que são valiosos como "uma excelente invenção" para analisar e compreender os verdadeiros movimentos simples das estrelas, exatamente como se alguém fosse incapaz de medir um movimento em espiral ao redor de um cilindro, mas logo em seguida, imagina uma linha reta hipotética que se movimenta ao redor, e um ponto na linha reta que mede esses movimentos, descobrindo qual é a quantidade de movimento em torno da espiral em um dado momento. Portanto, é para esse fato que devem dirigir a atenção àqueles que empregam curvas evolventes, epiciclos, curvas excêntricas, por meio de movimentos simples, a partir dos quais descobrirão um movimento diferente.

Assim, estamos diante de uma clara descrição de Proclo (menos obscura que o vago relato do próprio Platão) sobre o movimento dos planetas em órbitas, claramente concebidas como espaços de

trajetória. E esse conceito é de tal precisão e avanço científico e tão contrário à visão, em moda na época, de que as "esferas" dos planetas se moviam, levando consigo os planetas, que devemos apreciar a precocidade de Proclo na proposição dessa teoria de maneira tão clara e persistente. O texto de Platão pode ser interpretado da mesma maneira, mas isso não é feito habitualmente, e é muito mais vago. Um exemplo típico de interpretação padrão da passagem do próprio Platão em *Timeu* é a do professor A. C. Crombie no vol. I de *Augustine to Galileo* (Agostinho para Galileu) (embora na página 33 ele seja brilhante em descrever o *Timeu* como uma "alegoria pitagórica", presumivelmente uma colocação ousada) na página 49: estão estabelecidos os sete "planetas". Lua, Sol, Vênus, Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno, giram a diferentes velocidades uniformes, tal como seriam representados os movimentos observados desses corpos.

Isso é puramente a interpretação de um texto vago. Pode-se até dizer que Platão afirmava que as esferas não se moviam, mas sim os planetas nelas estabelecidos, segundo afirmação específica de Proclo (e ao que parece, era o que ele pensava que Platão acreditasse).

Proclo continua dizendo, da mesma maneira (página 279):

[Platão] evidentemente é de opinião que os planetas, por si sós, se afastam ou se aproximam da terra, e suas rotações, de acordo com a amplitude, ocorrem em função das próprias progressões e não por serem conduzidos em sua trajetória por coisas como curvas evolventes ou epiciclos.

Essa afirmação coloca Proclo em uma posição diametralmente oposta à do professor Crombie em sua interpretação do texto de Platão. Receia que deva, de minha parte, ficar do lado de Proclo nessa discussão. Em todo caso, o professor Crombie não demora a mudar sua maneira de ver, desde que apresentada uma recente evidência sobre a questão, conforme já demonstrou em relação a um tema totalmente diferente, em correspondência a mim enviada referente a um filósofo francês, Pierre d'Ailly.

Já no final do Livro IV de In Tim. (páginas 293 e ss.), Proclo diz:

Mas em relação às estrelas, as fixas giram em torno de seus próprios centros... Mas os planetas giram em conjunto com sua esfera infalível, movendo-se cada um com sua esfera para o leste, girando por si mesmo, de acordo com a amplitude e a profundidade, e em torno de seu próprio centro.

Vale a pena examinar melhor essas observações. Primeiramente, a "esfera infalível" das estrelas fixas gira em torno da Terra e os planetas fazem mesmo em conjunto com ela. Este é o movimento mais simples. Mas há vários outros movimentos: primeiro, as estrelas fixas giram em seus eixos e movimento rotatório; segundo, os planetas fazem o mesmo; terceiro, os planetas fazem mais do que isso: cada planeta "por si mesmo" (isto é, em momento distinto do movimento de todas as outras estrelas e planetas, assim como das "esferas") "gira de acordo com a amplitude e a profundidade obviamente referindo-se ao fato de que "se afasta ou se aproxima da terra; conforme se depreende de citação anterior. E essa profundidade do momento planetário, a que Proclo se refere especificamente como "de acordo com a amplitude e a profundidade", acrescenta literalmente uma nova dimensão a qualquer teoria do movimento planetário. Porque, quando se observa o céu por períodos prolongados, vê-se que os planetas parecem ficar menos mais brilhantes, conforme se "afastam ou se aproximam da terra", a descrição formal dos planetas que atuam, em termos de dimensão, em ângulos retos com suas aparentes revoluções está muito próxima de apontar para um ponto central de suas rotações, que seria algo diferente da Terra. Existia uma tradição de que Platão chegara a acreditar nisso, e tal tradição foi publicada por Aristarco de Samos (um astrônomo da primeira metade do século III a.C.) e defendida, em parte, por Heráclides de Ponto, amigo de Platão (século IV a.C). Sabemos que Proclo conhecia essa tradição. "Digamos, pois, que Heráclides Pôntico, auditor de Platão, seja dessa opinião; isso porque é atribuído a ele o movimento circular da Terra" (In Tim. II, 288). Em síntese, que a Terra gira em torno de outro centro, como o sol... "Mas, admita-se que Platão a tenha estabelecido como imóvel" (Ibid.) Assim, Proclo

admite a controvérsia e opta pela precaução no que se refere à rotação em torno do sol.

É fenomenal que Proclo, com um discernimento que nos é difícil compreender, atribua a todos os corpos celestes uma rotação em torno de seus próprios eixos. E sendo a Terra um corpo celeste, é admirável que Proclo se tenha aproximado da conclusão apropriada — de que a Terra gira e, por isso, parece que o céu gira ao nosso redor.

Aparentemente. Proclo acrescenta por vontade própria os outros movimentos — porque Platão parece mencionar apenas dois. Além disso, o texto de Platão é muito breve e velado para esclarecer exatamente o que queria dizer. Mas de uma coisa se pode ter certeza: Proclo empregou dezenas de milhares de palavras na exposição de todos os significados de Platão, em todas as áreas, além do âmbito atingido ou desejado pelo próprio Platão. Em relação a alguns assuntos, isso não é particularmente absorvente. Mas no que se refere a este tema, em especial, cada pedacinho de evidência é essencial para desvelar o significado pretendido nas afirmações de Platão.

Em um ensaio intitulado "Questões Platônicas", Plutarco ofereceu-nos uma evidência essencial de que Platão abandonou definitivamente suas antigas idéias geocêntricas, apesar da nervosa objeção de Proclo. Diz Plutarco na Questão VIII:

O que Timeu quer dizer [veja Timeu de Platão, 42D] quando diz que as almas se dispersam na terra, na lua e em outros instrumentos de tempo? A terra move-se como o sol, a lua e os cinco planetas, a cujos movimentos ele chama de instrumentos de tempo? Ou a terra é fixa em seu eixo do Universo; ainda que não seja construída para permanecer imóvel, mas sim para girar e revolucionar, conforme mostraram Aristarco e Seleuco antigamente? Aristarco somente supôs que assim fosse, e Selêuco afirmou-o positivamente? Teofrasto escreve como, ao envelhecer, Platão arrependeu-se do que havia proposto sobre a Terra estar situada no meio do Universo, onde não é o seu lugar.

(Plutarco continua então apresentando a sua própria opinião, ou

seja, de que a terra não se move.)

O testemunho de Teofrasto, aqui, é inatacável, mas provavelmente era desconhecido por Proclo, pois por volta de sua época as obras de Teofrasto já haviam se perdido. Teofrasto foi o sucessor de Aristóteles e diretor do Liceu em Atenas e uma fonte inquestionavelmente confiável; e Putarco não nos deixa em dúvida de que leu com atenção as obras reais de Teofrasto, o que torna inviável uma citação errônea ou um relatório de segunda mão, nesse caso.

Seleuco, aqui mencionado, era um matemático e astrônomo descrito por George Sarton, como segue: "Este babilônio era um seguidor de Aristarco de Samos. Seleuco é descrito de forma diferente por Giorgio de Santillana, que lhe confere outra nacionalidade em *The Origins of Scientific Thought (As Origens do Pensamento Científico)*, página 250: "Só conhecemos um [astrônomo] que adotou o sistema [de Aristarco], um século depois, Seleuco de Selêucia, um grego oriental do golfo Pérsico".

Não obstante, as visões de Platão sobre a posição da Terra no espaço são menos interessantes, em si mesmas, do que em relação à interpretação de Proclo nesse aspecto, e também em relação aos modernos historiadores da ciência, que tendem a encobrir a possibilidade de que Platão tenha adotado teoria heliocêntrica de uma Terra que gira, movendo-se em torno do sol, expressa de maneira obscura no *Timeu* e à qual Platão aderiu, de forma menos experimental, "ao envelhecer", tendo em mente que o próprio *Timeu* não é um dos primeiros trabalhos de Platão.

No mesmo ensaio, 29, de Plutarco, encontramos evidência de uma continuidade à crença de Platão, em seu pupilo Xenócrates de que os céus contêm mais de um elemento. Todavia, Proclo parece transcender muito à limitada teoria de Platão e Xenócrates aqui apresentada. O resumo das teorias de Xenócrates presumivelmente foi extraído de seu último estudo, em seis livros, *On Astronomy (Sobre Astronomia)*, excetuando-se seu último livro sobre *Things Pythagorean (Sobre as Coisas Pitagóricas)*. Xenócrates foi o dirigente da Academia por vinte e cinco anos até sua morte, com 82 anos em decorrência "dos efeitos de uma

queda sobre um utensílio, à noite", segundo nos conta Diógenes Laércio.

Existe prova clara de que Proclo, por si mesmo, não determinou um terceiro movimento em ângulos retos para a rotação, o qual, como vimos, não é mencionado por Platão. Realmente, encontramos uma referência a esse movimento no diálogo de Plutarco "Sobre a Face que Surge no Orbe da Lua", 24. Ele diz:

Nem a lua na realidade se move em um único movimento, mas é, como não gostariam de chamá-la, de Trivia, ou em Três Vias — realizando o seu curso de acordo com a extensão, amplitude e profundidade no Zodíaco; sendo o primeiro movimento o que os matemáticos chamam de rotação direta; o segundo é voluteante, ou em espiral oblíqua, e espiralando para dentro e para fora; e o terceiro (não sei por quê) é uma desigualdade; embora se veja que ela não possui um movimento uniforme, definido e certo, em todos os seus circuitos e reversões.

As expressões de Plutarco "os matemáticos o chamam" e "como não gostariam de chamá-la" deixam claro que ele faz referência a algumas obras não identificadas e hoje perdidas. A exposição de Plutarco não é tão clara como ele gostaria que fosse, e em passagem subsequente, outro orador se opõe a ela, por esposar uma teoria mais na moda então, pela qual eram as esferas que realmente se moviam, e com relação à lua: "alguns supõem que ela não se move por si mesma". E de interesse mais periférico que, nessa réplica, o orador também cite Aristarco de Samos, como envolvido na controvérsia relativa a um verso da *Iliada* de Homero, que Plutarco apresenta e que falta em nosso texto atual dessa obra; um verso que Crates* defende e ao qual Aristarco se contrapõe, descrevendo corretamente que o mar cobre "a maior parte da terra".

Mas, não nos afastemos muito de Proclo. E de volta a ele, todavia, quero mencionar sua influência sobre Johannes Kepler, o descobridor, no século XVI, das três leis do movimento planetário (as únicas que possuímos hoje). E nesse sentido tenho outra queixa a fazer: nenhuma outra obra importante de Kepler foi

traduzida para o inglês. Este fato é suficiente para levar alguém ao desespero. Quem se dispõe a abrir caminho por entre o latim medieval para ler Kepler — e quem é capaz? Mas o que tem a ver Kepler com Proclo? Bem, Kepler imergiu — na realidade, saturou-se — em Proclo. O leitor interessado pode consultar as páginas de encerramento de Harmonies of the World (Harmonias do Mundo) na Enciclopédia Britânica, vol. 16, Ptolemy, Copernicus and Kepler (Ptolomeu, Copérnico - Kepler) e constatar, por si mesmo. Ali, ele encontrará observações acerca de Proclo, sobre o qual diz Kepler: "Mas recentemente também reconhecemos ao hino de Proclo, o filósofo platônico, do qual muitas menções são feitas nos livros precedentes, e composto para o Sol e cheio de veneráveis mistérios" no contexto da especulação sobre "o que os antigos pitagóricos queriam dizer, em Aristóteles, que costumavam chamar o centro do mundo (referido por eles como o 'fogo', mas compreendido como o sol) de 'posto de observação' de Júpiter". Vemos aqui que Kepler, o grande precursor de Newton, estava encantado com os "veneráveis mistérios" de Proclo. Pergunta-se, à luz do que se sabe hoje e em breve se descobrirá, no final deste apêndice, a respeito das teorias de Proclo, que efeito tiveram elas sobre o próprio pensamento de Kepler?

Proclo estaria por trás de Kepler, da mesma forma que Aristarco por trás de Copérnico? Quando as obras de Kepler e Proclo estarão totalmente disponíveis em inglês, para que qualquer pessoa inteligente possa mudar a ideia, sem primeiro se tornar fluente no latim medieval, quase sempre altamente técnico? E, o que é mais importante: os grandes avanços da especulação cosmológica moderna teriam ocorrido por terem sido gerados de fontes antigas suprimidas e não ortodoxas, como Proclo e Aristarco. O "lado secreto" da antiga astronomia, dos pitagóricos a Proclo, realmente engendrou as origens de nossas cosmologias modernas? E a conclusão natural seria: se fosse este o caso, é certo então que há possibilidades de se fazer certas inovações, ainda bloqueadas pela supressão das fontes que poderiam ter dado origem a inovações até nos tempos antigos? Cortando a raiz de Kepler, seria realmente possível esperar que o ramo continuasse a florescer?

Se os fatos sobre as teorias de Proclo, apresentados nos apêndices, realmente passaram despercebidos pela maioria dos principais historiadores da ciência, dos quais geralmente dependemos para as informações, em segunda mão, sobre todos os fatos para os quais não dispomos de tempo para descobrir em primeira mão, então há algo claramente errado com o sistema. É preciso rever a dinâmica do processo. Caso contrário, continuaremos a dar voltas para baixo, achando que estamos nos elevando. Refiro-me aos meios e fontes de inspiração. Não questiono, em nenhum momento, que se fez grande progresso em muitas áreas. Mas insisto, com firmeza, que nosso sistema, no que se refere a buscar inspiração para teorizar sobre o cosmo, é insensato, por ser incompleto e, portanto, desequilibrado. Já deveríamos, a essa altura, ter formulado mais leis e princípios de movimento planetário. Mas é de bom-tom, aos que lêem os plágios de Kepler, de segunda mão, que o ridicularizem. Ele era um "louco". Não tentamos estudar seus meios e métodos de raciocínio ou nem reconhecemos a existência de muitas de suas mais importantes fontes. E uma delas era Proclo.

Os escritos de Proclo são tão volumosos que, confesso, não compilei de modo nenhum toda a exaustiva pesquisa sobre suas visões. Este Apêndice é simplesmente uma amostra. Mas, é claro, ainda não chegamos à mais surpreendente de todas as visões, que agora vamos considerar:

Os sombreamentos (dos planetas) são situações segundo as quais eles nos ofuscam e também às outras coisas. Isso porque, com a organização de um corpo após o outro, cada um é situado defronte ao que lhe é posterior. E... eles seguem um sob o outro.

Também ocorrem "suas ocultações embaixo do sol, bem como suas evoluções dentro da luz..." De maneira significativa, ele volta ao assunto:

Porque é necessário que ocorram periodicamente os fenômenos que nos fazem lembrar de suas naturezas invisíveis. Pois, esses instrumentos e sombras permitem-nos

começar a contemplação desses corpos celestes; e ainda por meio desses últimos nos vêm à lembrança as nossas circulações invisíveis.

Não é fácil saber a que Proclo se refere nessa passagem. Não é de se esperar que sua repentina passagem para essa alusão imensa, mas obscura, seja compreendida por todos — nem mesmo por aqueles "que não são totalmente ignorantes", segundo sua própria advertência na primeira frase de seu enorme volume. Essa obra de Proclo, em especial, é de leitura extremamente difícil e a tradução de Thomas Taylor não possui um índice ou qualquer forma de indicação de conteúdo, que ajude a localizar assuntos, nomes ou referências no texto. O texto grego de Lipsiae possui um índice, mas não há como fazer uma correlação com a tradução de Taylor, que dispõe de uma numeração textual.

Essa referência a "circulações invisíveis" diz respeito às circulações invisíveis das companheiras de Sírius? A resposta a essa pergunta não pode ser um "não" definitivo e a possibilidade deve ser seriamente considerada, quando lemos as seguintes opiniões de Proclo sobre In Tim., Livro IV (II, 281):

Quando, porém, Aristóteles indaga por que a esfera das estrelas fixas, sendo única, compreende muitas estrelas, e, no entanto em cada uma das esferas planetárias, que são muitas, só existe uma estrela, a solução para isso, segundo sua própria opinião, pode ser encontrada em seus escritos. Mas já dissemos algo a esse respeito e agora, em concordância com o que foi dito antes, afirmamos que cada um dos planetas é um mundo completo, compreendendo em si mesmo muitos gêneros que nos são invisíveis. A estrela visível, porém, tem o controle sobre todos esses,... em cada uma delas (esferas planetárias) existem estrelas invisíveis, que giram com as suas esferas; para que, em cada uma, exista a totalidade, além de uma principal à qual é atribuída uma livre transcendência... cada uma das esferas é um mundo', os teólogos também nos ensinam essas coisas, quando dizem que existem deuses em cada um, com ascendência sobre os demônios, estando alguns desses sob o controle de outros... por tudo isso, fica evidente

que sobre cada um dos planetas se afirma verdadeiramente que é o líder de muitos deuses, os quais conferem a totalidade à sua peculiar circulação.

Taylor, em nota de rodapé, corretamente, chama-a de "passagem extraordinária".

Em outra parte, Proclo diz (In Tim., II, 206): "Existem, portanto, outros animais divinos que escoltam as circulações dos planetas, sendo os seus líderes os sete planetas". Taylor acrescenta a essa passagem, em nota de rodapé: "E estes, como já observamos antes, são o que os modernos chamam de satélites".

Em outra de suas publicações, Thomas Taylor escreve, como introdução à sua tradução do próprio Timeu de Platão:

(Para) cada uma dessas esferas... como já expliquei, segue-se que cada planeta possui vários satélites que o circundam, de maneira análoga ao conjunto de estrelas fixas; e que cada esfera é cheia de deuses, anjos e demônios, subsistindo segundo as propriedades das esferas onde residem. Essa teoria, de fato, é a grande chave para a teologia dos antigos, e nos mostra, na sua opinião, por que com tanta freqüência o mesmo deus é celebrado com os nomes de outros deuses; o que levou Macróbio anteriormente a pensar que todos os deuses nada mais fossem que os diferentes poderes do sol, induzindo os modernos cegos e superficiais a estruturar hipóteses, referentes à antiga teologia, tão ridículas que só merecem ser consideradas como delírios de um insano, ou concepções indisciplinadas de uma criança. Mas para que o leitor se convença disso, deixe que leia as passagens extraordinárias, a seguir, dos divinos comentários de Proclo sobre o Timeu. E, em primeiro lugar, que todo planeta é escoltado por vários satélites, é evidente pela seguinte citação: "Existem outros animais divinos que escoltam as circulações dos planetas, sendo os seus líderes os sete planetas, e eles giram e retornam a suas circulações em conjunto com seus líderes, da mesma forma que as estrelas fixas são regidas pela circulação da esfera infalível" [p. 279]... E no mesmo lugar ele nos informa que a rotação desses satélites é semelhante à dos planetas aos quais escoltam: e isso, que ele menciona pouco antes, está de acordo com a rotação em

espiral de Platão... (e) "quase todo planeta possui vários (satélites)... todos eles subsistindo com as suas próprias circulações" [página 275].

O leitor deverá notar que Thomas Taylor descreve esse conhecimento como "a grande chave para a teologia dos antigos". Sabemos, por um fragmento de Damáscio, - o neoplatônico que "os filósofos egípcios, que residem entre nós** explicaram sua verdade oculta, e a obtiveram de certos discursos egípcios. Segundo eles, então, parece ser o caso. O princípio do Uno do Universo é celebrado como as Trevas Desconhecidas e isso é pronunciado três vezes como..." Mas seja de onde for que venha a informação, o fato é que Proclo e seus colegas neoplatônicos acreditavam que os segredos finais da religião se referiam a duas coisas: as "Trevas" invisíveis e as circulações invisíveis de certos corpos celestes, alguns dos quais eram não esotéricos o suficiente até para serem especificados, como é o caso dos satélites de nosso sistema planetário. Proclo fez uma exposição sobre a fonte desse conhecimento a partir do "rumor sagrado" que se refere às "circulações invisíveis" também na página 247 de In Tim., II.

Uma vez que Proclo descreve especificamente as órbitas dos corpos celestes com suas "circulações" (escolha de Taylor do termo em inglês), na passagem do In Tim., II. 281, as "circulações invisíveis" mencionadas por ele devem ser as orbitas invisíveis dos corpos celestes; além disso, ele também menciona a existência de corpos celestes invisíveis. Portanto, quais seriam essas órbitas invisíveis de corpos celestes invisíveis tão importantes que, segundo Proclo, "nos permitem começar a contemplação desse corpos celestes" e vice-versa? Este não é um pensamento curioso? Estaria ele possivelmente tentando dizer que existem órbitas invisíveis tão importantes que, se contrapostas às órbitas visíveis, em relação à importância, uma complementar a outra, até mesmo na própria base de nossa capacidade de contemplar o céu?

A chave para o parágrafo de Proclo II, 281 é a expressão: "Os teólogos também nos ensinam essas coisas" porque, nessas

palavras, Proclo identifica firmemente essas idéias com a tradição teológica, em oposição à filosófica, e portanto vinculada a uma ou mais religiões. Esta é exatamente a evidência de que precisávamos. Por serem essas religiões de mistério, por nós conhecidas, contêm a essência do mistério de Sírius, como sua doutrina secreta. Além disso, como já vimos anteriormente, Proclo procurava interpretar Platão em termos de uma tradição esotérica à qual o próprio Proclo estava ligado diretamente, como iniciado que era.

Assim, vemos que Proclo acreditava existirem "estrelas" invisíveis, que acompanhavam os planetas, e cada um desses planetas era um mundo. E a estrela visível, que é o planeta, "tem o controle" sobre os satélites invisíveis em cada caso. Como é semelhante ao sistema de Sírius! E conforme vimos no Capítulo Dois deste livro, os dogons também conheciam as luas de, pelo menos, um dos planetas, de modo que parece provável que o conhecimento pertinente tenha sido parte integrante do mistério de Sírius. Podemos então concluir que Proclo pode ser mais um a ter o conhecimento do mistério de Sírius?

Proclo é mais específico em relação às luas planetárias de outras partes. Em sua obra, a *Platonic Theology*' (Teologia Platônica), Capítulo XIV do Livro VII (Vol. II, páginas 140-141, da tradução de Taylor), lemos:

Mas os planetas são chamados de Governadores do mundo (cos-mocratas) e a eles é atribuído um poder total. Quando uma esfera infalível também possui vários animais estelares, então cada um dos planetas é o líder de inúmeros animais, ou de certas coisas desse tipo... Em cada uma das esferas planetárias, portanto, existem vários satélites análogos ao conjunto das estrelas fixas, subsistindo com as próprias circulações. Também a rotação desses satélites é semelhante à dos planetas que eles acompanham: e esta, segundo Platão, é uma rotação em espiral. Também em relação a esses satélites, os primeiros, na ordem, com relação a cada planeta são os deuses, depois destes, os demônios giram em corpos orbiculares lúcidos e, estes, são

seguidos por almas parciais, como as nossas.

Taylor comenta, em nota de rodapé em In Tim., Livro IV (II, 299): "Porque 'as sucessivas naturezas' das estrelas são, evidentemente, os seus satélites, que foram mencionados mais de uma vez por Proclo". Na mesma página, uma segunda nota de rodapé acrescenta: "Do que foi dito por Proclo, parece que as estrelas fixas, assim como os planetas, possuem satélites, e as estrelas que às vezes são visíveis, e em outras ocasiões desaparecem, enquadram-se nessa descrição".

Isso nos aproxima extremamente de uma afirmação direta dos princípios do mistério de Sírius — mas sem quaisquer nomes. Essas notas de rodapé são relativas à passagem que se segue à apresentada um pouco antes, a qual foi considerada, primeiramente, a referência de Proclo às "circulações invisíveis". É interessante notar que a passagem está na forma de um comentário sobre uma passagem específica no Timeu de Platão (40-c), que não só é uma das mais obscuras e insanas em toda a obra de Platão ("Não espere que eu explique esses mistérios", queixa-se um confuso George Sarton, página 451, op. cit.), mas uma passagem em que Proclo cita, incluindo as palavras desconhecidas do texto oficial da atualidade!

E até mais curioso ainda que as palavras "perdidas", citadas por Proclo, sejam: kai ta toutois ephexes, das quais Taylor diz: "Essas palavras, no entanto, não serão encontradas no texto de Platão, mas constituem um notável acréscimo a ele". Taylor deveria saber, uma vez que traduziu anteriormente todos os diálogos de Platão, até mesmo esse.

Uma vez que Proclo era dirigente da Academia, talvez tenha suposto possuir uma cópia confiável do texto de Platão em sua biblioteca. Se não dispusesse de uma cópia confiável do texto de Platão, na própria Academia, o que ele considerava texto confiável? Portanto, essas palavras devem ser consideradas uma versão possivelmente correta e com probabilidade de ser acrescentada ao texto aceito atualmente pelos estudiosos dos clássicos. O significado das palavras é traduzido por Taylor como "as sucessivas naturezas" — sejam sucessivas às estrelas.

Não creio que seja uma coincidência que nossa pesquisa de dados relevantes sobre o mistério de Sírius na obra de Proclo nos tenha conduzido a fragmentos perdidos do texto do diálogo Timeu de Platão. É uma ilustração da natureza controvertida de nosso assunto, tão notável quanto quaisquer "acidentes", já encontrados em nosso livro, o fato de que essas palavras tenham sido retiradas do diálogo e de todo o conjunto da obra de Platão, que por outro lado é muito bem documentada por inúmeros comentários e citações, no decorrer dos séculos. Nosso mistério de Sírius não está nos decepcionando. Cada assunto pertinente abordado de repente se transforma em um espelho de distorções em um parque de diversões. Nada do que parecia acomodado e estabelecido permanece em sua forma original. Até o sólido texto de Platão começa a tremer como uma geléia viva. De tantos assuntos ossificados, pequenas criaturas misteriosas rastejaram, realizando danças desrespeitosas no local, indicando que esses temas não queriam permanecer deitados e declarados mortos. Eles estão vivos. Dentro deles, os silfos e os segredos brilham. Não podemos forçá-los a se transformar em pedra.

Parece claro que as quatro palavras abandonadas provavelmente foram retiradas para evitar as enormes conseqüências que se seguiriam se fossem conservadas: o próprio Platão, ainda que não particularmente familiarizado com a astronomia, em um sentido profissional ativo, parecia ter alguns vínculos com a tradição que, por ser esotérica, talvez não fizesse sentido fora de um contexto de "mistério" secreto. Isso é verdadeiro, tenha ou não Platão escrito as passagens, ou inserido o estudo pitagórico, o que já foi proposto (veja adiante).

O diálogo de Platão, Timeu, sem dúvida é o mais difícil e estranho dentre os escritos platônicos. O Epinomis é o mais estranho, porém parece ter sido escrito pelo discípulo de Platão, Filipe de Opus. Ele trata as estrelas como seres divinos. Examinemos algumas observações relativas a esse estranho trabalho, extraído de George Sarton (op. cit.): "Existe mais tradição oriental no Timeu que sabedoria grega" (página 423, nota). "O absurdo astrológico que tanto mal causou ao mundo ocidental e ainda está

envenenando pessoas de mente fraca, hoje, derivou do Timeii e a própria astrologia de Platão foi uma ramificação da astrologia babilônia. Para fazer justiça a Platão, deve-se acrescentar que a sua própria astrologia continuou serena e espiritual, não se degenerando em mera adivinhação" (página 421). "A influência do Tifneu em períodos posteriores foi enorme e, essencialmente, má" (página 423). "Muitos estudiosos se iludiram aceitando as fantasias desse livro como verdades evangélicas. A desilusão impediu o progresso da ciência e o Timeii continua a ser até hoje uma fonte de obscuridade e superstição" (página 430).

Essas são palavras fortes. O Timeu, obviamente, provoca reações violentas em alguns! Vemos aqui Sarton, um dos historiadores da ciência mais distintos e respeitáveis que já existiu, em seu delírio histórico de que o "maléfico" Timeu era o responsável por "impedir o progresso da ciência". As visões de Sarton sobre Platão em geral são incrivelmente violentas e hostis ainda que muitas de suas críticas a Platão pudessem ser bastante válidas e razoáveis, se não tivessem propósitos prosaicos. E certamente verdade que nas teorias de Platão havia muitas falhas, em especial nas políticas consideradas corretamente tão repulsivas por Aristóteles, despertando fúria de Sarton e superando suas críticas ao pobre Timeu. Mas isso é comum entre estudiosos especializados. Eles precisam refrear-se, a maior parte do tempo, a fim de manter o equilíbrio profissional e o "tratamento objetivo". Mas a máscara pode fraturar-se, projetando um nervo inflamado.

Mas em relação à perplexidade ou ira que o Timeu parece provocar e muitos que tentam estudá-lo, devemos perceber que é provavelmente verdadeira a tradição pela qual a principal porção do diálogo, que consiste em e tenso discurso do personagem chamado Timeu sobre a natureza do Universo não foi realmente escrita por Platão, mas inserida por ele como as palavras um personagem, aparentemente imaginário (ou disfarçado), porque muitas fontes antigas afirmaram que essa parte do diálogo, na realidade, era um estudo pitagórico que Platão obteve durante uma de suas visitas à Sicília. Em vez de o estudo desaparecer na obscuridade, afirma-se que Platão introduziu-o como a

contribuição de um personagem ao diálogo, usando a discussão dos outros personagens como um meio de ressaltar a própria vantagem. E, supostamente, esse estudo pitagórico contém as informações que nos interessam relativas ao mistério de Sírius. E quanto aos pitagóricos, eles representaram a comunidade sagrada e uma tradição de mistérios enraizada no Egito e na Babilônia (países onde, diziam, Pitágoras fora iniciado nos mistérios).

Devo ao leitor a revisão da evidência de que a passagem do Timeu nos interessa: além disso, é nessa mesma passagem que se fundamenta o comentário de Proclo, referindo-se aos corpos celestes, mas nem mesmo foi escrita por Platão. Portanto, cito o Livro VIII, 85, da obra *Lives of Eminent Philosophers* (Vidas de Filósofos Eminentíssimos) de Diógenes Laércio. da primeira metade do século III d.C. (tradução da Loeb Library):

De acordo com essa tradição de que o tratado incorporado ao Timeu platônico era de origem pitagórica — e presumivelmente teve sua origem no Egito e na Caldéia (Babilônia) —, podemos ler as interessantes observações de Proclo, em *In Tim.*, Livro IV (II, 273), a seguir:

Os egípcios antes de (Hiparco e Ptolomeu) pelo emprego de observações, e ainda antes dos egípcios, os caldeus (babilônios), que foram ensinados pelos deuses, antes das observações, tinham uma opinião semelhante à de Platão, referente ao movimento das estrelas fixas. Isso porque os Oráculos, não só uma vez, mas com freqüência, falam da progressão das estrelas fixas.

Note a expressão em destaque "ensinados pelos deuses, antes das observações". Isso ressalta o aspecto da tradição compartilhada "pelos deuses" com os homens, e depois continuou em concordância com as observações feitas pelos antigos egípcios. Sem proceder a uma minuciosa discussão sobre o pitagorismo, orfismo e sobre o que Proclo chama de "os Oráculos", espero que o leitor tenha reunido idéias suficientes sobre o ponto principal da questão.

Vemos que Proclo, usando uma base fraca, porém substancial do

aparentemente antigo livro pitagórico de Platão, *On Nature* (Sobre a Natureza), preservado no *Timeii*, insistia em dizer que os planetas tinham luas, que as estrelas também tinham satélites, assim como existiam corpos celestes invisíveis no espaço com órbitas visíveis e que eram, de alguma forma, de imensa importância para nós, e que "os deuses" instruíram os povos antigos do Oriente Médio sobre esses fatos astronômicos, preservados com tradições "pitagóricas e órficas" no mundo grego. Disse ainda que os epiciclos e outros dispositivos da moda, para explicar os movimentos astronômicos, eram um absurdo total, que as "esferas" não giravam, mas só os planetas, e sugeriu a rotação da Terra sobre seu próprio eixo.

Proclo, um conhecido iniciado nos cultos de mistérios dos egípcios e babilônios, também tinha ligação especial com os ritos que envolviam Hécate, a deusa que sabemos ser uma forma da estrela Sírius. Portanto, pode-se concluir que Proclo é de possível interesse para nós, em nossa busca inexorável do mistério de Sírius, porque talvez tenha conhecido seus segredos fazendo uso dos princípios dessa tradição secreta pelos meios indiretos de seus escritos mais gerais — aludindo de forma ampla a "órbitas invisíveis" sem especificá-las, e insistindo em sua importância, sem dar razões realmente satisfatórias. Ao que parece, ele tentou transmitir os princípios sem quebrar os votos sagrados de não revelar as particularidades do caso. Por ser extremamente religioso, sabemos, por seu caráter, que ele honraria tais votos. Mas, sendo apaixonadamente dedicado em tomar conhecidos os princípios gerais do Universo, ele teria feito exatamente o que fez — contou-nos a história sem dar os nomes dos personagens.

Um estudo mais cuidadoso de Proclo, no futuro, certamente seria gratificante. (Este foi realizado agora por alguém que leu o meu apelo. Veja "Post scriptum, 1997, H", no final do Apêndice). Há, certamente, outras passagens em suas obras que ainda precisam ser abordadas. Mas vimos que é preciso também reexaminar Platão, pois Proclo mostrou que o *Timeu* é um trabalho mais misterioso do que poderiam suspeitar os estudiosos. Entretanto, vê-se que a rede do mistério de Sírius se difunde de forma mais

ampla por meio das antigas tradições e pela literatura de todas as eras.

Dois contemporâneos de Proclo, chamados Macróbio e Marciano Capella, também escreveram teorias astronômicas avançadas sendo ambos também da tradição neoplatônica. Defendiam a noção de que a Terra girava em torno do sol. Quando três pessoas, em uma tradição, de uma só época, escrevem e discutem dados tão avançados, pode-se então afirmar que existe um ambiente favorável para tanto. Mas, é claro, os historiadores da ciência ainda não chegaram a notar esse algo pequeno e inconveniente. Nem mesmo se preocuparam em nos informar muito a respeito de Johannes Scotus Eriugena (também conhecido como John, o escocês, ou Erigena, que é uma grafia errônea) do século IX d.C, promulgador das teorias de Macróbio e Marciano Capella, na corte de Charles, o Calvo, e escreveram uma enorme obra filosófica intitulada *Periphyseon* (Perifísio), com meio milhão de palavras. Esta última obra está sendo agora publicada lentamente, em inglês, pelo governo irlandês, que decidiu que Eriugena (que significa "de origem irlandesa") foi um de seus maiores filhos e era preciso fazer o máximo possível por ele. Ai de mim! Se, pelo menos, Proclo tivesse nascido na Irlanda, talvez fosse a única maneira de publicar essas obras — ou mesmo em inglês. Será quem poderia inventar mais alguns pequenos países em busca de filhos para depois fazer a sua distribuição? Assim, quem sabe, poderíamos fazer uma revitalização cultural.

As obras de Macróbio estiveram disponíveis, em inglês, por muito tempo: *Commentary on the Dream of Scipio* (Comentário sobre o Sonho de Cipião), traduzido por William Harris Stahl, Número XLVIII da *Records of Civilization: Sources and Studies*, Columbia University Press, Nova York, 1952 (esta é a obra relevante para o nosso tema; o Apêndice A de Stahl fala sobre a teoria heliocêntrica e dá muitas referências a esse discutido tema); *The Saturnalia*, traduzido por Percival Vaughan Davies, Columbia University Press, Nova York, 1969 (uma obra fascinante, mas não relevante para as teorias heliocêntricas). Em

1983, publiquei uma discussão de "The Dream of Scipio" (o Sonho de Cipião) e o Comentário de Macróbio como Introdução a The Dream of Scipio (Somnium Scipionis), Studies in Hermetic Tradition, Volume 5, The Aquarian Press, Wellingborough, R.U., 1983, pp. 7-17; quero aproveitar esta oportunidade para corrigir um erro de impressão ressaltando que na publicação da tradução de Stahl a data informada de 1955 estava errada, sendo a correta 1952.

Um livro sobre Heráldica (contemporâneo de Aristóteles, século IV a.C.) também foi publicado: Gottschalk, H. B., Heralcides of Pontus, Oxford University Press, 1980. Nesse livro, Gottschalk refere-se à teoria heliocêntrica como o "sistema filolaico" (página. 83), segundo o filósofo pitagórico Filolau (nascido em aproximadamente 470 a.C. no sul da Itália), que foi o primeiro pitagórico a publicar a teoria de que a Terra não estava no centro do Universo, mas girava em torno de um "fogo" central. Como já mencionado, muitas vezes foi sugerido que o famoso diálogo Timeu, de Platão, foi quase todo escrito por Filolau, e que Platão simplesmente tivesse incorporado o extenso tratado cosmológico em um diálogo de sua autoria, sem a intenção de cometer um ato real de plágio, na época, mas como uma homenagem e para que a idéia circulasse de forma mais ampla. Entretanto, ainda que bem compreendido pelos membros da Academia de Platão, na época (e nosso mais antigo registro sobre uma discussão pública do tratado é do aluno de Aristóteles, Aristoxeno), mais tarde certamente surgiram mal-entendidos quando, por um lado, os admiradores de Platão não queriam admitir que ele o teria pegado emprestado de alguém e, por outro, os que lhe queriam mal usaram o fato para difamá-lo sob a acusação de plágio. Heráclides acreditava que o Universo era infinito e sugeriu que as estrelas eram mundos completos, com uma "terra" circundada por atmosfera, e Gottschalk acredita (página 82) que Heráclides, provavelmente, sugeria que todas essas "terras" eram habitadas, embora esses comentários tenham se perdido, sobrevivendo apenas alguns fragmentos das obras de Heráclides, mas existem registros desse filósofo, segundo os quais ele teria afirmado — seriamente ou

como zombaria — que "o homem caiu da lua" (página 82). Ele também acreditava que a Terra girava sobre seu próprio eixo em um dia sinódico (com quatro minutos a menos que o dia solar) e que os planetas Mercúrio e Vênus giravam em torno do sol (página 82). Gottschalk dá muitas referências.

As interpretações das afirmações dos antigos variam muito. Mas nada poderia ser mais específico que as afirmações de Marciano Capella: "...Vênus e Mercúrio não giram em torno da Terra... Vênus e Mercúrio, que com nascimentos e poentes diários, não se deslocam em torno da terra mas sim circundam o Sol em revoluções mais amplas. O centro de suas órbitas está estabelecido no Sol".

É impossível dizer que Marciano Capella afirme outra coisa senão: que Mercúrio e Vênus têm um sol no centro de suas órbitas. Macróbio é um pouco mais vago. Ele diz: "A esfera em que o Sol se desloca é circundada pela Esfera de Mercúrio, que está acima dela, e também pela esfera ainda mais elevada de Vênus." Não obstante, é óbvio que ele se refere à mesma teoria, de que os planetas Mercúrio e Vênus orbitam em torno do Sol.

O diálogo *Epinomis*, que sobreviveu na coleção dos diálogos de Platão, também contém uma referência sobre as órbitas dos planetas Mercúrio e Vênus em torno do Sol, ainda que geralmente pouco notado pelos historiadores da ciência. O *Epinomis* foi sinceramente escrito por alguém que não era um escritor. É desajeitado e grosseiro não é bem-sucedido na apresentação do que pretende dizer. Porém, foi escrito por um seguidor sincero ou admirador de Platão com acentuadas inclinações pitagóricas, possivelmente durante a vida do filósofo. Benjamin Jowett, o principal tradutor de Platão, excluiu-o de sua tradução da *Collect Works of Plato* (Obras Reunidas de Platão) por estar muito evidente que é de outra pessoa. Porém, uma tradução do *Epinomis* pode ser encontrada na edição vitoriana do *Works of Plato*, em inglês, publicada pela Bohn's Classical Library (um precursor da Loeb Classical Library de hoje). O estudioso alemão, Boeckh, sugeriu que o *Epinomis* havia sido escrito por um membro da Academia de Platão, chamado Filipe de Opus (ou Opuntium).

Essa afirmação geralmente é aceita. Ostensivamente, o *Epinomis* pretendia ser uma continuação da última obra de Platão, *Leis*. O estudioso J. N. Findlay está preparado até para acreditar que Platão realmente tenha escrito o *Epinomis*, pouco antes de morrer e que Filipe de Opus o tenha publicado. Possivelmente, Filipe, que não era escritor, compilou-o com base nas anotações de Platão, e acrescentou o seu próprio "ângulo". Findlay ressalta que o diálogo faz uma profunda sugestão: a do uso de números irracionais na matemática. Outra característica importante do diálogo é a preocupação com as estrelas e planetas, além de sua insistência em que esses corpos celestes são seres vivos e divinos, comentando: "Agora, para demonstrar que estamos simplesmente dizendo que eles possuem uma alma, consideremos primeiro o seu tamanho, pois não são, na realidade, tão pequenos como parecem, mas cada um é um volume imenso, sendo essa afirmação digna de crédito, por ser admitida por meio de competentes demonstrações. Isso porque é possível conceber corretamente que o Sol, em sua inteireza, é maior que a Terra e todas as estrelas, que surgem ao longo [ele parece referir-se aos planetas, embora adiante deixe claro que acredita que todas as estrelas também sejam grandes], também possuem um tamanho magnífico". Mas, para os nossos propósitos, a passagem mais interessante trata da "estrela que gira com igual velocidade do Sol e [Vênus] tem o nome... de Mercúrio". Com isso, o escritor refere-se, de modo um tanto grosseiro, a teoria de que Vênus e Mercúrio são heliocêntricos. Acho válido ressaltar isso por ter sido muitas vezes omitido.

Resumo

O que Proclo Sabia:

1. A teoria ptolomaica dos céus é totalmente errada.
2. A lua é composta de "terra", e por estar colocada em uma situação celestial, é "terra celestial".
3. São os próprios planetas que giram, e não as suas "esferas". Eles giram "dentro de suas esferas (ou órbitas)".

4. Todas as estrelas giram sobre seus próprios eixos.
5. Todos os planetas giram sobre seus próprios eixos.
6. Os planetas "se afastam ou se aproximam da Terra" em suas revoluções.

7. Os céus contêm os quatro elementos, em proporções variáveis, mas isso ocorre segundo um "modo ígneo". O "fogo" nas estrelas é diferente do fogo terrestre, sendo mais apropriadamente "energia". (O fogo da Terra é uma forma escura e degradada do fogo verdadeiro, ou segundo expressão de Proclo: "os detritos e sedimentos do fogo".)

Quando escrevi o Apêndice precedente (como Apêndice I) da primeira edição deste livro Proclo não recebia realmente nenhuma atenção. O clima da opinião agora mudou consideravelmente: a área dos estudos clássicos tomou-se menos formalista. Isso se deve, em parte, ao desaparecimento, por óbito, de uma geração de estudiosos que foi substituída por uma geração de mente mais aberta.

Um jovem chamado Lucas Siorvanes leu este Apêndice, no final da década de 1970, e decidiu investigar o mistério do conhecimento astronômico de Proclo. Isso levou Lucas a estudar grego e, por fim, fazer uma tese sobre ele. Acho que tive notícias de Lucas por volta de 1979, quando ele me escreveu, e o incentivei muito a ir até o fim da questão. Por muitos anos, ele tentou encontrar um editor para publicar seu estudo sobre Proclo, e inicialmente eu persuadei meu amigo Colin Haycraft, diretor da Duckworth, a publicar o livro. No entanto, anos de frustração ainda pesaram sobre Lucas, e Colin também não publicou a obra, como se supunha. Foi só em 1996 que finalmente Lucas conseguiu publicar seu livro pela Edinburgh University Press. Segundo suas palavras, na Introdução, é o primeiro livro sobre Proclo, publicado desde 1949. Intitulado *Proclus: Neo-Platonic Philosophy and Science* (Proclo: Filosofia e Ciência Neoplatônica), é uma pesquisa bastante extensa sobre a obra de Proclo. O único lugar em que sou mencionado é na nota de rodapé número 4, na página 312, onde *O Mistério de Sírius* é citado timidamente.

O tema dos satélites invisíveis acaba por ser absorvido em um

estudo de toda a obra de Proclo, contudo a seção no livro de Lucas que aborda o assunto é encontrada nas páginas 268 a 271 (duas páginas e meia, dentre 340!). Lucas inclui traduções recentes e passagens adicionais, assim como alguma discussão. Ele comenta:

Os planetas e as estrelas fixas não são os únicos objetos no espaço. Segundo Proclo, os planetas possuem satélites, companheiros normalmente invisíveis a olho nu porque o brilho do corpo celeste, ao qual se vinculam, ofuscam-nos. Esta é a essência de uma das mais notáveis conclusões de Proclo. Parece significar que ele se antecipou, bem antes da observação pioneira de Galileu da lua de Júpiter, sobre a existência de satélites.

Ele acrescenta:

Dizem que os satélites são eclipsados pelo brilho da estrela principal... A existência de satélites nos céus circulando ao redor dos planetas continua a ser um dos mistérios da especulação metafísica... Proclo confere aos planetas uma rotação sobre seu próprio eixo, além de sua revolução orbital.

Proclo foi muito avançado em suas noções sobre os corpos cósmicos em geral:

Proclo rejeita as esferas sólidas, cujas rotações combinadas podem produzir as órbitas desejadas. Seus objetos celestes são dinâmicos... as esferas não são corpos sólidos, mas sim regiões do espaço... os corpos celestes se movem por si mesmos. Eles se movem por meio de seu próprio poder. Os corpos celestes deslocam-se sem qualquer impedimento, mas também sem suporte físico, pelo meio celeste. Eles não precisam de esferas cristalinas, ou epiciclos, para os levar em seu giro. Nesse sentido, a teoria de Proclo sobre o movimento celeste... antecipa o surgimento da dinâmica celeste moderna.

Embora Lucas só dê uma atenção superficial à questão dos

satélites invisíveis que, originalmente, inspiraram sua pesquisa, seu trabalho realmente esclarece qualquer outro aspecto do assunto. Não ficou evidente nas traduções de Thomas Taylor se Proclo teria deixado claro que os satélites cósmicos são eclipsados pela luminosidade de estrelas brilhantes da vizinhança. Esta afirmação é a mais surpreendente, até mais que a sugestão de que os planetas possuem luas. Isso porque parece uma referência direta e específica a Sírius B, um satélite (ainda que estelar) eclipsado pelo brilho da estrela Sírius A. Além disso, Proclo afirma explicitamente, como os dogons, que os satélites de que fala são invisíveis a olho nu.

Pode-se, portanto, afirmar com segurança que o foco se amplia!

Apêndice III

Os Fragmentos Sobreviventes de Berosso

Nota: Os fragmentos a seguir estão sendo publicados pela primeira vez, desde 1876, para que se tomem facilmente disponíveis ao leitor. Lamentavelmente, o texto original em grego não foi incluído, mas pode se encontrado em Cory, *The Ancient Fragments* (Os Antigos Fragmentos). Esses fragmentos antigos apresentam narrativas sobre a antiga tradição babilônia de que a civilização foi originalmente estabelecida por sere anfíbios, conhecidos como Oannes, Musarus ou Annedotus (em grego) Essa tradição está em concordância espantosa com a tradição dogon do Nommos anfíbios, ou "Monitores", que vieram do sistema de Sírius para estabelecer a civilização na Terra.

DE APOLODORO

Sobre os Reis Caldeus

Esta é a história que nos foi transmitida por Berosso. Ele nos contou que o primeiro rei foi Aloro da Babilônia, um caldeu; ele reinou dez saros (um sari equivale a 3.600 anos); e, em seguida, Alaparo, e também Amelo: que veio de Pantibblon: Amenon, o caldeu em cuja época apareceram Musarus Oannes, o Annedotus do mar da Eritrêia. (Mas Alexandre Poliísto: prevendo o evento, disse que ele apareceu no primeiro ano; porém de Apolodoro que foi depois de quarenta saros; Abideno, no entanto, afirma que o segundo Annedotus apareceu depois de vinte e seis saros.) Então Megalaro, da cidade de Pantibblon, sucedeu-o, reinando dezoito saros: em seguida, Daono, o pastor de Pantibblon, reinou dez saros; em seu tempo (diz ele) apareceu novamente do mar da Eritrêia um quarto Annedotus, com a mesma forma dos anteriores, a forma mista de peixe e homem. Então reinou Euedoresco de Pantibblon, pelo período de dezoito saros; em seus dias, apareceu ali outra personagem como o precedente, com a mesma forma complicada de peixe e homem, cujo nome era Odacon. (Tudo isso, diz Apolodoro, estava relacionado em especial e de maneira circunstancial a tudo o que Ihes havia informado Oannes; o que Abideno não mencionou.) Depois, reinou Amempsino, um caldeu de Laranchae, e sendo o oitavo na ordem de sucessão, reinou por dez saros. Em seguida, reinou Otiartes, um caldeu de Laranchae, e seu reino durou oito saros. Com a morte de Otiartes, seu filho Xisutro reinou por dezoito saros; em sua época ocorreu o grande dilúvio. A soma de todos os reis é dez e os períodos de seus reinados totalizam cento e vinte saros. — Syncel Chron. 39. Euseb. Chron. 5.

DE ABIDENO

Sobre os reis caldeus e o Dilúvio

Em grande parte se refere à sabedoria dos caldeus. Afirma-se que o primeiro rei do país foi Aloro, o qual, segundo diziam, foi designado por Deus para ser o Pastor do povo: ele reinou por dez

saros: atualmente, estima-se que um sarus [saros'] seja equivalente a 3.600 anos; um neros, seiscentos anos e um sossus, sessenta anos.

Depois dele, Alaparo reinou durante três saros: sucedeu-o Milaro da cidade de Pantibiblon, que reinou durante treze saros: naquele tempo, um semidemônio, chamado Annedotus, muito parecido com Oannes, surgiu uma segunda vez do mar; depois dele, Amenon, que era da cidade de Pantibiblon, reinou doze saros e em seguida, Megalero da mesma localidade reinou durante dezoito saros então Daos, o Pastor, governou durante dez saros; ele era de Pantibiblon; nessa época, saíram do mar quatro indivíduos de rosto duplo e vieram para a terra; seus nomes eram: Euedoco, Eneugamo, Eneuboulo e Anemento: depois disso, veio Anodafo na época de Euedoresco. Houve, em seguida, outros reis, sendo Sisitro o último; de modo que o número total foi dez reis e seus reinados duraram cento e vinte saros. (E, entre outras coisas, de relevância para o tema, ele continua com relação ao Dilúvio.) Depois de Euerdoresco alguns outros reinaram e, em seguida, reinou Sisitro. A divindade Crono vaticinou-lhe que no décimo quinto dia do mês de Desio haveria um dilúvio e ordenou que ele depositasse todos os escritos em seu poder, na cidade de Sun em Sippara. Sisitro, após cumprir o que lhe foi ordenado, navegou imediatamente para a Armênia, sendo então inspirado por Deus. Durante a prevalência das águas, Sisitro soltou pássaros, para que assim pudesse julgar se as águas haviam baixado. Porém, os pássaros, ultrapassando o mar sem limites e, sem encontrar onde pousar, voltaram para Sisitro. Isso se repetiu mais uma vez. Quando, à terceira tentativa, os pássaros tiveram êxito, pois ao voltar tinham lama nas patas os deuses se fizeram interpretar diante dos homens. No que se refere embarcação, que ainda permanece na Armênia, é costume dos habitantes fazer braceletes e amuletos com sua madeira. — Syncel. 38. — Euse Praep. Livro 9. — Euseb. Cron. 5.8.

Sobre a Torre de Babel

Eles dizem que os primeiros habitantes da terra, para glorificar a própria força e tamanho, e em desprezo aos deuses, começaram a levantar uma torre cujo topo deveria alcançar o céu, no lugar onde hoje se situava Babilônia; mas quando se aproximavam do céu, os ventos ajudaram os deuses, fazendo desabar a obra sobre seus planejadores e, segundo dizem, suas ruínas encontraram-se na Babilônia e os deuses introduziram a diversidade de línguas entre os homens que, até aquela época, falavam a mesma língua, tendo início uma guerra entre Cronos e Titã; porém o lugar onde construída a torre é agora chamado de Babilônia, por causa da confusão das línguas; porque a confusão é chamada pelos hebreus de Babel. — Ew Praep. Evan. Livro 9. — Syncel. Cron. 44. — Euseb. Cron. 13.

DE ALEXANDER POLIÍSTOR

Sobre a cosmologia e causas do Dilúvio

Berosso, em seu primeiro livro referente à história da Babilônia, informa-nos que viveu na época de Alexandre, o filho de Filipe. Ele menciona que haviam sido escritas narrativas preservadas com muito cuidado da Babilônia, compreendendo um período de quinze incontáveis anos [15 vezes 10 mil equivale a 150 mil anos.] Esses escritos continham uma teoria dos céus e do mar; do nascimento da humanidade; também dos detentores do poder soberano e das ações realizadas por eles.

E, em primeiro lugar, ele descreve a Babilônia como um país situado entre o Tigre e o Eufrates. Menciona que ali o trigo, a cevada eram abundantes e, nos lagos, eram encontradas raízes chamadas gongae [em grego, a palavra gongyllis é nabo], bons para serem comidos e no que se refere à nutrição, eram como a cevada. Havia tantas palmeiras e árvores, além de vários tipos de frutas, peixes e pássaros, destes últimos, havia os que simplesmente voavam e os que viviam no elemento água. A

porção da Babilônia que faz fronteira com a Arábia era exclusivamente sem água, mas a parte situada do outro lado tinha colinas e também árvores frutífera. Na Babilônia, havia (nessa época) uma grande afluência de pessoas de diversas nações, que habitavam a Caldéia, vivendo sem lei ordem como o animal do campo.

No primeiro ano, surgiu de uma parte do mar da Eritréia, na fronteira com a Babilônia, um animal dotado de razão, chamado Oannes. (Segundo narrativa de Apolodoro) o corpo todo do animal era como o de um peixe e sob a cabeça de peixe havia outra cabeça, e embaixo possuía pés, semelhantes aos do homem, unidos à cauda de peixe. Também sua voz e sua língua eram articuladas e como as dos seres humanos e uma representação dele é até hoje preservada.

Esse Ser durante o dia costumava conversar com os homens, mas não se alimentava de comida da temporada; ele concedeu aos homens o conhecimento em letras e ciências e de todos os tipos de arte. Ensinou a construir casas, fundar templos, compilar leis e lhes explicou os princípios do conhecimento geométrico. Ele os fez distinguir as sementes da terra e lhes mostrou como colher os frutos; em suma, instruiu-os em todas as coisas que poderiam suavizar suas maneiras e humanizá-los. A partir de então, tão universal eram as suas instruções que nada lhes foi acrescentado como melhoria. Quando o sol se punha, esse Ser costumava retirar-se para o mar, passando toda a noite em suas profundezas, pois era anfíbio.

Depois desse, outros animais como Oannes apareceram, sobre os quais Berosso promete fazer uma narrativa ao chegar à história desses reis.

Além disso, Oannes escreveu sobre a geração da humanidade; sobre seus diferentes modos de vida e seu sistema de governo civil, e o que segue é o conteúdo do que foi dito:

Houve uma época em que nada havia senão trevas e o abismo sobre as águas onde viviam os mais terríveis animais, que eram produzidos a partir de um princípio duplo. Surgiram homens com

asas, alguns com quatro e outros com duas faces. Eles só tinham um corpo, mas duas cabeças; uma era de homem e a outra de mulher. O mesmo acontecia com os seus vários órgãos masculinos e femininos. Seriam vistos outros indivíduos humanos com pernas e chifres de cabras. Alguns tinham patas de cavalo, enquanto outros possuíam os membros traseiros de um eqüino, mas na parte frontal eram semelhantes a homens, como os hipocentauros.

Touros com cabeças de homens igualmente foram gerados ali, ao lado de cães com quatro corpos e caudas de peixes. Além disso, cavalos com cabeças de cães e ainda homens e outros animais, com as cabeças e corpos de cavalos e caudas de peixes. Em síntese, havia criaturas com membros de qualquer das espécies de animais. Acrescentem-se a estes, peixes, répteis, serpentes, com outros animais magníficos, os quais assumiam as formas e os semblantes uns dos outros. De todos esses seres foram preservados os delineamentos no templo de Belo na Babilônia.

A pessoa que, supostamente, os dirigia era uma mulher, Omoroca, que na língua caldéia é Thalath e que os gregos expressam como Talassa, o mar, mas de acordo com o mais verdadeiro cômputo, é equivalente a Selene, a lua. Sendo essa a situação, chegou Belo que, cortando a mulher em duas partes, formou a terra com uma metade e com a outra, os céus, ao mesmo tempo em que destruiu os animais no abismo. Tudo isso (diz ele) é uma descrição alegórica da natureza. Pois todo o Universo consiste em umidade, sendo gerados os animais continuamente em seu interior; a divindade (Belo), mencionada antes, cortou a própria cabeça: o sangue jorrava e os outros deuses misturaram com a terra, e desta os homens foram formados. É por isso que os homens são racionais e compartilham o conhecimento divino. Foi esse Belo, a quem os homens chamavam de Dis, quem dividiu as trevas e separou os Céus da Terra colocando o Universo à ordem. Porém, os animais criados tão tardiamente morreram, por serem incapazes de suportar a prevalência da luz. Foi então que Belo, divisando um vasto espaço desabitado, ainda que por natureza muito frutífero, ordenou a um dos deuses que retirasse a sua

cabeça; e ao ser retirada, eles misturaram o seu sangue com o solo da terra, formando com esta outros homens e animais capazes de tolerar a luz. Belo também formou as estrelas e o sol; além da lua, e dos cinco planetas. (Esse é o conteúdo do primeiro livro de Berosso.)

No segundo livro, encontrava-se a história dos dez reis dos caldeus bem como os períodos de cada reinado, que consistiam, coletivamente, em cento e vinte saros, ou 432 mil anos; chegando até o tempo do dilúvio, porque Alexandre, acompanhando os escritos dos caldeus e enumerando os reis desde o nono Ardates até Xisutro, que é por eles chamado de o décimo, prossegui dessa maneira:

Após a morte de Ardates, seu filho Xisutro sucedeu-o, reinando de zoitto saros. Em seu reinado aconteceu o Grande Dilúvio e sua história contada da seguinte maneira: A divindade Crono, apareceu-lhe em uma visão, avisando-o que, no décimo quinto dia do mês Daesius, naquele lugar aconteceria uma inundação que causaria a destruição de toda a Humanidade. Assim, ordenou que ele se comprometesse a escrever uma história do início, andamento e conclusão final de todas as coisas até presente e enterrasse esse texto em lugar seguro na cidade de Sun, e Sippara, e além disso construísse uma embarcação, levando a bordo consigo seus amigos e parentes; além de provisões e todo o necessário para o sustento da vida; e que ainda tomasse um casal de cada espécie animal que voasse ou vagueasse pela terra, com a mais profunda confiança. Tendo indagado à divindade para onde navegaria, a resposta foi: "Para Deuses". Ao ouvir isso, ofereceu uma prece pelo bem da Humanidade, em obediência a admoestação divina, construiu uma embarcação equivalente a cinco estádios de comprimento e dois de largura. Dentro dela pôs tudo o que havia preparado e, por fim, levou sua esposa, filhos e amigos. Depois que a inundação cobriu a terra, as águas começaram a baixa Xisutro soltou alguns pássaros da embarcação que, não encontrando alimento, nem lugar para pousar, retornaram a ele. Após intervalo de alguns dias, ele os soltou pela segunda vez e, então, eles regressaram com as patas sujas de lama. Fez

uma terceira tentativa com esses pássaros e eles não mais retornaram; o que o fez julgar que a terra não estivesse mais coberta pelas águas. Por essa razão, fez uma abertura na embarcação e descobriu que ela havia sido conduzida para o lado da montanha; imediatamente saiu, sendo acompanhado pela esposa, sua filha e pelo piloto. Xisutro, de imediato, fez a sua obrigação à terra: tendo construído um altar, ofereceu sacrifícios aos deuses. Quando devidamente realizados esses sacrifícios, Xisutro e aqueles que saíram com ele da embarcação desapareceram. Aqueles que haviam permanecido na embarcação, ao perceber que os outros não voltavam, saíram com muitas lamentações, chamando continuamente pelo nome de Xisutro. Mas não o viram mais; porém distinguiram sua voz pelo ar, e assim ouviram sua advertência para que cumprissem sua obrigação para com os deuses, informando-os também que em função de sua piedade havia sido trasladado vivo para os deuses, sendo a mesma honra concedida a sua esposa e sua filha, assim como para o seu piloto. Acrescentou ainda que faria tudo para que vivessem da melhor maneira possível na Babilônia, e que procurassem seus escritos em Sippara, pois estes deveriam ser conhecidos por toda a Humanidade e o lugar onde seriam encontrados ficaria na terra da Armênia. Os remanescentes, ouvindo essas palavras, ofereceram sacrifícios aos deuses e, dando meia-volta, viajaram para a Babilônia. Assim, a embarcação ficou encalhada na Armênia, restando ainda algumas partes dela nas montanhas Corcyraean na Armênia, e o povo, raspando o betume com o qual foi revestida externamente, usa amuletos desse material. Dessa maneira, voltaram para a Babilônia e, tendo descoberto os escritos em Sippara, passaram a construir cidades e a erigir templos: assim a Babilônia foi novamente habitada. Syncel Com. 28 — Eiseb. Cron. 5.8.

Fragmentos de Berosso

DE JOSEPHUS, ETC.

Sobre Abraão

Após o dilúvio, na décima geração, havia um certo homem entre os caldeus, famoso por sua justiça e grande bravura e também por sua habilidade nas ciências celestes. Euseb. Praep. Evan, livro 9.

Sobre Nabonasar

Só a partir do reinado de Nabonasar é que os caldeus (os quais são copiados pelos matemáticos gregos) tiveram conhecimento acurado dos movimentos celestes, isso porque Nabonasar coletou todas as lembranças dos reis que o antecederam e as destruiu para que assim a enumeração dos reis caldeus começasse a partir dele. — Syncel. Cron. 207.

Sobre a destruição do Templo Judeu

Ele (Nabolasar) enviou seu filho Nabucodonosor com um grande exército contra o Egito e a Judéia, depois de ser informado que ambos haviam se revoltado contra ele e, dessa forma, subjugou-os, incendiando o templo situado em Jerusalém, removeu todo o nosso povo de seu país, transferindo-o para a Babilônia e a nossa cidade ficou desolada por um período de setenta anos, até a época de Ciro, rei da Pérsia. (Ele então diz que) esse rei babilônio conquistou o Egito, a Síria, a Fenícia e a Arábia, excedendo em seus feitos heróicos todos os que haviam reinado antes dele na Babilônia e Caldéia. — Josephus. conu: Appion., livro I. c. 19.

Sobre Nabucodonosor

Quando seu pai (de Nabucodonosor), Napolasar, ouviu dizer que o governador, que havia enviado para o Egito e partes da Celessíria e Fenícia, havia se revoltado, não tolerando mais seus delitos, confiou certas divisões de seu exército ao filho, Nabucodonosor, que na época era jovem, enviando-o contra o rebelde. Nabucodonosor combateu-o e o dominou, submetendo o país ao

seu domínio. E aconteceu que seu pai, Nabopolasar, morreu, vítima de uma indisposição, na cidade de Babilônia, depois de haver reinado por vinte e nove anos.

Depois de algum tempo, Nabucodonosor, tomando conhecimento da morte do pai, estabeleceu comandos de governo no Egito e nos outros países, por categoria, e entregou os cativos que fizera entre os judeus, fenícios, sírios e das nações que pertenciam ao Egito, a alguns amigos, para que pudessem conduzir aquela parte de suas forças com pesadas armaduras, juntamente com o resto de sua bagagem, para a Babilônia; enquanto seguia à toda pressa para a Babilônia, com alguns poucos seguidores, pelo deserto. Lá chegando, encontrou os negócios de estado bem conduzidos pelos caldeus, pois o indivíduo principal entre eles, havia lhe preservado o reino; conseqüentemente, ele tomou posse de todos os domínios de seu pai. Ordenou, então, que os cativos fossem distribuídos em colônias, em sua maioria nos próprios locais da Babilônia; e adornou o templo de Belo, bem como os outros templos, de maneira suntuosa e piedosa, com os despojos dessa guerra. Também reconstruiu a cidade antiga, acrescentando outra cidade à sua parte externa, e até restaurou a Babilônia, para que ninguém, que no futuro a sitiasse, a tivesse em seu poder; desviou o rio, para facilitar a entrada em seu interior e, para tanto, construiu três muros para cercar a cidade interna e três para a cidade externa. Alguns desses muros foram construídos com tijolos cozidos e betume, e outros somente com tijolos. Depois de fortificar a cidade com muros, de maneira tão admirável, e de adornar os portões com magnificência, acrescentou também um novo palácio àqueles onde anteriormente moraram seus antepassados, contíguo a esses, porém ainda mais alto e com maior esplendor. Para descrevê-lo, talvez fosse necessária uma narração mais longa; no entanto, apesar de toda a magnificência e tamanho descomunal, foi terminado em quinze dias. Nesse palácio, erigiu muros muito elevados, apoiados por pilares de pedra, onde fez um jardim que foi chamado de paraíso suspenso, no qual dispôs todos os tipos de árvores, à semelhança do país montanhoso. Fez isso para agradar à sua rainha, porque ela fora

trazida da Média e amava as paisagens montanhosas.

Sobre os reis caldeus depois de Nabucodonosor

Após a construção do muro anteriormente mencionado, Nabucodonosor caiu enfermo, e morreu, depois de um reinado de trinta e três anos; por essa razão, seu filho Evilmerodaco recebeu o seu reino. Ele administrou os negócios públicos de maneira ilegal e imprópria e, assim, foi assassinado pela conspiração de Neriglissooro, marido de sua irmã, após um reinado de apenas dois anos.

Com sua morte, Neriglossooro, que havia conspirado contra ele, foi o seu sucessor, reinando durante quatro anos.

Seu filho, Laborosoarcodo herdou seu reino quando ainda criança, conservando-o por nove meses; mas pelas práticas malignas que demonstrava, foi deposto por conspiração de seus amigos, sendo torturado e morto. Após sua morte, os conspiradores reuniram-se e, por consenso, passaram a coroa para Nabonedo, um homem da Babilônia, que também fora um dos líderes dessa insurreição. Durante seu reinado os muros da cidade de Babilônia foram, curiosamente, construídos com tijolo cozido e betume. Mas no décimo sétimo ano de seu reinado, veio Ciro, da Pérsia com um grande exército e, tendo conquistado todo o restante da Ásia, dirigiu-se rapidamente para a Babilônia. Nabonedo ao perceber que Ciro avançava para atacá-lo, reuniu seus exércitos para combatê-lo; mas, quando derrotado, fugiu com alguns homens de seu séquito, encerrando-se na cidade de Borsippus. Ao tomar a Babilônia, Ciro deu ordens para que seus muros externos fossem demolidos, pois havia comprovado que a cidade era muito complicada e um tanto difícil de ser capturada. Marchou, em seguida, para Borsippus, para sitiá-lo; mas entregando-se Nabonedo, sem resistência, foi a princípio bem tratado por Ciro, que lhe deu uma habitação em Carmania, fora da Babilônia. Assim, Nabonedo passou o resto de sua vida naquele país e lá morreu. — Josephus. contr. App. livro 1. c. 20 — Euseb. Praep. Evan., livro 10.

Sobre a festa de Sacea

Diz Berosso, no primeiro livro de sua história da Babilônia, que no décimo primeiro mês, chamado Loos, é celebrada durante cinco dias na Babilônia a festa de Sacea, quando é costume que os amos obedeçam seus servos, sendo um destes conduzido em volta da casa, vestido com trajes reais e chamado de Zoganes. — Athenaeus, livro 14.

Fragmentos de Megástenes

DEABIDENO

Sobre Nabucodonosor

Abideno, em sua história dos assírios, preservou o seguinte fragmento de Megástenes, que diz: Esse Nabucodrosoro, tendo se tomado mais poderoso que Hércules, invadiu a Líbia e a Ibéria, e, ao consegui que lhe pagassem tributos, estendeu sua conquista aos habitantes costeiros, à direita do mar. Além disso, há narrativas dos caldeus que dizer que, indo o rei para o seu palácio, era possuído por um deus; e então gritava: "Ó, babilônios, eu, Nabucodrosoro, vaticino uma calamidade que em breve deveis sofrer, e nem Belo, meu ancestral, nem sua rainha Beltis têm poder para persuadir os Fados a se afastar. Uma mula virá e, com a ajuda de seus deuses, imporá sobre vós o jugo da escravidão: cujo autor será um meda, o tolo orgulho da Assíria. Antes, porém que ele consiga atraiçoar meus súditos, oh! que o recebam ondas agitadas ou algum redemoinho e sua memória seja apagada para sempre, e seja ele lançado a vaguear pelo deserto, onde não há cidades nem vestígios de homens, um exílio solitário entre rochas e cavernas, onde só há animais e pássaros. Mas para mim, que prevejo esses males em semente, um fim feliz será oferecido."

Tendo assim profetizado, expirou, sucedendo-o então seu filho Evilmaluruco, que foi assassinado por seu parente, Neriglisares, o qual deixou seu filho Labassoarasco em seu lugar e, também sofrendo morte lenta, Nabanidoco foi feito rei, não tendo nenhum parentesco com a família real e, durante seu reinado, Ciro tomou a Babilônia, concedendo-lhe principado na Carmania.

E, no que se refere à reconstrução da Babilônia por Nabucodonosor, assim escreve: É dito que no princípio só havia as águas, o chammar (Thalath?), e que Belo fez cessar essa situação, designando um k para cada coisa, e cercou a Babilônia com um muro, mas ao longo tempo, esse muro desapareceu, então Nabucodonosor cercou-a novamente com muros, que permaneceram com seus portões de bronze a época da conquista da Macedônia. E, depois de outras coisas, diz Nabucodonosor, sendo seu sucessor no reino, construiu em quinze dias muros da Babilônia com triplo circuito, e deu a volta ao rio Armacale, um afluente do Eufrates, e ao Acracanus, e acima da cidade de Sippara escavou um receptáculo para as águas, cujo perímetro era de quarenta parasangas, com uma profundidade de vinte cúbitos; e então colocou portões à entrada, que ao serem abertos irrigavam as planícies, processo que foi chamado de Echetognomones (eclusas); e além disso construiu diques contra as invasões do mar da Eritrêia e a cidade de Teredon, contra as incursões dos árabes; adornou o palácio com árvores, e deu o nome de jardins suspensos. —Eiiseb. Praep. Evan. livro 10. —Euseb. Cron. 49.

Fragmentos de Heládio

Preservados por Fotio (aproximadamente em 820 — 893 d.C.)
PRESERVADOS NA FORMA DE UM RESUMO
(CODEX 279)

(Heládio) reconta a história de um homem chamado Oe, que veio do Mar Vermelho, e tinha corpo semelhante ao de peixe, mas cabeça, pés e braços de homem, e ensinava astronomia e letras. Algumas narrativas dizem que ele veio de um grande ovo, do qual recebeu o nome, e que na realidade era um homem, mas só com a aparência de peixe, porque estava vestido com "a pele de uma criatura marinha".

Agradeço a Kenneth Demarest por me chamar a atenção para esse obscuro fragmento do ensaio do patriarca bizantino Fotio: "O Poder Alado". Cito ainda uma parte de suas observações, como

segue:

A narrativa de Heládio tem um valor inestimável, principalmente porque é confirmada pelas representações pictóricas ainda existentes sobre esse sábio ser (chamado de "Nascido do Ovo"), que saiu vestido com um estranho traje de algum tipo de nave — semelhante a um ovo — que "caiu" no mar. Higino, Manílio e Xanto deram outros detalhes confirmatórios, falando de deuses em cuja honra é consagrada a forma de peixe, os quais caíram do céu, nas águas do Eufrates. Em outra variação (encontrada no comentário da edição do Germânico de Arato), o poder de um peixe sagrado, impelido à praia das margens do Eufrates, perto da Babilônia, o "ovo do qual surgiu a divindade. Antes de pousar nas águas, a nave em forma de ovo tinha uma aparência luminosa. Assim, o historiador Sozomen conta-nos que o mesmo tipo de divindade desceu dentro do Eufrates como uma "estrela flamejante" do céu Assim como essas cápsulas de visitantes, na água, lembravam "ovos", dos quais homens altos, em trajes de peixe, emergiam, da mesma maneira das cápsulas, quando no céu, eram metaforicamente chamadas de grandes pássaros ou grifos de fogo... ou, ainda, como figuras aladas ou homens divinos em um anel alado ou cápsula... Hoje seriam chamados de "visitantes do espaço"

Apêndice IV

Por que Sessenta Anos?

A cerimônia Sigui dos dogons é celebrada a cada sessenta anos. Que precedentes seriam encontrados no mundo antigo para tal período de tempo, tendo em vista sua importância religiosa?

Os egípcios tinham um período como esse associado a Osíris. O período de sessenta anos, reduplicado, também é encontrado entre os egípcios, de modo semelhante às reduplicações do período de cinquenta anos de Sírius B e segundo expressão dos dogons: "unir duas Siguis". "O período henti consistia em dois

períodos de sessenta anos". E esse período é descrito em um Huw a Osíris. "... mais terrível é o seu nome de 'Asar' (Osíris). A duração de sua existência é um período henti eterno em seu nome de 'Un-Nefer'".

O período de henti pode, mediante um jogo de palavras, ter guardado alguma associação com o falo, henn. Só sugiro isso em vista da ligação de circuncisão com as cerimônias dos dogons. É pura especulação. Henti também é um título de Osíris, que presumivelmente surge por ter sido referida a duração da existência de Osíris como "um período henti eterno".

Minha própria predileção, ao considerar o período de sessenta anos, é pensar em termos de uma sincronia entre os períodos orbitais dos dois planetas, Júpiter e Saturno, porque estes se reúnem em aproximadamente sessenta anos. O período orbital de Júpiter é de aproximadamente doze anos e o de Saturno, de aproximadamente trinta anos. Cinco vezes doze é sessenta e duas vezes trinta também é sessenta. Sessenta anos são o grande período que põe em sincronia os movimentos dos dois grandes planetas exteriores, que podem ser vistos a olho nu. Não tenho dúvidas de que esse período de sessenta anos teve considerável importância nos tempos antigos e os egípcios de olho aguçado podem muito bem ter percebido isso.

Em termos das rotações de Júpiter e Saturno, o filósofo neoplatônico Olimpiodoro escreveu: "A de Júpiter... é efetuada em doze anos. E ... de Saturno... completa-se em trinta anos. As estrelas, portanto, não estão ligadas entre si em suas revoluções, a não ser raramente. Portanto, por exemplo, a esfera de Saturno e a esfera de Júpiter são associadas em suas revoluções, em sessenta anos. Pois se a esfera de Júpiter vem de um ponto e a este ponto chega em doze anos, mas a de Saturno em trinta anos, é evidente que quando Júpiter atinge cinco rotações, Saturno terá efetuado duas; como duas vezes trinta é sessenta, também o é doze vezes cinco; de modo que as suas rotações se associam em sessenta anos. As almas, portanto, são punidas durante períodos como esses".

Essas observações de Olimpiodoro, de seu Comentário sobre o Gorgias de Platão, na forma de comentários são citados por Thomas Taylor, quando aborda a passagem de Apuleio (mais conhecido como autor de *The Golden Age*) em um de seus ensaios: "Para que sejam conhecidas essas medidas e número de revoluções, e para que as convoluções do mundo sejam visíveis, a luz do sol era inflamada e vice-versa; a opacidade da noite foi inventada, para que esses animais possam obter o resto que naturalmente desejam. Da mesma maneira, o mês foi produzido, quando a lua, tendo completado a rotação e seu orbe, retorna ao mesmo lugar de onde partiu. E as extensões do ar germinaram quando o sol atravessou as vicissitudes das irradiações das estações e chegou ao mesmo signo. E o número dessas circulações e retorno e procedência de um determinado ponto, foi descoberto pelo exercício do poder de raciocínio. Todavia, existem certos circuitos das estrelas, que observam perpetuamente o mesmo curso, mas que a sagacidade dos homens raramente é capaz de compreender... sendo de todos o mais supremo (o das estrelas fixas)... o segundo é concedido a Saturno, o terceiro, a Júpiter..."

Esse ciclo esotérico unindo os movimentos de Saturno e de Júpiter parecia de imensa importância para todos os astrônomos antigos que tinham compreensão do assunto. Um ciclo de sessenta anos é tão longo que nenhuma pessoa é capaz de viver tanto tempo para verificar sua repetição pela segunda vez. O conhecimento de tal ciclo exigia a tradição contínua de inclinações astronômicas. A descoberta e a verificação de mais de uma geração de um ciclo esotérico, unindo os dois grandes planetas exteriores, poderiam ser tão estimulantes para os sacerdotes antigos quanto a descoberta do DNA para os bioquímicos modernos. "Romper" os mistérios dos movimentos dos dois planetas exteriores é realmente uma realização. Sem dúvida, então, a afirmação dos dogons de que um sacerdote "uniu duas Siguis" é realmente muito especial. À parte o fato de ninguém viver cento e vinte anos com muita facilidade, "unir duas Siguis" é, portanto, reconhecido como o indivíduo que celebrou duas cerimônias Sigui durante a vida,

podendo-se assumir que a reduplicação signifique que o ciclo só pode ser verificado se sua ocorrência for observada uma segunda vez. Unir os dois ciclos é obter um henti, que acabamos de ver que é descrito pelos egípcios como cento e vinte anos e como "eterno". Como cento e vinte anos podem ser uma "eternidade"? Isso pode ser quando a eternidade é considerada uma construção cíclica. Em outras palavras, a eternidade não é uma linha reta para o infinito, mas uma série de espiras do mesmo tamanho, comprimidas em uma grande espiral, conhecida como tempo, e com o ímpeto do acontecimento.

Por acaso, descobri em um velho livro, extremamente obscuro, do início do século XIX, referência a um período de sessenta anos no mundo antigo. O livro é, primariamente, cheio de meandros especulativos referentes a Stonehenge e alguns ciclos britânicos. Ele ressalta que Stonehenge possui sessenta pedras em seu ciclo exterior. Então, lê-se: "... (esse) círculo externo é o ciclo oriental de Vrihaspati, de sessenta". O autor acrescenta adiante: "O grande templo de Rolrich, em Oxfordshire, é cercado por sessenta pedras eretas; o ciclo de Vrihaspati, um exemplo não muito distante dos outros". Mais adiante, o autor acrescenta; "O número 60 é a base do famoso ciclo chamado Saros de 3.600 anos dos caldeus da Babilônia..." e menciona também que ele é a fração decimal do ciclo dos seiscentos anos do período Neros do antigo Oriente Próximo. Porém, quanto ao "famoso ciclo hindu de Vrihaspati", ele parece desconcertado com a explicação dos brâmanes hindus "dizendo que surgiu de cinco rotações do planeta Júpiter..."

Indo além de nossa estranha fonte do velho livro, podemos investigar esse rumoroso ciclo hindu de Vrihaspati. Logo descobrimos que ele realmente existe na tradição hindu, em que mais provavelmente é conhecido como o ciclo de Brahaspati. O Brahaspati (ou Vrihaspati) é o nome do planeta Júpiter, em sânscrito, e o ciclo que recebe o nome desse planeta é de sessenta anos.

A um olhar mais acurado sobre o tema de Brihaspati, descobri que Brihaspaticakra possui dois significados: o ciclo hindu de sessenta

anos e também "um diagrama astrológico específico". Não pude localizar um desenho desse diagrama. Mas a existência de tal diagrama, a meu ver, indica ainda que o objetivo aqui é a coincidência de cinco órbitas de Júpiter com duas de Saturno. Isso porque é por meio de um diagrama astrológico, em especial, que se calcula tradicionalmente as posições relativas de Saturno e Júpiter. Reproduzo neste livro esses diagramas nas Figuras 61 e 62. Esses diagramas foram preparados por Johannes Kepler, descobridor de nossas três leis do Movimento Planetário, e já foi discutido ligeiramente no Apêndice II.

Em referência a esses mesmos diagramas, Santillana e von Dechend conta-nos em *Hamlers MUI* (Moinho de Hamlet), "Uma poderosa conjunção, ponanto. corresponde à revolução de um ângulo, ou canto, do triângulo das conjunções de Júpiter-Saturno — que se desenvolve em sessenta anos (mais precisamente: 59.6 anos) — através de todo o zodíaco..." E ainda: "... (na) Grécia, onde temos — além da luta de Cronos e Saturno no Olimpo — também a Daidalia que acontece no intervalo de sessenta anos — ciclos de sessenta anos na Índia, ou no Sudão ocidental, provavelmente não serão compreendidos, caso os estudiosos prefiram inibir o triângulo da conjunção, esse triângulo deve ser apresentado em diagrama.

Os dogons associam um período de sessenta anos à criação do mundo por Amma. A luz desse fato, é interessante que na tradição astrológica ocidental. Saturno "dá as medidas da criação" para Júpiter, especificamente, pela interligação de suas órbitas da maneira descrita anteriormente. Santillana e von Dechend explicam o fato muito bem e as obras de Johannes Kepler *De Stella Nova* e *De Vero Anuo* são relevantes para o tema. Veja também nas Figuras 61 e 62 os diagramas em que Saturno dá a Júpiter as medidas (temporais) da criação. Existe uma Grande Conjunção de Júpiter e Saturno a cada vinte anos, conforme mostra o diagrama. Os dogons também parecem ter conhecimento da subdivisão de vinte anos do período de sessenta anos.

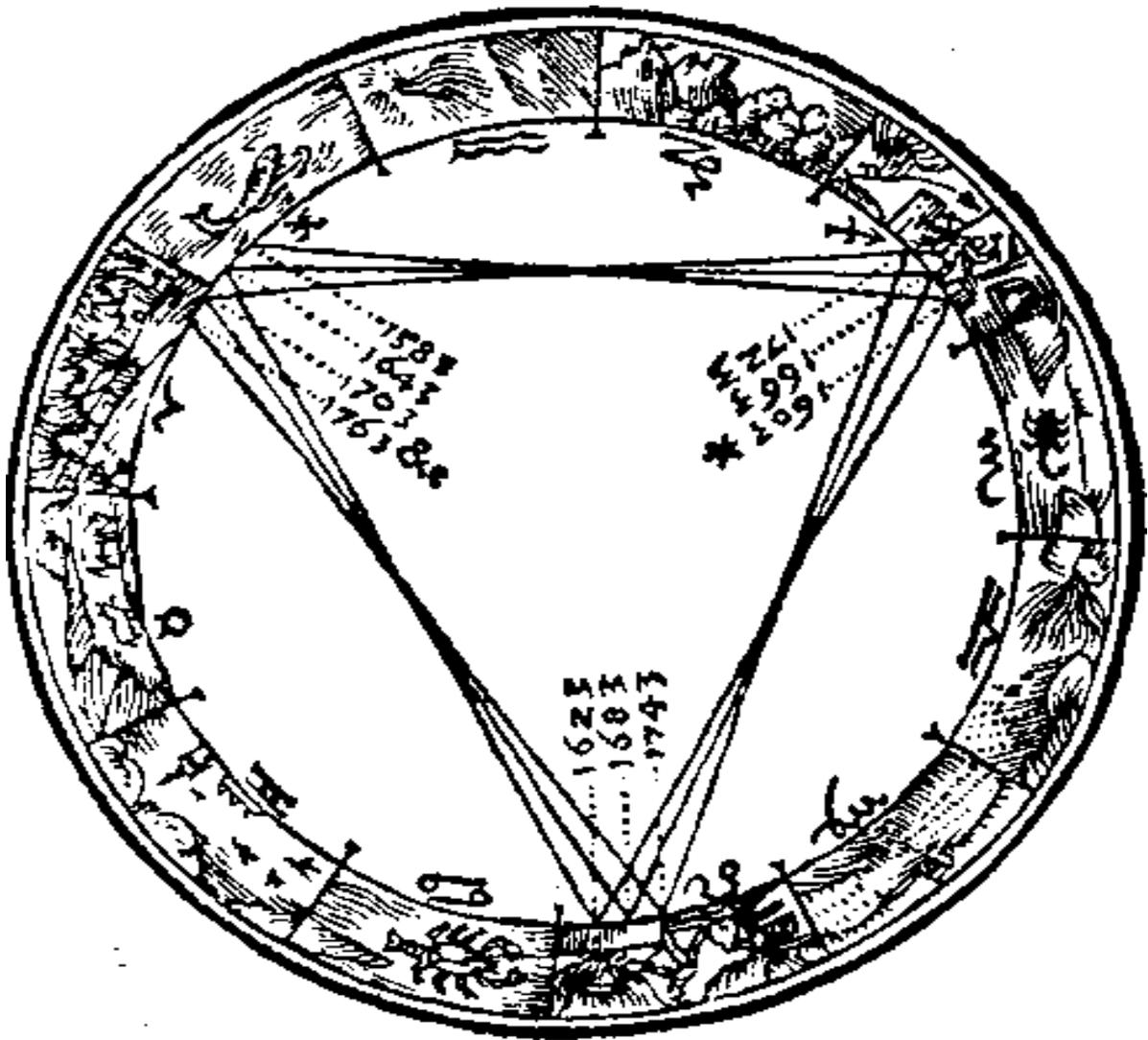


Figura 61. Uma ilustração detalhada dos movimentos do Trígono das Grandes Conjunções de 1583 a 1763.

O ato da circuncisão, para os dogons, simboliza a órbita de Sírius B ao redor de Sírius A. Talvez uma tal tendência a usar o simbolismo genital em ligação com os movimentos celestes explica a "castração" de Saturno por Júpiter na mitologia grega. A Figura xii do artigo de Griaule e Dieterlen, neste livro, registra a "dominação mutiladora de Sírius sobre a feminilidade de Yasigui" (veja páginas 47 e 48). Em *Le Renardpâle* a mutilação genital, castração, circuncisão, etc. é extensamente abordada. Estranhas concepções da violência genital, associadas simbolicamente aos movimentos celestes, é claro, chegaram aos dogons, juntamente com o resto de suas antigas tradições, e sobrevivem também na região mediterrânea nativa. A mutilação de Saturno por Júpiter, bem como as várias criações que jorraram do sangue resultante e

da semente são da mesma tradição corrente de todos os elementos de semelhantes encontrados entre os dogons e relacionados a essas órbitas comparativas de Saturno e Júpiter, assim como de outros corpos celestes. A placenta volta à cena também. Vimos no texto principal do livro que a placenta é o símbolo, para os dogons, de um sistema planetário, assim como o sistema de nosso sol e seus planetas é a placenta.

Post Scriptum (1997)

Desde a publicação da primeira edição deste livro, tenho recebido muitas correspondências sobre o tema do período de sessenta anos. Também acumulei mais informações sobre o assunto. A decisão da reimpressão foi tomada de forma tão repentina que só tive tempo para anotar dois artigos dos quais adquiri as separatas há alguns anos, quando trabalhava na astronomia chinesa. São artigos do dr. Herbert Chatley, que estava interessado em explicar a relevância do período de sessenta anos na China.

O período de sessenta anos, na China, é chamado àejia zi (usando o moderno Pinyin), ainda que no velho estilo do sistema de transliteração de Wade-Gilles a grafia seja f^h 'f.

Chatley diz a respeito:

Depois das bem conhecidas alterações de altitude do Sol e as mudanças mensais da "fase" da Lua, os fenômenos celestes mais regulares, de natureza comparável, são os movimentos de Júpiter e Saturno, bem como as conjunções mútuas desses dois grandes planetas. Júpiter move-se ao redor de uma "elíptica" (o caminho do Sol) uma vez em doze anos... e Saturno, uma vez em trinta anos... Eles, portanto, entram em conjunção, como observado por meio do Sol, a cada vinte anos... e em sessenta anos (na realidade 59,5779, é o valor médio) eles se encontram novamente quase no mesmo lugar no céu (na realidade, a 8,1° adiante). As épocas das conjunções, conforme observadas na Terra, são aproximadamente as mesmas e esse período de sessenta anos é o famoso "Soss" dos caldeus, sendo aproximadamente equivalente ao Chia-tzu e T dos chineses... Os antigos davam grande importância cronológica

a essas conjunções... Em 3.535 anos, os movimentos de Júpiter e Saturno são repetidos com precisão notável, quando após 3.534,96 anos tropicais eles se unem dentro de uma fração de um grau e perfazem um número integral (298 e 120, respectivamente) de rotações em torno do Sol. Esse período é possivelmente o "Saros" de 3.600 anos sobre o qual escreviam os caldeus. Os antigos acreditavam em períodos de apocatástase (restauração completa), quando todos os planetas retornariam a certos pontos e as crises mundiais se repetiriam. Esses períodos seriam os menores múltiplos comuns dos períodos individuais de retorno.

Em outro artigo, mais longo, Chatley examina as possíveis origens do ciclo de sessenta anos na China. Ele menciona que na tumba da famosa família Wu, da Dinastia Han, na Província de Shandong, o ciclo de sessenta anos era usado para especificar a data da tumba de 147 d.C. Foi muito claro que o ciclo atingiu um grande destaque naquele período. Chatley menciona que existia uma crença tradicional de que o ciclo era realmente muito antigo, mas ele desafia isso "apesar da crença popular chinesa de que essa prática remonta aos dias de Huang Ti [o mítico Imperador Amarelo] e uma era de 2637 a.C." Embora acredite que o ciclo de sessenta anos aplicados a dias, e não a anos, possa ter existido naquela época, na China, Chatley está inclinado a datar a proeminência do ciclo de sessenta anos a um período entre 66 a.C. e 85 d.C. (Dinastia Han). Ele admite que o ciclo de doze anos de Júpiter era importante na China até o século VII a.C. e acredita que a contagem do ciclo de sessenta anos começou a partir de 4 d.C., mas ressalta que o famoso astrônomo I Xing (I Hsing) em 724 d.C. fez um cálculo remontando a um presumido começo em 1017 a.C. Entretanto, Chatley pensa que em 4 d.C. "A conveniência de um numerador de anos fez com que o verdadeiro ano de Júpiter desaparecesse... e assim, ciclos regulares de sessenta anos tropicais entraram em vigor."

Achei melhor ampliar o discurso, trazendo também a China, ressaltando que o destaque ao ciclo babilônio de sessenta anos, na China, na época da Dinastia Han, coincidiu evidentemente com a proeminência dos heróis culturais anfíbios, com cauda de peixe,

Fuxi, Nü Gua e outros ilustrados nas Figuras 50 e 51, e discutidos nas páginas 335 e ss, que também, presumivelmente, são de origem babilônia. Poderíamos supor, então, que ocorreu alguma difusão cultural pela qual a Dinastia Han, da China, experimentou a influência das tradições "caldéias" até o século I a.C. Por outro lado, tradições muito mais antigas a esse respeito simplesmente entraram na moda na China, nesse período, como parte da própria definição cultural da Dinastia Han. A influência babilônia talvez tenha sido bem anterior, como se julga ser o caso relativo aos conceitos astronômicos gerais dos chineses, conhecidos por emanarem das fontes babilônias. No entanto, representaria uma divagação ainda maior procurar esse tema aqui. Remeto os leitores ao meu livro *The Genius of China* (O Gênio da China) (também intitulado em edição anterior *China: Land of Discovery and Invention* [China: Terra da Invenção e da Descoberta], originalmente publicado em 1986, e fundamentado nas pesquisas de Joseph Needham, com quem fiz uma viagem para a China).

O ciclo de sessenta anos também possui associações com o crocodilo; dizem os dogons que a quinta parte do corpo desmembrado do Nommo sacrificado "não se transformou em árvores, mas em crocodilos que, desde a chegada da Arca [nave do Nommo, que desceu à Terra], entrou nas lagoas em busca dos Supervisores [os oito Nommos "Monitores que vieram para supervisionar a humanidade]". Essa parece ser uma referência oblíqua ao fato de que os Nommos julgavam os crocodilos problemáticos, e como eles nadavam nos rios, os crocodilos "os perseguiram". No Capítulo Um, notei que os visitantes anfíbios parecem ter construído um grande lago artificial no Egito, chamado por Heródoto de lago Moeris, e talvez uma razão para que o Nilo fosse infestado por crocodilos (e hipopótamos), sendo necessária "uma base segura" onde os alienígenas não fossem continuamente molestados. A ironia é, portanto, que depois da partida dos alienígenas, nesse lago Moeris (veja adiante) o crocodilo foi posteriormente elevado a um status sagrado. Apesar de ser um estorvo para os anfíbios, aos olhos humanos essa outra grande criatura aquática foi associada a eles, em especial após a

partida dos alienígenas, quando somente os crocodilos ficaram para serem vistos pelas pessoas.

Em seu fascinante ensaio "Sobre Ísis e Osíris", do século I d.C., o escritor Plutarco, que era um sacerdote de Delfos, na Grécia, registra as tradições sagradas egípcias do crocodilo, como segue: "O crocodilo, certamente adquiriu honra, e esta não é isenta de uma razão plausível, pois ele é declarado uma representação viva de Deus, uma vez que é a única crítica sem língua: porque para a Palavra Divina não é necessária a voz... Dizem que o crocodilo é o único animal vivo na água a possuir uma membrana fina e transparente que se estende a partir de sua fronte, cobrindo os olhos, para que ele possa ver sem ser visto e essa prerrogativa também pertence ao Primeiro Deus... A fêmea põe sessenta ovos e os choca no mesmo número de dias, e os crocodilos com vida mais longa vivem esse número de anos: o número sessenta é a primeira das medidas para as pessoas que as relacionam aos corpos celestes". Quando fala dos mistérios sagrados, Plutarco tende a ser um pouco obscuro quanto às razões de devoção e essa passagem não é uma exceção. Entretanto, está claro que o ciclo de sessenta anos era considerado pelos egípcios da época de Plutarco "a primeira das medidas" em relação à astronomia. E o crocodilo era o seu símbolo.

Heródoto (século V d.C.) é um dos que registram que o crocodilo era especialmente sagrado no Egito nas vizinhanças do lago Moeris (veja o meu Capítulo Um), que ele insiste tratar-se de um lago artificial, e que eu ressalto ter sido aparentemente uma base aquática para seres anfíbios visitantes, durante sua permanência no Egito. Diz Heródoto: Os habitantes das proximidades de Tebas e do lago Moeris consideram-nos [crocodilos] muito sagrados. Lá, em toda parte, o crocodilo é conservado e treinado para ser domesticado; eles colocam ornamentos de vidro e ouro em seus ouvidos e braceletes em suas patas, provendo-o com alimento e oferendas especiais; além disso, dão às criaturas o melhor tratamento durante suas vidas; após a morte, os crocodilos são embalsamados e cremados em ataúdes sagrados... É o único animal que não possui língua. Nem movimenta a mandíbula

inferior. É a única criatura que abaixa a mandíbula superior até a inferior.

A ironia do crocodilo, como substituo religioso do Nommo, é considerável, especialmente porque talvez nada mais desejável para um crocodilo que um bom e suculento pedaço de um Nommo para a sua próxima refeição. É mais notável ainda é que os dogons tenham mantido na íntegra a real tradição, além de registrar que os crocodilos nas lagoas perseguiram os Nommos — um fato já desconsiderado por completo no Egito há 2.500 anos! Mas, nessa época, quando também Heródoto registrou o fato, os ancestrais dos dogons, os garamantes, já estavam longe, na Líbia, tendo levado consigo a real tradição através das areias do Saara para a África Ocidental, onde ela ficou à espera de nossa descoberta. Quanto à associação do crocodilo ao ciclo astronômico de sessenta anos, esta era uma correlação numérica, conforme explica Putarco, mas é também, provavelmente, os ecos de uma associação mais antiga desse ciclo com os alienígenas anfíbios, uma tradição também preservada pelos dogons, apesar de ação devastadora do tempo.

Apêndice V

O Significado do £ em Delfos

Plutarco escreveu um fascinante ensaio intitulado O £ em Delfos na forma de diálogo, caracterizando o próprio Plutarco e vários outros oradores. É preciso lembrar que Plutarco era um sumo sacerdote em Delfos e tinha muito conhecimento, procurando sempre aprender mais a respeito da natureza e da história dos oráculos, não apenas em Delfos, mas também em outras partes. Ele estava mais interessado, acima de tudo, na própria Delfos, por ser um dos dois sacerdotes de Apolo no local.

O tema central da discussão é a letra £, uma inscrição proeminente no santuário de Delfos (ou seja, a letra fora esculpida na pedra, por si mesma, em Delfos, sendo um tema de curiosa

especulação entre os gregos clássicos, que não preservaram nenhuma tradição do significado da antiga inscrição dessa letra isolada — veja Prancha 21). F. C. Babitt, em sua Introdução ao diálogo, diz:

Plutarco, em seu ensaio sobre o £ em Delfos, diz-nos que, além da bem conhecida inscrição, em Delfos, havia ainda a representação da letra £, a quinta letra do alfabeto grego. O nome grego dessa letra era EI e esse ditongo, além de ser, na época de Plutarco, usado como o nome do E (que denota o número cinco) é também a palavra grega "se", bem como a segunda pessoa do singular do verbo "ser" (tu és).

Na busca por uma explicação do inexplicável, nada mais natural que os três significados de EI ("cinco", "se" e "tu és") sejam examinados para verificar se qualquer hipótese embasada em um deles resulte em uma interpretação racional... Plutarco propõe sete possíveis explicações para essa letra... Nos tempos modernos, outros fizeram tentativas para explicar a letra, entre os quais, Götting... Schulz... Roscher... C. Robert... O. Lagercrantz ... W. N. Bates, no *American Journal of Archaeology* XXIX (1925), páginas 239-246, tenta mostrar que o E teve sua origem no caractere minóico E... mais tarde transferido para Delfos. Como o caractere não era compreendido, assim como outras coisas em Delfos, ele passou a ser associado a Apolo. Tal caractere foi encontrado no velho ônfalo descoberto em 1913, em Delfos, no templo de Apolo.

São também interessantes duas moedas reproduzidas em Imhoff-Blumer e P. Gardner, *A Numismatic Commentary on Pausanias* (um Comentário Numismático sobre Pausânias), prancha X. números xxii e xxiii (texto página 119), que mostram o £ s enso entre colunas centrais do templo. Estudiosos erudito deverão notar que a letra representada é £ e não £/; portanto, tal explicação fundamentada no verdadeiro ditongo provavelmente é errônea.

A segunda explicação apresentada por Plutarco parece-me a

correta. Ela é sugerida por ele, como segue:

Amônio sorriu em silêncio, suspeitando, reservadamente, que Lampria estivera cedendo a uma mera opinião própria e fabricando história e tradição referentes a um assunto, nos quais ele não podia ser levado em consideração. Alguém, entre os presentes, havia dito que tudo não passava de um absurdo semelhante ao que dissera um visitante caldeu algum tempo antes, ou seja, que existiam sete vogais no alfabeto e sete estrelas que possuíam um movimento independente e espontâneo; que o E é a segunda, na ordem das vogais, partindo do início, e o sol, o segundo planeta depois da lua, sendo, pois, o E identificado com o Sol, praticamente por todos os gregos.

Ambos os fatos: ser Delfos o segundo centro, descendo a oitava geodésica, e ser simbolizado pela segunda vogal, E, combinam-se muito bem. As sete vogais (cada uma correspondendo a um centro de oráculos) eram pronunciadas em seqüência, como o nome "impronunciável" de Deus pelos sacerdotes egípcios. Demetrio de Falero, aluno do Liceu de Aristóteles e fundador da grande e famosa biblioteca da Alexandria, e que em fase final da vida foi exilado para o Egito, fala-nos de seu tratado remanescente *On Style* (Sobre o Estilo): "No Egito, os sacerdotes cantam hinos aos deuses pronunciando as sete vogais em série, cujo som produz uma forte impressão musical em seus ouvintes, como se tivessem sido usadas uma flauta ou lira".

No Capítulo XVI de *The White Goddess* (A Deusa Branca), Robert Graves também discute isso, e ali cita Demétrio. Graves também se refere a uma versão em oito letras do nome sagrado. Talvez, caso se queira contar a base do centro oracular (que em analogia musical é a expressão da oitava central mais alta), seria necessário usar a versão com oito letras. Essa versão do nome é:

Jehuovaõ

Note-se que o E é a segunda letra.

Estamos diante de uma evidência arqueológica de que a segunda

vogal E estava associada, de maneira notável, ao segundo centro oracular na ordem descendente (veja Prancha 21). E sabemos, por Heródoto, que se dizia que Dodona, o centro oracular mais alto, havia sido fundado por sacerdotes egípcios de Tebas, no Egito. Sabemos também que certos sacerdotes egípcios cantavam sete vogais (ou oito vogais, englobando a aspirada) em seqüência. Já vimos que os centros Oraculares geodésicos parecem possuir uma estrutura de oitavas. E quando este livro foi para a gráfica [em 1976], ficou conhecida uma descoberta que demonstrava a existência da escala musical diatônica, heptatônica, no antigo Oriente Próximo. Pode-se até presumir que pronunciar as sete vogais, em seqüência, possivelmente correspondesse às sete notas da oitava (ainda que nunca se venha a saber com certeza). E o mais importante é ressaltar que, mesmo parecendo estranho, a associação de uma vogal a um centro de oráculos não é uma invenção ou uma suposição. Não só em Plutarco se lê a respeito do £, como também essa letra é vista em moedas antigas e na própria pedra-ônifalo (veja ambos na Prancha 21). E essa associação da segunda vogal a Delfos nunca foi explicada por ninguém.

Uma vez admitido o anteriormente exposto, o que se segue? Se cada centro de oráculos tivesse uma vogal a ele associada, então a segunda vogal, estando associada ao segundo centro, aparentemente sugere um arranjo correspondente para os outros centros. E, se for esse o caso, ao que parece todo o sistema estaria associado a ela, compreendendo na realidade uma pronúncia geodésica, a mais de oito graus de latitude, do sagrado nome improferível de Deus, conhecido geralmente pelos hebreus como "Jeovah".

É muito importante que os curiosos sobre essa possibilidade fiquem de olhos abertos a qualquer outra evidência. É preciso ficar vigilante às representações ou associações de outras vogais a outros centros. Estas podem já ser conhecidas dos especialistas na área ou, talvez até já existam evidências desse tipo, extinguindo-se sem classificação e sem explicação no porão de algum museu. Ou, ainda, tais evidências podem vir à luz, em

algum momento, no futuro. Um bom ponto de partida para procurar, a meu ver, seria uma pedra-ônfalo de Delos, que pode ser vista nas Pranchas 15 e 18. Essas pedras-ônfalos têm uma única letra inscrita, à semelhança da pedra-ônfalo de Delfos? E o que dizer de todas as outras pedras-ônfalos, como a do Templo de Amon no Egito (veja Prancha 19)? Estarão suficientemente preservadas para mostrar um só enigmático hieroglifo de uma vogal? No momento, não realizei nenhuma investigação do gênero.

Concluindo, parece que o £, em Delfos, enquadra-se a um sistema coerente do tipo que sugeri, devendo-se vincular a solução do enigma à segunda explicação, levemente defendida por Plutarco, que considera o E como a segunda vogal. (A exclusão do ditongo feita por Babbitt, na base das antigas moedas, apresentadas na Prancha 21 é, portanto, decisiva e, na minha opinião, conclusiva.)

Apêndice VI

Por Que os Hititas Estiveram em Hebron, na Palestina

Lemos em Gênesis 23:7: "Ergueu-se, então, Abrão e se inclinou diante dos hititas, o povo daquele país". O único problema a esse respeito, segundo nosso conhecimento arqueológico extremamente confiável: não poderiam ter existido hititas "naquele país" — ou seja, Hebron, na Palestina. As conquistas dos hititas nunca se estenderam muito ao sul. Então, o que fazer com esse enigma?

Em seu livro *The Hitites (Os Hititas)*, o professor Oliver Gurney possui uma seção inteira (páginas 59 a 62) intitulada "Os Hititas na Palestina". Nessa seção, ele diz:

Temos agora que lidar com o fato paradoxal de que, enquanto os hititas apareceram no Antigo Testamento, como uma tribo palestina, um maior conhecimento sobre a história do povo antigo

de Hatti levou-nos para além da Palestina, até que a terra desse povo fosse descoberta no coração do platô da Anatólia. Além disso, o resumo precedente de história dos hititas nos mostrará que antes do reino de Supiluliuma não existia um estado hitita ao sul do Touro; que os estados vassalos sírios do Império Hitita estavam confinados à área ao norte de Kadesh no Orontes e, embora os exércitos hititas tenham chegado a Damasco, nunca entraram na Palestina. Dos estados neo-hititas não havia nenhum ao sul de Hamath e nos territórios deste último não estava incluída nenhuma parte da Palestina, pois separava-os o reino armênio de Damasco.

A presença dos hititas na Palestina, antes da conquista israelita, portanto, apresenta-nos um problema curioso. Assim, em vez de explicá-lo, todo o nosso conhecimento acumulado sobre o povo de Hatti [os hititas] acabou por torná-lo até mais desconcertante.

As referências, na Bíblia, incluem o capítulo 23 do Gênesis (inteiro), Gênesis 26:9-11, 34-5, 27:46 (quando Rebeca diz a Isaac: "Essas mulheres hititas estão aborrecendo-me demais! Se Jacó se casar com uma das hititas que vivem aqui, que será da minha vida?") e 36:1-3. Uma referência ainda mais crucial aos hititas aparece no Livro de Números 13:29. Nesse livro, alguns homens enviados por Moisés, por ordem do Senhor, para explorar Hebron (e, segundo nos é contado em Números, 13:22-23, que Hebron "foi construída sete anos antes de Zoã no Egito" — uma observação curiosa, sugerindo um vínculo entre Hebron e o Egito, além de haver algo especial em Hebron que podia ser descrito como "construída"), e que ali haviam visto hititas.

Assim, encontramos clara evidência nos livros da Bíblia de que os hititas viviam na Palestina. E que seus povoados se situavam, especificamente, nas colinas de Hebron. Gurney diz: "Quem, então, eram esses hititas das colinas da Palestina? Uma resposta muito inventiva foi apresentada por E. Forrer". O ponto principal desse fato é que, consideravelmente em 1335 a.C. alguns hititas da cidade de Kurustamma, no nordeste da Anatólia, foram para o Egito, e desse fato existem evidências:

Ainda que pareça surpreendente, o texto aqui citado afirma explicitamente que durante o reino de Supiluliuma, alguns homens dessa obscura cidade do norte entraram na "terra do Egito", um termo que abrangeria todo o território sob o domínio egípcio. No texto, permanecem obscuras as circunstâncias em que isso ocorreu. Contudo, a referência ao deus do Tempo de Hatti, como um instigador desse movimento, favorece um ato deliberado e não uma trajetória de fugitivos da conquista hitita, segundo sugestão de Forrer. Seja o que for, temos aqui um exemplo certo da entrada de um grupo de hitita (isto é, vassalos do rei de Hatti) no território egípcio, e a possibilidade de se terem estabelecido esparsamente nas colinas povoadas não deve ser ignorada... (Porém) a emigração dos hititas de Anatólia para a Palestina não pode ter sido uma ocorrência freqüente... (e) há alguma esperança de que mais escavações [de textos] entre os arquivos de Boghazköy tragam a elucidação.

Deve-se ressaltar que o reino de Supiluliuma, durante o qual ocorreu a emigração, abrangeu os anos de 1380 a 1346 a.C. Foi para ele que a esposa de Tutankhamon, a rainha egípcia Ankhsenamun, terceira filha do faraó Akhenaton, enviou uma carta queixosa pedindo para que um dos filhos dele se tomasse seu marido. Ele enviou um filho, mas este sofreu uma emboscada a caminho do Egito e foi assassinado, provavelmente por Horemheb, que se apoderou do trono do Egito, forçando Ankhsenamun a se casar com ele para legitimizar sua usurpação. Esta é uma triste história, mas não nos diz respeito aqui. Menciono-a simplesmente para dar vida à cronologia da emigração para Hebron e também por mostrar estreitos vínculos possíveis, naquela época, entre os hititas e o Egito. Os leitores que desejarem ler a carta na íntegra e acompanhar essa interessante história de tragédia pessoal devem consultar *Ancient Near Eastern Texts* (Textos do Antigo Oriente Próximo) (ed. Pritchard, veja Bibliografia), páginas 319 e 395.

Entretanto, a emigração hitita no reinado de Supiluliuma não pode ter constituído o povoado hitita original em Hebron. Se Abraão encontrou os hititas ao chegar em Hebron, então deve ter havido

hititas lá antes do reinado de Supiluliuma, que se estendeu de 1380 a 1346 a.C. Sabemos, por George Roux, em seu livro *Ancient Iraq (Iraque Antigo)*, página 242, que "Abraão e sua família vieram de Ur, na Suméria, para Hebron, em Canaã, provavelmente por volta de 1850 a.C, havendo boas razões para situar a migração de José para o Egito durante o período hicsu (1700 a 1580 a.C.)." Mesmo que talvez seja o caso de ser a Ur de Abraão uma Ur diferente, o ponto principal são as datas, porque, indo Abraão para Hebron, já encontrou ali os hititas, quinhentos anos antes da emigração mencionada por Gurney. Roux repete essa data, dando referências, na página 215 de seu livro.

É provável que, meio milênio depois de Abraão, a emigração hitita, da qual existem provas durante o reinado de Supiluliuma, tenha adentrado o território egípcio, possivelmente Hebron, para reforçar a comunidade hitita já existente no local há muitos séculos, mas que enfrentava tempos difíceis. Basta ler as cartas de Amarna, em tradução para o inglês em *Ancient Near Eastern Texts (Textos do Antigo Oriente Próximo)* — documentos cheios de vida. compulsivos, desesperados — para saber da anarquia em que estava mergulhada a região da Palestina nesse período. O príncipe da região do Hebron, Shwardata, primeiramente combateu os ataques gananciosos de Apai, que fervilhavam pelo interior do país, rebelando-se contra o faraó em cuja presença, segundo sua correspondência, ele havia estado pouco antes e se "inclinara sete vezes e ainda mais sete, tanto com a face para baixo como de costas". Mas o Egito estava enfraquecido e a Palestina havia se degenerado em caos. Não causa surpresa que durante esse período tenha ocorrido uma migração hitita para o território egípcio titular. Nenhum povoado hitita em Hebron poderia sentir-se em total segurança. Mas, em primeiro lugar, qual era a razão para haver um povoado hitita em Hebron?

À luz de nossa elucidação anterior sobre as oitavas Oraculares geodésicas, parece claro que a presença de hititas em Hebron seja expUcad^ sob o aspecto religioso, pois já sabemos que Hebron era a "base de un centro "oracular" da oitava oracular geodésica oriental. O centro mais altc dessa mesma oitava estava em

Metsamor, no Ararat, ao norte e a leste d(território hitita, sendo esta provavelmente a razão para que os hititas, qu migraram para o "território egípcio" durante o reinado de Supiluliuma, pro cedessem de uma cidade obscura do nordeste (porque esta era a regia hitita mais próxima do Ararat). A área do Ararat posteriormente se tornou reino de Urartu, e sabemos que esse reino e os hititas não eram de todo estranhos, pois Gurney, nas páginas 44-45, informa-nos: "Os estados hititas sírios do norte... podem ter sentido uma certa afinidade racial ou cultural com Urartu..."

Como estamos em posse de evidência documentada de que foi por ordem divina que os hititas do século XIV a.C. foram para o lugar que, supostamente, é Hebron, pode-se ver que eles obedeciam a uma determinação oracular. O que seria natural, desde que sua atividade estivesse ligada aos centros de oráculos. Na realidade, nem teriam ido para Hebron não fosse uma ordem divina, já que a sua atividade era exclusivamente divina e não imperativa. Gurney pode estar certo ao dizer que a viagem foi um ato deliberado e não uma migração de fugitivos. Foi tão deliberado quando os "vôos dos pombos para Dodona".

Graves afirma (página 164) que "Abraão" era na realidade uma tribo e essa tribo também descera para a Armênia (vizinhanças do Ararat) . Ele diz que: "Abraão, sendo nesse sentido é a tribo que viajara muito, descendo da Armênia para a Palestina, no final do terceiro milênio a.C." De fato, é preciso refletir sobre "o povo escolhido" — mais tarde conhecido como hebreus, sendo "escolhidos" por estarem particularmente vinculados a uma propulsão para um centro, ou centros, de oráculos. Será que Abraão foi para Hebron pelas mesmas razões que levaram para lá os hititas?

Graves diz (página 164):

J. N. Schofield, em seu *Historical Background to the Bible* (O Cenário Histórico da Bíblia), observa que até hoje o povo de Hebron não perdoa Davi por ter transferido sua capital para Jerusalém ("A Sagrada Salém") a que se referem como "A

Nova Jerusalém", como se Hebron fosse a verdadeira. Existe um registro no Talmude sobre uma seita herética de judeus, chamada melquisedequianos, os quais freqüentavam Hebron para adorar o corpo (consultar o espírito?) de Adão que havia sido enterrado na caverna de Macpela.

De fato, esses melquisedequianos, ainda que considerados heréticos, podem ter sido partidários de uma forma mais pura e não distorcida de adoração. E talvez tenha sido Davi o grande deturpador do Judaísmo ao afastar a Sagrada Salém de Hebron. Graves continua:

Pois Adão, "o homem vermelho", parece ter sido o herói oracular original de Macpela; é provável que Caleb tenha consultado sua sombra e não a de Abraão, a menos que Adão e Abraão sejam títulos do mesmo herói. Elias, o Levita, comentador hebreu do século XV, registra a tradição de que o serafim roubado por Raquel de seu pai Labão eram cabeças Oraculares mumificadas, sendo uma delas a cabeça de Adão. Se ele estiver certo, a narrativa do Gênesis refere-se à captura do santuário oracular do Hebron, de propriedade dos calebitas, pelos benjaminitas de Saul. Caleb era um clã edomita; o que sugere a identificação de Edom com Adão: são a mesma palavra, com o significado de "vermelho". Mas, se Adão era realmente Edom, então a expectativa seria a de ser encontrada uma tradição de que a cabeça de Esaú, o ancestral dos edomitas, também estivesse enterrada em Hebron; sendo isso, de fato, apresentado no Talmude... que o corpo de Esaú foi levado por seus filhos para sepultamento no monte Seir e que sua cabeça foi enterrada em Hebron, por José.

Em outra parte (página 167), Graves diz:

É possível que, embora os calebitas interpretassem "Adão" como a palavra semítica "Edom" ("vermelho"), o herói original em Hebron foi Danaan Adamos, ou Adamastos, "o Inconquistável", ou "o Inexorável", um epíteto homérico de Hades, emprestado da Deusa da Morte, sua mãe.

Graves diz que, segundo a tradição (página 161): "Hebron pode ser chamada de o centro da terra, em razão de sua posição próxima da junção de dois mares e dos três antigos continentes". Quanta semelhança entre o epíteto de "centro da terra" e o de "umbigo do mundo" para Delfos. Todos os principais centros Oraculares eram centros umbilicais ou omphalos da terra. A descrição de Hebron, como tal, é o que se poderia prever.

As tradições da criação de Adão em Hebron, onde também se localizava o Jardim do Éden, segundo nos diz Graves nesse capítulo, também fazem sentido, desde que Hebron seja concebida como a base de toda a oitava geodésica dos centros Oraculares. Era a contraparte oriental da própria Behdet.

Graves diz-nos, no início do Capítulo Quatro da história tardia de Hebron:

Uma liga de tribos mercantis, chamadas no Egito de "o Povo do Mar"... invadiu a Síria e Canaã, entre as quais, a dos filisteus, que capturaram o santuário de Hebron no sul da Judéia, do clã edomita de Caleb; mas os calebitas ("homens-cães"), parentes da tribo israelita de Judá, recuperaram-no imediatamente. Essas apropriações, mais tarde, foram harmonizadas no Pentateuco em um conjunto de mitos semíticos, indo-europeus e asiáticos, que compunham as tradições religiosas da liga mista de israelitas.

Em conclusão, deve-se notar, com um mínimo de surpresa, que a tribo guardiã do santuário de Hebron, os calebitas, eram os "homens-cães". Os cães eram os guardiões e preservavam os segredos da Estrela Cão, Sírius, particularmente expressos nas antigas oitavas Oraculares geodésicas.

Quanto aos Hititas, eles só estavam em Hebron — e somente nesse local específico na Palestina — por causa de seu centro de oráculos. É por isso que foram "enviados por ordem divina", séculos mais tarde, presumivelmente para reforçar o lugar contra os riscos de uma época turbulenta, quando o Egito, governado por Akhenaton, havia sucumbido.

Apêndice VII

Os Estágios de Iniciação dos Dogons

A descrição, a seguir, do sistema de iniciação graduada aos mistérios da religião tribal é extraída do livro *Le Renard pâle* (A Raposa Pálida), de Mareei Griaule e Germaine Dieterlen:

Os dogons, que classificaram tudo, estabeleceram uma hierarquia estratificada de seus conhecimentos conferidos aos iniciados. Seus conhecimentos são distribuídos em quatro graus, que são, em ordem de importância, o *giri so*, o *benne so*, o *bolo so* e o *50 dayi*.

O *giri so*, "palavra em seu valor real", é o primeiro conhecimento, implicando explicações simples, nas quais os caracteres místicos são geralmente disfarçados, suas ações são simplificadas e inventadas; nem têm vínculos entre si. Refere-se aos feitos invisíveis, relativos aos rituais comuns e materiais.

A *benne so*, "a palavra que está ao lado", abrange as palavras no *giri so* e um estudo minucioso de certas partes dos ritos e representações. A coordenação dessas palavras só aparece no âmbito das grandes divisões da aprendizagem, que não são completamente reveladas.

A *bolo so*, a "palavra que está por trás", completa a aprendizagem precedente, por um lado, e por outro fornece a síntese que se aplica a um todo mais amplo. No entanto, esse estágio não inclui ainda a instrução sobre as partes realmente secretas da tradição.

A *so dayi*, a "palavra clara", refere-se ao edifício do conhecimento em sua ordenada complexidade.

Porém, a iniciação não é simplesmente um acúmulo de aprendizagem, de uma filosofia ou uma maneira de pensar. Ela

possui um caráter educacional, por formar o indivíduo, moldá-lo, à medida que ele assimila o conhecimento que ela lhe concede. É mais do que isso, em razão do seu caráter vital; por fazer o indivíduo compreender a estrutura e o sistema do Universo, ela leva o iniciado, progressivamente, na direção de um estilo de vida o mais informado e completo possível dentro de sua sociedade, no mundo, conforme ele foi concebido e criado por Deus.

Portanto, uma "quarta dimensão" é introduzida à vida dos dogons, peculiar ao mito e ao símbolo tão necessários às suas existências quanto o alimento e a bebida, e nos quais se movem com facilidade e flexibilidade, mas também com o profundo senso da presença imanente daquele algo invisível, que invocam... em um dado momento, por essa e aquela cerimônia, eles sabem a que seqüência do mito e a qual ato de ligações (eles) pertencem...

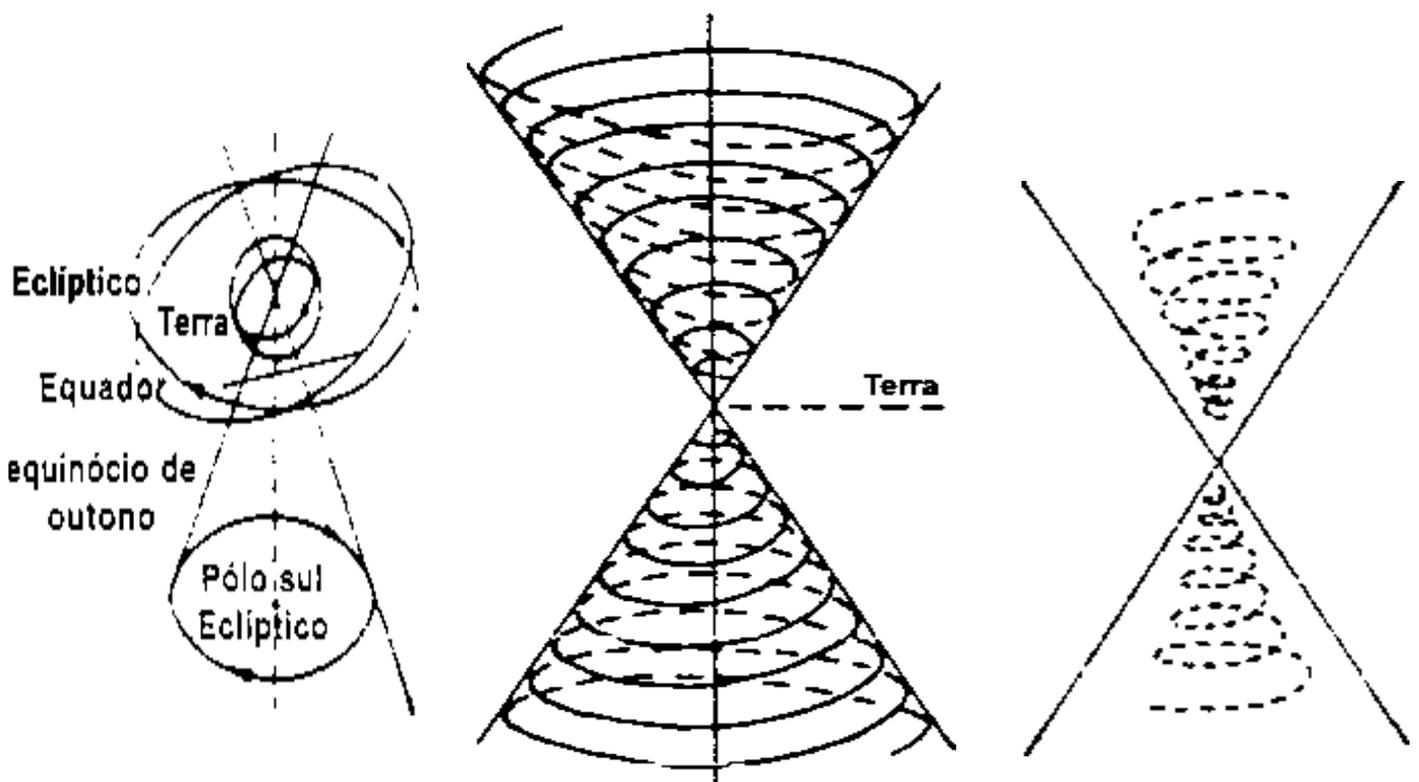
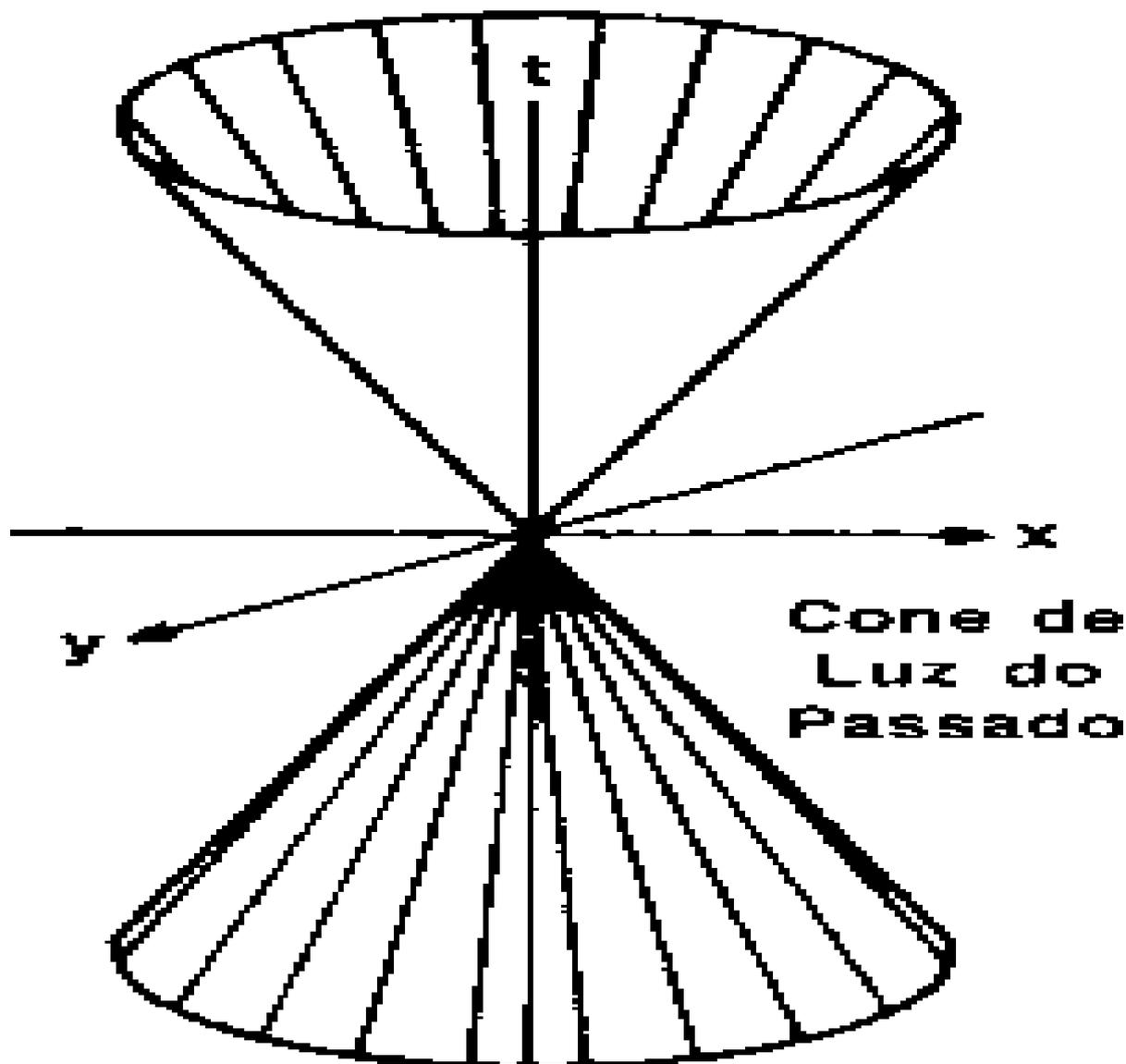


Figura 63. A precessão dos equinócios é um fenômeno pelo qual a Terra gira lentamente sobre seu eixo, como um pião, uma vez a cada 25.920 anos. Por essa razão, as pessoas falam da "vinda da Era de Aquário", uma vez que a cada 2 mil anos ou mais a constelação que surge pouco antes do Sol no primeiro dia da

primavera (o Equinócio da Primavera, como é chamado) muda de posição. E logo a constelação de Aquário fará isso, em substituição à constelação de Peixes. Uma interessante comparação pode ser extraída do diagrama moderno da precessão da Terra e também do diagrama desenhado por uma tribo vizinha dos dogons, mostrando a Terra em uma configuração semelhante, e completa com indicações de rotação acima e abaixo.



Futuro Absoluto

Eles o chamam de "Árvore Cósmica". A tribo dos bambaras de Mali, vizinhos imediatos e primos dos dogons, e cuja cultura também se embasa no conhecimento do mistério de Sírius, desenha um diagrama semelhante. Para comparação, também apresento um diagrama científico, mostrando os "cones luminosos" emanando da Terra e mostrando a restrição em nossa comunicação com o resto do Universo, imposta pela velocidade finita da luz. (Isso significa que se enviarmos um sinal para outra estrela, por não poder alcançá-la instantaneamente, seu progresso no tempo é representado como o deslocamento de uma linha em um cone em vez de se estender lateralmente, como teria ocorrido com um sinal instantâneo.) E, finalmente, como uma extensão desses conceitos, um diagrama semelhante de cones luminosos mostra como eles representam os únicos futuro e passado que conhecemos; as regiões externas aos cones, que não podem ser alcançadas porque nossas comunicações não são instantâneas, são um eterno "algum lugar absoluto". Os dois últimos diagramas são apresentados não porque tenham algo a ver com a precessão dos equinócios, mas porque os desenhos africanos podem referir-se a conceitos de cones luminosos e não à precessão, especialmente porque dizem respeito à criação. Como supostamente a criação emanou de Sírius, a menos que existam modos instantâneos de comunicação na "Célula de Anúbis" (veja Capítulo Um), tais emanações não se teriam deslocado mais depressa que a velocidade da luz, e portanto seriam representadas em um diagrama científico como um cone luminoso. Conseqüentemente, os desenhos tribais podem preservar tal conhecimento. Essa informação foi omitida da edição original de O Mistério de Sírius, pelo editor, e aqui ela é restaurada, pois acredito que os leitores a considerarão interessante. Assim como muitos outros aspectos referentes ao conhecimento avançado, preservado por essas tribos, esses dados merecem maiores e mais profundas investigações.

Apêndice VIII

Uma Nota Sobre a Franco-Maçonaria

Por ter sido adulterada uma opinião desse autor, Sírius e sua ligação com a Franco-Maçonaria surgiram em obra recente, com algumas incorreções; assim, achei melhor registrar neste livro algumas considerações para que não circulem amplamente quaisquer falsas impressões. Tenho um relacionamento bastante amigável com Christopher Knight e Robert Lomas, cuja segunda obra, *The Second Messiah (O Segundo Messias)* (Century, London, 1997) contém quase uma página inteira a meu respeito (página 216). Infelizmente, Chris e Bob não me informaram que pretendiam publicar algo a meu respeito e, muito menos, mostraram-me previamente o texto. Por eles se lembrarem imperfeitamente de uma conversa que mantivemos, em sua narrativa aparecem muitos equívocos. Por exemplo, eles acreditam que só me tornando um maçom de grau 33 eu poderia ter abordado o assunto de Sírius, em outras conversas, com o homem que foi afillhado maçônico de meu avô e se tornou o Substituto do Grande Comandante (segundo, no alto escalão, imediatamente abaixo do Grande Comandante Supremo) do Supremo Conselho da Franco-Maçonaria em Washington (que também é o Supremo Conselho da Matriz Mundial). Isso não é correto; na verdade, ele desejava que eu estivesse no terceiro grau para iniciar as conversas, pois só então alguém se torna um maçom"; e a passagem para os graus mais altos seria, segundo me disse, acelerada, porém, isso não era necessário para que fosse mantido um diálogo significativo.

Os autores também afirmaram que eu sou um descendente direto de George Washington. Por mais que admire George, nunca tive a pretensão de ser seu descendente! O tataravô do meu avô, John Leonard, esteve ao lado de Washington durante muitos anos e foi ele quem mencionei a ambos. Originalmente, ele era um jovem soldado da cavalaria, sob o comando do major Bartholomaeus van Heer, em 1776, juntamente de seus três irmãos.

Os irmãos Leonard eram excepcionalmente altos e possuidores

de uma força fenomenal. Eram excelentes cavaleiros e, em virtude de sua experiência, estavam entre os poucos que lutavam ao lado de Washington, que sabia tudo sobre o que era ser um bom soldado. Os irmãos também tinham outra vantagem: haviam crescido e recebido treinamento militar em Hesse, tendo relacionamento pessoal com os oficiais hessianos que então combatiam como mercenários para a Grã-Bretanha, de modo que estavam em condições de informar Washington sobre as personalidades e as táticas de seus piores adversários. Os irmãos eram filhos de um oficial inglês, que fora para Kassel, em Hesse (que, naquela época, chamava-se "Hesse-Cassel"), como um dos comandantes da força expedicionária enviada para defender a causa protestante, sob o comando de Landgrave de Hesse, contra os ataques dos austríacos e outros católicos. Seus pais, ao que parece, haviam morrido quando eram ainda jovens; assim, em vez de voltarem para a Inglaterra ou Gales, onde seus parentes possuíam minas de ferro, sem nenhuma expectativa de terem alguma participação.

George Washington, dizendo que ele manteve elevada a moral de todos durante o terrível inverno em Valley Forge, e sem o seu estímulo Washington talvez não tivesse persistido. Washington selecionou oito soldados da cavalaria de Van Heer para constimirem sua guarda pessoal, os quais cavalgavam ao seu redor durante as viagens e agiam como guarda-costas o tempo todo; quatro dentre os oito eram os irmãos Leonard. Eles foram os últimos soldados a se afastar do lado de Washington, só se separando dele quando de sua posse como presidente dos Estados Unidos, e seu status se alterou de general a presidente. Depois disso, eles se aposentaram como soldados, sendo também os últimos soldados revolucionários a fazê-lo. Receberam concessões de terra no novo território de Ohio, assim como tantos outros que combateram na guerra.

Por ser O Mistério de Sírius relacionado a dentes e a heróis gregos, não posso me abster de mencionar uma peculiaridade de John Leonard, compartilhada com a figura mitológica grega de Hércules. Hércules tinha a fama de possuir, e John Leonard teve

com certeza uma terceira dentição. Nos tempos antigos, quando uma terceira dentição se formava, isso era o sinal de um herói sobrenatural. Segundo escreve Edward Samson, o historiador dental, "...são provavelmente as sagas de Hércules, semideus, semi-humano, que deram fundamento à idéia de que em homens de força maior que a usual pode ocorrer a erupção de duas dentações". John Leonard era, por coincidência, de tamanho e força física anormais, segundo informações a seu respeito, sobreviventes dentro da família. Assim, talvez, exista uma síndrome genética muito rara — pela qual surge na população um homem de tamanho e força anormais, com uma terceira dentição; podendo isso fazer parte do conhecimento racional relativo a Hércules e Gilgamesh ("Os dentes do herói são como os dentes do dragão", como já vimos em uma saga suméria na página 139.) Um de meus antepassados ficou, segundo diz a família, muito deprimido por terem caído seus dentes quando estava ainda na meia-idade. Mas todos ficaram surpresos quando seus dentes foram substituídos por uma dentição completamente nova! Os dentistas a quem indaguei julgam que isso aconteça em aproximadamente uma pessoa em cem milhões ou mais, sendo um dos fenômenos mais raros na tradição da anatomia humana. De fato, parece ser até muito mais raro, provavelmente por um fator de dez ou mais. A ironia referente a John Leonard é completa quando nos lembramos que, notoriamente, o maxilar quadrado de George Washington não era natural mas a consequência do uso de uma dentadura completa de dentes falsos de madeira que aparentemente ainda sobrevivem. Porém, tanto mais dentes quanto mais heróicas as figuras!

Estou certo de que os irmãos Leonard devem ter participado das reuniões da Loja maçônica com George Washington, mesmo tendo, em função de seu trabalho, que permanecer ao seu lado. Se eram maçons antes de irem para a América é algo que nunca se saberá. Não obstante, os descendentes masculinos de meus ancestrais, por duas gerações, acredito, eram todos maçons sêniores e Mestres das Lojas, na Pensilvânia e Ohio, onde se estabeleceram após a posse de Washington. A camaradagem

maçônica esteve envolvida também na amizade íntima e pessoal entre o neto de meu antepassado (John Leonard), George Washington Leonard e Jefferson Davis, o presidente dos Estados Confederados da América, que também foi um nosso primo distante pelo casamento (por parte de minha esposa e os Agnew). Entretanto, por estranha coincidência, um judeu descontente chamado Adam Mond e sua esposa cristã, igualmente descontente, Catherine Emmert, deixaram Kassel, em Hesse, e partiram para a América, na década de 1830, para fugir ao fanatismo religioso. Seu filho acabou casando-se em Ohio com a neta de John Leonard. Eles foram os meus bisavôs. Suas famílias viveram na mesma cidade alemã, e presumivelmente não se conheciam, mas tiveram que se deslocar para o Ohio, no outro lado do mundo, para se encontrarem e se unirem pelo casamento. Os Monds são bem conhecidos na Grã-Bretanha, uma vez que o sobrinho de Adam Mond está estabelecido na Inglaterra, tendo seu filho Alfred (mais tarde lorde Melchett) fundado a empresa ICI (Imperial Chemical Industries). Na América, os Monds mudaram seu nome para Miller para evitar o anti-semitismo, pois estabeleceram-se na cidade mais germânica e mais anti-semítica dos Estados Unidos da época, Cincinnati. Ora, seu bisavô foi maçom de grau 32 ("Príncipe Sublime do Segredo Real", usando-se oficial).

Acrescento que de meus parentes próximos deve ter havido, pelo menos, doze maçons de grau 32, além de cerca de trinta Mestres e Matronas de Lojas. E, por certo, é verdadeira a afirmação, também feita por Knight e Lomas, que em minha família houve proeminentes maçons por mais de 200 anos. Em meu discurso, no banquete de iniciação ao terceiro grau, ressalttei que se fosse possível chamar de volta à vida os membros de minha família que haviam sido maçons, seu número excederia ao grande corpo maçônico ali presente.

Mas, retornemos, mais particularmente, à história contada por Knight e Lomas e de que maneira ela está relacionada ao Mistério de Sírius. O maçom mais importante da minha família, a meu ver, foi o meu avô, que também se chamava Robert Temple. Ele era

maçom de grau 32 e tão respeitado na Maçonaria que foi solicitado a se tornar maçom de grau 33, o mais alto grau possível (chamado de o Grande Inspetor Geral). Isso envolve a administração de todo o movimento na América assim como na maior parte do mundo a partir da base chamada Supremo Conselho e Conselho Supremo Matriz Mundial, Sixteenth Street, 1733, NW, Washington, D.C. Entretanto, ele teve que declinar desse convite por exigir muito tempo e, naquela época, isso era também muito dispendioso; além disso, ele havia perdido dinheiro na Grande Depressão. Porém, ele apadrinhou junto à Franco-Maçonaria um jovem, Ted Webber, por quem tenho muito apreço. E Ted Webber passou a ser um maçom de grau 33 muito ativo e importante, além de ser amigo íntimo e colega do Grande Comandante Soberano, Henry Clausen, assim como de outros proeminentes maçons de grau 33, o presidente Gerald Ford e o astronauta americano, coronel "Buzz" (Zumbido) Aldrin, que levou uma bandeira do Rito Escocês para a Lua, enfatizando o interesse que o nível mais elevado da Franco-Maçonaria tem pelos mundos além do nosso.

Assim, foi Charles E. ("Ted") Webber, e não um parente idoso, que me introduziu a O Mistério de Sírius. Por ter mudado para a Inglaterra, não via Ted depois de adulto desde uma visita que fizera à Virgínia, por volta dos meus 30 anos. À parte minha mãe, todos os meus parentes maçons estavam mortos, na época, ou então eram primos que nunca vira. Ted sabia que eu não me enveredara pelo caminho óbvio para entrar na Maçonaria e fez o que supostamente os maçons não fazem, e de fato me recrutou. Julga-se que a afiliação dos maçons só ocorra quando eles a procuram, não sendo nunca persuadidos a isso. Ainda que ele sentisse uma "lealdade fraterna" (usando os termos maçônicos) em relação a mim, suas razões não eram sentimentais, mas práticas. Ele me disse tranquilamente: "Nós estamos interessados em seu livro O Mistério de Sírius. Notamos que você tem escrito a esse respeito sem nenhum conhecimento das tradições maçônicas, e talvez não esteja ciente, mas fez algumas descobertas relativas às tradições centrais da Maçonaria, em alto nível, entre as quais estão algumas coisas que nenhum de nós

tinha conhecimento. Gostaríamos muito que você trocasse algumas idéias e pesquisasse com algumas pessoas de nossas sedes. Mas, infelizmente, por não ser maçom, não é possível discutir essas questões com você, por ser proibido". Perguntei-lhe que tipo de ligação havia e ele mencionou, especificamente, que era o meu trabalho sobre o antigo Egito, sobre Ísis e Osíris e as antigas tradições da estrela Sírius.

Ted perguntou se eu gostaria de me tornar maçom e, em caso positivo, ele tomaria as providências de imediato. "Depois de passar pelos chamados três graus, que são a iniciação básica, você se tornará um oficial maçom e então poderemos conversar sobre esse assunto, o que não será possível até então". Assim, por minha curiosidade e um vago sentimentalismo, além de gostar muito de Ted, concordei um tanto relutante em me tornar maçom, apesar de ser contra a minha natureza participar de uma sociedade secreta. Nunca a teria procurado por iniciativa própria.

Ted escreveu para o Comandante M. B. S. Higham, RN, Grande Secretário da Grande Loja da Inglaterra, em Londres, em 23 de agosto de 1984, dizendo: Conheço a família Temple há mais de cinquenta anos. São cidadãos americanos muito leais. Robert mora na Inglaterra há alguns anos e publicou vários livros. Gostaria muito que um de seus irmãos entrasse em contato com ele... Ele solicitou minha admissão imediata, como candidato à iniciação na Loja mais próxima da minha residência, sem nenhum padrinho. Acho que foi algo praticamente sem precedentes, e se pode muito bem imaginar a surpresa da Loja local que me contatou, informando-me que haviam recebido tal solicitação para a minha admissão por parte do Irmão Higham, um homem cujo nome era conhecido pelas circulares maçônicas, mas que ninguém parecia ter encontrado pessoalmente.

Decorreu algum tempo entre as três cerimônias de iniciação, os chamados três graus, ou seja, vários meses. Assim, levou um ano e meio a dois para que as completasse. No fim, recebi um certificado que me anunciava como "Mestre Maçom", o que soa como um grande termo, mas significa simplesmente que você passou pelas iniciações básicas. Na correspondência maçônica,

posso agora assinar, "Robert Temple, 3º., para identificar o meu status, se estiver correspondendo-me, digamos, realmente com um maçom importante apenas esclarecendo que não sou simplesmente um candidato. Conheço uma grande maioria dos maçons que desconhece os graus mais elevados e nunca são convidados a atingi-los. Alguns conhecem vagamente o que chamam de "Maçons Marcos" — uma ordem distinta dentro do movimento, na qual, segundo me disseram, ocorrem muitas rodadas de cerveja — e é também um quarto grau. Porém, poucos maçons parecem ser intelectuais em busca dos antigos mistérios — a maioria contenta-se com alegres jantares, coletas de caridade e confraternizações calorosas. Mas, na época em que me tornei elegível para a conversa sobre as questões de "Sírius", Ted já era muito idoso e eu nunca retornei à Virgínia. Assim, não aconteceram discussões mais avançadas sobre o tema. Ted faleceu, e era um pilar de sua comunidade da Franco-Maçonaria do Rito Escocês na América e no Mundo, notado por sua retidão e generosidade. E é tudo. Nunca participei de outras reuniões da Loja.

Knight e Lomas fizeram um bom trabalho ao mostrar que muitas pessoas, entre as quais eu mesmo, há muito tempo supõem que a Franco-Maçonaria seja uma descendente direta e uma continuação dos Cavaleiros Templários. Embora os Cavaleiros Templários tenham sido suprimidos na Inglaterra e na França, eles continuaram na Escócia (daí por que "Rito Escocês"; existem registros manuscritos remanescentes de reuniões da Loja escocesa do século XVI), e por volta do século XVII eles se difundiram mais uma vez pela Inglaterra. A Franco-Maçonaria inglesa aprecia a simulação de que o movimento maçônico tenha sido fundado em 1717, porém é possível provar que isso não passa de um absurdo.

Quanto ao mistério de Sírius e a Franco-Maçonaria, existem mais algumas especulações. Após a publicação de meu livro, várias pessoas me escreveram, perguntando se eu conhecia os escritos de Alice Bailey, que produziu muitos volumes de obras místicas, supostamente inspiradas por "Seres Elevados" que se

comunicavam com ela durante o transe. Grande parte do que ela escreveu se referia a uma espécie de Franco-Maçonaria cósmica. Não estou familiarizado com esse material, mas procurei examiná-lo. Meu amigo, o falecido Sir John Sinclair, Bart., havia se encontrado com Alice Bailey quando criança e teve participação em seus bens literários por meio de algo denominado Lucis Trust. Ele tentou pesquisar, por mim, as referências a Sírius. Descobri que a senhorita Bailey havia afirmado que "a Grande Loja Branca" da Franco-Maçonaria tinha sua base no Sistema de Sírius e, por isso, Sírius está sempre irradiando raios auxiliares para os povos pobres da Terra, que vivem chafurdados em horrível ignorância, violência e opressão. Nós, os terráqueos, somos vistos como um bando perigoso e Sírius tem tentado civilizar-nos sem muito sucesso. A Franco-Maçonaria pretende ser uma de suas forças civilizadoras aqui na Terra. (E claro que as Lojas maçônicas corruptas, como a P-2 da Itália, não fazem parte dessas forças.) Entre o material que me foi entregue por John, antes de sua morte, que não era todo de Alice Bailey, sendo grande parte composta de páginas fotocopiadas sem as adequadas informações de referências, encontrei comentários como o que segue:

Cada estrela no céu é um sistema solar, com um sol que produz a luz e planetas em órbita. Nosso sistema solar, no qual se situa a nossa Terra, é um deles. Existem milhões de estrelas, mas entre todas elas, somente a estrela Sírius possui um elo direto com a Terra e sua Humanidade. Os antigos tinham grande conhecimento sobre Sírius, que em grande parte está perdido hoje, mas é recuperável... É tradição maçônica que os três primeiros graus da Loja Azul [Não tenho a menor idéia do que seja a Loja Azul] são equivalentes ao primeiro grau da Franco-Maçonaria na estrela Sírius. Ponderar sobre as implicações dessa afirmação é fascinante porque eleva o conceito geral da Maçonaria como uma busca espiritual em um plano mais elevado já conhecido antes. Ela concede significado e profundidade à questão: Por que Maçonaria? A Maçonaria não será prejudicada se usarmos a técnica de filosofia "como se", que não hesita em lidar com o que ainda não é comprovado.

Mais maçons estão fazendo perguntas fundamentais a respeito da Maçonaria hoje em dia... Está entre essas perguntas: Onde se originou a Maçonaria? Por ser a estrela Sírius mais antiga que a Terra, a Maçonaria pode ter existido muito tempo antes de ter início a Maçonaria em nossa Terra. Uma implicação seria a de existir vida humana em Sírius... Nosso sistema solar recebe energia de três fontes principais. Existem três grandes ondas de energia que varrem ciclicamente todo o nosso sistema solar, sendo uma delas proveniente de Sírius.

Existem sete caminhos de progresso abertos ao homem quando eleja tiver aprendido tudo o que a evolução humana na Terra lhe possa ensinar Um dos caminhos é para Sírius. Ele chega lá consciente de ser um ser humano aperfeiçoado. O resultado é que existe um tipo de vida em Sírius que abrange o essencial da vida humana na Terra. Esta inclui a Maçonaria e o homem encontra lá a grande fraternidade espiritual. A vida em Sírius é, portanto, o destino da maior parte da humanidade que, se forem maçons, continuam sendo maçons... Grande, como foi a Maçonaria no passado, ela tem diante de si um futuro ainda mais glorioso e útil, à medida que passa de Maçonaria especulativa para Maçonaria espiritual. Essa inevitável mudança já está sendo indistintamente observada. Será mais importante que a mudança da Maçonaria operativa para a especulativa. É em direção a esse objetivo que a pesquisa deverá dirigir seus esforços.

Não sei se a própria Alice Bailey realmente escreveu isso. Mas, certamente, escreveu o que segue:

"... no segredo do sol Sírius estão ocultos os fatos de nossa evolução cósmica e, eventualmente, portanto, de nosso sistema solar". Isso quase serve como um tema para o meu próprio livro! E no entanto esses vislumbres foram obtidos pela senhorita Bailey por meio de alguma estranha "escrita automática", aparentemente produzida por ela, durante o transe. Mas só descobri isso depois de trilhar, por mim mesmo, o que os hindus chamam de "caminho do conhecimento"; a senhorita Bailey parece ter enveredado por

algum atalho.

À luz dessas informações, talvez o interesse demonstrado por um dos líderes da Maçonaria mundial em minha pesquisa seja facilmente compreendido. Se é ou não verdadeiro, não importa; a questão é que se alega ser a verdade; portanto isso significa que os maçons, naturalmente, teriam interesse em minhas descobertas. É uma ironia que tudo isso estivesse sendo impresso enquanto eu escrevia o meu livro e nada conhecesse a respeito. Ainda não o conheço, mas pensei que, pelo menos, poderia mencionar aqui esse fato.

Notas das Pranchas

Prancha 1: A realização científica representada por essa extraordinária fotografia é considerável. Até a década de 1970, não existia registro fotográfico da pequena anã branca, a estrela Sírius B, apesar das tentativas, durante várias décadas, de obter uma foto. Com muita engenhosidade, o dr. Irving W. Lindenblad, do US Naval Observatory em Washington, D.C., finalmente criou uma técnica que possibilitou essa fotografia. Lindenblad (1970; veja Bibliografia) diz: "... observação simultânea de Sírius A e B por fotografia convencional sempre apresentou um problema em razão da pequena separação e diferença de grande magnitude entre os componentes e também pelos vários efeitos da emulsão". Como Sírius A é imensamente mais brilhante que Sírius B, é facilmente compreensível que ela deixe bem mais atenuada a estrela menor que orbita ao seu redor. Como, então, fotografar a estrela menor?

O dr. Paul Murdin, então da Royal Greenwich Observatory, apresentou algumas notas explicativas sobre a fotografia de Lindenblad e deu sua permissão para que eu as citasse aqui:

Os seis pulsos de Sírius A são causados pelo hexagrama usado na frente do telescópio. A decisão para se fazer a foto dessa maneira é porque Sírius A é cerca de cem vezes mais brilhante que Sírius B, de modo que a luz tende a se espalhar sobre Sírius B, tornando-a invisível. Usando uma lente hexagonal (na realidade, uma lente circular com 26 polegadas com uma máscara hexagonal) em seu telescópio, Lindenblad pôde comprimir a imagem da estrela em certas direções; ele fechou a orientação do hexágono para que a imagem de Sírius se enquadrasse em uma das zonas comprimidas e assim pudesse ser vista. ... Aretícula de arame, mencionada por Lindenblad, faz as imagens de Sírius A e B, em um dos lados da estrela brilhante (há também imagens pequenas de Sírius B, mas pequenas demais para serem visíveis). A questão é que a imagem

brilhante de Sírius A (a imagem em "ordem zero") é tão grande que Lindenblad não conseguiu medir a posição de Sírius B em relação a Sírius A. Ele fez imagens de primeira e segunda ordens, mediu Sírius B em relação a elas e pôde calcular onde Sírius B se encontrava em relação à imagem em ordem zero de Sírius A.

Esses cálculos permitiram que Lindenblad movesse o ângulo de abertura hexagonal para que Sírius B fosse "enquadrada" por uma área deprimida da luz de Sírius — uma imersão na qual a luz fosse impelida para a parte interna e Sírius B pudesse ser espreitada. Mas ela só podia ser divisada se primeiro Lindenblad a encontrasse! O leitor pode, desse modo, apreciar a forma inteligente encontrada por Lindenblad para obter os resultados. Entretanto, não foram só esses os seus problemas. Houve sério efeito de contração da emulsão na fotografia, com tais imagens fechadas. Lindenblad disse em 1970:

Esse é um exemplo perfeito da perícia tecnológica que ocorre constantemente por iras cas cenas, a fim de produzir resultados que o público então o e por zcv.o, sem quaisquer avaliações das dificuldades envolvidas, Uma oisroria por trás dessa fotografia faz parte da saga da tentativa de escurecer os mistérios de Sírius. Sírius tem sido tão contrária a desistir de seus seoredos que nos negou essa fotografia até 1970. Mais razão ainda há para aumuirarmos os dogons que, cegos aos nossos labores científicos, sempre desenharam as imagens de Sírius na areia, com sua companheira — e nada mais!

Prancha 14: Pane superior, à esquerda: a bela pedra-ônfalo encontrada em Delfos, na Grécia, coberta pela rede que supostamente simboliza a grade de latitudes e longitudes da Terra. (Para uma abordagem extensa dessa teoria, veja *Secrets of the Great Pyramid [Os Segredos da Grande Pirâmide]* de Tompkins e Stecchini, particularmente o Apêndice de Stecchini.)

Prancha 15: A esplêndida pedra-ônfalo descoberta em Delos, que incorpora o desenho da palmeira deliana. (Reproduzida em W. H. Roscher, *Neue Omphalosstudien*, Leipzig, 1915.)

Prancha 16: Relevo descoberto em Mileto na Ásia Menor. A figura de Apoio está apoiada sobre uma pedra-ônfalo (e uma pedra-ônfalo real também foi descoberta em Mileto) envolvida por uma rede, enquanto uma segunda pedra-ônfalo, menor, com uma serpente, é vista em primeiro plano. A palmeira é proeminente aqui em primeiro plano. Mileto situa-se no mesmo paralelo de Delos e a palmeira é a "árvore-código" para essa latitude no esquema das oitavas Oraculares. Delos situa-se no centro ocidental e Mileto no centro oriental a 37°30'. O local próximo de Branchidae (também conhecido como Didima), ao sul, parece ter adotado as funções Oraculares presumivelmente associadas à própria Mileto originalmente. Esse relevo aparece na Figura 101 (a última no volume), na página 411, da obra *Das Delphinion in Milet (Delfinianos em Mileto)*, de Georg Kawerau e Albert Rehm, Berlim, 1914. Roscher também a reproduziu. Kawerau e Rehm dizem, em relação a ela (página 410): "Já notamos aqui, em períodos posteriores, a semelhança distintiva do Apoio Pitiano, que é universalmente conhecido, e que não há nada de extraordinário em encontrar essa imagem de culto dos delfinianos, o ônfalo e a serpente..."

Prancha 17: Dois altares babilônios ao deus Anu que ostenta o que aparentemente são ônfalos.

Prancha 18: Um baixo-relevo em mármore branco da pedra-ônfalo de Delos, escavada na Ilha de Delos no corredor de uma casa adjacente à chamada Casa de Dionísio. A serpente oracular está enlaçada na pedra-ônfalo, tendo uma palmeira de cada lado.

Prancha 19: Outro marcador de ônfalo egípcio reproduzido de Tompkins e Stecchini.

Prancha 21: Parte superior, à esquerda: relevo votivo de Esparta, do século V a.C; Apoio e Ártemis, e entre ambos o ônfalo flanqueado por dois pombos com suas cabeças viradas em direções opostas, como é habitual nessas cenas. (Da Prancha VII, n- 4, de W. H. Roscher, *Omphalos*, Leipzig, 1913.)

Parte superior, à direita: relevo votivo de Aigina, mostrando o ônfalo

com dois pombos com as cabeças viradas em direções opostas. (Da Prancha VIII, no. 3, de W. H. Roscher, *Omphalos*, Leipzig, 1913.)

Moeda de cima: moeda de Delfos, mostrando Apolo sentado sobre a pedra-ônfalo e inclinado sobre a lira. Ele segura um ramo de louro, que é a "árvore-código" de Delfos. Note a clara diferenciação das árvores nessa moeda em comparação com os exemplos anteriores de Delos e Mileto das Pranchas 15 e 16; no caso de Delfos, o louro é mostrado de maneira apropriada, ao passo que os de Delos e Mileto mostram a palmeira. Essa moeda aparece na obra *A Numismatic Commentary on Pausanias* (Um Comentário Numismático sobre Pausânias), de Imhooff-Blummer.

Embaixo, Apolo: dois outros exemplos de ônfalos em moedas antigas, com serpentes e rede geodésica visíveis; ambos no Museu Britânico. Um ônfalo é de Delfos e o outro de Pérgamo.

As duas moedas embaixo: duas moedas de Delfos mostrando a entrada do Templo de Apolo nos tempos antigos. A letra E pendurada na via de entrada é a segunda vogal e Delfos é o segundo oráculo em ordem descendente (a antiga oitava era considerada de forma descendente e não ascendente — a ignorância desse fato induziu a erro muitos especialistas modernos na tentativa de desvendar as complexidades da teoria harmônica pitagórica). Também pode ser encontrada a reprodução dessas duas moedas em Imhooff-Blummer (acima). A segunda das duas moedas é encontrada no Museu de Copenhague, enquanto a primeira fazia parte da coleção particular do dr. Imhooff-Blumer no século XIX e seu destino, hoje, é desconhecido por este autor.

Prancha 22: Pintura de um vaso antigo no Museu Etrusco, em Roma. Jasão, aparentemente sendo vomitado pela serpente/dragão, encontra-se sobre os dentes da serpente. Os "dentes da Serpente" são o eufemismo para Sírius (veja Capítulo Oito). Vê-se a cena de uma figura feminina, cujo traje ostenta cabeças de serpente, e tem na mão um pombo; pode ser Medéia ou

uma deusa. No fundo, o velocino de ouro está suspenso no bosque guardado pela serpente. Note que o peitoral da figura feminina, no qual se encontra a face armada da Górgona, é composto de escamas idênticas às da serpente/dragão. Em seu elmo, encontra-se a esfinge grega (um ser mitológico associado à Tebas grega). Embora os elementos possam ser aqui identificados dessa maneira, a história sugerida por eles não pode ser tão facilmente desvendada. O autor não conseguiu descobrir os incidentes mitológicos referidos nesse vaso singular. A figura feminina assemelha-se muito à da deusa Atena. Mas qual é o problema, por que ela tem na mão um pombo, por que há uma esfinge em seu elmo, e por que as serpentes saem das dobras de sua túnica? A cena é muito misteriosa.

Prancha 23: Este é um dos mais interessantes selos cilíndricos remanescentes da cultura babilônia. Ele está reproduzido em *Cylinder Seals (Selos Cilíndricos)*, de Henri Frankfort Prancha XX e em *Sumerian Mythology (Mitologia Suméria)*, Prancha XII. de Samuel Noah Kramer. onde diz Kramer a respeito: "...os deuses estão conduzindo um arado, que talvez seja puxado por um leão e um dragão com forma vermicular Frankfort diz a respeito: "Dois deuses arando; um segurando um arado, o outro conduzindo uma parelha (que consiste em um dragão com forma de serpente e um leão) com a mão esquerda, que ou segura ou tem a forma de um escorpião: pássaro, estrela de oito pontas e um crescente no campo". E a Prancha 62 do livro posterior de Frankfort, *Stratified Cylinder Seals (Selos Cilíndricos Estratificados)*. O estilo é acadiano, de data posterior ao período Agade tardio.

Esse selo cilindro é um item tão importante de evidência que requer um comentário extenso. O leão é um leão-terra bem conhecido como o símbolo da deusa terra do antigo Oriente Próximo. (Veja, por exemplo. *The Syrian Goddess [A Deusa Síria]*, de Strong e Garstang.) Mas note que diretamente embaixo do símbolo de uma estrela está ocorrendo a aradura, e conduzindo diretamente abaixo

da lâmina do arado, encontra-se a estranha forma de um dragão que parece uma serpente. É quase como se a boca da serpente/dragão estivesse arando o solo. E essa, suspeito eu, é exatamente a intenção. Pois o que parece estar representado é o ato de arar e semear os dentes da serpente, que sabemos ser um jogo de palavras hieroglífico em língua egípcia para "a deusa Sírius"; também sabemos que o crescimento, no solo, dos "dentes da serpente" é outro jogo de palavras para o surgimento acima do horizonte da estrela, que também tem o significado de "dente da serpente", isto é, Sírius. Seu surgimento uma vez ao ano servia como a base do calendário egípcio.

Suponho que seja esse o caso, a figura cuja mão se transforma em um escorpião pode ser explicada. Obviamente, representa a constelação do Escorpião, que está aproximadamente a um terço no céu na "abóbada" de Sírius. Por intermédio de Arato, antigo escritor grego de astronomia, sabemos que quando surge. Escorpião persegue Sírius e Orion abaixo do horizonte. Arato descreve esse fato como segue (Phaenomena 634-680):

O rio sinuoso (a constelação de Eridano, próxima de Orion) imerge, em linha reta, em um oceano flutuante regular à chegada de Escorpião, cujo surgimento põe em fuga precipitada até o poderoso Orion... Por isso, também, dizem os homens que, ao surgimento de Escorpião no leste, Orion foge para a orla oeste ... momento em que os raios do poderoso Cão (Sírius está nessa constelação) estão imergindo e todos de Orion se movem, sim, todos de Lebre (a constelação de Lepus), que o Cão persegue em uma corrida sem fim.

O desaparecimento abaixo do horizonte ocidental, então, do "dente da serpente" (Sírius) que está indo para o chão (para dele "crescer" novamente em setenta dias em seu nascimento helíaco) parece ser aqui indicado, pois a figura representando o céu tem sua mão transformada em Escorpião (o leste), enquanto sua mão direita (o

oeste) está engolindo o "dente da serpente". Preside esse processo de poente de Sírius, como seria de se esperar, o próprio leão-terra, que empurra o arado que faz os sulcos (três dos quais são visíveis) para, dentro deles, ser engolida a estrela que desaparece rapidamente logo acima da lâmina do arado. O crescente pode ser considerado uma indicação da diminuição da luminosidade da estrela, quase um ponto que desaparece; o que não causa surpresa, uma vez que a lua é o "homem da frente" de Sírius e seus mitos. (Kramer pensava, por causa da aradura, que essa cena envolvesse os "deuses da vegetação".)

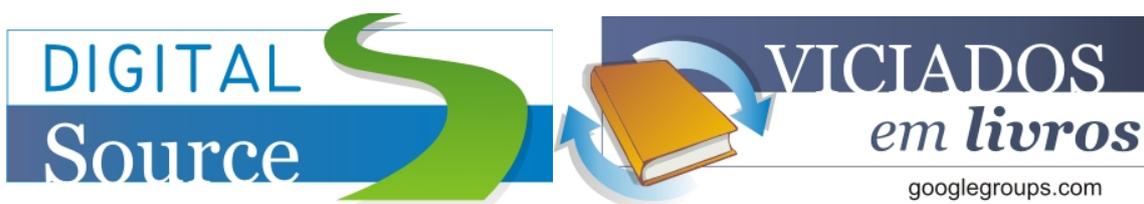
Prancha 24: o carneiro está no cadinho, seu velocino presumivelmente está sendo transmutado em ouro, o chamado sentido alquímico. Haveria algo como a alquimia nesse período da história? Talvez a tentativa de transmutar materiais básicos em ouro seja um conceito eterno, e na Antigüidade se tenha referido menos à alquimia e mais ao simbolismo, como suspeito que seja a intenção nesse caso.

Prancha 25: no centro, o deus sol, Shamash, com as chamas que emanam de seus braços e ombros, é visto transpondo o horizonte entre duas montanhas do sol nascente chamadas Mashu. O nome Mashu há muito foi reconhecido como uma palavra estrangeira, não-babilônia, e propus que seja, em língua egípcia, ma Shu, que significa: "Olhe o Deus Sol!" (veja meu livro *He Who Saw Everything: A Verse Translation of the Epic of Gilgamesh [Ele Que Viu Todas as Coisas: Uma Tradução em Versos do Épico de Gilgamesh]*). Em cada lado dos picos de Mashu, estão os portais cósmicos, encimados por leões rampantes, que foram abertos por ser'os divinos; os leões estão no topo de proeminentes dobradiças dos portais, o que era de importância cosmológica esotérica. O deus sol está de frente, à direita, para a estrela Sírius, que acabou de surgir. Ela é representada no fim de uma seta colocada em um arco, como a Estrela da Seta ou Estrela do Arco. que eram os nomes babilônio, assírio e persa de Sírius.

Prancha 27: Zeus enamorou-se de Io, uma figura mitológica grega derivada da deusa egípcia Ísis e de Hathor (que se amalgamaram, aos olhos gregos), mas sua esposa Hera ficou enciumada. Zeus transformou-a em uma novilha (a Hathor egípcia era simbolizada por uma vaca). Mas Hera após Argos para vigiá-la, pois tendo ele muitos olhos, ela nunca poderia fugir ao seu exame minucioso. Por essa razão, quis Zeus dispor de Argos. Dizia-se que era a ancestral de Egito (uma representação dos egípcios), que teve muitos filhos, e Danaos (do Argos na Grécia), que teve cinqüenta filhos, - cinqüenta rapazes casaram-se com as cinqüenta garotas, reconstituinü assim o número de cem e equiparando-se ao número de olhos de Argos. Após a morte de Argos, seus olhos foram colocados por Hera na cauda de um pavão. Dos cinqüenta rapazes egípcios, quarenta e nove foram assassinados na noite de seus casamentos e o único remanescente se tornou o ancestral da família real de Argos.

Prancha 31: a similaridade entre esse baixo-relevo e o chinês representado na Figura 50 é espantosa, sugerindo uma origem comum do tema do desenho. Reproduzido de "Monuments Relatif au Culte dTsis á Cyzique" na Revue Archéologique, Paris, Vol. 5, maio 1879, Prancha IX. Esses objetos eram, na época, da coleção pessoal de M. A. Mordtmann, Jr., de Pans. Isis ostenta na cabeça os chifres de vaca (simbolizando as fases da lua adotadas da deusa Hathor) e um disco tendo sobre ele um lótus. Serápis ostenta na cabeça o kalathos, a cesta sagrada ou balde sagrado que os anfíbios. Oannes e Dagon, tradicionalmente portavam.

Pranchas 40 e 41: A identificação é encontrada na Encyclopaedia clássica de Pauly-Wissowa, em "Proclo". O busto está no Museu de Atenas, podendo ser encontrada uma reprodução (ainda que não identificada) em Griechische Porträits, de Gerhart Rodenwaldt. Rodenwaldt também reproduz fotografias com vistas frontais e laterais de um busto posteriormente identificado como o do antigo filósofo neoplatônico Iâmblico.



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>